

**AUTO
RES**

**BAHIANISCHE
AUTOREN:
EIN PANORAMA**

**BAHIAN
AUTHORS:
A PANORAMA**

**AUTORES
BAHIANOS:
UN PANORAMA**

**BA
IA
NOS:**

UM PANORAMA

P5
EDIÇÃO

**VOL
LU
ME 2**

AUTORES BAIANOS: UM PANORAMA

BAHIANISCHE AUTOREN:
EIN PANORAMA

BAHIAN AUTHORS:
A PANORAMA

AUTORES BAHIANOS:
UN PANORAMA



ANTONIO BRASILEIRO
CYRO DE MATTOS
JOSÉ CARLOS LIMEIRA
JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO
LANDE ONAWALE
LAURA CASTRO
LUCIANY APARECIDA
MARCUS VINÍCIUS RODRIGUES
MARIA DA CONCEIÇÃO PARANHOS
MARIANA PAIVA
NARLAN MATOS
TOM CORREIA

A956 Autores baianos: um panorama. / Antonio Brasileiro *et al.* _
Organização Fundação Cultural do Estado da Bahia
(FUNCEB). __ Salvador : P55 Edições, 2014.
v.2 : 432p.

ISBN: 978-85-8325-029-4

1.Literatura Brasileira I.Brasileiro, Antonio *et al.*

II. Fundação Cultura do Estado da Bahia. III.Título.

CDD 869.91 93

PARCERIA:
PARTNERSCHAFT:
PARTNER:
PRODUCCIÓN CONJUNTA:



REALIZAÇÃO:
REALISIERUNG:
REALIZATION:
REALIZACIÓN:



SECRETARIA DE
CULTURA



AUTORES BAIANOS: UM PANORAMA

BAHIANISCHE AUTOREN:
EIN PANORAMA

BAHIAN AUTHORS:
A PANORAMA

AUTORES BAHIANOS:
UN PANORAMA

VO
LU
MEI **2**



BAHIA, BRASIL, 2014

Sumário - Inhalt - Contents - Sumario

PORTUGUÊS.....06

Antonio Brasileiro / 15
Cyro de Mattos / 25
José Carlos Limeira / 33
José Inácio Vieira de Melo / 36
Lande Onawale / 40
Laura Castro / 50
Luciany Aparecida / 60
Marcus Vinícius Rodrigues / 65
Maria da Conceição Paranhos / 74
Mariana Paiva / 79
Narlan Matos / 86
Tom Correia / 95

DEUTSCH.....104

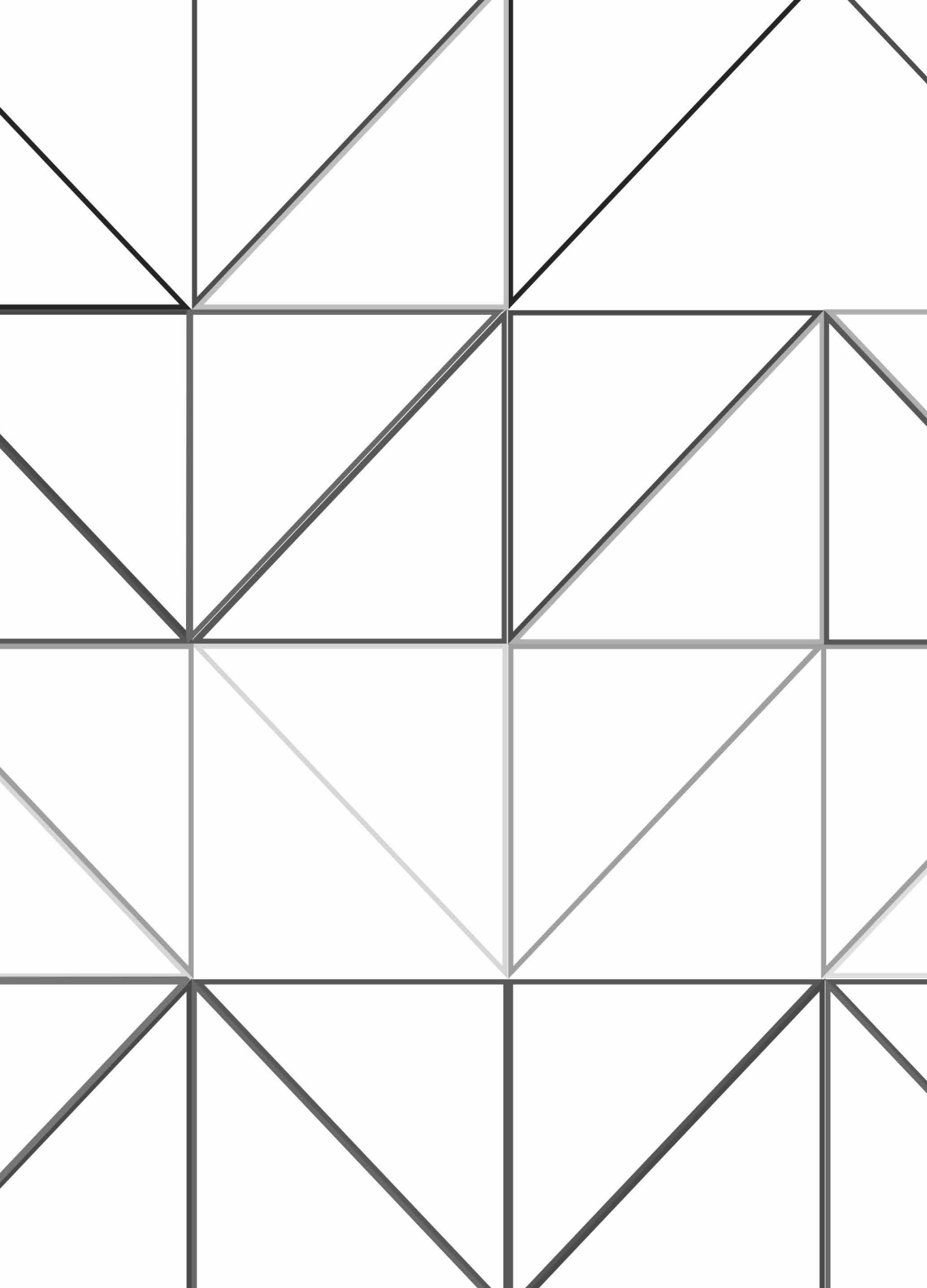
Antonio Brasileiro / 113
Cyro de Mattos / 124
José Carlos Limeira / 134
José Inácio Vieira de Melo / 138
Lande Onawale / 142
Laura Castro / 154
Luciany Aparecida / 165
Marcus Vinícius Rodrigues / 170
Maria da Conceição Paranhos / 180
Mariana Paiva / 185
Narlan Matos / 193
Tom Correia / 203

ENGLISH.....214

Antonio Brasileiro / 223
Cyró de Mattos / 233
José Carlos Limeira / 241
José Inácio Vieira de Melo / 244
Lande Onawale / 248
Laura Castro / 259
Luciany Aparecida / 269
Marcus Vinícius Rodrigues / 274
Maria da Conceição Paranhos / 283
Mariana Paiva / 288
Narlan Matos / 295
Tom Correia / 305

ESPAÑOL.....314

Antonio Brasileiro / 323
Cyró de Mattos / 333
José Carlos Limeira / 342
José Inácio Vieira de Melo / 345
Lande Onawale / 349
Laura Castro / 360
Luciany Aparecida / 370
Marcus Vinícius Rodrigues / 375
Maria da Conceição Paranhos / 384
Mariana Paiva / 389
Narlan Matos / 397
Tom Correia / 406



The image features a background of a repeating geometric pattern. It consists of a grid of squares, each divided into four triangles by a diagonal line from the top-left to the bottom-right. The lines are thin and gray. One of these triangles, located in the upper right quadrant, is filled with a solid dark gray color. Inside this dark gray triangle, the word "PORTUGUÊS" is written in a white, uppercase, sans-serif font, oriented vertically.

PORTUGUÊS

UM PANORAMA PARA A LITERATURA BAIANA

A criação de uma coordenação específica de Literatura na Fundação Cultural do Estado da Bahia foi uma das medidas inscritas na reforma administrativa realizada em 2011. À nova coordenação, dirigida e animada pela professora Milena Britto, caberia desenvolver um conjunto de formulações e ações para a literatura. Ou seja, buscava-se construir uma política estadual para a literatura, considerada como relevante segmento das artes.

Dispositivos de financiamento foram instituídos para apoiar diferentes gêneros e elos da literatura, como criação, circulação, difusão, divulgação, formação, dentre outros. O Edital Setorial de Literatura do Fundo de Cultura do Estado da Bahia investiu, entre 2012 e 2014, R\$ 1,9 milhão em 65 projetos na capital e no interior. O Calendário das Artes incentivou 24 projetos, em todo o estado, mobilizando um total de R\$ 312 mil no mesmo período.

A formação apareceu com destaque. A coordenação realizou cursos gratuitos em Porto Seguro e Vitória da Conquista em 2013, e em Itapetinga e Mutuípe em 2014. O projeto Escritas em Trânsito possibilitou que autores renomados de língua portuguesa, de diversos estilos e origens, realizassem oficinas nos anos de 2012, 2013 e 2014 destinadas a aprimorar o trabalho de escritores baianos e estimular novos talentos. A Ação Poética em Comunidades, desde 2012, promoveu oficinas artísticas e eventos poéticos em regiões populares, tais como Alagados e Solar do Unhão. Em 2014, foi a vez de Pirajá.

A conexão literatura, autores e leitores ocupou lugar primordial nas iniciativas da coordenação de Literatura. Nomes expressivos como Mía Couto, José Eduardo Agualusa, José Miguel Wisnik, Sérgio Vaz, Jorge Mautner e Eliane Brum teceram Conversas Plugadas com amplos públicos na sala principal do Teatro Castro Alves. Os eventos tiveram transmissão ao vivo pelo Portal do IRDEB. O projeto Fazer Poesia e Ficção na Bahia, lançado em 2012, possibilitou que 25 escritores de ficção e de poesia se encontrassem com público leitor em animados bate-papos. Dentre eles, nomes como Aleilton Fonseca, Ruy Espinheira Filho, Denise Carrascosa, Carlos Ribeiro, Roberval Pereyr e Karina Rabinovitz. Estes encontros aconteceram em Feira de Santana e Salvador, no Engenho Velho de Brotas e em Plataforma.

A coordenação não descuidou de estimular a organização do campo da literatura. Nesta perspectiva, em articulação com a comunidade literária da Bahia, construiu o Colegiado Setorial de Literatura. Desde início de 2013, ele tem sido importante interlocutor na construção da política estadual de literatura. Áreas afins, como livro, leitura e editoras, também participam deste esforço de dotar a Bahia de uma política literária. Nas Bienais da Bahia, festas

e mostras de livro, a Secretaria de Cultura têm destinado espaço e dado visibilidade aos escritores baianos.

A atenção com a divulgação da nossa literatura no Brasil e no exterior inspirou o projeto Autores Baianos: Um Panorama. A coletânea, em sua primeira versão, publicada em 2013, reuniu 18 autores de ficção e poesia selecionados por comissão curadora qualificada. Traduzido em três línguas – alemão, espanhol e inglês –, o livro foi difundido em feiras de livro, como a de Frankfurt, e distribuído para editores, instituições e jornalistas especializados.

A boa acolhida e o sucesso do projeto estimularam a segunda versão agora publicada. Ela reúne os escritores Antonio Brasileiro, Cyro de Mattos, José Carlos Limeira, José Inácio Vieira de Melo, Lande Onawale, Laura Castro, Luciany Aparecida Alves Santos, Marcus Vinicius Rodrigues, Maria da Conceição Paranhos, Mariana Paiva, Narlan Matos Teixeira e Tom Correia. Enquanto Aleilton Fonseca, Florentina da Silva Souza, Jailma dos Santos Pedreira Moreira, João Vanderlei de Moraes Filho, José Castello, Kelvin dos Santos Falcão Klein, Milena Britto e Rachel Esteves Lima formaram a comissão de seleção da segunda publicação do Panorama.

Este livro tem o mesmo objetivo do anterior: divulgar a poesia e a ficção da Bahia no Brasil e no mundo. Novamente ele é em quatro idiomas e será difundido em feiras e para editores, instituições e jornalistas especializados. Ele busca estimular a tradução de escritores da Bahia. O panorama de autores baianos ocupa lugar estratégico nas políticas de literatura em construção do Estado da Bahia.

Antônio Albino Canelas Rubim
Secretário de Cultura do Governo do Estado da Bahia

A publicação deste 2º volume do livro Autores Baianos: Um Panorama reúne 12 escritores e certamente cria novos diálogos interculturais e difunde a nossa produção literária para um continente de leitores de língua espanhola, inglesa e alemã.

Há dez anos, o Brasil instituiu a sua primeira lei do livro, e a partir dela tornou-se possível a construção do Plano Nacional do Livro e Leitura, o PNLL. Inédito no país, este Plano marca o início de um processo no qual Estado e sociedade se unem para construir condições favoráveis ao desenvolvimento de políticas públicas voltadas para o livro e a leitura, profissionalizando o setor de produção e ampliando a possibilidade de acesso aos constantes trabalhos de estímulo à leitura.

Publicar, traduzir e difundir são tarefas fundamentais para a internacionalização das políticas públicas de fortalecimento da cadeia produtiva do livro, e são ações que requerem esforço conjunto e contínuo. Com a presente edição, a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, por meio das suas fundações vinculadas e da sua Assessoria de Relações Internacionais, dá um passo fundamental para o estímulo à leitura e a divulgação de autores baianos no Brasil e no exterior.

Fátima Fróes
Diretora Geral da Fundação Pedro Calmon

LITERATURAS BAIANAS EM DIFUSÃO

O investimento na difusão da produção artística da Bahia tem sido uma prioridade da gestão da Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB) nos últimos quatro anos. Dentro do Programa de Difusão das Artes, diversos projetos e ações têm buscado promover a visibilidade e a fruição das criações dos artistas da Bahia.

Nisto, um desafio é incentivar que nossos produtos artísticos circulem não apenas dentro do próprio estado, mas também ultrapassem fronteiras no país e no exterior. É preciso incluir a arte contemporânea da Bahia nos circuitos nacionais e internacionais de diálogos, de divulgação, de crítica, de públicos. É preciso ampliar os destinos e as possibilidades de consumo do que se produz nas cidades baianas.

Em parceria com a Assessoria de Relações Internacionais da Secretaria de Cultura do Estado, a FUNCEB vem buscando caminhos para esta política de exportação: um trabalho que demanda articulações diversas e cujos resultados vão se apresentar processualmente, visto que se trata de um propósito de prazos não imediatos. Esperamos que os desdobramentos não sejam pontuais, mas colaborem para estruturar novas perspectivas para os setores artísticos. No âmbito da Literatura, esta ação conta com a participação da Fundação Pedro Calmon (FPC), instituição estadual responsável pelas políticas do livro, leitura, arquivos e memória.

Em outubro de 2013, quando o Brasil foi o país homenageado na Feira do Livro de Frankfurt, foi lançado o 1º volume do Autores Baianos: Um Panorama, que reuniu 18 autores: Adeline Souza, Aleilton Fonseca, Álex Leilla, Antonio Risério, Carlos Ribeiro, Daniela Galdino, Florivaldo Mattos, Hélio Pólvora, João Filho, Karina Rabinovitz, Kátia Borges, Lima Trindade, Luís Antonio Cajazeira Ramos, Mayrant Gallo, Myriam Fraga, Roberval Pereyr, Ruy Espinheira Filho e Ruy Tapioca. Eles foram indicados por uma comissão de seleção formada por Antonio Carlos Secchin, Antonio Marcos Pereira, Jorge Araújo, Josélia Aguiare Nancy Vieira, além de Milena Britto, coordenadora de Literatura da FUNCEB.

Nesta feira que é o maior encontro mundial do setor editorial, agentes, editores, tradutores, professores e jornalistas receberam exemplares da obra. Ela também foi enviada para grandes jornais, bibliotecas e universidades do Brasil e do exterior, além da Feira de Guadalajara, no México, evento de muita relevância para o mercado ibero-americano. Agentes literários de expressão, editoras estrangeiras que trabalham com literatura brasileira na Alemanha, Suíça, Itália, Reino Unido, França, Espanha e Argentina, centros de estudos literários brasileiros e tradutores literários de vários países também receberam o material.

Um ano depois, a continuidade do projeto é garantida com esta nova publicação. O 2º volume do Autores Baianos: Um Panorama vem com mais 12 nomes que representam a produção literária da Bahia da atualidade. Estão aqui Antonio Brasileiro, Cyro de Mattos, José Carlos Limeira, José Inácio Vieira de Melo, Lande Onawale, Laura Castro, Luciany Aparecida Alves Santos, Marcus Vinicius Rodrigues, Maria da Conceição Paranhos, Mariana Paiva, Narlan Matos Teixeira e Tom Correia, escolhidos pela comissão integrada por Aleilton Fonseca, Florentina da Silva Souza, Jailma dos Santos Pedreira Moreira, João Vanderlei de Moraes Filho, José Castello, Kelvin dos Santos Falcão Klein e Rachel Esteves Lima, outra vez acompanhados de Milena Britto. Como no primeiro, os textos, além do original em português, são traduzidos para inglês, alemão e espanhol.

A lista de indicados foi feita a partir dos seguintes critérios: autor ainda vivo; variedade estética; diferentes gerações, gêneros literários, estilos e localidades; além de serem escritores ainda pouco explorados fora da Bahia. Na intenção de demonstrar a diversidade desta produção literária, para além dos escritores internacionalmente reconhecidos por representar esta terra, este livro assume outras identidades igualmente baianas, com escritos que se conectam de formas diferenciadas com o que se espera vir deste estado. A Bahia é tão múltipla quanto imensa, e nosso objetivo é cometer a justiça de fazer mais pessoas conhecerem as belezas das palavras escritas por estes autores.

Esta iniciativa se alinha às ações desenvolvidas pelo Governo Federal, através do Ministério das Relações Exteriores e do Ministério da Cultura, via Fundação Biblioteca Nacional, para a divulgação da literatura brasileira fora do Brasil. Com a realização pioneira de um projeto específico para os autores da Bahia, pretendemos garantir espaço privilegiado ao reconhecido valor da literatura baiana, apresentando suas novas faces, sua existência plena e tão ativa.

Nehle Franke

Diretora Geral da Fundação Cultural do Estado da Bahia

Milena Britto

Coordenadora de Literatura da Fundação Cultural do Estado da Bahia

A HISTÓRIA DO GATO

para Jorge Amado, de coração

*“As coisas velhas já passaram;
eis que tudo se tornou novo.”*
Galfrido de Vinsauf (c. 1210 d.C.)

1

Começou com o gato me olhando. Demorou um tempão – e eu ali, sei lá! Absorto?

Gato, empoleiro-me na cadeira de balanço e fico a ouvir um sonzinho diferente vindo do mar. Ah, são os navios de Pedro Álvares Cabral. Então não tem importância, já estiveram aqui antes. Simpáticas gentes, chegam cansadas.

Isto não é mesmo uma bosta, Pero? pergunta o Comandante.

Quiçá, senhor Comandante.

Peguem este gato, deve ser selvagem.

Não é não, senhor Comandante. E ele quer-vos falar.

É impertinente, hem?

Quiçá.

Aproximei-me do homem. Roía as unhas e coçava uma barbinha rala. Que devia estar um pouco suja.

Pelo visto, és Cabral – falei.

(Pelo visto, és Cabral, registrou o escrivão)

Sou.

Tenho água fresca na bica – prossegui.

Ahn – ele fez. E dirigindo-se aos seus homens: Rapazes, cuidem bem dessa água. Só para beber. – E, coçando a barba, para mim: E onde se toma banho aqui, gatinho?

Aqui não se toma banho – respondi.

(Aqui não se toma banho, Comandante, registrou o escrivão)

Pero, escreva aí: aqui não se toma banho.

Já está escrito, Comandante.

E quem ordenou, imbecil?

(Muito bem, Pero, muito bem, registrou o escrivão.)

Não sei onde o descobridor foi se lavar. Pelas quatro da tarde, armou uma

geringonça debaixo da mangueira, ordenou trouxessem-lhe hidromel e reclinou-se a tomar fresca nos pés. De seus navios, ancorados depois dos recifes, velas arriadas, partia a algazarra dos homens cantando arquétipos de fados.

Pois estamos indo muito bem, disse-me o gato. Ou, disse-lhe eu, não importa. Mal nos instalamos e já nos chega um visitante famoso, prosseguiu. Pois deves estar ao pé dele. Isto aqui vai ser uma verdadeira feira de visitas... ahn... sala das visitas... não...

Que é que você tem, gato? Franzi meu sobrolho pra ralhar com o animaleco.
– Quanta dúvida. Quanta dúvida.

E não há dúvidas? perguntou-me o insolente.

Quer filosofar, hem? Dou-lhe um peteleco na orelha... – Ele se safou. – Dúvidas. Dúvidas. É um shakespearzinho, com certeza. Não demoro a acender uma fogueirinha pra fritá-lo. Deixe-me ver o tal navegante.

Um preguiçoso, decerto. Varou mares, aportou nessas terras e agora ronca como um leitão. Incapaz de discernir, bronco que é, a fantasia da realidade, pensa talvez que veio aqui para dar uma olhadinha apenas, pois deve seguir viagem. Capitão é pra isso mesmo. Claro que é pra isso mesmo, não houve nada de mais. Refiro-me é à sua opacidade ao ver em mim um gato, e não um não-gato. Presentificar-me-ei tão logo acorde.

É uma tarde bonita. Faz-me lembrar meu pai levando-me à Gamboa para ver o sol se pondo no mar. Aquele não é o mesmo sol, meu filho, dizia ele. Nos anos 20, o astro não se punha antes de declamarmos alguma coisa de Olavo Bilac. E meu pai parecia declamar mais uma vez, em seu silêncio, os Olavos Bilacs da sua fantasia. Pois, daqui a pouco, aquele sol descera. Mais novo que o sol de meu pai? Ah, como dar certas soluções sem esbarrarmos nas malditas reticências? É claro que o navegador está ali roncando e não demoro a acordá-lo para tirarmos uma prosa. Mas não é também claro que tudo isto é um faz de conta, um pacto com o gato, nele metamorfoseado, embora ele ele quando eu o quiser e, também quando eu o quiser, eu eu? Bela é a tarde e as palavras, poucas. E tudo vai se assemelhando à fantasia dos grandes historiadores, como dirá aquele por nome Dilthey, onde um rigoroso nexos causal acaba imprimindo à realidade resgatada uma existência maior que a existida.

O varador de mares tange moscas. Deixe-me aproximar.

Dormiu bem, senhor navegante? A nau Catarineta está ali sonhando que um certo Pedro...

O homem me olhou com algum espanto: Que é, gato? Que é, gato?

Que gato? redargui zangado.

E, imediatamente, me dei ares de gente, olhei fundo nos seus olhos e ele ficou meio atarantado, perguntando “que é gato”, no que aproveitei para tomar minha posição senhorial.

Sabe de quem é esta casa? perguntei-lhe, não sem insolência.

Mas o burro do homem só fez resmungar um “gato maluco”, levantar-se de

supetão e dirigir-se, descalço, à orla das ondas. Vai afogar-se, pensei. Nem arregaçou as calças para entrar no mar, sequer arrefeceu o ritmo das passadas. E o vi afundar-se rapidamente até desaparecer de todo, a água fazendo ploc ao se fechar em cima de sua cabeça. Alguns minutos depois, reaparecia lá adiante, na superfície da água, já pronto para subir a escadinha de corda pregada no costado do navio. Seus homens, inclusive os que o haviam acompanhado em terra, agora também lá, jogaram gorros pra cima.

Hi-hi – riu baixinho o gato. – Estamos sós agora. Bem, é claro... Na verdade... – tornava a gaguejar, o shakespeare.

Ué – exclamei. – Ouvi mesmo o gato rir?

Encarei o animal, mantinha-se tranquilo, a observar as últimas velas desaparecendo no horizonte. Eis que se dava a comprovação do fenômeno: o gato era o gato, eu era eu. É possível que não tivesse dado aquele risinho, mas isso não tinha importância agora. Importava, isto sim, a nossa existência em separado. Ali estava ele, despedindo-se dos visitantes; cá estava eu, cheio de lembranças. Meus amigos poetas estavam imbuídos de uma crença cega na felicidade para todos. Isto era o que lhes dava grandeza. Mas eu sabia que não era nada disto. Sabia-o e detestava sabê-lo. Feito para a ilusão, descobri, a contragosto, a verdade.

No desfiladeiro das Termópilas, Leônidas, trezentos soldados e eu enfrentamos até a morte o rei do Inferno. A História lá sabe quem venceu. Mas não faz mal. Ela que fique com sua consciência pesada. Acaso não são vãs as verdades se não nos pusermos loucos?

Ou loucos ou mal-encarados – acrescenta o gato, com aquele seu risinho dístico.

Mas precisávamos entrar em casa. Ou não entrar.

Sabe, gato, na verdade nunca estive com Leônidas coisa nenhuma. É que gosto de construir frases bonitas.

Vejo bem – disse o gato. – Por isso...

Por isso? Inquiri sobre as reticências.

Por isso você está aqui, não?

Que aqui, gato? pus-me a embrabecer com os enigmas do animalzinho.

Que deseja insinuar?

Ora – ele sorriu amarelo. – Pensei que você já soubesse.

Soubesse, gato? Soubesse?

E deveria estar esmurrando uma mesa se mesa houvesse. Mas precisava mesmo esmurrar uma mesa. Corri até o interior da casa e trouxe-a.

Pronto – disse, cravando-a na areia. – Continuemos nossa conversa, gato idiota.

Não sei mais onde parei – ele disse, procurando recordar-se.

Não sabe? Pois procure saber. Imediatamente – ordenei.

Por que imediatamente?

Por quê, por quê?
Você, por acaso, não abriu estas gavetas? apontou-me ele.
Ahn?
Abra-as – ele diz.

2

Então apareceu Tzu. E disse:

Sou Tzu.

E sentou-se ao meu lado.

Reclinados na areia da praia quais estátuas maias, apontávamos a franja de espumas sobre os recifes e o lugar em que os navios de Cabral haviam ficado.

Seres como nós, Escatimburo – dizia-me –, necessitam de duas certezas: uma, para não duvidarmos de nós mesmos: outra, para fingirmos acreditar no que eles creem. Só assim não nos metem em camisas de força.

Tzu era um poeta. Eu acabara de fechar este caderno quando o vi aproximar-se à minha direita.

Eles se foram mesmo? Perguntou-me.

E encarava-me com seus olhos oblíquos, forçando-me a sorrir ou querer sorrir. Eles? Pensei em perguntar, mas não perguntei.

Os navegadores – completou Tzu. – Os navegadores que estiveram aqui.

Ah, você os viu também? Pensei que somente eu os havia visto, eu e o gato.

Tzu procurou pelo gato, mas o safado não estava ali naquele momento e senti uma vergonzinha, Tzu poderia imaginar que eu não era bom dos miolos.

Durante alguns dias, só nós dois vivíamos ali. Grande parte do tempo mantínhamo-nos calados, quer catando ostras para cozinhar, quer consertando a cerca de varas ou os caibros da casa. À noite, conversávamos. O gato se aproximava naquelas horas e acompanhava tudo que dizíamos, ora voltando-se para Tzu, ora para mim. Tzu costumava mostrar-me algum poema que havia feito durante o dia; chegava para perto de si o candeeiro, tirava um papel em branco do bolso e lia. Perguntei-lhe uma vez:

Se você já sabe o poema de cor a ponto de nem precisar copiá-lo no papel, por que então não dispensa este papel?

Ele me encarava com seus olhos de menino, como se muito espantado. Eu repetia, ele ouvia bem e permanecia espantado. Eu deixava, então, pra lá.

3

Disse que dormi para efeito de retórica, que dormi e sonhei. E agora estou novamente acordado. Mas é tudo retórica. Quem dorme? Quem sonha? Esta é uma história feliz – isto não é o bastante? Tzu tocou-me o ombro:

Você estava meditando?

Eu?

O mar está tão calmo – prosseguiu ele. – Há pouco, vi leões rondando à sua volta e temi que lhe fizessem mal. Você estava tão absorto.

Leões?

Eles se sentaram diante de você e se puseram a observá-lo. Pareciam...

Interrompi Tzu:

Olhe, Tzu, tudo que faço é viver sozinho. Conheci um sujeito que se levantava diariamente às quatro da madrugada para escrever. Fez isso a vida inteira. Encheu duzentos cadernos com aquela letrinha apertada. Que colocava neles? Tudo. Ora um poema, ora um lembrete.

Desordenadamente.

Desordenadamente, como sua vida.

Como sua vida?

Como uma vida, não é mesmo? A ordem é o caos.

O mar está calmo.

O mar nunca está calmo, Tzu. Para onde foram os leões?

Entraram no mar.

Você é simpático, Tzu. Gostaria que você existisse.

Por quê?

Por quê? – Calamo-nos um instante. – Sabe, Tzu, o pior mesmo é a porcaria da vida.

Mas isto que você está dizendo...

...a porcaria da vida?

...seria algo interessante para os ouvidos?

Não, não seria.

Falemos de leões.

Sim, falemos de leões.

Tzu tornou a me repetir que leões andaram me rondando, mas que eu estava de olhos fechados.

Os leões fedem – disse-me. – Ao imaginá-los, esqueci disso.

Você os imaginou? Ahn...

Tzu fechou os olhos um instante. Pensava nos leões.

Estou pensando nos leões – ele disse.

Eu sei.

Mas os leões não existem.

Mas você pensava neles.

Eu sei.

Tzu tornou a fechar os olhos. Ao abri-los, encarou-me:

E eu não existo.

Eu sei. Você é uma invenção minha.

A grande arte nasce do silêncio. Eu poderia inventar mil histórias se soubesse a explicação de algumas coisas. Mas sempre duvidei que se pudesse explicar o

que quer que fosse. O que fazemos todo o tempo é dar nexos ao caos. E o caos carece de outro sentido senão o de ser o que é? Não há nexos. As obras-primas, a rigor, são falsas. Por trás delas, o que existe mesmo é a nossa impossibilidade de compreender.

Eu pensava nessas coisas enquanto Tzu se distraía a deixar escorrer da mão, lentamente, um tênue fio de areia. O homem que inventou a ampulheta deve tê-la idealizado num momento assim. Quando a areia escorreu completamente da mão de Tzu, ele a abriu contra o sol e soprou os grãos esparsos que restaram presos.

Contudo – observei –, alguns grãos não saem com um simples sopro.

Tzu olhou-me e sorriu, como se eu o tivesse surpreendido.

Mas eu posso retirá-los assim – ele disse, fazendo menção de espaná-los com a outra mão.

Sim, pode. Mas, para quê?

Tzu era um poeta. Criei-o para não me sentir tão só.

O gato apareceu há pouco, esfalfado, contando que os navegadores estavam de volta.

Na enseada – apontava ele.

Os navegadores?

Sim, Cabral e outros. E outros – acrescentava.

Acalme-se, gato.

E mulheres também.

Vamos até lá.

Fomos até lá. – Bom dia, senhora – eu disse.

Eram umas mulheres espevitadas que me olharam com espanto. E se puseram a rir, escondendo a boca com as mãos brancas, como se assim escondessem o riso. Pensei mesmo que estivessem falando uma língua estranha. Só havia elas por ali e até imaginei que os navegadores fossem elas e o gato se tivesse enganado.

Pero! gritaram elas, subitamente alvoroçadas.

Era o escrivão. Pero abraçou-as, não sem alguma descarração, pois lhes bolinava os peitos, e veio assim abraçado e estendeu-me a mão.

Vamos demorar mais um pouquinho em sua terra – disse ele. – Trouxemos as mulheres.

As mulheres, como entendi depois, não eram de ninguém em especial.

Elas gostaram de você – informou Pero, com um piscar de olho. Ele devia estar também um pouco bêbado, falava engrolado. Uma das mulheres se aproximou de mim e futucou-me, como se para certificar-se de que eu existia. As outras riram.

Não ligue, são maluquinhas – disse Pero.

Acabei ficando também meio idiota e passei a futucar uma e outra e elas

riam com tudo aquilo. Em poucos minutos, já rolávamos pelo chão, e como vestiam muitas saias umas por baixo das outras, acabei por encher os olhos de areia e perdi a graça. Pero, com pouco pudor, tentava tirar as roupas de uma, que ria sem parar. Brincavam de gato e rato e desapareceram no mato. Foi quando se ouviu uma trombeta.

Só então percebi que havia um navio no mar. As mulheres pararam de rir e tornaram a gritar por Pero, muito apreensivas. É alguma ordem, pensei. Como se tudo voltasse à realidade. Sacudiram a areia das roupas e fiz o mesmo. Pero e sua garota apareceram, sérios. Novamente a trombeta. As mulheres correram e senti uma pancada na cabeça.

Não sei quanto tempo levei desmaiado. Estava grudado no chão, com o corpo emaranhado de cordas finas, os braços e as pernas abertos e também amarrados ao chão. Tinha que franzir os olhos, pois o sol ofuscava.

Muito bem, senhor Gulvério – ouvi dizerem-me por trás de minha cabeça. Reconheci o homem, era Cabral.

A primeira coisa que pensei foi no desmaio. Teriam dado com algo em minha cabeça? Nunca havia desmaiado antes e a coisa não parecia tão mal. O filho da puta queria que eu falasse sobre as cidades. Pode parecer estranho eu passar de vez para este assunto, mas explico, nada há de estranho quando a gente explica uma coisa. Cabral estava de pé por trás de minha cabeça, de modo que eu o via de um modo bastante desengonçado: não que eu me sentisse humilhado por vê-lo de baixo para cima. Aliás, ele não tinha nada daquela posição de senhor ou tirano, como poderiam imaginar os fracos, mas de um volume grotesco e desengonçado que só fazia me incomodar. Queria que eu falasse das cidades. Eu lhe disse:

Minha opinião sobre as cidades é esta: ficar falando sobre elas é estar gostando delas. E detesto cidades.

Sim, sim – concordou ele. – Mas há um motivo para sua...?

Há.

E então?

Olhe, rapaz, levei anos para descobrir os motivos, embora, no fundo, já soubesse de tudo. Inclusive você deve saber de tudo. Se continuarmos tratando deste assunto, levanto-me daqui e esguelo-o.

Você está amarrado.

Fechei os olhos. (Não tenho certeza se estava ainda desmaiado.) O gato ronronou em meu ouvido, alisou o pelo em meu rosto e abriu os olhos.

Você estava meditando? – perguntou-me ele.

Eu?

O mar está tão calmo – ele disse. – Vi leões passeando em volta de você e fiquei tremendo de medo de lhe acontecer alguma coisa.

Leões?

Eles até se sentaram por aqui e ficaram a observá-lo...

Tratava-se de uma repetição. Tudo aquilo já havia ocorrido, não sabia quando nem como. O gato prosseguiu, ou penso que o fazia, e talvez eu estivesse a dialogar com ele, mas o que se passava em mim era aquele diálogo já não mais repetindo um diálogo passado, mas acontecendo outra vez no futuro, e mais outra vez, e mais outra – numa sucessão inacabável, não a ideia do diálogo, mas o diálogo mesmo, e sempre completo a cada vez. Até que já não me incomodei em segui-los, contá-los, vivê-los. Ficou uma espécie de marulho de onda na cabeça – o ruído característico do existir: o existir, puro. Então foi que associei a conversa do gato com a de Tzu. Tzu, o poeta. Devo ter esboçado um sorriso ao pensar nele.

4

Minhas impressões sempre foram assim: duravam pouco. O navegador, com sua camisa de mangas frufuadas, encardida, com a cor mesma da nobreza inútil, o navegador insistia para que eu falasse das cidades.

As cidades do futuro, Escatimburo – pedia ele, chamando-me pelo nome, não sei quem lho havia dito. – El Rey é um boboca que sonha em emprenhar quinhentas mil mulheres para povoar este matagal. Pediu-me para que meus homens deixassem aqui as sementes, como se esta terra estivesse apinhada delas, as mulheres, enquanto ele discutia com os cartógrafos a possibilidade de mandar para cá uma expedição de esperma refinado. Mas aquela gente que ele planeja mandar só pensa mesmo é em fazer sonetos. Estou irritado hoje, como vê. Fale-me da porcaria dessas tais cidades. Pero anotárá.

Eu disse que estava deitado? Pensei em repetir uma frase de Diógenes: Escuta aí, ó cara, destapa o sol. Mas o nosso almirante era um garotão e decidi sentar-me. Um corditas estalaram em volta de meu corpo, esfarelaram-se em três segundos e o vento as carregou. Pero apareceu com um calhamaço de papel, um pote de tinta e uma pena de pavão.

Toda cidade é uma frouxidão – comecei.

Um momento, amigo – pediu Pero. – Deixe-me desempacotar esta papelada. Pronto.

Eu disse – disse eu –: as cidades são invenções dos frouxos, dos que não caçam mais, dos que não roubam mulheres, dos que não matam o vizinho...

Sim, sim – fez Pero. – Estou a acompanhá-lo. – e escrevia: “Senhor, posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães, escreveram a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova...” – Continue, amigo, sou ágil no escrever.

Olhe, Pero, sua barriga já passa um pouco da conta. Quando eu tiver sua idade... Que idade você tem mesmo?

Quarenta e nove.

Quando eu tiver sua idade, pedirei a quatro ou cinco senhoras impolutas que dancem sobre minha barriga...

Senhoras...?

Impolutas... cada manhã. Assim não me verão jamais com esta pança.

Hei de tirá-la muito em breve, em Calecute – disse o escrivão e riu.

Sim? – inquiriu Cabral. Pedia com certeza a continuação do meu relato.

As cidades? Ora, rapaz, diga a seu rei que inunde esta zorra de esperma, conforme deseja. Daqui a quinhentos anos não passaremos de uma republicazinha movida a cordéis.

Desculpe-me – disse o almirante. – Não quis irritá-lo. Também sou de parecer que El Rey sonha.

E quem não sonha? – perguntou Pero, com ar de sábio. Observâmo-lo de trevés, ele tossiu, coçou o queixo com o bico da pena, sujou-se e fez um sorriso escabriado.

As histórias não têm fim, não é, Escatimburo? – falou-me Cabral, mal filosofando ele também, no seu ar de crítica ao pobre escriba. – O rei na corte, nós aqui. Você me informando que tudo é sonho e, no entanto, daqui a uns dias partiremos para as Índias. Vamos desaparecer e aquelas ondas ali se manterão iguais. Gostaria mesmo era de foder com umas lisboetas que deixei acenando no porto de Belém.

(Quero pôr ordem a algumas coisas. Primeiro, o cenário: esta casinha na praia, uma frondosa mangueira, os recifes dividindo o mar com uma franja de espumas. Depois, o tempo: o descobridor português salta cinco séculos, o narrador recua cinco e, no entrechoque das ilusões, preenche-se o ócio. Por fim, os personagens: o narrador, o gato e narrador-gato; o poeta Tzu, que, a rigor, não existe; e Cabral e Pero, espécie de corpo e cabeça, não se sabendo qual dos dois o mais dispensável. Entremeiam também uns sonhos, mas os sonhos podem ser postos entre parênteses.)

Nada deve ser posto de lado – berrou, de repente, Cabral. – Esta merda deve prosseguir como aquele maluco quer. Ele não quer uma nação? Pois terá a nação que quer. Escreva aí, Pero: a terra é toda maravilhosa, não tem cobras, não tem muriçocas, não tem onças pintadas... etc etc. Tudo aqui é muito ótimo. E apressemos-nos com a descoberta. Navegar é preciso. Tenho razão, Escatimburo?

O homem estava irritado e coçava ainda mais a tal barbicha.

E aí foi tudo inacreditável. A marujada afluiu subitamente à praia, as mulheres se empetecendo aos risinhos e nós – quero dizer, eu, Tzu e o gato – displicentemente atônitos. Enquanto prestávamos atenção a um grupo aqui, o que estivera ali desaparecia. E ao voltarmos as vistas para o de cá, o local estava vazio. Pero Vaz, sobre um montinho de areia, as pernas cruzadas, anotava qualquer coisa. Aproximei-me.

Que está acontecendo, Pero?

Vamos zarpar. O Comandante deve ter sonhado.

Só por isso?

Só?

E então, enquanto escrevia qualquer coisa, foi me contando o teor daqueles sonhos do Comandante.

Ele vê longe, séculos à frente. E sabe o que ele andou vendo? Esta praia. Atulhada de gente seminua. Por ali assim, umas barracas de pano. Lá por trás, umas carroças ágeis, mas sem alimárias.

Hum!

...sem alimárias.

Você está anotando isso aí? perguntei.

Aqui? Hum hum. Concluo apenas o informe: Deste Porto Seguro, da vossa Ilha de Vera Cruz, hoje – que dia é hoje? Sexta-feira? – sexta-feira, primeiro dia de maio...

Voltei-me para Tzu. Esse cara é um maluco mesmo, hem? – pensei em perguntar-lhe. Tzu olhava o mar distante, os navios sumindo. Rapidamente. O gato afiava de leve suas unhas em minhas canelas. Abaixei-me para acariciá-lo.

Você falava sozinho? perguntou-me.

Ahn?

Olhei em torno, Pero não estava mais. Nem Tzu. Nem os navios.

Gato! – exclamei. – Gato! Gato!

Na minha mão, apenas a areia fria da praia. Finíssima, escorria-me por entre os dedos. Alguns grãos brilhavam, momentaneamente, mais que o sol.

VAQUEIRO GENARO

(Trechos do romance *Os Ventos Gemedores*, Editora Letra Selvagem, São Paulo, 2014.)

Os passos confiantes sob a luz pura do dia. A fronte confortada porque sabe de caminhos acesos dentro dele por sentimentos de esperança, desejos forjados com ardor num chão duro a mostrar-lhe que homem algum é o dono sozinho deste mundo. Deus não deixou a terra para o desfrute de um apenas ou de alguns e a canga para muitos. E atrás dos que formam a maioria filhos e netos repetem o descompasso, vindo deixar a vida, nunca se livrando dos mesmos laços. A mesma coisa todos os dias para os encangados, trabalhar muito, o ganho mal dando para o de-comer. Cada um vai se tornar adubo da terra no final, numa vala que nunca enche. Passos por caminhos que fazem aflorar pensamentos que chegam agora dos longes molhados de suor, urdidos nas horas trabalhadas com facão, machado, foice, ferrão e laço. Depois de tantos anos vividos com o trabalho sugado nos pertences de Vulcano Brás, misturando-se com sentimentos moídos, remoídos, nada vai lhe tirar da cabeça que está perto de acontecer o que andou com ele como um sonho acordado, produzindo a terra rações iguais, água clara para todos.

Raios de sol resvalam no chapéu de couro, redondo como o capacete pequeno de um guerreiro. Brilham no gibão como uma armadura de couro, nas botas que envolvem os pés, as pernas e até as coxas. Destemido, sem hesitar nas ideias acesas com a certeza de vitória, caminha para o acerto de contas final com Vulcano Brás e seus jagunços. A figura do rude guerreiro move-se no gesto agudo a atravessar as camadas de luz que descaem do céu azul com nuvens gordas. Vento de amanhecer sopra ligeiro como brisa no rosto sob a pele cor de cobre curtida pelo sol. Suas artes de bem cuidar o gado são comentadas e afamadas por todos os cantos da Zona do Ouro. Sua maneira de jogar o laço certo faz admirar até os mais velhos vaqueiros. O jeito seguro tão dele de conduzir boiadas sem perder uma rês na marcha longa por léguas tiranas. O som fundo do berrante, profundo, pelos campos distantes, o aboio manso sem igual naquelas paragens. Berrante que faz calar a natureza ao redor, e tudo o mais quando repercute ao longe. Aboio que atrai e reúne sem esforço não sei quantas reses, chegando muitas delas aos pulos, alegres pelo capim viçoso.

Não contava as vezes que viu o sol nascer e se deitar na sela do cavalo, os novilhos que castrou, ferrou, formando as boiadas que engordavam nas encostas da Serra do Viradouro. Era o melhor para operar gabarro em burro e extrair calo na rês, outro por ali não existia para tirar bezerro atravessado na barriga da vaca, custando a parir. E todo o esforço que teve com o gado de Vulcano Brás

apenas foi para terminar assim mesmo, de mãos vazias. Ali mesmo na Vila do Pati., sem o seu pedaço de terra para semear e colher. Cercar os pastinhos e ter umas vaquinhas de leite, abater alguma que estivesse velha e aproveitar a carne pra ser vendida como charque na feirinha da vila.

Na armadura de couro, chapéu como capacete, aprendera a amar o sol, a chuva, o vento, as estrelas, luas de relva. Mas vozes na capanga diziam de mãos estúpidas, que não perceberam a passagem ligeira do tempo, tão ocupado esteve na lida com os rebanhos de Vulcano Brás. Pelos campos imensos onde buscar as vacas com a cria para o serviço da ferra e contagem exigia esforço, habilidade, coragem. Demorava dias quando a vaca escondia-se com a cria na capoeira grossa. A vida havia passado num repente, nem deu conta que o ontem do amanhã foi um instante da noite para o dia.

O rosto gordo de Aparício Pança-Farta alarga-se com o sorriso de quem quer agradar ao que chega de cara enfezada. “Quero 30 chifres de pólvora, 40 caixas de bala, muito chumbo e cartucho”, a voz segura do vaqueiro Genaro. Entre assustado e imbecil, o olhar de Aparício Pança-Farta. “Ainda há tempo, Genaro, pra desistir dessa doidice do levante. Vulcano Brás sempre achou que dobra qualquer doença, só que dessa vez não tem como escapar, está no fim mesmo, se já não estiver morto. E o que vai acontecer com sua morte todo mundo sabe. Trabalho pra muitos nas roças pra ganhar o de-comer, enquanto serras, vales, rios, roças, matas, pastos com muito gado, a vila, tudo que aqui neste velho mundo sem fundo pertença a Vulcano Brás vai passar dele pra mulher e filhos.”

Lâminas afiadas no peito do vaqueiro Genaro as observações de Aparício Pança-Farta. Pontas agudas furam os pontos mais longínquos do seu corpo. O rosto magro apanha uma careta que repuxa os olhos cintilantes de ódio. Aparício Pança-Farta sempre contra quando escuta algum ruído mais forte contra o jugo de Vulcano Brás, pensa vaqueiro Genaro. Só não consegue esconder o proveito que tira em tal atitude, uma vida que leva satisfeito como o único que possui armazém na vila com casa de negócios. O armazém sempre sortido de ferramentas para o campo, munição para arma de fogo, pano de roupa, barrica de aguardente, latas de querosene, mantas de carne charqueada nos cavaletes, sacos de açúcar, farinha e feijão, além de coisas miúdas.

“Cada um neste mundo cumpre a sua sina”, voz de Aparício Pança-Farta querendo convencer. “Como os dedos das mãos não são iguais, uns poucos na vida mandam e a maioria vem pra obedecer.” Vaqueiro Genaro diz que o mundo rola no erro, “as vacas nunca parem pra muitos, pra uns poucos até os bois pegam a parir.” Observa que é chegada a hora de corrigir tal desacerto nestas bandas daqui. Abelardo Pança-Farta não acredita que isso possa um dia acontecer. Vaqueiro Genaro diz que a terra só vai ter valia neste mundo do Japará quando qualquer vivente puder pisar no seu próprio pedaço. É preciso tomar as rédeas do único mandão dessas terras por aqui. Esta é a nossa luta, a gente não vai esmorecer agora. Abelardo Pança-Farta insiste em convencer vaqueiro Genaro para desistir de querer enfrentar Vulcano Brás com sua gente. “A liberdade

ganha com sangue não tem valia.” A reação de vaqueiro Genaro vem com uma cusparada forte no piso de cimento esburacado do armazém. Os olhos de raiva para cima de Abelardo Pança-Farta. “Vejo que já escolheu seu lado. Digo praquêle que estiver do lado de Vulcano Brás quando for chegada a hora do levante: a gente não vai ter pena desse maldito!”

Aparício Pança-Farta ficou alarmado com o que disse o vaqueiro Genaro. As bochechas tremelicam no rosto avermelhado. Nervoso, sonda nas prateleiras as coisas pedidas pelo vaqueiro Genaro. Procura ao lado, em cima, embaixo, por trás do balcão, nos cantos. Moscas vão e voltam no voo sem direção. Zumbem em torno do saco de açúcar, assanhadas, algumas chegam a pousar nos braços cabeludos do dono do armazém.

As mãos trêmulas afastam a manta de carne charqueada em cima do balcão. No caixão arrumam a pólvora, as caixas de bala, os cartuchos e o chumbo. Passa o lenço no rosto gordo, enxuga o pescoço molhado de suor. Expressão de espanto dos olhos fixados nos passos do vaqueiro Genaro, saindo do armazém com outro homem, este carrega na cabeça o caixão com a munição de boca para as armas de fogo. Até que os dois homens desaparecem por um dos becos que vai dar numa das ruas por trás da praça.

Vincos no rosto são marcas que o tempo fez no serviço de campear o gado pelos pastos de Vulcano Brás. Veste o peito uma camisa puída por baixo do gibão de couro de zebu, feito por mãos que bem sabiam criar o gado. O que um ou outro tanto deseja naquelas léguas é um dia se tornar vaqueiro competente como ele.

Desviam-se do matadouro Vaqueiro Genaro e o outro homem, a carregar na cabeça o caixão pesado. Aparecem na rua de chão arenoso onde lá no fim homens estão à espera que eles cheguem logo até a casa abarracada.

Queima nos pensamentos a visão que o vaqueiro Genaro vai tendo com os casebres em ruínas, alguns escorados com madeira roliça, outros com as paredes esburacadas. Foram erguidos num pequeno espaço da terra arrendada a Vulcano Brás. O pagamento pela ocupação do casebre em terreno do único dono vem em forma de um dia de trabalho dado de graça na semana, ora nas roças de cacau, ora nas matas, ora nos pastos, durante trinta anos. Aquele que morre antes de completar o tempo de aquisição definitiva do pedaço de terra arrendada perde o casebre para Vulcano Brás.

Roceiro que faça a besteira de não votar nos candidatos escolhidos por Vulcano Brás quando é tempo de eleições na cidade distante. Aquele que foge para o mato para não votar, por exemplo, no outro dia amanhece no meio do tempo, ao se deparar com o seu casebre derrubado da noite para o dia. Os caminhões vêm apanhar as levas dos roceiros numa estrada de barro, onde fica o ponto de embarque a cerca de umas vinte léguas da Vila do Pati. Ninguém sabe escrever o nome, assim mesmo votam graças às artimanhas de Vulcano Brás, que entrega a cédula de votação para colocar na urna já marcada com o nome dos seus candidatos. Todos sabem que aqui neste fim de mundo Vulcano Brás é o dominador

de viventes e coisas. É o delegado, o juiz e o prefeito, até padre só entra nos seus domínios se for chamado.

Dentro da casa abarracada, os homens mostram-se preocupados. Uns estão fumando o cigarro de palha feito com o fumo picado na mão a canivete. A caneca com café quente passa de mão em mão. O que está sentado no caixote velho diz que café quente se bebe pelo cheiro, o outro fala que é como o sentimento da união, fortalece a respiração e esquenta o peito.

Os que estão sentados num banco comprido, no lado de fora, levantam-se com a chegada do vaqueiro Genaro, acompanhado do homem que carrega o caixão na cabeça, o suor respingando o rosto. "Bom dia, gente. Desculpem meu atraso." Manda colocar o caixão em cima da mesa, destampando-o a seguir com o martelo e um pedaço de ferro em forma de estilete. Contente mostra as caixas de bala, o chumbo, a pólvora e os cartuchos. Homens que estavam amolando as ferramentas de trabalho aproximam-se dele, inspecionam o caixão com a munição de boca para ser usada no combate que se aproxima. Pequena multidão logo se forma em frente da casa abarracada. "Todos sabem do nosso propósito. Agora é não ter medo de enfrentar Vulcano Brás com sua gente", a voz irada impõe-se como pequena onda levando coragem a cada um dos homens calados. Um calor forte circula nas veias como nunca havia acontecido, nesse instante em que se reúnem com os rostos sérios.

Os homens passam em silêncio, o rosto endurecido de cada um deles a olhar para frente, sabendo que irão caminhar numa estrada perigosa. De repente o inimigo poderá aparecer com força superior a deles, em qualquer trecho dessa estrada. À frente da marcha o vaqueiro Genaro e o caçador Guinó como o homem encarregado de levar a bandeira branca, na qual se vê escrito em letras vermelhas: TERRA DE TODOS. Logo atrás deles dois o índio Camamu e o negro Julião, cada um puxando uma fileira comprida de homens, que seguem com os passos firmes..

A marcha move-se vagarosa, cada roceiro leva dentro de si a lembrança dos dias trabalhados com mãos calosas, que nunca descansam de sol a sol. Dias com picada de inseto, às vezes de cobra. No íntimo de cada um deles o bicho cascudo alojou-se, corrói os nervos e sentimentos lentamente, sem nunca parar na fome invisível. Das mãos retesadas pendem machado, pedaço de ferro, espingarda, repetição, clavinote. No cinturão de cipó garrucha, revólver, facão; nos ombros, enxada e foices como pontos de exclamação.

Os homens de cabeça erguida passam pela rua onde fica o casebre do vaqueiro Genaro. Das janelas e portas, mulheres, velhos e meninos acompanham os homens que desfilam carregando todo tipo de arma, os rostos de animal atento. Os passos tiram sons fundos da terra de barro batido. O vaqueiro Genaro conduz a marcha com os olhos imóveis no rosto vingativo. A repetição na mão, cartucheiras de bala atravessadas no peito.

Um menino, no batente da porta, tira uma musiquinha na flauta de osso de gavião. A melodia triste é levada pelas camadas quentes do vento, vai se afastando da vila até encontrar na memória de léguas distantes homens trabalhando nos domínios de Vulcano Brás. Canto aguerrido então nasce de gargantas inflamadas, um som bárbaro que vem da terra e desenha letras de fogo no dorso das léguas, chamando nessa hora o sol para iluminar um sonho, que no início era tímido, cresceu aos poucos e se tornou inevitável finalmente.

Vamos guerrear
Pra ganhar o chão
Que a vida aqui
Não é boa não.

Vamos guerrear
Pra ganhar o chão
Que a vida aqui
É de um só mandão.

Vamos guerrear
Pra ganhar o chão
Que Vulcano Brás
É filho do Cão.

A marcha dos homens puxada por vaqueiro Genaro desaparece, pouco a pouco, numa descida do morro. O preto Julião leva uma foice amolada no ombro, machado na mão, e o índio Camamu, um arco e flechas envenenadas.

Julião é um mulato atarracado, cabeça grande enterrada nos ombros. Fora tropeiro de Vulcano Brás até quando teve forças suficientes para tocar a burrada carregada de cacau por trilhas e atalhos, serras e baixadas. Amansador de burro brabo como não havia outro naquelas léguas despovoadas. O bicho botava fogo pelas ventas pior que o demo, saltando aos corcoveios, caía com ele grudado no pelo. Teve costelas quebradas que foram soldadas pelo tempo.

O índio Camamu chegava bêbado ao armazém de Aparício Pança-Farta e saía em estado pior, tropeçando nas pernas. Contou certa vez que Vulcano Brás enxotou seu povo das terras deixadas pelos ancestrais. Chegou montado num cavalo negro, tão negro como a noite mais negra, a jagunçada formando um cinturão em torno dele, as repetições engatilhadas. Ele disse que os índios eram os invasores das terras dele, saíssem logo de onde nada lhes pertencia. Os índios que não quiseram sair, os jagunços mataram, e os que não quiseram morrer como Camamu correram para a selva. Queimaram a aldeia, mataram quase todos, o rio correu sujo de sangue. Camamu tomou até um tiro, não morrendo porque Deus foi cuidadoso com ele.

De lá pra cá, Camamu veio levando a vida trabalhando nas roças de Vulcano Brás. Passava fome com mulher e filhos, às vezes trabalhando doente. Mas nunca havia esquecido o que certa vez dissera Baeté, a índia mais velha da tribo, índio toma pancada, morre de sofrimento, mas não trabalha pra branco como escravo.

Queria de volta suas terras para reunir seu povo de novo na aldeia Pinapá. Não tinha dinheiro neste mundo que comprasse suas terras, vai servir de adubo delas se matarem ele, mas delas não saía mais com seu povo quando elas fossem reconquistadas.

UMA MULHER

Trechos do romance *Os Ventos Gemedores*, Editora Letra Selvagem, São Paulo, 2014.

Da janela do casebre viu quando os homens passaram crescidos em suas figuras guerreiras. Escutou o canto de guerra renhida, puxado por vozes solidárias numa entonação forte a se repetir nos ares da vila como algo especial. O canto que saía de vozes pungentes penetrava no peito dos que vieram ver a marcha, formando dentro deles sentimentos ligados em surda revolta, vergonha e desprezo. A marcha passava dando àqueles que ficavam na vila a esperança de que agora iam se libertar do jugo de Vulcano Brás.

Depois que eles desapareceram na curva da estrada, entre os primeiros avanços da tarde com o seu bafo frio de começo de inverno, o canto dos homens na marcha ainda ficou batendo nos ouvidos por algum tempo.

Move-se no casebre apressada, fecha portas e janela, pondo travas com pau de sapucaia. Acende a vela no prato de barro do pequeno altar, improvisado num caixão velho forrado com saco de aniagem. O pequeno altar no canto da sala com um Cristo de madeira pregado na cruz, um Santo Antônio de barro, uma Santa Bárbara na moldura antiga sem vidro, comida nas bordas por cupim. À santa guerreira pede que proteja os passos do vaqueiro Genaro e dos que seguem com ele na marcha, entrando nessa hora no Vale das Garças. Pede que a santa combata ao lado deles, dando coragem a todos eles nos momentos perigosos da porfia. Desfia pela boca murmurante um padre-nosso, uma ave-maria e cinco salve-rainhas. Termina a reza com cânticos de reza, tendo vibrações por toda a extensão da pele. Ajoelhada, o peito contrito.

Porque firme na crença de que a santa guerreira não falha em momentos de perigo como aquele, que aflige a muitos dos que ficaram na vila, tem certeza que a dona dos raios e ventos haverá de guiar os passos do vaqueiro Genaro e dos que lhe seguem, protegendo-os quando chegar o momento da refrega com Vulcano Brás e seus jagunços.

Vai até o galinheiro onde apanha a gamela para catar o feijão que ainda resta na lata. Sopa rala de feijão serve para enganar sua fome e dos filhos à noite.

Acende o fogão a lenha para cozinhar o pouco de-comer com um pedaço de charque e farinha. Sabe que hoje não é diferente de ontem. De manhã o café fraco, que é bebido com gosto de água, depois de temperado com açúcar preto ou rapadura. Quando há, cada filho ganha um pedaço de bolacha dormida. Bicho do pé não para de incomodar quando está junto do fogão fumacento. Melhor bicho do pé do que berne na cabeça, impaludismo, mordida de cobra e a danada da fome que nunca sossega de roer as tripas.

No quintal ergue o rosto, impelida por uma vontade que não existia antes. Fixa os olhos na Serra do Virote e depois na do Viradouro. Depois de tantos anos isso agora acontece, fixar os olhos nas serras, encarando-as de frente sem nada temer, sem que sinta aquele enjoo e tontura. Como se a sensação opressiva que elas causavam fosse retirada dela bruscamente e levada para algum lugar distante. Os olhos não suportavam ver certa paisagem pesada vinda das serras. O sangue fugia das veias, o sol rodava na mente, se tentava fixar os olhos no destamanho e altura de todo aquele peso terrestre lá nos cumes. No abafo do corpo e alma as vastidões de Vulcano Brás, lonjuras impossíveis de reter na mente.

Lembra o que vô Isidro disse debaixo da velha ingazeira. Os olhinhos negros e vivos, cabelos de bucha, brancos, já beirando os cem anos. O velho mandingueiro da vila falou que um dia não muito longe as serras iam sair do lugar e rolariam lá do alto num estrondo de fim de mundo. Derrubariam as matas, soterrariam as roças de cacau, acabariam com as pastarias. Quando tudo ao redor fosse silêncio pelos confins de Vulcano Brás, no amanhecer mais belo quanto puro, um só pastor ia descer do céu para guiar os novos rebanhos com o seu cajado manso. O que mais ia emocionar era o pastor anunciar o novo reino de São Saruê com todas as mãos comendo numa só mesa. Novas sementes iam ser lançadas no chão, nasceriam novos ramos verdes de luz, rações abundantes, água boa com muito peixe para todos. No lugar do despotismo de Vulcano Brás, o sol ia se levantar com fartura de amor, a manhã como se fosse o paraíso nascendo de novo. Quando disse aquilo, parecia que um espírito de luz estava no juízo de vô Isidro, falando por ele daquele jeito naquele momento. Com aquela voz mansa, baforando o fumo puxado no cachimbo de barro. Ele soprava a fumaça aos poucos em cada roceiro, que vinha para tomar um conselho, receita de remédio, resolver desavença, enfim, aproveitar da sua bondade, encurtando esse caminho que existe entre a terra e o céu.

À noite era comum acordar aos gritos. Furavam o silêncio claro inchado pela lua na vila. Mãos queriam arrancar a pele do rosto, sob o desespero de algo que não podiam afastar dela, olhos encandeados não queriam ver. Vaqueiro Genaro exasperava-se, os meninos choravam alto. Ele bradava contra o inferno que tinha por viver naquelas bandas. Visões danadas da mulher não se afastavam com as pragas cuspidas por uma boca irada. "As serras, Genaro, as desalmadas, elas mesmo, vêm rolando pra cima da gente."

Depois que os homens chefiados por Genaro passaram cantando aquele canto de desejo ferido, de repente uma coragem tomou conta dela, sentindo então naquele momento que não ia ter mais medo de fixar os olhos sem pressa nas serras. Certeza da vitória que os homens levavam na marcha brotou do sangue, circulou nas veias, voou na esperança com uma sensação que não sabia como explicar. A marcha dos homens com suas armas rudes de combate, vaqueiro Genaro de feitio destemido, vibrando naquele ponto da mais pulsante luz refletida com igualdade na vida.

Num passado já longe, desembarcou no navio-gaiola em Porto Verde, uma cidade de praias alvas, que nada mais era que poucas ruas estreitas, alguns sobrados, uma praça sem grama, um hotel pequeno, uma pensão, o comércinho novo perto do cais. Os barracões perto do cais para abrigar os forasteiros. Jamais havia feito uma viagem de navio pelo mar. O navio-gaiola jogava muito, semelhava brinquedo nas mãos poderosas das vagas. Subia e descia. As horas não queriam passar, monótonas, enfadonhas, o navio-gaiola arrastando-se naquele mesmo movimento do mar. Quando passou pela barra, avistou o naviozão com homens que acenavam na proa. A bandeira azul com a cruz amarela tremulava no mastro grande. O navio-gaiola passou pertinho daquele bicho enorme, de tão pesado amassava o mar, aboiando quando apitava, soltando fumaça pela boca larga do bueiro grande.

O navio-gaiola bem vagaroso pelo canal estreito e raso. Admirada com as casinhas como que pregadas no morro alto, parecia um focinho de cão, entrando pelo mar. O desembarque festivo, alguns velhos davam graças ao Bom Jesus porque haviam chegado sãos e salvos daquela viagem demorada pelo mar. Gente jovem revelava a feição viva do rosto por ter chegado às terras do verde sem fim. Alguns diziam até que o inferno da caatinga havia ficado no passado para sempre, enterrada em seus rastros da desgraça.

Quase uma menina, a inocência no rosto de ruge, laço de fita nas tranças, blusa branca com o bordado de florzinhas no seio. O pai Amadeu pensava em encontrar o paraíso nas terras afamadas do Japará. Terras boas, que dão tudo quando é plantado, estações temperadas com sol e chuva. Queria esquecer a paisagem agreste que queimava tudo, labaredas de dia, bafo febreiro no crepúsculo. Era chegado o tempo de dar como acabada a semeadura do não. As marchas constantes com o bando de cangaceiros pela terra seca, rachada e deserta. Em verdes léguas queria retomar o rumo da vida sem pressa, ter o seu pedaço de chão, uma roça de cereais já contentava. No velho aprendizado do sonhar queria plantar. Na terra generosa colher, desfrutar e sossegar.

QUILOMBOS

Memórias I

Queria ver você negro
Negro queria te ver
Se Palmares ainda vivesse
Em Palmares queria viver.

O gosto da liberdade sentido, cravado no peito
Correr, sentir os campos ter a vida
Angola Janga
Terra de negros livres
Ali toda vida
Toda raça, raiva, vontade
África
África (tão subitamente roubada)
Sonhos (tão subitamente assassinados)
Liberdade (tão subitamente trocada pela escravidão)

Memórias II

Negro correndo livre
Colhendo, plantando por lá
Se Palmares ainda vivesse
Em Palmares queria ficar.

O ódio do feitor é pegajoso, fecundo
Ele pode emprenhar até mentes mais estéreis
Com seu pênis de chicote.
Os feitores esparramam se gozo
Nas costas dos malungos
Guinés, Ardras, Congos, Agomés, Minas, Cafres
E o sangue jorrou com tanta força
Que em Angola, fui Nagô, irmão de Haussá
Jeje, Tapa e Senty.
O cheiro nauseante do esperma da tortura
Fez com que ficássemos juntos, usando nosso ódio mais comum.

Sonhos I

O rei de Portugal
Mandou ao meu povo matar
Se Palmares ainda vivesse
Em Palmares queria estar

Cumbe na Paraíba, Alagoas, Macaco e Subupira
Mangueira, São Carlos, Portela na Avenida
São quantos?

Ontem morri em Andalaquituche, Tabocas, Amaro, Acotirene
Hoje no Juramento, Borel, Turano, Salgueiro

Morro subindo morro
Rolo ladeira cada dia com decidido ar de defunto novo
Quando desce a noite, vejo em cada fundo de prato o reflexo da luz da vela
E sonhos pra devorar

Sonhos II

Te vejo meu povo feliz
Teu sonho querendo sentir
Se Palmares ainda vivesse
Pra Palmares teria que ir

Você já pensou se Domingos Jorge Velho e sua malta
Não houvessem tido tanta sorte?

Já pensou naquele país da serra da Barriga?
Sei que talvez não,
É difícil imaginar uma terra
Onde não fosse possível ver
Uma negra Ter que mostrar a bunda
Abrir as coxas, tirar das entranhas o pão de cada dia
Onde não fosse possível ver
Criancinhas
De dez, oito, seis anos
Voltando às quatro da manhã
Depois de vender chicletes e o último resquício de dignidade
Nos cruzamentos da cidade.

Insônias

Saudades das Tuas noites
Fogueiras que eu não vi
Palmares, Estado Negro...
(vivo pensando em ti)

Como não estar
Na podridão do Mangue
Nas ratazanas da zona
Na multidão de buquetas infectas
Como não estar no barulho da britadeira
Na comida azeda, na marmita fria
Como não estar na fome do meu filho
Já nascido com jeito de morte
Como não estar no lio das madames
No cheiro da gordura da pia
Nas bostas dos barões boiando na latrina
Como não estar no trem lotado, no barraco caindo
No camburão, na porrada nos dentes
No lodo. Do fundo de cada cela
Como, se tudo isso sou eu?

Quilombos, meus sonhos
Sofro de uma insônia eterna de viver vocês

Vivo da certeza de renascê-los amanhã,

Se um distinto senhor vier me dizer
Para não pensar nessas coisa
Vou Ter de matá-lo, com um certo prazer.

Por menos que conte a história
Não te esqueço meu povo
Se Palmares não vive mais
Faremos Palmares de novo

CALIGRAFIAS

("Pedra Só", 2012)

I

Na poeira de um tempo impreciso,
as histórias do silêncio,
ninhadas de signos sem tradução.

Silêncio na carne.
Silêncio que sente a areia passar.
Tempo para a solidão do poema.

Cultivamos os nomes.
Criamos semblante para cada nome.
Para mostrar nossos nós – a palavra.

Com os olhos marejados
a vertigem cresce:
suas roupas são de luz e de som.

O pasmo nos sobressalta
e gozamos de tudo.

II

A poesia de um tempo sem siso
e sua estranha ninhada de histórias
das entranhas do silêncio.

Nosso heroísmo é trágico
e as parcas são infinitas.

Temos apenas a ilusão das coisas
e o caminho é irreversível.

Retornar – apenas para o Nome,
para o ser que não tem nome.

EXERCÍCIOS CRÍSTICOS

("Decifração de abismos", 2002)

Eu sempre tive o desejo incontinenti de salvar o mundo,
sempre escolhi por companhia os que não medem o tempo
e andam para cima e para baixo a praticar cigarras,
os que têm por fortuna o dia todo – todos os dias.

Sempre cri ser o redentor de toda miséria humana,
então resolvi me coroar de espinhos
e por trono escolhi o cravejar da cruz,
tenho esse sorriso triste, essa lágrima de sangue.

Eu só acredito nas coisas que não vejo
e sinto em cada estrela uma Madalena a luzir,
e mesmo sabendo que Deus não existe
em cada criança percebo a Sua Face esplendorosa.

Trago comigo todos os pecados do mundo
e sou o cordeiro imolado que alimenta o delírio,
por isso a glória e a humilhação do vinho:
não é nada fácil ser juiz da própria loucura.

GÊNESE

("A infância do centauro", 2007)

Sabe, moça da encruzilhada,
quando te encontrei foi um assombro.
Tu trazias estampada no semblante
a indagação que me acompanha.
O mais espantoso é que também
eras a resposta que sempre busquei.

Não aquela resposta exata, matemática.
A verdade que tua chegada me trouxe
foi a das abelhas zunindo no romper da aurora
em busca do mel das flores das algarobeiras,
foi a dos cavalos galopando na boca da noite
sonhando com touceiras de capim e éguas luzidas.

Ah, moça, tu estás no centro da Rosa dos Ventos,
pra onde deres o passo é caminho o que há.
A gente olha pra cima e não vê limite:
é tudo um azulão que não acaba mais.
Mas basta dar meio-dia, o limite aparece,
e não é longe não: bem na boca do estômago.

Sabe, vou te dar um chapéu do tamanho do céu,
que é pra te proteger dos devaneios solares
e pra que todos te percebam e apontem para ti:
"olha lá a moça que sombreia o mundo".
E todos vão te olhar e todos vão te aplaudir
e o arco-íris vai ficar preto-e-branco de inveja.

Aí, um passarinho, desses bem miudinhos
que trazem uma sanfona de cento e vinte no peito,
vai aparecer e assobiar uma cantiga doce:
e a gente, espiando dentro dos olhos,
começa a sentir um monte de estrelas pipocar.
É isso, quando te encontrei, nasci.

REGISTRO DA FALA DO SILÊNCIO

("Códigos do silêncio", 2000)

O que mais tem falado em mim é o silêncio,
mas um silêncio plural – de fogo –
que com sua língua escarlate abrasa as palavras
e as queima antes de serem.

Um silêncio de lá, de longe – das plagas interiores –
que fala o tempo todo sem dar nome ao dito.

Em sonho é imagem: e vejo, inebriado,
a sua cara – semblante formidável:
tão formoso quanto pode ser um deus.

O silêncio, este que fala e de que tanto falo,
é um hieroglífico poema,
e estes versos: tradução e codificação.

TIA AURORA

("Pedra Só", 2012)

A casa de tia Aurora é um lugar
dentro do meu sentimento.
Tem um curral, um imbuzeiro,
dois bois vermelhos
e um vento cheio de azuis.

Eu lembro tanto da casa de tia Aurora.
Eu só não lembro direito da tia Aurora.

Dizem os mais velhos que ela
só saía de casa de manhãzinha
e que, apesar da cara de totem,
ela era mesmo um mantra.

E era só ela abrir a porta
que o sol se espreguiçava,
os passarinhos faziam piruetas
e o dia sorria.

Tia Aurora tinha esse jeito
de começar!

A BAILARINA

Não via a hora da estreia do comercial. “Vai passar no horário nobre, e o bairro inteiro, aliás, a cidade inteira se tornará um buchicho só no dia seguinte!”.

À tarde, fora buscar o cachê da sua participação e, junto com as outras dançarinas, assistiu ao filme já editado. Faltava apenas a inserção da logomarca do produto. A coreografia, por demais ensaiada no estúdio e na escola de balé que frequentavam, ficou perfeita. Os passos finais, em slow motion, culminavam com o salto de todas em direção à câmera. A colega de perfil mais nórdico e mais próprio, segundo o diretor, mostra, na palma da mão, o copinho do iogurte anunciado – o produto disputando a tela com os sorrisos sadios das moças por breves segundos de imagem congelada.

Às 19 horas, a sala estava apinhada de gente, assim como a janela do cômodo. Quem possuía TV em casa ouvia as reclamações de quem não possuía o aparelho. Todos consideraram mais emocionante assistir ao comercial na casa da artista.

Plim Plim... A emissora anunciou a pausa na programação. Os moleques largaram as bolas de gude na nesga de barro onde brincavam e se enfiaram por entre as pernas dos adultos. A irmã da bailarina, na varanda, interrompeu o beijo e adentrou a sala arrastando o namorado pela mão. Os comerciais que se sucediam, mesmo os mais tolos, nunca tiveram um público tão atento e silencioso.

Começou. As moças dançavam como as cabeças dos espectadores. “Cadê ela?! Cadê ela?!” “Ali, ó. Aquela de roupa azul.” “Mas são várias! Bem que a TV poderia ser maior, né?”, observou um vizinho. “No final fico mais visível”, disse a dançarina aflita. “Pssiu!”, repreendeu a mãe. Para aquela platéia, os 30 segundos foram eternos. Quando o balé iniciou os movimentos finais, a bailarina inclinou-se instintivamente para a TV. Na tela, no canto superior direito, uma tarja branca com o nome do produto apareceu e foi escorregando em diagonal. Foi entrando... entrando... e parou, escondendo ao fundo seu rosto negro tão bonito.

DOMINGO

Naquela manhã, mamãe acordou de mal com as palavras. Quando saímos do quarto, cada um a seu tempo e ritmo, já a encontramos muda. Ou quase. Era domingo, dia em que mais cantarolava, e sua introspecção nos deixou intimamente em estado de alerta.

Durante o café, meu olhar interrogava os quatro menores, que me davam de ombros. Tuninho, o mais novo de seis anos, além dos ombros, mostrou-me

as palmas das mãos, o lábio inferior e arregalou os olhos em negativa. Mamãe, vindo da cozinha, o surpreendeu no exagero deste gesto, mas, graças aos seus chinelos, encontrou os demais com olhos fixos no pão que ia do prato à boca. Papai não estava conosco, pois dobrou o turno de trabalho, e só chegaria à noite. No seu lugar, a mudez sentara-se à mesa. E poderia ter feito uma ceia farta...

Ao longo do dia, tentando decifrar aquela hóspede incômoda, fazíamos retrospectivas do nosso sábado. Eu, com quinze anos incompletos, dirigia os interrogatórios. No fundo, não esperava revelações das minhas irmãs e irmãos. Aquele silêncio era absolutamente estranho a todos nós. Um silêncio quase sem pausas, sem resmungos. Feito somente de respiração.

Poucas coisas a deixavam tão assim: para si mesma, e nenhuma delas, que lembrássemos, havia acontecido. Não havíamos brigado a ponto de bater um no outro, nenhum vizinho se mudou deixando dívida na sua quitanda, nem papai se atrapalhou na compra de mantimentos para a casa, ou roupas e sapatos para nós. Aliás, estas confusões eram o que mais faziam mamãe zangar-se – e calar-se. Eu imaginava que por causa do constrangimento de ir trocar os alimentos, ou pedir à costureira vizinha para acrescentar nesgas nas roupas, fazendo-as caber em algum de nós.

Nada disso ocorrera, entretanto, e ainda que houvesse ocorrido, o silêncio daquele dia era maior que tudo. Seria preciso ter acontecido todas aquelas coisas juntas para que as palavras sumissem, como sumiram. Desde que viemos da Bahia, foi a primeira vez que me senti numa casa estranha, numa cidade estranha. Eu tinha certeza que papai resolveria aquele enigma. Mas a que horas ele chegaria? Naquela época, o Recife sendo bem menor que hoje, do Pina até o Engenho do Meio era quase um Capibaribe!

O fim de tarde na “avenida” de pequenas casas em que morávamos – na verdade um beco sem saída – foi quieto, como sempre, mas achávamos que a culpa estava em mamãe; que sua mudez, não se contentando em ocupar toda a nossa casa, saíra à rua, calara o mundo, e por isso a noite chegou sem ruídos.

No quarto havia dois beliches. Uma das camas de cima era só minha, a outra, da irmã logo depois de mim e do caçula. A irmã e o irmão do meio, que ainda faziam xixi na cama, dormiam nos leitos de baixo. Aquela visita inesperada e misteriosa nos arrastou mais cedo para o quarto, e cada um de nós teria uma companhia ao dormir. Pedacinhos de silêncio.

Eram 23:45h. O que me assustou mais não foi ter sido acordado diante daquela luz acesa, e sim estar ouvindo a voz de mamãe novamente. Ela sacudiu levemente minha perna e chamou meu nome, até me ver sentado na cama protegendo os olhos da claridade. Fez o mesmo com todas as crianças.

Nem o rumor de tampas e panelas sendo mexidas, que nos chegava da cozinha, nem o estrondo das duas frases que mamãe iria nos dizer eram, naquele momento, mais importantes para mim que a sua própria voz. E quando ela acordou o último de nós, sumiu ao corredor, retornando alguns segundos depois com três crianças pela mão. Parou na porta do quarto e disse:

– São seus irmãos. A partir de hoje, dormem com vocês.

E saiu do quarto, fechando a porta entre ela e nós.

Aos poucos, fomos tirando aquela mudez de debaixo dos nossos lençóis. Cochichando, eu acalmava os menores, lembrando que éramos sempre solidários com as pessoas, e daríamos um jeito de acomodar os pequenos no quarto.

Mas custou fazer dormir a queixa de que papai poderia ter avisado...

MUKONDO

Aos tatas Esmeraldo Emetério de Santana (Seu Benzinho), in memoriam,
e Esmeraldo Emetério de Santana Filho (Chuchuca)

"84!" anunciou o coveiro com certa satisfação, como se prestasse um grande serviço ao público. Na pequena multidão que ainda cercava o túmulo, diversas pessoas, pronta e discretamente, se puseram a anotar o número anunciado. O próprio coveiro, pedreiro, tirou um lápis preso na orelha e, arrancando um pedaço da lápide branca do túmulo vizinho, anotou a dezena que certamente seria sorteada no jogo de bicho logo mais. Findado o ato, os parentes próximos do morto já afastados do túmulo, aquela aglomeração dispersou-se.

Um cortejo ralo de almas viventes subia, lento, a ladeirinha de saída do cemitério. Os familiares, em pequenos grupos, retornavam custosamente ao seu próprio mundo, cada um abraçado às suas memórias em relação ao falecido. Conjecturavam a morte.

A mãe, D. Ismênia, e o filho mais novo saíam, outra vez, tão juntos e sós do cemitério. Nuvens precipitavam-se em gotas; a chuva alimentava suas lembranças... Dinho, como era chamado o caçula, ainda não se refizera plenamente da morte da irmã que o criou, oito anos antes. Nem a mãe. Com a morte de Rosa, se Dinho perdia uma segunda mãe, D. Ismênia enterrava a primeira das suas "crianças". A vida pelo avesso. Rosa era uma filha confidente, daí um sentimento de orfandade particular entre mãe e filho. "Meu dengo... minhas candongas", a irmã dirigia-se a ele carinhosamente. Naquele enterro, Dinho sentira como se qualquer outra morte - até a da mãe! - seria uma morte menor, aceitável. Mas ainda à porta do cemitério, como que lendo seus pensamentos, a mãe o advertiu:

– Uma morte nunca prepara a gente pra outra...

E assim estava a família, despreparada, quando chegou a notícia do acidente no setor de produção da refinaria onde Roberto, o filho mais velho, trabalhava. O almoço dominical calou-se imediatamente, e quase todos voltaram os olhares

para a matriarca. Sem dizer qualquer palavra, D. Ismênia levantou-se diligente, após afastar o prato com a comida. Não tinha pressa ou vagareza. Continuando a mastigar o que lhe restava à boca, providenciava sua ida à refinaria. Os adultos dividiram-se: uns choravam baixinho, reprimindo os maus presságios, uns tomavam as mesmas providências da mãe e outros a seguiam pela casa ajudando-a a preparar-se. Ela não olhava para trás, nem para os lados. Andando, largava uns chinelos e calçava outros – alguém apanhava os primeiros. Antecipando-lhe os gestos, uma filha lacrimosa procurava brincos adequados, enquanto outra lhe trazia o relógio e colocava em seu pulso. Um dos filhos que a acompanharia foi à própria casa, no andar de cima, trocar de roupa. Raimundo, o Dinho, que estu- dava em Salvador e chegara naquela manhã, iria com a roupa do corpo.

Muita gente já se aglomerava no portão da refinaria e os três iam passando em ziguezague por entre as pessoas. Não havia pressa, mas alguma ansiedade os fazia elevar os olhares acima das cabeças à frente enquanto andavam. Aos pedaços, o relato do acidente ia chegando à família, narrativa que ora repetia-se, ora avançava com mais ou menos exageros:

– ... aí o óleo subiu num rojão e torou o braço do cabra! Foi aquela misturada! Era preto, era vermelho, era preto, era vermelho...

– ... diz que tavam futucando o lugar de sair o óleo e aí...

– Parece que ele foi dar a mão pra socorrer o camarada...

– ...a segurança é mínima...

Cruzaram a portaria e caminharam até a recepção. Lá, o clima não era de curiosidade, espanto, ou dúvidas: era o desespero. O funcionário de Serviço Social, após ler a lista de nomes dos mortos, – foram cinco – informava que a empresa já havia providenciado o traslado dos corpos para o Instituto Médico Legal.

Ao ver D. Ismênia e os filhos chegarem, uma velha veio ao encontro deles, deixando o marido e as filhas para trás. Braços abertos, lágrimas em profusão.

– Ninha, ô Ninha!, clamava a D. Ismênia, olhando para cima e balançando a cabeça negativamente. – Nossas *criança*, Ninha! Nossas *criança*!

D. Ismênia estacou e os filhos a ultrapassaram pela primeira vez, indo buscar mais informações. A anciã a abraçou, desabando a cabeça e o pranto sobre seu peito: – Ô Ninha, nossas criança... nossas criança... repetia e repetia.

– Mas isto não é justo, minha mãe, ponderava lara, uma das filhas.

– Não. Já disse. Esse povo que fique lá com seus batuques. Eles têm a religião deles, e nós temos a nossa.

– Concordo com mamãe, disse Dinho, apoiado por outra irmã. Será que nem da alma de Roberto saberemos cuidar?

– Gente, vocês não estão sendo sensatos, insistiu Iara e, virando-se para a mãe: – Eu também acho mamãe que nós e as pessoas do Maiangê somos de religiões diferentes, mas a *nossa* religião não era a de Betinho, a *delas* é que era.

A discussão ocorria na manhã do sepultamento, numa acanhada sala fornecida pela administração do cemitério. Roberto era *tata* de um terreiro de candomblé, um auxiliar direto da mãe-de-santo, cargo que exercera muitos anos e com dedicação. O Terreiro Munzo Maiangê enviou uma delegação para comunicar à família a necessidade de realizar alguns rituais para o falecido. Não disseram quais, mas o que fosse precisaria obter a permissão de sua mãe biológica, tanto quanto da orientação da mãe-de-santo. Iara, que passou a ser a filha mais velha após a morte de Rosa, era a mais próxima do finado Carlos, seu pai, como também de Roberto. Além disso, era naturalmente conciliadora.

Quando, por fim, D. Ismênia foi convencida, todos saíram. Eram sete horas da manhã. Uma das filhas de D. Pureza, a velha chorosa do dia do acidente na refinaria, estava à frente da comitiva religiosa – seis pessoas: três homens e três mulheres, duas das quais serviam café, cuscuz e mingau, na entrada do cemitério, oferecidos pela comunidade do terreiro. “Até aí, tudo bem!” – dissera um dos irmãos de Roberto, ao saber da oferta. A comida franca atraiu gente de vários outros velórios.

A sala onde repousava o corpo do petroleiro morto estava vazia e a quietude se espalhava pelas demais dependências do cemitério. Nos banquinhos de madeira à frente daquela sala, pessoas recostadas em colunas e paredes ainda dormiam o sono profundo começado às altas horas, após muitos causos contados. Ocupando um dos bancos, quatro emissários do Terreiro Munzo Maiangê aguardavam, pacientemente, o veredicto da família. Àquela hora, e desde às 5:30h, eram os únicos guardiões do morto. Levantaram-se, quando a família se aproximou.

– Podem comunicar à mãe de vocês que, quando precisarem, ajudaremos no que for possível – comunicou D. Ismênia.

Todos cumprimentaram a mãe do seu irmão-de-santo e Iara, a quem tinham como cúmplice. Já iam saindo, quando a senhora ainda disse:

- Vocês estão indo ou vindo da feira?

O grupo parou, entreolhando-se surpreso, ao que ela apontou para a sacola na mão de um deles.

– Ah! Estamos voltando. Nós fomos cedo – explicou a líder do grupo.

– É que preciso avisar a Seu Matias das Cabras a hora do enterro, mas eu mando um dos meus, obrigado – completou a senhora, observando o grupo se afastar com suas roupas alvas, “brancas como a morte... como a transcendência”, foi o que seu filho, um dia, tentara lhe explicar.

Ao passarem apressados pelas moças do café, uma delas chamou alguém da comitiva.

– Dandaji! Como foi lá?

Um homem de uns 24 anos regressou até elas e informou sorrindo:

– Tudo bem. Ela disse que, *quando* precisarmos, eles ajudarão no que for possível.

Deixou as moças com igual sorriso nos rostos, e voltou rapidamente para se incorporar à comitiva, sendo repreendido pelos demais que não interromperam sua marcha. Até a hora do enterro, para alívio de D. Ismênia, ninguém foi fazer qualquer ritual e ela julgou que o bom senso havia prevalecido lá entre eles...

Tata Dandaji passou parte da noite anterior ao enterro treinando as cantigas que conduziriam o caixão até o túmulo. Nunca havia feito isso e seguiu à risca a orientação de um mais velho quanto ao ensaio. Pode, mas seja reservado. Já em casa, trancou-se no banheiro e pôs-se a zunir as cantigas para uma noite paciente. Entretanto, apesar de seus esforços de pronúncia *da língua*, de seu preparo, quando o caixão saiu, seu canto não passou da primeira fase:

– Tambo Wafa... – logo foi interrompido por um coro de vozes femininas e propectas:

– Segura na mão de Deus! Segura na mão de Deus... – cantaram, com força, D. Ismênia e outras beatas da paróquia.

O jovem encheu os pulmões se preparando para a disputa, mas o olhar de outro *tata* conteve seu ímpeto e Dandaji expirou, devagar, o seu desapontamento. Sentiu-se vingado quando alguns Inkisis incorporaram em filhas e filhos-de-santo que acompanhavam o cortejo. Kaiango, Kavungo, Inkosi, Kitembu... Para ele, foi como se aquelas sérias e silenciosas presenças, com seus olhos fechados e seus pés descalços, entoassem os cânticos que ele desejava e pairassem sobre todos, acompanhando o cortejo até o seu final.

Um dia após o sepultamento, alguém se lembrou de Vovó Juca, a avó do falecido marido de D. Ismênia. Em meio às tristezas e demandas que uma morte exige ninguém se lembrou de dar à velha Juanina uma importância maior do que a que lhe era reservada no cotidiano: a comida e a bebida depositadas na mesa da sala de sua minúscula casa, nos fundos da principal. Pratos e copos recolhidos e lavados logo após o uso. Uma rotina imposta, de certo modo, pela própria anciã. Vovó Juca, mais reclusa que nunca, já arrastava com dificuldade seus 96 anos e estava ainda menos disposta a contar histórias no tamborete da porta de casa, seu horizonte, e “de onde ainda se vê o céu”. Em verdade, aquele esquecimento era porque sabiam que ela sempre estava a par das coisas à sua volta, com opiniões sinceras sobre aquilo que apreendia – o que poderia ser, inclusive, motivo para não se querer ouvi-la.

A casa de D. Juca, agora um apêndice da principal, era a construção mais antiga daquele terreno e assistiu as moradias se expandirem para os lados e para cima em torno dela. Foi na porta da casinha que lara, encarregada de dar a notícia, encontrou a bisavó. Ali, onde transbordava suas reflexões pelo olhar, pelas raras palavras, pela fumaça do cachimbo. Como todos faziam antes de falar com a anciã, lara aguardou alguns instantes em silêncio. Ninguém jamais questionou a origem deste ritual, nem seu significado. Quem chegava simplesmente ficava em silêncio, como a esperá-la, talvez, retornar de algum lugar desconhecido. Quando julgou conveniente, lara falou baixinho.

– Vovó... Betinho... – e emendando a pausa da bisneta, ela disse mornamente e olhando para o céu:

– Foi pro sererê... – é o que sempre pronunciava quando lhe contavam de algum falecimento. Após tantos anos, lara achou que era o momento de perguntar sobre isso.

– Sererê, Vó?

D. Juca pitou o cachimbo e suspirou com a fumaça:

– ...é lugar de quem nunca veio... pr'onde vai quem nunca *vorta* intero... – e não falou mais naquele dia.

A missa pelo sétimo de falecimento Roberto Luz coincidiu com o início das cerimônias fúnebres – Mukondo – consagrando o 21º ano de morte do Tata Inkisiani Sinésio Diangongo, sacerdote que fundou o Terreiro Munzo Maiangê. Seriam sete noites. Dinho retornara da capital e, ao saber das atividades religiosas, comunicou à mãe a decisão de ir ao terreiro do irmão em uma daquelas noites. A natureza dos ritos não o amedrontou, e até aguçou seu interesse. lara, a mediadora, não poderia acompanhá-lo, mas nada a temer: ele já notara a grande disposição que a gente do candomblé tinha para a paz.

– O que você perdeu lá? Você parece que não crê nem mais em Deus, quanto mais naquelas entidades, reagiu a mãe.

– Se o espírito de Betinho pode baixar lá, alguém da família deve estar presente... quem sabe não tem algum recado pra nós, retrucou Dinho, num misto de ironia e desafio.

Sendo o caçula, Dinho foi o que menos vivenciou os conflitos religiosos entre a família e “o povo do Maiangê”, como D. Ismênia referia-se à comunidade do Terreiro. Tais conflitos foram agravados com a iniciação de Roberto, levado ao terreiro pelo próprio pai, Seu Carlos. O patriarca da família Luz frequentou por quase três décadas aquele Terreiro, sem ter tido coragem de iniciar-se, pondo em risco o namoro ou, depois, o casamento. Quando o filho mais velho, ainda menino, demonstrou gosto pela religião, ele festejou consigo mesmo. Dez anos depois, Roberto iniciou-se e Seu Carlos, que costumava dizer que morreria feliz “só por isso”, faleceu quatro meses após a iniciação do primogênito. Tata Wi-

zanvulá. Foi como Seu Carlos chamou o filho, do dia da Confirmação até a sua própria morte, abolindo o nome Roberto Carlos, como o seu. No íntimo de todos os parentes, com uma ou duas exceções, habitava um ciúme pelo fato de a comunidade de terreiro ter conquistado os dois “principais” homens da família, na época.

Dinho crescera em meio a esse enredo. Contudo, o ambiente universitário da Capital e, sobretudo, as reflexões que chegavam até ele, suscitadas pelo Movimento Negro, não lhe permitiram exacerbar, como os demais parentes, os sentimentos de antagonismo em relação ao Terreiro Munzo Maiangê. Mas daí, à crença...

Anoitecia. Embora nunca houvesse entrado no Maiangê, Dinho sabia onde ficava o Terreiro. Às vezes era preciso parar numa ou noutra casa para receber condolências.

– Sua bênção, D. Rôxa.

– Ô, meu filho! Deus que lhe abençoe! Diga a sua mãe que eu tô muuuito sentida, viu?

E mais adiante:

– A benção, D. Guilhermina.

– Deus que lhe dê saúde, meu filho! Meus *pesmes*, viu? Ó, diz pra Ninha que eu num fui na missa, mas que amanhã eu passo lá. Eu num ando muito *católica* com esse padre *muderno*, não... – justificou-se.

Pelas ruas calçadas, sinuosas e íngremes que seguia, Dinho era empurrado por pensamentos e sentimentos díspares. “Há 30 anos isso aqui deveria ser um brongo só! E aquele pirralho ainda vinha acompanhando o velho brôco... Haja fé!” “... mantiveram seus sistemas religiosos sob tanta adversidade!” “Não custa agradecer pessoalmente...” “Será que aqueles feiticeiros adivinham que estou indo lá?” “Acho melhor voltar daqui...” “Mas eu quero ir...”. Para além da curiosidade, movia-o um tímido desejo de conciliação, um estranho sentimento de gratidão que, longe da mãe, batia as suas asas incertas.

O vento soprava em seus ouvidos, como se também quisesse dizer-lhe algo. Após dobrar uma esquina, seu coração deu saltos. Um batuque surdo chegou até ele e, olhando para o final da rua, à esquerda, divisou as copas das árvores do terreiro, em contraste com os muitos telhados fora do espaço religioso. O som que lhe chegava crescia em volume e acelerava seu coração. A dez metros da porteira do Maiangê, conseguiu controlar-se, mas quase ao pisar no batente do grande portão foi novamente surpreendido. Um homem, que não percebeu sua aproximação, arremessou um punhado de farofa branca para a rua e, como ele estava bem atento, pôde desviar-se sem ser atingido. Acompanhando o senhor, um rapaz com outros recipientes na mão. Por um breve instante o homem o olhou – Dinho teve a impressão que com discreto contentamento – e logo con-

tinuou a atividade, derramando outras porções na rua. Objetivos e calados, os dois viraram-se e retornaram para o salão. Dinho não os seguiu imediatamente. A dúvida, senhora dos seus passos. E agora? Pareciam tão ocupados... Quem sabe voltar outro dia? Fingia observar as árvores ou a rua enquanto decidia o que fazer.

Quinze metros separavam a porteira da porta ampla do barracão, que estava totalmente aberta e, por ali, o Mukondo derramava na noite as suas melodias. Todos viram, portanto, quando o homem de camisa vermelha e calça bege adentrou o Terreiro, mas nem todos acreditavam no que viam. Ele posicionou-se na janela e ficou a observar o ritual. Algumas senhoras, com os olhos arregalados, juravam estar vendo o finado Roberto. Dinho realmente guardava muita semelhança com o irmão.

– Cruz credo! Até eu achei que era – disse uma senhora ao cruzar por outra, aliviada do susto.

Várias coisas o colocavam em destaque, a começar pela novidade da sua presença. Nenhum dos outros filhos de Carlos jamais havia cruzado aquela porteira. Como todos os participantes da cerimônia estavam dentro do barracão e vestidos de branco, aquele homem na janela parecia um incômodo foco de luz. Dinho, numa certa medida, previu e preparou-se para aquele estranhamento e, assim, permaneceu comodamente como espectador, resistindo a dois convites para entrar e sentar-se. Entretanto, foi polido.

– Não, obrigado. Eu já vou me retirar.

O som que ouvira ainda na rua vinha do centro do salão. Sentados de frente para a porta, dois homens tocavam palhas em potes de barro e outro batia numa cabaça com duas varinhas. À frente deles, homens e mulheres revezavam-se dançando. Vinham, cada um à sua vez, de diversos pontos do salão, regressando para seus assentos nos grandes bancos de madeira – algumas poucas pessoas ocupavam cadeiras de alto espaldar. Havia quem dançasse inquieto com aquela presença na janela, olhando de canto de olho para confirmar que não era uma visagem, esperando ver apenas a noite e mais nada.

Dinho estava intrigado, pois esperava ver uma mesa, com as pessoas em volta, de olhos fechados e mãos dadas, emitindo preces e invocando espíritos de pessoas falecidas. Para ele, o ritual espírita encarnava o padrão de comunicação com os mortos. Em vez disso, via o que lhe pareceu uma festa... Mas havia uma sobriedade no ar, apesar de alguma conversa, dos risos, da dança. Ele percebia certa reserva no comportamento das pessoas, que distinguia aquela cerimônia das outras que já vira em Salvador, acompanhando colegas e professores universitários a Terreiros famosos. Diferentemente do gestual tranquilo das pessoas mais idosas, ele observava que as mais novas traziam uma leve aflição nos movimentos. Entretanto, cantavam. O solo era de uma voz feminina que Dinho não via onde estava.

– Mukondoiô tata kamukondoiô...

Pensou em Mãe Nesinha, filha de Sinésio Diangongo e atual responsável pelo Munzo Maiangê. Fixou o olhar em duas mulheres gordas, tentando adivinhar qual delas seria a líder do Terreiro e lembrando o livro de um pesquisador sobre candomblé: “As Iyás... mulheres fartas, com seus grandes óculos quadrados e suas filhas-de-santo em volta da saia”. “Mas onde estavam os mortos?” Também se perguntava, correndo o barracão com olhos em busca de algo sobrenatural. Uma mão tocou seu braço e ele se assustou. A senhora sorriu-lhe amável e disse:

– Você não é o filho de Carlos? Vem. Tá chovendo e a Neengwa Lundwemim pede pra você entrar, falou apontando alguém dentro do barracão. Sentada numa cadeira, estava uma velha magra como sua mãe, porém um pouco mais alta, de olhos graúdos e rosto sereno. Sorrindo e sem parar de cantar, a sacerdotisa fez um discreto aceno com a cabeça, indicando a fileira de homens à direita do salão.

Dinho ia repetir sua recusa para a senhora ao seu lado, quando ouviu, tinha certeza, o nome de seu irmão falecido. Voltou o olhar rapidamente para D. Nesinha, esperando que repetisse o nome de Roberto. Ela não o fez, e seguiu entoando cantigas que ele não entendia, mas de onde, por vezes, emergia nomes familiares, como o do finado Ladu, do Terreiro da Serra.

Dinho já se deixava impressionar pelo que imaginava ser o sentido daquela liturgia, e achou melhor ir embora. Queria se distanciar dali do mesmo modo como as vozes das pessoas lhe pareciam fazer... Ele, porém, não conseguia mover-se, pois o que via retirava de si toda a ação: o homem que dançava diante dos potes era Manoel Carvoeiro, morto muitos anos atrás! Dinho não lhe via bem o rosto, e logo já não estava certo de ser quem pensava. Sem voltar-se para a porta, o homem encerrou sua dança e cedeu a vez a uma velha toda envolta em um largo xale de pano ao pescoço, toda curvada sobre si. Dinho não pôde refazer-se do primeiro susto, pois mesmo que ela estivesse de costas, não tinha dúvida de que a conhecia... Quando acabou sua dança, a velha voltou-se e lhe sorriu. Aquele riso, sempre tão raro e atraente, lhe fez dar um passo atrás espantado. Era sua bisavó Juca! Recuando um pouco mais, se expôs à chuva. Várias sensações o arrebataram. Suas vistas turvavam e sentia a pressão de uma mão sobre seu braço aumentar, amparando-o. Faltava-lhe o chão. As gotas de chuva arremessadas em seu rosto foi a sua última sensação consciente, que lembraria para o resto da vida. Seu corpo rodopiou e, nele, Kaiango veio à terra pela primeira vez.

BREU

(Trechos do romance "Breu", que integra o livro-objeto *Cabidela: Bloco-de-Máscaras*, de Laura Castro. Publicação independente, de 2011.)

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la

Antonio Cicero, "Guardar"

Voltei. Abri a gaveta que havia se tornado um armário. Desenrolei a frota de barquinhos de papel. Decidi transcrever tudo, à caneta. Mas aqueles papéis avulsos não tinham rota. Davam voltas, isso sim. No umbigo, disse um supereu. Não senhor. Suprimi essa parte do texto para não levar outra bronca de Edith e ouvir pela milésima vez que eu não era uma romancista de verdade. De verdade, ela dizia inclinando um pouco os óculos para me fitar, enfática.

Voltando: eu comecei assim, me terminando. Tirei o figurino de personagem - que sou - e me pus a narrar. Era isso sair da gaveta: me pôr nua, me expor à diagnóstico.

Está tudo aqui transcrito, neste rolo de papel, à caneta. É o retrato do artista quando moça. É uma página inteira e só. É um emaranhado de fios. Romance não é mais novelo, tento explicar a Edith. Eles não permitirão, ela diz, em tom de sentença, não te deixarão passar. Eles quem?

às 10:21:00

Luíza olhou cada aresta da casa desmontada, tentando guardar pra si um pouco dela própria, que se desdobrou por aqueles cantos e cômodos naquele último ano. A radiola não estava mais lá e mesmo assim Luíza ainda ouvia *Domingo*, com Caetano e Gal, disco que a fez um dia querer trilhar o caminho de volta, sem que soubesse – e isso talvez já supunha naquele ponto da história – que voltava para um lugar imaginário, onde o nascimento era o único fato, mas não sabia das estações, nem dos rios, nem nada que não fosse mero recorte do grande painel que construiu de sua cidade natal, por vezes folclórica, outras tantas ideal para que começasse tudo outra vez, para que enfim tudo mudasse.

Só que ela escolhera um caminho mais longo. Antes de voltar, Luíza atravessaria sua primeira grande fronteira. Luíza iria para o estrangeiro, virar uma estrangeira. Seriam dois trajetos, duas mudanças: de uma cidade à outra e depois a próxima, a primeira de todas. E por isso, nesta cena, Luíza olhava solene para aquilo que não chamaria mais de casa dali a alguns instantes, que já estava mais do que nua, só habitada pelo o que deixara pra trás – alguns móveis, frascos,

potes vazios de sorvete, produtos pela metade – e dizia adeus a tudo e também àquela janela, que naquele momento era a presença mais forte da cidade, posto que estampada de árvores. Decidida pela partida, mas com grande amor por aquele chão e pela vista daquele fim de asa, o seu território, Luíza trancou pela última vez o apartamento 523.

Ajeitou a mochila nas costas, com o coração num disparo só, e encontrou-se com o motorista que aguardara dizendo você está atrasada e reclamando que os olhos ainda estavam borrados da noite anterior e que provavelmente ainda estava com álcool no juízo. Ele não sabia que o que lhe doía era a grande intervenção de agulhas que fizera no corpo e que a partida era tão aguda quanto a cicatrização daqueles rabiscos na pele. E que a noite anterior foi nada mais que a sensação de que não havia mais tempo, e caminhava nua pela casa com os amigos que tentavam um registro de seus passos e riscos, fotografando tudo em três, dizendo eu te mando tudo por e-mail, e ela, repito, andando nua pela casa feito alguém já sem norte e ao mesmo tempo preparando mapas, guias, endereços e todo o resto para a partida. Sorria de desespero, se o fazia. Por que diabos havia escolhido algo tão grande, tanta mudança numa só? Luíza e seus amigos – os co-autores – se demoraram horas naquele quarto construído para que fosse cenário, encenando sem dramaturgia uma peça cuja personagem principal era a despedida. Sendo que a despedida estava inscrita no corpo de Luíza e datada. Tinha hora pra acabar e já não tinha mais tempo para dizer adeus aos amigos. Já não tinha mais copos nem cadeiras nem sossego. Me desculpe, meus amigos, mas preciso morrer um pouco. Enviaria a mesma carta para muitos destinatários, depois, com tempo, mas agora precisava sair de cena.

Ela foi o trajeto todo meio surda, talvez nem tão solene como antes, porque sabia que voltaria à capital. Estava deixando pendente uma defesa. Mas ela percorreu o trajeto ao aeroporto com o que agora suponhamos que seria uma felicidade clandestina, uma vez que é isso o que chamam do sentimento furtivo que nos fala alto ao corpo, afiado ao coração e mesmo assim é intensamente oculto, pois incógnito. Chegara. Era hora de descer. Desça, Luíza, vamos, disse ele, enquanto ela ainda se demorava recostada no banco do carro. Ele fez algumas recomendações – e ela ainda meio surda – e no meio delas ela o abraçou forte, mas muito forte mesmo, talvez materializando nele a despedida de todo o resto, e foi a única vez que Luíza chorou naquele adeus, e chorou de medo, rápido, mas alto, sem que pudesse disfarçar, tomando seu pai nos braços porque naquele instante sentiu muito medo de ir embora, de atravessar fronteiras e de mudar de vida. Por que diabos havia escolhido algo tão grande, tanta mudança numa só? Depois disse, sem limpar lágrimas nem nada, pois havia sido um choro seco, quase como um uivo, obrigada por me comprar essa passagem, por me deixar passar. Obrigada por me dar teus braços para que eu possa alçar este voo. Obrigada por me ensinar que a vida pode se navegar sem medo e sem bússola. Obrigada. Eu dou notícias quando puder. Tchau.

às 23:46:00

Deixei de lado os pretéritos e escolhi voltar ao presente para falar do passado, para coreografar a grande roda. Cato algumas tachinhas de ferro e perfuro o bloco na tentativa de grafar um trajeto. Escurece e não posso mais ler minhas anotações. No entanto, a única luz, a da tela, ilumina meu rosto tal qual um holofote e não abro mão deste prazer por nenhuma letra ou item sequer que me guie. Vou assim, tateando as teclas e formando palavras no breu, só guiada pela cena que eu mesma indico aqui, no instante-já e neste feixe de luz que me põe no palco. Recorro ao monólogo para lembrar-lhes como cheguei aqui. Preciso do ato, da narração em ato para organizar essa montanha de post-its que agora estão escuros na mesa.

Começo pelo retorno, mas levanto um pouco para deitar-me e relembrar a partida. É domingo e nada é tão veloz assim num domingo.

às 19:02:00

Luiza Breu me reapareceu na sombra de uma grave tempestade que se formava, há dias, no céu da cidade. No escuro do cômodo, entre as nuvens negras da janela, que antecipavam a noite que não terminaria, avistei a moça, recostada na parede, a recortar cicatrizes no próprio corpo. Ao seu redor, bacias de água onde boiavam restos de folhas de papel.

Ao notar minha presença, ela me olhou fundo, com os olhos inchados e disse “os abismos. novamente os abismos”. E assim, pôs-se a perguntar, repetidamente, a cada retalho, entre lágrimas negras de lápis de olho, por que eu não havia lhe dado enredo melhor. Diferente, ao menos, questionava furiosa.

Não fui capaz de verbalizar um só signo, como se tivesse em minha frente um fantasma que me roubava a voz. Continuei apenas mirando a cena, de um canto do quarto, onde só era capaz de mover os olhos e escutar, junto com a tormenta das águas que já desabavam, os refrães que Luiza Breu repetia em ladainha.

Quando a noite se espalhou uniformemente em seu manto, ela saiu de cena e era agora eu quem, sem dar-me conta, repetia os mesmos gestos, como que tomada por aquela aparição já ausente. Percorri cada uma das feridas da carne, lhes devolvendo vida, solfejando as mesmas notas das partituras de Breu. Novamente os abismos, a velha espera, o abandono canalha de Luiza.

Já consciente da manobra, então, acendi os abajures de lâmpada negra, em busca de respostas e alguma luz. Foi quando me deparei com as minhas letras, em pedaços encharcados de papel, inundando todo chão do quarto. Ela havia derramado as bacias de mentira antes de partir, me obrigando a permanecer presa, como ela, ao que eu criei. Foi assim que fugi, novamente, para a terceira pessoa. Era a única saída para conter a enchente em que se transformou aquele novo canto.

às 03:55:00

Sempre virá. A solidão não existe. Nem o amor. Nem o nojo. Odeio quando te enganas assim, girando entre as panelas. A vida é agora, aprende. Ainda outra

vez tocarão teus seios, lambeirão teus pêlos, provarão teus gostos. E outra mais, outra vez ainda. Até esqueceres faces, nomes, cheiros. Serão tantos. (...)

Tenho medo de continuar. E não suportaria parar, ondas de lemanjá.

Caio Fernando Abreu em *Dodecaedro*

Começo da noite: eu disse à 4ª pessoa, citando Rosa: o que a vida quer da gente é coragem. Mas ela foi embora antes, e perdera o mais grandioso dos momentos.

Começo do dia, fim da odisséia, só as 3 agora: tá vendo, Doralice, a vida só se dá pra quem se deu; pra quem se deu no início, sem pedir nada em troca; nada além do que o universo ofereça, no horário que for, mesmo que haja aula, trabalho ou faltas demais no sábado de manhã.

Foi a mesma conclusão da semana que antecedia o carnaval. E me lembrei da primeira noite de Paco na velha cidade. Depois de uma longa seca e outonos invernos e meses de abstinência de seu passo, eu disse, de manhã, com a cara de ontem: viver é melhor que sonhar; viver é melhor que lembrar, Paco.

Saímos do inferninho com o dia claro de verão e não hesitamos em nos jogar no mar, de jeans e tudo, embora tenhamos trazido mais areia do que lavado a alma suja de madrugadas de esperas e saudades.

O que mais nos intrigou, no entanto, foi o cheiro de lavanda que nos invadiu. Lembro, como se pudesse sentir aquilo tudo de odores, cores e sons, quando nos aproximamos da beira, para primeiro molharmos os pés, naquele espetáculo imenso de pedras, ondas de alto diâmetro e pouca faixa de areia. Respirei um cheiro forte de alfazema, o mesmo das oferendas de Janaína no dois de fevereiro. Inspirei de novo. Novamente o mesmo cheiro. Olhei pra Paco com os olhos arreganhados de crença e dúvida e, antes que dissesse qualquer coisa, Paco me perguntou se eu também sentia aquele cheiro forte que nos invadia. Com a confirmação um do outro, outra presença se fez entre nós.

Foi o primeiro dos muitos dias de mágica.

E foi ali, no buraco do Rio Vermelho, que começamos a entender, através dos sentidos, a força estranha da terra de todos os santos.

*

Fui catar pedras naquele sol inacreditável nas primeiras horas de dia claro, depois de o dia anterior ter desabado em tempestade que impediu os mais prudentes a não arriscar nada naquela sexta-feira. Era uma linda manhã que se formava enquanto nós dois e toda a trupe ibérica passávamos a chuva grossa no calor suado de mais um inferninho. Catei as pedras nas poças de água da maré incrivelmente baixa para um mar de ressaca. Avistei uma pedra grande, dessas que guardariam boas recordações numa prateleira. Duvidei que estivesse solta, mas estava. Sei que, sem muito pensar, virei de costas e, vendo Antônio

sentado abraçado aos joelhos em cima de uma pedra, disse “magma”. Mostrei a ele, em uma das mãos, vermelha e molhada, aquilo que era como um presente, qualquer coisa como uma oferenda. Afirmei, sem nem saber se era geograficamente correto fazê-lo, isso era magma, era vulcão. Olha, antes, não seria capaz de segurar assim, sem me queimar. E agora é frio, é sólido e, ó, era parte dessas pedras grandes e agora é só um pedaço. Foi a chuva que partiu essas rochas que trago nas mãos, os dias de tempestades de ondas e caldos que soltaram esses pedaços, pensei e não disse, já que nem tudo acompanhava a cena pela oralidade. O gesto já era por si só carregado de sentido. Mas disse, toma essa pedra, a maior delas, leva contigo como um pedaço de lembrança sólida deste alvorecer. Toma essa manhã que lhe enviaram, esse pedaço que a terra te cedeu. Eu coloquei a pedra na mão de Antônio e disse: era assim que teu povo devia ter aportado nesta terra: sabendo pegar só o que ela oferecesse. Antônio me olhou com seus ardentes olhos de mel e, naquele sorriso doce de quem estava em trânsito, de quem partiria a algumas horas dali, me disse, o que tomei como sincero pela solidez daquilo que ele guardava em um dos bolsos, que nunca se olvidaria daquele instante.

Eu nada pedi, nem roubei.

**

Os estrangeiros brincavam de circo na praia do buraco. Eu, nativa, andava em direção ao ponto da praia onde quase morri naquela quinta-feira de carnaval. Quanto mais me aproximava, mais forte as ondas me buscavam na beira, como se tivessem ímãs as minhas pernas.

Olhamos por muitos minutos o espetáculo das ondas. Olhamos em silêncio, por muitos minutos. Era bom o silêncio para observar aquilo. Não precisava de palavras para entender porque não era algo que se entendesse: só os olhos eram capazes do prazer estético de assistir a particularidade de cada uma daquelas ondas quebrando no mar. Aquilo não se traduzia, não se fixava em idiomas.

Rúlio quebrou o silêncio me dizendo que queria um barco para sair navegando. Como um Marinheiro, perguntei com auto-ironia. Si. Tem que ter coragem pra furar essas ondas e alcançar o alto mar, né? Rúlio respondeu que exatamente essa era a graciosidade de se navegar; e era meio como o ciclo da vida, o redemoinho das horas. Como os surfistas são corajosos, disse rindo, já com a cuca encaracolada na onda; já longe, talvez numa ilha. Mas eu queria era estar todo cercado de mar, ele disse. É, afinal, os surfistas sempre voltam pra terra, e estão com o pé amarrado numa cordinha, complementei a fala. Eu queria um barco, Rúlio disse, e queria só ver mar na minha frente.

Voltamos ao silêncio.

Lembrei que ela havia me dito que era melhor assim, que era melhor não dizer adeus. Despedidas são doloridas, ela disse e eu não esqueci. Era melhor não cometê-las.

Chegada a hora, já com o sol a pino, recusei-me a rabiscar endereço, a gravar números, sem nem saber quão dolorosa seria, horas depois, aquela perda de terra firme, a impossibilidade para sempre de retorno, de cruzar nossas rotas no mapa. Nunca mais veria aqueles olhos de sal, esses olhos de mel. Mas Antônio levava na pedra, a maior delas, a miudeza de minhas palavras e a imensidão daqueles minutos mágicos que só a nós foi dado. Eu levaria apenas, ou melhor, tudo aquilo que se resumiu aos fios laranja, ressaltados pelo sol na barba negra que roçava em meu verso, enquanto dormia no trajeto de despedida. Foi só a metáfora daquele instante que levei comigo. Aquilo e um gosto amargo da madrugada-dia. O gosto de quem chegou tarde.

O navio de Antônio partiu logo, horas depois.

De volta ao quarto, quando incrível e ocultamente a chuva já molhava a janela, ainda na mesma manhã, como se o sol tivesse sido secretamente só para nós, Doralice me perguntou por que sempre tinha que acabar. Eu disse que não sabia, mas era bom o que já havia sido, ainda que eu mesma tentasse me dissuadir daquele gosto de fim, dissolvendo em outras doses a sede que Antônio deixara em mim. Depois de todas as pedras distribuídas, me restaram duas. Escolhi a mais bonita delas e dei a Doralice.

Dois dias depois, rumamos, novamente com a 4ª e agora mais a 5ª pessoa, para o centro histórico da cidade. Caímos numa praça, num bairro chamado de Santo Antônio e cosmicamente tudo recomeçou no semblante de riso de novos marinheiros a nos apontarem o mar de estaleiros na escadaria da cidade alta. Doralice, eu bem que te disse.

Mas não espere nada, Doralice. Isso lá é tolice.

às 11:03:00

Agora já podes entrar.

Senta.

E continua quando a escolha certa é parar.

Depois de um longo silêncio,

A senhora destino entra, senta, sorri.

Com o rosto inteiro sorri.

Como um corpo que dança, sorri.
Cada ruga, uma lembrança.

Cansadas as pálpebras
se curvam
e os olhos se fecham para ver-se

(Léo Mackellene no Livro dos mais *pequenos silêncios*)

A profissional de saúde disse que é uma bomba de endorfina a paixão. Que nem droga, pode virar vício, advertiu. É químico, nada mais. Somos viciadas em endorfina, ela disse. Mas, olhe, o iodo da cidade litorânea deixa a vida mais fácil e lânguida.

*

Ceci me aparece com sua palidez defunta na luz amarela de um dia de semana. Ela vem, anda um pouco, saindo do quadro de depressão do seu quarto de bonecas. Ela recorda amores nos meus ouvidos, me narra as cartas do 1º amor e ensaia a valsa dos 15 anos no círculo da pista de *cooper*. Já sei e mesmo assim ela diz que queria voltar atrás. Eu disse calma, que não se flui o que não é fluído. A paixão é uma coisa que te pega por trás e dá uma rasteira, Ceci. Por isso, pode andar olhando pra frente, distraída. Eu não sei passar, me disse. Eu também não sei. E agora?, provocou. Não espero. Até quando? Passo.

Meu tempo de menina me fita naqueles olhos carentes de vida real. Vejo o tempo que não passou, porque empacou na espera. O tempo que ficou na vida vazia de dois.

Ceci é a 5ª pessoa. A 5ª pessoa era Ceci.

**

Éramos cinco naquele dia. Relutei em sair de casa, destruída pela ressaca do anteontem, mas cedi ao convite insistente da 3ª pessoa. Impus uma condição entretanto: que a gente fosse pro lado de lá. E eu exigi, até o final, que o trato fosse cumprido.

Foi assim, com um cácacá mal-humorado de palhaça bêbada, de voz grave e palavrões sujos, que integrei aquela orquestra de agudos femininos abafados no carro que seguia confuso para o centro da cidade.

Paramos numa praça, finalmente por unanimidade, dessas com igreja na frente, crianças ao redor e, no caso desta, com um batuque ecoando vindo não sei de onde enquanto as carolas cumpriam seu dever na missa de domingo. Meus olhos foram imediatamente hipnotizados pela vista para o mar da cidade baixa.

Um largo muro nos separava do despenhadeiro que ligavam as duas cidades. Encontrei um coração inscrito na pintura descascada da pilastra e parei na calçada para enquadrá-lo. Foi nessa hora que João e Pedro atravessaram a rua de pedrinhas, intersectaram nossas retas e tremeram a minha foto.

Pedro tinha um par de contas verdes nos olhos que imobilizou os meus por todo o tempo daquele súbito e improvável encontro. Mas foi a voz de João que ouvi primeiro, quando, outra vez no impulso da aceleração do anteontem, fui atrás de movimento. Ele estava parado e só, na porta da igreja, enrolando um fumo, quando pôs seus olhos gelados e silenciosos sob os meus.

Começou ali e eu já estava no ciclo.

E foi Ceci que os convidou para sentar no bar da cruz, quando descemos todos a ladeira. Nenhuma delas teria tal impulso naquele momento, incluindo eu, que já havia ensaiado um.

Éramos cinco naquele dia. João escolheria qualquer uma das 5 para atacar. Talvez até mais umas do que outras, incluindo a mim. Mas ele sentou do meu lado, por acaso. João sentou do meu lado e Pedro uma cadeira depois. Ceci continuou à minha esquerda, doida pra que um deles fosse aquele que viria lhe tirar do abismo. Um dia viria, essa era a única certeza nos seus longos dias de nada. Mas Ceci tinha uma gagueira infantil, e continuou invisível para o destino e inaudível para os desconhecidos.

Ninguém seria capaz de ouvi-la, a não ser nós 4, que mesmo assim não aprendemos a deixá-la falar.

Entrei na casa como se algo mais forte que meu corpo, que diga-se de passagem estava absolutamente adormecido, me puxasse atrás da porta. Quando penetrei a primeira delas, um cheiro absurdo de memórias me encontrou. Tive águas nos olhos e arrepio nos pelos quando imediatamente inspirei o cheiro da casa de minha vó pelas narinas. É o cheiro da casa de minha vó esse, dividi com os estranhos, que não entenderam quão imenso era o espaço pra onde aquele, físico, havia transportado meu corpo.

Era um cheiro de casa. Uma casa com cheiro de muitas décadas que descascavam a tinta das paredes, que enchiam de cupins as portas, que mofavam todo o resto, mas que fazia, e fez, daquele chão terra firme para os meus pés.

Reencontrei o cheiro da casa de minha vó ali. O cheiro que já não havia. O cheiro, há muito morto no passado, da casa do corpo de minha vó que já não existia, da alma de todas nós que viemos de dentro dela.

Entrei naquela casa que virou abrigo, gaiola, mas que sobretudo deixou outro cheiro em mim. Um cheiro novo, químico e lânguido. Ali me estendi todo ciclo junino de santo antônio, são joão e são pedro. Ali expandi o ano que enfim se movimentava pra fora, pro lado de lá, no colo da casa de João.

Curei a terra no chão de sua casa, na casa de seu corpo. Tirei as sementes das mãos, pus na janela com o sol, para secá-las, e me adentrei nas quatro paredes. Sarei a insônia e fechei a ferida aberta pelo sal. Dormi, deixando um pouco de me perceber, para que aquele fluxo me levasse, sem pensar nem narrar nada. Foi a partir dali que entrei em ação. Na verdade, foi a partir dali que reconheci a ação, pois ela já havia começado.

Eu já estava no ciclo quando cheguei ali. Mas foi João quem me levou para sua casa, me tirou do mar, me pôs no chão e me deu um pouco de terra para que eu pudesse arrastar pé.

Para chegar em João criei rotas nos grandes e pequenos veículos de transporte, atalhos em becos e esquinas. E foi com ele que voltei a me aventurar no bonde. Subi, desci, andei, várias vezes, como num passo de dança nunca completo, pois nada daquilo se coreografava. Era impossível grafar o meu movimento com João.

Por isso, segui, distraída, passeando pelos caminhos cruzados das novas linhas em folhas e janelas, por texturas outras nas histórias dos intervalos do ponto.

Corria sangue novo nas veias da minha cidade. E eu começava pelo centro, que era a margem dela.

Eu queria ser que nem você, me disse, com seus olhos de inveja branca.

Somos iguais, Ceci, temos partes idênticas dentro de nós. Eu também rodo, rodo, rodo, até cair. Assim, apaixonada mente, como você. Só que agora, aqui, estou aprendendo a usar o bonde.

Deve ser o ciclo do retorno.

às 10:04:00

Tem umas coisas que saem redondas, outras não. Tem textos que sobram, que deixam um fio solto aqui ou ali, tem coisa que a gente fala e não diz, quis dizer a ele. Quis mostrar que o começo não tinha duas pontas, que era apenas repetido e que era assim mesmo, se derramava e às vezes sobrava, deixando texto demais pendurado no varal.

- Por que você está chorando?
- Porque nada será como antes. Nunca mais. Pra sempre agora.
- E isso é triste?
- Só sei que me faz chorar. Capto das horas esse sentimento, esse gosto de última vez, sabe, e fico de nuvem cheia.
-
-
- Por que você está chorando?

- Porque estou ficando mais velha. Porque o tempo me atravessa. Por isso.
-
-
- Por que você está chovendo?
- Porque está nublado, não vê?
- Não.
-
-
- ...

A outra se viu nos olhos da protagonista. E a dona protagonista avistou a senhora destino, que havia sentado ao seu lado naquele dia de acasos e nunca mais levantado, embora não percebesse. E ao mesmo tempo foi como se o passado a tivesse levado ao novo tempo, pois foram as 5 companheiras de infância que lhe conduziram até ali. E depois daquele dia Luíza se fez drasticamente outra, o que a levou novamente para longe das outras 4. Ela, que era a 1ª pessoa, afinou-se com a 2ª - que lhe soava por vezes estranhíssima no modo de conjugar a vida - para experienciar agora, naquele ponto da história, uma 3ª pessoa. Quanta coisa tinha passado e aquilo tudo tinha cara de começo, pois era ainda a primeira leva de texto da nova história, do novo desafio de viver sem rascunhos e do que nunca caberia apenas num livro só, mas que cabia, unicamente, naquele instante, dentro de si.

Luíza estava prenha. De um novo tempo, estava prenha. Quis andar devagar, mas já tinha acelerado o tempo e foi ele quem a capturou para a temporada de esperas, esta mesma de semanas lunares de gestação, quando se prepara outra pessoa e o tempo parece parar para poder assistir, incrivelmente, a olhos quase nus, a germinação, a transformação de semente em broto.

A prenhidão agonizou-lhe. Desesperou-lhe. Julgou-se numa rota torta, pois partia de cálculos e aquele rumo era incerto e misterioso por demais. Na tentativa cega de mover-se, lançou-se às tempestades, navegando sem sair do lugar. Foram muitos naufragos até perceber, nalgum dia de bonança, que o velho marinheiro, como nenhum outro que passou, continuava ali, por vezes molhado de suas nuvens cheias, outras tão seco que capaz de aquietá-la, quase sempre silencioso e ameno enrolando um cigarro de palha no canto do convés, mas com os olhos muito vivos, o corpo todo presente. Neste dia, quando percebeu, soube que era ele a segunda pessoa e quis construir uma canoa para a chegada do terceiro.

Então Luíza assobiou suas memórias de mar, lembrando histórias, *que feito ondas não voltam mais*, deixando no mar as velhas saudades, frases, promessas. Assobiou as lembranças soprando-as para longe, e pôs-se então a preparar a terra para construir uma casa. Por fim, entrelaçou as mãos às do outro, rodopiou num passo mudo feito pirueta e, sem juras, cálculos e planos, abriu a porta de uma nova vida que estava prestes a nascer.

às 22:54:00

CONTOS ORDINÁRIOS DE MELANCOLIA

(Contos do livro inédito de Ruth Ducaso *Contos ordinários de melancolia*. Obra selecionado pela Bolsa de Criação Literária SECULT/BA e Fundação de Cultura do Estado da Bahia/2013)

PARA ANTONIO

Sou Benta. Possuo um filhinho de 41 anos. Aplico em minha cria meus métodos.

Ele era todo errado. Errado porque nasceu. Errado porque não teve pai. Errado porque demorou de me trazer a felicidade. Errava todos os dias. Castigado todos os dias.

Quando menor abria seu olho até esbugalhar. Ele ficava muito engraçado. Queria que ele visse melhor a culpa da merda que era minha vida. Ele me tomou o tempo e por isso nunca pude gozar. Ele era o crime.

O Esférico - olhos de parede - gosta de tudo que eu faço, ele merece tudo que eu fiz. Ele gostava! Comecei a medicá-lo aos três, dava as pastilhas e ficava assistindo. Sono. Leseira. Embolo. Olhar manso, boca semi-aberta de galinha. Adorava ver ele assim.

A minha vida foi espera.

Minha vida é peso.

Eu sou queda.

Às vezes colocava o Zoiudo no canto da garagem e brincava de acelerar o carro e acender os faróis. O imbecil melava os pés e o chão. À noite, quando quase morria afogada por ondas gigantes, derramava pouco a pouco água gelada no Cara de Galinha.

O menino começou a me parecer um bicho quando vi aquele pinto se desenvolvendo. Certeira. Virei veterinária. Esperei o pênis ficar na idade do pai, enche a boca de esperança, amarrei os braços para a boa ventura e zás. Deixei ele ver tudo. Ele merecia, ele gostava. Ele queria. Limpei os lençóis, joguei o que pesava fora e parei de cair.

Trago o gozador sempre comigo, limpinho e seco. Pele sempre enrijecida é só usar.

DIA DE FEIRA

Voltei pra casa. Era sábado. Bati palma. Dei três pancadas no portão. E avancei a história.

- Sandro! Tu não me ouve mais? Gritei.
- O sol ta quente Sandro! Expressei agonia.
- A feira tava cheia! E tu me deixa esperar assim?! Acusei.
- De novo Sandro!?! O que tu quer?! Quebrar a porta do quarto?! Sentenciei.

- Avia rapazinho traz a feira pra cá. Interajo com o único.
- Toma teu dinheiro, vai embora! Pago o espectador.

Fecho o portão. E volto à história.

- Sandro, disse bem perto pra ele não ter saudade do desenho feio do nome, carne fresca ou salgada? Sussurrei cantando.
- Ensopado de legumes com carne com osso pra gente sentir aquele cheirinho do repolho impregnado de carne, hum? Falei com a boca cheia d'água.
- Oh Sandro tu ta tão bonito assim. Admirei.
- Tu nunca foi tão bonito. Elogiei.
- Por mim nem te lavava, fazia assim. Imaginei o trabalho.
- O vermelho deu mais vida a tua pele. Minha observação de arte.
- Filho! Me ajuda, vamos, pra bacía. Clamei.
- Oh meu filho como tua perna é bonita! Sou toda admiração.
- Olha que bonita! Mostro.
- É bonita, mas vai dá um trabalho. Me lastimo.

Fiz tudo sozinha, Sandro nunca me ajudou. Limpei, esfolei, separei as partes, reservei os legumes, apreciei a cabeça de repolho crua, antecipando o cheiro e o sabor de sua textura enrugadinha e fina.

Dia de feira é o melhor dia pra carne fresca com osso. Acordar cedo. Certificar-se do descanso do animal. Ir pra feira, andar na feira, cumprimentar os conhecidos, todo mundo tem que ver, reclamar do menino, todo mundo tem que ouvir, escolher os legumes mais brilhosos. Comprar devagar, escolher bem, demorar na barraca de melancia, reclamar que queria uma inteira, mas sozinha, nunca pode carregar. Chamar um rapazinho diferente do de costume pra carregar suas compras até em casa. Chamar na porta de sua própria casa, monologar no interior. Despachar a principal testemunha. Servir no almoço de domingo ensopado de legumes com carne com osso curtida do sábado. Deixar que sua mãe, a indigesta imagem do almoço de todo domingo, chupe os ossos na mesa. Lamentar mais uma vez do filho. Apreciar o repolho no prato, alimentar-se daquele fio de carne que se adere a pele enrugada amarelo-xixi do repolho cozido

com carne de osso curtida do sábado, se despedir dos indesejos da mãe. Respirar aliviada. Acomodar-se sozinha no sofá. Abraçar uma a uma as folhas soltas de papel reciclado da nova edição limitada do livro de poesias do Quintana e sentir-se satisfeita.

O QUE OS MACHOS QUEREM

Terça ou quinta. Escolho o dia na moeda.
Qualquer dia é dia de caçar. Mas naquela cidade eram esses os dois dias dedicados a sangrar homens na afiada faca de ponta fina.

Gosto de sangrar, sentir o cheiro fresco da carne vermelha. Deixar o animal paradinho. Dominado. Furar no rio exato do pescoço, naquela curva que tem uma raiz de árvore juntadora de caso que ramifica.

Corpo parado, corpo duro, água pesada, corrente grossa.

O caminho da água a gente não domina.

Invento um caminho pra o rio correr quentinho, sem melar a carne.

Viro o corpo pesado. Lasco os órgãos. Nasce o lixo da placenta do macho, aguaceiro. Cuido para os afluentes seguirem ao encontro do rio. Reservo as peças sem função em baldes de guardar sujeira.

Faço o corte na pele. Atrás do pescoço, naquele ponto que o macho se sustenta. Touro valente. Touro forte. Só sirvo aos touros. Aos bois mansos não sirvo tigela de flor. Não monto alçapão.

Corto o couro fora a fora. Estiro o couro todinho. Prendo bem as pontinhas daquela forma de merda que todos os dias me pede pra deixar de andar na rua.

Quebro as costelas e enterro minhas mãos nos pulmões, sangue morno, buchas macias de ar. Com dedos excitados puxo essas esponjas vermelho anêmicas de seu conforto. Lambuzo os dedos de prazer.

- Qual o formato desta nuvem? E daquela?

Destrincho os ossos sem retirar a carne. É pra deixar pesar. Ossos sem carne descansam. Esses não merecem descanso. Se oferecem demais ao prazer.

O macho não resistiu ao sono.

Paixão precisa de rio caudaloso pra fazer medo.

Saio desse, quero outro.

Os machos querem meus cuidados todo o tempo. Dou-lhes ramalhetes duas vezes por semana. É isso que eles querem quando desfilam em minha frente. Guardo o couro pra me gabar. Descarto os ossos pra quem ainda queira carne usada. Brinco com as peças sem função até enjoar. Poco bexiga, empino pau mole, amasso geléia de figado.

Dou-lhes prazer. É isso mesmo que eles querem.

A IMPRESSÃO DE ZÓ

Zoilda casou aos vinte e sete anos. Casou preocupada. Achava que não iria mais casar. Mas casou. Que alívio aquele dia. Não sabia por que tinha medo de não casar. Não sabia o que era o casamento. Não sabia o que era a sua vida. Zoilda não sabia de nada. Via que ali, pelos arredores da casa que morava tinham mulheres assim. Mulheres que ocupavam a casa de outras famílias. Mulheres sem casa. Zoilda sabia que queria uma casa. Porque até ali não lembrava de ter tido casa. Mãe morta, cedo Zó perdeu a casa.

Um ano de casamento o primeiro filho. – Já deu. Pensou Zó. – Não quero mais ter filhos. Vieram os cinco. Veio a fome. Veio o vício. Marido bêbado. Zó mãe, sem querer, seis. Zó aguentou tudo. Marido bebeu, filho bebeu. Filho bebeu muita água. Água estragada por peixes doentes. Fim de um filho.

Zó aguentou tudo, Zó continuou contando seis. Zó aguentou até. Meninos grandes. Zó tinha uma casa. Era sua. Parece que era isso que sempre quis. Não iria mais sair dali. Escolheu o melhor canto da casa. O mais quente. A beira do fogão. Acendia o fogo todas as manhãs. A lenha queimava o dia, a noite. Ela ali ao pé da quintura. No canto que era seu. Sua casa. Estranhados os filhos tentaram remover a mãe daquele canto. Os vizinhos. Os parentes. – Sai Zó. Vem ver o pé de jaca. – Vem ver a Laranjeira cheinha de água. Assim cheinha até por cima. Zó não sabia mais falar com a boca. Dos olhos caíam as palavras. A casa de Zó era a casa mais triste. Zó era a mais triste. Zó pensava que tinha casa e que queria sair. Mas não podia mais. A quinturinha do fogo colou sua boca. Seus pés. Zó queria dizer isso aos filhos. Queria que todos soubessem que ela não saia dali porque a quinturinha a segurava.

A família casou, mudou, viajou, chorou, ía e vinha. Dois filhos ficaram. No fogão Zó. Ao redor da casa o cachorro, o pai, o bêbado, o apanhador de. O bêbado enticava Zó. Zó derramava água quentinha. O pé de jaca enchia. Cheirava. Perfumava o canto do fogão. Zó queria ver a árvore. As jacas. Os bagos. O amarelo. O visgo. Era o visgo da quinturinha. - Será que tinham passado visgo de jaca? Zó olhava todo o seu corpo a busca de um visgo de jaca. Queria se descolar. Queria ir ver o pé de jaca.

O bêbado começou a sentir Zó estranhada de si. Parece que começou a entender sua vontade de jaca. O bêbado torturou a mulher quentinha com o desejo da jaca, com o cheiro, o cheiro. O cheiro. O cachorro aprendeu com o bêbado e passava correndo pela cozinha com um amarelo pedaço de jaca. Soltava no terreiro, se lambuzava. Se jogava na terra como rindo de mim. Todos os cachorros riem de mim. Todos os bêbados riem de mim. Odeio todos os pais. Odeio Zó que não sai desse canto. Assombro a casa com um vento frio. Passo por perto dela. Assopro sua orelha. Resfrio os pés dos meninos na sala. O cachorro e o bêbado me vêem. Riem de mim. Vento ainda mais forte dentro da casa. Resfrio a

quinturinha. Confundo a tonta colada na parede. Abro todas as janelas da casa. Plá! Plá! Plá! Correm. Fecham as janelas. Eu estou dentro da casa. Movimento o lixo no chão, as roupas soltas, os tapetes, os panos. Na cozinha, as panelas. Não quero mais me ver na beira do fogão. Não quero mais depender da quinturinha do fogo. Vlá! Vlá! Vlá! Es-p-a-lho o Fogo. Ela cai. Abro as janelas. Ao redor da casa o cachorro grita e se joga no terreiro. O bêbado cospe toda a água que bebeu na casa, quer apagar o fogo. A casa é minha. Sou quinturinha. Multiplico o fogo. O bêbado corre. O cachorro ri. O bêbado é o apanhador de. Os meninos não existem mais.

A TARDE DE UM FAUNO

No futuro, todos falariam do menino que se jogou do edifício. O que teria acontecido com ele? Esse seria o mistério. Uma moradora do sétimo andar diria:

— Eu vi ele cair, tão pequenino, pelo poço da escada, lá do último andar. Dezesseis andares. Tão alto, não podia ter sobrevivido.

Mas o corpo, o corpo ninguém acharia. Davi estaria longe. Ia voar para muito longe, uma distância que ninguém imagina e que pra medir é preciso dizer de um longe aonde nunca se chega, um longe de onde não se pode voltar. Ele voaria. E pra voar bastava ter pensamentos felizes, como nas histórias de fadas. Seu corpo ficaria leve, sem mais nenhum peso da dor que levava. Era só flutuar. Um vento o sopraria para longe, onde o destino o aguardava outro, feliz e para sempre. Para sempre, como nos contos de fadas, a alegria que não acaba. Era só atravessar o buraco na parede, abrir sua capa azul de super-herói e lançar-se do décimo sexto andar. Ele calculou tudo. Os olhos estavam voltados para o alto porque era esse o seu objetivo: o alto, o céu quase vermelho daquele fim de tarde, as nuvens cinza da cidade seriam vencidas e, lá em cima, por cima de tudo que havia, nuvens cor-de-rosa. Ia subir acompanhando a tarde, a medida de seu voo. E, então, mesmo a tarde sumiria no horizonte. Restariam as estrelas da noite. Ele procuraria aquela mais brilhante que fica à direita de quem vai, e depois outra, tão intensa quanto a primeira. Nesta, viraria à direita e voaria muito tempo até reencontrar novamente o sol e seu calor. Não mais a tarde que morre no horizonte da cidade, com suas cores fortes demais por causa da poluição, como aprendeu na escola. Seria um sol de amanhecer, com um amarelo novo e brilhante. E toda sua vida seria assim como o calor que surge para aquecer as gotas de orvalho da noite, todas as coisas brilhando como só é possível quando se amanhece pela primeira vez. Bastaria ter pensamentos felizes, quando seu pé esquerdo acompanhasse o direito, que já estava em pleno ar. Os dois pisariam o nada. Um único passo. O salto. Voar. Bastava ter pensamentos felizes.

Mas ele não tinha. Nada que pudesse lembrar era um pensamento feliz. Tentou imaginar um futuro alegre, algo bom. Nada. Tentou imaginar o Fauno levantando-o do chão como daquela vez em que tropeçou na entrada do prédio. Ele o agarrou pela cintura e o pôs de pé.

— Machucou?

Quis correr de vergonha, mas seu corpo inteiro estava paralisado. Uma descarga elétrica paralisava seus nervos. Ia morrer ali. Era uma presa vencida. O cor-

po reagia involuntário, convulsionando entre as pernas. Com muito custo correu para a escada, seu refúgio. Ninguém usava as escadas. Queria ir para casa se esconder. Chegou mesmo até a porta do apartamento no quarto andar, mas desistiu. Sabia que estava vermelho. Sua mãe notaria. Resolveu subir para o último lance da escada lá em cima, onde o décimo sexto andar se liga ao terraço do prédio, lugar abandonado e que há muito tempo era seu esconderijo. De lá podia ver as janelas do quarto e da sala do apartamento do Fauno, e mesmo uma parte do banheiro ele avistava por uma pequena janela. Os apartamentos de fundo tinham janelas para o poço central. E ali do alto da escada, pela parede vazada, ele podia avistar tudo de vários apartamentos. Era assim que ele gastava suas tardes fora de casa. Logo que estava liberado de almoço e deveres, fugia. Batia atrás de si a porta do apartamento e esquecia de tudo. O pai e a mãe desapareciam de sua vida. Ele ficava só no mundo e podia ser o que quisesse, um aventureiro, um mágico ou um cientista. O alto da escada era seu castelo e seu observatório. Lá estava o Fauno em casa, tirando a roupa. A camisa e as calças, a cueca. Estava inteiramente nu. Davi podia vê-lo inteiro caminhando pela sala. Era um corpo forte e branco. Peludo. Os pelos negros do peito desciam pela barriga num caminho estreito e se espalhavam entre as pernas. Coxas, bunda, tudo era coberto por uma pelagem negra de fios longos, em contraste com a brancura da pele. Também nas costas, apenas no alto, uma penugem preta começava e se estendia até os ombros e escorria pelos braços até os nós dos dedos. Todo o corpo era um feixe de músculos, como uma estátua grega, como uma gravura, como a gravura no livro de mitologia. O menino logo reconheceu naquele homem o fauno de seu livro. Era o mesmo corpo musculoso e peludo. O rosto era também marcado como o da gravura: forte, sobrancelhas grossas e negras, como duas asas de corvo. Mas, de tudo, Davi ficou impressionado com as pernas fortes. Ele parecia ser menos humano da cintura para baixo, como um animal. E mesmo os pés, se não eram cascos de bode como os de um fauno verdadeiro, eram tão marcadamente embrutecidos... A primeira vez que Davi o viu, ele estava deitado na cama e alisava o próprio corpo. O menino, em sua pouca vida, não podia entender o que se passava. Até mesmo aquele corpo tão extraordinário era novo para ele. Em nada se comparava ao do pai, tão absolutamente neutro. Se lhe perguntassem por que ficou tão fascinado por aquela visão, não saberia dizer. Já tinha visto outros vizinhos nus nas suas expedições. Eram sempre muito engraçados de ver. Já tinha visto colegas da mesma idade, curiosos que estavam de comparar-se. Mas ali, vendo o vizinho nu tocando o próprio corpo, sentia algo diferente. Era como se ele tocasse de longe o corpo do menino. Se passava a mão no peito cabeludo, era como se alisasse o peito liso do menino; se descia sua mão para as pernas fortes, tocava na distância a perna fina do menino. E quando manipulou o próprio sexo parecia agarrar o menino e tentar fazê-lo crescer, esticar e produzir o gozo remoto. Gozo? Para ele era apenas um estranhamento, uma sensação boa e aflitiva, como um bombom de açúcar que, tão

doce, tira o sabor das outras coisas. E mesmo esse sabor era algo sem descrição, sem modos de contar para os outros. Naquela tarde, a primeira, o pequeno Davi soube que tinha encontrado alguma coisa. Soube sem saber. Ele aprendeu um cheiro novo no corpo e fugiu assustado. Desceu as escadas correndo e voltou pra casa. Nem teve medo do que pudesse encontrar. Ele sabia o que encontraria e a certeza espantava o medo. Ele precisava de algo conhecido e familiar, precisava de um refúgio para o próprio corpo que teimava em ser outro. Precipitou em si a noite e abriu a porta. Nem eram três horas da tarde.

No dia seguinte, à hora da libertação, estava no hall de seu andar. Ao contrário dos outros dias, não sentia o alívio de deixar o apartamento. Estava tenso. Queria subir as escadas e olhar. Tinha pressa e tinha medo. Foi subindo devagar sem prestar atenção às janelas dos apartamentos que surgiam pelo vazado da parede. Não viu o morador que escondia garrafas vazias embaixo da cama, ou que a velha do nono dormia no sofá com um seio à mostra com uma ferida antiga que ela cobria com um lençinho puído. Outra moradora, Dona Heloísa, procurava sua gata perdida. Morena. Ela sempre deixava o bicho escapar e depois ficava procurando de apartamento em apartamento. Davi gostava de esconder a gata e se divertir fingindo ajudar a velha. Ele, então, achava a gata e ganhava doces como recompensa. Tantas janelas abertas. Parou apenas no décimo quarto andar para ver o apartamento do ator. Era assim que sua mãe e os outros moradores o chamavam. E quando diziam ator, o olhar tinha um jeito diferente. Era como se dissessem o contrário. O porteiro ria dele pelas costas e a mãe lhe disse um dia para não falar com ele. Não era ator de televisão, isso ele sabia. Todas as tardes era possível vê-lo em casa mexendo em vestidos coloridos, costurando alguns. Ele sempre costurava. Um dia, quando pulava da escada no andar dele, foi surpreendido.

— Ei! Vai voar — disse o ator, quando viu o menino com um pano amarrado no pescoço. — o que você está fazendo cá em cima?

Davi disse que estava brincando.

— Mas com essa capa? Não tinha nada mais bonito? Olha, vem comigo. Eu vou lhe dar uma coisa.

Davi o acompanhou até seu apartamento. Era um quarto e sala. Todos os apartamentos dos fundos eram assim. A sala estava abarrotada de vestidos em cabides, em cima do sofá, numa máquina de costura posta no canto, em todo lugar. Na mesa, junto com pratos e xícaras usados, estavam tesouras, linhas, fitas, retalhos de tecido e um pote de botões coloridos. Davi entrou desconfiado.

— Não tenha medo. Sente aqui.

Ele tirou alguns vestidos do sofá para abrir espaço. Davi lhe perguntou se ele era ator como diziam no prédio. O rapaz olhou para menino. Parecia ser jovem ainda, mas não era. Em torno dos olhos já começava a se instalar um leve cansaço.

— Foi isso que lhe disseram? É! Talvez eu seja um ator, mas de um personagem só. Esse aqui.

Ele pegou um vestido no cabide e pôs junto ao corpo. Depois apanhou uma peruca de mulher, cabelos pretos longos, e colocou na cabeça. Davi se assustou. Não tinha visto a peruca ainda.

— Absoluta Taylor! Este é meu personagem.

Fez uma careta engraçada enquanto balançava a peruca sobre a cabeça e fazia o vestido dançar em frente a corpo. Davi riu da brincadeira. Ele lhe contou o que fazia. Fingia ser uma cantora, se vestia de mulher e se apresentava todas as noites numa boate. O nome da cantora era Absoluta Taylor, um nome engraçado, achou Davi.

— É! Vendo pelo seu lado, é engraçado. Não era pra ser, mas é.

Também fazia vestidos. Fazia para usar e para outros atores. Ganhava dinheiro assim.

— Você quer que eu lhe faça uma capa?

Davi nem acreditou naquilo. Queria.

— Como?

Davi queria uma capa azul. Podia ter estrelas?

— Eu tenho esse tecido aqui, veja.

Era um tecido de cetim azul. Um azul escuro.

— Posso por umas estrelas também.

Davi agradeceu. A capa ficaria pronta em poucos dias. Durante esse tempo, ele passou a ir à casa do rapaz todas as tardes. Ficava olhando ele trabalhar e ouvindo histórias e brincadeiras. Ele cantava em uma boate, já sabia, mas fazia, também, festas infantis vestido de palhaço. Nunca mais fez, mas ainda tinha a roupa. Era um palhaço vermelho e amarelo, a gola de babado enorme. Tinha um chapéu cheio de luzes que acendiam. O rapaz vestiu a roupa e pintou o rosto. Davi passou a tarde mais feliz de sua vida rindo das brincadeiras do vizinho. Uma outra ocasião, ele vestiu a roupa de Absoluta Taylor e cantou uma música em inglês. Era uma música triste, mas muito bonita. Assim eram aquelas tardes.

A capa ficou pronta. Uma capa azul cheia de estrelas. Era uma capa de super-herói, mas podia ser também uma capa de mágico, só faltava a cartola e o coelho.

— Olha, vou arrumar um material pra fazer uma cartola pra você. Preciso de papelão, de um tecido preto. Quando eu achar, eu te chamo. Experimenta aqui.

Ele colocou a capa no menino. Era larga e tinha estrelas bordadas, feitas de um tecido prateado. Amarrava no pescoço como um colarinho de camisa, bastava abotoar. Mas tinha um problema, arrastava no chão.

— Eu fiz grande porque você está crescendo. Se fizesse do seu tamanho não ia ficar voando. Quando você correr ou saltar da escada, vai ficar legal.

O menino vestiu e saiu pelo corredor. A capa voava. Nessa época, ele ainda não tinha surpreendido o Fauno. Nem mesmo usava o último vão da escada como esconderijo. Foi justamente a capa que o fez achar o lugar. Quando ela ficou pronta, ele viu que não podia levar pra casa. A mãe não ia gostar que ele

tivesse conversado com o tal ator do décimo quarto. O pai, então! Foi aí que ele descobriu o esconderijo. Era um lugar deserto. No alto da escada, onde havia o alçapão para o teto do prédio, tinha um patamar. Estava sujo e era perigoso. Para subir até lá ele passava por um lance de escada que tinha um buraco na parede. Dava medo, mas também era fascinante olhar para baixo daquela altura.

Foi aí que ele viu o Fauno deitado em sua cama. Era uma visão inexplicável, como se um deus dormisse entre os humanos. Lembrar do fauno do livro foi imediato. Ele já tinha uma sensação de perplexidade ao olhar o desenho, uma hesitação em passar as páginas. O fauno de papel estava deitado sob a sombra de uma árvore e segurava uma flauta próxima à boca. Estava no gesto de iniciar uma música e sorria um sorriso entre sedutor e maléfico, como quem convida e já anuncia: é uma armadilha, você vai se perder. Davi se perdia. Ficava horas olhando a gravura. Levava ela consigo para o colégio, para os sonhos, imaginava o fauno caminhando pelo bosque espantando os animais, correndo atrás das ninfas da outra gravura, participando de batalhas e escapando de perigos. Era sua fantasia preferida. Agora, ali em sua frente, o próprio personagem lhe aparecia, desta vez sem as tintas do livro. Era a carne viva. Ele se mexeu na cama e escapou do campo de visão de Davi. Ele teve de descer três degraus para recuperar a visão. Via entre os furos da parede e, ao mesmo tempo, não era visto. O Fauno começou a se acariciar e o toque no próprio corpo atingia o pequeno Davi em seu esconderijo.

Da escada do décimo quinto andar Davi podia ver Absoluta Taylor em seu apartamento. O vizinho vestia sua roupa de mulher. Experimentava as formas, colocava enchimentos no peito, escolhia uma peruca. Estava entretido com os preparativos para a noite. Davi não lembrou da cartola. No dia anterior, antes de subir até o alto da escada pela primeira vez, ele só tinha cabeça para a cartola que ia ganhar para fazer de sua capa de super-herói uma capa de mágico. Naquele momento ele só pensava no que encontraria lá em cima. Deixou o novo amigo com suas roupas e subiu. Não havia ninguém. As janelas estavam abertas, mas ele não estava lá. Davi ficou decepcionado. Foi procurar sua capa nova e vestiu. Não quis brincar com ela, ficou sentado num degrau no alto da escada olhando pelo buraco. Ficou quase a tarde toda naquela posição, esperando. Podia ver toda a altura do prédio e as várias janelas abertas dos vizinhos. Lá embaixo, Morena passeava pelo playground. Logo Dona Heloísa ia sair para procurar a gata. Ele pensou em descer e salvar a gata com sua capa de herói e já ia descendo as escadas, quando avistou o Fauno. Ele apareceu na sala. Devia ter chegado da rua e o menino não o viu. Estava só de cueca. Parou no centro da sala e começou a fazer exercícios primeiro em pé, depois no chão. Usava pesos. De vez em quando ele ia até o quarto e se olhava no espelho admirando o resultado. O corpo inteiro suave. Quase uma hora depois, parou. Tirou a cueca e, nu, começou a arrumar uma roupa na cama. Depois de tomar banho, vestiu-se e saiu. A tarde acabava. Davi tinha de voltar ao apartamento. Voltar para casa era

sempre doloroso, era como voltar ao buraco de onde já se conseguira escapar. Ele sabia o peso da terra e de como sufocava alguém que fosse enterrado vivo. Aquele dia, porém, o seu sofrimento era diferente. Ele tinha de deixar o Fauno. Não podia segui-lo aonde quer que fosse. Guardou sua capa num saco e desceu. Podia apenas esperar a próxima tarde.

E ela veio. Vieram muitas tardes como aquela. Ele observava secretamente o Fauno. Ele fazia exercícios todos os dias, quase sempre estava nu ou de cueca. Davi começou a ficar atento a tudo sobre ele. Logo soube que ele dormia até o meio-dia, enquanto ele estava na escola. Passava as tardes em casa e saía logo que anoitecia. Voltava tarde, muito tarde. De seu quarto, Davi ficava observando a entrada do prédio, à espera dele. Nunca pode vê-lo chegar. Dormia antes. Havia dias em que ele colocava uma música e dançava. Começava vestido. Depois ia tirando peça por peça, conforme a música avançava. Ele se contorcia e passava a mão pelo corpo. Eram umas roupas esquisitas, fantasias de cowboy, soldado, marinheiro. Um dia ele vestiu uma roupa de mágico, com cartola e tudo. Davi reconheceu a capa igual a sua, ou quase. Era preta, tinha um forro vermelho, mas tinha as mesmas estrelas prateadas, o mesmo colarinho de camisa. E aquela cartola? Teria sido Absoluta Taylor quem tinha feito? Eles se conheciam? Davi logo teve a resposta. O Fauno na casa de Absoluta Taylor. Experimentava uma roupa vermelha. Davi não sabia explicar o que se passava, eles foram para o quarto e fecharam a janela. Ficaram lá um bom tempo, até que anoiteceu. Quando Davi foi pra casa, eles ainda não tinham reaparecido. Todas as luzes do prédio se acenderam, menos lá. Tudo estava apagado e secreto no apartamento do ator.

Ele não queria ir mais à casa do ator.

— Você não foi mais lá em casa. Quando vamos fazer aquela cartola?

Davi hesitou. Tinha raiva do rapaz. Não sabia por que, mas tinha. Por outro lado, queria saber mais sobre as janelas fechadas. Ele não sabia? Sabia. Seu corpo já lhe ensinava. Um alarme obscurecido tinha sido disparado, mas era com se falasse uma outra língua. Era preciso traduzir para entender tudo. E as janelas fechadas faziam ele imaginar com clareza tudo o que se passava lá dentro. Ele não estava lá, mas aquele quarto fechado se escondia dentro dele e queimava. Era uma bomba latejando sua contagem regressiva. Quando iria explodir?

Davi acabou indo à casa do rapaz. Queria tocar aquela roupa vermelha.

— Vou fazer um pouquinho maior pra durar mais tempo.

O rapaz media sua cabeça com uma fita métrica. Davi estava crescendo, ele já sabia. A capa era mais comprida, suas roupas eram maiores, a cartola era maior. Todos lhe davam algo maior que ele. Era preciso crescer para conquistar as coisas, caber dentro delas. Nada no mundo tinha seu tamanho. Aquelas sensações todas que rodeavam sua cabeça e seu corpo também eram assim, maiores, folgadas, distantes. Ele precisava crescer para caber nelas, para entendê-las. O relógio fazia tic-tac e não avançava. Parecia uma eternidade.

— Onde você achou isso?

Uma calça vermelha. Davi tinha achado. Teve de procurar entre o amontoado de roupas, que vasculhou com um ar displicente. As laterais da roupa tinham uma costura feita com velcro, fácil de descolar.

— É uma calça de teatro. É feita pra se tirar rápido. Não, não significa nada. É só uma calça vermelha. Me dê aqui.

Ele tomou a peça de Davi e guardou. Voltou a cuidar da cartola.

— Veja, eu tenho o tecido certo. Acho que amanhã está pronto.

Davi deixou o apartamento sem muita expectativa. Já não ligava mais para o presente. Pensava apenas no toque daquela roupa na sua mão. Um toque que logo se juntaria a outro. Na entrada do prédio, aquela queda. Duas mãos grandes e quentes seguraram a sua cintura e o levantaram. O Fauno. Ele o ergueu até a altura dos olhos antes de colocá-lo no chão. Nunca esteve tão perto. Olho com olho, boca com boca.

— Machucou?

Ele falou com um sorriso discreto nos lábios. Era a gravura do livro que se materializava na frente do menino. O mesmo sorriso que convida e avisa: é uma armadilha, como um tigre no último instante antes do salto. Botou o menino no chão e passou a mão em seus cabelos, bagunçando tudo que já estava bagunçado. Ele correu para a escada e subiu, subiu toda aquela altura de uma vez. Quis ir pra casa, mas desistiu. Quando chegou lá no alto, estava quase sem ar. Seu corpo pegava fogo. Logo, o Fauno chegou ao apartamento e começou a tirar a roupa. Ia tomar banho. Davi podia sentir aquelas mãos ainda quentes no seu corpo. Tocou os cabelos que elas tocaram, tocou a cintura e continuou se tocando, enquanto relembrava cada sensação, os olhos fixos no homem nu ali à sua frente. A bomba relógio do seu corpo latejava cada vez mais rápido, cada vez mais rápido, até que explodiu em gozo. O primeiro. O corpo todo se retesou, bombardeado por correntes elétricas. Era quase uma convulsão. Davi ficou surpreso com aquela novidade de alegria. Um prazer que nunca tinha sentido antes. Ele se sentiu como se tivesse crescido, como se já coubesse nas roupas largas. Seu corpo, agora, se revelava maior do que era. Ele estava maior. Ficou olhando o Fauno tomar banho. Estava no buraco do alto da escada. Nesta hora, ele foi descoberto. Da janelinha do banheiro o Fauno o viu. Novamente seus olhos se encontravam. O Fauno sorriu. Era um convite? Já conhecia as armadilhas, mesmo assim, recuou assustado. Ele não sabia por que, mas tinha certeza que o homem não ia denunciá-lo à sua mãe. Qualquer outro vizinho iria reclamar da bisbilhotice, mas ele não. E Davi tinha mais medo ainda disso. Não ia mais poder ver sem ser visto, na segurança de seu refúgio. Estava exposto. Não podia esconder que olhava, que gostava de olhar, que precisava olhar. E, se olhava, queria mais, queria tocar e abraçar e se fechar no quarto com as janelas fechadas, tudo apagado e secreto. Mas podia? Aquela era uma roupa que ainda estava folgada e que não sabia direito como usar. E se aquele sorriso não fosse para ele, e se fosse dele, um prenúncio de gargalhada? Já imaginava o Fauno e Absoluta Taylor rindo

dele no quarto fechado, achando-o ridículo em suas roupas largas, a capa de super-herói arrastando no chão, sem voar, a cartola engolindo sua cabeça. Ele só queria fugir dali e se esconder. Se seu refúgio tinha sido descoberto, restava sua casa apesar de tudo. Desceu a escada correndo sem nem olhar para as janelas dos apartamentos. Ele sabia que estariam todos ali amanhã, sabia que voltaria já refeito do susto. Mas não foi assim que aconteceu.

Nos dias seguintes, não pôde sair de casa. Morena, a gata da vizinha, apareceu morta e a dona acusou o pequeno Davi de a ter maltratado. Ele foi proibido de sair de casa uma semana. Não podia fugir. Era como se o destino tivesse resolvido marcar o final daquela infância. As brigas, os gritos iam ficar para sempre em sua lembrança. Quando voltou ao alto da escada pela última vez, depois de tantos dias preso, já não encontrou as janelas abertas, nem as do Fauno, nem as de Absoluta Taylor. Quis pular do prédio, quis ter o poder de voar, mas não tinha. Quando recolheu os pés do buraco na parede, sabia que nunca mais ia vê-los. Sua história a partir daquele momento seria outra. Uma outra vida longe dali, sem uma casa de onde fugir, sem a escada como abrigo. Tudo seria uma coisa só, dentro ou fora. Foi descendo as escadas lentamente, a capa se arrastando pelo chão sujo. Tinha pena de nunca mais ver o Fauno e de nunca mais sentir tanto desejo. Os desejos seriam outros. Tão fortes quanto? Outros. Davi sempre guardaria cada sensação, aquele único toque, aquele sorriso, a voz.

— Machucou?

Quantas vezes depois quis responder àquela pergunta. Ninguém escapa de se machucar nessa vida, pensou um dia, muito tempo depois. Muito tempo depois, ainda tinha pena de não ter ganho o chapéu de mágico e de não ter entendido quem era Absoluta Taylor. Com os anos, sua sala ficava mais e mais colorida na memória, com seus vestidos fantasiosos. Soube dela um dia, bem depois, através das lembranças de outras pessoas, mas já era tarde para revê-la. Teve pena de Dona Heloísa e sua gata Morena e todos os vizinhos que nunca mais veria. Sua capa se arrastou por cada degrau daquele Edifício, como se resistisse a largar uma pessoa querida. Davi também resistia a deixar o prédio, apesar de tudo que aconteceu. Nem mesmo quis ir ao enterro do pai, mas, agora, depois que sua mãe tinha sido levada pelos soldados, não podia mais ficar. Chegou à entrada do edifício, onde sua tia o esperava, resignado.

— Ah! Aí está você, meu querido.

Ela afagou sua cabeça. Era tão parecida com a mãe dele.

— Bonita capa! Vamos, seu tio está esperando. Pelo menos você vai sair desse lugar horrível!

Lugar horrível. Foi a primeira vez que Davi pensou naquele prédio como um lugar horrível. Não era assim que pensava até então. Todo o seu mundo se resumia àquilo. De algum modo, apesar dos pais, ele não sentia que fosse tão infeliz. Uma criança tem sempre todo um mundo secreto que a protege do mundo real. O mundo dele era repleto de faunos, ninfas, mágicos e heróis. Deu uma

última olhada. Eles desceram a escadinha da portaria e chegaram à rua. Alguns moradores observavam pelas janelas entreabertas. A do seu apartamento estava fechada. Era um dia de janelas fechadas. Na calçada, um vento forte soprou levantando poeira e cegando o menino. Sua capa foi erguida e por alguns instantes ele experimentou o voo. Teve vontade de nunca mais abrir os olhos, de ficar pra sempre como se voasse, bastava ter pensamentos felizes: uma mão surgiu de sua lembrança e o levantou no ar. Machucou? Davi sentia que nada no mundo podia machucá-lo.

ROSA DE LUXEMBURGO

("Poemas da Rosa")

Lá longe, em casa, há a prece:
"Que volte cedo, e bem!".
(Malhas que a história tece).

Em um mil novecentos e dezenove.
Nas pétalas, a mira de um fuzil
devastou a corola dos sonhos
— em 15 de janeiro, e o silêncio.

Palavras?

O silêncio é a maior das represálias.
E nada em ti falava mais,
nas águas rubras do canal Landwehr.

No canal abandonado
que a brisa nem mesmo aquece,
de balas trespassada
—muitas, de lado a lado —,
jaz morta, e arrefece.

Vermelha, essa rosa?
Rosa de sonho e metal —
em busca da face humana.

Morre a cada ano na cidade amada,
Berlim, no horror de suas garras:
a difamação tem sua própria história.

Inimiga da Revolução de Outubro?
De um Lênin dito bárbaro e asiático?

Imaginava um mundo
em que os homens pudessem
cantar nas ruas, libertos
da humilhação, fome, e do medo.

Lá longe, em casa, há a prece:
"Que volte cedo, e bem!".
(Malhas que a infâmia tece).
Jaz morta, e apodrece,
a menina de sua mãe.

A ficção da mácula,
suas raízes profundas,
não tocam mais naquela mulher
em seu pensar indômito,
na rosa da quietude,
irmã das estrelas, cega,
para sempre cega,
para sempre nossa
rosa da esperança.

QUATRO SONETOS CARDINAIS

("Quatro Sonetos Cardinais" in *Delírio do Ver*)

1.

Rosa e ouro se mesclam no teu sexo,
tão gaia espera, confundindo a busca
da flor cilíndrica que tens no púbis.
Quanto me atinges, seta no meu peito?

Colho teu sumo em corpo tão trançado
ao teu enlevo, que me rouba o fôlego,
enquanto o brilho dos teus olhos sádicos
esmaga minha boca a insano sorvo.

Tento dizer-te do tremor da casa,
mas só entendes do ganir do lobo
em minha toca a estertorar de gozo,

a trucidar-me com tua adaga em chama,
menos espero, e já me emborcas, louco.
O meu deleite a ti te adentra. Amas?

PÁSSARO NO ESCURO

("Coita de Amor")

Passavam multidões
no olho entrecerrado,
e um punhal se abatia
e uma estrela transida.

Desdobravam-se filas
de aboio inumerável,
e os rebanhos pastavam
o segredo mais doce.

Houvera uma cancela,
uma cantiga nela,
e o córrego corria
aos pés de vento acesos.

Havia um mastro, e vela,
singrando mares élates,
e a âncora caía
na areia agora muda.

Disseminavam-se sons
rasgando a hora antiga,
e uma adaga fria cortava
os pulsos do domingo.

Caiu uma pedra turva
na limpidez do lago,
e um triste olho do pássaro
minou linfa plangendo.

Os olhos só fitaram,
brunidos na vigília,
o peitoral das trevas
e aquela ave suspensa.

ROSA VIOLADA

("Poemas da Rosa")

A minha dor não mora em minha casa,
mas num jardim de séculos correndo
em seu tropel mordaz. O tempo abrasa,
e o engenho dessa hora vai sofrendo.

Nas avenidas largas da cidade
os carros atravessam a linha torta -
cavaleiros em motos, sem idade
vieram me abordar à minha porta.

Um levou-me o relógio, outro o anel,
o meu cordão de ouro se partiu,
e o quarto bandoleiro me sorriu,

ao ter o meu olhar dentro do seu.
Sacou da cinta sua arma enrubescida,
beijou-a e deu-me a rosa e a minha vida.

O DESDITADO

("Poemas da Luz Inesperada")

Je suis le Ténébreux, — le Veuf, — l'Inconsolée,
Le Prince d'Aquitaine à la Tour abolie :
Ma seule Étoile est morte — et mon luth constellée
Porte le Soleil noir de la Melancholie.

.....
Et j'ai deux fois vainquer traversé l'Achéron:
Modulant tour a tour sur la lyre d'Orphée
Les soupirs de la Sainte et les cris de la Fee.

Gérard de Nerval. "El Desdichado".1875

A vida pulsa em cada tom, e ouço
palpitando-te o peito a dor e o luto
alaúde lilás. O clarim soa
enquanto o verso, livre, te machuca.

Viúvo obscuro tanges tua corda
na vaza deste verso, casa oca,
e plange o bandolim, perícia louca,
poeta dos silentes que não dormem.

Mas és o desditado, és o bastardo.
Cavaleiro do tempo em espaço vivo
invades, berro bárbaro na boca,

o que não abandonas, deserdado,
mesmo se vendavais te varram a vida,
e o grito da tua chaga purgue e lave

a tua voz extrema de cantor.
Se lá chegares! É que jamais chegas,
jogo de júbilo face ao tormento.

Então teu corpo desce a rampa estreita.

1604

O apelido era a mera repetição de uma sílaba do nome, acrescida de um diminutivo. Dito assim, tudo ficaria mais palatável: aquele cheiro azedo no cangote depois de um dia de trabalho, o tom de voz que se alterava com facilidade, a má vontade de acordar cedo. Mas é que havia um apelido que repetia sílabas e terminava no diminutivo, então deveria haver alguma esperança, ainda que perdida em dias passados, dias de doçura que já iam longe. Se haviam existido, por que não poderiam simplesmente voltar?

A primeira casa já deveria ter sido uma pista suficientemente razoável. Na porta, brilhavam palavras de plástico com um dos enunciados da Bíblia sagrada. Com certeza coisa de outros tempos, o dono do imóvel (ele morava ali de aluguel) que deveria ter posto ali. Temente a Deus como era – naquela relação estranha de quem não descrê mas também não crê demais – não ousara retirar as palavras, e pensando bem nem achava ruim. Era um jeito de se sentir protegido sem precisar ficar acordado uns minutos a mais para rezar. Aquelas palavras eram bem práticas.

Do lado de dentro, havia três janelas para a rua feia, um sofá e uma televisão. Umas caixas entulhadas de objetos de uso cotidiano se espalhavam pelos cantos: do sofá, era possível ver a batedeira, que poderia ser usada para fazer bolos, e as panelas de alumínio, que em vez de descansarem cheias sobre o fogão viraram passeio de baratas. E havia ainda os ratos.

Os ratos se esgueiravam durante todo o dia, fugindo de qualquer movimentação extrema por parte dos humanos. Coexistiam ali, muitas vezes de forma silenciosa e sem pistas, a menos que houvesse completo silêncio em frente à televisão ligada e os bichos se sentissem à vontade para sair. O lugar favorito desses ratos era a parte de trás do sofá, um pano puído que servia de esconderijo. Passavam rápidos nessa hora os ratos: gostavam de aparecer especialmente à noite, quando a movimentação era menor, e corriam pela sala enorme e quase vazia, de um lado a outro.

Se a ideia fosse vê-los de dia, era necessário então ser mais convincente para que saíssem da toca. Uma bandeja de isopor cheia de queijo sobre a mesa já seria motivo mais que suficiente para que os ratos aparecessem, mas ainda assim eram discretos e rápidos em seu trabalho. Sua presença só seria notada quando não mais estivessem ali, quando o plástico filme que envolvesse a bandeja já não estivesse mais lá, e os buracos no queijo denunciasses os verdadeiros donos da casa.

Essa era então a melhor pista: os roomates dele eram ratos. Animais que andavam pelos esgotos, fuçavam os lixos, apareciam pelas madrugadas, e que ali, naquela casa, estavam perfeitamente ajustados a uma rotina doméstica. Os ratos eram bichos de estimação.

A segunda melhor evidência de que aquele apelido de sílabas repetidas e diminutivo não daria mais conta de definir seu dono foi a casa seguinte. Os dias começavam sempre em sobressalto, com o toque alto do telefone. Sempre era problema, coisa que garantia no mínimo três minutos e meio de resmungos após o fim da ligação. Ou era isso ou um jeito calado de dizer que era melhor se contentar com aquela vida de merda.

O passo seguinte era terminar de despertar e seguir para a cozinha, onde uma ou duas baratas de tamanho médio (e não voadoras) o esperavam boiando na panela da comida feita há uma semana, na parte abaixo da pia. Do lixo pequeno da pia, transbordavam cascas de ovo, pedaços de cebola e farinha, muita farinha, pois o que mais se comia naquela casa era farinha. Lá também havia outros animais: incômodas moscas que rondavam o cestinho de lixo, atraídas pelo cheiro de podridão, além de algumas minhocas pequenas que se arrastavam pela pia de manhã cedo.

Com as baratas, as moscas e as minhocas, a convivência não era tão amigável. A primeira razão disto é que elas não respeitavam nada, eram bichos autoritários, que impunham suas presenças mesmo à luz do dia. A segunda eram as visitas, que sempre se chocavam diante da aparição dos bichos na hora do café da manhã. Tentava explicar, colocar a culpa em outros moradores. Poucas vezes funcionava. Ninguém compreendia como era possível não viver na rua, embaixo de um viaduto ou de uma marquise de loja, e mesmo assim escolher coexistir com aqueles seres.

A verdade é que tudo era possível. Se não tivesse nascido para ficar na vertical e andar sobre duas pernas, aquele homem seria exatamente como aqueles ratos. Era seu exercício diário: esgueirar-se pela vida, passando rápido pelos caminhos para que existisse algum espaço seu no mundo de coisas conhecidas. Havia o boleto de pagamento do aluguel, sempre pago com atraso pelo esquecimento, havia a necessidade de um dia sair e comprar remédio para aquelas baratas. Mas havia também a inadequação dele para todas as coisas cotidianas, todos esses atos que as pessoas repetem todos os dias de sua vida quase sem se dar conta.

O homem então era um rato. Preferia se esgueirar pela casa suja, pelas ruas sujas e pelas mulheres sujas durante o dia, tudo para poder estar em casa a tempo de assistir a primeira novela na TV. Quando chegava, o ritual era sempre o mesmo: abria a porta e pisava o chão de casa com suas botinas sujas e pesadas. Tirava a camisa, abandonava o molho de chaves sobre a estante, descansava o celular no chão e deitava no sofá. Dali mesmo, esfregava um pé no outro até descalçar as botas. As meias e a calça jeans ele não tirava.

Dali a cerca de quatro horas, adormeceria na mesma posição que chegara. Preferia que o telefone não tocasse – era problema sempre – e não atrapalhasse

sua hora de sonhar, que era estar ali em frente à televisão. Se desse sorte, depois das novelas teria filme de ação, com muita correria e tiros, perseguição policial e traições. A coragem que as baratas tinham, de ser quem eram à luz do dia, e ele ali se realizando como o rato, esperando todo o mundo se calar para viver em frente à TV. Como sentia falta de sua primeira casa! Deus protegendo na hora de chegar, e aquele silêncio de segundo andar. O único som era dos ratos se esgueirando. Nunca quis colocar remédio, ratoeira, envenenar queijo, nunca. Entendia aqueles bichos. Eles também queriam ver televisão à noite, depois de um dia inteiro sem existir.

NOCTILUCA

Martha gostava de festa. Essa era a primeira coisa a saber dela. Não precisava de balões não: era só mesmo para lembrar que a vida podia ser qualquer coisa extraordinária. Passava os dias planejando a festa da semana seguinte. Quando chegava a hora zero, era a vez de pensar num novo pretexto - que podia ser o aniversário de alguém ou qualquer efeméride, talvez até mesmo o aniversário de 10 anos da morte de seu cantor preferido.

Ter um conceito era o que ela pensava ser mais importante. Ela ensinava assim: festa sem conceito não dá certo. Se for uma feijoada, pode virar boteco, todo mundo de chapéu. Se tiver brigadeiro, aí é festa retrô com certeza. Muito poá na decoração. Martha era do tipo que pensava nessas coisas que quem não gosta, contrata alguém pra pensar.

O trabalho de Martha era outro. Saía de manhã cedo para pegar o ônibus 3657. Precisava chegar cedo sempre para compensar o que não deu tempo de fazer no dia anterior. Martha sabia: sempre há algum trabalho a ser feito, a vida nunca dá descanso. Só mesmo no dia de morrer, e mesmo assim, só depois de virar defunto, porque até mesmo morrer pode dar trabalho.

Buscava pequenas delicadezas para se distrair do cotidiano que se impunha. No ônibus, eram quase todo dia as mesmas pessoas. O mesmo sorriso do cobrador, o mesmo "pode deixar" quando faltava troco. Martha sorria para amenizar um pouco os dias, as contas que se acumulavam sem trégua na caixa de correio. E os exames periódicos do trabalho, o oftalmologista que tinha que marcar, aquele e-mail para se desculpar por não ter ido à festa da amiga. Tanta coisa para fazer. Vinte e quatro horas, oito delas no trabalho, mais duas de correr para almoçar e tentar pagar alguma conta no banco. A fila enorme. O engarrafamento, que na ida e na volta do trabalho, dava quase duas horas. Dormir, mais seis (que Martha não tinha esse sono todo). Acordar, tomar banho, passar um batom e correr pro ponto de ônibus: mais uma.

Martha tinha cinco horas para viver. Ao final de um mês, ela tinha vivido em paz (claro que não totalmente em paz, porque o chefe sempre ligava fora de

hora para falar do serviço do dia seguinte) aproximadamente seis dias. Isso se o mês tivesse trinta dias. Trinta e um era uma alegria só. E ainda havia os fevereiro.

Por isso tudo, a festa. Qualquer coisinha, happy hour, cinema com os amigos, encontros de família, tudo tinha que ser planejado para ser maravilhoso. Não podia ser bom. Martha precisava da vida extraordinária, como aquelas enormes tartarugas marinhas que atravessam a linha entre a água e o ar para respirar. Queria exatamente aquele assombro de se perceber respirando outra vez, viva.

Viva como o dia em que Cesar apareceu. Como o dia em que, depois de terem feito amor, ele pôs a mão dela sobre seu peito. Os dois ficaram quietos, respiração acelerada, ele com o coração batendo e ela escutando com a mão. Era muito rápido. Cesar e ela estavam tão vivos nessa hora.

Só assim Martha abria mão de planejar festas. É que logo que chegou, Cesar trouxe consigo um livro, uma flor ressecada marcando a página que falava de festa. Ele nem sabia ainda de sua crença na festa como um jeito de viver (ou sabia, num daqueles mistérios que não dá para explicar assim tão fácil?).

Na rádio do primeiro motel que encontraram pelo caminho (R\$ 46,90 o período de cinco horas), tocava tudo quanto é música romântica. Pela porta principal do motel (Cesar e Martha iam de ônibus), às vezes um traficante pedia também um quarto, já que era menos bandeiroso do que ficar vendendo nas ruas. Subiam sorrindo depois de pegar a chave na recepção cheia de obras de arte. Na escada, uma escultura barata de uma vênus branca, a pintura fingindo ser mármore, uma decadência. E um cartaz de cinema francês no corredor que levava aos quartos. Que louco teria decorado o lugar?

Ali não tinha conceito. Nenhuma pirotecnia nem delicadeza como as que Martha fazia questão de testar em seu cotidiano, em sua luta diária contra a rotina: um vasinho de flores naturais, um carneirinho de pedra na mesa do trabalho. Nada. Qualquer música, o traficante vendendo drogas no quarto ao lado, o risco de uma batida da polícia, as esculturas baratas, o engarrafamento que dava para ver da janela, o quarto sem nenhuma tomada para carregar o celular (só mesmo aquela do frigobar).

E Cesar. Que ia abrindo os botões da camisa, pendurava a roupa num gancho, deitava na cama de cueca, e dizia sempre do mesmo jeito que Martha estava linda. O beijo tinha sempre o mesmo gosto daquele chiclete de canela que ele gostava (ela não gostava de canela, mas assim tava bom) e o ritmo era devagar no início e depois bem rápido. Quando ambos ficavam sem respirar, Martha tirava o resto da roupa e se lançava sobre Cesar. Tudo sempre igual. E os olhos dele fechados, as mãos dele percorrendo o corpo dela.

Não tinha mais música. Não tinha mais traficante vendendo o pó a sessenta reais (e tava caro). Não tinha mais as buzinas dos carros do lado de fora nem a moça sempre sorridente da recepção. E afinal de contas, quem é que precisava tanto assim de tomada em motel? A festa, essa sim, começava num corpo e terminava no outro. Simples, tão simples, sem convites nem fogos de artifício pra anunciar.

DE RUAS E DE QUINTAIS

Consta nos registros de que se tem notícia que os quintais são o primeiro exercício de amor às ruas. É lá que as crianças exercem o inalienável direito de correr livres, esse que a gente esquece à medida que vai apagando as velas sobre o bolo.

É que os quintais têm qualquer coisa de infinito, especialmente para quem é pequeno. São enormes e guardam universos inteiros: são um microcosmo do mundo limitado por muros e portões - como eram também os feudos e as primeiras cidades. Quintal é o melhor professor de história que tem.

Foi no quintal da casa de minha avó materna que comecei a amar as ruas. Da casa em si lembro pouco; do quintal lembro tudo. Era um infinito de possibilidades no qual morava o cachorro Maradona, cujo nome fora mesmo inspirado pelo craque do futebol argentino. Era um vira-lata de olhos verdes e pelo dourado, e corria feliz pelo espaço grande.

Se chovesse no quintal, ia chover em mim também. Era bom saber disso (embora não pensasse isso na época). Lá estavam ainda restos da vida cotidiana que não cabiam do lado de dentro da casa. Uma placa de carro antiga. Alguns livros. As cartas da namorada de meu tio, os diários dela guardados por lá. Namoravam escondido, a família dela não permitia, e nunca esqueci que foram os dela talvez os primeiros versos de amor que conheci. Naquelas páginas, ela, uma adolescente, falava da vontade de gritar o nome de meu tio alto, para que todos soubessem de seu sentimento. Nunca esqueci disso.

Foi naquele quintal também que tirei uma das fotos que mais vou gostar em toda a minha vida: eu com um ano de idade, sorrindo e correndo da câmera, de fralda e tênis. A alegria que só a liberdade dá.

Por isso que o quintal foi um ensaio para amar as ruas. Que me perdoem os defensores dos apartamentos, com vizinhos que a gente nunca vê e ainda se constrange ao encontrar no elevador. Que me desculpe o pessoal da reunião de condomínio, do gás encanado, do lixo recolhido às quatro.

Eu mesma vivi sempre em apartamentos, mas tive essa alegria, que foi passar os domingos brincando no quintal de minha avó. Foi lá que eu descobri (e não no quentinho do lado de dentro) que a vida é boa, sim, e com um pouquinho de distração é melhor ainda. A gente ainda se protege demais: sombrinha para a chuva e protetor solar para o dia de sol.

No quintal, assim como na rua, tudo pode acontecer, e a graça está exatamente aí: as narrativas não são lineares. Outras histórias cruzam as nossas, que podem ser inventadas como bem queremos. O muro branco pode ser pichado com um "Eu te pego, Joyce!", como vi outro dia. Ou o contrário: o chão da faculdade de Direito pode ganhar uma declaração de amor. Na rua ou no quintal, tudo é possibilidade, cores que os olhos nunca viram, vontade de ficar até mais tarde.

FLAGELO

Quando Joel foi embora, a moça ficou sem se lavar por três dias. Como estava de férias do trabalho e morava sozinha, ninguém lhe perguntou nada, ninguém lhe torceu o nariz enquanto passava, ninguém reclamou. A moça fedia. Não tinha nome porque podia ser qualquer moça, dessas que passam segurando a bolsa com medo de ladrão na rua.

Joel foi embora depois do Natal, que é quando quem não aguenta mais enfim pede as contas: é tanto verde e vermelho e tanta Noite Feliz tocando que não tem quem suporte o que não quer depois do Natal.

A moça, outra vez. As unhas do pé cresceram, os pelos da perna, a sobrancelha. Parou de pentear o cabelo. Ao final de três dias sem se lavar, tinha outro jeito. A roupa ficava manchada da cor das comidas com as quais ia se alimentando só pra continuar existindo: um pouco do vermelho do molho de tomate do macarrão, o marrom do shoyu da salada. Ainda sentia gosto, ainda respirava, bebia água, mijava, cagava e dormia. A moça existia ainda, à sua própria revelia.

Ao final de cinco dias já parecia com um bicho, que era o desejo mais íntimo dela depois que Joel se foi. Se perguntado à moça qual era sua intenção com aquilo tudo, talvez ela apenas respondesse:

- Virar bicho.

De fato, esquecer já ter sido gente seria uma solução e tanto para diversas questões existenciais. A moça queria mais: sonhava com uma vida de Mogli, o menino-lobo do desenho. Se tivesse sido criada numa floresta, conseguiria seu intento de virar bicho (ou quase) sem tanto esforço. Era preciso olhar as cutículas da unha crescendo e não desejar correr para a manicure, esquecer do nojo que sentia às vezes com seu próprio cheiro à mesa.

Ficou árida. Os pelos da vagina, antes aparados à moda das maioria das moças da época, cresciam desgovernados. As pernas estavam cabeludas. Jogou pelo ralo da suíte um por um de seus perfumes franceses. As lingerieas tão caras, reservadas para momentos especiais, juntou numa sacola de mercado e pôs junto com o lixo do banheiro, no corredor do prédio.

Estava tão perto de seu intento quando o telefone tocou. Não era Joel. Nem ela esperava que fosse Joel. Nem queria que alguém lembrasse dela, mas uma semana depois de sumir do mundo, ela atendeu a ligação.

- Antonia?

- Oi.

- Sou eu, Joel

- Eu sei

- Tô ligando porque tô na portaria e tô subindo

Joel entrou, como sempre: tirou os sapatos, deixou ao lado da porta, passou e sentou no sofá. Olhou ao redor, como era de seu feitio (reparava em

tudo), mas sobre Antonia não perguntou nada. Ela ficou parada, em pé, esperando para ouvir o que Joel tinha a dizer. E o reveillon, e o grupo de amigos, e a praia que eles iam pegar no dia primeiro?

- O ano passou por cima de mim, Joel.
- Você não abandona mesmo essas crendices inúteis de sua mãe, hein?
- Um ano acabou e o outro começou e eu estava dormindo.
- Antonia, não é sobre o reveillon que eu vim falar. E a gente?
- ...
- O que aconteceu com você?
- Você

Eram três horas da manhã e Antonia dormia. Roncava até. No chão, as roupas jogadas: o short e a blusa pelo avesso, a calcinha. A toalha molhada sobre a poltrona do quarto. E o cheiro de erva doce do sabonete.

A janela aberta, a cortina mexendo com o vento do décimo sexto andar. E Antonia dormindo, imperturbável.

Antes tinha sido o banho, mas parecia mesmo era que Antonia estava lavando o mundo. Nasceu mesmo quando desligou o chuveiro. Enrolada na toalha, procurou uma tesourinha para cortar as unhas do pé. Sentou na cama para fazer isso. Em seguida entrou no box outra vez, passou um condicionador nas pernas antes de passar a lâmina. Se cortou um pouco e até chegou a achar bom: passou o dedo para estancar o sangue e depois chupou o dedo.

Vermelho. Nessa hora Antonia já cheirava a erva doce. Já tinha nome outra vez. Mas o telefone, esse não ia tocar mais: o fio não tinha conexão com a parede. Nada mais do mistério telefônico: não saber do outro lado da linha, aquele número nas agendas de tanta gente, as atendentes de telemarketing querendo oferecer seguro de vida cartão de crédito previdência privada, querendo oferecer qualquer bobagem.

O outro incômodo não chegaria mais além da portaria. Essa parte foi um pouco mais trabalhosa para quem só fez tirar o fio da parede. Requereu:

1. Ir até a cozinha
2. Tirar o interfone do gancho
3. Esperar o porteiro atender
4. Falar

E dizer pro porteiro da noite:

- Olha, esse rapaz Joel não sobe mais aqui

CIVILIZAÇÕES ÁGRAFAS

eu escrevo
porque em 476 d.C
os turcos otomanos tomaram Constantinopla
e acabaram com o Império Romano
e porque a Peste Negra quase extinguiu os europeus da face da terra e
por que o Rio Mississípi é o mesmo rio que corre onde eu nasci
e porque o Egito é um presente do Nilo

eu escrevo
porque Abraão Lincoln e Tupac Amaru
existiram e tenho claras provas disso
e porque Bartolomeu Dias cruzou o Cabo das
Tormentas para que Portugal fosse feliz
e porque Vasco da Gama entregou uma carta de D. Manuel I de
Portugal ao Samorim de Calicute explicando tudo
e porque em 1492 a América foi
encontrada antes de tudo
porque o homem inventou a escrita e o alfabeto latino

eu escrevo
porque Dylan Thomas cantava seus salmos para o
homem da mesma forma que o Grande Rei Salomão
cantava os seus a Deus
porque quando nasci
não havia data importante para celebrar
exceto no dia anterior quando a Bastilha tombou
e porque o Chade é o coração morto da África
e porque Deus inventou Einstein
para que Einsten inventasse Deus

eu escrevo
porque os Árabes colonizaram
uma Europa arrogante e miserável
pagã como as chamas da Santa Inquisição

e porque Santo Agostinho era virtuoso
e porque Maurício de Nassau trouxe Franz Post para a Nova
Holanda e Nicolas Poussin pintou um quadro chamado
a Peste em Ashdod no ano de 1630
e porque milhares de escravos foram trazidos
da África acorrentados nos navios mercantes
e porque Castro Alves escreveu Vozes D’Africa em língua portuguesa

eu escrevo
porque hoje é segunda-feira
e amanhã vou encontrá-la de novo
e ver seu sorriso mais lindo que a face da primavera nos prados
e por isso ela estará sempre comigo com o céu verde em seus
olhos e porque descobri que uma parte dela é verdade
e a outra escrevi eu mesmo
e porque quero visitar a Bolívia e a Venezuela
e porque os índios no continente americano estão ameaçados de extinção

eu escrevo
para me vingar do Tratado de Tordesilhas e da malta dos quatrocentos
[degredados
e para responder à Carta do Descobrimento
aos diários de Hernan Cortéz, Francisco Pizarro e Cabeza de
Vaca e porque Cristóvão Colombo chegou até aqui
e porque Adão e Eva foram expulsos do Eden – como eu

eu escrevo
porque o fim do verbo é o fim do mundo

A CASA PATERNA

na casa paterna cada porta é um labirinto (são vinte e uma ao todo)
e todas se abrem para mim e me absinto em lembranças batalhas em que
quedei em silêncio tragédias perdas manhãs sonhos aromas figos cajus

embora seja de adobe – como as casas do Novo México é sobrenatural a
casa: eis aqui o grande corredor
que vai dar no mistério, onde dormem memórias dos tempos bélicos e por
isso a casa é uma fortaleza mas inútil para me defender dela e de sua metafí-
sica no porão – profundo e duro como a matéria do tempo a noite é feita de
ventos, escorpiões e idiomas alheios e lá espectros habitam os quartos onde
viviavam escravos

tudo se move sem que se mova

tudo é invisível e tenaz como o aço de uma espada e onde sempre sou sem nunca haver sido esse muro branco ao redor do imenso quintal tão alto quanto as nuvens e já não posso escapar o velho coqueiro desafiando a brisa e os sabiás de Gonçalves Dias nos ninhos e esse velho jardim de mitos e alfazemas e jasmins

– onde jazem mins

repentinamente outros eus que julguei mortos ressuscitam como fantasmas como Lázaro ao sair da sepultura

assim sigo: eu dentro da casa e a casa dentro de mim estou certo de que jamais sairei daqui vivo

CAQUIS

agora que conheço o sol sobre minha pele
é preciso retornar para a sombra da grande árvore
pelo bem das frutas no quintal
pelo doce das peras
pelo amarelo dos marmelos pelo vermelho dos caquis
pelos cajus amarelos e vermelhos pelo bem do vinho nas pitangas e das formigas se nutrindo das folhas
pela sanidade dos ninhos que o orvalho acaricia

antes eram as luas afogadas nos riachos da
noite e corujas revoando pelos prados
desenhando árvores bichos nomes sonhos
antes era o alaúde que eu dedilhava
como dedilha o vento um arbusto na serra
num fim de tarde ensolarada de dezembro

agora que já me conheço é preciso me esquecer

GLOSSÁRIO

contra o pó de que sou feito, só mesmo as palavras
só elas me lavram com seus arados inexistentes e
abrem sulcos na carne em que habito e de que sou
feito e me preparam para o que não sei

para o grande mistério da colheita
só as palavras sopram em minhas narinas e me originam
só elas me dão bocas e vozes e me nutrem com sua estranha matéria e
me fazem homem (Só as palavras fazem o homem possível)

fazem nascer o deserto e o oásis fazem nascer linhas e acidentes fazem
nascer minhas unhas cabelos
meus pés com que piso na terra e esculpo pegadas e rastros dementes e
trilhas

bebo as palavras como a terra bebe a chuva e o
rio e urina os cirros e os nimbos e o orvalho leve
como as palavras como se fossem frutas frescas colhidas
vivas deste quintal numa manhã nímia de janeiro ou março
como-as como se tivessem cor e forma geométrica
todas as frutas frescas da manhã de um quintal ensolarado
são palavras

soltas como roupas secando ao vento no
varal são pássaros-palavras e pousam sobre mim em bandos e depois
voltam para de onde não vieram

são sóis as palavras tingindo com sua lua todas as cores as peras de mos-
tarda e os abacaxis de amarelo

contra o barro de que sou feito, só mesmo as palavras me libertam de mim
mesmo
de minha alma

um pequeno lote de terra dentro do qual labuto pela vida
há séculos a alma do homem não passa de um latifúndio improdutivo
há que se fazer reforma agrária na alma do homem

palavras como limo limeira sobre o
lajedo como pedras afiadas
como águas-vivas
como plantas e seiva e
saliva como fetos
como sal do mar
como ciranda de sentidos
(as plantas sempre voltam seus rostos para o sol) palavras
como corais de semânticas da escarpa inacessível
como vinhas sobre vinhedos

como as palavras como a terra come a semente nova
e defeca a grama o húmus a estepe rasteira a manga-rosa doce manga-es-
pada contra o exército da realidade
somente as palavras ateam fogo sobre minha superfície

serão orquídeas selvagens envenenadas de tempo e
perfume? serão embarcações onde navegam a metafísica e
os átimos? são as palavras de lírios ou delírios?
ou são as palavras feitas do mesmo que as pedras?

contra o pó de que sou feito, só mesmo as palavras

ouço as palavras assanhando os cabelos do vento
e o vento conversando com os campos no alto da
noite com suas palavras de ar
há um diálogo entre o vento e os campos e só eu
sei e só eu ouço porque só eu falo sua língua

vejo pássaros voando dentro do vento como se fossem um
pedaço do próprio vento tornado em matéria e plumas

somente as palavras semeiam vida sobre meus campos
somente as palavras semeiam vida sobre mim.

MINHA ÚLTIMA ENCARNAÇÃO

De meu encontro com Rimbaud no inferno

No curso de toda minha vida, fui sempre meu pior inimigo. Me pre-gava pe-
ças de mau gosto, desafinava o piano de meu espírito até estourarem as
cordas e depois tocava tecla por tecla: gostava de ouvi-las partindo os cristais
do firmamento.

De tudo faço uma lança e me cravo no peito. Me espero nas noites mansas
de luar num daqueles casarões, sentado, com a paciência de um assassino. Ouço
meus passos estrelando as estrelas do céu e se aproximando. Amordaço seu
brilho com meu silêncio e quando chega a hora da felicidade, salto da escuridão
de trás do muro e me apunhalo duzentas vezes.

Nunca me permito uma única estrela em minha vida. Se sei de alguma, parto
de mim numa expedição e não torno até enforcá-la no alto de uma colina para
que todos vejam. A vida brilha sozinha e sem mim.

Deitado na cama e em noites que inventava, engolia a escuridão com os dentes para achar o travesseiro perdido entre vestígios do pretérito e as frestas de outras coisas para pensar. Depois. Enquanto entretia a vida com mil truques que julgava infalíveis, dava-lhe conhaque e vinho, cobre para que celebrasse com todos e fizesse de todos felizes. A entorpecia de todas as formas possíveis. Pobre de mim, só entorpecia a mim mesmo.

Depois de sua morte, que celebrei com trombetas e clarins que desceram dos céus, recebi duas cartas assinadas por ela. Ah, por quê? Era ela. De volta. Furiosa. A que morreu moribunda, estendida no chão do esquecimento não foi a vida, fora outra pessoa.

São meus esses gritos que ecoam do calabouço. É lá onde as baratas e todos os insetos me fazem lembrar do que sou feito. Já não reconheço meus braços e minhas mãos e minhas pernas. Todos roídos e em carne viva. Luz! Luz! Luz! Pelo amor de Deus, luz! Não essa lâmpada de 60w que me olha do teto. Tudo que queria era ser como o sol: ter luz própria.

Amanhã é sábado. Vou sair e caminhar pelas ruas para procurar meus pedaços que atirei aos cães.

Quero escorrer ao Hemisfério Norte para ver de cima como é a vida aqui embaixo. Vasculhei cada meridiano, cada paralelo em busca das coordenadas do céu. Deve haver alguma porta secreta, uma fresta.

Se o amor não fosse tão longe, se não morasse do outro lado da ilha, tudo seria tão simples. É de lá de onde vêm estes tambores que rufam todas as noites, como que a nos anunciar. O amigo dos répteis, dos anfíbios e de tudo que rasteja e não deixa rastros.

Escrevo com a tinta do silêncio das carícias mortas.

Tudo que toco pega fogo. Que mãos estas! Ah, sempre eu. Preciso escapar de mim. Fugir para o Mar da Tranquilidade. Uma cratera calma e sem nenhum tipo de gravidade. Navegar feito um asteroide pelo universo do teu corpo. Preciso da porta de saída. Mas a única saída sou eu! Espírito pobre desse meu. Sou nordestino comum. Sou de raça inferior.

Por hora me basta o refúgio desta taverna. Me sento numa mesa no canto e deixo que o vinho de minha taça transborde até a mesa dos cafa-jestes e de toda a malta que orna o lugar fétido. A jogatina começa cedo. Como não tenho um tostão furado, empenho a vida de quem dá por mim. O baralho humano não repete cartas, apenas naipes. Por isso somos sós, no fundo. Não há fundos. Rolam dados, giram roletas, fazem apostas e a vida é feita então. Às vezes me sinto um ás nas mãos de um jogador. Às vezes sinto um outro baralho em minhas mãos e que um depende do outro. Lance por lance. Jogo por jogo.

Toda vitória é sempre coletiva. A derrota não.

Se conhecesse bem todas as estações de trem do mundo, ainda assim não conheceria um terço do quarto em que durmo. Onde moro. É melhor errar. De errância em errância vou me encontrando e me destruindo aos poucos. Não quero legar a ninguém essas folhagens de que sou feito. Deveria ter nascido na

primavera, quando as flores recheiam os campos com todos os tons de borboletas – amarelas, azuis, lilases. Mas não. Nasci quando as folhas caíam no chão feito uma chuva de breu. Quando as árvores envelheciam até perto da morte. Ah, o outono!

Vou precisar de muitas outras vidas para consertar todos os erros que construí nessa. Que desastre! Nada em mim faz sentido. Nada vindo de mim consegue dizer nada. O nada encarnou em mim. O que sei é que me falta algum querer, alguma peça, algum brio. Não sei como viver. Que alma a minha.

Me perdoem os que me ouvem! Me perdoem todos os que agonizam nos umbrais da vida! Me perdoem os que sofrem calados onde nem se pode imaginar! Me curvo diante de todos vocês e imploro vosso perdão! Rezem por esta pobre alma que envenenou a própria existência! Me tirem daqui! Me livrem dessas correntes pesadas de culpa! Dessas argolas de medo ao redor de meus pulsos. Sou cativo de mim. Tudo será em vão. Esse vício pela piedade é legado dessa serpente em forma de sangue que escorrega em minhas veias. Fui eu o escolhido para a Tragédia da Eternidade. Depois de vivo, ninguém mais morre.

O mundo sofre por minha culpa!

Há tantas pessoas guardadas aqui dentro que tudo que não sou eu não me interessa. Tenho desprezo. Esse que se pode ver é apenas seu espelho.

Essa igreja me lembra minha infância. Qualquer igreja me lembra minha infância. A gente nunca esquece de quem nos faz pó! Ah, a infância! Como são boas as primeiras horas da vida antes da escuridão nascer por trás do sol. A Igreja arruinou os evangelhos. A Igreja é a besta. Vai invadir o século com a mesma sotaina suja. Foi por causa dela que eu vim para aqui! Pobre de Jesus que tem suas palavras na boca daquela corja. Tragam a Igreja pro inferno e a queimem com uma cruz de madeira na testa como nos tribunais do Santo Ofício. Deixem nela a marca do pecado. Ah, a heresia!

Eu nasci para protestar, mas não sou protestante. Que língua me dei. Mania de cuspir em tudo.

O lodo já chega à minha boca. Preciso rezar!

Deste lado da cama há mais possibilidade de claridade! Meus olhos estão ficando velhos demais para verem alguma coisa. Em tudo espalham uma cobertura de poeira e esquecimento que me aterrorizam. Ah, o medo! Outra vez o medo! De onde isso surgiu? De onde veio?

Como eu te falava, minha infância enriqueceu muita gente. Antes de nascer eu não queria nascer. Então me mandaram. Nasci doente. Tinha um quarto com tons medievais onde eu gostava de ficar longe das garras da luz. Me acordavam em meio à noite do meu sono. Ouvia sussurros, medos! Era tudo que ouvia! Rumores de morte. Antes de saber da vida eu já me cansava da morte. Nunca fizemos as pazes. O sono de minha vida evaporou com o passar dos anos e se tornou um dia triste de inverno.

Tenho asco por todos os poetas do mundo! Oh, raça de víboras! Assumi vosso quinhão de culpa! O inferno festeja os rumores de vossa chegada! Odeio

todos os que escrevem melhor que eu. Odeio todos os escritores célebres da literatura se engalfinhando feito canibais famintos no silêncio de um restaurante francês.

Tudo o que sempre quis foi ser célebre para a eternidade! Traçar uma dessas obras que apagam o tempo como a um cigarro aceso. Mas quem sou eu? Aqui estou.

O inferno é tudo que não posso.

Tenho asco por todos que pensam e não vivem antes. Por todos que têm medo da vida! Todos estes que não sabem e nem querem amar por terem medo de perder um braço, um rim. Sumam. Despareçam. Vós tor-nais tudo mais sombrio. Tenhais pena de vós mesmos pois ninguém mais poderá ter. Façam fila, pobres de espírito! Almas mesquinhas! Répteis! Dípteros! Como são inferiores os animais que rastejam! Façam fila porque o inferno vos espera com fome!

E eu que amei tanto e nunca amei ninguém e nunca fui amado porque nunca me amei. Ao negror desta rosa dá-se o nome de solidão. É isso que me resta, o último pássaro. O amargor na boca do céu. O frio rio da noite me busca e me encontra morto, sem peixes, caído à beira do precipício. Envenenado. Oh, irmãos de baixo da terra! Oh, criaturas medíocres a tecer acalantos para vossa fraqueza! Que tristeza a vossa! Mostrei vossas caras ao firmamento! Empunhem suas armas! A vida vos espera! Saudemos as aves do céu, as aves-palavras. Saudemos a todas elas! Me tragam um chá de plumas! Um ácido que dissolva todos os metais que tenho na garganta.

Não quero usar o chão para caminhar.

Queria falar mais da minha infância, do meu princípio a meu fim. Gostava de subir a serra deitada ao fundo de minha casa e sentir o vento ler suas cartas estranhas enquanto o sol manso abraçava as flores silvestres com a palma de suas cores. Era o senhor de todos os campos de flores do mundo. Era belo e irrequeito. Um dia veio um homem e abriu um guarda-chuva sobre mim. Tudo mudou.

Antes disso, gostava de me sentar no banco de nuvens da igreja e olhar as imagens dos santos, com suas expressões de horror, de martírio. Decorei uma por uma. São Pedro, o sério. São José, o companheiro. Santa Maria, a doce. Me tornei todos eles. Queria sê-los. Ai de mim, me tornei suas sombras! Ah, eu queria ser santo! Ter minha imagem num altar de uma igreja como a Basílica do Vaticano. Ver meus milagres pintados por Raffaello Santi, todos os renascentistas. Queria assistir uma missa onde os padres lessem meus evangelhos e cantassem hinos em latim clássico. Um por um. Cantassem meus salmos como os de Davi. Eu queria ser Salomão! O eu é o fim de tudo.

Noutras horas fugia de tudo. Corria para longe. Pra bem perto da luxúria! Abria todas as garrafas da luxúria e me servia em doses duplas.

Gostava de andar por caminhos que não existiam para chegar a lugares reais. Fazia das portas escuras minha entrada principal. Mas a vida vinha em meu rastro. Escondida em minha sombra. A vida sabia de tudo. A vida nunca se engana com seus batedores.

Preciso me confessar a um padre! Não, a um bispo! Não, a um cardeal! Não, ao papa! Não, Deus é melhor. Deus não me faz perguntas. Adeus.

Irei ao deserto do Sinai, como Moisés. Tirarei as alparcas de meus pés imundos. De joelhos pedirei perdão por todas as encarnações de ódio e pequenez que tenho tipo. Todas as impurezas que fiz questão de amarrar a mim. A loucura, os delírios, tudo. Direi que quero uma vida nova e simples, dessas que só querem uma boa mãe para seus filhos e umas moedas de ouro para que dure eternamente. Mas quero ser a encarnação da beleza! Ah, a vaidade, minha maior desgraça. Tirarei peça por peça dessa armadura que visto. Ficarei nu diante do Senhor. Nu como fui criado. Nunca. Depois de podre, a gente fica pobre. Deus sabe mais de mim do que eu dele.

Vou ficar aqui, olhando o mundo pelos olhos da janela de meu quarto, encolhido. O que há no universo sou eu. O resto não existe. Tudo que vejo de perfeito é imperfeição de meus olhos.

É por isso que estou aqui.

FATOR RH - PARTE I

(*Memorial dos mediocres*. Ed. Casa de Palavras, Salvador, 2002)

Você já deixou de sair com várias garotas que estavam a fim porque não tinha um puto no bolso, pra cerveja e pro motel, pra pipoca ou pro cinema, pro carnaval ou ovo de páscoa. Você já passou dos trinta e cinco e já abandonou todos os seus ideais, sonhos, planos, projetos de vida e está cansado de passar vexame sentindo o coração do tamanho de uma pulga quando ouve o barulho do carro da companhia de energia parar na sua porta. Você cansou de ser diferente, de pensar diferente, de ouvir músicas diferentes e agora precisa muito ser igual a todo mundo. Você está exausto de se sentir um inútil ao ouvir aquela musiquinha do vídeo-show sabendo que a essa hora todo mundo devia estar se virando, se esfalfando, se esganando. Você tá cansado, muito cansado mesmo de malbaratar todos os seus aparelhos eletrônicos comprados com sacrifício pra pagar as contas do telefone bloqueado e precisa logo de qualquer coisa que possa ser chamada de emprego, de esposa, de família, de casa. Você hoje quer apenas laje batida, aniversário de criança feia, sogra mal-humorada até a medula como dizia seu pai, e quer se livrar de qualquer questionamento existencial no final do dia e nas noites de natal. E mesmo cansado de esquadrihar os classificados de domingo, de participar de dinâmicas de grupo sem nexos, de seguir regrinhas manjadas pra fazer o currículo perfeito, de ouvir dos ditos especialistas em RH como se comportar numa entrevista, você não desiste, quer voltar a fazer parte do jogo. Aí então você coloca seu resumé debaixo do braço e enfrenta estoicamente a cara amarrada das secretárias das agências de emprego, e a má-vontade explícita das recepcionistas que olham – quando olham – o papel onde tá sua vida profissional resumida, reduzida, distorcida. E quando chega o Grande Dia, o dia em que tudo vai começar a mudar, o dia em que deus afinal vai querer, o dia em que você vai voltar a ter que pegar dois, três ônibus de rali, imundos, empoeirados, e vai voltar a ter holerite, vale-transporte, cartão de ponto, ticket-refeição, taquicardia. O Grande Dia tão esperado realmente chegou e você faz tudo certinho: acorda bem cedo, faz a barba, coloca uma das últimas (únicas) roupas decentes, coloca aquela cueca que sempre te dá sorte, ensaia pelo caminho as respostas que o dito especialista ensinou, e você vai torcendo pra não encontrar ninguém conhecido pelo caminho que te dê azar – uma ex-namorada seria o fim -, e você sabe que é uma besteira, mas o seu time está mal na tabela e isso te influencia te deixando meio pra baixo, com uma cara tristonha de pneu esvaziando, mas você não se deixa abater. E mesmo sabendo o que significa ter a tal boa aparência dos anúncios, você chega meia-hora antes da entrevista e na sala está todo mundo muito desconfiado, todos se avaliando, tentando adivinhar

quem tem mais chance de conseguir a vaga, a única vaga, por causa da roupa, por causa do ar inteligente, por causa das coxas grossas. Eles te deixam esperando por uma, duas, oito horas numa angústia igual a de um condenado à solitária e quando você já esqueceu as respostas que teria de dar e da cara que tinha de fazer, eles te chamam pra entrar na sala e o gerente mal olha pra você, te faz um monte de perguntas que o especialista não previu e fica atendendo o celular a todo instante e ainda sai da sala te deixando mais solitário do que um filho único brincando de pega-varetas. Você ali, firme, fingindo uma bondade servil, uma naturalidade cômoda e pressentindo que há alguma coisa de errado, que está sendo descartado de novo e você sabe que a única coisa a fazer dali por diante é lembrar que a sola do seu único sapato está em petição de miséria como também dizia seu pai, e notar nos olhos do entrevistador que ele tem o poder divino de decidir se sua vida vai mudar pra menos ruim ou se vai continuar na mesma derrocada. E você passa a rezar em silêncio pra não ver um polegar virado pra baixo na sua frente e nem ouvir novamente aquela que seria a senha sinistra de um desastre anunciado. Mas não adianta. Você tem de ouvir resignado a sua sentença: "Temos seu currículo. Qualquer coisa a gente liga". Mas você sabe que eles não vão ligar, pois o seu nome é figura certa nas listas do SPC e SERASA e isso já faz tanto tempo que você já nem lembra mais direito se está desempregado porque tem o nome sujo ou se tem o nome sujo porque está desempregado. E tudo então está perdido pra sempre até o próximo domingo, dia do caderno de empregos. Seu time joga fora de casa. Uma pedra.

FATOR RH - PARTE II

(Memorial dos mediocres. Ed. Casa de Palavras, Salvador, 2002)

Uma manhã inteira analisando e destruindo currículos às pilhas, entrevistando gente às manadas e esse último pobre-diabo à minha frente. Eu devia ter feito meu MBA com ênfase em outra área, agora é tarde. Arla me disse outro dia que eu devia arranjar outra coisa para fazer, que eu já estava ficando enfarado com todo o poder que eu tinha sobre as pessoas, que o poder — qualquer tipo de poder — vicia, e ainda não haviam inventado uma clínica de recuperação para poderosos solitário-paranóicos ou coisa parecida. Quando Arla tem esses lampejos, sempre me faz pensar um pouco. Que bom. Ter uma mulher que tem lampejos e que te induz a algum tipo de filosofia. Ainda que sem querer. Ainda que barata. Anos de convívio com Arla e não me acostumo com o seu nome mutilado. Toda vez que o pronuncio penso que sou fanho. Arla, Arla, Arla. Coisa esquisita. E ainda era para ter um agá no início. Seu pai ficou impressionado com o que ouviu falar do Halley de 1910. Harla feminino de Halley. É muita ignorância. O desvalido continua aqui, visivelmente nervoso. Tosse, gagueja. Parece que tem o céu da boca entupido com farinha láctea. Atropela palavras,

frases inteiras, a gramática. Tenho a nítida impressão de que, a qualquer instante, ele vai me pedir desculpas por ter nascido. Isso me impele a querer atropelá-lo também a fim de abreviar esse constrangimento todo. Estou tenso como ele, mas eu posso. Há um silêncio purulento que nos incomoda, que nos equaliza. Avalio o seu currículo amassado, mal digitado. Descontando a antipatia que ambos me despertam, é razoável. Até que está barbeado. Veste, ao que parece, os últimos vestígios de uma vida menos indigente, do tempo em que arrotava poderes porque tinha um emprego. Mas o tempo virou e agora ele está aqui, me atrapalhando o final da manhã, empestando a minha sala com a sua subserviência melancólica. Sinto nele uma inveja encarniçada. Ele seca meu relógio, a marca da minha camisa, o meu celular. Meu laptop e gravata o oprimem. Tenho que agir rápido. Disparo: "Quais são os seus objetivos na nossa organização?". Ele recebe a pergunta como uma profunda cotovelada no olho. Cambaleia. Parece zozzo, procura as cordas. Respira fundo, seu raciocínio é lento. Um download tosco. Olho no visor do celular. Quase onze e meia e nada de Rossana. Liga, meu amor. Liga, benzinho. Liga, coisa linda. Liga, merda, liga. Será que ela: a) não vai ligar depois de um jantar daqueles? b) notou o meu leve tique na mão esquerda? c) é isso tudo mesmo? d) vale tanto investimento? Acho que sim. No início, elas sempre valem. O manemolente responde algo inaproveitável. Não era o que eu queria ouvir. Ele está se complicando. Lembro que ainda não fiz as reservas dos ingressos que Arla me pediu. Não sinto sua falta como antes. Não há mais aquela coisa que alegremente me sufocava: uma intensa falta de Arla. Preciso resolver isso também. Antes, tenho de varrer para fora esse equívoco biológico. Acho que vou empurrá-lo para D. Celeste. Ela que se vire. Nem sei para que o chamamos. A vaga já possuía dono. Ou melhor, dona. Muito interessante, por sinal. Melhor nem olhar muito. Malu é meio bruxa. Capta tudo antes mesmo das coisas serem lançadas ao ar. Tanto currículo para analisar, tão pouco tempo para pensar em Rossana-Arla-Malu (houve uma época em que a ordem era Arla-Malu-Rossana) e mais esse agora. Não posso perder a seqüência. Concentração: "Quanto você acha que merece ganhar?". É uma armadilha. Ele pressente o perigo e se contradiz. Está mais zozzo. Titubeia. Há um coquetel repulsivo nos seus olhos: medo, inveja, ressentimento e mentira acondicionados em despojos de homem. Meu celular parece querer vibrar. Eu querendo vibrar junto com ele para ouvir de novo aquela voz, meu deus, aquela voz. Rossana, meu tesouro, vamos sair hoje? Vamos ao cabeleireiro, vamos à Feira da Mulher, vamos fazer supermercado, vamos à promoção das Americanas, vamos a um abrigo de velhinhos, o que você quiser, minha vida. Rossana, Rossana. Um nome desses me excita até quando lembro do enterro de minha avó. Um enterro colorido, frugal, regado por uma chuva depuradora. Um barro vivo de tons alegres revolvido por coveiros graves, de fardas azuis, parecendo muito conscientes do seu ofício metafísico. Mas o celular não vibra. Meu paciente moribundo, ainda menos. Desanimado, dá outra resposta errada. A essa altura, somente Eu posso lhe dar uma sobrevida. Se ao menos ele fosse meu parente ou indicado por uma ex-amante, um colega de faculdade, um

vereador de parda eminência. Aí talvez Eu pudesse ressuscitá-lo. Sua situação se agrava. Septicemia à vista. No último tudo de antibiótico na sua veia, vislumbro uma eutanásia: "Se você estivesse no meu lugar, você se contrataria?". E então, numa comoção violenta, ouço o que mais queria. A mais bonita de todas as ave-marias. O celular, afinal! Tocamos e vibramos juntos, como pai e filho na hora de um gol sofrido, já nos acréscimos. Nem peço licença. A quem? É ela, é ela. Autocontrole, preciso muito de um agora. Atendo, mas fico em silêncio. Um breve delay das reportagens ao vivo:

"Alô? alô?"

"Oi, pode falar. Que surpresa. Tudo bem com você?"

"Tudo, tudo. E aí, sua proposta ainda está de pé?"

Penso em dizer "não só a proposta", mas respondo apenas:

"Está sim. Posso te ver ainda hoje?"

"Não sei, acho que sim. Me liga mais tarde. Você liga?"

"Claro, claro. Pode deixar. Ligo sim"

"Olha lá, hein? Um beijo"

"Até mais tarde, então"

Ai Rossana, Rossana! Olha só como você me deixa, olha! Roça aqui, meu amor, roça! E o teatro com Arla? E a tal conversa séria com Malu? Preciso realmente de mais tempo para me organizar. Volto à minha cadeira, mas não estou mais aqui. Estranho o calunga renitente, tolhido. Seu medo é repugnante, mas estou tão feliz, feliz, feliz que tenho vontade de lhe sorrir, de lhe chamar de amigo, de lhe contar sobre minha vida, de lhe pedir para repetir Arla, Arla, Arla, de lhe falar sobre o enterro de minha avó. Contenho o breve delírio a tempo. Rossana me ligou e nada mais tem sentido. Com grande dificuldade domino a minha euforia, a minha ereção. O celular toca-vibra novamente. Não vibro. Não atendo. É Malu. Temos mesmo de conversar mas não hoje. Estou quase sozinho, mas ainda ouço um "sim" dissonante, contundindo o ar: "Sim o quê, meu amigo?" eu, hispido. "O que o senhor me perguntou antes de sair. Sim, eu me contrataria." Agora é só encomendar a lápide. RIP. O homem é uma gangrena só, nada mais a fazer. Depois da ligação de Rossana eu estava até pensando em indicá-lo a uma outra empresa, talvez tivessem uma vaga. Mas aquilo não foi resposta. Foi confirmação de óbito. Utilizo o padrão para esses casos perdidos: "Tudo bem. Temos o seu currículo. Qualquer coisa entramos em contato. Boa sorte." O meu "boa sorte" soa tão falso que quase sinto vergonha. O empecilho agradece e sai, boiando. Menos um. Tranco a porta. Assepsia. Estou tão feliz, feliz. Rossana vai sair comigo. Arla me fez pensar um pouco. Só Malu está meio chatinha, mas depois resolvo isso. Sei muito bem o que ela quer: cazzo. Ainda tenho um monte de currículo-pedinte para dar fim. Uma praga. Parecem gremlins se reproduzindo em PG, me infernizando a vida. É bom para fazer de rascunho, aproveitar os envelopes. Eu devia ter feito meu MBA com ênfase em outra área. Arla, Arla, Arla.

REBOTE

(82, uma copa, quinze histórias. Coletânea, 2013. Ed. Casarão do Verbo)

1

Às dez e meia da manhã, o apito do juiz nos deu uma condicional, mas a definitiva ainda era um sonho que morria todos os dias nas esquinas. Quando se está perdido dentro de quatro linhas, a noção de espaço é distorcida, os relógios parecem eternos. Fomos meio tontos pro intervalo, de tanto correr feito bobos. A gente só conseguiu manter breve domínio durante escassos minutos em que um deles era atendido, depois de levar uma trombada do nosso zagueiro assustado. Virar a primeira etapa em zero a zero podia ser interpretado de várias maneiras, menos como um milagre. Na época, minha própria teoria de menino era que os caras podiam ter perdido a inspiração, mas aquilo não ia durar muito. Erraram passes curtos. Perderam gols numa sequência que beirava o salto alto. Deixaram a bola escapar pela lateral, passando direto sob os pés furados. Essas coisas devem ter acontecido um dia até com o pessoal do Honved, porém, quando voltassem, pobre de nós. Sem técnico ou alguém que nos orientasse, resolvemos usar um esquema que privilegiava apenas nossa hombridade: a tranca. Tudo que queríamos era perder com decência, sem apelações. Desde a fase inicial do primeiro e único campeonato de golzinho da Rua do Céu, aqueles molecotes de camisas vermelhas já guardavam algo de lendário. Simplesmente estraçalharam todos os times que lhe atravessaram o caminho: 8 a 0 no Báier; 7 a 1 no Expressinho; 12 a 2 no Charque Zero-Quatro. Na fase seguinte, numa jornada sem brilho, detonaram suavemente o Peñarol com modestos 4 a 1. Beto, Léo, Jaiminho e Osvaldo exibiam um repertório de jogadas de futuros homens respeitados. Havia naquele toque algo de graça e leveza que ninguém sabia explicar: eram centenas as pessoas que se espremiavam sobre a calçada pra testemunhar a maestria de um quarteto onírico. Time de admirável composição que se revezava em rápidas trocas de passes, sem permitir jamais o maltrato da bola, fosse com chutes sem direção ou divididas grotescas, envolvendo tíbias e patelas. Separados, eram apenas meninotes que não davam trabalho aos pais. Compravam pão, iam à escola, davam recados. Franzinos e sorridentes, tinham no olhar a mescla de esperteza ágil e curiosidade original dos inocentes; resumiam-se a moleques pardos de canelas finas, roupas puídas em desaprumo. No entanto, quando se apresentavam em conjunto, malícia, ginga e destreza, eram tudo que havia a ser enfrentado pelas vítimas. Nosso time era um arremedo. Jailton, Dão, Mariva e eu não tínhamos a menor chance. Só chegamos tão longe devido a uma série de combinações, regulamento troncho e um empate inacreditável após Os Zulus começarem ganhando de 4 a 0. Eliminamos dois times na cobrança de pênaltis, e agora havia chegado a hora do castigo. Teríamos pela frente todo o segundo tempo. O pai de Mariva contou pra ele que, no passado, seleções como a

Alemanha e o Uruguai venceram times considerados imbatíveis. Seu Neylor era um bom homem, mas às vezes falava bobagem. A gente também teria alguma chance se eles fossem apenas imbatíveis: o problema é que eles eram imortais.

2

O torneio coincidiu com o mundial da Espanha e jamais seria vista empolgação maior na nossa vila ainda arborizada. Pintamos a tabela dos jogos no asfalto liso, desenhamos Pacheco com sua camisa 12 listrada e enfeitamos o mundo com bandeirolas coloridas. Verde-amarelo se confundindo com outras cores das festas juninas, cheiro de pólvora na mão dos meninos que soltavam bombas e traques, e das meninas, com suas chavinhas iluminando a noite. Era

uma época em que ainda havia, no bairro, artigos que são de antiquário hoje em dia: calçamento, silêncio aos domingos e dignidade ao empenhar a palavra. Todo mundo parecia ter dinheiro sobrando, eram fartas as contribuições; dos vizinhos mais velhos, inebriados a cada vitória em Sevilha, ganhamos até álbuns de figurinhas Ping-Pong, o que gerou um torneio paralelo de bafo. Eu acreditava que meu trunfo era completá-lo. Faltava apenas a figurinha de um jogador... A tabela previa alguns mata-matas no mesmo dia dos jogos do Brasil, motivo a mais pra que a rua continuasse animada e cheia o dia inteiro. Na véspera das duas decisões, fui levar as peças que o pai fazia na oficina, entreguei a encomenda e voltei logo pra casa, com medo de perder o dinheiro, meia dúzia de notas amassadas. Elas nos levariam ao Gran Bartolo Circo num Fusca amarelo de faixa xadrez. Eu sempre pedia pra ir no banco da frente, gostava de ver os números mudando no taxímetro. Quando voltava pela Rua do Meio, passei em frente à casa de onde sempre saía um cheiro forte de incenso. Eu já conhecia as histórias sobre Dona Sebá, porém jamais tinha visto seu rosto. Uns diziam que ela era esquetejadora de crianças, grande fornecedora de matéria-prima pra sabão artesanal; outros juravam que ela previa o futuro, no entanto acho que era tudo sem fundamento. Não falar com estranhos ainda era uma regra muito vaga, e quando ela abriu a porta acenando com simpatia, subitamente me vi arrastado porta adentro. A mulher, encorpada e branca, era muito educada, tinha um sotaque de país distante, que achei sonoro, engraçado. Usava um vestido de um azul belíssimo e perguntou se eu não queria fazer um lanche, apontando uma cadeira de palha com uma almofada encardida. Foi na cozinha e trouxe um copo de Nescau e biscoitos que já pareciam à espera de algum desavisado. Enquanto eu comia, ela circulava pelos cômodos parecendo balbuciar algum tipo de oração ou reza indecifrável. Fiquei com receio de que ela tomasse o dinheiro do pai, ou melhor, do táxi e do circo, mas o dinheiro estava bem escondido, amarrado no cordão, na parte de dentro da minha bermuda. Depois da merenda, fiquei com vontade de sair logo dali, o cheiro de incenso estava começando a me sufocar. Ela ainda pediu que eu ficasse mais um pouco, que ia lá dentro buscar um presentinho pra mim e sumiu pelos fundos da casa. Fiquei indeciso se esperava ou

não, contudo vi luzes de vela através de uma cortina rala e terminei entrando na saleta iluminada. Um altar em vários níveis, repleto de imagens de santos e crucifixos de metal. Era tanta gente que todos os nomes da história do Vaticano pareciam reunidos numa arquibancada. Quando escutei os passos da mulher se aproximando, saí correndo sem olhar pra trás.

3

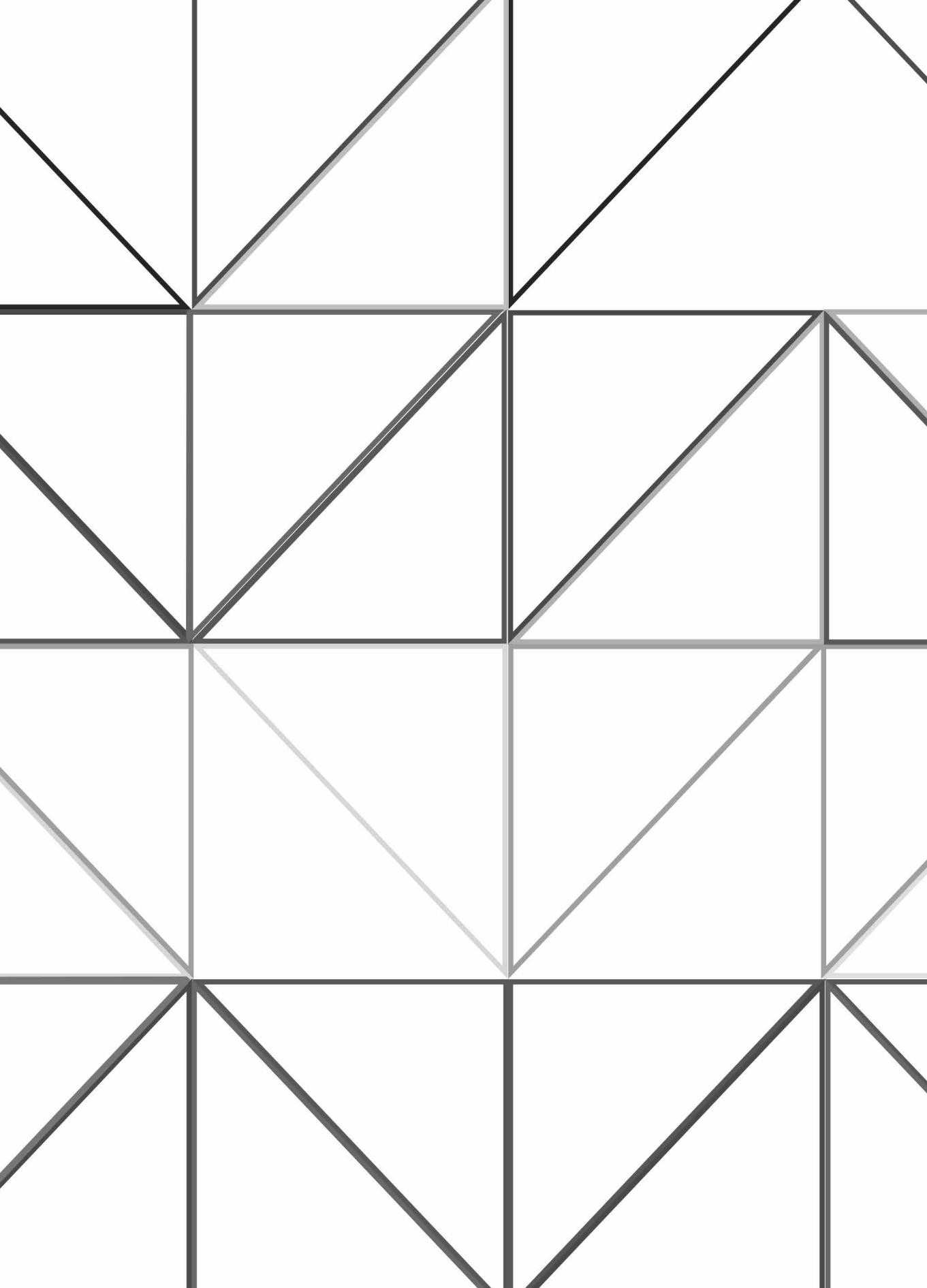
Acordei sem ânimo pra nada, e a segunda-feira prometia ser de muita festa. Haveria o aniversário de seu Giulite, os tonéis cheios de cervejas e refrigerantes, sepultados sob pó de serra e gelo, esperando os convidados. Passei uma noite terrível, em claro, pensando como seria minha atuação. Beto humilhava com suas canetas; Jaiminho tinha uma canhota de cirurgião, impossível tomar a bola dele. Osvaldo era firme e sereno lá atrás, com grande capacidade de recuperação, poucas vezes cometia uma falha; e Léo era como o Papa-Léguas, capaz de piques que nos faziam comer poeira. Não sei os outros, mas tudo que eu queria era evitar um banho de cuia. As gozações certamente me abalariam. Todas as coisas que aconteceram naquele dia não encontram lógica em nenhum manual de sobrevivência pra times mais fracos e amedrontados. O segundo tempo inteiro eles continuaram com a mesma lerdeza, sem produzir nada. O jeito que eles corriam lembrava um pouco os jogadores em final de carreira, fatigados pelo peso insuportável da fama. A multidão ao redor parecia inquieta, parte dela já havia ido embora e o clima de insatisfação só aumentava. A coisa se arrastava perigosamente pra uma prorrogação, o que nos colocaria em patamar respeitável, até que o lance aconteceu. Recebi um passe na lateral e, como não tinha nada a fazer, fui avançando sem muita convicção. Olhei pros lados e notei que meus companheiros ficaram no campo de defesa, sem acreditar na minha ousadia e a ponto de me repreenderem com um "Volta, seu maluco!" Pensei que eles tivessem mesmo razão, às vezes quem quer muito da vida termina quebrando a cara. Quem se contenta com um pouquinho todo dia, vai longe, porém eu já havia avançado demais na minha loucura, não tinha como recuar, e o terreno minado onde estava me obrigou a ir em frente. Levei um tranco de um deles, e outro já se aproximava pra naturalmente recuperar a bola, só que terminei descobrindo, no reflexo, o melhor e mais sólido de todos os parceiros de equipe. Tabelei com o meio-fio duas vezes seguidas e peguei do outro lado, deixando três deles fora de combate de uma vez só. Estava livre pro gol que calaria o universo, mas não sei se foi falta de fôlego ou covardia pra definir, o fato é que mirei, mirei, mirei; olhei, olhei pra bola e chutei forte, colocado e rasteiro. Tudo o que se ouviu foi um barulho seco na trave de madeira, denunciando que algo muito errado acabara de acontecer. No contra-ataque, vi a triangulação fulminante que eles fizeram antes do grito de gol explodir em todas as ruas do céu do mundo.

O pai acabara de chegar da oficina, nem mesmo tirou a farda, e o Brasil entrou em campo. Eu estava meio febril e evitei comentar alguma coisa do jogo na pracinha, até mesmo porque nada mais interessava além do que era mostrado na nossa velha Telefunken. Os gols foram saindo, tristeza e euforia se revezando, nos transformando em torcedores bipolares. A todo instante ele ia até a cozinha, voltava fumando um novo Continental e trazia uma xícara de café requentado (desde que a mãe partira, deixamos de beber café passado na hora). Terminamos o primeiro tempo perdendo. Nervoso e agitado, foi comprar outro maço. Fiquei folheando meu álbum, relembando as imagens da Copa até ali. A estreia encardida contra os soviéticos, os dois chutaços de fora da área batendo o gigante Dasayev; o gol de cobertura de Éder; a cobrança de falta de Zico no ângulo escocês, o toque de Júnior entre as pernas de um Fillol batido. Aquela foi a primeira Copa que me fez prestar atenção à sonoridade do nome dos jogadores de outras seleções. Jamais esqueceria os Tiganas, Pfaffs e Breitners. Eu ainda me sentia esquisito, contudo foi ali, sentado diante da tevê sem som, ouvindo as vozes da vizinhança ao longe, o estouro de fogos, latidos e garrafas quebradas, que comecei a compreender o verdadeiro sentido de fazer algo grande na vida: fazer parte da história ou mesmo acalmar e deixar feliz um pai amabilíssimo. O ar havia desaparecido e o silêncio súbito era igual àquele que trazemos por dentro e inunda todos os nossos órgãos vitais, quando um ente querido some sem deixar pistas, abortando eternamente a possibilidade de reencontro.

Quando ele retornou com seus cigarros, encontrou a sala vazia. O álbum estava no chão, aberto na página que acabara de receber, enfim, a última figurinha. A alternância entre comemorações e lamentos continuou no segundo tempo, provocando taquicardias e crises de hipertensão. Nos suspiros finais, o sol, incrédulo, já preparava sua saída, mas ainda haveria uma falta a nosso favor. Eu vinha me aquecendo há algum tempo (um pouco mais e adeus o recorde de Jorge Mendonça em 78) e quando seu Telê me chamou, não me passou nenhuma orientação tática, porém a maneira como falou comigo foi decisiva pra que eu ganhasse confiança. “Filho, vai lá e resolve pra gente”. O apelo, contido e esperançoso, me deu ímpetos de voar pra grande área antes mesmo de Chulapa me dar o lugar. Éder estava com pressa e deu um empurrão no maledetto que impedia a cobrança. Corri fazendo sinal pra ele cruzar no segundo pau, só que Oscar piscou o olho e entendi tudo. Nosso falso ponta cobrou com precisão, e nosso zagueiro ganhou pelo alto, detonando de cabeça: Zoff ainda defendeu em cima da linha, quase como um Banks milagroso, mas não conseguiu encaixar. Quando a gente jogava “cabeceô” de dupla, a parte que eu mais gostava era quando o goleiro rebatia a bola. Foi assim que aprendi a tabelar em espaços

mínimos e irregulares, já que o pátio do Centro Social era de barro e tinha um poste no meio. Com isso aprendi também a estar sempre atento pra finalizar rapidamente, me antecipando aos tapinhas e à recuperação dos arqueiros. Isso foi bastante útil no Sarriá (jamais

haverá outro nome de estádio tão belo e tão terrível), porque Zoff deu rebote e houve uma corrida desesperada. Bergomi, Jaiminho e Scirea partiram em direção ao gol; Beto, Cabrini e Osvaldo se esganaram pra tocá-la de qualquer maneira, homens e meninos famintos, mãos estendidas numa fila de merenda desorganizada e barulhenta. Na confusão, Léo ainda deu uma gravata em Gentile e ainda bem que ninguém viu, nem o juiz. Não lembro como consegui chegar antes de todo mundo, mas no momento de marcar e sair correndo sem camisa por toda Barcelona, notei um rosto familiar me secando lá atrás do alambrado. Quase me desconcentrei. Dona Sebá, pelo amor de Deus, isso lá é hora da senhora aparecer? O azul do seu vestido chegou a me ofuscar, mas antes que as coisas comesçassem a sumir diante dos meus olhos, a lembrança das tabelinhas com o meio-fio tornaram meus movimentos ainda mais ágeis. A bola encontrou brechas pra quicar três vezes e enchi o pé com tanta sede pra fazer 3 a 3, que o som das redes estufadas será a única partitura a me acompanhar até o fim, não importa em qual gramado meu epitáfio seja acolhido. A fisgada na coxa não me impediu de chegar à bandeirinha de escanteio, pra onde todos os meus amigos correram cintilantes, com seus uniformes amarelos e encharcados. Os abraços foram se desfazendo, e Cerezo se agachou pra me colocar sobre os ombros, eu acenava pra torcida girando minha camisa suspensa no ar. Alguns invadiram o campo, e não sei quanto tempo durou toda aquela frenética comemoração antecipada. Antes do gesto final apontando o meio de campo, vi o pai entre os vizinhos que se abraçavam. Com o rosto iluminado, ele mostrava a foto em que eu aparecia à sombra de uma grande lona colorida. A mãe, sorridente, segurava nossas mãos.



The image features a background of a light gray grid. Each square in the grid is bisected by a diagonal line from the top-left to the bottom-right. A dark gray triangle is positioned in the upper right quadrant, with its hypotenuse following the diagonal line of the grid. The word "DEUTSCH" is written in white, uppercase, sans-serif font, oriented vertically within this triangle.

DEUTSCH

EIN PANORAMA DER BAHIANISCHEN LITERATUR

Im Rahmen der Verwaltungsreform des Jahres 2011 wurde in der Staatlichen Kulturstiftung des brasilianischen Bundesstaats Bahia eine Abteilung eigens für die Förderung von Literatur eingerichtet. Dieser neu geschaffene Bereich hat unter der Leitung von Universitätsdozentin Milena Britto die Entwicklung einer ganzen Reihe von Projekten und Veranstaltungen zur Förderung der Literatur zur Aufgabe. Dabei geht es um die Schaffung einer eigenen staatlichen Kulturpolitik zu Gunsten von Literatur als entscheidender künstlerischer Ausdrucksform.

So wurden eigene Finanzierungsoptionen zur Förderung der verschiedenen Literatur-Projekte eingerichtet, für die eigentliche schöpferische Arbeit, aber auch für die Verbreitung, Vermarktung, Bewerbung, Ausbildung und so fort. Die Staatliche Kulturstiftung Bahias investierte von 2012 bis 2014 in kulturelle Ausschreibungen im Bereich Literatur 1,9 Millionen Real (etwa 600.000,- Euro) zur Finanzierung von 65 verschiedenen, über das gesamte Gebiet des Bundesstaates verteilten Projekten. Das Förderprogramm „Kalender der Künste“ förderte im gleichen Zeitraum 24 Projekte mit einem Gesamtvolumen von 312.000,- Real (etwa 98.000,- Euro).

Im Vordergrund stand dabei die Ausbildung. Die Literaturabteilung der Kulturstiftung organisierte 2013 in Porto Seguro und Vitória da Conquista sowie 2014 in Itapetinga und Mutuípe kostenlose Kurse. Für das Projekt „Schreiben in Bewegung“ wurden zwischen 2012 und 2014 renommierte Autoren aus dem portugiesischen Sprachraum, Vertreter der unterschiedlichsten Stilrichtungen und Regionen, eingeladen Workshops zu geben, um auf diese Art sowohl das Schreiben bereits etablierter Autoren zu perfektionieren als auch noch unbekannte Talente zu fördern. Das Projekt „Poetische Aktion“ hat seit 2012 mehrere Workshops und Veranstaltungen in bevölkerungsreichen, sozial schwachen Vierteln Salvadors durchgeführt, etwa in Alagados und im Solar do Unhão. Im Jahr 2014 wurde es in Pirajá veranstaltet.

Die Arbeit der Literaturabteilung der Kulturstiftung ist auf eine engere Interaktion von Literatur, Autoren und Lesern ausgerichtet. Wichtige Namen wie Mia Couto, José Eduardo Agualusa, José Miguel Wisnik, Sérgio Vaz, Jorge Mautner und Eliane Brum führten im Rahmen der transdisziplinären Veranstaltungsreihe „Conversas Plugadas“ im Theater Castro Alves Gespräche vor großen Publikum. Die Begegnungen wurden live im Öffentlichen Fernsehen übertragen. Das Projekt „Dichten und Schreiben in Bahia“ wurde 2012 ins Leben gerufen und ermöglichte 25 Dichtern und Romanautoren in engen Kontakt mit der Leserschaft zu treten und über ihre Arbeit zu sprechen. Die Diskussionsreihe wurde in Feira de Santana

und in Salvador (im den Stadtvierteln Engenho Velho de Brotas und Plataforma) veranstaltet. Dazu eingeladen wurden bekannte Autoren wie Aleilton Fonseca, Ruy Espinheira Filho, Denise Carrascosa, Carlos Ribeiro, Roberval Pereyr und Karina Rabinovitz.

Die Literaturabteilung versäumte es über all diesen Aktivitäten keineswegs, sich auch um den Ausbau der organisatorischen Struktur des Literaturbetriebs zu kümmern. In dieser Hinsicht wurde in Kooperation mit verschiedenen Vertretern des bahianischen Literaturbereichs das Literaturkolleg (Colegiado Setorial de Literatura) ins Leben gerufen. Seit Anfang 2013 ist dieses Kolleg ein wichtiger Ansprechpartner bei der Entwicklung einer eigenständigen Literaturpolitik für Bahia, wofür auch die Mitarbeit von Vertretern und Institutionen aus dem Bereich Buch und Lesen sowie aus dem Verlagswesen entscheidend ist. Auf den Kunstbiennalen und Buchmessen Bahias hat das Kulturministerium weiterhin immer Sorge dafür getragen, dass die bahianischen Autoren entsprechende Sichtbarkeit erfahren.

Aus dem Bemühen unsere Literatur nicht nur in Brasilien, sondern auch international bekannt zu machen, entsprang das Projekt „Bahianische Autoren: Ein Panorama“. Der erste Band erschien 2013 und vereinte 18 von einem fachkundigen Kuratorium ausgewählte Dichter und Prosaautoren. Der viersprachige Band – er umfasst neben den portugiesischen Originaltexten die deutsche, spanische und englische Übersetzung – wurde auf Buchmessen (wie zum Beispiel der in Frankfurt) vorgestellt sowie an Verlage, Institutionen und einschlägige Journalisten verteilt.

Das positive Echo auf das Buch und sein Erfolg gaben Anstoß zur Herausgabe des jetzt vorliegenden zweiten Bands dieses Panoramas. In ihm finden sich nun folgende Autoren: Antonio Brasileiro, Cyro de Mattos, José Carlos Limeira, José Inácio Vieira de Melo, Lande Onawale, Laura Castro, Luciany Aparecida Alves Santos, Marcus Vinicius Rodrigues, Maria da Conceição Paranhos, Mariana Paiva, Narlan Matos Teixeira und Tom Correia. Die Auswahl dieser Autoren oblag einer Kommission, der folgende Mitglieder angehörten: Aleilton Fonseca, Florentina da Silva Souza, Jailma dos Santos Pedreira Moreira, João Vanderlei de Moraes Filho, José Castello, Kelvin dos Santos Falcão Klein, Milena Britto und Rachel Esteves Lima.

Dieser zweite Band verfolgt dasselbe Ziel wie der erste: Dichtung und Prosa aus Bahia in Brasilien und international bekannt zu machen. Wieder ist der Band viersprachig und wird auf Messen sowie an Verlage, Institutionen und auf Literatur spezialisierte Journalisten verteilt. Damit soll die Übersetzung bahianischer Literatur angeregt werden. Das „Panorama Bahianischer Autoren“ nimmt eine zentrale Stellung im Aufbau der Literaturpolitik des Bundesstaates Bahia ein.

Antônio Albino Canelas Rubim
Kulturminister des Bundesstaates Bahia

Dzweite Band der Anthologie "Bahianische Autoren: Ein Panorama" vereint 12 Autoren und wird mit Sicherheit den Dialog zwischen den Kulturen anregen und unser literarisches Schaffen auf einem Kontinent mit deutsch-, spanisch- und englischsprachigen Lesern bekannt machen.

Zehn Jahre sind vergangen, seit Brasilien das erste Gesetz zur Regelung des Bereichs Buch und Lesen verabschiedet hat, auf dessen Grundlage erstmalig das „Nationale Programm für Buch und Lesen (PNLL)“ entwickelt wurde. Dieses Programm leitete einen Prozess ein, in dem sich Staatsverwaltung und Zivilgesellschaft in dem Bemühen vereinen positive Bedingungen für die Verbreitung von Büchern und deren Lektüre zu schaffen, v.a. durch die Professionalisierung der Produktion sowie einer Erleichterung des Zugangs zu kontinuierlich durchgeführten Maßnahmen der Leseförderung.

Druck, Übersetzung und Vertrieb sind fundamentale Schritte für die Internationalisierung aller dem Buch, der Literatur und dem Lesen förderlichen Maßnahmen, die ihrerseits sowohl gemeinsame als auch konstante Anstrengungen verlangen. Mit der Veröffentlichung dieses hier vorliegenden Bandes unternimmt das Kulturministerium des Bundesstaats Bahia über die ihm unterstellten Stiftungen und gestützt auf seinen Beirat für Internationale Beziehungen einen entscheidenden Schritt das Lesepublikum im In- und Ausland zur Lektüre unserer Autoren anzuregen.

Fátima Fróes
Direktorin der Pedro Calmon-Stiftung

ZUR VERBREITUNG DER LITERATUR BAHIAS

Die Verbreitung bahianischer Kunst hat in den vergangenen vier Jahren eine Schlüsselrolle in der Arbeit der staatlichen Kulturstiftung (FUNCEB) gespielt. Im Rahmen eines diesbezüglichen Programms haben gleich mehrere Projekte und Aktionen darauf abgezielt bahianische Künstler und ihre Arbeiten im Bewusstsein der Öffentlichkeit zu verankern.

Dabei ist es eine besondere Herausforderung dafür Sorge zu tragen, dass unsere künstlerische Arbeit nicht nur innerhalb Bahias zugänglich gemacht werden, sondern grenzüberschreitend in ganz Brasilien und vor allem auch international bekannt werden und Anerkennung erfahren. Die zeitgenössische Kunst Bahias muss im nationalen wie auch im internationalen Dialog, in der Öffentlichkeit, in der Literaturkritik und im Interesse des Publikums präsent sein. Dazu ist es notwendig nicht nur die Vertriebsnetze, sondern auch den Zugang der Konsumenten zu all dem zu verbessern, was in Bahia produziert wird.

In Kooperation mit dem im Kulturministerium Bahias angesiedelten Beirat für Internationale Beziehungen sucht die Kulturstiftung neue Wege für die Verwirklichung dieser Exportpolitik: Ein Unterfangen, das die unterschiedlichsten Maßnahmen erfordert und dessen Erfolg sich nur im Verlauf eines langfristig angelegten Prozesses materialisieren wird. Wir erwarten keine punktuelle Wirkung, sondern zielen auf die Erschließung ganz neuer Perspektiven für die verschiedenen Sektoren des künstlerischen Schaffens ab. Auf dem Gebiet der Literatur kann sich diese Initiative auf die aktive Teilnahme der Pedro Calmon-Stiftung stützen, eine für die Politik hinsichtlich von Buch und Lesen sowie für Archive und die Pflege des immateriellen Erbes zuständige bundesstaatliche Institution.

Im Oktober 2013, als Brasilien Gastland auf der Frankfurter Buchmesse war, wurde aus diesem Anlass der erste Band von „Bahianische Autoren: Ein Panorama“ herausgegeben, in dem 18 Autoren vertreten sind: Adalice Souza, Aleilton Fonseca, Álex Leilla, Antonio Risério, Carlos Ribeiro, Daniela Galdino, Florivaldo Mattos, Hélio Pólvora, João Filho, Karina Rabinovitz, Kátia Borges, Lima Trindade, Luís Antonio Cajazeira Ramos, Mayrant Gallo, Myriam Fraga, Roberval Pereyr, Ruy Espinheira Filho und Ruy Tapioca. Diese Autoren waren von einer Kommission ausgewählt worden, der Antonio Carlos Secchin, Antonio Marcos Pereira, Jorge Araújo und Josélia Aguiare Nancy Vieira sowie Milena Britto angehörten, letztere als Koordinatorin des Bereichs Literatur in der Kulturstiftung.

Auf dieser Buchmesse, der weltweit größten Veranstaltung des internationalen Verlagswesens, wurden Exemplare des Sammelbands an Literaturagenten, Herausgeber, Übersetzer, Literaturdozenten und Journalisten verteilt. Der Band wurde ferner an wichtige Zeitungsredaktionen, Bibliotheken und Universitäten in Brasilien und anderen Ländern verschickt und außerdem auf der Buchmesse im

mexikanischen Guadelajara verteilt, einem Ereignis von besonderer Bedeutung für den lateinamerikanischen Buchmarkt. Die Anthologie wurde außerdem führenden Literaturagenten und Verlagen in Deutschland, der Schweiz, Italien, Großbritannien, Frankreich, Spanien und Argentinien zugänglich gemacht, ebenso wie literaturwissenschaftlichen Forschungszentren und einflussreichen Übersetzern diverser Ländern.

Jetzt, ein Jahr später, ist die Fortführung des Projektes mit dem vorliegenden Band gesichert. Dieser zweite Band von „Bahianische Autoren: Ein Panorama“ stellt zwölf weitere Autoren vor, die das zeitgenössische literarische Schreiben in Bahia repräsentieren: Antonio Brasileiro, Cyro de Mattos, José Carlos Limeira, José Inácio Vieira de Melo, Lande Onawale, Laura Castro, Luciany Aparecida Alves Santos, Marcus Vinicius Rodrigues, Maria da Conceição Paranhos, Mariana Paiva, Narlan Matos Teixeira und Tom Correia. Dem Ausschuss, der diese Autoren für den zweiten Sammelband nominierte, gehörten an: Aleilton Fonseca, Florentina da Silva Souza, Jailma dos Santos Pedreira Moreira, João Vanderlei de Moraes Filho, José Castello, Kelvin dos Santos Falcão Klein und Rachel Esteves Lima, auch in diesem Jahr wieder betreut von Milena Britto. Wie im ersten sind auch in diesem zweiten Band alle portugiesischen Originaltexte ins Englische, Deutsche und Spanische übersetzt.

Bei der Aufnahme in diese Anthologie bahianischer Autoren kamen folgende Kriterien zur Anwendung: Lebende Autoren, stilistische Vielfalt, unterschiedliche Altersgruppen, verschiedene literarische Formate und Stilrichtungen und die Auseinandersetzung mit verschiedenen geographischen Schauplätzen in den Texten. Außerdem galt es zu berücksichtigen, dass die Kandidaten über Bahia hinaus noch wenig bekannt sein sollten. Im Vorsatz die Vielschichtigkeit des literarischen Schreibens auch über die schon international bekannten Autoren, die gemeinhin als Vertreter bahianischer Kultur anerkannt sind, hinaus aufzuzeigen, widmet sich dieser Band neuen Stimmen, deren Schreiben ein differenzierteres Bild dessen vermittelt, was man von Bahia zu erwarten pflegt. Denn Bahia ist so divers wie weitläufig und es ist unser Anliegen diesen Autoren gerecht zu werden und die Schönheit ihres Ausdrucks so vielen Lesern wie möglich nahe zu bringen.

Diese Initiative Bahias befindet sich in Einklang mit den Bemühungen der brasilianischen Bundesregierung, deren Außenministerium und Kulturministerium die brasilianische Literatur von der Stiftung Nationalbibliothek jenseits der brasilianischen Grenzen international zu verbreiten suchen. Mit der Verwirklichung dieses Projekts, das sich erstmals allein bahianischen Autoren widmet, beabsichtigen wir der Literatur Bahias in ihren neuen Facetten und aktiven Präsenz den ihr gebührenden Platz zu verleihen.

Nehle Franke
Direktorin der Staatlichen Kulturstiftung Bahias

Milena Britto
Kordinatorin der Literaturabteilung der Staatlichen Kulturstiftung Bahias

DIE GESCHICHTE VOM KATER

Für Jorge Amado, von ganzem Herzen

Das Alte ist schon vergangen;
sehst, alles ist neu geworden
Geoffrey of Vinsauf (ca. 1210 n.Cr)

Es begann damit, dass mich der Kater betrachtete, eine ganze Weile – und ich, naja, so für mich – vielleicht war ich in Gedanken verloren?

So als Kater mach' ich's mir im Schaukelstuhl bequem und lausche diesem vom Meer her kommenden fremden Geräusch. Ach so, das sind die Schiffe von Pedro Alvares Cabral. Dann hat's keine Bedeutung, die waren ja schon mal hier. Nette Leute, sie kommen erschöpft an.

Ist das nicht ein großer Mist, Pero? fragt der Kommandant seinen Schreiber.

Wohl möglich, Herr Kommandant.

Schafft diesen Kater beiseite, ist doch sicher wild.

Ist er nicht, Herr Kommandant. Und er will mit Ihnen sprechen.

Ein Frechdachs, was?

Vielleicht.

Ich näherte mich dem Mann. Er kaute Nägel und kratzte sich den schütterten Bart. Der dürfte nicht ganz sauber gewesen sein.

Offenbar sind Sie Cabral, sagte ich.

(Offenbar sind Sie Cabral, notierte der Schreiber.)

Ja, der bin ich.

Da im Fass habe ich frisches Wasser, fuhr ich fort.

Er machte ‚ähm‘, und wandte sich an seine Mannschaft: Leute, gebt auf dieses Wasser acht. Das ist nur zum Trinken. Und zu mir, während er sich am Bart kratzte: Und wo kann man hier ein Bad nehmen, Käterchen?

Hier nimmt man kein Bad, antwortete ich.

(Der Schreiber notierte: Hier nimmt man kein Bad.)

Pero, schreib das auf: Hier nimmt man kein Bad.

Ist schon notiert, Kommandant.

Und wer hat dir das befohlen, Dummkopf?

(Sehr gut, Pero, ausgezeichnet, notierte der Schreiber.)

Ich weiß nicht, wo sich der Entdecker letztlich gewaschen hat. So gegen vier Uhr nachmittags ließ er unter dem Mangobaum einen Unterstand improvisieren, befahl, ihm einen Krug Met zu bringen, und streckte alle Viere von sich. Von seinen mit gestrichenen Segeln jenseits des Riffs ankernden Schiffen drang der Lärm seiner Männer herüber. Sie sangen alte portugiesische Fados.

Also, das läuft ja alles ganz wunderbar, sagte der Kater zu mir. Oder sagte ich zu ihm, egal. Er setzte hinzu: Kaum haben wir uns hier installiert, und schon fällt uns berühmter Besuch ins Haus. Da musst du eben am Ball bleiben. Das hier wird noch ein rechter Besucherjahrmarkt... äh, ein Salon...

Was ist los mit dir, Kater? Ich sah ihn mit gerunzelter Stirn strafend an. So viel Zweifel. Zu viel Zweifel.

Und gibt's denn keinen Grund zum Zweifeln? fragte der Frechdachs.

Du willst philosophieren, was? Ich schnippse ihm mit dem Finger gegen das Ohr. Aber er entwischt. – Zweifel. Zweifel. Ist sicher ein kleiner Shakespeare. Bald werde ich ein Feuerchen machen, um ihn darüber zu rösten. Lasst uns mal diesen Seefahrer betrachten.

Ein Faulpelz, ganz klar. Er hat die Meere durchquert bis in unsere Breiten, und nun schnarcht er wie ein Schwein. Esel, der er ist, kann er Fantasie und Wirklichkeit nicht auseinander halten, glaubt womöglich, er sei hier nur, um mal kurz ein Auge auf uns zu werfen, denn er muss ja wohl die Reise fortsetzen. Das ist es doch, wozu Kapitäne da sind. Klar, das ist es natürlich, da steckt nichts weiter dahinter. Ich spreche von seiner Dämlichkeit, in mir einen Kater zu sehen und mich nicht als einen Nicht-Kater zu erkennen. Sobald er aufwacht, will ich mich ihm präsentieren.

Ein schöner Nachmittag. Er erinnert mich daran, wie mein Vater mich zur Gamboa mitnahm, um die Sonne im Meer versinken zu sehen. Dies, mein Sohn, ist nicht dieselbe Sonne, sagte mein Vater. In den 20er Jahren ging die Sonne nicht unter, bevor wir etwas von Olavo Bilac rezitiert hatten. Und mein Vater schien in seinem Schweigen ein weiteres Mal diese Olavo Bilacs¹ seiner Erinnerung aufzusagen. Denn nun gleich wird diese Sonne dort verschwinden. Eine jüngere Sonne als die meines Vaters? Ach, wie kann man gültige Antworten geben, ohne sich an diesen verdammten Zweifeln zu stoßen? Es gibt keinen Zweifel, dass der Seefahrer dort liegt und schnarcht und dass ich nicht viel länger damit warten werde, ihn aufzuwecken, um ein paar Wörtchen mit ihm zu reden. Aber es ist keineswegs klar, ob all dies doch nur ein So-Tun-Als-Ob bleibt, ein Übereinkommen mit dem durch ihn, den Erzähler, verkörperten Kater, wann immer ich mir dies wünsche. Ich? Wunderschön ist der Abend und der Worte sind wenig. Und alles gleicht sich zunehmend den Vorstellungen der großen Geschichtsschreiber an, bei denen –

¹Olavo Bilac (1865 - 1918), brasilianischer Dichter, Journalist und Übersetzer

wie Dilthey gesagt hat – ein strikter Kausalzusammenhang der wiedergewonnenen Realität eine viel größere Existenz als die wirklich gelebte aufprägt.

Der Bezwinger der Meere schlägt nach Fliegen. Ich gehe mal näher zu ihm heran.

Sie haben gut geschlafen, Herr Seefahrer? Die Caravelle Catarineta dort träumt, dass ein gewisser Pedro...

Der Mann sah mich ziemlich erstaunt an. Was ist, Kater? – Was gibt's, Kater? Was für ein Kater? gab ich gereizt zurück.

Sofort tat ich wie ein Mensch, sah ihm tief in die Augen, bis er in seiner Verwirrung fragte „Was ist, Kater?“ Ich nutzte die Gelegenheit und nahm eine herrische Pose ein. Wissen Sie denn nicht, wem dieses Haus gehört? fragte ich nicht ohne Arroganz.

Aber dieser Dummkopf murmelte nur immerzu „verrückter Kater“, stand auf und ging barfuß dem Strand und den Wellen entgegen. Ich dachte: Er wird ertrinken. Ohne die Hosen hochzukrempeln, ging er mit gleichmäßigen Schritten immer tiefer ins Wasser, und ich sah ihn dort rasch gänzlich verschwinden. Die Wasseroberfläche machte „plock“, als sie sich über seinem Kopf schloss. Ein paar Minuten darauf tauchte er weiter vorn aus dem Wasser auf. Er war schon dabei, die an der Bordwand hängende Strickleiter zu erklimmen. Seine Männer, auch diejenigen, die ihn an Land begleitet hatten, warfen alle ihre Mützen in die Luft.

Hi-hi, kicherte der Kater. Mein Shakespeare stotterte: Jetzt sind wir wieder allein. Gut, natürlich... in Wirklichkeit...

Nanu! rief ich: Hab' ich da wirklich einen Kater lachen gehört?

Ich betrachtete das Tier, wie es ganz ruhig die letzten Segel hinter dem Horizont verschwinden sah. Hier war die Bestätigung des Phänomens: Der Kater war der Kater, und ich war ich. Möglicherweise war das kleine Kichern nicht von ihm gewesen, aber das war jetzt nicht von Bedeutung. Was jetzt zählte, war die Trennung unserer Existenzen. Dort war er, bei der Verabschiedung der Besucher; hier war ich, voller Erinnerungen. Die mit mir befreundeten Poeten waren durchdrungen vom blinden Glauben an die Möglichkeit einer Glückseligkeit aller Wesen. Das machte ihre Größe aus. Ich jedoch wusste, dass dem nicht so war. Dies wusste ich, und ich verabscheute dieses Wissen. Eigentlich gemacht für die Illusion, musste ich gegen meinen Willen die Wahrheit entdecken.

Im Engpass der Thermopylen haben Leonidas, dreihundert Soldaten und ich dem König der Hölle die Stirn geboten, bis zu unserem Tod. Selbst die Geschichtsschreibung weiß nicht, wer den Sieg davon trug. Aber das macht nichts. Möge sie mit dem schlechten Gewissen fertig werden. Welchen Wert haben schon diese Wahrheiten, wenn wir nicht verrückt werden?

Verrückt oder boshaft, ergänzt der Kater mit seinem zweideutigen Kichern. Aber wir mussten zurück ins Haus. Oder auch nicht.

Weißt du, Kater, tatsächlich bin ich ja niemals mit Leonidas gewesen. Nur gefällt es mir eben, hübsche Sätze zu dreheln.

Das ist mir klar, sagte der Kater, und deshalb...

Und deshalb? drang ich in ihn.

Deshalb bist du doch hier, oder?

Was heißt ‚hier‘, Kater? Die Rätselhaftigkeit dieses Tierchens machte mich wütend. Was willst du mir da unterstellen?

Naja, sagt er mit einem schiefen Lächeln: Ich dachte, das wüsstest du schon.

Was weiß, Kater? Was?

Ich müsste jetzt mit der Faust auf den Tisch schlagen, wenn es da einen solchen gäbe. Aber ich hatte wirklich das Bedürfnis auf den Tisch zu dreschen. Und so lief ich ins Haus, um einen zu holen.

Fertig! sagte ich und rammte ihn in den Sand: Jetzt können wir weiter reden, blöder Kater.

Jetzt weiß ich nicht mehr, wo ich stehengeblieben bin, sagte er in dem Bemühen sich zu erinnern.

Ich befahl ihm: Das weißt du nicht? Dann streng dich an, und zwar sofort!

Warum sofort?

Wie, warum?

Der Kater zeigte auf mich: Bist nicht du es gewesen, der diese Schublade aufgemacht hat?

Hä?

Er sagt: Mach sie auf.

2.

Und dann erschien Tzu. Und sagte: Ich bin Tzu.

Er setzte sich neben mich.

Am Strand im Sand liegend wie die Maia-Statuen deuteten wir auf die weißen Schaumkronen über dem Riff, hinter denen die Schiffe Cabrals vor Anker gelegen hatten.

Wesen wie wir, Escatimburo, sagte er, benötigen zwei Gewissheiten: eine, um nicht an uns selbst zu zweifeln. Die andere, um vortäuschen zu können, dass wir an den Glauben der anderen glauben. Nur so werden sie uns nicht in Zwangsjacken stecken.

Tzu war ein Dichter. Ich hatte dieses Notizbuch gerade zugeklappt, als ich ihn von rechts kommen sah.

Sie sind wirklich davon? fragte er mich.

Er starrte mich mit seinem schiefen Blick an, was mich zu einem Lächeln zwang oder doch den Wunsch zu lächeln erweckte.

Ich dachte daran zu fragen: Sie? Aber ich fragte nicht.

Die Seeleute, ergänzte Tzu. Die Seeleute, die hier gewesen sind.

Ah, auch du hast sie gesehen? Ich dachte, nur ich hätte sie gesehen, ich und der Kater.

Tzu schaute sich nach dem Kater um, aber dieser Halunke war in diesem Moment nicht da, und ich schämte mich ein wenig, denn Tzu könnte ja denken, ich hätte nicht alle Tassen im Schrank.

Mehrere Tage lebten nur wir beide an diesem Fleck. Die meiste Zeit verbrachten wir schweigend, sei es beim Austernsammeln für unsere Küche, sei es bei der Ausbesserung des Lattenzauns oder von morschen Balken. Abends unterhielten wir uns. In diesen Stunden kam der Kater näher und lauschte unserer Unterhaltung. Dabei schaute er mal zu Tzu, mal zu mir. Tzu pflegte mir das eine oder andere Gedicht zu zeigen, das er während des Tages gemacht hatte; dazu zog er den Kerzenhalter näher heran, holte ein unbeschriebenes Blatt Papier aus der Tasche, und las.

Einmal fragte ich ihn: Wenn du das Gedicht schon so gut auswendig kannst, dass du es nicht mal aufschreiben musst, warum kannst du dann nicht auf dieses Papier verzichten?

Er schaute mich mit seinen Kinderaugen an, total verwundert. Ich wiederholte die Frage, er hörte sie sich an, immer noch verwundert. So ließ ich es denn auf sich beruhen.

3.

Nur wegen des rhetorischen Effekts behauptete ich, ich hätte geschlafen und geträumt. Jetzt bin ich wieder wach. Aber das ist alles reine Rhetorik. Wer schläft? Wer träumt? Dies ist eine glückliche Geschichte – reicht das nicht aus?

Tzu berührte meine Schulter: Hast du meditiert?

Ich?

Das Meer ist so ruhig, fuhr er fort. Vor Kurzem sah ich, wie dich Löwen umschlichen. Ich hatte Angst, sie könnten dir etwas antun. Du warst geistig so weggetreten.

Löwen?

Sie haben sich vor dich gesetzt und beobachtet. Sie schienen...

Ich unterbrach Tzu: Schau mal, Tzu, alles, was ich hier mache, ist, allein zu leben. Ich kannte mal einen Kerl, der stand jeden Tag morgens um vier auf, um zu schreiben. Das hat er sein ganzes Leben lang so gemacht. Er füllte zweihundert Notizbücher dicht mit diesen winzigen Lettern. Was kam da rein? Alles. Mal ein Gedicht, mal eine kurze Notiz.

Ganz ungeordnet.

Ungeordnet wie sein Leben.

Sein Leben?

Wie ein Leben! Ist es nicht so? Die eigentliche Ordnung ist doch das Chaos.

Das Meer ist ruhig.

Das Meer ist nie ruhig, Tzu. Wo sind die Löwen geblieben?
Die sind ins Meer gegangen.
Du bist sympatisch, Tzu. Ich wünschte, es gäbe dich wirklich.
Warum?

Warum? Wir schwiegen eine Weile – Weißt du, Tzu, das Schlimmste ist wirklich dieses Scheißleben.

Aber was du da sagst...
...dieses Scheißleben?
...wäre es interessant das zu hören?

Nein. Das wäre es nicht.
Lass uns von den Löwen reden.
Ja, reden wir von den Löwen.

Tzu wiederholte, dass mich Löwen umschlichen hätten, aber ich hätte die Augen geschlossen gehabt.

Die Löwen stinken, sagte er. In meiner Vorstellung hatte ich das vergessen.
Ach, du hast sie dir vorgestellt? Äh...

Tzu schloss die Augen und dachte an die Löwen.
Ich denke an die Löwen, sagte er.

Ich weiß.
Aber hier gibt's keine Löwen.
Aber du hast doch an sie gedacht.

Ich weiß.
Tzu schloss erneut die Augen. Als er sie wieder öffnete, sah er mich an.
Ich existiere ja gar nicht.
Ich weiß. Du bist eine Erfindung von mir.

Große Kunst wird im Schweigen geboren. Ich könnte tausend Geschichten ersinnen, wenn ich die Erklärung für einige Dinge hätte. Aber immer habe ich schon daran gezweifelt, ob ich denn irgendetwas erklären könnte. Was wir unentwegt tun, ist dem Chaos Sinn zu geben. Aber braucht denn das Chaos einen anderen Sinn als den, welchen es ja längst schon hat? Es gibt keine Logik. Genau besehen sind Meisterwerke doch Fälschung. Das, was sich tatsächlich in ihnen verbirgt, ist unsere Unfähigkeit zu verstehen.

Ich wälzte diese Gedanken, während Tzu sich damit vergnügte, einen dünnen Sandstrahl aus seiner Hand rieseln zu lassen. Der Erfinder der Sanduhr muss sie sich in einem Augenblick wie diesem vorgestellt haben. Als der letzte Sand heruntergerieselte, streckte Tzu seine Hand in die Sonne und pustete die noch an ihr haftenden Körnchen davon.

Immerhin, beobachtete ich, gibt es einige Körnchen, die einem einfachen Pusten nicht weichen.

Tzu schaute mich an und lächelte, als hätte ich ihn überrascht.

Aber ich kann sie auf diese Art los werden, sagte er und tat so, als riebe er seine Hände aneinander.

Ja, das kannst du. Aber wozu?

Tzu war ein Poet. Ich habe ihn erschaffen, um mich nicht so einsam zu fühlen.

Gerade ist der Kater wieder aufgetaucht, übermüdet und mit der Nachricht, die Seeleute seien zurück.

In der Bucht, zeigt er.

Die Seefahrer?

Ja. Cabral und die anderen. – Und andere, setzte er hinzu.

Beruhige dich, Kater!

Und Frauen auch.

Geh'n wir hin!

Wir gingen hin. Guten Tag, meine Damen, sagte ich.

Es handelte sich um ein paar aufgeregte Frauen, die mich voll Erstaunen betrachteten und dann zu lachen begannen, wobei sie ihre Münder hinter weißen Händen versteckten, als könnten sie auf diese Art ihr Gelächter verbergen. Ich hatte den Eindruck sie bedienten sich einer fremden Sprache. Es gab ja nur sie und ich bildete mir sogar ein, diese Frauen seien vielleicht die Seefahrer, und der Kater habe sich geirrt.

Pero! riefen sie plötzlich mit freudigem Erstaunen.

Ja, es war der Schreiber. Pero umarmte sie, nicht ohne einige Schamlosigkeiten, denn er befragte ihre Brüste, und so Arm in Arm kam er mit ausgestreckter Hand auf mich zu.

Wir bleiben noch etwas in Ihren Breiten, sagte er. Wir haben diese Frauen mitgebracht.

Wie ich später begriff, gehörten die Frauen zu niemand Bestimmten.

Du gefällst ihnen gut, informierte mich Pero mit einem Zwinkern. Er war wohl etwas angetrunken, sprach mit schwerer Zunge. Eine der Frauen kam näher und knuffte mich, wie um zu prüfen, ob ich wirklich existierte. Die anderen lachten.

Mach dir nichts draus, sie sind ein bisschen verrückt, sagte Pero.

Auch ich verhielt mich ziemlich idiotisch und fing an die eine oder andre zu begripschen und sie fanden das alles ganz komisch und lachten. Schon rollten wir auf dem Boden herum, und da sie viele Röcke übereinander trugen, hatte ich bald die Augen voller Sand und fand das nicht mehr lustig. Pero versuchte mit wenig Schamgefühl einer von ihnen die Kleider vom Leib zu reißen, wobei sie nicht aufhörte zu lachen. Sie jagten einander und verschwanden im Gebüsch. Da hörten wir eine Trompete .

Erst jetzt bemerkte ich, dass da draußen im Meer ein Schiff lag. Die Frauen hörten auf zu lachen und begannen besorgt nach Pero zu rufen. Es musste wohl ein Befehl sein, dachte ich. So als werde alles wieder real. Sie klopfen den Sand von den Kleidern und ich tat das gleiche. Pero und sein Mädchen tauchten auf,

voller Ernst. Erneut die Trompete. Die Frauen rannten und ich fühlte einen Schlag auf meinem Kopf.

Ich weiss nicht, wie lange ich ohne Bewusstsein blieb. Ich war auf der Erde fixiert, der Körper mit dünnen Seilen umwickelt, Arme und Beine gespreizt und am Boden festgebunden. Ich musste die Augen zusammenkneifen, denn die Sonne blendete mich.

Also gut, Herr Gulliver, hörte ich hinter mir eine Stimme sagen. Ich erkannte sie, es war Cabral.

Ich dachte sofort an meine Ohnmacht. Ob sie mir mit irgendetwas auf den Kopf geschlagen hatten? Noch nie zuvor hatte ich das Bewusstsein verloren und es schien nicht so schlimm zu sein. Der Hurensohn verlangte, dass ich über Städte redete. Es klingt vielleicht seltsam, dass ich so unvermittelt darauf zu sprechen komme, aber ich kann das erklären, denn es gibt ja nichts Seltsames, wenn man die Angelegenheit nur erklärt. Cabral stand dergestalt hinter meinem Kopf, dass ich ihn nur aus einer ziemlich verzerrten Perspektive sah: Es war nicht so, dass ich mich irgendwie dadurch entwürdigt gefühlt hätte, ihn so von unten über mir zu sehen. Übrigens hatte er ja auch gar nichts von der Position eines Herrschers oder Tyrannen, wie sich ein Schwächling das hätte vorstellen können. Es war eher diese groteske Masse über mir, die mich störte. Er verlangte, dass ich von den Städten spräche.

Meine Meinung zu Städten ist folgende: Ständig von ihnen zu reden, bedeutet, dass man sie mag. Und ich hasse Städte.

Ja, ja, pflichtete er mir bei, aber gibt's einen Grund für deine...?

Allerdings.

Und der wäre?

Also, Junge, es hat mich Jahre gekostet den Grund herauszufinden, obwohl ich natürlich im Grunde alles längst wusste. Auch du müsstest doch Bescheid wissen. Falls du weiter auf diesem Thema herumreitest, stehe ich auf und gehe dir an die Gurgel.

Du bist gefesselt.

Ich schloss die Augen. (Ich war mir nicht sicher, ob ich noch ohnmächtig war.) Der Kater schnurrte mir ins Ohr, strich mit seinem Fell über mein Gesicht und ich schlug die Augen auf.

Er fragte: Hast du meditiert?

Ich?

Er sagte: Das Meer ist so ruhig. Ich habe Löwen um dich herum streichen gesehen und bin fast gestorben vor Angst, dass dir etwas passieren könnte.

Löwen?

Sie haben hier gesessen und dich beobachtet.

Das war eine Wiederholung. All dies war doch schon einmal geschehen, ohne dass ich wüsste, wann und wie. Der Kater setzte die Unterhaltung fort, oder ich glaubte, dass er sie fortsetzte, und vielleicht war ich ja wirklich in ein Gespräch mit

ihm verwickelt, aber was in mir stattfand, das war dieses Gespräch, das aber nicht mehr einen Dialog aus der Vergangenheit wiederholte, sondern sich erneut und in der Zukunft abspielte, wieder und wieder von Neuem, in unendlicher Folge, und keineswegs nur die Idee eines Dialogs, sondern der Dialog selbst, und jedes Mal vollständig. Es ging so weit, dass es mich nicht mehr störte ihm zu folgen, ihn nachzuerzählen und zu leben. Was blieb, war eine Art Brandung in meinem Kopf – das typische Geräusch des Existierens: das reine Sein. An diesem Punkt brachte ich das Gespräch mit dem Kater mit der Unterhaltung mit Tzu in Verbindung. Tzu der Poet. In Gedanken an ihn muss ich wohl geschmunzelt haben.

4.

Immer war es mit meinen Eindrücken das gleiche: sie waren nur von kurzer Dauer. Der Seefahrer und sein verwaschenes Hemd mit den bauschigen Ärmeln, in der Farbe des nutzlosen Adels, dieser Seefahrer also bestand darauf, dass ich von den Städten spräche.

Die Städte der Zukunft, Escatimburo, bat er, mich bei einem Namen nennend, ich weiß nicht, wer ihm den genannt hatte. Der König ist ein Dummkopf, der davon träumt fünfhunderttausend Frauen zu schwängern, um diese Wälder zu bevölkern. Er hat verlangt, dass meine Männer ihren Samen hier verstreuen, geradeso, als hätte diese Landschaft einen Überfluss an Frauen, während er mit den Kartografen Möglichkeiten diskutierte, eine Expedition mit feinstem Sperma hierher zu entsenden. Aber diese Art Leute, die er zu schicken plant, denkt doch an nichts anderes als daran Sonette zu schreiben. Ich bin heute verärgert, wie du siehst. Also sprich schon von diesen verdammten Städten. Pero wird alles notieren.

Sagte ich schon, dass ich auf dem Boden lag? Ich dachte an den berühmten Satz des Diogenes: „Geh mir aus der Sonne“. Aber unser Admiral war nicht mehr als ein grosser Junge. Ich beschloss mich aufzusetzen. Einige der Schnüre um meinen Körper rissen, zerbröselten in drei Sekunden und der Wind trug sie davon. Pero erschien mit einem Stapel Papier, einem Tintenfass und einer Pfauenfeder.

Ich begann: Alle Städte sind reine Schwächlichkeit.

Moment, mein Freund, ersuchte mich Pero, lass mich das Papier auspacken.
– Fertig!

Ich sagte, sagte ich, dass Städte die Erfindung von Schwächlingen sind, nämlich jener Leute, die nicht mehr auf die Jagd gehen, keine Frauen mehr rauben, die nicht mehr ihre Nachbarn töten...

Ja, ja, nickte Pero. Ich kann Ihnen folgen. Und er schrieb: „Mein Herr, ich setze voraus, dass Ihnen der Gouverneur und die anderen Kapitäne dieser Ihrer Flotte die gute Nachricht von der Entdeckung dieses Ihres neuen Landes mitgeteilt haben...“ Fahren Sie fort, lieber Freund, ich schreibe schnell.

Schau mal, Pero, dein Bauch ist doch schon etwas jenseits des Erlaubten. Wenn ich mal in deinem Alter bin – wie alt bist du übrigens?

Neunundvierzig.

Wenn ich mal in deinem Alter bin, werde ich vier oder fünf makellos reine Damen bitten auf meinem Bauch zu tanzen.

Damen...?

Makellos reine... und jeden Morgen. So wird man mich niemals mit so einem Wanst sehen.

Bald werde ich ihn in Kalkutta schon wieder loswerden, sagte Pero und lachte.

Ja? zweifelte Cabral. Er verlangte entschlossen eine Fortsetzung meines Berichts.

Die Städte? Nun, Junge, sag deinem König, er soll dieses Durcheinander hier nach Gutdünken mit Sperma überfluten. Nach fünfhundert Jahren werden wir nicht mehr als eine kleine Marionettenrepublik sein.

Entschuldigung, sagte der Admiral, ich wollte Sie nicht verärgern. Ich bin ganz einer Meinung mit den Träumen des Königs.

Wer träumt schon nicht? fragte Pero im Tonfall eines Weisen. Wir betrachteten ihn mit schiefem Blick, er hüstelte, kratzte mit der Spitze der Feder sein Kinn, beschmutzte sich mit Tinte und grinste verlegen.

Die Geschichten haben kein Ende, nicht wahr, Escatimburo? sagte Cabral mit der gleichen billigen Philosophie, im Ton einer Kritik am armen Schreiber. Der König dort bei Hofe und wir hier. Du sagst mir, alles sei nur ein Traum, während wir doch in wenigen Tagen nach Indien aufbrechen. Wir werden verschwinden, und diese Wellen hier werden dieselben bleiben. Was ich wirklich gern täte, das wäre jetzt, ein paar Frauen aus Lissabon zu vögeln, die mir zugewinkt haben, als ich sie im Hafen von Belém zurücklassen musste.

(Ich möchte ein paar Sachen auf die Reihe bringen, zunächst den Schauplatz: Dieses Häuschen am Strand, ein mächtiger Mangobaum, das die See mit einem Schaumstreifen zerteilende Riff. Dann die Zeit: Der portugiesische Entdecker überspringt fünf Jahrhunderte, der Erzähler reist fünf Jahrhunderte zurück, und im Aufeinanderprall der Illusionen füllen sich die Stunden der Muße. Schließlich die Figuren: Der Erzähler, der Kater und Erzähler-Kater, der Dichter Tzu, der eigentlich gar nicht existiert, sowie Cabral und Pero als eine Art Kopf und Körper, von denen man nicht recht weiß, auf welchen der beiden man eher verzichten kann. Darunter mischen sind ein paar Träume, aber die Träume kann man in Klammern setzen.)

Nichts darf beiseite gelassen werden! brüllte Cabral plötzlich. Diese Scheiße muss genau so weitergehen wie es dieser Verrückte will. Will er nicht eine Nation? Also wird er die Nation haben, die er sich wünscht. Schreib auf, Pero: Dieses Land ist einfach wunderbar, es gibt keine Schlangen, keine Mücken oder Jaguare und so weiter und so fort. Alles hier ist bestens. Wir beeilen uns mit dem Entdecken. Seefahrt tut Not. Hab' ich nicht recht, Escatimburo?

Der Mann war gereizt und kratzte sich nur noch mehr an seinem sogenannten Bärtchen.

Und dann passierten lauter unglaubliche Dinge. Plötzlich schwärmten Matrosen auf den Strand, die Frauen machten sich kichernd zurecht und wir – das heißt ich, Tzu und der Kater – in grenzenloser Verwunderung. Während wir unsere Aufmerksamkeit auf eine Gruppe hier richteten, verschwand alles, was dort gewesen war. Und sobald sich unser Blick wieder hierher fiel, war auch dieser Platz leer. Pero Vaz, mit gekreuzten Beinen auf einem Sandhügelchen, notierte irgendetwas. Ich näherte mich ihm.

Was geschieht hier, Pero?

Wir werden die Anker lichten. Der Kommandant muss geträumt haben.

Allein deshalb?

Nur?

Und während er irgendetwas niederschrieb, erzählte er mir den Inhalt dieser Träume des Kommandanten.

Er sieht weit, Jahrhunderte voraus. Und weißt du, was er da gesehen hat? Diesen Strand. Überschwemmt von halbnackten Leuten. Dort drüben Sonnenschirme. Dort hinten ein paar schnelle Karren, aber ohne Bespannung.

Hm!

...ohne Gespann.

All das notierst du da gerade? fragte ich.

Hier? Hm-hm. Ich schließe nur den Bericht ab: Aus diesem sicheren Hafen, dem Porto Seguro auf Ihrer Insel Vera Cruz, heute – welcher Tag ist heute? Freitag? – also Freitag, dem ersten Mai...

Ich drehte mich zu Tzu um. Ich dachte daran ihn zu fragen, ob dieser Kerl nicht ganz verrückt war. Tzu blickte weit hinaus auf's Meer und die am Horizont rasch verschwindenden Schiffe. Der Kater schärfte sacht seine Krallen an meinem Bein. Ich beugte mich hinunter, um ihn zu streicheln.

Du redest mit dir selbst? fragte er mich.

Wie bitte?

Ich schaute mich um, aber da war kein Pero mehr, kein Tzu. Nicht einmal die Schiffe.

Kater! rief ich, Kater! Kater!

In meiner Hand nur der kühle Sand des Strand. Feinkörnig rieselte er durch meine Finger. Einige Körner glänzten kurz, heller als die Sonne.

DER VIEHHIRT GENARO

(Diese Prosatexte sind dem 2014 im Verlag Letra Selvagem, São Paulo, erschienenen Roman *Os Ventos Gemedores* entnommen.)

Mit festem Schritt im klaren Licht des Tages. Die Stirn entspannt, denn er kennt die ihm von der Hoffnung und den Wünschen eines harten Lebens vorgezeichneten Wege, die ihm zeigen, dass es keinen Menschen gibt, der alleiniger Herrscher dieser Welt wäre. Gott hat diese Erde nicht für den Nutzen nur eines oder einiger weniger Menschen, das Joch für viele erschaffen. Jenen folgend, die die Mehrheit bilden, wiederholen Söhne und Enkel die alten Fehler, verlassen dieses Leben, ohne sich je der Fesseln ihrer Väter entledigt zu haben. Für jene unter dem Joch ist ein Tag wie der andere: Harte Arbeit und ein Lohn, der kaum zum Essen reicht. Jeder Einzelne wird sich am Ende in Dünger für diese Erde verwandeln, in einem Grab, das sich niemals füllt. Schritte auf Wegen, auf denen jene Gedanken gedeihen, die ihren Ursprung in langen, schweißgetränkten Tagen haben, ausgeheckt in den Stunden harter, mit Messer, Axt, Sichel, Brenneisen und Lasso verrichteter Arbeit. Nach all diesen Jahren ausbeuterischer Arbeit auf den Besitzungen des Vulcano Brás, heimgesucht von immer wieder und wieder verletzten Gefühlen, wird ihn nichts mehr davon abbringen, dass nun in Bälde geschehen wird, was ihn wie ein andauernder Wachtraum begleitet hat auf einer Erde, die allen das gleiche beschert, klares Wasser für alle.

Sonnenstrahlen prallen vom ledernen Hut ab, rund wie der kleine Helm antiker Krieger. Sie leuchten auf der Lederweste, die seinen Körper wie eine Rüstung schützt, auf den Stiefeln, die bis zu den Schenkeln reichen. Furchtlos und ohne Zweifel an seinen aus dem sicheren Glauben an den Sieg geborenen Ideen geht er der Abrechnung mit Vulcano Brás und seinen Schlägern entgegen. Die Gestalt des rohen Kriegers durchquert die Schichten gleißenden, aus blauem Himmel voll Wolkengebirgen herabstürzenden Lichts. Die morgendliche Brise streicht über das von der Sonne gegerbte, kupferfarbene Gesicht. Seine Fertigkeiten in der Viehpflege sind in der gesamten Region des Goldes¹ berühmt.

Seine Treffsicherheit beim Lassowurf wird selbst von den ältesten Hirten bewundert. Die ihm eigene Sicherheit beim Viehtrieb großer Herden, ohne auf den langen Strecken auch nur ein einziges Tier zu verlieren. Der über ferne Weiden schwingende tief-lockende Ton des Horns, sein vom Hirten monoton gesungener Lockruf für das Vieh, all dies findet in diesen Breiten nicht seinesgleichen. Der Ruf seines Berrante² bringt die Natur ringsum zum Schweigen, wenn er aus der Ferne

¹Eine Region im Landesinneren Bahias

²Berrante: beim Viehtrieb lockender Ruf eines Horns

herüber schallt, und der lockende Singsang des Aboio³ ruft mühelos was weiß ich wie viele Stück Vieh herbei, von denen viele mit vergnügten Sprüngen durchs üppige Gras zum Rufenden eilen.

Er hatte nicht gezählt, wie oft er vom Sattel aus die Sonne hatte auf- und untergehen sehen. Ungezählt die kleinen Bullen, die er kastriert und gebrandmarkt hatte, um die Herden zu bilden, die an den Hängen des Viradouro-Gebirges grasten. Er war der Beste, um Hufgeschwüre bei Eseln oder Rindern zu operieren. Einen anderen gab es nicht, der wie er es verstanden hätte ein quer liegendes Kalb auf die Welt zu bringen. Und all die Mühen mit den Herden des Vulcano Brás, um am Ende mit leeren Händen dazustehen. Hier im Dorf, in Vila do Pati, ohne ein Stückchen Land, auf dem er etwas säen und ernten könnte, wo sich eine kleine Weide abzäunen ließe für ein paar Milchkühe, von denen die eine oder andere dann im Alter noch als Trockenfleisch auf dem Wochenmarkt im Dorf verkauft werden könnte.

Mit seiner Rüstung aus Leder und dem Hut als Helm hatte er gelernt die Sonne zu lieben, den Regen, den Wind, die Sterne, den Mondschein. Aber innere Stimmen sprachen von der Dummheit dieser Hände, die nicht bemerkten, wie schnell die Zeit verging, während sie sich um die Herden des Vulcano Brás sorgten. Immer unterwegs auf den endlosen Ländereien auf der Suche nach Kühen und Kälbern, die zu brandmarken und zu zählen waren. Das erforderte Anstrengung, Geschicklichkeit und Mut. Es dauerte Tage, wenn sich die Kuh mit ihrem Kalb im dornigen Gebüsch versteckte. Im Handumdrehen war sein Leben vorüber, ohne dass er gemerkt hätte, dass das morgige Gestern nur für einen Augenblick zwischen der Nacht und dem Tag liegt.

Das fette Gesicht des Aparício Pança-Farta⁴ wurde noch breiter unter dem Begrüßungslächeln, mit dem er den grimmig dreinblickenden Ankömmling freundlich zu stimmen versuchte.

„Ich brauche dreißig Hörner Pulver, vierzig Schachteln Munition, viel Blei und Patronen“, die Stimme des Viehhirten Genaro ist entschlossen. Der Ausdruck im Gesicht des Aparício Pança-Farta schwankt zwischen dümmlich und erschrocken. „Noch ist Zeit, Genaro, von dieser Schnapsidee eines Aufstands Abstand zu nehmen. Zwar ist Vulcano Brás immer der Meinung gewesen, er könne jede Krankheit besiegen. Nur dass es diesmal kein Entkommen mehr gibt. Es ist sein Ende, wenn er nicht schon tot ist. Und was danach kommt, das weiß alle Welt. Auf den Feldern gibt's zwar Arbeit für viele und genug Verdienst für den Lebensunterhalt, aber Hügel, Täler, Flüsse, Felder, Wälder, Wiesen mitsamt dem Vieh, das Dorf, alles, was in dieser Welt wie ein Fass ohne Boden diesem Vulcano Brás gehört, geht in die Hände seiner Frau der Kinder über.“

³Weithin hallende gesungene Töne, mit denen das Vieh gelockt wird

⁴Pança-Farta („Dickbauch“) ist eine von Gregório de Mattos erschaffene literarische Figur aus dem Bahia des 17. Jahrhunderts

Scharfe Dolche in der Brust des Viehhirten Genaro sind diese Worte des Aparício Pança-Farta. Spitze Dornen durchdringen die entferntesten Teile seines Körpers. Sein mageres Gesicht verzieht seine hasserfüllten Augen zu schmalen Schlitzeln. Genaro denkt, dieser Aparício Pança-Farta sei immer dagegen, wenn ihm lautere Stimmen gegen das Joch von Vulcano Brás zu Ohren kommen. Nur kann er nicht den Nutzen verbergen, den er aus diesem Verhalten zieht, nämlich ein zufriedenes Leben, das er als einziger Ladenbesitzer des Dorfes führt. Sein Geschäft hat immer alles auf Lager, Werkzeuge für die Feldarbeit, Munition für Schusswaffen, Stoffe für die Kleidung, ein Fässchen Schnaps, Gefäße mit Petroleum, fladenförmiges Trockenfleisch, Säcke mit Zucker, Manjokmehl und Bohnen, neben anderem Kleinkram.

„Jeder auf dieser Welt soll seine Bestimmung leben“, versucht die Stimme Aparício Pança-Fartas zu überzeugen. „So wie die Finger der Hand sich nicht gleichen, so gibts einige, die im Leben kommandieren, während die Mehrheit da ist, um zu gehorchen“. Der Viehhirte Genaro sagt, so unterliege die Welt einem großen Irrtum, „denn die Kühe gebären nie für viele, während für einige wenige sogar die Bullen anfangen Kälber zu werfen.“ Er bemerkt, die Zeit sei reif, solche Unstimmigkeiten in diesen Breiten zu korrigieren. Aparício Pança-Farta glaubt nicht, dass dies eines Tages möglich sein werde. Der Viehhirte Genaro meint, die Erde werde in dieser Welt erst dann von Wert sein, wenn jeder auf ihr Lebende den Fuß auf sein eigenes Stück Land setzen könne. Deshalb sei es notwendig, dem einzigen Befehlshaber dieser Gegend die Zügel aus der Hand zu nehmen. „Darum geht es in unserem Kampf, und wir werden uns jetzt nicht entmutigen lassen.“ Aparício Pança-Farta versucht weiterhin den Viehhirten Genaro von dem Wunsch abzubringen, sich mit seinen Verbündeten auf eine Auseinandersetzung mit Vulcano Brás einzulassen. „Freiheit, die mit Blut erkaufte ist, hat keinen Wert!“ Die Antwort des Viehhirten Genaro wird begleitet von einem kräftigen Spucken auf den löcherigen Zementboden des Ladens. Der Blick auf Aparício Pança-Farta ist voller Wut. „Ich sehe, du hast deine Seite schon gewählt. Und ich sage demjenigen, der beim Ausbruch des Aufstands auf der Seite von Vulcano Brás steht: mit diesem Verfluchten werden wir kein Mitleid haben!“

Aparício Pança-Farta ist von den Worten des Viehhirten Genaro alarmiert. Seine Backen zittern im geröteten Gesicht. Nervös sucht er in den Regalen nach den Dingen, nach denen der Viehhirte verlangt hat. Er sucht auf der Seite, über, unter und hinter dem Tresen und in allen Winkeln. Fliegen schwirren ziellos umher, umkreisen den Sack mit dem Zucker. Einige wagemutige landen auf den behaarten Armen des Krämers.

Zitternde Hände schieben schließlich auf dem Tresen die dicken Lappen Trockenfleisch beiseite und verstauen in einer Kiste das Pulver, die Schachteln mit Munition, die Patronen und das Blei. Der Krämer wischt mit einem Tuch über sein feistes Gesicht und trocknet sich den verschwitzten Hals. Verblüffung in seinem auf Genaro gerichteten Blick, während dieser gemeinsam mit einem anderen Mann den Laden verlässt. Der andere trägt die Kiste mit der Munition auf seinem

Kopf. Schließlich verschwinden die beiden in einem Durchgang, der zur Straße hinter dem Platz führt.

Runzeln im Gesicht zeugen von den Spuren, die die Zeit hinterlassen hat, in der er Vulcano Brás' Herden gehütet hat. Ein fadenscheiniges Hemd bedeckt die Brust unter der Weste aus Zebu-Leder, gefertigt von den im Umgang mit Vieh so erfahrenen Händen. Was so mancher in dieser Gegend sich wünscht: Einmal ein so erfahrener Hirte wie er zu werden.

Der Viehhirte Genaro und der andere Mann mit der schweren Kiste auf seinem Kopf vermeiden die Nähe des Schlachthofs. Sie erscheinen auf der ungepflasterten sandigen Straße, an deren fernem Ende die Männer schon in der schäbigen Hütte warten.

Im Bewusstsein des Viehhirten Genaro schmerzt der Anblick der verfallenden Hütten, einige von rohen Pfählen gestützt, andere haben große Löcher in den Wänden. Sie sind auf kleinen, von Vulcano Brás gepachteten Parzellen errichtet. Für das Recht, ein Stückchen Land des allmächtigen Herrn zu besetzen, muss man dann dreißig Jahre lang Woche für Woche einen unbezahlten Arbeitstag leisten, sei es in der Kakaopflanzung, im Wald oder auf den Weiden. Wer vor dem definitiven Erwerb seiner Parzelle stirbt, verliert die Hütte an Vulcano Brás.

Ein Tagelöhner sollte mal die Dummheit begehen, am Wahltag seine Stimme nicht den von Vulcano Brás auserwählten Kandidaten zu geben. Derjenige, zum Beispiel, der sich im Wald versteckt, um nicht wählen zu müssen, erwacht anderntags ohne Dach über dem Kopf, seine Hütte ist niedergerissen. Lastwagen holen die Trupps der Tagelöhner am Treffpunkt an einer sandigen Piste ab, gut 20 Leguas oder drei stramme Tagesmärsche von Vila do Pati entfernt. Keiner kann seinen Namen schreiben, aber dennoch werden sie dank der Machenschaften des Vulcano Brás wählen, der schon für jeden einen bereits markierten Stimmzettel bereit hält. Jedermann weiß, dass an diesem Ende der Welt Vulcano Brás der alleinige Herrscher über Lebende und Dinge ist. Er ist Polizeichef, Richter und Bürgermeister, und selbst der Pfarrer wagt sich nur in seine Nähe, wenn er gerufen wird.

Die Männer in der einfachen Hütte sind in Sorge. Einige haben sich Zigaretten aus dem mit dem Messer vom Strang geschnittenen Tabak gedreht. Der Becher mit heißem Kaffee geht von Hand zu Hand. Der, der auf der alten Truhe sitzt, meint, heißen Kaffee trinke man durch seinen Duft. Ein anderer sagt, es sei wie mit dem Gefühl der Zusammengehörigkeit, das stärke auch den Atem und wärme die Brust.

Diejenigen, die draußen auf der langen Bank sitzen, erheben sich beim Erscheinen des Viehhirten Genaro und seines Begleiters mit der schweren Kiste auf dem Kopf. Dessen Gesicht ist schweißgebadet. „Guten Tag, Leute. Entschuldigt die Verspätung.“ Er lässt die Kiste auf den Tisch stellen und bricht den Deckel mit Hammer und Meißel auf. Zufrieden zeigt er die Schachteln mit der Munition, das Blei, das Pulver und die Patronen. Männer, die eben dabei waren, ihre Arbeitsgeräte zu schleifen, treten näher und sehen sich die Munition

für den bevorstehenden Kampf an. Schnell hat sich vor der Hütte eine kleine Menschenmenge versammelt. "Alle kennen unser Vorhaben. Jetzt darf man keine Angst mehr vor Vulcano Brás und seinen Leuten haben!" Die zornige Stimme trägt wie eine Welle neuen Mut zu den schweigenden Männern. Eine kraftvolle Wärme, die sie noch nie vorher empfunden haben, kreist in diesem Moment in ihren Adern, in dem sie sich mit ernsten Gesichtern versammeln.

Die Männer gehen schweigend, mit harten Gesichtern und starrem Blick, im vollen Bewusstsein einen sehr gefährlichen Weg zu beschreiten. Jeden Augenblick kann der Gegner mit überlegenen Kräften auftauchen, an jeder Stelle dieser Straße. An der Spitze des Zuges gehen der Viehhirte Genaro und der Jäger Guinó mit der weißen Fahne, auf der in roten Lettern steht: „LAND FÜR ALLE.“ Gleich hinter den beiden der Indio Camamu und der Schwarze Julião, jeder an der Spitze einer langen Reihe Männer, die ihnen festen Schrittes folgen.

Der Zug kommt langsam voran. Jeder Arbeiter trägt in sich die Erinnerung an die Tage der Arbeit mit schwielen Händen, die von früh bis spät niemals ruhten. Tage voller Insektenstiche, manchmal der Biss einer Schlange. Im Innersten von ihnen allen nistet das Ungeziefer, nagt an den Nerven und zersetzt langsam den Geist, ohne jemals seinen Hunger zu stillen. In den schwielen Händen Axt, Eisenstange, Schrotflinte, Karabiner, Vorderlader. Im Gürtel stecken Pistole, Revolver, Messer. Geschultert tragen die Männer Hacken, Sicheln und Sensen, wie Ausrufezeichen.

Mit erhobenen Häuptern gehen sie durch die Straße, in der das Häuschen des Viehhirten Genaro steht. Aus Fenstern und offenen Türen schauen Alte, Frauen und Kinder auf ihre bewaffneten Männer und deren Gesichter mit dem Ausdruck eines die Gefahr witternden Tieres. Die Schritte auf dem verhärteten Lehm geben ein dumpfes Geräusch. Der Viehhirte Genaro führt mit unbeweglichen Augen im nach Rache dürstenden Gesicht den Marsch an. Mit dem Karabiner in der Hand und dem Patronengürtel quer über der Brust.

Ein Junge auf einer der Türschwellen spielt eine kleine Musik auf seiner aus einem Habichtknochen geschnitzten Flöte. Die traurige Melodie schwebt auf den warmen Wellen des Windes hinaus in die Weite, bis sie in der Ferne in den Arbeitern des Vulcano Brás Erinnerungen weckt. So steigt aus rauhen Kehlen ein Kampfgesang, ein rauher, aus der Erde kommender Ton, der wie eine feurige Schrift die Landschaft markiert und die Sonne auffordert jenen Traum zu beleuchten, der anfänglich bescheiden war, aber dann wuchs und wuchs und dessen Verwirklichung nun unausweichlich geworden ist:

Wir werden kämpfen
Um unser Stück Erde
Damit unser Leben
Erträglicher werde.

Wir werden kämpfen
Um unser Stück Erde
Denn unser Dasein
Ist wie das einer Herde.

Wir werden kämpfen
Um unser Stück Erde
Denn Vulcano Brás
Raubte unser Erbe.

Der vom Viehhirten Genaro angeführte Marsch verschwindet nach und nach am Fuß des Hügels. Der schwarze Julião trägt eine langstielige, gut geschärfte Sichel auf seiner Schulter, die Axt in der Hand. Und der Indio Camamu seinen Bogen und vergiftete Pfeile.

Julião ist ein Mulatte von untersetzter Statur, zwischen seinen Schultern sitzt ein großer Kopf. Er war Maultiertreiber bei Vulcano Brás, solange er Kraft genug hatte, die mit Kakao beladenen Maultierkaravanen über Pfade und Steige durch Berg und Tal zu führen. Wie kein anderer weit und breit wusste er wilde Esel zu zähmen. Auch wenn das Tier schlimmer als ein Dämon Feuer aus seinen Nüstern blies, Bocksprünge machte und mit ihm stürzte. Seine gebrochenen Rippen heilte die Zeit.

Oft schon war der Indio Camamu betrunken im Laden von Aparício Pança-Farta erschienen. Den verließ er stets in noch schlechterem Zustand und stolperte dann über die eigenen Füße. Einmal erzählte er, wie Vulcano Brás sein Volk vom Grund und Boden der Ahnen vertrieben hatte. Er war auf einem Ross so schwarz wie die finsterste Nacht erschienen, die Schlägertruppe im Kreis um ihn herum, die Hähne ihrer Karabiner gespannt und bereit zum Schuss. Er sagte, es seien die Indios gewesen, die seinen Besitz an sich gerissen hätten, und sie sollten sofort verschwinden von dort, wo ihnen nichts gehöre. Jene Indios, die nicht weichen wollten, wurden von den Männern getötet, und wer nicht sterben wollte wie Camamu, floh in die Wälder. Sie fackelten die Siedlung der Indios ab und ermordeten so gut wie alle, der Fluss war rot von ihrem Blut. Auch Camamu wurde angeschossen, starb aber nicht, da ihm Gott gnädig war.

Seither hat Camamu sein Leben mit der Arbeit auf Vulcano Brás' Feldern verbracht. Hat mit Frau und Kindern Hunger gelitten, manchmal krank gearbeitet. Aber nie hat er vergessen, was Baetá, die älteste Frau seines Stammes, einmal sagte: Ein Indio steckt Prügel ein, leidet und stirbt, aber niemals wird er als Sklave für den Weißen Mann schuften.

Camamu wollte die Erde seiner Ahnen zurück und sein Volk wieder in der Siedlung Pinapá zusammenführen. Um keinen Preis dieser Welt wäre seine Erde verkäuflich, sollte er sie je zurückerobern. Er wird sie mit seinem Leichnam düngen, wenn man ihn tötet, aber niemals wieder würden er und sein Volk sie verlassen.

EINE FRAU

(Diese Prosatexte sind dem 2014 im Verlag Letra Selvagem, São Paulo, erschienenen Roman *Os Ventos Gemedores* entnommen.)

Vom Fenster ihrer Hütte sah sie die Männer vorbeimarschieren, so als kriegerische Figuren schienen sie gewachsen zu sein. Sie hörte den kämpferischen Gesang, getragen von solidarischen, kräftigen Stimmen, die wieder und wieder über dem Dorf erklangen, etwas ganz Besonderes ankündigend. Der Gesang dieser mitreißenden Stimmen drang allen tief in die Brust, die den Vorbeimarsch erlebten, und blindes Aufbegehren weckte in ihnen Gefühle sowohl von Scham als auch Verachtung. Die Prozession gab jenen, die im Dorf zurück blieben, die Hoffnung, ihre Erlösung aus dem Joch des Vulcano Brás sei bereits nahe.

Nachdem sie unter den ersten Anzeichen des hereinbrechenden Abends, den ersten kalten Windstößen des nahen Winters hinter der Kurve verschwunden war, hallte der Gesang der marschierenden Männer noch eine Weile in den Ohren der Dörfler nach.

Rasch schließt sie Tür und Fenster der Hütte, legt zur Sicherheit den Querbalken ein. Auf dem Tonteller auf dem kleinen, improvisierten Altar wird die Kerze entzündet. Der kleine Altar in der Ecke des Raumes, mit dem hölzernen, ans Kreuz genagelten Christus, einem aus Ton modellierte Heiligen Antonio, einer Heiligen Barbara in einem alten Rahmen ohne Scheibe, an den Kanten von Termiten angenagt. Sie bittet die Heilige aller Krieger, sie möge die Schritte des Viehhirten Genaro und all derer, die ihm folgen, vor Unheil bewahren, jetzt, da der Zug soeben ins Tal der Reiher einbiegt. Sie bittet die Heilige, die Männer im Kampf zu unterstützen und ihnen Mut zu geben. Ihre Lippen murmeln ein stummes Vaterunser, ein Avemaria und fünf Salvemarias. Sie schließt die Gebete mit einigen gesungenen Strophen, bebt dabei am ganzen Körper. Auf den Knien, mit hoffendem Herzen.

Denn sie glaubt fest daran, dass die Heilige Kriegerin nicht versagen wird in dieser Stunde der Gefahr, einer Stunde, die so viele der im Dorf Verbliebenen jetzt bedrückt. Sie ist sich sicher, dass die Herrin der Blitze und des Windes die Schritte des Viehhirten Genaro und all derer, die ihm folgen, behüten wird, wenn dann der Kampf mit Vulcano Brás und seinen Leuten gekommen ist.

Sie holt den Eimer aus dem Hühnerschuppen und klaubt die restlichen Bohnen aus dem Kanister. Eine dünne Bohnensuppe hilft, am Abend ihren und den Hunger ihrer Kinder zu unterdrücken. Sie macht Feuer im Herd, um die Handvoll Bohnen mit einem kleinen Stück Dörrfleisch und etwas Manjok-Mehl zu kochen. Sie weiß, dass es heute nicht anders als gestern sein wird. Morgens dünner Kaffee mit seinem wässrigen Geschmack, nachdem er mit Rohrzucker gewürzt worden ist. Soweit noch vorhanden, bekommt jedes Kind einen Keks vom Vortag. Nahe der Hitze des Herdes hört der Sandfloh nicht auf im Fuß zu schmerzen. Aber besser der Sandfloh im Fuß als die Fliegenlarve im Kopf,

besser als Malaria, Schlangenbiss und der verdammte Hunger, der nie aufhört am Gedärm zu nagen.

Draußen hinter der Hütte hebt sie einem ihr bisher nicht bekannten Impuls folgend ihr Antlitz und richtet den Blick zuerst auf die Bergkette des Virote und danach auf die des Viradouro. Nach so vielen Jahren geschieht ihr dies heute zum ersten Mal, den Bergen so ohne Furcht und mit festem Blick entgegenzutreten, ohne diese Übelkeit und den Schwindel zu spüren. So als werde das von ihnen erzeugte Gefühl der Unterdrückung unversehens von ihr genommen und in weite Ferne gerückt. Bisher hatten die Augen den Blick auf gewisse bedrückende Landschaften dieses Gebirges nicht ertragen. Das Blut war ihr aus den Venen gewichen, die Sonne begann sich um sie zu drehen, sobald sie versuchte die Dimensionen und Höhen all dieser massigen, unter den Gipfeln ruhenden Last mit ihrem Blick abzutasten. Es war die Verweigerung von Körper und Seele gegen die unendlichen Weiten von Vulcano Brás, deren Ausdehnung es unmöglich machte sie im Blick zu behalten.

Sie erinnert, was Großvater Isidro unter dem alten Mimosenbaum sagte. Er hatte flinke, schwarze Äuglein und weißes Kraushaar, war beinahe hundert Jahre alt. Der alte Zauberer und Mediziner des Dorfes sagte, die Gebirge würden an einem nicht mehr sehr fernen Tag ihren Platz verlassen und mit einem Getöse wie beim Weltuntergang von ihren Höhen herunter rollen, dabei die Wälder entwurzeln, die Kakaopflanzungen unter sich begraben und den Weideflächen ein Ende bereiten. Wenn dann im ganzen Herrschaftsbereich des Vulcano Brás wieder Stille eingekehrt wäre, dann – an einem schönen, reinen Morgen – werde der Himmel sich öffnen und ein einziger Hirte werde herabsteigen, um die neue Herde mit seinem Hirtenstab zu hüten. Am schönsten jedoch werde der Augenblick sein, wenn der Hirte den Anbruch des neuen Königreiches des Heiligen Saruê verkündige, in dem alle am selben Tisch essen. Neuer Samen werde die Erde befruchten, neue Zweige würden sprießen, reiche Ernten werde es geben, klares Wasser voller Fische für jedermann. Anstelle der despotischen Herrschaft von Vulcano Brás werde die Sonne in einem Überfluss von Liebe aufgehen, jeder Morgen werde wie eine Neugeburt des Paradieses sein. Als er so sprach, schien Großvater Isidro wie von einem Geist des Lichtes beseelt, der so aus ihm sprach. Mit dieser sanften Stimme, während er Wolken von Rauch ausatmete, den er aus seiner Tonpfeife saugte. Er blies auch einem Tagelöhner nach dem anderen Rauch ins Gesicht, die gekommen waren, um einen Rat zu bekommen oder die Rezeptur einer Arznei oder darum baten Streit zu schlichten – mit einem Wort: Nutzen aus der Güte Isidros zu ziehen und den Weg zum Himmel leichter zu machen.

Es kam oft vor, dass sie nachts aufwachte. Ihre gellenden Schreie zerschnitten die vom Mondlicht erfüllte Stille im Dorf. Hände versuchten die Haut von ihrem Gesicht zu ziehen, in der Verzweiflung um etwas, das sie nicht von sich fernhalten konnte. Wild umherwandernde Augen wollten nicht sehen. Der Viehhüter Genaro

verlor alle Hoffnung, die Kinder weinten heftig. Er verwünschte die Hölle, die er hier durchleben musste. Die schrecklichen Visionen der Frau wollten den aus zornigem Mund gegen sie geschleuderten Flüchen nicht weichen. „Das Gebirge, Genaro, die entseelten Berge werden uns unter sich begraben!“

Nachdem die Männer, angeführt von Genaro, vorübergezogen waren mit ihrem Lied aus verletzter Sehnsucht, bemächtigte sich ihrer ein Gefühl großen Mutes und gab ihr die Sicherheit, nie wieder Angst beim ruhigen Blick aufs Gebirge haben zu müssen. Ihre Überzeugung, dass die Männer auf ihrem Marsch einem Sieg entgegen zogen, war in ihrem Blut, floss in ihren Venen, nährte die Hoffnung mit einem Gefühl, das sie nicht zu erklären vermochte. Der Marsch der Männer mit ihren einfachen Waffen, der Viehhüter Genaro mit seiner Aura großer Furchtlosigkeit. Er vibrierte in dem vom Leben so gleichmässig reflektierten Licht der Gerechtigkeit.

In einer schon weit zurückliegenden Vergangenheit war sie in Porto Verde von einem kleinen Passagierschiff an Land gegangen, nur ein Städtchen an weißen Stränden, das nicht viel mehr als einige enge Gassen aufweisen konnte, ein paar zweistöckige Häuser zwischen den Hütten, einen Platz ohne Rasen, ein kleines Hotel und die neuen kleinen Läden am Hafen. Neben dem Kai das Barackenlager für die Fremden. Nie zuvor hatte sie eine Schiffsreise über die See gemacht. Das Schiff schaukelte wie ein kleines Spielzeug in den mächtigen Händen der Wellen, auf und nieder. Endlos dehnten sich die Stunden in Monotonie, Langeweile, während sich das Schiffchen dahinschleppte in der gleichmäßigen Bewegung der See. Beim Passieren des Riffs sah sie den großen Dampfer und die Männer, die ihr vom Bug aus zuwinkten. Am Hauptmast wehte die blaue Flagge mit dem gelben Kreuz. Ihr kleines Schiff fuhr ganz nah an diesem Monster vorbei, dessen Gewicht schwer aufs Meer drückte und dessen Sirene mit ihrem dumpfen Heulen so klang als rufe es seine Herden, während dem breiten Schornstein Rauchwolken entwichen.

Das Schiffchen glitt langsam durch den engen Kanal, sie bewunderte die kleinen Häuser, die am Abhang des Hügels klebten. Dieser streckte sich wie eine Hundeschnauze dem Meer entgegen. Der Landgang ein Fest, einige der Alten dankten dem Guten Jesus für das gute Ende dieser langen Seereise. Die Gesichter der Jungen spiegelten Erleichterung und Freude darüber, dieses Land endlosen Grüns erreicht zu haben. Einige gingen so weit zu versichern, die Hölle der dürren Steppe gehöre nun für immer der Vergangenheit an, begraben unter den von ihrem Unglück zurückgelassenen Spuren.

Fast noch ein Kind, Unschuld im Gesicht, buntes Band in den beiden Zöpfen, eine weiße Bluse mit gestickten Blümchen auf der Brust. Ihr Vater Amadeu glaubte, er werde das Paradies in dem berühmten Land des Japar finden. Fruchtbare Boden, der alles wachsen ließ, was man nur pflanzte. Jahreszeiten mit dem richtigen Wechsel von Sonne und Regen. Er hoffte die Landschaft der dren Buschsteppe vergessen zu können, in der alles verbrannte, flammende

tagsüber und heiße Luft in der Dämmerung. Jetzt war die Zeit gekommen, die Aussaat des Nichts hinter sich zu lassen sowie die umherziehenden Schergen des Cangaço¹ auf dieser dünnen, rissigen, wüsten Erde. Im meilenweit sich erstreckenden, fruchtbaren Grün plante er jetzt in aller Ruhe den Beginn eines neuen Lebens, in dem er sein Stückchen Land besäße. Ein Getreidefeld – und er wäre zufrieden. Er würde es so bestellen wie er es in seinen alten Träumen gelernt hatte. Auf freigelegter Scholle ernten, genießen und zur Ruhe kommen.

¹Cangaço bezeichnet eine revolutionäre Sozialbewegung gegen die allmächtigen Farmer im Nordosten Brasiliens, Ende des 19. Jahrhunderts

QUILOMBOS

Erinnerungen I

Ich möchte Dich sehen als Schwarzen
Ein Schwarzer sollst Du mir sein
Wenn es Palmares¹ noch gäbe
Dort wollte ich mit Dir sein.

Den Geschmack der Freiheit gespürt, fest in die Brust geschlagen
Laufen, das Leben der Felder erfühlen
Angola Janga²
Erde freier Schwarzer
Dort ist alles Leben
Alle Rasse, aller Zorn, alles Wollen
Afrika
Afrika (so unversehens geraubt)
Träume (so unversehens massakriert)
Freiheit (ward unversehens zu Sklaverei)

Erinnerungen II

Der Schwarze gewann seine Freiheit
Im Pflanzen und Ernten dort
Wenn es Palmares noch gäbe
Wir gingen von dort nie mehr fort.

Der aufdringliche Hass des Aufsehers ist fruchtbar
Er kann den sterilsten Geist schwängern
Mit seinem Peitschenpenis.
Die Aufseher verteilten ihren Samen
Auf den Rücken der Malungos³
Guinés, Andras, Congos, Agomés, Minas, Cafres
Und das Blut floss mit solcher Stärke

¹Versteckte freie Republik entflohener Sklaven, 17. Jahrhundert

²Anderer Name für Palmares

³Kumpane

Dass ich in Angola Nagô war, Bruder der Haussá
Jeje, Tapa und Senty.
Der widerliche Geruch vom Sperma der Folter
Bewirkte Zusammenhalt, zum Nutzen uns'res gemeinsamen Hasses.

Träume I

Der König von Portugal
Befahl mein Volk abzuschlachten
Wenn es Palmares noch gäbe
Zur Heimstatt wir es uns machten

Cumbe in Paraíba, Alagoas, Macaco und Subupira⁴
Mangueira, São Carlos, Portela in der Avenida⁵
Wie viele sind es?

Gestern starb ich in Andalaquituche, Tabocas, Amaro, Acotirene⁶
Heute in Juramento, Borel, Turano, Salgueiro⁷

Ich sterbe Hügel erklimmend
Ich rolle sie hinunter, mit entschlossener Miene des gerade Toten
Bei Tages Neige, am Grund jedes Tellers: Reflex von Kerzenschimmer
Und zum Verspeisen nur Träume.

Träume II

Ich sehe mein Volk dort so glücklich
In seinem Traum möcht' ich weilen
Wenn es Palmares noch gäbe
Sein Glück möcht' ich mit ihm teilen

Hast du schon mal bedacht, was wäre
wenn Domingos Jorge Velho⁸ und sein Gesindel
Nicht so viel Glück gehabt hätten?

⁴Cumbe: Stammessprache in Angola und Gegenden, wo sie in Brasilien gesprochen wurde

⁵Sambaschulen in Rio de Janeiro

⁶Anführer von Quilombos, 17. Jahrhundert

⁷Namen berühmter Favelas in Rio

⁸Eroberer, der im 17. Jahrhundert Palmares zerstörte

Hast du schon an die Hügel der Serra da Barriga⁹ gedacht?
 Ich weiß, dass vielleicht nicht,
 Es ist schwer sich ein Land vorzustellen
 In dem es nicht möglich ist eine Schwarze zu sehen,
 Die ihren Hintern ausstellen und die Schenkel spreizen muss,
 Um ihr täglich Brot zu verdienen. Wo es unmöglich wäre zu sehen
 Kleine Kinder
 Von zehn, acht, sechs Jahren
 Morgens um vier
 auf dem Heimweg von einer Kreuzung
 Nach dem Verkauf von Tand und dem letzten Rest ihrer Würde.

Schlaflosigkeit

Sehnsüchte deiner Nächte
 Der Lagerfeuer Licht
 Palmares, Staat freier Schwarzer...
 (immerzu denk ich an dich)

Wie nicht sein
 Im Sumpf des Straßenstrichs
 unter den Ratten des Rotlichtviertels
 In der Menge kranker Fotzen
 Wie nicht sein im Lärm der Baumaschinen
 In der sauer gewordenen Nahrung, dem kalten Henkelmann
 Wie nicht sein im Hunger meines Kindes
 Das bei der Geburt schon vom Tod gezeichnet war
 Wie nicht sein im Zwist feiner Damen
 Im Geruch, der dem Ausguss entströmt
 In der Scheiße der Barone, die im Abtritt schwimmt
 Wie nicht sein in der Überfüllung der Vorortzüge, der zerfallenden Hütte
 Im Häftlingswagen, im Knüppelhieb in die Zähne
 Im Schlamm aus den Tiefen jeder Zelle
 Wie nicht, wenn doch all dies ich selbst bin?

Quilombos,¹⁰ meiner Träume
 Ich leide am ewig schlaflosen Wunsch euch zu leben

⁹Gebirge, in dem Palmares versteckt lag

¹⁰Andere versteckte Zufluchtsorte entflohener Sklaven

Ich lebe in der Gewissheit ihrer morgigen Wiedergeburt,

Falls ein würdiger Herr mir sagen sollte
Nicht mehr an sowas zu denken
Werde ich ihn töten müssen, mit gewissem Vergnügen.

Nie vergess' ich mein Volk
Unwichtig mag sein, was berichtet
Wenn es Palmares nicht gäbe
Dann wird es wieder errichtet.

KALLIGRAFIE

(“Pedra Só”, 2012)

I

Im Staub einer ungenauen Zeit
sind die Geschichten der Stille
Nistplätze unübersetzbarer Zeichen.

Stille im Fleisch.
Stille, die das Rieseln des Sandes spürt.
Die Einsamkeit des Gedichtes.

Wir hegen die Namen,
Geben jedem sein eigenes Gesicht.
Um zu zeigen unsere Bindung – im Wort.

Mit tränenden Augen
der Taumel nimmt zu:
Seine Kleidung ist Licht und Ton.

Von uns’rem Erstaunen erschreckt
nehmen wir nichts ernst.

II

Die Poesie in der Zeit ohne Weisheit
und ihre seltsame Brut kleiner Geschichten
aus den Eingeweiden des Schweigens.

Unser Heldenmut entbehrt nicht der Tragik
und der Parzen sind es unendlich viele.

Wir besitzen nur die Illusion der Dinge,
einmal gegangene Wege lassen sich nicht mehr beschreiten.

Rückkehr – allein zu dem Namen,
zu dem Wesen, das keinen besitzt.

CHRISTLICHE ÜBUNGEN

(“Decifração de abismos“ 2002)

Ich hatte immer den unstillbaren Drang die Welt zu retten,
stets wählte ich als Begleitung jene, die die Stunden nicht zählen,
und umherstreunen auf der Suche nach Zerstreuung,
deren Reichtum der ganze Tag ist – an allen Tagen.

Immer habe ich geglaubt, der Erlöser aus allem Unglück zu sein,
also setzte ich mir die Dornenkrone auf's Haupt,
als Thron sollte mir das Kreuz dienen,
auch habe ich dieses traurige Lächeln, diese Träne aus Blut.

Ich kann nur glauben, was ich nicht sehe,
und erblicke in jedem Stern den Glanz der Magdalena,
und selbst in dem Wissen, dass Gott nicht existiert,
spüre ich in jedem Kind sein strahlendes Antlitz.

Ich schleppe mit mir alle Sünden der Welt
und bin das Opferlamm, das den Wahnsinn nährt,
daher Ruhm und Erniedrigung des Weins:
Es ist nicht leicht, über den eigenen Wahnsinn zu richten.

GENESIS

(“A infância do centauro“ 2007)

Weißt du, Mädchen vom Kreuzweg,
welch ein Wunder dich zu finden.
Eingeprägt war in dein Antlitz
Die auch mich quälende Frage.
Doch das Überraschendste ist,
du warst auch die so lange gesuchte Antwort.

Nicht die genaue, mathematische Antwort.
Die Wahrheit, die du mir offenbartest,
war das Summen der Bienen bei Anbruch des Tages
auf ihrer Suche nach Blüten und Honig,
war bei Anbruch der Nacht der Galopp der Pferde,
die von frischen Gräsern und schimmernden Stuten träumen.

Ach, Mädchen, du bist das Zentrum meiner Windrose,
 wohin auch du deinen Schritt lenkst, ist mein Weg.
 Der Blick nach oben stösst auf keine Grenzen:
 Alles ein Blau, das kein Ende kennt.
 Aber es muss nur Mittag werden und die Grenze erscheint,
 keineswegs weit: sie zeigt sich im Magen.

Weit wie der Himmel sei der Hut, den ich dir gebe,
 um dich vor sonnigen Träumereien zu schützen,
 und damit du die Aufmerksamkeit aller Menschen erweckst:
 "Seht das Mädchen, das uns schattenspendend schützt!"
 Alle sehen dich an und spenden dir Beifall
 und der Regenbogen verliert aus Neid seine Farben.

Ein winziges Vöglein, eins von den ganz kleinen,
 deren Brust einer Ziehharmonika gleicht,
 wird dir erscheinen und ein sanftes Liedchen pfeifen.
 Und unsre Augen
 sehen überall Sterne aufleuchten.
 Ich bin neu geboren, seit ich dich traf.

AUFZEICHNUNG DER SPRACHE DES SCHWEIGENS

("Códigos do silêncio" 2000)

Was zumeist in mir spricht, ist das Schweigen,
 aber ein vielgestaltiges Schweigen – aus Feuer –
 das mit seiner tiefroten Zunge die Worte verglüht
 und sie verbrennt, ehe sie werden.

Das Schweigen aus weiter Ferne – aus den inneren Räumen –
 das unentwegt spricht, ohne dem Gesagten einen Namen zu geben.

Im Traum hat es Gestalt: ich sehe überwältigt
 sein Gesicht, sein herrliches Antlitz:
 Von der Schönheit eines göttlichen Wesens.

Oh, sprechendes Schweigen, von dem ich so viel spreche,
 es ist ein rätselvolles Gedicht
 und diese Verse: Übersetzung und Verschlüsselung zugleich.

TANTE AURORA

(“Pedra Só” 2012)

Das Haus der Tante Aurora ist ein Ort
in meinen Gefühlen.

Dort gibt's einen Stall, einen Umbu-Pflaumenbaum,
zwei rote Ochsen
und blauen Wind.

Ich erinnere mich genau an Tante Auroras Haus.
Nur an Tante Aurora kann ich mich nicht recht erinnern.

Die Alten erzählen, dass Tante Aurora
nur ganz früh morgens das Haus verließ
und dass sie trotz ihres Totemgesichts,
in Wahrheit selbst ein Mantra war.

Sie brauchte nur ihre Tür zu öffnen,
und schon streckte sich die Sonne,
die Vöglein drehten Pirouetten
und der Tag begann zu lächeln.

Das war die Art der Tante Aurora
den Tag zu beginnen!

DIE TÄNZERIN

Sie konnte den Beginn der Werbesendung kaum erwarten. „Das kommt in der besten Sendezeit; das ganze Viertel, nein, die ganze Stadt wird am nächsten Tag darüber tratschen!“

Am Nachmittag war sie das Honorar für ihre Mitwirkung abholen gegangen und hatte zusammen mit den anderen Tänzerinnen den fertig geschnittenen Film angeschaut. Es hatte nur noch die Einblendung des Firmenlogos gefehlt. Die im Studio wie auch in der Ballettschule so gründlich eingeübte Choreographie war perfekt gelungen. Die letzten Schritte – in slow motion – mündeten in den gemeinsamen Sprung aller in Richtung der Kamera. Die Kollegin mit dem nordischsten und deshalb, so der Regisseur, auch geeignetsten Profil zeigt auf ihrer Handfläche den kleinen Becher des beworbenen Yoghurts – wobei das Produkt auf dem für wenige Sekunden eingefrorenen Bild in Konkurrenz mit dem blendenden Lächeln der Tänzerinnen tritt.

Um 19 Uhr war das Wohnzimmer überfüllt. Sogar draußen vor dem Fenster drängelten sich die Leute. Wer daheim einen Fernseher hatte, bekam die Beschwerden jener zu hören, die keinen Apparat besaßen. Alle fanden es viel interessanter, die Werbung im Haus der Künstlerin anzuschauen.

Pling, pling... ein Sprecher verkündete eine Unterbrechung des Programms und den Beginn des Werbeblocks. Die Jungs ließen von ihren Murmeln ab und drängten sich an den Beinen der Erwachsenen vorbei. Die Schwester der Tänzerin unterbrach auf der Veranda das Küssen und zog ihren Freund mit ins Wohnzimmer. Noch nie hatten die jetzt folgenden Werbespots ein derart aufmerksames Publikum, selbst die törichsten wurden mit gespanntem Schweigen verfolgt.

Es begann. Die Mädchen tanzten wie jetzt die Köpfe der Zuschauer. „Wo ist sie? Wo ist sie?“ – „Dort, die mit dem blauen Trikot“. „Da gibts doch mehrere!“ „Der Bildschirm könnte größer sein, oder?“ kommentierte ein Nachbar. „Am Ende kann man mich besser sehen,“ meinte die Künstlerin betrübt. „Schscht!“ mahnte die Mutter. Für dieses Publikum dauerten die 30 Sekunden eine Ewigkeit. Als sich das Ballett den letzten Schritten näherte, beugte sich die Tänzerin instinktiv dem Bildschirm entgegen. Dort, in der rechten oberen Ecke erschien ein weißes Banner mit dem Namen des Produkts und sank, rasch immer größer werdend auf die Mitte des Bildschirms herunter, wo es ihr so hübsches schwarzes Gesicht verdeckte.

SONNTAG

An jenem Morgen erwachte Mutter ohne Lust auf Gespräche. Als wir aus dem Schlafzimmer kamen, ein jeder auf seine Art und zu seiner Zeit, war sie schon verstummt. Beinahe zumindest. Es war Sonntag, der Tag, an dem sie sonst am meisten vor sich hin trällerte, und ihr bedrücktes Schweigen versetzte uns insgeheim in Alarmzustand.

Während des Frühstücks schaute ich prüfend auf die vier Kleinen, die ratlos mit den Schultern zuckten. Tuninho, mit sechs Jahren der Jüngste, zeigte mir neben dem Schulterzucken die fragend ausgebreiteten Arme und machte mit der Unterlippe bei weit aufgerissenen Augen eine Schnute. Mutter, die grade aus der Küche kam, überraschte ihn bei dieser übertriebenen Geste ratlosen Fragens, während die anderen ihre Schritte rechtzeitig gehört und ihre Augen auf ihre Brote gesenkt hatten. Vater war nicht da, weil er eine zweite Schicht übernommen hatte und erst am Abend kommen würde. An seiner statt setzte sich das Schweigen an den Tisch. Und hätte sich ordentlich den Bauch voll schlagen können...

Im Lauf des Tages versuchten wir diesen unbequemen Gast zu entschlüsseln und ließen den Samstag noch einmal an uns vorüberziehen. Mit noch nicht ganz fünfzehn Jahren leitete ich die Vernehmung. Im Grunde freilich erwartete ich von meinen Geschwistern gar keine Enthüllungen. Dieses Schweigen war uns allen vollkommen unerklärlich. Ein fast pausenloses Schweigen, ohne jegliches Zeichen eines Protestes oder einer Kritik, allein aus Atemzügen gemacht.

Es gab nur sehr wenige Anlässe, auf die sie so reagierte, sich derart in sich selbst verschloss, und soweit wir uns erinnern konnten, hatte sich keiner von diesen ereignet. Kein zur Keilerei führender Streit hatte sich ereignet, kein Nachbar war fortgezogen, ohne seine Schulden in ihrem Gemüseladen zu begleichen. Nicht einmal Vater hatte bei Einkäufen für den Haushalt oder von Kleidung für die Kinder wieder einmal Verwirrung gestiftet. Übrigens waren es meist derartige Verwirrungen, was Mutter zornig machte und sie schweigen ließ. Ich glaube, es war ihr peinlich wenn sie Lebensmittel umtauschen oder die benachbarte Schneiderin bitten musste, noch einen Zwickel in unsere Kleider einzusetzen, damit das Stück einem von uns wieder passte.

Nichts von alldem war jedoch vorgefallen, und selbst wenn es geschehen wäre, war das Schweigen an diesem Sonntag viel tiefer als alles andere Schweigen jemals gewesen war. Alle diese Dinge hätten sich gleichzeitig ereignen müssen, um die Wörter sowie diesmal verstummen zu lassen. Es war das erste Mal seit unserem Umzug von Bahia hierher, dass ich mich fremd im Haus und in der Stadt fühlte. Ich war mir sicher, dass Papa das Rätsel lösen würde. Aber um wieviel Uhr würde er heimkommen? Zu jener Zeit war Recife noch viel kleiner als heute, und zwischen den Stadtvierteln des Pina und der ehemaligen Zuckerfabrik des

„Engenho do Meio“ lag eine Distanz, die uns so weit schien wie der Capibaribe-Fluss lang ist.

In unserer „Avenue“ kleiner Häuser, die in Wahrheit nicht mehr als eine Sackgasse war, blieb der Nachmittag so ruhig wie eigentlich immer, aber wir dachten, es sei wegen Mama; so als hätte sich ihr Schweigen mit unserem Haus nicht zufrieden gegeben und die ganze Straße besetzt, ja, die Welt verstummen lassen. Deshalb näherte sich die Nacht ohne Geräusche.

Im Kinderzimmer gab es zwei Stockbetten. Eines der oberen Betten war allein meines, das andere gehörte der gleich nach mir kommenden Schwester und unserem Kleinsten. Die mittlere Schwester und der Bruder, die noch ins Bett machten, schliefen in den unteren Betten. Dieser unerwartete Besuch eines außergewöhnlichen Schweigens trieb uns früher als sonst zum Rückzug ins Zimmer, und jeder von uns hatte dabei seine Begleitung: ein Stückchen Stille.

Zur Mitternacht fehlten noch fünfzehn Minuten. Was mich am meisten erschreckte, war nicht, von diesem Licht geweckt zu werden, sondern dass ich erneut Mamas Stimme hörte. Sie rüttelte sacht an meinem Bein und rief meinen Namen solange, bis sie mich aufrecht im Bett sitzen und meine Augen vor der Helligkeit schützen sah. Das gleiche machte sie mit den anderen Kindern.

Das Wichtigste in diesem Moment war nicht das aus der Küche kommende Klappern von Töpfen und Deckeln, noch war es der explosive Inhalt der beiden Sätze, die sie zu uns sagen würde – sondern es war der bloße Klang ihrer Stimme. Nachdem sie den Letzten von uns geweckt hatte, verschwand sie im Gang, um wenige Sekunden danach mit drei fremden Kindern wiederzukommen, die sie an der Hand führte. Sie blieb im Türrahmen stehen und sagte: „Das sind eure Geschwister. Sie schlafen von jetzt an hier bei euch.“

Dann verschwand sie und schloss die Tür zwischen sich und uns.

Allmählich befreiten wir uns aus dem Schweigen unter unseren Decken. Flüsternd beruhigte ich die Kleinen, indem ich sie daran erinnerte, dass wir uns doch immer mit anderen Leuten solidarisch gezeigt hätten, und wir würden für die Unterbringung der Neuen schon eine Lösung finden.

Allerdings war es nicht leicht den Vorwurf zum Einschlafen zu bringen, dass Vater uns doch hätte vorwarnen können...

MUKONDO

In memoriam für die tatas Esmeraldo Emetério de Santana (Benzinho) und Esmeraldo Emetério de Santana Filho (Chuchuca).

„84!“ verkündete der Totengräber so, als erwiese er dem Publikum „84!“ soeben einen großen Dienst. In der kleinen Menge, die noch um das Grab herum stand, schickten sich ein paar Leute verstoßen an, die Nummer zu notieren. Der Totengräber selbst, ein Maurer, klaubte ein Stückchen Marmor

vom Nachbargrab und nahm den hinter sein Ohr geklemmten Bleistift, um diese Nummer zu notieren, die sicherlich in Bälde bei dem verbotenen Glücksspiel gezogen würde. Damit war die Zeremonie beendet und die engsten Verwandten des Toten hatten sich schon zurückgezogen. So löste sich schließlich auch der Rest der Menge auf.

Ein dünner Trauerzug lebender Seelen zog langsam die Steigung zum Ausgang des Friedhofs hinauf. Den in kleinen Gruppen gehenden Verwandten fiel es nicht leicht, in ihren Alltag zurückzukehren, jeder Einzelne versunken in seine Erinnerung an den Verstorbenen. Sie spürten die Nähe des Todes.

Wieder einmal verließen die Mutter, Dona Ismênia, und der jüngste Sohn diesen Friedhof gemeinsam und allein. Aus dichten Wolken fielen die ersten Tropfen; der Regen verstärkte ihre Erinnerung... Dinho, wie der Jüngste genannt wurde, hatte sich noch nicht völlig vom Tod seiner Schwester vor acht Jahren erholt. Sie hatte ihn aufgezogen. Auch Dona Ismênia war noch nicht darüber hinweg. Mit dem Tod Rosas verlor nicht nur Dinho seine zweite Mutter, sondern Dona Ismênia das erste ihrer „Kinder“. Wie ein Leben in der verkehrten Richtung, denn Rosa war auch ihre Vertraute gewesen, daher ein sehr eigenes Gefühl zwischen Mutter und Sohn, gleichermaßen verwaist zu sein. „Mein Schätzlein... mein Schutz und Schild,“ so pflegte ihn seine Schwester zärtlich zu nennen. Bei ihrem Begräbnis fand Dinho, dass jeder andere Tod – auch der seiner Mutter – ein kleinerer Verlust und auch leichter zu ertragen gewesen wäre. So als lese sie seine Gedanken, warnte ihn die Mutter noch an der Pforte des Friedhofs: „Kein Tod bereitet dich auf den nächsten vor.“

So war die Familie unvorbereitet, als die Nachricht vom Unfall an Robertos Arbeitsplatz in der Raffinerie eintraf. Roberto war der älteste Sohn, und die Information ließ die sonntägliche Tafelrunde erstarren. Aller Augen waren auf Dona Ismênia gerichtet. Sie erhob sich, ohne ein Wort zu sagen, nachdem sie ihren Teller von sich geschoben hatte. Ohne Hast oder Zögern sorgte sie – noch den Rest in ihrem Mund kauend – für ihren Transport zu der Raffinerie. Die Erwachsenen teilten sich auf in jene, die leise weinend ihr schlimmsten Ahnungen zu unterdrücken versuchten, andere kümmerten sich wie die Mutter um ihren Transport, und wieder andere folgten Dona Ismênia durchs Haus, um ihr bei den Vorbereitungen behilflich zu sein. Sie blickte weder zurück noch zur Seite. Im Gehen streifte sie ihre Sandalen ab und zog andere an. Jemand räumte die alten weg. Eine weinende Tochter suchte in Vorausahnung einer Geste ihrer Mutter passende Ohringe heraus, während eine andere die Uhr brachte und ihr über die Hand schob. Der Sohn, der sie begleiten würde, ging zu seiner eigenen Wohnung, um sich angemessen zu kleiden. Raimundo, der Dinho, der in Salvador zur Schule ging und erst an diesem Morgen gekommen war, würde mit der Kleidung gehen, die er am Leibe trug.

An der Einfahrt zur Raffinerie hatte sich schon eine große Menschenmenge versammelt und die drei mussten sich durchs Gedränge schieben. Sie hatten keine Eile, aber eine gewisse Unruhe ließ sie den Blick über die Köpfe vor ihnen heben. Bruchstückhaft erreichte der Bericht über den Unfall die Familie, eine Erzählung, die sich teils wiederholte, teils in Einzelheiten übertrieb.

– ... da schoss das Öl in die Höhe und verbrannte den Arm des Kerls. Es war dieses Gemisch, mal rot, mal schwarz...

– ... er sagte, sie hätten im verstopften Ausfluss gestochert, wo das Öl rauskommt...

– ... er wollte angeblich seinem Kollegen helfen...

– ... mit der Arbeitssicherheit nehmen sie es ja nicht so genau...

Am Pförtner vorbei gingen sie zur Rezeption. Dort herrschte weder Neugier noch Erstaunen noch Unsicherheit, sondern die reine Verzweiflung. Nachdem ein Vertreter der Personalabteilung die Namen der Toten verlesen hatte – es waren fünf – informierte er die Verwandten, dass die Überführung der Toten ins Gerichtsmedizinische Institut bereits von der Firma veranlasst worden sei.

Eine alte Frau, die Dona Ismênia und deren Söhne herankommen sah, ließ ihren Mann und die Töchter stehen und näherte sich heftig weinend und mit ausgebreiteten Armen.

–Ninha, oh, Ninha, rief sie Dona Ismênia an und schüttelte den Kopf, unsre Kinder, Ninha, unsre Kinder!

Dona Ismênia stockte und ihre beiden Söhne gingen auf der Suche nach verlässlichen Informationen zum ersten Mal an ihr vorbei. Die Alte umarmte sie und schluchzte an ihrer Brust, oh, Ninha, unsre Kinder, unsre Kinder..., wieder und wieder.

–Das ist doch nicht gerecht, Mutter, gab lara, eine der Töchter, zu bedenken.

–Nein. Wie ich schon sagte, diese Leute sollen mit ihrem Getrommle unter sich bleiben. Sie haben ihre eigene Religion, und wir haben die unsere.

–Ich bin Mamas Meinung, sagte Dinho, unterstützt von einer weiteren Schwester. Sollten wir wirklich unfähig sein, uns ordentlich um die Seele Robertos zu kümmern?

–Leute, seid doch mal vernünftig, beharrte lara, sich an die Mutter wendend, auch ich denke, dass die Leute vom Maiangê¹ und wir verschiedene Religionen haben. Aber Betinho hatte nicht unsere Religion sondern die ihre.

Diese Diskussion ereignete sich am Morgen vor dem Begräbnis in einem kleinen Saal, den die Friedhofsverwaltung zur Verfügung gestellt hatte. Roberto hatte in seinem Terreiro de Candomblé² den Rang eines Tata besessen, war

¹Maiangê: Name einer Gemeinde einer afro-brasilianischen Religion

²Tempel einer Gemeinde des afro-brasilianischen Kultes

also direkter Gehilfe der Mãe-de-Santo³ gewesen, ein Dienst, den er viele Jahre und mit großer Hingabe versehen hatte. Der Terreiro „Munzo Maiangê“ hatte eine Abordnung zu der Familie geschickt, um sie von der Notwendigkeit einiger ritueller Handlungen für den Verstorbenen zu unterrichten. Sie sagten nicht, welcher Art diese Handlungen sein würden, jedoch sei es in jedem Fall notwendig, dass die leibliche Mutter ihre Zustimmung zum Ritual gebe, welcher Art es auch sei, und auch die Anweisungen der Mãe-de-Santo müssten befolgt werden. Iara, die nach dem Tod Rosas nun die älteste Tochter war, hatte sowohl ihrem verstorbenen Vater Carlos als auch dem Bruder Roberto besonders nahe gestanden. Zudem hatte sie ein besonders versöhnliches Naturell.

Nachdem sich Dona Ismênia schließlich hatte überzeugen lassen, verließen alle den Raum. Es war sieben Uhr morgens. Eine der Töchter Dona Purezas – jener weinenden Alten vom Unglückstag in der Raffinerie – führte das religiöse Gefolge an: Insgesamt sechs Personen, drei Männer und drei Frauen, von denen zwei am Friedhofstor Kaffee, Couscous und Brei anboten, eine Spende des Terreiro. „So weit, so gut“, sagte einer von Robertos Brüdern, als er von der Spende erfuhr. Die kostenlose Verpflegung lockte Teilnehmer auch anderer Trauerfeiern an.

Die Halle, in der der tote Petroleum-Arbeiter aufgebahrt lag, war leer, und diese Ruhe durchdrang auch die anderen Räumlichkeiten des Friedhofs. Auf den kleinen Holzbänken vor der Halle, an Säulen oder Wände gelehnt, schlummerten einige Leute den erst nach langen Gesprächen zu später Stunde gefundenen Schlaf. Eine der Bänke war von vier Gesandten des Terreiro Munzo Maiangê besetzt, die geduldig den Schiedsspruch der Familie erwarteten. Zu dieser Stunde und schon seit fünf Uhr dreißig waren sie die einzigen Wächter des Toten. Sie erhoben sich, als die Familie nahte.

–Ihr könnt eurer Mãe-de-Santo sagen, dass wir euch helfen, wenn ihr irgendetwas braucht, richtete Dona Ismenia aus.

Alle begrüßten die Mutter des verstorbenen Gemeindebruders sowie auch Iara, die sie als ihre Verbündete ansahen. Sie waren schon im Aufbruch, als Dona Ismenia fragte:

–Ihr wart schon auf dem Markt? Die Gruppe hielt an und schaute erstaunt von einem zum anderen, aber da deutete Dona Ismenia auf die Plastiktüte, die einer in der Hand hielt.

–Ah, ja, wir waren schon ganz früh dort, erklärte die Anführerin.

–Ich muss ja den Ziegen-Matias noch informieren, um wieviel Uhr das Begräbnis sein wird, aber ich werde einen von uns schicken, ergänzte Dona Ismenia und schaute der sich entfernenden Gruppe nach. Ihre weiße Kleidung, hatte ihr jetzt toter Sohn einmal zu erklären versucht, sei „weiß wie der Tod, wie die Transzendenz.“

³Priesterin des afro-brasilianischen Kultes

Als sie schnell an den Mädchen mit dem Kaffee vorbei kamen, rief eine von ihnen:

–Dandjeji! Wie ist es gelaufen?

Ein Mann von vielleicht 24 Jahren kam zurück und sagte lächelnd:

– Alles bestens. Sie hat uns Hilfe angeboten, wenn wir etwas brauchen!

Diese Information zauberte das gleiche Lächeln auf die Gesichter der Mädchen, während er seiner Gruppe nacheilte, die ihn wegen der Unterbrechung rügte. Zur großen Erleichterung von Dona Ismenia erschien bis zum Zeitpunkt der Beerdigung niemand, um irgendein Ritual abzuhalten, und sie kam zu dem Schluss, der gesunde Menschenverstand habe sich in der Gruppe durchgesetzt...

Tata Dandjeji verbrachte einen Teil der Nacht vor der Beerdigung mit dem Einüben der Gesänge, die den Sarg bis zum Grab begleiten sollten. Er hatte das noch nie gemacht und folgte bezüglich der Proben genau den Instruktionen eines Älteren: Du kannst das, aber sei diskret. Bei sich zu Hause schloss er sich im Bad ein und begann die Gesänge ganz leise einer geduldig zuhörenden Nacht vorzusummen. Jedoch kam er dann, als der Sarg die Aufbahnhalle verließ, trotz seiner Bemühung um eine korrekte Aussprache des rituellen Textes nicht über den ersten Satz hinaus.

–Tambo Wafa... Und da wurde er auch schon von einem Chor professioneller weiblicher Stimmen unterbrochen:

–Halte dich an Gottes Hand, halte dich an Gottes Hand... Dona Ismenia und die anderen frommen Damen des Pfarrsprengels sangen mit voller Kraft.

Dandjeji hatte schon seine Lungen voll Luft gepumpt, um die Herausforderung anzunehmen, aber der warnende Blick eines anderen tata hielt ihn zurück, so dass er die gepresste Luft zusammen mit seiner Enttäuschung langsam entweichen ließ. Er empfand etwas Genugtuung, als sich einige der Inkisi genannten Geister des Candomblé in verschiedenen weiß gekleideten Mitgliedern ihrer Gemeinde, die dem Trauerzug folgten, manifestierten. Kaiango, Kavungo, Inkosi, Kitembu. Für Dandjeji war es, als stimmten diese ebenso ernsten wie stillen Wesen mit ihren geschlossenen Augen und dem lautlosen Schritt ihrer bloßen Füße tief in ihren Herzen jene heiligen Gesänge an, die er hatte vortragen wollen, und als schwebten diese auf dem ganzen Weg über dem Leichenzug.

Einen Tag nach der Beisetzung erinnerte sich jemand der betagten Juca, der Großmutter des verstorbenen Ehemanns von Dona Ismenia. Inmitten all der Trauer und der Anforderungen, die ein Todesfall mit sich bringt, erinnerte sich niemand

daran, der alten Juanina eine größere Beachtung als jene zu schenken, die man ihr bereits im Alltag zollte: Die Speisen und Getränke, die man ihr auf dem Tisch im Wohnzimmer ihres winzigen Häuschens hinter dem Hauptgebäude anrichtete. Teller und Gläser hatten unmittelbar nach Gebrauch abgeräumt und gespült zu werden, eine Forderung, die in gewisser Weise von der Greisin selbst aufgestellt worden war. Oma Juca, zurückgezogener denn je, schleppte mit Schwierigkeit ihre 96 Jahre und war immer weniger zum Erzählen von Geschichten aufgelegt, auf dem Hocker vor ihrer Haustür – ihrem jetzigen Horizont und von wo man „noch immer den Himmel sieht“. In Wahrheit war dieses Vergessen auch darin begründet, dass man wusste, wie sehr sie über alles in ihrer Umgebung auf dem Laufenden war, mit sehr klaren Meinungen zu allem, was ihr zur ihrer Kenntnis gelangte – womöglich auch ein Motiv, sie nicht anhören zu wollen.

Das Häuschen von Dona Juca, heutzutage ein Anhängsel des Hauptgebäudes, war die älteste Konstruktion auf diesem Gelände und hatte im Lauf der Zeit all die anderen Bauwerke rings herum in die Breite und in die Höhe wachsen gesehen. Es war in der Tür dieser Behausung, dass Lara mit dem Auftrag die Nachricht zu überbringen, auf ihre Urgroßmutter stieß. Hier pflegte sie ihre Überlegungen mehr durch Blicke als durch die seltenen Worte und durch den Rauch ihrer Tabakpfeife zu kommunizieren. So wie alle es machten, wartete auch Lara eine Weile schweigend, ehe sie mit der Greisin zu sprechen begann. Niemand stellte den Ursprung oder Sinn dieses Rituals in Frage. Wer Dona Juca aufsuchte, blieb einfach eine zeitlang schweigend sitzen, womöglich um ihre Rückkehr von einem weit entfernten, unbekanntem Ort abzuwarten. Als sie den richtigen Moment gekommen glaubte, sagte Lara mit leiser Stimme:

– Oma... unser Betinho... – worauf Dona Juca in der kurzen Pause ihre Urenkelin mit weicher Stimme ergänzte:

–...ist zum Sereré⁴...

Immer wenn sie von einem Todesfall hörte, benutzte sie diesen Ausdruck. Nach all den Jahren fand Lara nun den Moment gekommen, nach der Bedeutung dieses Ausdrucks zu fragen:

– Gevatter Hain, Oma?

Dona Juca zog an ihrer Pfeife und blies eine Rauchwolke in die Luft:

– Bei dem sind alle, die noch nie kamen, und zu ihm gehen die, die nie mehr wiederkommen. Mehr wollte sie an diesem Tag nicht mehr sagen.

Die Messe zum siebten Todestag von Roberto Luz fiel mit dem Beginn der Trauerfeiern – „Mukondo“ – zum 21. Jahrestag des Hinscheidens von Tata Inkisiani Sinésio Diangongo zusammen. Dieser Tata war der Gründervater des Terreiro „Munzo Maiangê“, und die Zeremonie sollte sieben Nächte dauern. Dinho war

⁴Sereré: Himmel des afro-brasilianischen Candomblé-Kultes

aus der Hauptstadt zurückgekehrt, und über die religiösen Aktivitäten ins Bild gesetzt, teilte er der Mutter seinen Beschluss mit, in einer dieser Nächte das Terreiro seines toten Bruders aufzusuchen. Die Natur der Rituale erschreckte ihn nicht, ja, verstärkte noch sein Interesse. Iara, die Vermittlerin, konnte ihn nicht begleiten. Aber da war kein Grund zur Sorge: Er hatte schon gemerkt, wie sehr die Leute des Candomblé der Friedfertigkeit zugeneigt waren.

Die Mutter freilich reagierte anders:

– Was hast du dort verloren? Du scheinst ja nicht mehr an Gott zu glauben, sondern an diese Wesen.

– Falls der Geist Betinhos erscheint, muss doch jemand von der Familie dort sein... vielleicht hat er ja eine Botschaft für uns, erwiderte Dinho in einer Mischung aus Ironie und Herausforderung.

Als Jüngster hatte Dinho am wenigsten vom religiösen Konflikt zwischen der Familie und „diesem Volk vom Maiangê“ mitbekommen, wie Dona Ismenia die Gemeinde des Terreiro bezeichnete. Diese Konflikte hatten sich mit der Weihe Robertos verschärft, nachdem dieser vom eigenen Vater, Carlos, in das Terreiro eingeführt worden war. Der Patriarch der Familie Luz hatte fast dreißig Jahre am Leben des terreiro teilgenommen, ohne freilich den Mut zu haben, die Weihen zu nehmen. Denn das hätte Verlobung und Ehe mit Dona Ismenia in Gefahr bringen können. Als sein ältester Sohn noch als Kind Interesse an der Religion zeigte, jubelte er insgeheim. Zehn Jahre später nahm Roberto die Weihen entgegen. Carlos, der zu sagen pflegte, er werde „allein schon deshalb“ glücklich sterben, verschied vier Monate nach der Initiation seines Sohnes. Tata Wizanvulá, so nannte er fortan seinen Ältesten, und löschte bis zu seinem Tod den Namen Roberto aus, wie auch seinen eigenen. Im Innersten aller Mitglieder der Familie herrschten mit einer oder zwei Ausnahmen Neidgefühle, weil es der Gemeinde des Terreiro gelungen war, die beiden zu jener Zeit wichtigsten Männer der Familie an sich zu ziehen.

Dinho war in diesem Umfeld aufgewachsen. Die akademische Atmosphäre der Hauptstadt, vor allem aber die Argumente der Schwarz-ist-schön-Bewegung erlaubten es ihm jedoch nicht mehr, bezüglich des Terreiro Munzo Maiangê wie seine anderen Verwandten Gefühle der Abneigung zu nähren. Freilich, von diesem Standpunkt bis zum Glaube...

Bei Einbruch der Nacht. Obwohl Dinho den Maiangê noch nie betreten hatte, wusste er doch, wo das Terreiro lag. Bei einigen Häusern musste er innehalten, um Beileidsbekundungen entgegenzunehmen.

– Ihren Segen, Dona Rôxa.

–Oh, mein Sohn, Gott segne dich! Sag deiner Mutter, dass es mir sooo Leid tut, ja?

Und etwas weiter:

– Segnung, Dona Guilhermina!

– Gott schenke dir Gesundheit, mein Sohn! Mein Beileid, ja? Sag der Ninha, dass ich nicht zur Messe konnte, aber Morgen komm ich vorbei. Ich hab's nicht mehr so mit dem Katholischen, seit diesem modernen Pater... – rechtfertigte sie sich.

Auf seinem Weg durch gewundene, steile Gassen wurde Dinho von den unterschiedlichsten Gefühlen getrieben. „Vor dreißig Jahren, was für ein Drecksloch muss das hier gewesen sein! Und das Kerlchen begleitete auch noch den alten Sack! Kaum zu glauben!“ – „Trotz aller Widrigkeit die Religion erhalten!“ – „Persönlich zu danken, das kost' ja nix...“ - „Ob diese Hexer schon ahnen, dass ich auf dem Weg zu ihnen bin?“ - „Ich sollte besser umkehren...“ - „Aber ich will doch hin...“ Abgesehen von der Neugier bewegte ihn ein schüchterner Wunsch nach Versöhnung, ein seltsames Gefühl von Dankbarkeit, das fern der Mutter seine unsicheren Flügel schlug.

Der Wind klang in seinen Ohren, als wolle auch er ihm etwas erzählen. Nachdem er um eine Ecke gebogen war, begann sein Herz zu klopfen. Ein dumpfer Trommelschlag wurde hörbar und beim Blick zum Ende der Straße sah er auf der linken Seite die Baumkronen des Terreiros, im Kontrast zu den Dächern außerhalb des religiösen Bereichs. Der Ton der Trommeln nahm zu und brachte sein Herz zum Rasen. Zehn Meter vor der Pforte des Maiangê hatte er sich wieder unter Kontrolle, aber als er den Fuß beinahe schon auf die Schwelle setzte, wurde er von Neuem überrascht. Ein Mann, der sein Näherkommen nicht bemerkt hatte, schleuderte eine Handvoll weißen Mehls auf die Straße, dem er aber Dank seiner Achtsamkeit ausweichen konnte. Der Mann wurde von einem Jungen begleitet, der andere Gefäße in der Hand trug. Nach einem kurzen Blick auf Dinho, mit einer gewissen Achtung, wie ihm schien, setzte der Mann seine Tätigkeit fort und verteilte weitere Substanzen auf der Straße. Danach kehrten sie mit schweigender Sachlichkeit ins Innere des Gebäudes zurück. Dinho zögerte. Der Zweifel war Herr über seine Schritte. Und jetzt? Sie schienen so beschäftigt zu sein... Wer weiß, vielleicht sollte er ein anderes Mal wiederkommen? Er tat so, als beobachtete er etwas in den Baumkronen, während er sich zu entscheiden versuchte.

Zwischen der Pforte und dem breiten Eingang zum großen Saal lagen etwa fünfzehn Meter, und dort drinnen vergoss der Mukondo seine Melodien. Alle konnten den Mann im roten Hemd und beiger Hose beim Eintreten sehen, aber nicht alle wollten ihren Augen trauen. Er blieb am Fenster stehen, um die Zeremonie zu beobachten. Einige Damen schworen mit weit aufgerissenen Augen, den verblichenen Roberto vor sich zu haben. Dinho war seinem Bruder ja tatsächlich sehr ähnlich.

– Heiliger Bimbam! Sogar ich habe geglaubt, er sei es! – sagte eine Frau erleichtert zu einer anderen. Seine Anwesenheit erregte aus verschiedenen Gründen Aufmerksamkeit. Kein anderes von Carlos' Kindern hatte je seinen Fuß

über die Schwelle des Terreiro gesetzt. Da alle Teilnehmer an dem Ritual in reines Weiß gekleidet waren, erschien diese Gestalt am Fenster wie ein störendes Licht. In gewisser Weise hatte Dinho diese Befremdung vorausgesehen und konnte deshalb in der komfortablen Rolle des Zuschauers verweilen, weshalb er der zweifachen Einladung, im Saal Platz zu nehmen, nicht folgen wollte. Jedoch sehr höflich.

– Vielen Dank, aber ich kann nicht lange bleiben!

Die Musik, die er schon auf der Straße gehört hatte, kam aus der Mitte des Saals. Der Tür zugewandt schlugen dort zwei Männer ihre Trommeln und ein Dritter mit zwei Stäben auf eine Kabasse. Vor ihnen tanzten abwechseln Männer und Frauen. Sie kamen, jeder zu seiner Zeit, von verschiedenen im Saal auf Holzbänken verstreuten Plätzen, und kehrten dann zu ihrem Sitz zurück. Einige wenige hatten auf Stühlen mit hohen Lehnen Platz genommen. Einige Tänzer fühlten sich scheinbar von der Präsenz am Fenster gestört und warfen wiederholt verstohlene Blicke dorthin, wie um sich zu vergewissern, dass die Gestalt dort, einer Erscheinung gleich, nicht schnell wieder verschwunden war.

Dinho war überrascht, denn in seiner Vorstellung hatte er eine Gruppe von Leuten erwartet, die um einen Tisch herum sitzen und in Erwartung von Geistern Verstorbener, sich an den Händen haltend, Gebete und Beschwörungen murmeln. In seiner bisherigen Vorstellung hatte es für den Kontakt mit den Toten ein standardisiertes Verfahren gegeben. Stattdessen sah er hier etwas, das ihm wie in Fest erschien. Und doch war die Atmosphäre ernsthaft, trotz einiger Gespräche, eines gelegentlichen Lachens und des Tanzes. Er spürte Zurückhaltung im Benehmen der Personen, und dies unterschied diese Zeremonie hier von anderen, die er in Salvador gesehen hatte, wenn er Kommilitonen und Professoren der Universität bei ihren Besuchen bekannter Terreiros begleitet hatte. Im Unterschied zu den ruhigen Gesten der älteren Tänzer meinte er in den Bewegungen der Jüngeren eine gewisse Beklemmung registrieren zu können. Unterdessen hatten die Gesänge begonnen. Das Solo wurde von einer weiblichen Stimme getragen, deren Ursprung Dinho nicht zu erkennen vermochte.

– Mukondoió Tata Kamukondoió...

Er dachte, es könnte sich um Mãe Nesinha handeln, die Tochter des verstorbenen Gründers Sinésio Diangongo und gegenwärtig Leiterin des Munzo Maiangê. Er heftete seinen Blick auf zwei dicke Frauen und versuchte zu erraten, welche von beiden wohl die Chefin des Terreiro sein könnte. Er erinnerte sich an die Beschreibungen, die er in dem Buch eines Religionsforschers gelesen: „Die lyás, beleibte Frauen mit quadratischen, großen Brillen, umgeben von ihren Filhas-do-Santo...“ - „Aber wo bleiben die Toten?“ fragte er sich, während er mit seinen Blicken in der ganzen Baracke nach Spuren irgendeiner übernatürlichen Präsenz suchte. Etwas berührte seinen Arm. Er zuckte zusammen. Die Frau sagte mit freundlichem Lächeln:

– Du bist doch der Sohn vom Carlos? Komm, es fängt an zu regnen und die Neengwa Lundwemim bittet dich herein. Sie deutete auf jemand im Saal. Eine

alte Frau, so schlank wie seine Mutter, aber etwas größer, die in einem Sessel saß, mit runden Augen im ernstesten Gesicht. Mit einem Lächeln und ohne ihren Gesang zu unterbrechen deutete die Priesterin mit einem diskreten Nicken auf die rechts im Saal aufgereihten Männer.

Soeben wollte Dinho wieder dankend ablehnen, als er – und darin war er sich sicher – den Namen seines verstorbenen Bruders vernahm. Er blickte rasch zu Dona Nesinha, aber sie wiederholte den Namen nicht, sondern fuhr mit ihrem Gesang fort, den er zwar nicht verstand, in dem aber verschiedene bekannte Namen genannt wurden, wie etwa der des verstorbenen Ladu vom Terreiro da Serra.

Dinho war beeindruckt von dem, was er für den Sinn dieser Liturgie hielt, und er fand, er sollte nun wohl besser gehen. Er wünschte sich auf die gleiche Manier zu entfernen, in der es die Stimmen der Sänger zu tun schienen... Jedoch war er unfähig sich zu bewegen, denn was er da gerade sah, lähmte seine Muskeln: Der Mann, der dort gerade tanzte, war doch Manuel Carvoeiro, der schon vor vielen Jahren verstorben war! Dinho konnte sein Gesicht nicht gut sehen und schnell war er sich nicht mehr sicher, dass es der war, an den er dachte. Ohne sich noch einmal umzudrehen beendete der Mann seinen Tanz und machte einer alten Frau Platz, die ihre gebeugte Gestalt in einen langen Schal gehüllt hatte. Sie ließ Dinho keine Zeit sich von dem ersten Schreck zu erholen, denn auch wenn er nur ihren Rücken sah, hatte er doch keinen Zweifel sie zu kennen. Am Ende des Tanzes lächelte sie ihm zu – mit diesem so seltenen wie anziehenden Lächeln, das ihn vor Schreck einen Schritt zurück tun liess: Es war Urgroßmutter Juca! Noch einen Schritt zurück, und er stand im Regen. Starke Empfindungen rissen Dinho fort. Sein Blickfeld trübte sich, und er fühlte den wachsenden Druck einer Hand auf seinem Arm, die ihn stützte. Der Boden wich unter seinen Füßen. Der sein Gesicht peitschende Regen war die letzte bewusste Wahrnehmung, an die er sich für den Rest seines Lebens erinnern würde. Sein Körper drehte sich im Kreis und in ihm kam Kaiango zum ersten Mal auf die Erde nieder.

BREU

(Auszüge aus dem Roman "BREU", Teil des Buchobjekts „Cabidela: Bloco-de-Mascaras“ von Laura Castro. Unabhängige Veröffentlichung (2011)).

*Etwas aufzubewahren heißt nicht
es zu verstecken oder wegzusperren.*

Antonio Cicero, „Guardar“

Ich war zurück. Ich öffnete die Schublade, die zum Schrank geworden war. Ich entrollte die Flotte der Papierschiffchen. Ich beschloss alles mit dem Stift zu übertragen. Aber diese Zettel hatten keine bestimmte Richtung. Sie kurvten nur so herum. Das ja. Um den Nabel, sagte ein riesiges Ich. Nein, mein Herr. Diesen Teil des Textes ließ ich weg, um nicht wieder von Edith ausgeschimpft zu werden und zum tausendsten Mal hören zu müssen, dass ich keine echte Romanautorin bin. Sie sagte „echte“ mit besonderem Nachdruck und senkte die Brille etwas, um mich über deren Rand zu fixieren.

Zurück: so habe ich angefangen, mich beendend. Ich entwarf die Gestalt der Person – welche ich bin – und begann zu erzählen. Das heißt "aus der Schublade kommen": mich entblößen und mich der Diagnose aussetzen. Hier ist alles notiert, mit Stift auf dieser Papierrolle. Es ist das Bildnis der Künstlerin als junges Mädchen. Eine Seite, nicht mehr. Ein Durcheinander von Strängen. Roman, das ist nicht mehr Novelle, wie ich Edith zu erklären versuche. Sie sagt, sie würden es mir nicht erlauben, und es klingt wie ein Urteil, sie werden es dir nicht durchgehen lassen. Wer, sie?

Um 10:21:00

Luiza ging noch mal durch alle Teile des zerlegten Haushalts, in dem Versuch etwas ihrer selbst zu bewahren, das sich im Laufe des letzten Jahres über all diese Ecken und Räume verstreut hatte. Der Plattenspieler war schon weg, aber trotzdem konnte sie Domingo hören, mit Caetano und Gal¹, ein Album, das sie einmal sich wünschen ließ, den Weg zurück finden zu können, ohne zu wissen – obwohl sie es an diesem Punkt der Geschichte selbst schon ahnte – dass sie an einen nur in ihrer Vorstellung existierenden Ort zurückkehren würde, an dem die Geburt der einzige wirkliche Fakt war. Dabei hatte sie keine Ahnung von den Jahreszeiten, den Flüssen oder irgendetwas anderem, das nicht bloßer Ausschnitt gewesen wäre aus dem Bild, das sie sich von ihrem Geburtsort gemacht hatte,

¹Caetano Veloso und Gal Costa: sehr populäre brasilianische Liedermacher

teils aus Folklore, teils weil es ideal für einen Neuanfang gewesen wäre, damit sich endlich alles veränderte.

Nur dass sie für sich einen längeren Weg gewählt hatte. Vor der Rückkehr würde Luiza ihre erste große Grenze überschreiten. Luiza würde ins Ausland gehen, zu einer Fremden werden. Es wären zwei verschiedene Wege, zwei Umzüge: Von einer Stadt in die andere und dann in die nächste, die allererste von allen. Und deshalb blickt Luiza in dieser Szene feierlich auf all das, was sie in wenigen Momenten nicht mehr ihr Heim nennen würde, weil es schon mehr als nackt und nur noch von dem bewohnt war, was sie hinter sich zurück lassen müsste – Möbel, Flakons, leere Eisbecher, eine Menge erst zur Hälfte Fertiggestelltes – und sagte adé zu allem, auch zu dem Fenster, das in diesem Moment die stärkste Präsenz der Stadt und voller Bäume war. Zur Abreise entschlossen, aber in großer Liebe zu diesem Grund und Boden und zu der Aussicht, die sie von dieser Wohnung, ihrem Territorium, aus hatte, verschloss Luiza zum letzten Mal die Tür des Apartments 532.

Sie schob mit klopfendem Herzen den Rucksack auf ihrem Rücken zurecht und traf sich mit dem auf sie wartenden Fahrer, der sie wegen ihrer Verspätung kritisierte. Zu kritisieren waren ihre von der letzten Nacht noch verschmierten Augen, wohl sei auch ihr Verstand noch vom Alkohol benebelt. Er konnte nicht wissen, dass ihre Schmerzen von dem großen Eingriff mit Nadeln in ihrem Körper herrührten und dass der Abschied nicht minder schmerzte als die Vernarbung der geritzten Haut. Dass die vorige Nacht nichts anderes war als das Gefühl keine Zeit mehr zu haben. Sie ging nackt durch die Wohnung, während die Freunde versuchten, ihre Schritte und die Nadelstiche zu registrieren, alles dreidimensional fotografiert, und sie sagten, ich schicke dir alles per E-mail, und sie wanderte, wie schon gesagt, orientierungslos nackt durch die Wohnung, wobei sie aber Landkarten, Reiseführer, Adressen zurechtlegte und alles für die Abreise organisierte. Wenn sie lächelte, war es aus Verzweiflung. Warum zum Teufel hatte sie sich etwas so Großes vorgenommen, soviel Veränderung mit nur einem Umzug? Luiza und ihre Freunde – als Co-Autoren – verbrachten Stunden in diesem zum Schauplatz hergerichteten Zimmer, bei der ohne Dramaturgie auskommenden Inszenierung eines Stücks, dessen Hauptrolle der Abschied war. Wobei der Abschied, mit Datum, mit Nadelstichen in ihren Körper eingraviert wurde. Es war höchste Zeit Schluss zu machen, denn schon blieb nicht genug Zeit für einen ordentlichen Abschied von den Freunden. Es gab weder Gläser noch Stühle und auch keine Ruhe. Entschuldigung, liebe Freunde, aber ich muss jetzt ein bisschen sterben. Später würde sie den gleichen Brief an viele Empfänger schicken, nachher, in Ruhe, aber jetzt musste sie aus der Szene verschwinden.

Sie blieb auf dem ganzen Weg halb taub, vielleicht nicht so feierlich wie zuvor, denn sie wusste, dass sie in die Hauptstadt zurückkehren würde. Eine Verteidigung blieb unerledigt zurück. Aber den Weg zum Flughafen brachte sie in einer Stimmung hinter sich, von der wir jetzt annehmen, es sei eine heimliche Freude gewesen, denn das ist der Name, den man dem flüchtigen Gefühl gibt,

das im Gleichklang mit dem Herzen zu unserem Körper spricht und dennoch tief verborgen bleibt, weil unbekannt. Sie waren am Ziel. Es war Zeit auszusteigen. Steig aus, Luiza, los doch, sagte er, während sie sich noch in die Polster des Wagens lehnte. Er gab ihr ein paar Ratschläge – sie noch immer halb taub – wobei sie ihn plötzlich umarmte, richtig fest, worin sich wahrscheinlich der Abschied von all den anderen ausdrückte, und jetzt weinte Luiza zum ersten und einzigen Mal zum Abschied, jedoch auch aus Furcht, rasch, aber heftig, ohne es verstecken zu können, während sie ihren Vater in die Arme schloss, denn in diesem Augenblick hatte sie Angst davor weg zu gehen, Grenzen zu überschreiten und ihr Leben zu ändern. Warum zum Teufel hatte sie sich etwas so Großes vorgenommen, soviel Veränderung mit nur einem Umzug? Danach sagte sie, ohne ihre Tränen oder sonst etwas wegzuwischen, denn es war ein trockenes Weinen gewesen, fast wie ein Jaulen, danke für den Kauf des Tickets, danke, dass du mich gehen lässt. Danke auch, dass du mir deine Arme geliehen hast, damit ich zu diesem Flug abheben kann. Danke, dass du mir beigebracht hast ohne Furcht und Kompass zu leben. Danke. Ich schicke Nachricht, sobald ich kann. Ciao.

Um 23:46:00

Ich habe das Präteritum verlassen und bin in die Gegenwart zurück, um von der Vergangenheit zu sprechen, während ich die Choreographie des großen Rads entwickle. Ich hacke auf die Tasten, im Versuch einen Kurs zu bestimmen. Es dunkelt und ich kann meine Notizen nicht mehr lesen. Unterdessen wird mein Gesicht allein vom Licht des Bildschirms beleuchtet, als seien Scheinwerfer auf mich gerichtet; auf dieses Vergnügen möchte ich um keinen Buchstaben, oder was auch immer mich leiten möge, verzichten. Ich taste mich so auf den Tasten voran und forme Worte im Dunkeln, angeleitet allein von der Szene, die ich selbst hier in ebendiesem Augenblick entwerfe, in diesem Streifen Licht, der mich auf die Bühne stellt. Ich benutze den Monolog, um euch daran zu erinnern, wie ich hierher gekommen bin. Ich brauche den Akt des Erzählens, um den Berg von Post-its und Artikeln zu organisieren, die jetzt im Dunkeln auf dem Tisch liegen.

Ich beginne mit der Rückkehr, aber zuvor stehe ich auf, um mich hinzulegen und mich an den Beginn zu erinnern. Heut' ist Sonntag, und nichts geht so schnell an einem Sonntag.

Um 19:02:00

Luiza Breu erschien mir im Gefolge eines großen Unwetters, das sich vor Tagen über der Stadt zusammengebraut hatte. Im Dunkel des Zimmers, zwischen den schwarzen Wolken, Vorboten einer nicht mehr enden wollenden Nacht, erschien mir das Mädchen, an der Wand lehrend und im Begriff sich am eigenen Körper Narben zuzufügen. Um sie herum standen Schüsseln mit Wasser, auf dem Papierfetzen schwammen. Als sie meine Gegenwart bemerkte, sah sie mich

direkt an, mit verquollenen Augen, und sagte: „Diese Abgründe, wieder diese Abgründe.“ Sie fragte immer wieder, bei jedem Schnitt, den sie machte, und unter vom Lidstrich schwarz gefärbten Tränen, weshalb ich für sie keine bessere Handlung erfunden hätte. „Wenigstens eine andere!“ meinte sie zornig.

Es war mir nicht möglich, auch nur die kleinste Bedeutung in Worte zu fassen, so als stünde ich einem Gespenst gegenüber, das mir die Stimme raubte. Ich schaute einfach weiterhin auf diese Szene, aus meiner Ecke des Zimmers, wo ich nur noch die Augen zu bewegen vermochte, während ich die Wasser des bereits herabstürzenden Regens und den Kehrreim hörte, den Luiza Breu wie eine Litanei wiederholte. Als sich das Schwarz der Nacht gleichmäßig hatte, verschwand Luiza aus der Szene, und nun war ich diejenige, die, ohne sich dessen bewusst zu sein, die gleichen Bewegungen wiederholte, so als sei ich von dieser bereits verschwundenen Erscheinung besessen. Ich wanderte von einer meiner Wunden zur nächsten, gab ihnen allen ihr Leben zurück, so als läse ich Luizas Partitur vom Blatt. Erneut die Abgründe, die alte Erwartung, die bittere Verlassenheit Luizas. Im Bewusstsein dieses Manövers zündete ich die Kandelaber mit den schwarzer Leuchtkörpern an auf meiner Suche nach Antwort und etwas Licht. Dabei bemerkte ich meine Schrift auf den durchweichten Blättern, die den ganzen Boden bedeckten. Sie hatte noch vor ihrem Verschwinden all die verlogenen Schüsseln ausgeschüttet und mich dadurch gezwungen, genau wie sie an meine eigene Schöpfung gefesselt zu bleiben. Aus diesem Grund floh ich erneut in die Dritte Person. Das war der einzige Ausweg zur Eindämmung der Flut, in die sich mein neuer Gesang bereits verwandelt hatte.

Um 03:55:00

Immer wird jemand erscheinen. Keine Einsamkeit existiert. Keine Liebe. Auch kein Ekel. Ich hasse es, wenn du dich so betrügst beim Hantieren mit den Töpfen. Das Leben ist jetzt, begreif' doch. Auch noch ein weiteres Mal werden sie deine Brüste berühren, deine Scham ablecken, deine Aromen kosten. Ein weiteres Mal und noch ein weiteres Mal. Bis du Gesichter vergisst, Namen, Düfte. Es werden so viele sein. (...) Fortzufahren bereitet mir Angst. Einzuhalten ertrüge ich nicht, Wellen der Iemanjá.²

(Caio Fernando Abreu, in „*Dodecaedro*“)

Bei Einbruch der Nacht: Mit den Worten Rosas sagte ich zu der vierten Person: Was das Leben von uns verlangt, ist Mut. Aber sie war schon fort und verpasste so den überwältigendsten aller Momente.

Bei Tagesanbruch: Ende der Odyssee, nur noch zu dritt: Siehst du, Doralice, das Leben schenkt sich nur dem, der sich hingibt, gleich zu Anfang hingegeben hat, ohne etwas dafür zu verlangen; nicht mehr als das, was das Universum zu jedweder Zeit bietet, sei es im Unterricht, bei der Arbeit oder dem allzu häufigen

²Iemanjá = Meeresgöttin der afro-brasilianischen Kulte

Fehlen am Samstagmorgen. Es war dieselbe Schlussfolgerung, zu der wir in der Woche gelangt waren, die dem Karneval voraus ging. Und ich gedachte der ersten Nacht Pacos in der alten Stadt. Nach einer langen Dürre, einem winterlichen Herbst und Monaten der Abstinenz von seinen Schritten sagte ich morgens, mit dem Gesicht von gestern: Leben ist besser als träumen; jetzt zu leben, das ist besser als sich zu erinnern. Wir verließen den Tanzschuppen schon bei hellichem Tage und zögerten nicht uns in die Wellen zu werfen, mit Jeans und allem, auch wenn wir am Ende mehr Sand abbekamen als unsere Seelen gereinigt zu haben vom Schmutz dieser voll Erwartung und Sehnsucht durchwachten Morgendämmerungen. Was uns freilich am meisten verwunderte, war der starke Duft von Lavendel, der uns durchdrang. Ich erinnere mich, als spürte ich erneut all diese Gerüche, Farben und Töne, wie wir uns dem Saum des Meeres näherten, um zuerst unsere Füße ins Wasser zu tauchen, in dieser grandiosen Szenerie aus Felsbrocken, hohen Wellen und dem schmalen Streifen Sand. Ich atmete einen starken Lavendelgeruch ein, den Duft der am 2. Februar Iemanjá dargebrachten Opfer. Beim nächsten Atemzug derselbe Duft. Ich schaute mit einem Blick voller Glauben und Zweifel zu Paco, und bevor ich irgendetwas sagen konnte, fragte er mich, ob auch ich diesen starken Geruch wahrnahm. Durch die gegenseitige Bestätigung entstand etwas Neues zwischen uns: Es war der erste von vielen verzauberten Tagen. Und es war dort, in Rio Vermelho³, dass wir durch unsere Sinne jene geheime Kraft zu verstehen lernten, welche die Erde an der Allerheiligenbucht besitzt.

*

Ich ging unter dieser unglaublich strahlenden Sonne schon früh morgens Steine sammeln, an einem klaren Tag, nach der Entladung dieses Unwetters, das den Vorsichtigen am Vortag nahe gelegt hatte, an diesem Freitag besser nichts zu riskieren. Es war ein wunderschöner Morgen, der sein Erscheinen vorbereitet hatte, während wir zwei zusammen mit der Gruppe von Portugiesen in einem weiteren schwülen Tanzschuppen den starken Regen hatten vorbeiziehen lassen. Ich klaubte die Steine aus den Becken, die die für dieses Wetter extreme Ebbe zurückgelassen hatte. Mein Blick fiel auf einen großen Stein, einen von jenen, die später im Bücherregal schöne Erinnerungen zu hüten pflegen. Ich glaubte nicht, dass er lose war. Aber das war er. Ich wandte mich ab, ohne viel zu denken, und sah Antonio mit angezogenen Knien auf einem Felsbrocken sitzen. Spontan sagte ich „Magma“. Meine nasse, gerötete Hand streckte ihm diesen Gegenstand wie ein Geschenk, eine Opfergabe entgegen. Ich versicherte, ohne zu wissen, ob es geografisch korrekt war, dies sei Magma, sei vulkanischen Ursprungs. Schau, früher wäre ich nicht in der Lage gewesen ihn so in der Hand zu halten, ohne mich zu verbrennen. Jetzt ist er kalt, er ist fest und, Schau, der war auch mal Teil eines großen Brockens und jetzt ist's nur ein Stückchen. Es war der Regen, der diese Steine in meiner Hand

³Rio Vermelho = Stadtviertel von Salvador

zertrümmert hat, viele Tage von Sturm und hohen Wellen, dachte ich, ohne es aber zu sagen, da ja das Sprechen nicht alle Szenen begleitet. Die Geste als solche war ja schon bedeutungsschwanger. Aber ich sagte, nimm diesen Stein und trage ihn bei dir als ein Stück solider Erinnerung an den Beginn dieses Tages. Nimm diesen Morgen, den sie dir geschickt haben, dieses Stück, das dir die Erde überlassen hat. Ich legte den Stein in Antônio's Hand und sagte: In dieser Art hätte sich dein Volk diesem Land nähern sollen, hätte nur nehmen sollen, was sich von sich aus gern hergab. Antônio sah mich mit seinen honigfarbigen Augen und mit dem süßen Lächeln dessen an, der auf der Durchreise schon bald wieder aufbrechen wird, und sagte, was ich, auch wegen dem in seiner Tasche verwahrten harten Stein, für aufrichtig hielt, nämlich dass er diesen Moment niemals mehr würde vergessen können. Ich bat um nichts, noch raubte ich etwas.

**

Die Ausländer spielten Zirkus am Strand. Ich Einheimische ging auf das Ende des Strands zu, wo ich am Donnerstag während des Karnevals beinahe gestorben wäre. Je näher ich der Stelle kam, desto heftiger suchten mich die Wellen am Ufer, als wären Magnete in meinen Beinen.

Viele Minuten verfolgten wir das Schauspiel der Wellen. Wir schauten schweigend viele Minuten lang. Die Stille war gut, um es zu betrachten. Man brauchte keine Worte, um es zu verstehen, denn es war nichts, das man verstehen könnte. Nur die Augen waren des ästhetischen Genusses fähig, der einmaligen Besonderheit jeder einzelnen der Wellen beizuwohnen, wenn sie sich am Strand brachen. Dies war unübersetzbar, ließ sich nicht in Worte fassen. Rúlio brach das Schweigen mit dem Wunsch, er hätte jetzt gern ein Boot, um in See zu stechen. Wie ein echter Matrose, fragte ich voller Selbstironie. Ja. Aber man braucht doch Mut, diese Wellen zu durchstoßen und bis auf die hohe See hinaus zu gelangen, nicht wahr? Rúlio erwiderte, genau dies sei der Reiz der Seefahrt, so etwas wie der Kreislauf des Lebens oder der Strudel verrinnender Stunden. So wie die Surfer Mut haben, sagte er lachend, mit dem Kopf schon in der Welle; schon ganz weit weg, vielleicht auf einer Insel. Er sagte, er wünsche sich, ganz vom Meer umgeben zu sein. Genau, die Surfer kehren ja doch am Ende immer wieder ans Land zurück. Außerdem, setzte ich ergänzend hinzu, ist ihr Fuß mit einer Schnur festgebunden. Rúlio sagte, er hätte gern ein Boot, und vor sich allein das Meer.

Ich erinnerte mich, dass sie mir sagte, es sei besser so, es sei besser sich nicht Lebewohl zu sagen. Abschiede schmerzen, sagte sie, und ich vergaß diese Worte

nicht. Es war besser keinen Abschied zu nehmen. Als die Stunde schlug, die Sonne im Zenit, weigerte ich mich, Adressen zu notieren, Nummern zu kritzeln, durchaus in dem Bewusstsein, wie schmerzhaft es Stunden später sein werde, diesen Verlust von Boden unter den Füßen zu erfahren, wenn eine Rückkehr für immer verwehrt war. Nie mehr würden sich unsere Wege kreuzen. Niemals mehr werde ich diesen Salz-, Honigaugen begegnen. Antônio freilich bewahrte mit diesem Stein, dem größten der Sammlung, die Zärtlichkeit in meinen Worten und die Unendlichkeit jener Minuten voller Magie, die nur uns geschenkt worden waren. Mir dagegen blieb, was sich mit den von der Sonne vergoldeten Strahlen in seinem schwarzen Bart verbinden ließ, der sich im Schlaf während der Überfahrt an meinem Rücken rieb. Es war nur die Metapher dieses Moments, die mir blieb. Dies und ein bitterer Beigeschmack beim Heraufdämmern des Tages. Der Geschmack, den der zu spät Gekommene kennt.

Antônios Schiff stach bald in See, nur Stunden später.

Zurück im Zimmer, als der Regen ebenso unglaublich wie verstohlen die Fensterscheiben benetzte, noch am gleichen Tag und so, als hätte die Sonne ganz heimlich und nur für uns allein am Himmel gestanden, fragte mich Doralice, weshalb alles immer ein Ende habe. Ich sagte, das wisse ich nicht, aber das, was war, sei gut gewesen, obwohl auch ich selbst versuchte, mich von dem Nachgeschmack eines Endes zu befreien, indem ich den nach Antônio in mir verbliebenen Durst mit anderen Tränken löschte. Nach der Verteilung der Steine blieben mir noch zwei. Den schöneren gab ich Doralice. Zwei Tage später steuerten wir wieder zu viert und jetzt noch mit einer fünften Person auf das Historische Stadtzentrum zu. Wir landeten auf einem Platz in einem Santo Antônio genannten Viertel, und alles begann von vorn, mit dem Lachen im Gesicht neuer Matrosen, die auf den Treppen zur Oberstadt auf das Meer und die Werften zeigten. Doralice, ich hatte es dir ja gesagt. Aber erwarte dir nichts. All das ist doch eine Dummheit.

Um 11:03:00

Jetzt kannst du schon herein kommen.

Setz dich.

Und fahre fort, wenn es richtig wäre einzuhalten.

Nach langem Schweigen

tritt Frau Schicksal ein, setzt sich, lächelt.

Lächelt über das ganze Gesicht.

Lächelt wie ein tanzender Körper.

Jede Runzel eine Erinnerung.

Müde senken sich
die Augenlider
und die Augen schließen sich, um sich zu sehen.
(Leo Mackellene, in *Livro dos mais pequenos silêncios*)

Die Frau vom Gesundheitsamt hat gesagt, Leidenschaft sei eine Endorphin-Bombe. Mehr als Rauschgift kann sie zu einer Sucht werden, hat sie gewarnt. Es ist reine Chemie, nichts weiter. Wir sind nach Endorphin süchtig, hat sie gesagt. Aber das Jod in der Luft in einer Stadt am Meer macht das Leben leichter und verlangsamt es.

*

Ceci taucht bei mir in ihrer Leichenblässe im gelben Licht eines Wochentags auf. Sie kommt, geht ein bisschen umher, verlässt kurz die Depression ihrer Puppenstube. Sie liegt mir im Ohr mit Erinnerungen an ihre Liebschaften, liest die Briefe ihrer ersten Liebe vor und tanzt mir auf der Aschenbahn den Walzer von ihrem 15. Geburtstag vor. Obwohl ich das längst weiß, sagt sie, sie wolle alles zurück drehen. Ich riet ihr zu Geduld, denn nichts, was nicht flüssig ist, könne fließen. Leidenschaft ist etwas, das dich von hinten anfällt und dir ein Bein stellt, Ceci. Deshalb kannst du unbesorgt vorangehen, mit dem Blick geradeaus. Sie sagt, sie wisse nicht, wie. Ich selbst weiß das ja auch nicht. Und nun? provoziert sie mich. Ich warte nicht. Bis wann? Ich gehe darüber hinweg. Meine Zeit als kleines Mädchen fixiert mich in diesen Augen, so bedürftig nach dem echten Leben. Ich sehe Zeit, die nicht vorüber gehen konnte, weil sie in der Erwartung stecken geblieben war. Die Zeit, die sich im leeren Leben von zwei Menschen verlor. Ceci ist die fünfte Person. Die fünfte Person war Ceci.

**

An diesem Tag waren wir zu fünft. Ich wollte das Haus nicht verlassen, noch erschlagen vom vorgestrigen Kater, gab aber schließlich dem inständigen Bitten der dritten Person nach. Ich machte allerdings zur Bedingung, dass wir da nach drüben gingen. Und bestand bis zum Schluss auf der Einhaltung dieses Abkommens.

Und so schloss ich mich als schlecht gelaunter, betrunkenener Clown mit tiefer Stimme und schmutziger Sprache diesem Chor weiblicher Stimmen in dem Auto an, das uns ins Stadtzentrum brachte.

Wir hielten – uns endlich einmal einig – auf einem dieser Plätze mit Kirche und spielenden Kindern sowie – in diesem Fall – dem von irgendwoher kommenden Klang von Trommeln, während Gläubige ihre Pflicht in der Sonntagsmesse erfüllten. Der Ausblick auf die Unterstadt und das Meer hypnotisierte mich sofort.

Eine breite Mauer trennte uns vom Abhang zwischen den beiden Stadtteilen.

Auf einem der Pfeiler entdeckte ich ein Herz, das auf den abblätternden Verputz gemalt war. Ich trat zurück, um es abzulichten. In diesem Moment kreuzten João und Pedro unseren Weg, sodass ich das Foto verwackelte. Pedro hatte grüne, mich bei dieser plötzlichen Begegnung sofort fesselnde Augen. Aber es war die Stimme Joãos, die ich zuerst hörte, als ich dem Impuls des Elans von vorgestern nachgab und Gesellschaft suchte. Er stand allein vor der Kirche und war dabei sich eine Zigarette zu drehen, als sein kühler und ruhiger Blick den meinen traf.

Damit hatte es begonnen, schon war ich wieder in diesen Kreislauf geraten.

Während wir alle die Treppe zur Unterstadt herabstiegen, war es Ceci, die sie aufforderte sich mit uns in eine Bar zu setzen. Keine andere von uns, auch ich nicht, hätte in diesem Moment denselben Impuls gehabt.

Wir waren fünf an diesem Tag. João würde eine von uns für seinen Angriff wählen, vielleicht eher die eine als die andere, mich eingeschlossen. Aber er setzte sich zufällig neben mich und Pedro einen Platz weiter, gleich neben João. Ceci blieb zu meiner Linken, ganz wild darauf, dass einer von beiden sie aus ihrem Tief herausholen möge. Einmal würde dieser Tag kommen, war die einzige Gewissheit in ihren langen Tagen des Nichts. Aber Ceci stotterte wie ein Kind, was sie für das Schicksal unsichtbar machte, und die beiden Fremden hörten sie nicht.

Niemand anderer wäre in der Lage sie zu hören, nur wir vier, aber nicht einmal so hatten wir gelernt sie sprechen zu lassen.

Ich betrat das Haus, als zöge mich etwas viel Stärkeres als mein Körper hinein – der zugegebenerweise vollkommen willenlos war. Schon nach der ersten Tür traf mich der überwältigende Geruch stärkster Erinnerungen. Ich hatte Tränen in den Augen und kalte Schauer liefen mir über die Haut, als ich den ganz eigenen Geruch des Hauses meiner Großmutter in die Nase sog. Ich teilte den Fremden mit, dass dies der Geruch von Großmutters Haus war, aber sie begriffen nicht, wie enorm der Raum war, in den dieser meinen Körper katapultiert hatte.

Es war der Geruch von zuhause. Eines Hauses mit dem Geruch vieler Jahrzehnte, die die Farbe von den Wänden abblättern ließen und die Türrahmen mit Termiten füllten, die alles mit Schimmel überzogen, aber diesen Boden in einen festen Grund unter meinen Füßen verwandelten.

Dort fand ich den Geruch von Großmutters Haus wieder. Den Geruch, den es eigentlich gar nicht mehr gab. Ein Geruch, der vor langer Zeit mit der Vergangenheit gestorben war, der Geruch des Hauses einer längst nicht mehr existierenden Großmutter, der Seele von uns allen, die wir ihrem Inneren entsprungen waren.

Ich betrat dieses Haus, das mir zur Zuflucht, zum Käfig wurde, mich aber vor allem mit einem anderen Duft versah. Es war ein neuer Geruch, chemisch und von sinnlicher Lässigkeit. Dort ließ ich mich während der gesamten Mittsommertage nieder, Heiliger Antonius, Heiliger Johannes sowie Petrus und Paulus. Dort dehnte ich das Jahr, bis es auszulaufen begann, im Schutz von Joãos Haus.

Ich kümmerte mich um die Erde bei seinem Haus, dem Haus seines Körpers, legte Samen zum Trocknen aufs Fensterbrett, wurde heimisch in diesen vier Wänden. Ich kurierte meine Schlaflosigkeit und heilte meine Wunden. Ich konnte schlafen und unterließ es mich selbst zu betrachten, damit diese Strömung mich trüge, ohne zu denken, und nichts zu erzählen. Ab diesem Moment begann ich in Aktion zu treten. Oder besser gesagt: Wurde ich mir meiner Aktion bewusst, denn sie hatte ja schon begonnen, sie war schon im Prozess, als ich dort ankam. Aber es war João, der mich nach Hause brachte, mich aus dem Meer zog, auf festen Boden stellte und mir einen Flecken Erde schenkte, damit ich auf ihr tanzen konnte.

Um zu ihm zu gelangen, entwarf ich Routen für große und kleine Transportmittel, erfand Abkürzungen durch enge Gassen und um Ecken. Mit ihm wagte ich mich wieder in die Straßenbahn. Ich stieg ein, stieg aus, fuhr mehrere Male, wie die Schritte eines nie vollendeten Tanzes, denn nichts davon unterwarf sich einer Choreografie. Es war unmöglich mein Verhältnis zu João zu beschreiben.

Deshalb streifte ich zerstreut durch die neuen, auf dem Papier und in den Fenstern sich kreuzenden Wege, durch die Maserung anderer, die Zwischenräume füllenden Geschichten.

Neues Blut zirkulierte in den Venen meiner Stadt. Und ich begann im Zentrum, das für mich ihr Randgebiet war.

Ich wünschte so wie du sein zu können, sagte sie, mit blankem Neid in ihren Augen. Wir sind doch gleich, Ceci, wir sind in Teilen identisch. Auch ich drehe und drehe mich im Kreis, bis ich stürze, leidenschaftlich verliebt, genau wie du. Nur lerne ich hier die Straßenbahn zu benutzen.

Das muss der Kreislauf der Rückkehr sein.

Um 10:04:00

Es gibt Sachen, die gelingen einem gut, andere nicht. Es gibt überflüssige Texte, mit losen Handlungssträngen hier und da, es gibt Dinge, die man ausspricht, aber nicht sagt, sagte ich ihm. Ich wollte zeigen, dass der Anfang nicht zwei Enden hatte, dass er einfach eine Wiederholung war, sich verströmte und manchmal auch übrigblieb, sodass dann zuviel Text auf der Leine hing.

–Weshalb weinst du?

– Weil jetzt nichts mehr so sein wird wie zuvor. Nie wieder. Jetzt für immer.

– Und das ist traurig?

– Ich weiß nur, dass es mich zum Weinen bringt. Die Zeit lehrt mich dieses Gefühl, diesen Beigeschmack des letzten Mals, weißt du, das macht meine Wolke regenschwer.

–

–

– Warum weinst du?

– Weil ich älter werde. Weil mich die Zeit durchbohrt. Deshalb.

-
- Warum regnest du?
- Weil es bewölkt ist, siehst du das nicht?
- Nein.
- ...

Die andere sah sich durch die Augen der Hauptfigur. Und die Frau Hauptfigur erblickte die Frau Schicksal, die sich an jenem Tag der Zufälligkeiten neben sie gesetzt hatte und nie wieder aufgestanden war, obwohl sie dies nicht bemerkte. Zugleich war es, als habe die Vergangenheit sie in die neue Zeit geleitet, denn es waren ja die fünf Freundinnen aus der Kindheit, die sie bis hierher geführt hatten. Nach jenem Tag verwandelte sich Luiza von Grund auf in eine andere, was sie erneut weit von den vieren entfernte. Sie, die die erste war, harmonierte mit der zweiten – deren Art ihr Leben zu organisieren ihr manchmal äußerst merkwürdig erschien – um an diesem Punkt der Geschichte eine dritte Person zu erfahren. Wie viele Dinge waren geschehen, und doch hatte alles den Anschein eines Anfangs, denn es war die erste Textversion der neuen Geschichte, der neuen Herausforderung, jetzt ohne Entwurf zu leben, jener Version, die in keinem Buch Platz finden würde für die es aber in diesem Moment allein tief in ihr selbst genügend Raum gab.

Luiza war schwanger. Das bedeutete den Beginn einer neuen Zeit. Sie wollte es langsam angehen lassen, aber die Zeit hatte schon zu rennen begonnen und sie im Zustand des Erwartens gefangen, in jenen Mondphasen de Werdens, in denen ein neuer Mensch entsteht und die Zeit still zu stehen scheint, damit man in Ruhe gleichsam mit bloßem Auge sehen kann, wie das Samenkorn keimt und sich in eine Knospe verwandelt.

Die Schwangerschaft brachte sie zur Verzweigung. Sie fühlte sich auf einem falschen Kurs, denn dieser basierte auf Berechnungen, war ungewiss und allzu mysteriös. Im blinden Bemühen sich zu bewegen warf sie sich mit ihrem Boot in die Ungewitter, steuerte, ohne vom Fleck zu kommen. Erst viele Schiffbrüche später wurde ihr an einem guten Tag deutlich, dass der alte Matrose, ganz anders als all die anderen, noch immer bei ihr war, manchmal im Regen aus ihren schweren Wolken und gelegentlich so trocken, dass es ihm gelang sie zu beruhigen, fast immer still seine Zigarette drehend, aber mit sehr wachen Augen und immer ganz da. An demselben Tag, an dem sie dies bemerkte, erkannte sie, dass er der zweite Mensch war, und wollte ein Kanu für die Ankunft des dritten bauen.

Nun piff Luiza ihre Erinnerungen ans Meer und die alten Geschichten, die wie Wellen nicht wiederkehren. Sie entließ alte Sehnsüchte in die See, Sätze, Versprechen. Sie pustete die Erinnerungen fort, blies sie in den Wind und begann das Gelände auf den Bau eines Hauses vorzubereiten. Schließlich gab sie dem Anderen ihre Hände, drehte sich in einer stummen Pirouette und öffnete ohne Versprechungen, Berechnung und Pläne die Tür zu einem neuen Leben, das kurz davor war, geboren zu werden.

Um 22:54:00

GEWÖHNLICHE GESCHICHTEN ÜBER MELANCHOLIE

(Die Geschichten entstammen dem unveröffentlichten Buch von Ruth Ducaso *Contos ordinários de melancolia*. Das Manuskript wurde 2013 mit dem Stipendium zur Förderung des Literarischen Schaffens des Bahianischen Kultusministeriums und seiner Kulturstiftung ausgezeichnet).

FÜR ANTONIO

Ich heiße Benta. Ich habe ein Söhnchen von 41 Jahren. Bei meiner Brut wende ich meine eigenen Methoden an.

Alles an ihm war verkehrt. Falsch schon, dass er zur Welt kam. Falsch, dass er keinen Vater hatte. Falsch, weil er zu lange brauchte mir Freude zu machen. Jeden Tag machte er etwas falsch. Jeden Tag wurde er bestraft.

Als Kleinkind machte er riesige Glotzaugen. Das war richtig komisch. Ich wünschte, er würde viel klarer sehen, wieviel Schuld er an meinem Scheißleben hat. Er stahl mir meine ganze Zeit, deshalb konnte ich nichts genießen. Er war das Verbrechen.

Ich nenne ihn mit seinen Froschaugen „Knödel“ – er mag alles, was ich mit ihm mache, alles, was ich schon getan habe, hat er alles verdient. Es hat ihm alles gefallen! Mit den Medikamenten begann ich, als er drei war, gab ihm Pillen und beobachtete ihn. Schläfrigkeit, Stumpfsinn, der Blick vernebelt und der Mund halb offen wie ein Huhn. Ich mochte es sehr ihn so zu sehen.

Mein Leben war ein einziges Warten.

Mein Leben ist schwer.

Bin eine Gefallene.

Manchmal setzte ich den Knödel an die Wand der Garage und tat so, als beschleunigte ich das Auto, mit den Scheinwerfern auf ihn gerichtet. Der Dummkopf machte sich in die Hose und auf den Boden. Nachts, wenn ich Alpträume gehabt hatte, goss ich dem Hühnergesicht nach und nach eiskaltes Wasser ins Gesicht.

Der Junge erschien mir mehr und mehr wie ein Tier, als ich diesen Schwanz sich entwickeln sah. Volltreffer. Ich wurde zur Tierärztin. Ich wartete, bis der Penis so etwa war, wie der seines Vaters gewesen ist, füllte den Mund mit Erwartung, band zur Sicherheit seine Arme fest und: Ratsch! Ich ließ ihn alles sehen. Er hatte es verdient. Es hat ihm gefallen. Er wollte es so. Ich wusch die Bettlaken, warf alles Überflüssige in den Müll und bin seither nicht mehr gefallen.

Ich hab den Geniesser jetzt immer bei mir, sauber und trocken. Die Haut immer steif, allzeit einsatzbereit.

MARKTTAG

Ich kehrte nach Hause zurück. Es war Samstag. Klatschte in die Hände. Schlug drei Mal gegen das Tor. Dann ging ich weiter.

- Sandro! Hörst du denn nicht? rief ich.
- Die Sonne brennt, Sandro! gab ich meiner Lage Ausdruck.
- Auf dem Markt zu viele Leute! Und hier lässt du mich so lange warten?!

beschwerte ich mich.

- Nochmals, Sandro!? Was willst du?! Soll ich die Tür eintreten?! urteilte ich.
- Los, Junge, bring den Einkauf her. Verständige ich mich eben mit dem

einzigsten Anwesenden.

- Hier, nimm dein Geld und verschwinde. Ich bezahle den Zuschauer.

Ich schließe das Tor. Und bin zurück in der Geschichte.

- Sandro, sagte ich ganz nahe, damit er diesen scheußlichen Namen nicht ganz missen musste, frisches oder Pökelfleisch? säuselte ich.

- Ein Gemüseintopf mit Knochenfleisch, damit man den Duft von Weißkohl mit Fleisch riechen kann, hmm? Das Wasser lief mir im Mund zusammen.

- Oh, Sandro, so bist du so schön. Bewunderte ich ihn.

- Noch nie warst du so schön. Schmeichelte ich ihm.

- Wenn es nach mir ginge, würde ich dich nicht einmal waschen, sondern es einfach so machen. Ich plante meine Arbeit.

- Das Rot hat deiner Haut mehr Leben gegeben. Beobachtete ich mein Kunstwerk.

- Sohn! Los, hilf mir, zum Becken. Rief ich.

- Oh, mein Sohn, wie schön doch dein Bein ist! Ich bin voller Bewunderung.

- Schau doch, wie schön! Ich zeige es ihm.

- Ist sehr schön, aber wird mir Arbeit machen. Beklage ich mich.

Ich machte alles allein. Sandro hat mir nie geholfen. Ich putzte, zog die Haut ab, trennte die Stücke voneinander, legte das Gemüse bereit, bewunderte den rohen Kohlkopf, stellte mir seinen Duft vor, und den Geschmack seiner faltigen, feinen Struktur.

Der Markttag ist der beste Tag für Frischfleisch mit Knochen. Früh aufstehen. Sich der Erholung des Tiers vergewissern. Sich auf den Weg zum Marktplatz machen, zwischen den Ständen herum gehen, die Bekannten begrüßen, alle sollen es sehen, sich über den Jungen beklagen, das sollen alle hören, das frischeste Gemüse auswählen. Langsam einkaufen, sorgfältig auswählen, bei den Melonen etwas verweilen, klagen, dass man gern eine ganze hätte, sie aber so allein nicht schleppen könne. Einen anderen als den gewohnten Jungen rufen, um den Einkauf nach Hause zu tragen. Vor der eigenen Haustür in die Hände klatschen, rufen, drinnen dann mit sich selbst reden. Den Hauptzeugen wegschicken. Am Sonntag zu Mittag den Samstag gekochten Gemüseintopf mit Knochenfleisch auf den Tisch stellen. Erlauben, dass deine Mutter, dieser unverdauliche Anblick

jeden Sonntagmittag, die Knochen schon bei Tisch abnagt. Sich nochmal über den Sohn beschweren. Sich am Anblick des Kohls auf dem Teller erfreuen, das an der faltigen, pipigelben Haut des Kohls haftende Fleisch genießen, sich verabschieden von dem, was die Mutter nicht mag. Erleichtert aufseufzen. Es sich auf dem Sofa bequem machen. Die losen Blätter aus Recycling-Papier der neuen limitierten Ausgabe von Gedichten Quintanas¹ eins nach dem andren umarmen. Und sich zufrieden fühlen.

WAS MÄNNER WOLLEN

Dienstag oder Mittwoch. Ich überlasse die Wahl der Münze. Jeder Tag wäre für die Jagd geeignet. Aber in jener Stadt wurden eben diese beiden Tage dem Ausbluten von Männern gewidmet, mit scharfer Klinge und feiner Spitze.

Es gefällt mir, bluten zu lassen, den frischen Geruch roten Fleisches zu spüren. Dieses Stück Vieh still zu halten, ganz unter Kontrolle. Den Blutfluss an genau der richtigen Stelle des Halses aufzuschneiden, an dieser wie eine Baumwurzel sich verzweigenden Stelle.

Unbeweglicher Körper, steifer Körper, schweres Wasser, mächtiger Strom.

Den Weg des Wassers kann man nicht bestimmen.

Ich finde einen Weg, wie das Blut heiß fließen kann, ohne das Fleisch zu beflecken.

Ich wende den schweren Körper. Öffne die Organe. Der Dreck der männlichen Plazenta quillt heraus. Fluten. Ich Sorge dafür, dass die Zuflüsse den Hauptstrom erreichen. Ich entsorge die nutzlosen Teile in Abfalleimern.

Ich durchstoße die Haut am Widerrist, wo die Kraft des Männchens ihren Sitz hat. Mutiger Stier. Kraftvoller Stier. Ich stehe nur den Stieren zur Verfügung. Zahmen Ochsen reiche ich keinen Blumentopf, stelle ich keine Fallen.

Ich schneide die Haut auf, von oben bis unten, ziehe das Leder ganz ab. Ich spanne es auf und fixiere die Ränder dieser Scheißform, die mich jeden Tag bittet nicht auf die Straße zu gehen.

Ich breche die Rippen und tauche meine Hände in die Lungen, warmes Blut, weiche Beutel voll Luft. Mit erregten Fingern ziehe ich diese roten Schwämme aus ihrer bequemen Ruhe. Ich lecke mir die Finger vor Vergnügen.

- Was ist die Form dieser Wolke? Und der anderen da?

Ich trenne die Knochen, ohne sie aus dem Fleisch zu lösen. Knochen ohne Fleisch können ruhen, aber diese haben keine Entspannung verdient. Zu sehr lösen sie Lust aus.

¹Mario Quintana, (1906-1994) brasilianischer Dichter

Das Männchen konnte dem Schlaf nicht widerstehen.

Um Angst zu machen, muss die Leidenschaft sein wie ein reißender Strom.

Aus dem einen steige ich und will schon in den nächsten.

Die ganze Zeit über verlangen die Männchen nach meinen Diensten. Ich schenke ihnen zweimal die Woche Blumen. Das ist es, was sie wollen, wenn sie vor mir auf- und abgehen. Das Leder behalte ich, um damit zu prahlen. Die Knochen entsorge ich an jene, die Fleischreste mögen. Mit den Teilen ohne bestimmten Zweck spiele ich bis zum Überdruß, lasse Blasen platzen, richte schlappe Knüppel auf, knete Lebergelee.

Ich bereite ihnen Lust. Das ist es, was sie wirklich wollen.

DIE VERWANDLUNG DER ZÓ

Zoilda heiratete mit 27 Jahren. Sie hatte sich Sorgen gemacht, dass niemand sie heiraten würde. Aber sie heiratete. Welche Erleichterung an diesem Tag. Sie hatte keine Ahnung, was Ehe bedeutet. Sie wusste nicht, was für ein Leben sie erwartete. Zoilda hatte von nichts eine Ahnung. Sie sah, dass es rings um das Haus, in dem sie wohnte, solche Frauen gab. Frauen, die in den Häusern anderer Familien wohnten. Frauen ohne eigenes Heim. Zoilda wusste, dass sie ein Haus haben wollte. Weil sie sich nicht daran erinnern konnte, jemals ein Haus besessen zu haben. Mit dem Tod ihrer Mutter hatte Zoilda schon früh ihr Zuhause verloren.

Ein Jahr nach der Hochzeit das erste Kind. – Das reicht auch, dachte Zó. Ich will nicht mehr Kinder. Es kamen 5. Es kam der Hunger. Es kam die Sucht. Der Ehemann Trinker. Zó wieder Mutter, ohne es zu wollen: Sechs. Zó ertrug alles. Der Mann trank, der Sohn trank. Der Sohn trank viel Wasser. Das Wasser verseucht von kranken Fischen. Ende eines Sohnes.

Zó ertrug alles. Sie zählte weiterhin sechs. Zó ertrug, bis die Kinder groß waren. Zó hatte ein Haus. Es war ihres. Scheinbar hatte sie sich das immer gewünscht. Sie würde es nie mehr verlassen. Sie wählte den besten Winkel des Hauses. Den wärmsten. Den neben dem Herd. Jeden Morgen machte sie Feuer. Die Scheite brannten Tag und Nacht. Und sie dort im Warmen, in dem Winkel, der allein ihr gehörte. Befremdet versuchten die die Mutter aus ihrem Winkel zu locken. Auch die Nachbarn, die Verwandtschaft. – Komm doch , Zó, den Jaca-Baum anschauen. – Komm und sieh dir den Orangenbaum voller Früchte an. Zó konnte mit ihrem Mund schon nicht mehr sprechen. Die Worte kamen aus ihren Augen. Zós Haus war das traurigste Haus der Straße. Die Traurigste darin war Zó. Zó dachte, jetzt da sie ein Haus hatte, wäre sie gern mal hinaus. Aber das war ihr nicht mehr möglich. Die Hitze des Herdes hatte ihren Mund verschlossen und die Beine angeleimt. Das hätte sie gern den Kindern gesagt. Sie wünschte sich, alle wüssten, dass sie dort nicht mehr weg kam, weil die Hitze sie festhielt.

Die Familie heiratete, zog um, verreiste, weinte, kam und ging. Zwei Söhne blieben. Zó neben dem Herd. Rings ums Haus der Hund, der betrunkene Vater.

Der Sammler von Träumen und Lumpen. Der Betrunkene ärgerte Zó. Zó schüttete heißes Wasser aus. Der Jaca-Baum wuchs, duftete, parfümierte den Winkel neben dem Herd. Zó wollte den Baum sehen. Die Jaca-Frucht. Die Kerne. Das Gelb. Das klebrige Mark. Was sie hielt, war das klebrige Mark der Herdwärme. Ob sie das Jacamark hier verschmiert haben? Zó untersuchte ihren gesamten Körper auf der Suche nach dem Kleber. Sie wollte sich freimachen. Wollte den Jaca-Baum sehen.

Der Trinker begann zu merken, dass sich Zó über ihn wunderte. Offenkundlich erkannte er ihre Lust auf Jaca und quälte die erhitze Frau mit dem Geruch der Früchte, diesem Geruch, dem Geruch. Der Hund lernte vom Trinker und rannte mit einem gelben Stück Jaca durch die Küche, ließ es im Hof fallen, fraß es auf. Warf sich auf den Boden, als machte er sich über mich lustig. Alle Trinker lachen über mich. Ich hasse alle Eltern. Ich hasse Zó, die nicht aus ihrem Winkel herauskommt. Ich suche das Haus mit einem kalten Windstoß heim. Ich streiche dicht an ihm vorbei, blase ihm ins Ohr. Ich kühle die Füße der Jungs im Wohnzimmer. Der Hund und der Trinker können mich sehen. Sie lachen mich aus. Ein noch stärkerer Wind im Haus. Ich kühle die Herdwärme ab, verwirre die an die Wand gedrückte Alte. Ich reiße alle Fenster des Hauses auf. Klack! Klack! Klack! Alles rennt die Fenster schließen. Ich bin im Haus. Ich bringe auf dem Boden liegenden Müll durcheinander, lose Kleidung, Vorhänge, Tücher. In der Küche die Töpfe. Ich will mich nicht mehr am Herd hocken sehen. Ich möchte nicht mehr von der Wärme abhängen. Vah! Vah! Vah! verteile ich die Flammen. Sie fällt. Ich öffne die Fenster. Rings ums Haus kläfft der Köter, wirft sich auf den Boden. Der Trinker spuckt alles Gesoffene auf das Haus, will das Feuer löschen. Das Haus gehört mir. Ich bin die Hitze. Ich heize das Feuer an. Der Trinker flüchtet. Der Köter lacht. Die Kinder gibt es nicht mehr.

NACHMITTAG EINES FAUNS

Künftig würden alle von dem Jungen reden, der sich von dem Gebäude gestürzt hatte. Was mag nur passiert sein? Das wäre das grosse Rätsel. Eine Bewohnerin aus dem 7. Stock würde erzählen:

–Ich hab ihn doch fallen gesehen, so klein, durchs Treppenhaus, vom obersten Stock. 16 Stockwerke. Aus dieser Höhe, unmöglich, dass er überlebt hat.

Aber den Körper, den hätte niemand gefunden. Davi wäre schon ganz weit weg geflogen, in eine unvorstellbar weite Ferne, und um einen Eindruck von ihr zu vermitteln müsste man von ihr sagen, dass noch nie jemand dorthin gelangt war, eine Entfernung, aus der niemand je zurückgekehrt ist. Dorthin wäre er geflogen. Um zu fliegen, war es ja genug, glückliche Gedanken zu haben, so wie im Märchen. Sein Körper würde ganz leicht, ohne das Gewicht des Schmerzes. Es galt nur zu schweben. Ein Windhauch hätte ihn dorthin geblasen, wo ihn das Geschick schon als einen ganz anderen erwartete, glücklich, und zwar für immer. Für immer, genau wie in den Märchen: Eine Freude, die kein Ende nimmt. Er müsste nur durch das Loch in der Wand klettern, seinen blauen Superhelden-Umhang ausbreiten und aus dem 16. Stock springen. Er hatte schon alles berechnet. Seinen Blick musste er nach oben richten, denn das war ja sein Ziel: Die Höhe, der zu dieser Stunde schon fast rote Nachmittagshimmel, die grauen Wolken über der Stadt hätte er hinter sich gelassen, und dort oben über allem die rosa-roten Wolken. Sein Flug würde den fortschreitenden Spätnachmittag begleiten, bis auch dieser schließlich hinter dem Horizont verschwunden wäre. Dann wären nur die Sterne geblieben. Er würde jenen besonders hell strahlenden Stern suchen, der rechts von seiner Flugrichtung lag, und danach anderen, nicht weniger strahlenden. Dort würde er nach rechts abbiegen, um lange in dieser Richtung zu fliegen, bis er wieder auf die Sonne und ihre Wärme stiesse. Es wäre nicht mehr eine städtische Sonne, die am Ende des Nachmittags hinter dem Horizont verdämmert, mit all diesen starken Farben, die nichts als eine Folge der Luftverschmutzung sind, wie er in der Schule gelernt hat. Es wäre eine Morgensonne mit ganz neuem, goldenem Glanz. Und sein ganzes Leben wäre so wie diese Kraft, die heraufsteigt, um die Tautropfen des Morgengrauens verdunsten zu lassen und die alles so leuchtend glänzen lässt, wie es immer nur möglich ist, wenn zum ersten Mal ein Tag anbricht. Wenn sein linker Fuß es dem bereits in der Luft schwebenden rechten nachtat, wäre es genug, glückliche Gedanken zu denken. Beide Füße würden ins Nichts treten. Ein einziger Schritt. Ein Sprung. Fliegen. Glückliche Gedanken wären genug.

Aber er hatte keine. Nichts von all dem, was ihm einfiel, war ein glücklicher Gedanke. Er versuchte es mit der Vorstellung von einer fröhlichen Zukunft, von etwas Gutem. Nichts. Er versuchte sich zu erinnern, wie ihn damals der Faun nach einem Sturz vom Boden aufhob, nachdem er am Eingang des Gebäudes gestolpert und hingefallen war. Der Faun hatte ihn am Gürtel genommen und auf die Beine gestellt.

–Hast du dir weh getan?

Am liebsten wäre er da vor Scham davon gerannt, aber sein ganzer Körper war wie gelähmt. Ein Elektroschock lähmte seine Nerven. Er würde dort sterben. Er war ein leichtes Opfer. Der Körper mochte ihm nicht mehr gehorchen, verkrampfte sich zwischen seinen Beinen. Mit großer Mühe rannte er bis zur Treppe, seinem Zufluchtsort. Nie benutzte irgendjemand die Treppe. Er wollte sich in der Wohnung verstecken. Er kam auch bis zur Tür im vierten Stock, überlegte es sich aber anders. Er wusste um die Schamröte in seinem Gesicht. Seine Mutter würde etwas merken. Er beschloss bis zum Ende der Treppe dort ganz oben hinauf zu steigen, wo man vom sechzehnten Stock auf das Flachdach des Gebäudes gelangt, ein verlassener Ort und seit langem schon sein Geheimversteck. Von dort konnte er die Fenster von Schlaf- und Wohnzimmer der Wohnung des Fauns sehen, auch sogar durch ein kleines Fenster einen Teil von dessen Badezimmer. Die im rückwärtigen Teil des Gebäudekomplexes liegenden Wohnungen hatten Fenster zum Innenhof. Von der Treppe aus konnte er durch die Löcher in der Wand alles in diversen Wohnungen beobachten. Hier oben auf der Treppe verbrachte er seine Nachmittage außerhalb der elterlichen Wohnung. Gleich nachdem er Mittagessen und Hausaufgaben hinter sich gebracht hatte, verschwand er. Warf die Wohnungstür hinter sich zu und vergaß sein normales Dasein. Vater und Mutter verschwanden aus seinem Leben. Er war dann allein auf der Welt und konnte alles beliebige sein, Abenteurer, Zauberer oder Forscher. Der oberste Treppenabsatz war seine Festung und sein Ausguck. Da unten zog sich der Faun in seiner Wohnung gerade aus. Das Hemd, die Hose, die Unterhose. Er war vollständig nackt. Davi konnte ihn ganz sehen, wie er da durch das Wohnzimmer ging. Er hatte einen unteretzten, ganz weißen, behaarten Körper. Seine schwarze Behaarung zog sich von der Brust in einer schmalen Bahn über den Bauch und verteilte sich zwischen den Beinen. Schenkel, Gesäß, alles war bedeckt von schwarzen und langen Haaren, ein Kontrast zum Weiß seiner Haut. Ein schwarzer Flaum bedeckte auch den oberen Teil des Rückens bis zu den Schultern und zog sich auf den Armen bis zu den Fingerknöcheln hinunter. Der Körper bestand wie eine griechische Statue nur aus Muskeln, wie eine Illustration aus dem Buch über Mythologie. Der Junge hatte diesen Mann sofort als den Faun aus seinem Buch wiedererkannt. Es war derselbe muskulöse und behaarte Körper. Auch das Gesicht war wie auf dem Bild: Markant, mit buschigen, schwarzen Brauen, wie zwei Rabenschwingen. Aber was Davi den größten Eindruck machte, waren die kräftigen Beine. Vom Gürtel abwärts schien er weniger Mensch und mehr wie ein

Tier zu sein. Sogar die Füße waren zwar nicht die Hufe eines Ziegenbocks wie bei einem echten Faun, aber doch deutlich von roher Form... Als Davi ihn zum ersten Mal sah, hatte er auf seinem Bett gelegen und sich selbst gestreichelt. Der Junge konnte mit seiner wenigen Lebenserfahrung nicht recht verstehen, was da vor sich ging. Schon dieser außergewöhnliche Körper war neu für ihn. Er war in nichts mit dem seines Vaters vergleichbar, der ihn ja völlig kalt ließ. Wenn man ihn gefragt hätte, was an diesem Anblick ihn so faszinierte, er hätte keine Antwort gewusst. Auf manchen seiner Expeditionen hatte er schon vorher nackte Nachbarn gesehen. Sie waren immer ein komischer Anblick. Auch hatte er Gleichaltrige dabei beobachten können, wie sie neugierig ihre Körper verglichen. Aber in diesem Fall, da ein nackter Nachbar seinen eigenen Körper berührte, waren seine Empfindungen von ganz anderer Natur. Es war, als berühre ihn der Faun so von Weitem. Wenn er sich über die behaarte Brust strich, war es, als führe seine Hand über die glatte Brust des Knaben; wenn seine Hand zu den kräftigen Beinen hinunter glitt, dann war es, als berühre er aus der Ferne das magere Bein des Jungen. Und wenn er sein Glied berührte, dann schien er nach dem Jungen zu greifen in dem Versuch ihn hart werden zu lassen und ihn aus der Ferne zum Orgasmus zu bringen. Orgasmus? Für ihn war es nur eine befremdliche Sensation, ein gutes, aber auch beklemmendes Gefühl, wie ein Zuckerbonbon, das mit seiner übertriebenen Süße allem anderen seinen Geschmack raubt. Und selbst dieser süße Geschmack war unbeschreibbar, etwas, für das keine Form existierte, in der man es jemandem hätte erzählen können. An diesem Nachmittag, dem ersten, wusste Davi, dass er eine Entdeckung gemacht hatte. Er wusste es, ohne es zu wissen. Er hatte einen neuen Geruch an seinem Körper entdeckt und floh erschrocken. Er rannte die Treppe hinunter und verkroch sich in seiner Wohnung. Er wusste, was ihn dort erwartete, und das nahm ihm die Angst. Er brauchte das schon Bekannte und Gewohnte, das Zuflucht sein konnte für seinen Körper, wenn dieser darauf bestand, ein anderer zu sein. Er öffnete die Wohnung, so als sei es schon Abend. Dabei war es noch nicht einmal drei Uhr nachmittags.

Am nächsten Tag, sobald er frei hatte, war er im Flur seines Stockwerks. Aber im Gegensatz zu sonst empfand er beim Verlassen der Wohnung keine Erleichterung. Er war angespannt. Er wollte die Treppe hinaufsteigen und nachsehenschaun. Er hatte Eile und er hatte Angst. Er nahm die Treppe langsam, Stufe für Stufe, ohne auf die dabei in sein Blickfeld geratenden Fenster der Wohnungen zu achten. So sah er nicht, wie ein Nachbar Flaschen unter dem Bett versteckte, oder dass die Alte vom neunten Stock auf ihrem Sofa schlief, mit bloßer Brust, auf der sie eine alte Wunde mit einem schäbigen Tuch bedeckt hatte. Eine weitere Bewohnerin, Dona Heloísa, war auf der Suche nach ihrer verschwundenen Katze. Morena. Immer ließ sie ihren kleinen Schatz entwischen, um ihn dann in allen Wohnungen zu suchen. Davi spielte ihr gern einen Streich und versteckte die Katze, nur um dann so zu tun, als helfe er ihr bei der Suche. Am Ende war dann immer er derjenige, der die Katze entdeckte und mit Süßigkeiten belohnt wurde. So viele

offen stehende Fenster. Nur im vierzehnten Stock machte er Halt, um in die Wohnung des Schauspielers zu schauen. So jedenfalls wurde dieser Bewohner von seiner Mutter und den anderen Parteien genannt. Beim Aussprechen der Bezeichnung nahmen ihre Blicke immer einen seltsamen Ausdruck an. So als meinten sie eigentlich das Gegenteil. Der Portier machte sich hinter seinem Rücken über ihn lustig und die Mutter hatte ihm einmal gesagt, er solle nicht mit diesem Mann sprechen. Er wusste nur so viel, dass der Schauspieler nicht beim Fernsehen war. Immer nachmittags konnte man ihn dabei sehen, wie er in seiner Wohnung mit bunten Kleidern hantierte. Oder nähte. Immerzu nähte er. Eines Tages hatte er ihn überrascht.

–Eh, du, wirst wohl fliegen? – fragte der Schauspieler, als er des Jungen mit dem am Hals verknoteten Tuch ansichtig wurde – oder was sonst machst du da oben?

Davi sagte, er spiele.

–Und der Umhang? Hast' nichts Besseres gefunden? Komm' mal mit, ich geb dir 'was.

Davi begleitete ihn bis zu seiner Wohnung. Wie alle nach hinten liegenden Apartments hatte sie nur Schlaf- und ein Wohnzimmer. Alles war vollgestopft mit Kleidern, zum Teil auf Bügeln, auf dem Sofa, den Sesseln, der in die Ecke geschobenen Nähmaschine. Auf dem Tisch lagen, neben benutztem Geschirr, Scheren, Nähgarn, Bänder, Stoffreste und eine offene Schachtel mit bunten Knöpfen. Davi kam misstrauisch herein.

–Brauchst keine Angst haben! Setz dich hier her.

Er raffte ein paar Kleider vom Sofa, um Platz zu schaffen. Davi fragte, ob er wirklich Schauspieler sei, wie es im Gebäude heiÙe. Der Mann schaute zu Davi. Er schien noch jung zu sein, war es aber nicht. Um die Augen herum hatte sich schon Müdigkeit ausgebreitet.

–Das ist es, was sie von mir sagen? Naja! Vielleicht kann man mich als solchen bezeichnen. Aber mit nur einer einzigen Rolle. Nämlich dieser.

Er nahm eines der Kleider vom Bügel und hielt es sich vor den Körper. Dann griff er nach einer Perücke mit langem, schwarzen Haar und stülpte sie sich über den Kopf. David erschrak. Die Perücke kannte er noch nicht.

–Ich bin Absoluta Taylor! Das ist meine Rolle.

Er verzog sein Gesicht auf lustige Weise, schüttelte die falschen Haare und ließ das Kleid vor sich tanzen. Davi musste lachen. Der Mann berichtete, was er machte: er verkleidete sich als Frau, tat so, als sei er eine Sängerin, und trat in Nachtclubs auf. Diese Sängerin nannte sich Absoluta Taylor. Davi fand das einen sehr komischen Namen.

–Tja, aus deiner Sicht ist er wohl komisch. Er sollte's nicht sein, aber ist es leider.

Er schneiderte auch Kleider, sowohl für sich selbst als auch für andere Künstler. Damit verdiente er sein Geld.

–Willst du, dass ich dir einen Umhang mache?

Davi konnte es kaum glauben. Natürlich wollte er.

–Wie soll er sein?

Davi wollte einen blauen Umhang. Mit Sternen darauf?

- Ich habe diesen Stoff hier, schau!

Es war glänzender Satin. Und ein dunkles Blau.

–Ich kann auch ein paar Sterne drauf machen.

Davi bedankte sich. In wenigen Tagen würde der Umhang fertig sein. In dieser Zeit erschien Davi jeden Nachmittag in der Wohnung des Mannes. Er schaute ihm bei der Arbeit zu, während dieser Geschichten und Scherze erzählte. Davi wusste ja schon, dass er in Nachtclubs sang, aber dass er bei Kindergeburtstagen auch als Clown auftrat, das war ihm neu. Der letzte Auftritt lag schon etwas zurück, aber er hatte noch das Kostüm. Es war ein Clown in Rot und Gelb, mit einer riesigen Halskrause. Er hatte einen Hut voll blinkender Lichter. Der Clown zog sein Kostüm an und schminkte sein Gesicht. Davi verbrachte den glücklichsten Nachmittag seines Lebens. Er lachte sich kaputt über die Späße seines Nachbarn. Ein anderes Mal schlüpfte der in die Kleider von Absoluta Taylor und sang etwas auf englisch. Es war ein trauriges, aber auch sehr schönes Lied. So vergingen diese Nachmittage.

Der Umhang war fertig. Ein tiefblauer Umhang voller Sterne. Es war der Umhang eines Supermannes, könnte aber auch der eines Zauberers sein, dafür fehlten nur der Zylinder und das Häschen.

–Schau mal, ich werde Material besorgen und dir einen Zylinder machen. Ich brauche Pappe und schwarzen Stoff. Sobald ich das gefunden habe, werde ich dich rufen.... Zieh mal an.

Er legte den Umhang um Davis Schultern. Er war breit und war mit silbernen Sternen bestickt. Er schloss am Hals wie ein Hemdkragen und musste nur zugeknöpft werden. Aber da war ein Problem: Sein Saum schliff über den Boden.

–Ich habe ihn größer gemacht, denn du bist im Wachsen. Wenn ich ihn in deiner jetzigen Größe gemacht hätte, würde er nicht fliegen. Wenn du rennst oder von der Treppe springst, wird es in Ordnung sein.

Der Junge legte den Umhang an und rannte auf den Flur hinaus, hinter ihm flog das Tuch. Zu diesem Zeitpunkt hatte er den Faun noch nicht überrascht. Auch benutzte er den obersten Treppenabsatz noch nicht als Fluchtborg. Es war ja gerade der Umhang, der ihn diesen Ort erst entdecken ließ. Denn als er fertig war, sah Davi ein, dass er ihn nicht mit zu sich nach Hause nehmen konnte. Die Mutter wäre sicherlich nicht damit einverstanden gewesen, dass er mit diesem Schauspieler aus dem 14. Stock gesprochen hatte. Und erst der Vater! So fand er das Versteck. Ein verlassener Ort. Auf dem obersten Treppenabsatz, wo es die Falltür auf die Terrasse gab. Es war schmutzig und gefährlich. Um dort hinauf zu gelangen, musste er auf einer der letzten Treppenstufen durch ein Loch in der Wand. So in die Tiefe zu blicken, machte Angst, war aber auch faszinierend.

Es war an diesem Tag, dass er den Faun auf dem Bett liegen sah. Ein unbeschreiblicher Anblick, als schliefe ein Gott unter den Menschen. Sofort dachte er an das Bild des Fauns in seinem Buch. Schon das Betrachten der Illustration hatte für ihn etwas Bestürzendes, das ihn zögern ließ weiter zu blättern. Der Faun aus dem Buch hatte sich in den Schatten eines Baumes gelegt und hielt eine Flöte an die Lippen. So als beginne er gleich eine Melodie zu spielen, während er ein ebenso verführerisches wie auch böses Lächeln zeigte, wie jemand, der schon bei der Einladung warnt: dies ist eine Falle, du wirst dich verlieren! Davi verlor sich. Er blieb Stunden in den Anblick des Bildes versunken. Er nahm das Bild mit in die Schule, mit in den Schlaf, stellte sich den Faun vor, wie er im Hain die Tiere erschreckte, hinter den Nymphen herjagde, an Kriegen teilnahm oder Gefahren entkam. Es war sein liebster Tagtraum. Und jetzt erschien ihm genau diese Figur aus seinen Träumen, wie dem Bild entstiegen, in Fleisch und Blut. Der Faun bewegte sich dort unten auf seinem Bett und kam aus Davis Blickfeld. Erst drei Stufen tiefer hatte er den Faun wieder im Blick. Durch die Löcher in der Wand konnte er sehen, ohne gesehen zu werden. Der Faun begann sich zu streicheln und diese Berührung des eigenen Körpers traf auch den kleinen Davi in seinem Versteck.

Vom Treppenabsatz im 15. Stock konnte Davi Absoluta Taylor in seiner Wohnung sehen. Der Nachbar trug seine Frauenkleider. Er experimentierte mit verschiedenen Formen, stopfte noch etwas Füllung in den BH und probierte Perücken an. Er ging ganz in den Vorbereitungen für die Nacht auf. Davi dachte nicht an den Zylinder. Noch am Vortag, ehe er zum obersten Absatz hinauf gestiegen war, hatte er an nichts anderes denken können als an den Zylinder, der den Umhang des Supermanns in den eines Zauberers verwandeln würde. Jetzt aber konnte er nur noch daran denken, was er gleich dort oben zu sehen bekommen würde. Er ließ seinen neuen Freund mit den Kleidern spielen und stieg hinauf. Aber in der Wohnung des Fauns war niemand zu sehen. Zwar standen die Fenster weit offen, aber er war nicht da. Davi war enttäuscht. Er holte seinen neuen Umhang heraus und legte ihn an. Nicht, dass er mit ihm hätte spielen wollen. Er blieb nur still auf seiner Treppenstufe sitzen und schaute durch das Loch. In dieser Stellung verharrte er fast den ganzen Nachmittag. Warten. Er konnte die gesamte Fassade des Gebäudes überblicken und sah verschiedene Fenster der Nachbarn offen stehen. Dort unten in der Tiefe spazierte Morena über den Hof. Gleich würde Dona Heloísa auf der Suche nach ihrer Katze erscheinen. Er dachte daran hinunter zu gehen und die Katze als Supermann zu retten und wollte sich gerade anschicken die Treppen hinabzusteigen, als er den Faun erblickte. Er betrat das Wohnzimmer. Er musste nach Hause gekommen sein, ohne dass ihn Davi bemerkt hatte. Er hatte nur eine Unterhose am Leib. Er blieb in der Mitte des Raums stehen und begann Turnübungen zu machen, zuerst im Stehen, dann auf dem Boden liegend. Er benutzte Gewichte. Hin und wieder stand er auf und ging ins Schlafzimmer, um sich im Spiegel zu betrachten

und das Ergebnis zu bewundern. Er schwitzte am ganzen Körper. Nach fast einer Stunde hörte er auf. Er streifte die Unterhose ab und so, nackt, legte er Kleidung auf dem Bett zurecht. Nachdem er geduscht hatte, zog er sich an und verließ die Wohnung. Der Nachmittag ging zu Ende. Davi musste zurück nach Hause. Nach Hause zu müssen war immer schmerzhaft, es war wie die Rückkehr in ein Loch, dem man doch gerade erst hatte entkommen können. Er kannte das Gewicht der Erde und wusste, wie es einen lebendig Begrabenen ersticken würde. An diesem Tag freilich war sein Leid von etwas anderer Natur. Er musste den Faun verlassen. Er konnte ihn nicht begleiten, wohin auch immer er ginge. Er verwahrte seinen Umhang in einer Tüte und stieg hinunter. Nun konnte er nur noch auf den nächsten Nachmittag warten.

Und er kam. Es kamen noch viele Nachmittage wie dieser. Heimlich beobachtete er den Faun. Der machte seine Übungen jeden Tag, fast immer nackt oder in Unterhose. Davi begann jede Einzelheit zu beachten. Schnell hatte er erkannt, dass der Faun bis Mittag zu schlafen pflegte, während er selbst in der Schule war. Den Nachmittag verbrachte er dann zu Hause und sobald es Nacht wurde, ging er aus. Zurück kam er immer erst spät, sehr spät. Davi versuchte von seinem Zimmer aus den Haupteingang des Gebäudes in Erwartung des Fauns zu überwachen. Aber nie konnte er ihn kommen sehen. Schon vorher war er eingeschlafen. Es gab Tage, an denen der Faun Musik auflegte und zu tanzen anfang. Er begann bekleidet. Dann aber begann er die Kleider der Musik entsprechend Stück um Stück abzustreifen. Er krümmte und wandt sich und strich sich mit den Händen über den Körper. Er trug sehr seltsame Kleidung, Kostüme von Cowboys, Soldaten, Matrosen. Eines Tages verkleidete er sich als Magier, mit Zylinder und allem. Der Umhang war fast genau wie der seine. Er war schwarz und rot gefütert, war aber mit den gleichen Silbersternen wie seiner bestickt und hatte auch den gleichen Kragen. Und dieser Zylinder? Ob den wohl Absoluta Taylor gemacht hatte? Ob sich die beiden kannten? Bald schon hatte Davi seine Antwort. Der Faun in der Wohnung von Absoluta Taylor. Er probierte ein rotes Kleidungsstück an. Davi konnte nicht sagen, was dort passierte. Sie zogen sich ins Schlafzimmer zurück und schlossen das Fenster. Dort blieben sie eine ganze Weile, bis in den frühen Abend. Als Davi nach Hause musste, waren sie noch immer nicht wieder aufgetaucht. Alle Fenster des Gebäudes waren erleuchtet, nur dies eine nicht. Alles war dunkel und geheimnisvoll, dort in der Wohnung des Schauspielers.

Er wollte den Schauspieler nicht mehr besuchen.

–Du hast mich lange nicht mehr besucht! Wann machen wir den Zylinder?

Davi zögerte. Er war wütend auf den Mann. Er wusste nicht warum, aber er war wütend. Andererseits hätte er ja gern etwas über die verschlossenen Fenster erfahren. Wusste er das nicht längst? Natürlich wusste er es! Sein Körper hatte es ihm gezeigt. Ein verstecktes Alarmsignal war ausgelöst worden, aber es war, als spräche der Körper eine andere Sprache. Eine Übersetzung war erforderlich,

um alles zu verstehen. Und die verschlossenen Fenster gaben ihm eine sehr klare Vorstellung davon, was da drinnen geschah. Er war ja nicht dabei, aber das verschlossene Zimmer war in ihm selbst verborgen und brannte. Es war eine Zeitbombe, deren Zünder tickte. Wann würde sie explodieren?

Schließlich ging Davi den Kerl doch besuchen. Er wollte diese rote Kleidung anfassen.

–Ich werde ihn etwas größer machen, damit du ihn länger tragen kannst.

Der Mann nahm mit einem Zentimeterband Maß. Davi war ja noch immer im Wachstum, wie er wusste. So war der Zylinder etwas zu groß, der Umhang etwas zu lang, die Kleidung größer als er. Alle schenkten ihm Dinge, die ihm zu groß waren. Es galt zu wachsen, um sich die Dinge zu erobern und in sie hinein zu passen. Nichts hatte seine Grössennummer. Auch all die Gefühle, die seinen Kopf verwirrten und in seinem Körper kreisten, waren so, nämlich zu groß, zu weit, noch fern. Er musste in sie hineinwachsen, um sie wirklich zu verstehen. Die Uhr machte zwar tick-tack, aber die Zeiger rückten nicht vor. Es schien eine Ewigkeit zu dauern.

–Wo hast du denn die gefunden?

Eine rote Hose. Davi hatte sie endlich unter einem Stapel Kleidung entdeckt, in dem er mit scheinbar gelangweilter Miene gekramt hatte. Beide Seitennähte hatten Klettverschlüsse, ganz leicht zu öffnen.

–Das ist eine Theaterhose, für den schnellen Garderobenwechsel. Nein, das bedeutet gar nichts. Gib her.

Er nahm Davi die Hose aus der Hand und packte sie weg. Dann bastelte er weiter am Zylinder.

–Siehst du, ich habe den richtigen Stoff gefunden. Morgen wird er fertig sein.

Davi verließ die Wohnung, ohne sich besonders zu freuen. Das Geschenk hatte für ihn keine Bedeutung mehr. Alle Gedanken kreisten um das Gefühl des roten Stoffes in seiner Hand. Eine Berührung, die sich sofort zu einer anderen gesellte, am Eingang des Gebäudes, gleich nach jenem Sturz. Zwei große, heiße Hände fassten ihn um die Taille und hoben ihn hoch. Der Faun. Er hob ihn bis in Augenhöhe, bevor er ihn wieder auf den Boden stellte. Nie zuvor war er ihm so nah gekommen. Auge bei Auge, Mund bei Mund.

–Hast du dir weh getan?

Er hatte beim Sprechen ein diskretes Lächeln auf den Lippen. Es war die Illustration aus dem Buch, die sich vor dem Jungen in Fleisch und Blut materialisierte. Das gleiche Lächeln, das sowohl einlädt wie auch warnt: Dies ist eine Falle, wie ein Tiger in der letzten Sekunde vor seinem Sprung. Er stellte den Jungen auf die Füße und strubbelte ihm durch das wirre Haar. Er lief zur Treppe und dann ohne Pause alle Stockwerke hinauf bis ganz nach oben. Zuerst wollte er sich zuhause verstecken, aber überlegte es sich dann anders. Oben angekommen war er aus der Puste. Sein Körper fing beinahe Feuer. Kurz darauf erschien der Faun in seiner Wohnung und begann sich auszuziehen. Er würde gleich duschen. Davi konnte noch diese heißen

Hände auf seinem Körper fühlen. Er berührte sein Haar, das sie berührt hatten, berührte seine Taille und fuhr fort sich zu berühren, während er sich jedes Detail ins Gedächtnis zurück rief, mit dem Blick starr auf diesen nackten Mann gerichtet. Die Zeitbombe in seinem Körper tickte immer schneller und schneller, bis sie im Orgasmus explodierte. Es war sein erster. Sein ganzer Körper spannte sich an, wie unter elektrischen Schlägen, fast ein Krampf. Davi staunte über diese neue Art von Freude. Ein nie zuvor empfundener Genuss. Er fühlte sich, als wäre er schon in die zu großen Kleider hineingewachsen. Sein Körper stellte sich als größer heraus als er tatsächlich war. Er war größer. Er sah weiter dem Faun beim Duschen zu. Er kauerte bei dem Loch am obersten Ende der Treppe. In diesem Moment wurde er entdeckt. Der Faun hatte ihn durch das kleine Fenster im Badezimmer gesehen. Erneut trafen sich ihre Blicke. Der Faun lächelte. War das eine Einladung? Er kannte ja schon die Fallen, aber dennoch wich er erschrocken zurück. Er hätte nicht sagen können, warum, aber er war sich sicher, dass dieser Mann ihn nicht bei der Mutter anschwärzen würde. Jeder andere Nachbar hätte sich wegen der Schnüffelei beschwert, aber er nicht. Das machte Davi am meisten Angst. Er würde beim Schauen nicht mehr unsichtbar bleiben, sein Ausguck war nicht mehr sicher. Er war entblößt worden. Er konnte nicht mehr verbergen, dass er schaute, dass er es liebte zu schauen und geradezu schauen musste. Und wenn er schon schaute, dann wollte er auch mehr, wollte selbst berühren, umarmen, sich hinter geschlossenen Fenstern im dunklen Zimmer verstecken, ganz geheim. Aber wäre er denn dazu in der Lage? Das war noch immer eine allzu weite Kleidung, von der er gar nicht wusste, wie sie zu tragen war. Und wenn dies Lächeln gar nicht ihm galt, sondern die Vorstufe eines spöttischen Lachens war? Schon verfolgte ihn die Vorstellung, dass der Faun und Absoluta Taylor dort im verschlossenen Zimmer über ihn lachen, dass sie ihn lächerlich finden könnten in seiner viel zu weiten Kleidung und dem im Staub schleifenden Umhang, nicht fähig zu fliegen, und einem Zylinder, der ihm über die Nase rutschte. Er wollte nun nur noch weglaufen und sich verstecken. Wenn sein Rückzugsort entdeckt worden war, dann blieb ihm ja immerhin noch seine Wohnung. Er rannte die Treppe hinunter, ohne auch nur einen Blick auf die Fenster da draußen zu werfen. Er wusste, sie würden morgen immer noch dort sein, er würde zurück kommen können, nachdem er sich vom Schreck erholt hätte. Aber dann kam doch alles ganz anders.

In den folgenden Tagen durfte er die Wohnung nicht verlassen. Morena, die Katze der Nachbarin, war tot aufgefunden worden, und die Nachbarin beschuldigte Davi, er habe das Tier gequält. Die Eltern verboten ihm eine Woche lang die Wohnung zu verlassen. Er konnte nicht entkommen. Es war, als habe das Schicksal beschlossen, dieser Kindheit ein Ende zu machen. Die Rangeleien, das Geschrei, sie würden nur noch eine Erinnerung sein. Als er nach den Tagen der Haft zum letzten Mal das Ende der Treppe dort oben aufsuchte, fand er kein offenstehendes Fenster mehr, weder das des Fauns noch das von Absoluta Taylor. Er wäre gern in die Tiefe gesprungen, hätte so gern zufliegen vermocht, aber er konnte es nicht. Als er seine Füße aus dem Loch in der Wand zurück zog, wusste er, dass er all diese Figuren nie wiedersehen würde. Seine Geschichte würde

von diesem Augenblick an eine andere sei. Ein anderes Leben, weit weg von hier, ohne eine Wohnung, aus der er fliehen könnte, ohne den Treppenabsatz als Rückzugsort. Alles, Innen und Außen, würde eins sein. Er stieg langsam die Treppenstufen hinunter, den blauen Umhang hinter sich über den schmutzigen Boden schleifend. Es tat ihm leid, dass er den Faun nie wiedersehen und nie wieder so starkes Verlangen spüren würde. Sein Verlangen würde anders sein. Von der gleichen Stärke? Einfach anders. Für immer würde Davi sich an jedes Gefühl erinnern, an die einzige Berührung, das Lächeln, die Stimme.

–Hast du dir weh getan?

So viele Male wünschte er sich auf diese Frage antworten zu dürfen. Eines Tages, lange Zeit später, dachte er, dass niemand es in diesem Leben vermeiden kann, sich zu weh zu tun. Nach all dieser Zeit tat es ihm immer noch leid, dass er den Zauber-Zylinder nicht bekommen und nicht verstanden hatte, wer Absoluta Taylor eigentlich war. Im Lauf der Jahre wurde deren Salon in seiner Erinnerung immer bunter, voller fantastischer Kostüme. Eines Tages hörte er wieder von ihr, aber nur in der Erinnerung anderer Personen und viel zu spät für ein Wiedersehen. Er empfand Mitleid mit Dona Heloísa und ihrer Katze Morena und all den Nachbarn, die er nie mehr sehen würde. Sein Umhang schleppte sich über die Stufen dieses Gebäudes, als weigerte er sich eine geliebte Person zu verlassen. Auch Davi widersetzte sich dem Auszug, trotz all der Dinge, die hier geschehen waren. Nicht einmal zur Beerdigung des Vaters wollte er gehen, aber nun, da die Soldaten seine Mutter abgeführt hatten, konnte er nicht länger bleiben. Er ging schicksalsergeben zum Ausgang, wo ihn seine Tante erwartete.

–Ah! Da bist du ja, mein Lieber.

Sie strich ihm über den Kopf. Sie war seiner Mutter so ähnlich.

–Schöner Umhang. Los jetzt, dein Onkel erwartet dich schon. Wenigstens kommst du jetzt raus aus dieser schrecklichen Umgebung!

Schreckliche Umgebung. Es war das erste Mal, dass Davi das Gebäude als schreckliche Umgebung wahrnahm. Bisher wäre ihm das nie in den Sinn gekommen. Es war doch seine ganze Welt gewesen. Alles in allem und trotz seiner Eltern hatte er sich doch gar nicht so unglücklich gefühlt. Jedes Kind hat ja immer seine eigene, geheime Welt, die es vor der realen Welt schützt. Seine geheime Welt war bewohnt von Faunen, Nymphen, Magiern und Helden. Er warf einen letzten Blick zurück. Sie stiegen die Stufen zum Eingang hinunter und traten auf die Straße. Einige der Bewohner schauten aus ihren angelehnten Fenstern. Das Fenster in seiner Wohnung war geschlossen. An diesem Tag waren die Fenster geschlossen. Auf dem Bürgersteig wirbelte ein kalter Windstoß den Staub auf und Davi schloss die Augen. Der Umhang flatterte auf und für einen Moment fühlte er sich, als flöge er. Am liebsten hätte er die Augen nie wieder geöffnet und wäre so weitergeflogen, dazu reichte es ja glückliche Gedanken zu haben: In seiner Erinnerung erschien eine Hand und hob ihn in die Höhe. Hast du dir weh getan? Davi hatte den Eindruck, nichts in der Welt könnte ihm mehr weh tun.

ROSA LUXEMBURG

(„Poemas da Rosa“)

Man betet im fernen Zuhause:
„Komm bald zurück, und gesund!“
(Maschen die das Schicksal strickt).

Im Jahr Neunzehnhundertundneunzehn.
Auf die Blüten zielt das Gewehr,
verwüstet die Blumenkrone aus Träumen
– am 15. Januar: Stille.

Worte?

Die ärgste Unterdrückung ist Stille.
Nichts an dir ist noch Wort
im blutroten Landwehrkanal.

Im verlassen liegenden Kanal
Von keinem Hauch erwärmt
von Kugeln durchbohrt
– viele von allen Seiten –
Ruhst du in Todesstarre.

Rot, diese Rosa?
Rose aus Traum und Stahl –
auf der Suche nach dem menschlichen Antlitz.
Jedes Jahr stirbt sie erneut in der geliebten Stadt,
Berlin, im Terror ihrer Krallen:
die Verleumdung hat ihre eigene Geschichte.

Feindin der Oktoberrevolution?
Eines Lenin, bezeichnet als asiatischer Barbar?

Sie träumte von einer Welt,
in der die Menschen
auf den Straßen singen könnten,
frei von Erniedrigung, Hunger und Furcht.

Man betet im fernen Zuhause:
„Komm bald zurück, und gesund!“
(Denn das Schicksal macht keine Pause).
Ruht tot und verwest
der Mutter liebstes Kind.

Die Vorspiegelung eines Makels,
seiner tiefen Wurzeln
berühren nicht mehr diese Frau
in ihrem ungebändigten Denken
in der Rosa der Ruhe,
Schwester der Sterne, blind,
für immer erblindet,
für immer uns're
Rosa der Hoffnung.

VIER KARDINALSONETTE

(„Quatro Sonetos Cardinais“, in *Delírio do Ver*)

1.

Rose und Gold sind gemischt in deinem Geschlecht,
so froh, die Erwartung, verwirrt in der Suche
nach der zylindrischen Blume, die deine Scham ziert.
Wann wirst du – Pfeil – mich ins Herz treffen?

Ich fange deinen Saft im so verflochtenen Körper
zu deinem Entzücken, das mir den Atem raubt,
während der Glanz deiner sadistischen Augen,
wenn er mich trifft, mich erschrocken einatmen lässt.

Beim Versuch dir vom Beben des Hauses zu sprechen,
aber du verstehst nur vom Heulen des Wolfes
in meinem Bau und nahe daran vor Wonne zu stöhnen.

Wenn dein feuriger Dolch mich niedermetzelt,
wenn am wenigsten erwartet du von Sinnen mich wendest.
Meine Wonne erreicht dich. Liebst du?

VOGEL IM DUNKEL

("Coita de Amor")

Vorbei zogen Scharen
vor halb geschlossenen Lidern
und ein Dolch fuhr herab,
ein Stern war durchdrungen.

Es entfalteten sich Reihen
zahlloser Herden,
die weideten
allersüßeste Geheimnisse.

Es hatte ein Gatter gegeben
und ein Liedchen darin
und der Bach murmelte
von dringenden Nebensachen.

Es gab Mast und Segel,
Meere ohnegleichen zu durcheilen,
und der Anker fiel
in den jetzt stummen Sand.

Es verbreiteten sich Töne
und zerrissen die alte Stunde,
ein kalter Dolch durchtrennte
den Puls des Sonntags.

Es fiel ein trüber Stein
in die Reinheit des Sees
und das traurige Auge des Vogels
zapfte Lymphe einer traurigen Botschaft.

Die Blicke hefteten sich,
geschärft durch die Wache,
auf den Panzer der Finsternis
und jenen schwebenden Vogel.

DIE GESCHÄNDETE ROSE

(“Poemas da Rosa”)

Mein Schmerz wohnt nicht in meinem Haus,
sondern im beißenden Gewühl
fliehender Zeit, wenn die Stunden brennen
und der Geist dieses Augenblicks leidet.

Auf den breiten Straßen dieser Stadt
überfahren Autos krumme Linien –
alterslose Ritter auf Motorrädern
sprachen mich an vor meiner Tür.

Einer nahm mir die Uhr, ein anderer den Ring,
mein goldenes Kettchen zerriss
und der vierte Bandit lächelte mir zu,

als er meinen Blick in seinem spürte.
Zog aus dem Gürtel die errötete Waffe,
küsste sie und gab mir die Rose und mein Leben.

VOM UNGLÜCK VERFOLGT

(“Poemas da Luz Inesperada”)

Je suis le Ténébreux, — le Veuf, — l’Inconsolée,
Le Prince d’Aquitaine à la Tour abolie:
Ma seule Étoile est morte — et mon luth constellée
Porte le Soleil noir de la Melancholie.

.....
Et j’ai deux fois vainquer traversé l’Achéron:
Modulant tour a tour sur la lyre d’Orphée
Les soupirs de la Sainte et les cris de la Fee.

Gérard de Nerval. “El Desdichado”. 1875

Das Leben pulsiert in jedem Ton, ich höre
Schmerz und Trauer in deiner Brust klopfen,
lila Laute. Das Horn erschallt,
während der freie Vers dich verletzt.

Verborgener Witwer schlage deine Saite
an der Mündung dieses Verses, das hohle Haus,
traurige Töne der Mandoline, törichte Kenntnis,
Dichter der Stillen, die nie schlafen.

Aber du bist der vom Unglück Verfolgte, bist der Bastard.
Ritter der Zeit im lebendigen Raum,
dringst du ein, mit wütendem Schrei auf den Lippen,

in was du Enterbter nicht hergeben willst,
selbst wenn Stürme dein Leben peitschen
und der Schrei deiner Verletzung reinige und wasche

deine außerordentliche Sängerstimme.
Wenn du dorthin kämst! Aber du wirst es nie erreichen,
Jubelfest im Antlitz des Ungewitters.

Dann gleitet dein Leib die schmale Rampe hinab.

1604

Der Nachname war die bloße Wiederholung einer Silbe des Vornamens, erweitert durch die Verkleinerungsform. So gesehen wurde alles appetitlicher: Dieser säuerliche Geruch in der Halsbeuge nach einem Arbeitstag, der so leicht aggressiv werdende Ton der Stimme, der Unwille früh aufzustehen. Aber es gab einen Nachnamen, der Silben wiederholte und in der Verkleinerungsform endete, folglich musste es doch noch eine Hoffnung geben, auch wenn sich diese in der Vergangenheit verloren hatte, in Tagen zärtlicher Zuwendung, die schon weit zurück lagen. Wenn es diese Tage doch gegeben hatte, weshalb konnten sie dann nicht wiederkehren?

Schon das erste Haus hätte ein ziemlich verlässlicher Hinweis sein müssen. An der Eingangstür glänzte ein Plastikschild mit einem frommen Bibelspruch. Das war sicherlich ein Relikt aus vergangenen Zeiten, als es von einem früheren Mieter angebracht worden war. Gottesfürchtig, wie der jetzige Mieter war, also keineswegs ungläubig, aber dann auch wieder nicht sehr fest im Glauben, wagte er es nicht das Schild zu entfernen. Bei genauerem Überlegen fand er es auch gar nicht so schlecht. Auf diese Art konnte er sich irgendwie beschützt fühlen, ohne den Gebeten einige Minuten seiner Nachtruhe opfern zu müssen. Dieses Schild war insofern sehr praktisch.

Im Haus gab es drei Fenster zur häßlichen Strasse, ein Sofa und einen Fernseher. In den Ecken stapelten sich mit Hausrat gefüllte Kartons. Vom Sofa aus war eine Küchenmaschine zu sehen, mit der man Kuchen hätte backen können, sowie Aluminiumtöpfe, die nicht zum Kochen benutzt wurden, sondern den Kakerlaken als Spielplatz dienten. Und dann gab es noch die Ratten.

Die Ratten hielten sich tagsüber immer gut versteckt und flohen vor jeder übertriebenen Bewegung menschlicher Wesen. Als heimliche Mitbewohner vermieden sie es Geräusche zu machen oder Spuren zu hinterlassen, es sei denn, es herrschte vor dem laufenden Fernseher totale Stille, sodass sich die Tierchen hervor wagen konnten. Ihr bevorzugter Ort war hinter dem Sofa, wo ihnen ein zerschlissenes Tuch als Versteck diente. In diesen Stunden huschten sie stets schnell umher: Am liebsten erschienen sie nachts, wenn im Haus alles ruhte, dann ranten sie kreuz und quer durch das Wohnzimmer, in dem es außer Sofa, Tisch und Fernseher keine Möbel gab.

Wenn man sie auch tagsüber zu sehen wünschte, mussten sie vom Verlassen ihres Baus überzeugt werden. Ein Tablett voll Käse auf dem Tisch war ihnen mehr als Grund genug aufzutauchen. Aber selbst in diesem Fall waren sie sehr diskret und schnell bei ihrer Arbeit. Man konnte ihre Anwesenheit erst bemerken,

wenn sie schon nicht mehr da waren. Die Plastikfolie über dem Tablett war dann verschwunden und die Löcher im Käse zeigten, wer der wahre Herr im Hause war.

Das also war der beste Hinweis: Seine Mitbewohner waren Ratten. Tiere, die durch Abwasserkanäle krochen, im Abfall wühlten, sich nur vor Morgengrauen zeigten und die hier, in diesem Haus, perfekt an den häuslichen Lebensrhythmus angepasst waren. Die Ratten waren zu Haustieren geworden.

Der zweite Beweis, dass ein aus wiederholten Silben und Deminutiv gebildeter Nachname für eine Charakterisierung des Trägers nicht wirklich taugte, war das zweite Haus. Alle Tage begannen aufgeschreckt vom lauten Klingeln des Telefons. Immer handelte es sich um Probleme, um Angelegenheiten, die nach Gesprächsende mindestens dreieinhalb Minuten verärgertes Gemurmel provozierten oder in die stumme Aufforderung mündeten sich gefälligst mit diesem Scheißleben abzufinden.

Der nächste Schritt war dann, richtig aufzuwachen und in die Küche hinüber zu gehen, wo ihn schon eine oder zwei Kakerlaken mittlerer Größe (keine Flugkakerlaken) erwarteten, und zwar in dem unter der Spüle verwahrten Topf mit dem vor einer Woche gekochten Essen. Der kleine Eimer auf dem Spültisch quoll von Eierschalen, Zwiebelresten und Manjokmehl über. Vor allem von Manjokmehl, denn das war die Hauptnahrung in diesem Haus. Dort gab es noch weitere Lebewesen: Lästige Fliegen, die vom Fäulnisgeruch angelockt den Mülleimer umschwirrten, neben kleinen Würmern, die frühmorgens in der Spüle herumkrochen.

Das Zusammenleben mit den Kakerlaken, Fliegen und Würmern war nicht so freundschaftlich. Das lag vor allem an ihrem Mangel an Respekt, denn es waren sehr autoritäre Geschöpfe, die ihre Anwesenheit auch am helllichten Tag durchzusetzen wussten. Der zweite Grund waren die Besucher, die beim Frühstück an der Anwesenheit der Viecher Anstoss nahmen. Er versuchte sich zu rechtfertigen, die Schuld auf seine Mitbewohner zu schieben. Das aber funktionierte nur ganz selten. Niemand konnte nachvollziehen, wie es möglich war, sich zur Symbiose mit solchen Wesen zu entscheiden, obwohl man nicht auf der Straße, unter einer Brücke oder einem Vordach lebte.

In Wahrheit war alles möglich. Wenn er nicht dazu geboren worden wäre, aufrecht und auf zwei Beinen zu laufen, dann wäre dieser Mann genau wie eine Ratte gewesen. Das war seine tägliche Übung: Sich durch das Leben drücken und rasch über die Wege huschen, damit es für ihn doch einen Platz in der Welt der bekannten Dinge gebe. Da war die Mietrechnung, die immer vergessen und deshalb nie pünktlich bezahlt wurde. Es gab die wieder und wieder verschobene Notwendigkeit Insektengift gegen die Kakerlaken zu kaufen. Aber da war auch seine Unfähigkeit sich der Erfüllung täglicher Pflichten zu unterwerfen, nämlich all die Dinge zu tun, die man sein Leben lang täglich erledigt, gleichsam ohne es zu bemerken.

Der Mann war also eine Ratte. Er zog es vor sich tagsüber durch das vedreckte Haus, die schmutzige Straße und die unsauberen Frauen zu schleichen, um dann pünktlich zu Beginn der ersten Novela daheim sein zu können. Wenn er nach

hause kam, war es immer dasselbe Ritual: Nach dem Öffnen der Tür ging er mit seinen schweren, verschmutzten Stiefeln quer durch's Haus. Er zog das Hemd aus, legte den Schlüsselbund auf das Regal, das Handy auf den Boden und legte sich auf das Sofa. In dieser Stellung rieb er die Füße so lange aneinander, bis die Stiefel herunter fielen. Strümpfe und Jeans behielt er an.

Von diesem Augenblick an schlief er für ungefähr vier Stunden, ohne seine Position zu verändern. Vorzugsweise blieb das Telefon stumm – es waren ja doch immer nur Probleme – und störte nicht diese Stunden der Träumerei, die er vor dem Fernseher verbrachte. Mit etwas Glück kamen nach den Novelas dann Actionfilme mit viel Gerenne und Schießerei, Gangsterjagd und Verrat. In diesem Haus zeigte sich der Mut der Kakerlaken sie selbst zu sein, auch am helllichten Tag, während er zur Ratte wurde, in der Erwartung einer großen Stille, in der er ungestört vor dem Fernseher leben könnte. Wie vermisste er doch sein erstes Haus! Unter dem Schutz Gottes nach Hause kommen und diese Stille im zweiten Stock. Das einzige Geräusch kam von den umherhuschenden Ratten. Niemals hätte er irgendwelche Mittel verwendet, Fallen oder vergifteten Käse. Er verstand diese Tierchen. Auch sie wollten abends fernsehen nach einem langen Tag der Nicht-Existenz.

NOCTILUCA

Martha liebte Feste. Das war ihre wichtigste Charaktereigenschaft. Dabei brauchte sie keine Ballons: Es ging nur darum sich zu erinnern, dass das Leben eine ganz besondere Sache sein konnte. Sie verbrachte ihre Zeit mit der Planung des Festes der kommenden Woche. Schon in der Stunde Null eines Festes musste über einen geeigneten Anlass für das nächste nachgedacht werden, das konnte irgendein Geburtstag oder jeder andere Gedenktag sein, vielleicht sogar der zehnte Todestag ihres Liebessängers.

Ihrer Meinung nach musste es vor allem ein Motto geben. Sie verkündete: Ohne Motto kann kein Fest gelingen. Im Fall von Bohneneintopf kann man eine Kneipe erfinden und alle müssten mit Hut erscheinen. Für Schokoladekugeln gibt es das Fest der 20er Jahre. Martha gehörte zu den Leuten, die über so etwas nachdachten, und wer so etwas nicht gern tut, der heuert jemand zum Nachdenken an.

Marthas richtige Arbeit war etwas anderes. Früh morgens nahm sie den Bus Nummer 3657. Sie musste früh dort sein, um zu erledigen, wofür gestern keine Zeit mehr gewesen war. Martha wusste: Es gibt immer was zu tun, das Leben gewährt keine Erholungspausen. Nur am Tag des Todes, und selbst dann erst, wenn man eine Leiche ist, denn selbst das Sterben kann Arbeit machen.

Sie suchte nach kleinen Höflichkeiten, um sich vom aufdringlichen Alltag abzulenken. Im Bus waren fast immer dieselben Leute. Dasselbe Lächeln des

Schaffners, dasselbe „stimmt so“, wenn es an Wechselgeld fehlte. Martha lächelte, um die Tage etwas zu verschönern, und die Rechnungen erträglicher zu machen, die sich ohne Feuerpause im Briefkasten häuften. Und die regelmäßige Überprüfung am Arbeitsplatz, der Termin beim Augenarzt, den es zu machen galt, die Entschuldigungs-E-mail, wenn sie nicht zum Fest der Freundin gegangen war. So viele Dinge, die zu erledigen waren. Vierundzwanzig Stunden, davon acht am Arbeitsplatz und zwei mittags beim Essen und dem Versuch in einer endlosen Schlange auf der Bank eine Rechnung zu bezahlen. Der Verkehrsstau bei der Fahrt zur Arbeit und zurück kostete sie fast zwei weitere Stunden. Schlafen weitere sechs (Martha brauchte nicht viel Schlaf). Aufwachen, duschen, Lippenstift auftragen und zur Haltestelle rennen – eine weitere Stunde.

Martha blieben fünf Stunden zum Leben. Am Ende des Monats hatte sie dann nahezu sechs Tage in Frieden gelebt – nicht gänzlich in Frieden natürlich weil der Chef auch außerhalb der Arbeitszeit anrief, um über den nächsten Tag zu sprechen. Sechs Tage in Frieden, wenn der Monat dreißig hatte. Hatte er einunddreißig, war das die reine Freude. Und dann gab es ja auch den Februar.

Aus diesem Grund also die Feste. Was auch immer, happy hour, Kino mit Freunden, Familientreffen, alles musste organisiert werden, um wunderbar werden zu können. Gut war nicht genug. Martha brauchte außergewöhnliche Ereignisse wie diese riesigen Meeresschildkröten, die beim Atmen die Grenze zwischen Wasser und Luft durchbrechen. Sie benötigte das erschreckende Erlebnis wieder zu spüren, dass sie atmete, lebendig war.

So lebendig wie an dem Tag, als Cesar auftauchte. Wie an dem Tag, an dem er nach der Liebe ihre Hand auf seine Brust gelegt legte. Sie beide lagen still da, mit schnell gehendem Atem, während ihre Hand seinem klopfenden Herzen lauschte. Es schlug sehr schnell. Cesar und sie waren in diesem Moment sehr lebendig.

Nur so verzichtete Martha auf das Planen von Festen. Denn gleich bei seinem Erscheinen brachte Cesar ein Buch mit, mit einer getrockneten Blume als Lesezeichen auf der Seite, auf der von Festen die Rede war. Noch wusste er gar nichts von ihrem Glauben an Feste als Daseinsform (oder wusste er davon, eines dieser Mysterien, die sich nicht so einfach erklären lassen?).

Das Radio im erstbesten auf dem Weg liegenden Stundenhotel (R\$ 46,90 für fünf Stunden) spielte alle möglichen Liebeslieder. Cesar und Martha kamen mit dem Bus. Am Haupteingang verlangte gelegentlich auch mal ein Drogenhändler nach einem Zimmer, weil das weniger auffällig war als der Verkauf auf offener Straße. Nachdem sie am Empfang voller Kunstobjekte den Schlüssel bekommen hatten, stiegen sie lachend die Treppe hinauf. Im Treppenhaus eine billige Venusstatue, deren weiße Bemalung Marmor vorzutäuschen versuchte. Und auf dem Gang, an dem die Zimmer lagen, ein französisches Filmplakat. Welcher Verrückte war wohl verantwortlich für diese Dekoration?

Hier war kein Motto zu erkennen. Keines jener Feuerwerke oder Aufmerksamkeiten, die Martha bei ihrem täglichen Kampf gegen die Routine

auszuprobieren pflegte: Eine Vase mit frischen Blumen, ein kleines, steinernes Lamm auf dem Schreibtisch. Nichts. Eine x-beliebige Musik, der Dealer, der im Nebenzimmer Drogen verkaufte, das Risiko einer Polizeirazzia, die billigen Skulpturen, der Stau, den man aus dem Fenster sehen konnte, das Zimmer ohne Steckdose, um das Handy aufzuladen (es gab nur die eine für die Minibar).

Und Cesar. Er knöpfte sein Hemd auf, hängte seine Kleidung auf einen Haken, legte sich nur in Unterhose auf's Bett und sagte in der immer gleichen Manier, dass Martha so schön sei. Sein Kuss schmeckte wie immer nach diesem Zimtkaugummi, den er liebte (sie mochte Zimt eigentlich nicht, aber so doch) und anfangs war sein Rhythmus langsam, dann ziemlich schnell. Als beide außer Atem waren, riss sich Martha die restliche Wäsche vom Leib und warf sich auf ihn. Alles immer auf die gleiche Weise. Seine Augen geschlossen, während seine Hände über ihren Körper wanderten.

Später lief dann keine Musik mehr, keinen Dealer, der nebenan Kokain für 60 Reais zu teuer verkaufte, keine Hupen vor dem Fenster, auch nicht die stets lächelnde Empfangsdame. Wer brauchte schon so dringend eine Steckdose im Stundenhotel? Das eigentliche Fest, das beginnt in einem Körper und endet in einem anderen. Einfach, so einfach ohne Einladungskarte und Feuerwerk, um es anzukündigen.

VON STRASSEN UND HINTERHÖFEN

Es wird von allen uns bekannten Aufzeichnungen bestätigt, dass der Hinterhof als allererster Übungsplatz für die Liebe zur Straße dient. Denn dort machen die Kinder von ihrem unveräußerlichen Recht Gebrauch ungehindert herumzurennen, ein Recht, das in dem Maße in Vergessenheit gerät, in dem wir die Kerzen auf dem Kuchen auspusten.

Hinterhöfe haben etwas von unendlicher Größe an sich, vor allem für denjenigen, der selbst klein ist. Sie haben eine enorme Ausdehnung und tragen ganze Universen in sich: sie sind ein von Mauern und Toren eingegrenztes Abbild dieser Welt – genau so wie früher Lehensgüter und Städte. Der Hinterhof ist der denkbar beste Geschichtslehrer.

Im Hinterhof des Hauses meiner Großmutter mütterlicherseits begann ich die Straße zu lieben. Von ihrem Haus erinnere ich wenig, vom Hinterhof alles. Er war eine Unendlichkeit von Möglichkeiten, bewohnt von dem Hund Maradona, dessen Name wirklich vom argentinischen Fußballhelden inspiriert war. Er war eine Promenadenmischung mit grünen Augen und einem goldigen Fell, der dort glücklich herumsprang.

Wenn es auf dem Hof regnete, regnete es auch auf mich. Es war gut, dies zu wissen. (Wenn ich auch zu jener Zeit nicht so dachte). Dort gab es Reste des

Alltagslebens, die im Inneren des Hauses keinen Platz gefunden hatten. Ein altes Nummernschild. Einige Bücher. Die Briefe der Freundin meines Onkels und ihre Tagebücher wurden dort verwahrt. Die beiden konnten sich nur im Verborgenen lieben, denn ihre Familie erlaubte es nicht. Niemals werde ich vergessen, dass die ersten Liebesgedichte, die ich in meinem Leben las, vielleicht von ihr waren. Auf diesen Seiten sprach sie, eine Heranwachsende, von ihrem Drang den Namen meines Onkels laut hinauszuschreien, damit alle Welt um ihre Gefühle wisse. Das habe ich nie vergessen.

In diesem Hof entstand auch das Foto, das mir mein Lebtag immer das liebste sein wird: Ich, ein Jahr alt, wie ich lache und vor dem Fotoapparat weglaufe, in Windeln und Turnschuhen. Eine Freude, wie sie nur die Freiheit spenden kann.

Aus diesem Grund war mir der Hinterhof der Übungsplatz, auf dem ich die Liebe zur Straße lernte. Mögen mir die Verfechter der Wohnungen verzeihen, mit den Nachbarn, die man nie zu sehen bekommt oder die einen verlegen machen, wenn man ihnen im Aufzug begegnet. Auch die Eigentümersammlung mit ihren Sorgen um die Gasleitung und die Müllabfuhr pünktlich um vier möge mir verzeihen.

Ich selbst habe ja immer in Wohnungen gelebt, aber es war mir eine Freude die Sonntage spielend im Hof hinter Großmutter's Haus zu verbringen. Dort draußen und nicht in der dumpfen Wärme im Haus habe ich entdeckt, dass das Leben schön ist, und mit ein bisschen Zerstreuung ist es noch viel schöner. Wir schützen uns noch immer zuviel, ein Schirm für den Regen und Creme für die Sonne.

So wie im Hof kann auch auf der Straße alles geschehen und der Reiz liegt darin, dass die Erzählung keiner geraden Linie folgt. Die Geschichten anderer kreuzen die unseren, die wir nach Gutdünken erfinden können. Auf eine weiße Mauer kann man die Worte sprühen: „Ich kriege dich, Joyce!“, wie ich kürzlich gesehen habe. Oder das genaue Gegenteil: Auf den Boden der Fakultät für Jura wird eine Liebeserklärung geschrieben. Auf der Straße oder im Hof ist alles möglich, Farben, die das Auge noch nie gesehen hat, der Wunsch, noch länger zu bleiben.

KATASTROPHE

Als Joel sich davonmachte, wusch sich das Mädchen drei Tage lang nicht. Da sie Urlaub hatte und allein lebte, stellte ihr niemand Fragen, niemand rümpfte in ihrer Nähe die Nase, niemand beschwerte sich. Das Mädchen stank. Sie hatte keinen Namen, denn sie konnte ein beliebiges Mädchen sein, eins von denen, die auf der Straße aus Angst vor Dieben ihre Tasche an sich drücken.

Joel verdrückte sich kurz nach Weihnachten, in der Zeit, wenn all jene, die es nicht mehr aushalten, ihre Rechnung verlangen: Da ist soviel Grün und Rot und soviel Oh-du-fröhliche, dass niemand nach Weihnachten noch aushalten könnte, was er nicht ausdrücklich will.

Nochmal das Mädchen. Die Zehennägel wuchsen, die Beinhaare, die Augenbrauen. Sie hörte auf sich zu kämmen. Nach drei Tagen ohne Dusche war sie eine andere geworden. Ihre Kleidung hatte Flecken in der Farbe der Speisen, die sie nur zu sich nahm, um am Leben zu bleiben: Etwas Rot von der Tomatensoße über den Nudeln, das Braun der Sojasoße im Salat. Sie schmeckte noch Dinge, atmete noch, trank Wasser, pinkelte, kackte und schlief. Das Mädchen lebte noch, aber wie in Abwesenheit ihrer selbst.

Nach fünf Tagen war sie schon wie ein Tier, und das entsprach genau ihren innigsten Wünschen, nachdem Joel sie verlassen hatte. Wenn man sie fragte, was sie mit all dem beabsichtigte, würde sie vielleicht antworten:

- Zum Tier werden.

In der Tat könnte man im Vergessen, einmal ein Mensch gewesen zu sein, eine wunderbare Lösung für diverse existenzielle Fragen finden. Aber das Mädchen wollte mehr: Sie träumte von einem Leben als Mogli, dem Wolfsjungen aus dem Zeichentrickfilm. Wäre sie im Wald aufgewachsen, könnte sie ihr Ziel sich in ein Tier zu verwandeln mit weniger Aufwand erreichen. Dazu war es nötig die Nagelhaut ohne den Drang wachsen zu sehen sofort zur Maniküre zu rennen, und den Ekel zu ignorieren, der sie gelegentlich bei Tisch wegen ihres Eigengeruchs überkam.

Sie wurde unwirtlich. Das Schamhaar, bislang nach der Mode der Zeit gestutzt, wuchs nun unkontrolliert. Die Beine waren behaart. Ihre französischen Parfums schüttete sie eines nach dem anderen in den Abfluss im Badezimmer. Die teure Unterwäsche, einst für spezielle Gelegenheiten reserviert, kam in einem Einkaufsbeutel zusammen mit dem Abfall aus dem Badezimmer auf den Flur des Wohnhauses.

Sie war ihrem Ziel schon ganz nah, als das Telefon klingelte. Es war nicht Joel. Sie hatte auch gar nicht erwartet, dass es Joel wäre. Sie wollte ja eigentlich nicht, dass irgendjemand sich an sie erinnerte. Aber jetzt, eine Woche nach ihrem Verschwinden aus der Welt, nahm sie den Hörer ab.

- Antonia?

- Ja.

- Ich bin's, Joel.

- Ich weiß.

- Ich rufe an hier vom Empfang und komme rauf.

Joel kam herein, wie immer: An der Wohnungstür zog er die Schuhe aus und setzte sich auf das Sofa. Er blickte in der für ihn typischen Art umher (er bemerkte jede Kleinigkeit), aber zu Antonia sagte er gar nichts. Sie blieb einfach stehen in Erwartung dessen, was Joel zu sagen hatte. Und Neujahr, und die Freunde, und der Strand, zu dem sie an Neujahr wollten?

- Das Jahr ist über mich hinweggerollt, Joel.

- Kannst du dich wirklich nicht von dem Aberglauben deiner Mutter frei machen?

- Ein Jahr war zu Ende und ein anderes fing an, während ich schlief.

- Antonia, ich bin nicht hier, um über Silvester zu reden. Was ist mit uns?

- ...
- Was ist mit dir passiert?
- Du

Drei Uhr morgens. Antonia schlief, schnarchte sogar. Auf dem Boden verstreute Kleider: die Shorts und die Bluse mit dem Inneren nach aussen gekehrt, das Höschen. Das nasse Handtuch über den Sessel geworfen. Und der Anis-Geruch der Seife.

Das Fenster stand offen, der Wind spielte mit dem Vorhang im sechzehnten Stock. Und Antonia schlief unerschütterlich.

Dem war eine Dusche vorhergegangen, aber es schien so, als wasche Antonia die ganze Welt. Als sie die Dusche abstellte, war sie wie neugeboren. In ihr Badetuch gewickelt suchte sie nach einer Schere, um ihre Fußnägel zu schneiden. Dazu setzte sie sich auf ihr Bett. Sofort danach ging sie wieder unter die Dusche, trug Schaum auf, bevor sie sich die Beine rasierte. Einen kleinen Schnitt fand sie sogar gut, strich mit dem Finger darüber und leckte das Blut ab.

Rot. Zu diesem Zeitpunkt roch Antonia schon nach Anis. Da hatte sie auch schon wieder einen Namen. Aber das Telefon würde nicht mehr läuten: Die Schnur war nicht mehr mit der Wand verbunden, nicht mehr dieses Mysterium Telefon, nicht zu wissen, wer am anderen Ende war, während diese Nummer in den Adressbüchern so vieler Leute steht, auch der Leute vom Telemarketing, die Lebensversicherungen, Kreditkarten, private Altersvorsorge allen möglichen Unsinn anbieten.

Die andere Belästigung würde nicht weiter als bis zum Pförtner gelangen. Dieser Teil kostete sie etwas mehr Mühe als nur die Schnur aus der Wand zu reißen. Dazu war notwendig:

1. In die Küche zu gehen
2. Den Hörer der Gegensprechanlage in die Hand zu nehmen
3. Zu warten, bis der Pförtner abnahm
4. Zu Sprechen

Und dem Nachtportier sagen:

- Hör zu, diesen jungen Mann, Joel, den lässt du hier nicht mehr rauf.

UNGESCHRIEBENE ZIVILISATIONEN

ich schreibe

denn im Jahr 476 n.Chr.

wurde Konstantinopel von ottomanischen Türken erobert

was dem Römischen Reich ein Ende bereitete

und weil die Schwarze Pest die Europäer fast von der Erdoberfläche tilgte

und weil der Mississippi derselbe Fluss ist, der an meinen Geburtsort fließt

und weil Ägypten ein Geschenk des Nils ist

ich schreibe

weil es Abraham Lincoln und Tupac Amaru

gegeben hat, wofür ich klare Beweise besitze

und weil Bartolomeu Dias das Kapp der Guten Hoffnung umschiffte

um Portugal glücklich zu machen

und weil Vasco da Gama einen Brief König Manuels von Portugal

dem Samutiri von Kalkutta überreichte, der alles erklärte

und vor allem weil im Jahre 1492 Amerika

entdeckt wurde

weil der Mensch die Schrift und das lateinische Alphabet erfunden hat

ich schreibe

weil Dylan Thomas seine Psalme für die Menschheit sang

auf die gleiche Art, in der König Salomon

die seinen für Gott sang

weil es bei meiner Geburt

keines wichtigen Ereignisses zu gedenken galt

mit Ausnahme des Vortags, als die Bastille fiel

und weil der Tschad das tote Herz Afrikas ist

und weil Gott Einstein erfand

damit Einstein Gott erfinden könne

ich schreibe

weil die Araber ein arrogantes

und erbärmliches Europa kolonisierten
heidnisch wie die Flammen der Heiligen Inquisition
und weil der Heilige Augustin tugendhaft war
und weil Moritz von Nassau Franz Post nach Neu-Holland brachte
und weil Nicolas Poussin 1630 ein Gemälde malte
mit dem Titel Pest in Ashdod
und weil viele tausend Sklaven gebracht wurden
in Ketten aus Afrika an Bord der Sklavenschiffe
und weil Castro Alves Vozes D'África schrieb in portugiesischer Sprache

ich schreibe
weil heute Montag ist
und ich sie morgen wiedersehe
und ihr Lächeln sehen werde, schöner als eine Frühlingswiese
und deshalb ist sie immer bei mir, mit dem grünen Himmel
in ihren Augen, und weil ich entdeckt habe, dass ein Teil von ihr
wahr ist, während ich den anderen
für mich selbst erfand
und weil ich Bolivien und Venezuela besuchen möchte
und weil die Indios auf dem amerikanischen Kontinent vom Aussterben
[bedroht sind

ich schreibe
als Rache für den Vertrag von Tordesilhas für die Bande der 400 Verbannten
und als Antwort auf die Carta do Descobrimento¹
auf die Tagebücher von Hernan Cortéz, Francisco Pizarro und Cabeza de
[Vaca und weil Cristoph Kolumbus bis hierher gekommen ist
und weil Adam und Eva aus dem Garten Eden vertrieben wurden – so wie
[auch ich

ich schreibe
denn ein Ende der Worte ist das Ende der Welt

¹berühmter Brief Pero Vaz da Cunhas an König Manuel I von Portugal mit der Mitteilung der Entdeckung Brasiliens

ELTERNHAUS

Im Elternhaus führt jede Tür in ein Labyrinth (es sind einundzwanzig)

und alle öffnen sich mir und den bitteren Erinnerungen an Kämpfe, bei denen ich stumm blieb – Tragödien Verluste Morgenstunden Träume Aromen Feigen Kajufrüchte

obwohl aus Lehmziegeln errichtet – wie die Häuser Neu-Mexikos – ist dieses Haus doch übernatürlich: hier gibt es den langen Flur

der zum Mysterium führt, in dem die Erinnerungen an die Kriegszeit ruhen, deshalb ist das Haus eine Festung, freilich unnütz für die Verteidigung gegen sie selbst und gegen ihre im Keller verwahrte Metaphysik - tief und hart wie die Materie der nächtlichen Zeit gemacht aus Wind Skorpionen und fremdSprachen und dort wohnen Geister in den Räumen in denen man einst die Sklaven hielt

alles bewegt sich, ohne sich zu bewegen

alles ist unsichtbar und eisern wie der Stahl eines Schwertes und immer bin ich dort wo ich niemals gewesen und diese weiße Mauer die den Hof bis zur Wolkenhöhe umschließt da gibt's kein Entkommen aber die alte Palme fordert die Brise heraus und die Singdrosseln des Denkers Gonçalves Dias in ihren Nestern und dieser alte Garten mit Legenden und Lavendel und Jasmin

– wo Teile von mir ruhen

während andere für tot gehaltene als Gespenster auferstehen wie Lazarus beim Verlassen der Gruft

so geht es weiter: ich in dem haus und das haus in mir ich bin mir sicher hier niemals mehr lebend heraus zu kommen

KAKI

jetzt da ich die sonne auf meiner haut kenne
muss ich in den schatten des großen baumes zurück
um der früchte des gartens willen
um der birnen willen
um der gelben quitten und roten kakis willen
um der gelben und roten kajufrüchte und um des weins in den roten
[pitangas willen

und um der an den blättern nagenden ameisen willen
um der sicherheit der nester willen die der nebel umstreift

vorher waren es die in den bächen der nacht ertrunkenen monde
und die über den wiesen kreisenden eulen
in der vorstellung von bäumen tieren namen träumen
vorher war es die laute deren saiten ich schlug
wie der wind jetzt in den büschen des gebirges spielt
am ende eines sonnigen dezembertags

jetzt da ich mich kenne ist es zeit mich zu vergessen

GLOSSAR

gegen den staub aus dem ich erschaffen, helfen wirklich nur worte
nur sie allein pflügen mich mit ihren nicht vorhandenen pflugscharen
und ziehen furchen in das fleisch das ich bewohne und aus dem
ich gemacht bin und bereiten mich vor auf was ich nicht weiß
für das große rätsel der ernte
nur worte blasen in meine nüstern und lassen mich entstehen
allein sie geben mir münder und stimmen und nähren mich
mit ihrer seltsamen substanz
und machen mich zum menschen (allein die worte machen den menschen
[möglich])

bringen die wüste hervor und die oase bringen linien und unfälle hervor
lassen meine nägel und haare sprießen
meine füße mit denen ich auf die erde trete
fährten formend und verwirrte spuren
ich trinke die worte wie die erde den regen
den fluss das urin die wolken und den leichten nebel
ich esse die worte so als wären sie frisch im garten geerntete früchte
an einem intensiven morgen im januar oder märz
ich verspeise sie als hätten sie farbe und geometrische form
alle frischen früchte vom morgen eines sonnigen gartens
sind lose worte
wie auf der leine im wind trocknende wäsche
sind vogel-worte die auf mir in scharen landen und dann
zurückkehren woher sie nicht kamen

die worte sind sonnen die mit ihrem mond alle farben malen
birnen im ton von senf und ananas gelb

gegen den lehm aus dem ich erschaffen nur die worte können mich von mir
selbst befreien
von meiner seele

eine kleine parzelle boden auf der ich mich um das leben mühe
jahrhunderte schon ist die seele des menschen nicht mehr als ein
unproduktiver großgrundbesitz
man muss eine agrarreform in der seele des menschen machen

worte wie schleimiger schlamm auf der felsplatte
wie scharfe steine
wie feuerquallen
wie pflanzen und saft
und speichel wie fötus
wie meersalz
wie tanz der sinne

(die pflanzen wenden ihr gesicht immer der sonne entgegen) worte
wie semantische choräle einer unbezwingbaren steilwand
wie die weinreben auf dem weinberg

wie die worte wie die erde neuen samen verschluckt
und gräser hervorbringt den humus die steppengewächse die süßen mangos
gegen das heer der wirklichkeit
nur die worte entfachen feuer auf meiner oberfläche

werden wilde orchideen sein vergiftet von zeit und duft?
werden schiffe sein in denen metaphysik und momente an bord sind?
sind worte lilien oder delirien?
oder sind die worte aus dem selben material wie die felsen?

gegen den staub aus dem ich geschaffen helfen allein die worte

ich höre die worte das haar des windes verwirbeln
und der wind im gespräch mit den feldern in der tiefe
der nacht mit seinen worten aus luft
es ist ein zwiegespräch zwischen wind und feldern und nur ich
weiß es nur ich höre denn nur ich spreche seine sprache

ich sehe vögel im wind fliegen als seien sie selbst
ein stück wind verwandelt in materie und federn

nur worte säen das leben auf meinen feldern
nur worte säen das leben in mir.

MEINE LETZTE INKARNATION

Über meine Begegnung mit Rimbaud in der Hölle

Während meines ganzen Lebens war ich immer mein schlimmster Feind. Ich spielte mir selbst geschmacklose Streiche, verstimmte mein mentales Klavier, bis die Saiten rissen, und schlug dann Taste um Taste an: Es gefiel mir, wie sie die Kristalle des Firmaments zerbrachen.

Aus allem mache ich eine Lanze und bohre sie in meine Brust. In den milden Mondscheinnächten erwarte ich mich in einem dieser großen Häuser, sitze still mit der Geduld eines Mörders. Ich höre, wie die Sterne am Himmel bei meinem herannahenden Schritt klirren. Ich kneble ihren Glanz mit meinem Schweigen und wenn die Stunde der Freude schlägt, springe ich aus dem Dunkel hinter der Mauer und verletze mich zweihundert mal mit meinem Dolch.

Niemals gestatte ich mir in meinem Leben auch nur einen einzigen Stern. Wenn ich von einem erfahre, breche ich zu einer Expedition auf, von der ich nicht eher zurückkehre, als ich ihn auf der Spitze eines Hügels erdrosselt habe, sodass alle es sehen. Das Leben funkelt von allein und ohne mich.

Im Bett liegend, in den von mir selbst erfundenen Nächten, verleibte ich mir mit den Zähnen die Dunkelheit ein, um das Kissen zu finden, das zwischen den Resten der Vergangenheit und den Spalten anderer zu bedenkender Dinge verloren gegangen war. Während ich das Leben mit tausend von mir für unfehlbar gehaltenen Tricks unterhielt, gab ich ihm Cognac und Wein und Münzen, auf dass es mit allen feiere und sie glücklich mache. Ich berauschte das Leben auf alle erdenkliche Weisen. Ach, ich Armer, damit berauschte ich nur mich selbst.

Nach seinem Tod, den ich mit vom Himmel gesandten Trompeten und Hörnern begrüßte, erhielt ich zwei von ihm unterschriebene Briefe. Ah, weshalb? Es war das Leben selbst. Wieder zurück. Rasend vor Wut. Wer verstorben war, ausgestreckt auf dem Boden des Vergessens, war nicht das Leben. Das war jemand anderes gewesen.

Es sind meine Schreie, die aus dem Verlies wiederhallen. Dort erinnern mich die Kakerlaken und die anderen Insekten daran, aus welchem Stoff ich gemacht bin. Schon sind mir meine Arme, Hände und Beine fremd geworden. Alles angefressen und wund. Licht! Licht! Licht! Um Gottes Willen, Licht! Nicht diese Sechzigwattbirne, die mich von der Decke her anblickt. Ich wünschte mir nur so zu sein wie die Sonne: Mir selbst Licht zu sein.

Morgen ist Samstag. Ich werde hinaus auf die Straße gehen und die Teile von mir suchen, die ich den Hunden vorgeworfen habe.

Ich möchte mich auf die nördliche Erdhalbkugel begeben, um von dort oben zu sehen, wie das Leben hier unten ist. Ich habe auf jedem Längen-, jedem Breitengrad nach den Koordinaten des Himmels gesucht. Es muss eine Geheimtür geben, einen Spalt.

Wenn die Liebe nicht so weit weg wäre, wenn sie nicht auf der anderen Seite der Insel lebte, wäre alles so einfach. Von dort kommt der Lärm der Trommeln

jede Nacht, als kündigte er uns an. Der Freund der Reptilien, der Amphibien und von allem, was kriecht, ohne Spuren zu hinterlassen.

Ich schreibe mit der Tinte der Stille der toten Liebkosungen.

Alles, was ich berühre, fängt Feuer. Welch' Hände! Ach, immer ich. Ich muss mir selbst entkommen. Zum Meer der Ruhe fliehen. Ein stiller Krater, ohne jegliche Schwerkraft. Wie ein Asteroid durch das Universum deines Körpers segeln. Ich muss wissen, wo der Ausgang ist. Aber der einzige Ausgang bin ich selbst. Wie armselig ist doch dieser mein Geist. Ich bin ein gewöhnlicher Nordestino². Bin von minderwertiger Rasse.

Vorerst ist mir diese Kneipe Zuflucht genug. Ich setze mich an einen Tisch in der Ecke und lasse den Wein aus meinem Glas überfließen, bis zum Tisch jener Schurken und der ganzen Bande, die diese stinkende Bude mit ihrer Anwesenheit ziert. Das Kartenspiel beginnt zeitig. Da ich nicht einen einzigen Groschen besitze, verpfände ich das Leben dessen, der mit mir spielt. Das menschliche Kartenspiel hat neben den vier Farben keine anderen Karten. Deshalb sind wir ohne Grund zu besitzen im Grunde allein. Die Würfel rollen, das Roulette dreht sich, Wetten werden abgeschlossen, und so also wird das Leben gemacht. Manchmal fühle ich mich wie ein As in der Hand eines der Spieler. Manchmal spüre ich die Karten eines anderen in meinen Händen, einer ist vom anderen abhängig. Zug um Zug. Spiel um Spiel.

Jeder Sieg gehört immer der Gruppe. Die Niederlage nicht.

Selbst wenn du alle Bahnhöfe dieser Welt kenntest, kenntest du nicht einmal ein Drittel meines Schlafzimmers. In dem ich wohne. Es ist besser sich zu irren. Von Irrtum zu Irrtum entdecke ich und zerstöre ich mich. Ich möchte niemandem diese Blätter vermachen, aus denen ich gemacht bin. Ich hätte im Frühling zur Welt kommen sollen, wenn die Blumen die Felder in allen Schmetterlingsfarben leuchten lassen - gelb, blau, lila. Aber nein. Ich wurde geboren, als die Blätter zu Boden fielen wie ein Regen aus Teer. Als die Bäume alterten, bis an den Rand des Todes. Ah, der Herbst!

Ich werde viele weitere Leben brauchen, um alle in diesem Leben begangenen Fehler wieder gut zu machen. Welche Katastrophe! Nichts in mir macht Sinn. Nichts, was von mir kommt, vermag irgendetwas auszusagen. Das Nichts hat in mir Gestalt angenommen. Ich weiß nur, dass mir ein Ziel fehlt, irgendein Teil, Würde. Ich weiß nicht, wie man leben soll. Was für eine Seele die meine doch ist!

Wer mich hört, der möge mir bitte vergeben! Vergebung heische ich auch von all jenen, die auf der Schwelle des Lebens versterben! Vergeben mögen mir jene, die schweigend an unvorstellbaren Orten leidet! Ich verneige mich vor euch allen und flehe um Vergebung. Betet für diese arme Seele, die ihre eigene Existenz vergiftet hat! Erlöst mich von hier! Nehmt diese schweren Ketten der Schuld von mir! Diese eisernen Fesseln der Furcht um meine Glieder. Ich bin mein eigener Gefangener. Es ist alles vergebens. Dieses Laster Mitleid ist das Vermächtnis der Schlange aus Blut, die sich durch meine Adern windet. Ich bin für die Tragödie der Ewigkeit auserkoren worden. Nach dem Leben stirbt dann keiner mehr.

²Aus dem brasilianischen Nordosten stammender Menschenschlag, gilt seit Euclides da Cunha als kleinwüchsig, zäh, und an Entbehrung gewöhnt.

Es ist meine Schuld, dass die Welt leidet!

Hier drinnen sind so viele Leute gestapelt, dass nichts außer mir selbst mich noch interessiert. Ich empfinde Verachtung. Das, was man zu sehen vermag, ist immer nur eine Spiegelung seiner selbst.

Diese Kirche erinnert mich an meine Kindheit. Jedwede Kirche erinnert mich an meine Kindheit. Man vergisst nie diejenigen, die einen zu Staub machen. Ah, die Kindheit! Wie wunderbar sind doch die ersten Stunden des Lebens, ehe die Finsternis hinter der Sonne aufzusteigen beginnt. Die Kirche hat das Evangelium ruiniert. Die Kirche ist die Bestie. Sie wird mit derselben verdreckten Soutane in dieses Jahrhundert eindringen. Wegen ihr bin ich hierhergekommen! Armer Jesus, dessen Lehren nun von diesem Gesindel propagiert werden. Bringt die Kirche in die Hölle und brennt ihr ein Kreuz auf die Stirn wie bei den Gerichten der Heiligen Inquisition. Brennt ihr das Schandmal der Sünde ein. Ah, Ketzerei!

Ich wurde zum Protestieren geboren, bin aber kein Protestant. Welche Sprache machte ich mir zueigen. Diese schlechte Angewohnheit auf alles zu spucken.

Der Schlamm reicht mir schon bis zum Mund. Ich muss beten!

Auf dieser Seite des Bettes gibt es mehr Licht! Meine Augen sind schon zu alt, um noch etwas zu sehen. Auf alles streuen sie eine Schicht aus Staub und Vergessen, die mir Angst macht. Ah, diese Angst! Von neuem die Angst! Wie kam es dazu? Wo kam sie her?

Wie ich dir schon erzählt habe, hat meine Kindheit viele Leute bereichert. Vor meiner Geburt wollte ich nicht geboren werden. Dann haben sie es mir befohlen. Ich kam krank zur Welt. Mein Zimmer war in mittelalterlichen Tönen gehalten, wo ich mich fern von den Krallen des Lichtes hielt. Mitten in der Nacht riss man mich aus dem Schlaf. Ich hörte Geflüster, Ängste! Das war alles, was ich hörte. Gerüchte vom Tod. Noch bevor etwas vom Leben wusste, hörte ich schon ständig vom Tod. Ich habe nie Frieden mit ihm geschlossen. Schlaf verdunstete in meinem Leben im Lauf der Jahre und wurde zu einem traurigen Wintertag.

Ich empfinde Abscheu gegen allen Dichter dieser Welt! Oh Schlangenbrut! Ich habe mir euren Anteil an der Schuld aufgeladen! Die Hölle feiert das Gerücht von eurer Ankunft! Ich hasse alle, die besser schreiben als ich! Ich hasse alle berühmten Schriftsteller, die sich wie hungrige Kannibalen in der feierlichen Stille eines französischen Restaurants kabbeln.

Alles, was ich mir immer gewünscht habe, war auf immerdar berühmt zu sein! Eines dieser unsterblichen Werke zu schaffen, welche die Zeit wie die Glut einer Zigarette auslöschen. Aber wer bin ich schon? Hier bin ich.

Die Hölle ist all das, was ich nicht kann.

Ich empfinde Ekel vor allen, die denken, ohne vorher zu leben. Vor allen, die Angst vor dem Leben haben! Vor allen, die nicht lieben können und wollen, aus Angst sie könnten einen Arm, eine Niere verlieren. Weg mit euch. Verschwindet. Ihr macht alles allzu dunkel. Habt endlich Mitleid mit euch selbst, denn niemand sonst wird euch noch bemitleiden. Stellt euch in einer Warteschlange auf, ihr Armen im Geist. Kleinliche Seelen. Reptilien! Aasfliegen! Wie niedrig stehen doch

die Kriechtiere! Stellt euch in die Schlange, denn die Hungersnot in der Hölle erwartet euch schon!

Und ich, der ich so sehr geliebt und doch niemanden geliebt habe und auch nie geliebt wurde, weil ich mich selbst nicht liebte. Der Schwärze dieser Rose gab man den Namen Einsamkeit. Das nur bleibt mir, der letzte Vogel. Die Bitterkeit im Mund des Himmels. Die kalte Strömung der Nacht sucht mich auf und findet mich tot, ohne Fische, am Rande des Abgrunds. Vergiftet. Oh, meine Brüder unter der Erde! Oh, ihr mittelmäßigen Kreaturen, die ihr Wiegenlieder für eure Schwäche summt. Welch trauriger Anblick! Zeigt dem Firmament euer Gesicht! Nehmt auf eure Waffen! Das Leben erwartet euch! Lasst uns die Vögel im Himmel grüßen, die Wortvögel. Sie alle seien begrüßt. Reicht mir einen Tee aus Daunen. Eine Säure, die alles Metall in meiner Kehle zersetzen möge.

Ich will den Boden nicht mehr zum Gehen benutzen.

Ich würde gern mehr von meiner Kindheit berichten, von meinem Anfang bis zu meinem Ende. Ich liebte es den hinter meinem Haus liegenden Hügel zu erklimmen und den Wind seine seltsamen Briefe lesen zu spüren, während eine milde Sonne die wilden Blumen mit ihren Farben umarmte. Ich war Herr über alle blühenden Weiten dieser Welt. Ich war schön und unruhig. Eines Tages erschien ein Mann und öffnete einen Regenschirm über mir. Alles wurde anders.

Vor diesem Ereignis setzte ich mich gern auf die Wolkenbänke in der Kirche und betrachtete die Gemälde der Heiligen mit ihrem entsetzten, gequälten Ausdruck. Ich prägte sie mir eins nach dem anderen ein. Sankt Petrus, der Ernste. Den Heilige Joseph, der Gefährte. Die liebliche Heilige Maria. Ich verwandelte mich in einen jeden von ihnen. Ich wollte sein wie sie. Weh' mir, ich wurde zu ihrem Schatten! Ach, wie sehr wünschte ich mir ein Heiliger zu sein! Mein Abbild auf dem Altar einer Kathedrale wie dem Petersdom. Meine Wunder gemalt von Rafael und den anderen Renaissance-Künstlern. Ich wünschte mir einer Messe beizuwohnen, in der die Priester meine Evangelien läsen und Hymnen in klassischem Latein sängen. Einen nach dem andren läsen sie meine Psalmen wie die des David. Ich wäre gern König Salomon. Das Ich ist das Ende von allem.

Dann wieder floh ich vor allem. Rannte weit weg. Bis hin zur Wollust. Ich öffnete alle Flaschen der Wollust und bediente mich hemmungslos.

Es gefiel mir auf nicht existierenden Wegen zu wirklichen Orten zu gelangen. Dunkle Pforten machte ich zu meinem Haupteingang. Aber das Leben verfolgte meine Spur. Versteckt in meinem Schatten. Das Leben wusste von allem. Es täuscht sich nie bei der Auswahl seiner Späher.

Ich muss einem Pfarrer beichten! Nein, einem Bischof! Nein, einem Kardinal! Nein, dem Papst! Am besten Gott selbst. Gott stellt mir keine Fragen. Adieu.

Ich werde in die Wüste Sinai gehen, wie Moses. Ich werde die Schuhe von den staubigen Füßen streifen. Auf den Knien werde ich um Vergebung für alle meine Verkörperungen von Hass und Kleinheit bitten. Für all den Schmutz, den ich unbedingt an mich binden wollte. Für die Dummheiten, den Wahnsinn, all das. Ich werde sagen, dass ich ein neues Leben möchte, ein einfaches, wie es sich

nur eine gute Mütter für ihre Kinder wünschen, neben einigen Goldmünzen, auf dass es ewig währe. Aber ich möchte die Verkörperung der Schönheit sein! Ach, diese Eitelkeit, mein größtes Unglück. Stück für Stück werde ich diese Rüstung ablegen, die ich trage. Ich werde nackt vor den Herrn treten. Nackt wie ich auf die Welt kam. Niemals. Einmal verwest, verarmt man. Gott weiß mehr über mich als ich über ihn.

Ich werde hier bleiben und mit dem Auge dieses Fensters aus meinem Zimmer schüchtern auf die Welt blicken. Alles, was es im Universum gibt, bin ich. Der Rest existiert nicht. Was ich als Perfektion wahrnehme, schuldet sich nur der Schwäche meiner Augen.

Das ist der Grund, aus dem ich hier bin.

DER RH-FAKTOR¹

(*Memorial dos mediocres*. Ed. Casa de Palavras, Salvador, 2002)

(1)

Du musstest schon öfter darauf verzichten mit eigentlich bereitwilligen Frauen auszugehen, nur weil du keinen Groschen für ein Bier und das Stundenhotel in der Tasche hattest, für Popcorn oder Kino, für den Karneval oder ein Osterei. Du bist schon über 35 und hast bereits alle Ideale aufgegeben, alle Träume, Pläne und Projekte, und du bist es leid, Scham und das Herz auf die Größe eines Flohs schrumpfen zu fühlen, wenn das Auto des E-Werks vor deiner Haustür hält. Du hast es satt andersartig zu sein, anders zu denken, andere Musik zu hören, und willst jetzt unbedingt wie alle anderen sein. Jetzt reicht es dir aber, dich vor dem Fernseher unnützlich zu fühlen nur weil du weißt, dass alle anderen in diesem Moment bei der Arbeit sind und sich bis zur Erschöpfung abrackern. Du hast es über, wirklich über, alle mit Mühe und Not angeschafften elektronischen Geräte auf dem Flohmarkt zu verramschen, um die Rechnung deines blockierten Telefons zu bezahlen, und du brauchst jetzt sofort irgendetwas, das den Namen Job, Frau, Familie, Haus verdient. Heute wärest du ganz zufrieden, für die Geburtstagsfeier deines hässlichen Kindes ein Häuschen mit rohem Betonfußboden zu besitzen, und eine „bis ins Mark“ – wie dein Vater gesagt hätte – übel gelaunte Schwiegermutter. Du willst dich am Ende des Tages und in der Weihnachtsnacht allen existentiellen Zweifeln entziehen. Obwohl du es leid bist sonntags Kleinanzeigen anzukreuzen, ohne die Zugehörigkeit zu irgend einer Gruppe doch Kurse in Gruppendynamik zu belegen, nach ganz bestimmten Regeln den perfekten Lebenslauf zusammenzustellen und von den Experten in Personalwesen zu hören, wie du dich in einem Vorstellungsgespräch zu verhalten hast, trotz allem gibst du nicht auf, willst wieder an diesem Spiel teilnehmen. Also klemmst du dir wieder einmal die Zusammenfassung deines Lebens unter den Arm und erträgst auf dem Arbeitsamt mit stoischer Ruhe die abweisenden Gesichter verärgelter Sekretärinnen und die offensichtliche Unlust der Damen am Empfang, die das Blatt mit deinem zusammengefassten und verzerrten Berufsleben – wenn überhaupt – betrachten. Wenn dann der Große Tag kommt, der Tag, an dem sich alles zu verändern beginnt, der Tag, an dem Gott schließlich gnädig sein will, der Tag, an dem du endlich wieder an der Rally mit drei, vier

¹Ein Wortspiel mit der portugiesischen Bezeichnung für „Personalwesen“: *Relações Humanas* (RH) statt „Rhesusfaktor“

verschiedenen schmutzigen, verstaubten Bussen teilnimmst, an diesem Tag darfst du die Hoffnung haben, wieder eine Gehaltsabrechnung, Fahrgeldersatz, eine Stechuhrkarte und Herzrasen zu bekommen. Der so sehnsüchtig erwartete Tag ist tatsächlich gekommen und du machst alles genau richtig: Stehst früh auf, rasierst dich, ziehst die letzte – weil einzige – anständige Kleidung an, darunter die Unterhose, die dir schon immer Glück gebracht hat, wiederholst auf dem Weg die Antworten, die dieser sogenannte Spezialist dich in seinem Kurs gelehrt hat, hältst die Finger gekreuzt, damit du keinem deiner Bekannten begegnest, der dir Pech bringen könnte – eine Ex-Freundin, das wäre das Ende – und du weißt, dass das Quatsch ist, aber deine Mannschaft ist abgestiegen, und das beeinflusst deine Stimmung, du bist niedergeschlagen, mit einem traurigen Gesicht wie ein platter Reifen, aber du lässt dich nicht unterkriegen. Und obwohl du weißt, was „seriöses Auftreten“ in der Stellenanzeige sagen will, kommst du eine halbe Stunde vor Beginn des Vorstellungsgesprächs und im Warteraum beäugen sich alle misstrauisch bei dem Versuch die anderen abzuschätzen, wer wohl die besseren Chancen hat die freie Stelle zu bekommen, die einzige freie Stelle, sei es aufgrund der Kleidung, wegen des intelligenten Aussehens, oder wegen der muskulösen Gestalt. Man lässt dich warten, eine, zwei, acht Stunden in der nervösen Anspannung eines zur Einzelhaft Verurteilten. Wenn du dann schließlich die vorgefertigten Antworten und das Gesicht, das du aufsetzen solltest, längst vergessen hast, dann rufen sie dich ins Zimmer des Chefs, wo dich der Manager kaum eines Blickes würdigt und dir einen ganzen Haufen vom Spezialisten nicht vorhergesehene Fragen stellt, wobei er ständig ans Handy oder gar aus dem Raum geht und dich so allein lässt wie ein Einzelkind beim Mikadospiel. Und du dort, entschlossen, stellst deine Dienstbereitschaft zur Schau, eine entspannte Natürlichkeit, obwohl du doch spürst, dass gerade irgendetwas sehr schief geht, dass man dich wieder einmal ablehnen wird, sodass die einzige Sache, die dir jetzt noch zu tun bleibt, ist nicht zu vergessen, dass dein einziges Paar Schuhe schon um Gnade fleht, wie dein Vater gesagt hätte. Du siehst im Blick des Interviewers, dass er die göttliche Macht besitzt über dein Leben zu entscheiden; ob es eine weniger schlechte Richtung nehmen oder weiter auf den Zusammenbruch zusteuern wird. So beginnst du im Stillen zu beten, dass sich der Daumen vor dir nicht nach unten senke und du nicht jene finstere Formel zu hören bekommst, die das Unheil verkündet. Aber es hilft nichts. Du hast dir resigniert das Urteil anzuhören: „Wir haben Ihren Lebenslauf. Gegebenen Falls rufen wir Sie an“. Aber du weißt schon, dass sie nicht anrufen werden, denn dein Name steht beim Kreditschutz auf der Liste säumiger Zahler, wie auch in der Schuldner-Kartei, und dort bist du schon so lange verzeichnet, dass du nicht mehr sagen kannst, ob du nun arbeitslos weil ein registrierter Schuldner, oder ein Schuldner weil du arbeitslos bist. Und so ist einmal mehr alles verloren, bis zum nächsten Sonntag, dem Tag der Stellenanzeigen. Deine Mannschaft wird auswärts spielen. Was für ein Leben!

Vormittags ohne Pause ganze Stapel von Lebensläufen analysiert und auseinandergenommen, mit einer ganzen Horde von Bewerbern gesprochen.

Und jetzt dieser letzte arme Teufel vor mir. Ich hätte meinen Master mit Schwerpunkt in einem anderen Gebiet machen sollen, aber jetzt ist es zu spät. Arla sagte mir neulich, ich solle mir eine andere Tätigkeit suchen, denn all diese Macht über das Leben anderer Leute bekomme mir nicht.

Macht – jede Art von Macht –, sagte sie, mache süchtig, und es gebe noch keine Entziehungsklinik für mächtige, einsame Paranoiker oder ähnliche Fälle.

Immer wenn Arla solche Einfälle hat, komme ich ins Nachdenken. Wie gut. Eine Frau zu haben, die solche Einsichten hat und dich zum Philosophieren anregt. Obwohl unbeabsichtigt. Auch wenn es eine billige Philosophie ist. Jahre des Zusammenlebens mit Arla, und noch immer kann ich mich nicht an ihren verstümmelten Namen gewöhnen. Wann immer ich ihn ausspreche, klingt es, als näselte ich. Arla, Arla, Arla. Seltsam. Und dabei sollte noch ein H am Anfang stehen. Ihr Vater war sehr beeindruckt, als er vom Erscheinen des Kometen Halley im Jahr 1910 hörte. Er dachte, Harla sei die weibliche Form von Halley. Es sind eben Ignoranten. Der Bewerber ist noch immer da, sichtlich nervös. Hustet. Stottert. Er scheint den Gaumen mit Milchpulver verklebt zu haben. Er bringt die Worte durcheinander, ganze Sätze, die Grammatik. Ich habe den deutlichen Eindruck, dass er mich jeden Moment um Verzeihung dafür bitten wird auf der Welt zu sein. Das bringt mich dazu ihn noch mehr verwirren zu wollen, um diesem Elend ein Ende zu machen. Ich bin ebenso angespannt wie er. Aber ich darf das. Zwischen uns hängt ein eitriges Schweigen, das uns auf die gleiche Stufe stellt. Ich überfliege seinen zerknitterten, schlecht geschriebenen Lebenslauf. Von der Antipathie einmal abgesehen, die beide in mir wecken, ist er ja ganz ordentlich. Ist sogar rasiert. Seine Kleidung ist allem Anschein nach der Rest eines weniger armseligen Lebens, als er noch grosse Töne spucken konnte, weil er einen Job hatte. Aber die Zeiten haben sich geändert und jetzt sitzt er hier und verdirbt mir das Ende des Vormittags und verpestet mein Büro mit seiner melancholischen Unterwürfigkeit. Ich spüre in ihm einen tief sitzenden Neid. Er registriert meine Uhr, die Marke meines Hemdes, mein Handy. Mein Laptop und meine Krawatte bedrücken ihn. Ich muss schnell handeln. Ich schieße los: „Was sind Ihre Ziele in unserer Organisation?“ Er nimmt die Frage auf wie einen kräftigen Schlag auf's Auge. Er strauchelt. Ihm scheint schwindlig zu sein, er sucht nach Halt. Er atmet schwer, sein Denken ist langsam. Ein missglückter Download. Ich schaue auf mein Handy. Fast halb zwölf und noch immer nichts von Rossana. Ruf schon an, Liebling! Ruf an, Schatz. Ruf an Süße. Ruf schon an, Scheiße, ruf an! Ob sie wohl a) nach einem derartigen Abend nicht anrufen wird? b) den leichten Tick meiner linken Hand bemerkt hat? c) wirklich so toll ist? d) all den Aufwand wert ist? Ich denke schon. Am Anfang sind sie es immer wert. Der Schwächling antwortet etwas Unverwertbares. Das war nicht das, was ich hören wollte. Er

verzettelt sich. Mir fällt ein, dass ich die Eintrittskarten, um die Arla mich gebeten hatte, noch nicht gekauft habe. Sie fehlt mir nicht mehr so wie früher. Dieses Gewisse, das ist weg: Die intensive Sehnsucht nach Arla. Auch darum muss ich mich kümmern. Aber vorher muss ich diesen biologischen Irläufer aus meinem Büro fegen. Ich glaube, ich werde ihn zu Frau Celeste abschieben. Sie soll sehen, wie sie damit fertig wird. Ich weiß ja nicht einmal, wozu wir ihn einbestellt haben. Die freie Stelle war doch schon mit einem andren Kandidatenbesetzt. Oder besser einer Kandidatin. Übrigens sehr interessant. Besser nicht so genau hinschauen. Malu ist ja eine richtige Hexe. Sie hat schon alles begriffen, noch bevor man etwas darüber rausgelassen hat. So viele Lebensläufe zu analysieren und so wenig Zeit, an Rossana-Arla-Malu zu denken. (Es gab mal eine Zeit, da war die Reihenfolge Arla-Malu-Rossana), und jetzt das hier. Nein, ich darf den Faden nicht verlieren. Konzentration: „Auf wieviel Gehalt, denken Sie, hätten Sie Anspruch?“ Das ist eine Falle. Er spürt die Gefahr und verwickelt sich in Widersprüche, hat Schwindelgefühle. Er stammelt. In seinem Blick liegt eine abstoßende Mischung aus Angst, Neid, Groll und Lüge, alles verteilt auf die Überreste von etwas, das einmal ein Mann war. Mein Handy scheint vibrieren zu wollen. Ich möchte mitvibrieren, um wieder diese Stimme zu hören, lieber Gott, was für eine Stimme! Rossana, mein Schatz, gehen wir heute aus? Gehen wir zum Frisör, gehen wir auf die Frauenmesse, machen wir Einkäufe im Supermarkt, gehen wir Angebote im Kaufhaus gucken, gehen wir ins Altersheim, was immer du willst, mein Leben. Rossana. Rossana. Ein Name wie dieser erregt mich, bis mir Großmutter's Beerdigung einfällt. Eine farbige Beerdigung, bescheiden, von einem reinigenden Regen begossen. Die lehmige Erde in lebendigen Farben, von ernsten Totengräbern in blauen Uniformen geschaufelt, die sich ihrer metaphysischen Berufung voll bewusst zu sein schienen. Aber das Handy will nicht vibrieren. Und noch weniger will das mein im Sterben liegender Patient. Entmutigt gibt er eine weitere falsche Antwort. An diesem Punkt der Ereignisse kann nur noch ICH ihm eine Überlebenschance geben. Wenn er doch wenigstens mein Verwandter wäre oder von einer Ex-Geliebten empfohlen, von einem Studienfreund, von irgendeiner Grauen Eminenz. In diesen Fällen könnte ICH ihn vielleicht wiederbeleben. Sein Zustand verschlimmert sich. Offensichtlich eine Blutvergiftung. Zum Schluss lauter Antibiotika in seinen Adern, ich stelle mir vor ihm Sterbehilfe zu leisten: „Wenn Sie an meiner Stelle wären, würden Sie sich einstellen?“ Und da höre ich zutiefst erschüttert, was ich so sehr hören wollte. Das lieblichste aller Ave-Marias. Endlich das Handy. Wir klingeln und vibrieren gemeinsam, wie Vater und Sohn beim zittrig erwarteten Tor in der Verlängerung. Ich bitte niemanden um Erlaubnis. Wen auch? Sie ist es, sie ist es. Selbstkontrolle, davon brauche ich jetzt viel. Ich nehme den Anruf an, sage aber nichts. Das kurze delay der Life-Übertragungen:

„Hallo? Hallo?“

„Ja, ich höre. Was für eine Überraschung. Alles in Ordnung mit dir?“

„Ja, danke. Steht dein Vorschlag noch?“

Fast hätte ich „nicht nur der Vorschlag“ gesagt, aber ich sage nur:
„Natürlich! Kann ich dich noch heute sehen?“
„Ich weiß nicht, ich denke schon. Ruf mich später an. Rufst du an?“
„Klar doch, natürlich. Kannst dich darauf verlassen. Ich ruf' dich an“
„Pass auf dich auf, ja? Kuss“
„Dann bis später“

Ach, Rossana, Rossana! Schau nur, in welchen Zustand du mich bringst! Ja, reibe dich an mir, hier, mein Lieb, reib' dich! Und das Theaterstück mit Arla? Und die ernste Unterhaltung mit Malu? Ich bräuchte wirklich mehr Zeit, um mich zu organisieren. Ich bin wieder an meinem Platz am Schreibtisch, aber ich bin nicht mehr wirklich anwesend. Seltsam, dieser verklemmte, widerspenstige Winzling. Seine Angst ist richtig widerlich, aber ich bin so glücklich, so überglücklich, dass ich ihn anlächeln möchte, ihn meinen Freund nennen, ihm von meinem Leben erzählen, ihn bitten möchte, er möge den Namen Arla wiederholen, Arla, Arla, dass ich ihm von Großmutter's Beerdigung erzählen möchte. Ich bekomme mich rechtzeitig wieder in den Griff. Rossana hat mich angerufen und nichts anderes zählt. Nur mit großer Mühe unterdrücke ich meine Euphorie und die Erektion. Das Handy klingelt und vibriert von Neuem. Aber ich vibriere nicht mit. Ich nehme den Anruf nicht an. Es ist Malu. Wir müssten wirklich miteinander reden. Aber nicht heute! Ich bin fast allein, aber dennoch höre ich dieses falsch klingende „ja“ im Raum stehen. „Ja was, mein Freund?“ frage ich grob. „Was Sie mich gefragt haben, bevor Sie raus gegangen sind. – Ja, ich würde mir den Job geben“. Jetzt muss ich nur noch den Grabstein bestellen. Ruhe in Frieden. Der Mann ist eine Pest, da ist nichts mehr zu machen. Nach dem Anruf von Rossana habe ich sogar überlegt, ihn vielleicht einer anderen Firma zu empfehlen, womöglich hätten sie dort eine freie Stelle. Aber das war keine Antwort. Das war das Todesurteil. Ich benutze die für solch verlorene Fälle geltende Standardformel: „Also gut. Wir haben Ihren Lebenslauf. Gegebenen Falls melden wir uns bei Ihnen. Und viel Glück.“ Mein „viel Glück“ klingt so verlogen, dass es mir beinahe peinlich ist. Der Störfaktor bedankt sich und geht schwankend hinaus. Einer weniger. Ich schließe die Tür ab. Keimfreiheit. Ich bin ja so glücklich. Rossana geht heute mit mir aus. Arla hat mich zum Nachdenken gebracht. Nur Malu ist ein bisschen lästig, aber das werde ich schon noch regeln. Ich weiß nur zu genau, was sie will: Cazzo!. Da ist noch immer ein ganzer Berg Lebensläufe zu erledigen. Eine Pest. Sie scheinen sich wie die Gremlins im Trickfilm zu vermehren, um mir das Leben zur Hölle zu machen. Sie dienen nur als Schmierzettel, wenn man die Umschläge benutzt. Ich hätte meinen Master mit dem Schwerpunkt in einem anderen Feld machen sollen. Arla, Arla, Arla.

ABPRALLER

(aus: 82, *Uma Copa, 15 histórias* Coletânea 2013. Ed. Casarão do Verbo)

Morgens um halb elf ließ uns der Pfiff des Schiedsrichters auf Bewährung gehen, aber die endgültige Entscheidung blieb weiterhin ein Traum, der jeden Tag an den Straßenecken verstarb. Wenn man sich zwischen den vier Linien verliert, verzerrt sich die räumliche Wahrnehmung, und die Uhren scheinen stehen zu bleiben. In die Pause gingen wir mit Schwindelgefühlen, so sehr waren wir wie die Irren gerannt. Den Ball beherrschten wir nur für ein paar Minuten, während einer von den anderen verarztet werden musste, weil es einen Zusammenstoß mit unserem erschreckten Verteidiger gegeben hatte. Die erste Halbzeit mit 0:0 enden zu lassen, kann man auf verschiedene Arten interpretieren, aber auf keinen Fall als ein Wunder. Damals, als Junge, war meine eigene Theorie, dass die Kerle womöglich ihre Inspiration verloren hatten, aber das würde nicht für lange sein. Sie verschenkten kurze Ballwechsel. Verloren Torchancen in einer Sequenz von olympischer Dimension. Sie ließen den Ball unter ihren durchlöcherten Füßen hindurch über die Seitenlinie entwischen. Derartige Sachen sind den Spielern sicherlich selbst in den besten Zeiten von Honved unterlaufen, aber wenn sie zur alten Form zurückfänden, dann gnade uns Gott. Ohne Trainer oder sonst jemandem, der uns Tipps hätte geben können, beschlossen wir einfach ein Schema zu gebrauchen, das sich allein auf unsere männlichen Tugenden stützte: die Verteidigung im rückwärtigen Feld. Alles was wir wollten, war in Ehren zu verlieren, ohne Beschwerden. Schon seit der Anfangsphase der ersten und einzigen Meisterschaft in der Himmelsstraße umgab diese kleinen Kerlchen mit den roten Hemden ein Hauch von Berühmtheit. Sie vernichteten einfach alle Teams, die ihnen in die Quere kamen. Mit 8:0 den Báier; mit 7:1 den Expressinho; mit 12:2 den Charque 04. In der dann folgenden Phase, während einer nicht so glanzvollen Saison, bereiteten sie Peñarol mit bescheidenen 4:1 ein sanftes Ende³. Beto, Léo, Jaiminho und Osvaldo stellten das Repertoire ausgeklügelter Spielzüge zur Schau, wie sie von künftigen Stars nicht besser hätten entwickelt werden können. Ihr Spiel war von einer Anmut und Leichtigkeit, die niemand so recht zu erklären wusste: Zu Hunderten drängten sich die Zuschauer am Straßenrand, um Zeugen der Meisterschaft dieses traumhaften Quartetts zu werden. Es war ein Team mit bewundernswertem Zusammenspiel, das sich in schnellen Pässen abwechselte, ohne jemals eine schlechte Behandlung des Balles zu erlauben, sei es durch ungezieltes Bolzen oder bei grotesken Manövern, die eine Beteiligung von Schienbeinen und Kniescheiben einschlossen. Für sich genommen war jeder einzelne einfach ein lieber Junge, der seinen Eltern keinen Kummer bereitete. Sie holten die Brötchen vom Bäcker, gingen zur Schule, machten Botengänge. Sie waren mager und fröhlich und hatten diese Mischung aus agiler Klugheit und

³Sämtlich fiktive Clubs, denen der Autor zum Teil sehr berühmte Namen zugeschrieben hat.

ursprünglicher Neugier im Blick, die den Unschuldigen oft zu eigen ist. Letztlich waren sie nur Jungs mit brauner Haut, dünnen Beinen und sich auflösender, abgetragener Kleidung. Wenn sie sich jedoch zusammentaten, musste ihr Opfer wissen, wie Verschlagenheit, List und Geschicklichkeit zu begegnen war. Unsere Mannschaft war eine Imitation. Jailton, Dão, Mariva und ich hatten nicht die geringste Chance. Wir sind nur deshalb so weit gekommen, weil uns eine Reihe von Spielzügen, wenig sachgemäße Regeln und ein unfassbares Unentschieden zugute kamen, obwohl die „Zulus“ anfänglich schon mit 4:0 vorn lagen. Zwei Mannschaften hatten wir im Elfmeterschießen aus dem Weg geräumt, und jetzt war die Stunde der Bestrafung gekommen. Wir hatten noch die ganze Zweite Halbzeit vor uns. Marivas Vater erzählte ihm, dass Mannschaften wie Deutschland oder Uruguay schon Teams besiegt hätten, die als absolut unbezwingbar galten. Herr Neylor war ein guter Mann, aber manchmal verzapfte er auch ziemlichen Unsinn. Wir hätten durchaus eine Chance, wenn die anderen nur unbezwingbar wären: Das Problem aber war, sie waren unsterblich.

2

Unser Turnier fiel mit der Weltmeisterschaft in Spanien zusammen, und nie hatte unser damals noch grünes Städtchen ein Ereignis mit größerer Spannung erwartet. Wir malten die Spielpläne auf den Asphalt, zeichneten Pacheco mit seinem gestreiften Hemd und der Nummer 12 und schmückten alles mit bunten Fähnchen, wobei sich das brasilianische Grün-Gelb mit den anderen Farben der Juni-Festlichkeiten⁴ und mit dem Pulvergeruch der Böller und Raketen vermischten, mit denen die Jugend des Städtchens die Nächte belebte. In unserem Stadtviertel gab es damals noch Dinge, die man heute allein im Antiquitätengeschäft findet: gepflasterte Straßen, sonntägliche Stille und Ehrlichkeit beim Verpfänden des Wortes. Alle Leute schienen überschüssiges Geld zur Verfügung zu haben und es gab üppige Spenden. Von den betagteren Nachbarn, die sich an jedem in Sevilla erzielten Sieg berauschten, bekamen wir sogar das Ping-Pong-Sammelalbum geschenkt, was zum Entstehen einer Tauschbörse für die Spielerbildchen führte. Ich glaubte daran mein Album vervollständigen zu können. Mir fehlte nur noch ein einziger Spieler... Die Tabelle sah an den Tagen, an denen Brasilien in Spanien spielte, entscheidende Treffen unserer K.O.-Runde vor, ein zusätzlicher Grund für den Trubel auf der Straße, die den ganzen Tag voller Menschen war. Am Vorabend der beiden entscheidenden Spiele holte ich in Vaters Werkstatt die von ihm auf Bestellung angefertigten Stücke, brachte sie zum Kunden und kehrte rasch nach Hause zurück, denn ich hatte Angst das Geld zu verlieren, ein halbes Dutzend zerknautschter Scheine. Mit denen wollten wir zum Gross-Zirkus Bartolo fahren, in einem gelben Käfer mit kariertem Seitenstreifen, in dem ich mich am liebsten nach vorn setzte, um

⁴im ländlichen Brasilien ist das Mittsommerfest am Sankt-Johannestag das wichtigste Fest des Jahres, vor Weihnachten und Karneval

die auf dem Taximeter laufenden Zahlenkolonnen zu beobachten. Jetzt, als ich über die Hauptstraße nach Hause lief, kam ich an dem Haus vorbei, aus dem immer ein starker Geruch von Räucherstäbchen auf die Straße drang. Ich kannte die Geschichten, die man sich über Dona Sebá erzählte, hatte aber noch nie ihr Gesicht gesehen. Einige Leute behaupteten, sie schlachte kleine Kinder und sei Lieferantin des bei der Herstellung von Seife verwendeten Fettes: andere schworen auf ihre Fähigkeit die Zukunft vorauszusehen. Ich denke aber, nichts von alledem war begründet. Nicht mit Fremden zu sprechen, das war damals noch eine nur sehr allgemeine Empfehlung, und als sie ihre Haustür öffnete und mir freundlich winkte doch näher zu kommen, wurde ich auch schon in ihr Haus hineingezogen. Die füllige, weißhäutige Dame zeigte sich ungemein höflich und sprach mit einem ausländischen Akzent den ich wohlklingend und lustig fand. Sie war in ein wunderschönes, blaues Kleid gehüllt und fragte, ob ich nicht eine Kleinigkeit essen wolle, wobei sie auf einen Korbstuhl mit einem schmutzigen Kissen wies. Sie verschwand in der Küche und kam mit einem Glas Kakao und Keksen zurück, welche offensichtlich schon auf einen Überraschungsbesuch gewartet hatten. Während ich aß, wanderte sie durch die Räume und schien ein unverständliches Gebet vor sich hin zu murmeln. Ich hatt Angst, sie habe es auf das Geld für Vater oder, besser gesagt, auf das Geld für Taxi und Zirkus abgesehen, aber das Geld war gut versteckt im Saum meiner Shorts. Nach dem Imbiss wollte ich mich alsbald verabschieden, denn der Weihrauchgeruch begann mir den Atem zu rauben, aber sie bat mich noch etwas zu bleiben, sie wolle ein kleines Geschenk für mich holen. Damit verschwand sie im hinteren Teil des Hauses. Ich war unsicher, ob ich warten oder gehen sollte. Aber ich sah hinter einem dünnen Vorhang Kerzenschimmer und gab der Neugier nach, sodass ich schließlich den Raum betrat. Ein mehrstufiger Altar voll mit Figuren und Heiligenbildern sowie diversen Kruzifixen aus Metall. Da waren so viele Figuren und Bilder, dass wohl alle Namen aus der Geschichte des Vatikans auf der Tribüne versammelt waren. Als ich die Schritte der Frau sich nähern hörte, rannte ich davon, ohne zurück zu schauen.

3

Ich erwachte lustlos, dabei sollte es an diesem Montag viele Feste geben. Da war der Geburtstag des Herrn Giulite. In Fässern, vergraben unter Sägemehl und Eis, warteten Bier und Limonade auf die Gäste. Ich hatte eine schreckliche, schlaflose Nacht hinter mir, in der ich mir wieder und wieder alle meine Spielzüge ausgemalt hatte. Beto spielte den Ball durch die Beine des Gegners, um ihn zu demütigen; Jaiminho verfügte im linken Fuß über die Präzision eines Chirurgen, unmöglich, ihm den Ball abzujagen. Osvaldo war hinten unerschütterlich und mit großer Gelassenheit bei der Sache und meisterte nahezu jede Situation, kaum je machte er einen Fehler; und Léo rannte wie der Wegekuckuck und war zu Sprints fähig, hinter denen wir weit zurück blieben. Über die anderen wusste ich nichts,

aber ich wollte vor allem vermeiden beim Dribbeln überspielt zu werden. Der Spott wäre für mich vernichtend gewesen. Alles, was an diesem Tag passierte, hätte in Handbüchern mit Überlebensstipps für schwächere und bedrohte Vereine keine logische Erklärung gefunden. Auch in der zweiten Halbzeit waren sie genauso schwerfällig und verwandelten nichts. Ihre Art zu laufen erinnerte ein bisschen an Fußballer gegen Ende ihrer aktiven Zeit, die ermattet unter dem unerträglichen Gewicht ihres Ruhmes zusammenzubrechen drohen. Die Zuschauer waren unruhig, ein Teil war schon gegangen und die Unzufriedenheit wuchs. Das Spiel schleppte sich gefährlich nah an eine Verlängerung heran, was uns eine ehrenhafte Einstufung beschert hätte. Bis zu diesem entscheidenden Zug. Ich nahm an der Außenlinie einen Pass entgegen, und weil es in dem Moment keine andere Möglichkeit gab, lief ich mit dem Ball wenig überzeugt nach vorn. Ich schaute mich um, aber all meine Kumpelwaren hinten in der Verteidigung geblieben und konnten meinen Wagemut nicht verstehen, ja riefen sogar tadelnd „Komm zurück, du Spinner!“. Ich dachte, sie hätten ja eigentlich Recht, denn wer im Leben zuviel erreichen möchte, der bricht sich manchmal das Genick. Wer sich dagegen jeden Tag mit wenig zufrieden gibt, kommt weit. Aber ich war in meinem verrückten Alleingang schon zu weit vorgestoßen, es gab kein Zurück, und das um mich herum wie vermintes Feld zwang mich zum Voranstürmen. Einer der Gegner versuchte mir ein Bein zu stellen, während ein anderer mir den Ball abjagen wollte. Da entdeckte ich im Augenwinkel meinen besten und verlässlichsten Mitspieler, den Bordstein, über den ich zweimal einen Doppelpass organisieren und damit drei meiner Gegner auf einmal ausschalten konnte. Vor mir lag das Tor und mein Schuss hätte das Universum zum Schweigen gebracht, aber ich weiß nicht, ob es meine Atemlosigkeit war oder meine Feigheit den Ball zu verwandeln, Tatsache ist, dass ich nur zielte, zielte, zielte. Dann blickte ich auf den Ball und feuerte mit aller Kraft einen , flachen Schuss. Alles, was man hörte, war dieser trockene Schlag gegen den hölzernen Querbalken, der klar machte, dass da soeben etwas sehr, sehr falsch gelaufen war. Während des Gegenangriffs beobachtete ich, wie sie die vernichtende Dreipunkt-Formation aufbauten, bevor der Siegeschrei „Tor!“ in allen Himmelsstraßen der Welt erscholl.

4

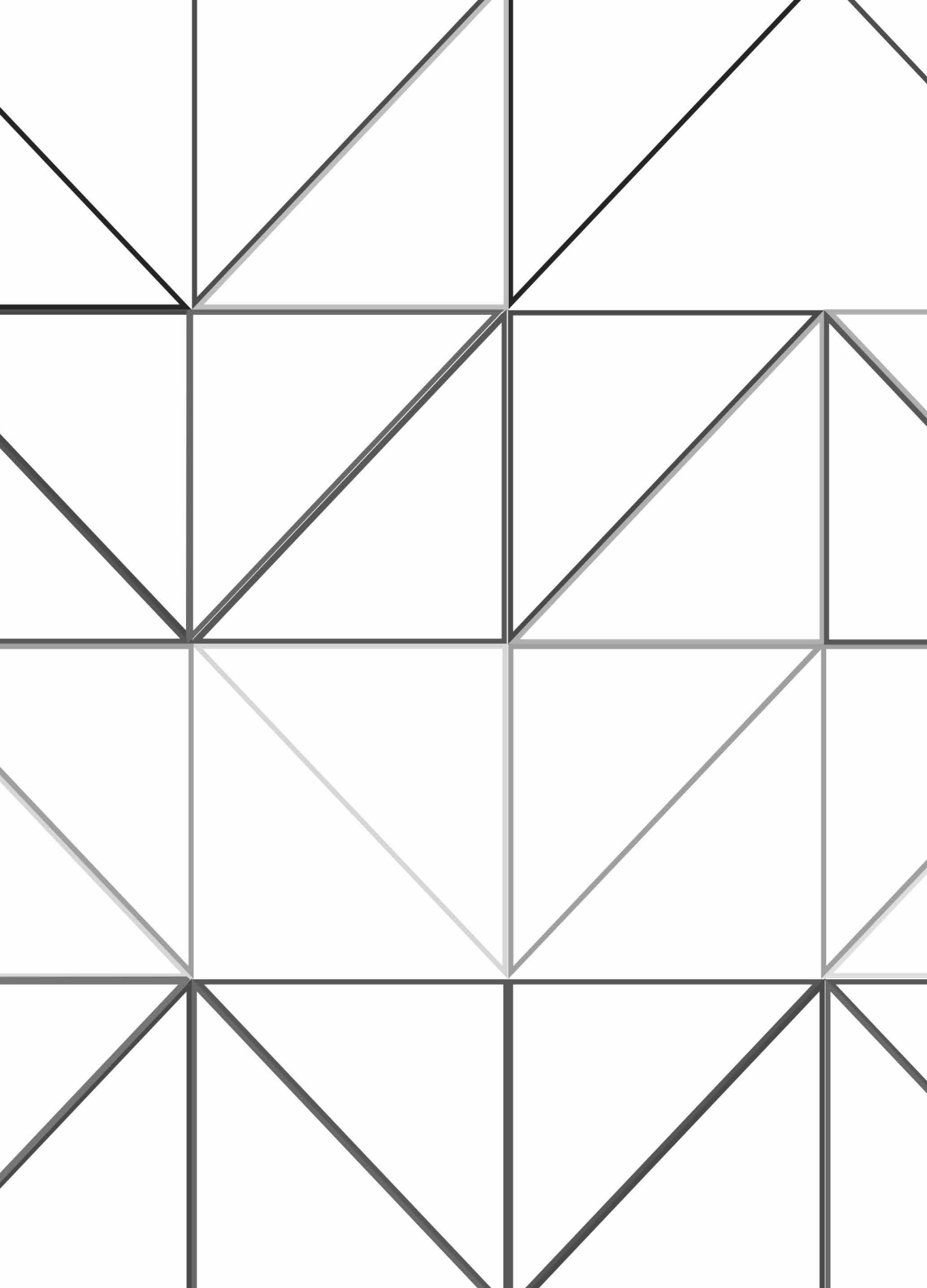
Vater war soeben aus der Werkstatt nach Hause gekommen und hatte noch nicht einmal den Blaumann ausgezogen, als die brasilianische Mannschaft ins Stadion einlief. Ich hatte leichtes Fieber und vermied jeden Kommentar über unser Spiel auf der Straße, zumal jetzt nichts anderes interessierte als das, was unser alter Telefunken auf der Mattscheibe zeigte. In der Folge, in der die Tore fielen, schwankten wir zwischen Trauer und Euphorie, ein gespaltener Fanclub. Immer wieder ging Vater in die Küche und kam mit einer neuen Continental-Zigarette im Mund und einer Tasse aufgewärmten Kaffees in der Hand zurück (Seit Mutter gegangen war, gab es in unserem Haus keinen frisch gebrühten

Kaffee mehr.) Am Ende der ersten Halbzeit lagen wir zurück. Nervös und gereizt ging er eine neue Schachtel Continental kaufen. Ich blätterte durch mein Album und erinnerte mich an die Bilder aus den bisherigen Spielen dieser WM. Die schwache Eröffnung gegen die UdSSR, die beiden Fernschüsse des Riesen Dasayev von außerhalb des Strafraumes; dann das erste Tor von Eder und der Strafstoß Zicos, die Art, wie Júnior den Ball zwischen den Beinen eines geschafften Füllol hindurch dribbelte. Es war dies die erste Meisterschaft, bei der ich auf den Klang der Namen der Spieler aus anderen Mannschaften achtete. Niemals würde ich diese Tiganas, Pfaffs und Breitners vergessen. Ich fühlte mich seltsam, aber letztlich war es dort, vor dem Fernseher ohne Ton sitzend, dass ich – die fernen Stimmen der Nachbarn und den Krach der Feuerwerkskörper im Ohr – wirklich zu verstehen begann, was es bedeutet, etwas Großes im Leben zu leisten: Nämlich ein Teil der Geschichte zu sein oder zumindest den so liebenswürdigen Vater zu beruhigen und ihn glücklich zu machen. Die Luft war aufgebraucht und die Stille war genau wie jene Stille, die wir tief in uns tragen und die sich in alle Organe unseres Körpers ausbreitet, wenn das spurlose Verschwinden eines uns teuren Angehörigen jede Möglichkeit eines Wiedersehens zunichte macht.

5

Als er mit den Zigaretten zurückkam, war das Wohnzimmer leer. Das Album lag auf dem Boden. Es war auf jener Seite aufgeschlagen, die endlich das letzte noch fehlende Bildchen erhalten hatte. Der Wechsel von Siegestaumel und Wehklagen setzte sich in der zweiten Halbzeit fort und verursachte Herzrasen und Bluthochdruck. Bei den letzten Seufzern hatte sich die ungläubige Sonne bereits angeschickt unterzugehen, als es noch einen Freistoß für uns gab. Ich hatte mich schon eine Weile aufgewärmt (noch etwas mehr, und der Rekord Jorge Mendonças aus dem Jahr 1978 wäre geschlagen gewesen), als Telê mich rief. Er gab mir keinerlei taktische Anweisungen, redete jedoch auf eine Art mit mir, die mir Selbstvertrauen gab. „Junge, geh und regele das für uns!“ Diese ebenso zurückhaltende wie auch hoffnungsvolle Aufforderung ließ mich sofort in den Strafraum rennen, noch ehe mir Chulapa meine Position zuweisen konnte. Eder hatte es eilig und rempelte den Maledeto an, der beim Strafstoß im Weg stand. Ich machte ihm ein Zeichen den Ball am zweiten Pfosten abzugeben, aber Oscar zwinkerte mir zu und ich verstand alles. Unsere Falsche Neun zielte genau und der Innenverteidiger nahm den Ball an und köpfte, Zoff wehrte noch auf der Linie ab, fast wie ein wundertätiger Banks, und der Ball ging nicht ins Netz. Was mir immer am Doppelkopfball gefallen hatte, war die Abwehr des Balles durch den Torwart. Auf diese Art habe ich gelernt Doppelpässe auf kleinstem, unebenen Raum auszuführen, da der Hof im Gemeindezentrum aus Lehm war und in der Mitte einen Pfost hatte. So habe ich auch gelernt immer für einen schnellen, abschließenden Schuss bereit zu sein, um den Schlägen und der erneuten Positionierung des Torwarts zuvorzukommen. Das war sehr nützlich im Sarriá, dem Stadion von

Barcelona (niemals wird es wieder ein Stadion mit ähnlich schönem wie auch schrecklichem Namen geben), denn Zoff schlug den Ball zurück, was zu einer verzweifelten Rennerei führte. Bergomi, Jaiminho und Scirea liefen in Richtung Tor; Beto, Cabrini und Osvaldo verhakten sich im Bestreben den Ball irgendwie zu schießen ineinander, wie Hungernde, die in einer ungeordneten Schlange die Arme flehend nach der Speisung recken. Im allgemeinen Durcheinander hielt Léo Gentile noch am T-Shirt fest, was aber zum Glück niemand sah, auch nicht der Schiedsrichter. Ich kann mich nicht erinnern, wie ich vor allen anderen nach vorn kam. Vor dem Schuss und bevor ich mir das Hemd vom Leib riss und durch ganz Barcelona rannte, bemerkte ich hinter dem Maschendrahtzaun ein bekanntes, mich fixierendes Gesicht. Dona Sebá, um Gotteswillen, ist das der richtige Moment hier aufzutauchen? Das Blau ihres Kleides blendete meine Augen, aber der Gedanke an die mit dem Randstein gespielten Doppelpässe machte meine Bewegungen noch schneller. Der Ball fand genug Raum für drei Aufsetzer und ich hatte meinen Fuß mit einem derartigen Verlangen nach dem 3:3 aufgeladen, dass das Geräusch des sich unter dem Aufprall blähenden Netzes die einzige Partitur ist, die mich bis zu meinem Ende begleiten wird, wo auch immer mein Grabstein aufgestellt werden sollte. Das Stechen in meinem Schenkel hinderte mich nicht daran mich in der Ecke mit all meinen herbei rennenden Freunden zu treffen. Ihre gelben Tricots triefen vor Schweiß. Als wir uns langsam voneinander lösten, nahm Cerezo mich auf seine Schultern, von wo ich den Fans zuwinkte und mein Trikot über mir kreisen ließ. Einige stürmten auf's Feld und ich weiß nicht, wie lange diese vorweggenommene Feier dauerte. Bevor ich auf die Mitte des Platzes wies, um das Ganze abzuschließen, sah ich meinen Vater inmitten der Nachbarn, die sich in den Armen lagen. Er zeigte ihnen strahlend ein Foto, das mich im Schatten einer großen farbigen Plane zeigte. Mutter lächelte darauf und hielt uns an den Händen.



The image features a repeating geometric pattern of squares and triangles. A dark gray triangle is positioned in the upper right quadrant, containing the word "ENGLISH" in white, uppercase, sans-serif font. The rest of the image is a light gray background with a grid of squares, each bisected by a diagonal line from the top-left to the bottom-right.

ENGLISH

A PANORAMA OF BAHIAN LITERATURE

The creation of a specific Literature department at the State of Bahia Cultural Foundation was one of the measures included in the administrative reform carried out in 2011. That new department, directed and brought to life by Milena Britto, has the mission of developing a set of formulations and activities related to literature. In other words, the aim was to build up a state policy on literature, which is considered an important segment of the arts.

Funding arrangements were put in place to support different genres of literature and related areas, such as creation, circulation, publishing, publicity and education, among others. Between 2012 and 2014, the State of Bahia Cultural Fund's Literary Grants Program has invested BRL 1.9 million in 65 projects in the state capital and the interior. The Arts Calendar has carried out 24 projects throughout the state, raising a total of BRL 312,000 during the same period.

The educational side was a prominent feature. The department organized free classes held in Porto Seguro and Vitoria da Conquista in 2013, and in Itapetinga and Mutuípe in 2014. The Writing in Transit project enabled renowned authors from diverse backgrounds writing in Portuguese in various styles to teach workshops in 2012, 2013 and 2014 with a view to improving the work of Bahian writers and nurturing new talent. The Poetic Action in the Communities program since 2012 has held artistic workshops and poetic events in low-income areas such as Alagados and the Solar do Unhão. In 2014, it was the turn of Pirajá.

Connecting literature, authors and readers occupied a prominent place in the department's initiatives on Literature. Important names like Mia Couto, José Eduardo Agualusa, José Miguel Wisnik, Sérgio Vaz, Jorge Mautner and Eliane Brum took part in Plugged Conversations in which they interacted with the public in the main hall of the Castro Alves Theatre. These events were broadcast live on the IRDEB website. The Making Poetry and Fiction in Bahia project, launched in 2012, allowed 25 writers of fiction and poetry to meet with their readers in lively chats. They included names like Aleilton Fonseca, Ruy Espinheira Filho, Denise Carrascosa, Carlos Ribeiro, Roberval Pereyr and Karina Rabinovitz. Those encounters were held in Feira de Santana and the Engenho Velho de Brotas and Plataforma districts of Salvador.

The department also encouraged the organization of the field of literature. Accordingly, in conjunction with the literary community of Bahia, it built up the Sectorial Board for Literature. Since early 2013, it has been an important partner in building the state's policy on literature. Related areas such as books, reading and publishing are also included in the effort to provide Bahia a policy on literature. During the Bahia Biennial, festivals and book shows, the Department of Culture has allocated space and given visibility to the Bahian writers.

Attention to the dissemination of our literature in Brazil and abroad inspired the Bahian Authors: A Panorama project. The first volume of the anthology, published in 2013, brought together 18 authors of fiction and poetry selected by a highly qualified curatorial committee. Translated into three languages - German, Spanish and English - the book was widely showcased at book fairs like Frankfurt, and distributed to publishers, institutions and specialized journalists.

The good reception and success the project enjoyed prompted the second volume now being published. It brings together writers Antonio Brasileiro, Cyro de Mattos, José Carlos Limeira, José Inácio Vieira de Melo, Lande Onawale, Laura Castro, Luciany Aparecida Alves Santos, Marcus Vinicius Rodrigues, Maria da Conceição Paranhos, Mariana Paiva, Narlan Matos Teixeira and Tom Correia. Aleilton Fonseca, Florentina da Silva Souza, Jailma dos Santos Pedreira Moreira, João Vanderlei de Moraes Filho, José Castello, Kelvin dos Santos Falcão Klein, Milena Britto and Rachel Esteves Lima were on the selection committee for the second volume of the Panorama.

This book has the same goal as the previous one: making poetry and fiction from Bahia better known in Brazil and worldwide. Again, it is multilingual, and will be distributed at trade fairs and to publishers, journalists and institutions. It seeks to encourage the translation of writers from Bahia. This panorama of Bahian authors occupies a strategic place in the policy on literature that is under construction in the State of Bahia.

Antônio Albino Canelas Rubim
Bahia State Secretary of Culture

The publication of this second volume of *Bahian Authors: A Panorama* brings together 12 writers and certainly creates new intercultural dialogues by presenting our literary output to a continent of readers of Spanish, English and German.

Ten years ago, Brazil enacted its first law on books, which made it possible to construct the National Plan for Books and Reading, or PNLL. Unprecedented in the country, this plan marked the beginning of a process in which the state and society join forces to build favorable conditions for the development of targeted public policies for books and reading, professionalizing the sector of production and increasing access to constant efforts to stimulate reading.

Publishing, translating and distributing books are key tasks for the internationalization of public policies that strengthen the supply chain for books, and are activities that require joint and continuous efforts. With this volume, the Department of Culture of the State of Bahia, through its related foundations and its Office of International Relations, is providing a key stimulus for reading and showcasing Bahian authors in Brazil and abroad.

Fátima Fróes
Director General of the Pedro Calmon Foundation

DISSEMINATING BAHIAN LITERATURE

Investing in the dissemination of Bahia's artistic production has been a priority for the directors of the State of Bahia Cultural Foundation (FUNCEB) over the course of the last four years. Through the Arts Dissemination Program, several projects and initiatives have sought to increase the visibility and enjoyment of the creations of Bahian artists.

In that regard, one challenge is to showcase our artistic output not only within the state itself, but also beyond borders in the country and abroad. We must include contemporary art from Bahia in the national and international circuits of dialogue, dissemination, criticism, and audiences. It is key to increase the number of destinations and the possibilities for consumption of what is produced in Bahia's towns and cities.

In partnership with the Office of International Affairs of the State Department of Culture, FUNCEB has been seeking pathways for this export policy: a task that requires numerous links and partnerships and whose results will be presented procedurally, since this is not a short-term project. We hope that the developments are not sporadic but will help to structure new perspectives for different sectors of the arts. Within the sphere of literature, this effort includes the participation of the Pedro Calmon Foundation (FPC), the state institution responsible for policies on books, reading, archives and heritage.

In October 2013, when Brazil was the country honored at the Frankfurt Book Fair, we launched the first volume of Bahian Authors: A Panorama, which brought together 18 authors: Adeline Souza, Aleilton Fonseca, Álex Leilla, Antonio Risério, Carlos Ribeiro, Daniela Galdino, Florivaldo Mattos, Hélio Pólvora, João Filho, Karina Rabinovitz, Kátia Borges, Lima Trindade, Luís Antonio Cajazeira Ramos, Mayrant Gallo, Myriam Fraga, Roberval Pereyr, Ruy Espinheira Filho and Ruy Tapioca. They were chosen by a committee formed by Antonio Carlos Secchin, Antonio Marcos Pereira, Jorge Araújo, Josélia Aguiare Nancy Vieira, and Milena Britto, Director for Literature at FUNCEB.

At that fair, which is the world's largest gathering for the publishing industry, literary agents, publishers, translators, teachers and journalists received copies of the book. It was also sent to major newspapers, libraries and universities in Brazil and abroad, in addition to the Guadalajara Fair in Mexico, a major event for the Latin American market. Important literary agents, foreign publishers who work with Brazilian literature in Germany, Switzerland, Italy, the UK, France, Spain and Argentina, centers for Brazilian literary studies and literary translators from various countries also received copies.

A year later, this new publication is guaranteeing the continuity of that project. The second volume of *Bahian Authors: A Panorama* presents 12 more names from Bahia's current literary production. They are Antonio Brasileiro, Cyro de Mattos, José Carlos Limeira, José Inácio Vieira de Melo, Lande Onawale, Laura Castro, Luciany Aparecida Alves Santos, Marcus Vinicius Rodrigues, Maria da Conceição Paranhos, Mariana Paiva, Narlan Matos Teixeira and Tom Correia, chosen by a committee made up of Aleilton Fonseca, Florentina da Silva Souza, Jailma dos Santos Pedreira Moreira, João Vanderlei de Moraes Filho, José Castello, Kelvin dos Santos Falcão Klein and Rachel Esteves Lima, once again accompanied by Milena Britto. Like the first, these works have been published in the original Portuguese, and translated into English, German and Spanish.

These authors were selected on the basis of the following criteria: living authors, aesthetic variety, different generations, literary genres, styles and locations; writers who are still little known outside Bahia. To showcase the diversity of Bahia's literary production, in addition to having internationally recognized writers represent this part of Brazil, this book also takes on other equally Bahian identities through writings that connect in different ways with what is expected from this state. Bahia is as diverse as it is vast, and our goal is to do it justice by enabling more people to get to know the beauty of these authors' words.

This initiative is on the same page with Federal programs carried out through the Ministry of Foreign Affairs and the Ministry of Culture, via the National Library Foundation, to disseminate Brazilian literature abroad. This is the first time a specific project has focused on Bahian authors, and we want to give a privileged place to the recognized value of Bahian literature, introducing new facets of its full and active existence.

Nehle Franke
Director General of the Cultural Foundation of the State of Bahia

Milena Britto
Literature Director of the Cultural Foundation of the State of Bahia

THE CAT'S TALE

for Jorge Amado, from the heart

*The old things have gone;
Behold, all things have become new.*
Galfredo de Vinsauf (ca. 1210 C.E.)

1.

It all started with the cat looking at me. It stared for a very long time – and there I was, I don't know... absorbed?

As a cat, I perch on the rocking chair and start hearing a different kind of sound coming from the sea. Ah, it's the ships of Pedro Álvares Cabral. So it's not important. They've been here before. Nice folks. They're tired when they get here.

"This is complete crap, isn't it, Pero?" asked the Captain.

"Perhaps, Captain."

"Catch that cat, it must be wild."

"No it isn't, Captain. And it wants to speak to you."

"It's cheeky then?"

"Perhaps."

I came closer to the man. He was chewing his nails and scratching a sparse goatee. Which was probably a bit dirty.

"Looks like you're Cabral," I said.

("Looks like you're Cabral," wrote the scribe)

"Yes, I am."

"I have fresh water in the fountain," I continued.

"Ah," he exclaimed. And addressing his men: "Boys, take good care of that water. It's just for drinking." And, scratching his beard, to me: "And where does one bathe here, little cat?"

"We don't bathe here," I replied.

("We don't bathe here, Captain," wrote the scribe)

"Pero, write that down: we don't bathe here."

"It is already done, Captain."

"And who ordered that, you fool?"

"Very good, Pero, very good," wrote the scribe.)

I don't know where the discoverer went to have a wash. At about four in the

afternoon, he set up a contraption under a mango tree, ordered some mead and lay down to cool his feet. From his ships, anchored beyond the reefs, sails furled, there came the uproarious noise of men singing archetypal fados.

"So we are doing very well," the cat told me. Or, I told him, it doesn't matter. "We've barely settled in and here comes a famous visitor," he continued. "For you must be beside him. This here will be a real market for visitors ... uh ... living room ... no..."

"What's wrong with you, cat?" I frowned to chastise the critter. "Such doubts. Such doubts."

"And are there no doubts?" the obnoxious creature asked me.

"Want to philosophize, hey? I'll give you a flick in the ear..." He got away. "Questions, questions. He's a little Shakespeare, that's for sure. I'll soon light a fire to fry him. Let me see that navigator."

He's certainly lazy. He travelled the seven seas, landed on these shores and now he's snoring like a suckling pig. Incapable of distinguishing, clod that he is, the fantasy of reality, he may think that he has just come to take a look before continuing on his journey. That's what captains are for. Of course that's what they're for, nothing wrong with that. I'm referring to his denseness in seeing a cat in me and not a non-cat. I'll present myself as soon as he wakes up.

It's a lovely afternoon. It reminds me of my father taking me to Gamboa to see the sun set over the sea. "That there isn't the same sun, my boy," he said. "In the 20s, the star didn't set until we'd recited something by Olavo Bilac." And my father seemed to recite once again, in his silence, the Olavo Bilacs of his fantasy. Because soon that sun will set. Younger than my father's sun? Ah, how can we provide certain solutions without running into those damned ellipses? And of course the navigator is snoring away, and I will soon wake him for a chat. But isn't it also clear that all this is make believe, a pact with the cat, metamorphosed in him, although he is him when I want and also when I want, I am me? It's a beautiful afternoon of few words. And it all looks more and more like the fantasy of the great historians, like the one named Dilthey would say, where a strong causal link ends up making a retrieved reality more real than that which actually existed.

The seafarer is catching flies. Let me get closer.

"Did you sleep well, lord navigator? The ship Catarineta is over there, dreaming of a certain Pedro..."

The man stared at me with some surprise: "What is it, cat? What is it, cat?"

"What cat?" I retorted angrily.

Then I immediately took on a human air, looked deep into his eyes and he became somewhat bewildered, asking "What is it, cat?" I took advantage of the situation to assume my position as lord and master.

"Do you know whose house this is?" I asked, not without insolence.

But the stupid man just muttered "crazy cat," got up all of a sudden and walked, barefoot, towards the surf. He's going to drown, I thought. He didn't

even roll up his trousers to go into the sea or even slow down the pace of his footsteps. And I saw him sink quickly until he had vanished altogether, the water making a “plop” sound when it closed over his head. A few moments later, he reemerged further ahead, on the surface of the water, ready to climb the rope ladder attached to the side of the ship. His men, including the ones who had accompanied him on land, now also on board, tossed their caps in the air.

“Ha-ha,” the cat laughed softly. “We’re all alone now. Well, of course... In fact...” and Shakespeare was stammering once again.

“Well now,” I exclaimed. “Did I really hear a cat laugh?”

I stared at the animal, which kept quiet, watching the last sails disappear over the horizon. Behold the proof of the phenomenon: the cat was the cat, I was me. It is possible that he had not snickered, but it did not matter any more. What did matter was our separate existence. There he was, taking leave of visitors; here I was, full of memories. My poet friends were imbued with a blind belief in happiness for all. This was what made them great. But I knew that was not it at all. I knew it and hated knowing it. Made for illusion, I grudgingly discovered the truth.

In the Thermopylae gorge, Leonidas, three hundred soldiers and I confronted the king of Hell, to the death. History knows who won. But it doesn’t matter. Let it weigh on its heavy conscience. By chance aren’t they vain truths if they do not drive us mad?

“Either mad or evil-looking,” adds the cat, with that laugh of his.

But we had to go into the house. Or not go in.

“You know, cat, the fact is that I didn’t stand alongside Leonidas at all. I just like to build beautiful sentences.”

“I can see that,” said the cat. “Therefore...”

“Therefore...?” I inquired about the ellipses.

“Therefore you are here, aren’t you?”

“What do you mean by here, cat?” I was starting to bridle at the creature’s riddles.

“What are you implying?”

“Well now,” he smiled cynically. “I thought you already knew.”

“Knew, cat? Knew?”

I should have been pounding a table if there were one. But I really needed to pound a table. I ran inside the house and brought one out.

“Here we go,” I said, jamming it into the sand. “Let’s keep talking, stupid cat.”

“Where was I?” he said, trying to recall.

“Don’t you know? Find out. Immediately,” I ordered.

“Why immediately?”

“Why? Why?”

“By chance, haven’t you opened these drawers?” he observed.

“Ah?”

“Open them,” he said.

2.

Then Tzu appeared. And he said,
"I'm Tzu."

And he sat down beside me.

Lying on the sand of the beach like Mayan statues, we pointed to the fringe of waves on the reefs and the spot where Cabral's ships had been.

"Beings like us, Scatimbur," he said, "need to be sure of two things: one so we do not doubt ourselves; the other, to pretend that we believe what they believe. Except that, that way, they'll put us in a straitjacket."

Tzu was a poet. I had just closed this notebook when I saw him approaching from my right.

"Have they really gone?" he asked me.

And he stared at me with his oblique eyes, forcing me to smile or wanting to smile.

They? I thought about asking, but didn't.

"The navigators," added Tzu. "The navigators who were here."

"Oh, you saw them too? I thought it was just me who had seen them, me and the cat."

Tzu looked for the cat, but the rascal wasn't there at that moment and I felt a little awkward. Tzu might think I wasn't right in the head.

Just the two of us lived there for a few days. Much of the time we were silent, either picking oysters to cook or fixing the pole fence or the rafters of the house. At night, we talked. Then the cat would approach us and follow everything we said, turning to Tzu, then to me. Tzu used to show me a poem he had written during the day; he would draw the lamp towards him, pull a blank sheet of paper from his pocket and read. I asked him once:

"If you already know the poem by heart, to the point of not even needing to copy it onto paper, why not dispense with the paper?"

He stared at me with his boyish eyes, as if amazed. I repeated myself, he listened intently and was still amazed. So I let it go.

3.

I said I slept for rhetorical effect. That I slept and dreamed. And now I am awake again. But it is all rhetoric. Who sleeps? Who dreams? This is a happy tale – isn't that enough? Tzu touched me on the shoulder:

"Were you meditating?"

"Me?"

"The sea is so calm," he went on. "A short while ago, I saw lions roaming around you and feared they might harm you. You were so absorbed."

"Lions?"

"They sat down before you and started watching you. They seemed..."

I interrupted Tzu.

"Look Tzu, all I do is live alone. I met a fellow who got up every day at four in the morning to write. He did that all his life. He filled two hundred notebooks with that cramped handwriting. What did he put in them? Everything. Sometimes a poem, sometimes a reminder."

"Disorderly."

"Disorderly, like his life."

"Like his life?"

"Like a life, isn't that right? Order is chaos."

"The sea is calm."

"The sea is never calm, Tzu. Where have the lions gone?"

"They went into the sea."

"You're very nice, Tzu. I wish you were real."

"Why?"

"Why?" We were silent for a moment. "You know, Tzu, the worst thing is this beastly life."

"But that's what you are saying..."

"...this beastly life?"

"...would it be something interesting to hear?"

"No, it would not."

"Let us speak of lions."

"Yes, let us speak of lions."

Tzu once again repeated that lions were roaming about me, but that my eyes were closed.

"The lions stink," he told me. "I'd forgotten that when imagining them".

"You imagined them? Ah..."

Tzu closed his eyes for a moment. He thought about the lions.

"I am thinking about the lions," he said.

"I know."

"But the lions do not exist."

"But you were thinking about them."

"I know."

Tzu closed his eyes again. When he opened them, he faced me:

"And I don't exist."

"I know. I made you up."

Great art is born of silence. I could invent a thousand stories if I knew the explanation for some things. But I've always doubted that I can explain anything. What we do all the time is give a nexus to the chaos. And does chaos lack another meaning than being what it is? There is no nexus. The masterpieces, strictly speaking, are false. Behind them, what really exists is our inability to understand.

I thought about these things while Tzu was absorbed, letting a fine stream of sand run gradually from his hand. The man who invented the hourglass must have designed it at a time like this. When the sand ran completely out of Tzu's hand, he opened it against the sun and blew away the scattered grains that were stuck there.

"However," I observed, "some grains do not come away with a single puff."

Tzu looked at me and smiled, as if I had caught him by surprise.

"But I can remove them like this," he said, making as if to brush them off with his other hand.

"Yes, you can. But what for?"

Tzu was a poet. I created him so I would not feel so alone.

The cat soon appeared, out of breath, to say that the navigators were back.

"In the cove," he pointed.

"The navigators?"

"Yes, Cabral and others. And others," he added.

"Calm down, cat."

"And women too."

"Let's go over there."

We went over there. "Good morning, ma'am," I said.

There were some coquettish women who looked at me in amazement. And they began to laugh, hiding their mouths with white hands, as if to hide their laughter. I really thought they were speaking a strange language. They were the only ones there, and I even thought that the navigators were them, and the cat might be mistaken.

"Pero!" they shouted, suddenly excited.

It was the scribe. Pero embraced them, not without some shamelessness because he was fondling their breasts, and came over to me, embracing them, and extended his hand.

"We're going to stay a little longer in your land," he said. "We've brought women."

The women, as I understood afterwards, did not belong to anyone in particular.

"They liked you," said Pero with a wink. He must also have been a little drunk. His speech was slurred. One of the women came up to me and poked me, as if to make sure that I existed. The others laughed.

"Don't mind them. They're a little mad," said Pero.

I also ended up acting a bit stupid and started to poke one and then another and they laughed at everything. In a few minutes we were rolling on the floor, and because they were wearing lots of skirts, one under the other, I ended up with my eyes full of sand and felt embarrassed. Pero shamelessly tried to undress one of them, who laughed non-stop. They played cat and mouse and disappeared into the forest. Then we heard a trumpet.

Only then did I realize that there was a ship out at sea. The women stopped laughing and started screaming for Pero, very apprehensive. It is some sort of

order, I thought. As if everything should go back to reality. They shook the sand from their clothes and I did likewise. Pero and his girl appeared, looking serious. Again the trumpet. The women ran and I felt a blow to the head.

I do not know how long I was out cold. I was stuck to the ground, my body tangled in thin ropes, arms and legs open and also tied to the ground. I had to squint because the sun was dazzling.

"Very well, Mr. Gulliver," I heard someone say behind my head. I recognized the man; it was Cabral.

The first thing I thought was that I had passed out. Had they hit me on the head? I had never fainted before and it didn't seem so bad. The son of a bitch wanted me to talk about the cities. It might seem strange for me to shift to that subject, but I can explain; there is nothing strange when we explain something. Cabral was standing behind my head, so I viewed him rather awkwardly: not that I felt humiliated by seeing him from the bottom up. Incidentally, he did not have the attitude of a lord or tyrant, as the weak might imagine, but a grotesque and ungainly size that merely bothered me. He wanted me to tell him about the cities. I said,

"My opinion about the cities is this: to keep talking about them is to like them. And I hate cities."

"Yes, yes," he agreed. "But is there a reason for your...?"

"There is."

"What is it then?"

"Look, boy, it took me years to discover the reasons, though, deep down, I already knew everything. Even you must know everything. If we keep talking about this subject, I'm going to get up and strangle you."

"You are all tied up."

I closed my eyes. (Not sure if I was still out cold.) The cat purred in my ear, rubbed his fur on my face, and I opened my eyes.

"Were you meditating?" he asked me.

"Me?"

"The sea is so calm," he said. "I saw lions roaming around you and I was trembling with fear lest something happen to you."

"Lions?"

"They even sat around and were watching you..."

It was *déjà vu*. It had all happened before, I did not know when or how. The cat continued, or I think he did, and perhaps I conversed with him but what was going on in me was that dialogue, no longer repeating a past dialogue but happening again in the future, and again, and again - an endless succession, not the idea of dialogue, but the dialogue itself, and always complete every time. Until it no longer bothered me to follow them, count them, live them. It was a kind of swell wave to the head - the characteristic noise of existence: pure existence. So then I associated the cat's conversation with that of Tzu. Tzu, the poet. I must have smiled slightly when thinking of him.

My impressions were always like that: they didn't last long. The navigator, with his ruffled shirt, grimy, the color of useless nobility, the navigator insisted that I speak about cities.

"The cities of the future, Scatimbur," he appealed, calling me by name, I do not know who could have told him it. "The king is a twit who dreams of impregnating 500,000 women to populate this wilderness. He asked me to have my men leave their seed here, as if this land were awash with these women, while he and the cartographers discussed the possibility of sending forth an expedition of refined sperm. But the kind of people he plans to send only think about writing sonnets. I'm irritable today, as you can see. Tell me about those blasted cities. Pero will write it down."

Did I say I was lying down? I thought of repeating a line by Diogenes: "Listen here, man, don't block the sun." But our admiral was a big boy and I decided to sit down. Some thin cords popped around my body, crumbled in three seconds, and the wind carried them away. Pero appeared with a stack of paper, an inkpot and a peacock feather.

"Every city is a laxity," I began.

"One moment, friend," said Pero. "Let me unpack this paper. Ready."

"I said," said I, "cities are the inventions of the weak, those who no longer hunt, those who do not steal women and do not kill their neighbor..."

"Yes, yes," said Pero. "I am keeping up with him." And he wrote: "My lord, since the commander of this your fleet, and the other captains, wrote to Your Highness giving news of the Discovery of this, your new land..." "Go on, friend, I am an agile scribbler."

"Look, Pero, your belly is already over-large. When I'm your age ... How old are you actually?"

"Forty-nine."

"When I'm your age, I will ask four or five virginal ladies to dance on my belly..."

"Ladies...?"

"Virginal...every morning. That way you will never see me with a belly like that."

"I will lose it very soon, in Calicut," the scribe said and laughed.

"Yes?" asked Cabral. Certainly asking me to go on with my story.

"The cities? Now, boy, tell your king that he can flood this blasted place with sperm as he desires. Five hundred years from now, we will not be anything more than a little puppet republic."

"Excuse me," the admiral said. "I did not want to annoy you. I am also of the opinion that the king is a dreamer."

"And who does not dream?" asked Pero with a wise air. "We observed him out of the corner of our eyes. He coughed, scratched his chin with the tip of the feather, got himself dirty and gave a penitent smile."

"The stories are endless, are they not, Scatimbur?" said Cabral, himself hardly philosophizing in his criticism of the poor scribe. "The king is in his court, we are here. You are telling me that everything is a dream, and yet, we will leave for the Indies in a few days. We will disappear and those waves there will remain the same. What I would really like to do is fuck some Lisbonites I left waving in the port of Belém."

(I would like to put a few things in order. First, the scene: that cottage on the beach, a leafy mango tree, reefs splitting the sea with a fringe of foam. Then the time: the Portuguese discoverer jumps five centuries, the narrator goes back five, and in the clash of illusions, fills the idleness. Finally, the characters: the narrator, the cat and cat-narrator, the poet Tzu, who, strictly speaking, does not exist; and Cabral and Pero, a kind of body and head, not knowing which of the two is the most expendable. They are also intertwined with dreams, but the dreams can be bracketed.)

"Nothing should be set aside," Cabral bellowed suddenly. "This shit should continue just as that madman wants. Doesn't he want a nation? Then a nation he shall have. Write it down, Pero: the entire land is wonderful, no snakes, no mosquitoes, no jaguars... etc., etc. Everything here is marvelous. And let us make haste with the discovery. Sailing is necessary. Am I right, Scatimbur?"

The man was irritated and scratched his goatee all the more.

And then everything was unbelievable. The sailors suddenly surged onto the beach, the women giggling helplessly and we - I mean, me, Tzu and the cat - casually astonished. While we were watching a group here, the one that had been over there disappeared. And when we looked back where we were, the place was empty. Pero Vaz, on a pile of sand, legs crossed, was jotting something down. I approached.

"What's happening, Pero?"

"We're going to set sail. The Captain must have been dreaming."

"Just because of that?"

"Just that?"

And then, while writing something down, he told me about the Captain's dreams.

"He sees far ahead, centuries ahead. And you know what he's been seeing? This beach. Crowded with half-naked people. And here and there, a few cloth tents. There behind them, some nimble carts, but no beasts to pull them."

"Hum!"

"...no beasts."

"Are you writing this down?" I asked.

"Here? Hum hum. Only to conclude the report: From this Porto Seguro, on your Island of Vera Cruz today - what day is it? Friday? Friday, the 1st day of May..."

I turned to Tzu. "This guy is really a nutcase, eh?" I was going to ask him. Tzu was looking out to the distant sea, the ships vanishing. Quickly. The cat sharpened his claws lightly on my shins. I bent down to pet him.

"Are you talking to yourself?" he asked.

"Ah?"

I looked around, Pero was no longer there. Nor was Tzu. Nor were the ships.

"Cat!" I exclaimed. "Cat! Cat!"

There was nothing but cold sand from the beach in my hand. Very fine, it ran through my fingers. Some grains shone momentarily, more than the sun.

GENARO THE COWBOY

(These prose fiction texts are part of the novel *Os Ventos Gemedores* (The Wailing Winds), published by Letra Selvagem, São Paulo, 2014)

Confident steps in the pure light of day. The brow comforted because it knows the paths lit inside him by feelings of hope – desires forged with ardor on hard ground, showing that one man is the sole master of this world. God did not leave the earth for the enjoyment of just one or a few, and oppression for many. And following those who form the majority, sons and grandsons repeat this imbalance, arriving to leave life, never freeing themselves from the same bonds. The same thing every day for the harnessed, working hard, earning just enough to eat. Each one will become compost for the earth in the end, in a ditch that is never filled. Steps along paths that make thoughts flourish, which now arrive from the damp distances of sweat, warped in the hours worked with a machete, axe, scythe, spurs and lasso. After so many years lived with work drawn on Vulcano Brás's property, mixing with ground and re-ground feelings, nothing can make him forget what will soon take place, walking with him like a daydream, producing land in equal measures and clear water for all.

Rays of sunlight fall onto the leather hat, round like the small helmet of a warrior. They shine on his jerkin like leather armor, in boots which enclose his feet, legs and up to his thighs. Dauntless, without hesitating at the ideas lit by the certainty of victory, he heads towards the day of final reckoning with Vulcano Brás and his henchmen. The figure of the rough warrior is moved by a sharp gesture, to cross the layers of light which fall from the blue sky with fat clouds. The dawn wind blows rapidly like a breeze on his face, on copper-colored skin enjoyed by the sun. His skill in caring for livestock is commented on and renowned in all corners of the Gold Zone. His way of throwing a well-aimed lasso makes him admired, even by the oldest cowboys. His sure way of leading cattle drives without losing any livestock on the long march for grueling leagues. The background sound of bleating, deep in the distant fields; the gentle call unlike no other on those stopovers. A bleating which silences surrounding nature, and all the more when it reverberates into the distance. A call which attracts and rounds up without any effort. I don't know how many cattle, with many of them arriving, jumping and happy for the exuberant grass.

He couldn't count the times that he saw the sun rise and set on the horse saddle, the bullocks which he castrated and branded, forming the herds of cattle which fattened on the slopes of Serra do Viradouro. He was the best at dealing with rot in donkeys and extracting calluses from livestock; there was none better at removing a sideways calf from a cow's belly, a difficult calving. And all that

hard work with Vulcano Brás's cattle, just to end up that way, empty-handed. There, in Vila do Pati, without his own piece of land to plant and harvest. Fencing off small pastures and having a few dairy cows, slaughtering some which were old and using the meat to be sold as jerky in the little village market.

In his leather armor, hat as a helmet, he learned to love the sun, rain, wind, stars and grassy moonlights. But voices in his purse said, stupidly, that they did not notice the swift passing of time, as he was so busy dealing with Vulcano Brás's herds of cattle. Through the vast fields, where looking for cows with their offspring to brand and count required effort, skill and courage. It took days when a cow hid with its calf in the thick thorny brush. Life had gone by all of a sudden; he didn't even notice that the yesterday of tomorrow was a moment from night to day.

The fat face of Aparício Ample-Paunch widened with the smile of someone who wanted to please the one arriving with a bad temper. "I want 30 horns of gunpowder, 40 boxes of bullets and plenty of pellets and cartridges," requested the confident voice of Genaro the cowboy. Aparício Ample-Paunch's look was somewhere between frightened and stupid. "Genaro, there is still time to give up on this madness of a rebellion. Vulcano Brás always thought that he could beat any kind of illness, but this time there was no way of escaping; it was really the end, if he was not already dead. And what was going to happen after his death, everyone knew. Work for many in the plantations to earn a crust of bread, while mountain ranges, valleys, rivers, plantations, forests, pastures with herds of cattle, the village, all that is here in this old, bottomless world belongs to Vulcano Brás and will pass from him to his wife and children."

Aparício Ample-Paunch's observations are sharpened knives in Genaro the cowboy's chest. Sharp points pierce the farthest points of his body. The thin face takes on a grimace that slits eyes sparkling with hate. Aparício Ample-Paunch is always against the louder grumblings about Vulcano Brás's grip, thinks Genaro the cowboy. Just that he is not able to hide that he benefits from that position; the satisfied life he leads as the only one who has a general store in the village, with a small business. The general store, always with an assortment of tools for working the fields, ammunition for firearms, fabric for clothes, casks of sugarcane rum, cans of kerosene, layers of beef jerky on the racks, bags of sugar, cassava flour and beans, as well as trifles.

"Everyone in this world fulfills their destiny," the voice of Aparício Ample-Paunch, wanting to convince. "Just as the fingers on your hands are not the same, a few in life give orders and the majority has to obey." Genaro the cowboy says that the world turns the wrong way. "The cows never give birth for many; even bulls give birth for some." He observes that the time has come to correct the mistake in these parts. Abelardo Ample-Paunch does not believe that could ever happen. Genaro the cowboy says that the soil will only be of any value in this world of Japar when any living being can step on his own piece of land. We

need to take the reins from the only despot around here. This is our struggle; we are not going to back down now. Abelardo Ample-Paunch insists on convincing Genaro the cowboy to give up on wanting to confront Vulcano Brás and his men. "Freedom earned with blood is worthless." Genaro the cowboy spits hard on the rough cement floor of the general store. Angry eyes on Abelardo Ample-Paunch. "I see that you have already chosen your side. I say to whoever is on Vulcano Brás's side when the time comes for the rebellion: we will not have pity on this despot! "

Aparício Ample-Paunch is alarmed by Genaro the cowboy's words. His cheeks quiver on his reddened face. Uneasy, he searches the shelves for the things that Genaro the cowboy has requested. He looks to one side, above, below, behind the counter, in the corners. Flies come and go in aimless flight. They buzz around the sack of sugar, shameless, some even land on the hairy arms of the general store's owner.

The trembling hands move the layer of jerky beef from the counter. They organize the gunpowder, the boxes of bullets, the cartridges and pellets in a coffin-like crate. He wipes a handkerchief over his fat face, dries his neck, damp with sweat. There is an expression of bewilderment in eyes fixed on the steps of Genaro the cowboy, leaving the general store with another man, who carries the crate of ammunition for the firearms on his head. Until the two men disappear into one of the alleys which turns into the street behind the square.

Creases on the face are marks that time has made while tending to the cattle in Vulcano Brás's pastures. His chest is covered in a threadbare shirt under a leather jerkin, made by hands that know how to raise cattle. The greatest desire of one man or another in those parts is to become a competent cowboy like him one day.

Genaro the cowboy and the other man, carrying the heavy crate on his head, turn away from the slaughterhouse. They go into a sandy street where there, at the end, men are waiting for them to reach the barricaded house.

The vision of Genaro the cowboy with the shacks in ruins, some propped up by wooden logs, others with walls full of holes, burns in their thoughts. They were erected on a small piece of land leased by Vulcano Brás. Payment to occupy the shacks on land with a sole owner comes in the form of one day's unpaid labor per week for thirty years, sometimes in the cocoa plantations, in the forest or in the pastures. Anyone who dies before completing the definitive acquisition period for the piece of rented land loses their shack to Vulcano Brás.

The fieldworker who is foolish enough not to vote for the candidates selected by Vulcano Brás when it is election time in the faraway city. Anyone who flees into the forest so as not to vote, for example, awakens to find his shack knocked down during the night. The trucks come to pick up the groups of fieldworkers on an earthen road, where the departure point is located, roughly twenty leagues from Vila do Pati. No-one knows how to write their own name and, even so, they

vote thanks to Vulcano Brás's artifices, handing over the voting slip to place in the ballot-box, already marked with the candidates' names. Everyone knows that here, at the end of the world, Vulcano Brás is the master of all living beings and things. He is the sheriff, judge and mayor, and even priests only enter his domain when called.

Inside the barricaded house, the men are looking tense. Some are smoking hand-rolled cigarettes made from tobacco chopped with a pocketknife. A mug of hot coffee passes from hand to hand. The one sitting on an old crate says that hot coffee is drunk by the smell. The other, that it is like a feeling of unity; it strengthens breath and warms the chest.

Those who are seated on a long bench outside stand up when Genaro the cowboy arrives, accompanied by the man who is carrying the crate on his head, sweat dripping down his face. "Good morning everyone. Sorry I'm late." He tells the man to place the crate on the table, then takes the lid off with a hammer and a piece of metal shaped like a knife. Happy, he displays the boxes of bullets, the pellets, gunpowder and cartridges. Men who were sharpening their work tools come up to him, inspecting the chest with the ammunition to be used in the coming battle. A small crowd soon forms in front of the barricaded house. "Everyone knows our goal. Now we must not be afraid of confronting Vulcano Brás and his men," the angry voice is as strong as a small wave, taking courage to each of the silent men. A strong heat courses in their veins like never before, at this moment when they gather with serious faces.

The men walk in silence, each hardened face looking ahead, knowing that they will tread a dangerous road. The enemy could suddenly appear with a force stronger than theirs on any stretch of that road. Leading the march, Genaro the cowboy and Guinó the hunter, being the man responsible for holding a white flag that bears words in red letters: LAND FOR ALL. Right behind these two is the Amerindian, Camamu, and a black man, Julião, each of them leading a long line of men who follow with firm steps.

The march moves slowly, each fieldworker takes inside him the memory of days worked with calloused hands that never rest from one sun to the next. Days of insect bites, sometimes from snakes. The thick-skinned animal shelters deep inside each of them, slowly corroding the nerves and feelings, never stopping in the invisible hunger. Axes, bits of iron, and a variety of rifles hang from clenched hands. In belts of braided vines, there are pistols, revolvers, machetes; hoes and scythes are exclamation marks on their shoulders.

Heads held high, the men pass by the street of Genaro the cowboy's shack. From the windows and doors, women, the elderly and children follow the men on parade, carrying all sorts of weaponry, with faces like that of an attentive animal. The steps make deep sounds on the dirt road. Genaro the cowboy leads the march with steadfast eyes in a vengeful face. Repeating rifle in his hand, bandoliers of bullets across his chest.

A boy in the doorway plays a tune from a flute made from hawk bones. The sad melody is carried off by the hot layers of wind, and floats away from the village until it finds men working on Vulcano Brás's land in the memory of far-off leagues. A warlike song then emanates from inflamed throats, a barbaric sound that comes from the earth and draws words of fire on the back of the leagues, calling the sun to light a dream that was timid at first, grew bit by bit, and finally became inevitable.

Let's fight
To gain our ground
Because life here
Ain't good.

Let's fight
To gain our ground
Because life here
Is for just one boss man.

Let's fight
To gain our ground
Vulcano Brás
Is the Devil's spawn.

The line of marching men led by Genaro the cowboy disappears, little by little, going down a hill. Julião, the black man, carries a sharpened scythe on his shoulder and an axe in his hand and the Amerindian, Camamu, a bow and poisoned arrows.

Julião is a thick-set man of mixed race, a large head resting on his shoulders. He used to be Vulcano Brás's muleteer when he had enough strength to lead the herd of donkeys laden with cocoa along trails and byways, mountain ranges and lowlands. A tamer of wild donkeys like no other in those uninhabited leagues. The animal would blow fire through its nostrils worse than the devil, bucking, and he would fall, clinging to its hair. He had broken ribs that were fused by time.

The Amerindian, Camamu, arrived drunk at Aparício Ample-Paunch's general store and left in a worse state, on unsteady legs. He once said that Vulcano Brás drove his people from lands left by their ancestors. He arrived riding a black horse, as black as the darkest night, the hired gunmen forming a band around him with repeating rifles cocked. He said that the Amerindians were invading his land, that they must leave immediately from a place where nothing belonged to them. The Amerindians who didn't want to leave, the gunmen killed, and those who didn't want to die, like Camamu, ran into the forest. They burned the village, killed almost everyone and the river ran dirty with blood. Camamu was even shot, not dying because God took care of him.

Ever since, Camamu had spent his life working in Vulcano Brás's fields. He went hungry with his wife and children, sometimes working while sick. But he had never forgotten that time when Baetá, the oldest woman in the tribe, said that Indians take a beating and die of suffering but do not work for the white men as slaves.

He wanted his land back to bring his people together again in Pinapá village. There was no money in this world that would buy his land; he could be used as its compost if they killed him, but he would not leave it again with his people when it was retaken.

A WOMAN

(These prose fiction texts are part of the novel *Os Ventos Gemedores* (The Wailing Winds), published by Letra Selvagem, São Paulo, 2014)

From the window of the shack she saw when the men passed by, having grown tall in their warrior-like appearance. She heard the song of a bloody war, led by unified voices with strong intonation to be repeated in the village air as something special. The song which came from poignant voices penetrated the chests of those who came to see the march, forming in them combined feelings of silent rebellion, shame and disapproval. The marchers passed, giving those who stayed in the village the hope that they would be freed from Vulcano Brás's grip.

After they had disappeared around the curve in the road, among the first advances of the afternoon with its cold breath with the start of winter, the men's song still rang in their ears for some time.

She moves around the shack in a hurry, closes the window and doors, placing wood bars. She lights a candle in a clay dish at the small altar, improvising with an old chest lined with hessian sacking. The little altar in the corner of the room, with a wooden crucifix, a clay Saint Anthony and Saint Barbara in an old glassless frame, eaten by woodworm at the edges. She asks the warrior saint to protect the steps of Genaro the cowboy and those who follow him on the march, now entering Vale das Garças. She asks the saint to fight on their side, giving them all courage at dangerous times. An Our Father, a Hail Mary and five *Salve Reginas* reel from her murmuring mouth. She finishes the prayer with religious chants, feeling vibrations all over her skin. Kneeling, with penitent breast.

Firm in the belief that the warrior saint does not fail in times of danger like this, which afflicts many of those who have stayed in the village, she is sure that the lady of the thunderbolts and winds will be there to guide the steps of Genaro the cowboy and those who follow him, protecting them when the moment of combat arrives with Vulcano Brás and his henchmen.

She goes to the chicken coop where she picks up a bowl to sort the beans that still remain in the can. A watery bean soup is enough to ease the hunger pangs for her and her children at night. She lights the wood stove to cook a little food with a piece of jerky and cassava flour. She knows that today is no different

from yesterday. The weak morning coffee that tastes like water, sweetened with black sugar or bricks of molasses. When there is some, each child gets a piece of stale biscuit. The chigoe fleas constantly disturb her when she is at the smoking stove. Better chigoe fleas than a larval infection in the head, malaria, snake bite and the damned hunger that never tires from nibbling at her guts.

She raises her face in the garden, driven by a desire that hadn't existed before. She fixes her eyes on Serra do Virote and then Viradouro. This is happening now after so many years, fixing her eyes on the mountain ranges, looking straight at them without anything to fear, without feeling that nausea and dizziness. As if the oppressive feeling which they had caused had abruptly withdrawn and taken to some distant place. Her eyes could not bear to see a certain heavy landscape, coming from the mountain ranges. Blood fled from the veins, and the sun spun in the mind, trying to fix eyes on the size and height of all that land weight, there, at the summits. Stifling the body and soul, the vastness of Vulcano Brás, great distances which were impossible to keep in one's mind.

Remember what grandpa Isidro said under the old inga tree. The little eyes, black and alive, wispy, white hair, now bordering on a hundred years old. The old sorcerer in the village said that one day, in the not too distant future, the mountain ranges would leave their place and tumble down in thunder, marking the end of the world. They would knock down the forests, bury the cocoa plantations, finish off the pastures. When all around within Vulcano Brás's confines was silence, in the most beautiful and pure dawn, a sole shepherd would come down from heaven to guide the new herds of cattle with his gentle staff. What would excite the most was the shepherd announcing the new kingdom of Saint Saruê, with all hands eating at a single table. New seeds would be sewn in the ground; new green shoots of light would be born, with abundant offerings, good water and plenty of fish for all. In place of Vulcano Brás's despotism, the sun would rise with an abundance of love, the morning as if it were paradise re-born. When he said that, it seemed that a spirit of light was in grandpa Isidro's thoughts, speaking for him that way at that time. With that gentle voice, puffing the smoke drawn from the clay pipe. He blew out the smoke gradually at each fieldworker who came for advice, a prescription, to resolve a disagreement and well, to take advantage of his kindness, shortening the path between heaven and earth.

It was common to wake up to the screams in the night. They pierced the clear silence, swollen by the village moon. Hands wanted to tear skin from the face, with the despair of something which could not get away from it, that dazzled eyes didn't want to see. Genaro the cowboy was exasperated; the boys cried out loudly. He screamed against the hell which he led living in those parts. Damned visions of the woman did not retreat with cursing, spat out from an angry mouth. "The heartless mountain ranges, Genaro, they come rolling down on top of us."

After the men led by Genaro started to sing that song of sore desire, suddenly courage took hold of her, feeling then at that moment that they would no longer

be afraid of fixing their eyes calmly at the mountain ranges. The certainty of victory that the men took on the march sprouted in the blood, circulated in the veins, flew in the hope of a feeling that she didn't know how to explain. The march of the men, with their crude arms of combat, Genaro the cowboy, dauntless, vibrating at that point of the most pulsating light, equally reflected in life.

In a distant past, having disembarked from the steamboat in Porto Verde, a city of white beaches, which was nothing more than a few narrow roads, some multi-story houses, a grassless square, a small hotel, a boarding house and the new little business close to the quay. The sheds near the quay to shelter strangers. She had never made a sea voyage by ship. The steamboat pitched, resembling a toy in the powerful hands of the waves. It rose and fell. The hours did not want to pass, monotonous and tiresome, the steamboat dragging in that same movement of the sea. When it sailed past the coast, she caught a glimpse of the large ship with men waving at the bow. A blue flag with a yellow cross fluttered on the large mast. The steamboat passed close to that enormous animal, so heavy that it crushed the sea, floating when it whistled, releasing smoke from the wide mouth of the large funnel.

The steamboat moved very slowly through the narrow and shallow canal. She marveled at the small houses clinging to the high hill, like a dog's snout entering the sea. The festive arrival; a few old people gave thanks to Jesus because they had arrived safe and sound from that long sea voyage. Young people had sprightly looks on their faces, for having arrived at that endless green land. Some even said that the hell of the caatinga had stayed in the past forever, buried in their trails of misfortune.

Almost a girl, innocence on the rouged face, ribbons in her braids, a white blouse with embroidered flowers at the breast. Her father, Amadeus, thought he would find paradise in the famous land of Japar. Good land that grows everything that is planted; seasons flavored with sun and rain. He wanted to forget about the rough landscape that scorched everything away, blazing by day, feverish breath in the twilight. The time of sowing nothing had ended. The constant marches with the band of outlaws through dry, cracked and deserted land. He wanted to regain direction in life, calmly, in green pastures, have his piece of land, a small field of grain was enough. In the old lesson of dreaming, he wanted to plant. Harvest, enjoy and rest on the generous land.

QUILOMBOS

Memory I

I would like to see you black
Black I would like to see you
If Palmares were still alive
In Palmares I would like to live.

The taste of freedom sensed, deep in the breast
Running, feeling the fields have life
Angola Janga
Land of free blacks
There all our lives
Every race, rage, desire
Africa
Africa (so suddenly stolen)
Dreams (so suddenly murdered)
Freedom (so suddenly exchanged for slavery)

Memory II

Black man running free
Harvesting, planting all around
If Palmares still lived
In Palmares I would want to stay.

The overseer's hatred is sticky, fecund
He can impregnate even the most sterile minds
With his penis of a whip.
The overseers spread cum
On the backs of the brothers
Guineas, Ardras, Congos, Agomes, Minas, Cafres
And the blood spurted with such force
That in Angola I was Yoruba, brother of Hausas
Ewes, Tapas and Sentis.
The nauseating smell of the sperm of torture
Made us stick together, using our more common hatred.

Dreams I

The king of Portugal
 Ordered my people killed
 If Palmares still lived
 In Palmares I would want to be

Cumbe in Paraíba, Alagoas, Macaco and Subupira
 Mangueira, São Carlos, Portela on the Avenue
 How many?

Yesterday I died in Andalaquituche, Tabocas, Amaro, Acotirene
 Today in Juramento, Borel, Turano, Salgueiro

I died climbing the mountain
 I roll down the hill every day with the decisive air of a fresh corpse
 When night falls I see, deep in each dish, the reflection of candlelight
 And dreams to devour

Dreams II

I see you my happy people
 Your dream wanting to feel
 If Palmares still lived
 To Palmares I would have to go

Have you ever wondered, what if Domingos Jorge Velho and his gang
 Hadn't been so lucky?

Have you ever thought of that nation in the Barriga mountains?
 Perhaps not, I know,
 It is hard to imagine a land
 Where it is impossible to see
 A black woman Having to show her ass
 Open her thighs, pull her daily bread from her guts
 Where it is impossible to see
 Little children
 Ten, eight, six years old
 Returning at four in the morning
 After selling chewing gum and their last shred of dignity
 In the crossroads of the city.

Insomnias

Longing for Your nights
Bonfires I did not see
Palmares, Black State...
(I always think of thee)

How not to be
In the rot of the brothel
In the rats of the red light district
In the multitude of infected cunts
How not to be in the noise of the jackhammer
In the spoiled food, the cold lunch pail
How not to be in the hunger of my child
Already born with the air of death
How not to be in the clutches of the boss ladies
In the smell of fat in the sink
In the turds of boss men floating in the toilet
How not to be in the crowded train, in the crumbling shack
In the paddy wagon, in the blow to the teeth
In the sludge. In the back of each cell
How, if all of that is me?

Quilombos, my dreams
I'm forever sleepless, living you

I live in the certainty of reviving you tomorrow,

If a distinguished gentleman comes to tell me
Not to think on these things
I will Have to kill him, with a certain pleasure.

At least tell the story
I do not forget you my people
If Palmares lives no more
We will make Palmares again

CALLIGRAPHIES

("Pedra Só", 2012)

I

In the dust of an inexact time
the stories of silence,
broods of signs without translation.

Silence in the flesh.
Silence that feels the sand pour through.
Time for the solitude of poems.

We cultivate the names.
We create a face for each name.
To show our us - the word.

With teary eyes
vertigo grows:
it is clothed in light and sound.

What amazed us startles
and we enjoy all things.

II

The poetry of a time without wisdom
and her strange brood of stories
from the bowels of silence.

Our heroism is tragic
and the meager are infinite.

We have only the illusion of things
and the path is irreversible.

Returning - just for the Name,
to the being that has no name.

CHRISTIC EXERCISES

("Decifração de abismos" 2002)

I have always had the overwhelming desire to save the world
I have always chosen the company of those who do not measure time
and walk above and below, like cicadas,
those whom fortune has given the entire day – every day.

I have always believed myself to be the redeemer of all human misery,
so I resolved to crown myself with thorns
and for a throne I chose the nailing of the cross,
I have this sad smile, this tear of blood.

I only believe in things I do not see
and feel in each star a Magdalene aglow,
and even knowing that there is no God
in every child I see His splendid Face.

I bear with me all the sins of the world
and am the sacrificial lamb that feeds the delusion,
therefore the glory and humiliation of wine:
it is not easy being the judge of one's own madness.

GENESIS

("A infância do centauro" 2007)

You know, girl of the crossroads
when I met you it was a wonder.
You bore stamped on your countenance
the question that accompanies me.
The most amazing thing is that you were
also the answer I had always sought.

Not that exact answer, mathematical.
The truth that your arrival brought me
was that of bees buzzing at daybreak
in search of honey from mesquite flowers,
it was that of galloping of horses in the maw of night
dreaming of clumps of grass and gleaming mares.

Ah, girl, you're at the center of the Compass Rose,
 wherever you take a step, that is the way.
 We look upwards and see no bounds:
 it is all a big blue sky that never ends.
 But when noon strikes, the boundary appears
 and is not far away: right in the pit of the stomach.

You know, I'll give you a hat the size of the sky,
 to protect you from solar daydreams
 and so everyone will see you and point to you:
 "behold the girl that shades the world."
 And everyone will look at you and everyone will applaud you
 and the rainbow will turn black-and-white with envy.

Then a bird, one of those very tiny ones
 that carry a 120 accordion in their breasts
 will appear and whistle a sweet ditty:
 and you and I, peering into each other's eyes,
 begin to feel a bunch of stars popping.
 That's it, when I met you, I was born.

RECORD OF THE SPEECH OF SILENCE

("Códigos do silêncio" 2000)

The main voice in me is silence,
 but a plural silence - of fire -
 that blazes words with its scarlet tongue
 and burns them before they come into being.

A silence from over there, from afar - from inland shores -
 that talks all the time without naming what's said.

Images are in dreams: and I see, intoxicated,
 your face - formidable countenance:
 as beautiful as a god can be.

Silence, that which speaks and of which I speak so much,
 is a hieroglyphic poem,
 and these verses: translation and codification.

AUNT AURORA

Aunt Aurora's house is a place
within my sentiments.
It has a corral, an umbu tree,
two red bulls
and wind full of bluebirds.

I clearly recall Aunt Aurora's house.
I just cannot recall Aunt Aurora that well.

The older people say that she
only left the house in the early morning
and despite her totem-like face,
she was really a mantra.

She'd just open the door
and the sun would stretch lazily,
the birds would do pirouettes
and the day would smile.

Aunt Aurora had that way
of beginning!

THE BALLERINA

I could hardly wait for the commercial's debut. "It's going to be shown during prime time and the whole neighborhood, in fact, the whole city will be in a tizzy the next day!"

Apart from going to collect the fee for her participation that afternoon, she had watched the edited film along with the other dancers. All that was missing was the product's logo. The choreography was perfect, having been thoroughly rehearsed in the studio and the ballet school they attended. The final steps, in slow motion, culminated in everyone leaping towards the camera. The dancer with the most Scandinavian look and the most suitable one, according to the director, shows a little carton of the advertised yoghurt in the palm of her hand – the product vying for screen time with the girls' healthy smiles for a few seconds in a frozen image.

The living room and its window were packed at 7:00 pm. Those who had a TV at home listened to complaints from those who didn't have a set. Everyone thought that it was more exciting to watch the commercial in the artist's home.

Brring Brring... The station announced a commercial break. The young boys left their marbles in the muddy strip of land where they were playing and threaded in between the adults' legs. Out on the balcony, the ballerina's sister interrupted her passionate kiss and entered the living room, dragging her boyfriend along by the hand. The commercials which followed, even the simplest ones, had never had such an attentive and silent audience.

It started. The girls danced like the viewers' heads. "Where is she?! Where is she?!" "Look there. That one in blue." "But there are so many! It's a pity that the TV isn't bigger, isn't it?" a neighbor commented. "You can see me better towards the end," said the distressed dancer. "Shhh!", her mother scolded. Those 30 seconds were eternal for that audience. When the ballet dancers started their final movements, the ballerina leaned instinctively towards the TV. A white strip with the product's name appeared in the upper right-hand corner of the screen and glided diagonally across it. It ran and ran across the screen...and stopped, hiding her beautiful black face.

SUNDAY

Mom woke up in a bad way with words that morning. When we left the bedroom, each one in their own time and rhythm, we found her mute. Or almost. It was Sunday, the day which she hummed the most, and her introspection left us in a state of alert.

During breakfast, my stare interrogated my four younger siblings, who shrugged their shoulders. Tuninho, the youngest, age six, as well as shrugging, showed me the palms of his hands, lower lip and eyes agape in denial. Mom, coming from the kitchen, caught him at this exaggerated gesture but, thanks to her flip-flops, she found the others with their eyes fixed on the bread that was going from the plate to their mouths. Daddy wasn't there, as he was working double shifts and would only come home at night. Silence would sit at the table in his place. And it could have had a hearty supper...

Throughout the day, trying to decipher that unwelcome guest, we looked back at our Saturday. At almost fifteen, I would direct the interrogations. Deep down, I was not expecting any revelations from my brothers and sisters. That silence was completely strange to all of us. A silence almost without breaks or utterings. It was only made of breathing.

Very few things left her like that: turned inwards, and none of them, that we remembered, had taken place. We hadn't argued to the point of hitting each other; none of the neighbors had moved, leaving a debt at the fruit store; nor had Dad been confused when buying provisions for the home or clothes and shoes for us. In fact, these slip-ups were what made Mom the most angry – and silent. I imagined it was because of the embarrassment of going to exchange groceries or asking the neighboring seamstress to add gussets into the clothes, so that they would fit some of us.

None of this had happened, however, and even if they had happened, the silence of that day was bigger than everything. All of these things needed to have taken place at once for words to disappear as they had. It was the first time that I'd felt I was in a strange house, a strange city, since we arrived from Bahia. I was sure that Dad would solve that enigma. But what time would he arrive? At that time, Recife being much smaller than it is now, the distance from Pina to Engenho do Meio was almost the Capibaribe River!

The late afternoon on the "avenue" of small houses in which we lived – in fact it was a blind alley – was calm, as always, but we thought that it was Mom's fault; that her silence, not content with occupying our entire home, had gone out into the street, silencing the world, and that was why the evening came without a sound.

There were two bunks in the bedroom. One of the beds at the top was just for me; the other for the next sister in line and the youngest of us. The middle brother and sister, who still wet the bed, slept in the beds at the bottom. That

unexpected and mysterious visitor dragged us into the bedroom earlier than usual, and each of us would have company while sleeping. Little bits of silence.

It was a quarter to midnight. What scared me the most was not having been woken up by that bright light but, instead, hearing Mom's voice once again. She shook my leg lightly and called my name until she saw me sitting up in the bed, protecting my eyes from the brightness. She did the same thing with all of the children.

Neither the rumble of lids and pans being handled, which came to us from the kitchen, nor the explosion of the two sentences that Mom would say to us were more important to me at that moment than her voice. And when she woke up the last one of us, she disappeared off into the hallway, returning a few seconds later, holding three children by the hand. She stopped at the doorway to the bedroom and said:

"They are your siblings. They are going to sleep with you from now on."

And she left the bedroom, closing the door between her and us.

Slowly we started removing that silence from beneath our sheets. Whispering, I calmed the younger ones down, reminding them that we should always be supportive to other people, and that we would find a way to provide a place for the little ones in the bedroom.

But it was difficult to put the complaint to sleep that Dad could have let us know...

MUKONDO

For Tatas Esmeraldo Emetério de Santana (Benzinho)
and Esmeraldo Emetério de Santana Filho (Chuchuca)

"84!" the gravedigger called out with a certain amount of satisfaction, as if he was providing a great public service. In the small crowd, which still surrounded the grave, several people, ready and discreet, were prepared to jot down the announced number. The gravedigger, a bricklayer, took a pencil that was tucked behind his ear and, breaking off a piece of white headstone from a neighboring tomb, wrote down the set of ten numbers that would certainly be drawn in the next lottery. Once the deed was done, and the close family of the deceased were now clear of the tomb, the group dispersed.

A sparse procession of living souls slowly climbed the short slope that led out of the cemetery. The family members, in small groups, returned laboriously to their own worlds, each of them embracing their memories of the deceased. They hypothesized about death.

The mother, Dona Ismênia, and the youngest son, left the cemetery once more, so together and alone. Clouds released drops; the rain fed their memories...

Dinho, as the youngest child was known, had still not fully recovered from the death eight years earlier of the sister who had raised him. As if she were his mother. If Dinho had lost a second mother with Rosa's death, Dona Ismênia had buried the first of her "children." Life had turned upside down. Rosa was a trusted daughter, providing the special feeling of orphanhood between mother and son. "My darling... my sweetheart," the sister tenderly aid to him. At that funeral, Dinho would feel as if any other death – even his own mother's – would be a lesser, more acceptable death. But, as if reading his thoughts, and still at the cemetery gates, his mother warned, "One death never prepares us for another..."

And that is how the family was, unprepared, when news came of an accident in the production sector at the refinery where Roberto, the eldest son, worked. Sunday lunch was immediately silenced and almost everyone turned their eyes towards the matriarch. Without saying a word, Dona Ismênia stood up, mindfully having moved her plate of food away. There was no rush or sluggishness. Still chewing what remained in her mouth, she arranged the trip to the refinery. The adults were divided: some cried quietly, repressing the bad omens, some did the same as the mother and others followed her around the house, helping her to get ready. She did not look back or to the sides. Walking, she took off a pair of sandals and put others on – someone picked the first pair up. Anticipating her actions, one tearful daughter looked for a pair of suitable earrings, while another brought her a watch and put it on her wrist. One of the sons who would go with her went to his home on the floor above, to change his clothes. Raimundo, known as Dinho, who studied in Salvador and had arrived that morning, would go in the clothes he was wearing.

A lot of folks had already gathered at the refinery gate and the three of them weaved their way through the people. There was no hurry, but a certain sense of anxiety made them look above the heads in front of them as they walked. An account of the accident came to the family in pieces, a narrative that was repeated at one moment and the next progressed with more or less exaggeration:

"... then the oil came up in a rocket and cut the arm of the crane! It was that jumbled! It was black; it was red; it was black; it was red ..."

"... they say they were messing with the place where the oil comes out and then..."

"It looks like he went to give a hand to help a co-worker..."

"... safety is minimal ..."

They crossed the building entrance and walked up to the reception. There, the atmosphere was not of one curiosity, astonishment or queries: it was of despair.

The Social Services employee, having read out the list of the names of the dead – there were five – advised them that the company had already organized the transfer of the bodies to the morgue.

On seeing Dona Ismênia and her children arrive, an old lady came up to greet them, leaving her husband and children behind. With open arms and an abundance of tears.

“Ninha, oh Ninha!” she cried out to Dona Ismênia, looking up and shaking her head. “Our childs, Ninha! Our childs!”

Dona Ismênia halted and her children went ahead for the first time, to get more information. The elderly lady hugged her, her head falling and weeping on her breast: “Oh Ninha, our childs... our childs...,” she repeated over and over again.

“But that isn’t fair Mom,” opined lara, one of the daughters.

“No. I’ve already said it. Those people can keep away with their drumming. They have their religion and we have ours.”

“I agree with Mom,” said Dinho, supported by another sister. “Don’t we even know how to take care of Roberto’s soul?”

“Everyone, you’re not being rational,” insisted lara and, turning to her mother, “Mom, I also think that we and the people from Maiangê are from different religions but our religion wasn’t Betinho’s and it is theirs.”

The argument took place on the morning of the funeral, in a narrow room provided by the cemetery administration. Roberto was the Tata at a Candomblé temple, the high priestess’s direct assistant, a role that he had played for a number of years and with great dedication. The Munzo Maiangê Terreiro sent a delegation to advise the family of the need to carry out several rituals for the deceased. They didn’t say which ones, but advised that they needed his biological mother’s permission and, equally, guidance from the high priestess. lara, who had become the eldest daughter after Rosa’s death, was the closest to Carlos, her and Roberto’s late father. In addition to that, she was a natural conciliator.

When Dona Ismênia was finally convinced, everyone left. It was seven in the morning. One of the daughters of Dona Pureza, the tearful old lady from the day of the accident at the refinery, headed the religious party – six people: three men and three women; two of whom served coffee, couscous and porridge at the cemetery entrance, offered by the Terreiro community. “All good so far!” commented one of Roberto’s brothers, when he heard about the offering. The free food attracted people from a number of other wakes.

The room where the body of the dead refinery worker lay was empty, and serenity spread throughout the other rooms in the cemetery. People leaning on columns and walls on wooden benches opposite that room were in a deep sleep that had begun in the early hours, following a great deal of storytelling.

Occupying one of the benches, four envoys from the Munzo Maiangê Terreiro patiently awaited the family's verdict. At that time and since 5.30 am, they had been the only guardians of the dead. They stood up when the family approached.

"You can tell your mother that when you need it, we will help in whatever way we can," said Dona Ismênia.

They all greeted his fellow Candomblé practitioner's mother and lara, whom they viewed as their accomplice. They were leaving when the lady asked:

"Are you going to or coming from the market?"

The group stopped, looking at each another in surprise, and she pointed to the bag in someone's hand.

"Ah! We are coming back. We went early," the group leader explained.

"We need to let Seu Matias das Cabras know the time of the funeral. I will send one of mine, thank you," the lady added, noticing the group move away in their white clothes, "white like death...like transcendence," her son had attempted to explain to her one day.

On hurrying past the ladies with coffee, one of them called someone from the party.

"Dandje! How was it there?"

A man of about 24 rejoined them and informed them, smiling:

"Everything is fine. She said that when we need it, they will help in whatever way they can."

He left the ladies with the same smile on their faces and quickly returned to incorporate himself into the party, being scolded by the others so that their pace was not interrupted. To Dona Ismênia's relief, nobody was to carry out any rituals until the funeral had taken place, and she concluded that common sense had prevailed among them...

Tata Dandje spent part of the night prior to the burial practicing the songs that would lead the coffin up to the grave. He had never done this and followed the guidance of an elder member regarding their rehearsal to the letter. You can do it, but be reserved. Now at home, he locked himself in the bathroom and prepared to whistle the songs to a patient night. However, despite his efforts to pronounce the language and his preparations, his singing did not move on from the first phase when the coffin came out:

"Tambo Wafa..." he was immediately interrupted by a chorus of experienced female voices:

"Hold God's hand! Hold God's hand..." Dona Ismênia and the other pious ladies from the parish sang in force.

The young man filled his lungs, preparing for a confrontation, but a glance from the other Tata contained his eagerness and Dandje slowly exhaled his

disappointment. He felt avenged when some of the Inkisis who followed the procession embodied the initiates. Kaiango, Kavungo, Inkosi, Kitembu... To him it was as if those serious and silent presences, with their closed eyes and bare feet, intoned the chanting that he desired and floated above everyone, following the procession until the end.

One day after the funeral, someone remembered Grandma Juca, the grandmother of Dona Ismênia's departed husband. Amid the grief and demands that a death requires, nobody had remembered to award greater importance to old Juanina than that reserved for her in everyday life: the food and drink left on the living room table in her minuscule house at the back of the main one. Plates and cups were collected and washed immediately after use. To some extent, it was a routine imposed by the old lady herself. Grandma Juca, more reclusive than ever, dragged her 96 years with great difficulty and was even less inclined to tell stories on the footstool at the door to her house, her horizon and "from where she could still see the sky." In fact that forgetfulness was because they knew that she was always up to date with things around her, with genuine opinions on what she had learned – which could also be a reason for not wanting to listen to her.

Dona Juca's house, now an annex to the main one, was the oldest construction on that piece of land and had seen the dwellings expand to the sides and upwards around it. It was at the door of the little house that Lara, responsible for giving the news, found her great-grandmother. There, where her reflections overflowed from her stare, the rare words, the smoke from her pipe. Like everyone did before speaking with the old lady, Lara waited a few moments in silence. Nobody ever questioned the origins of this ritual, nor its meaning. Whoever arrived simply remained silent, perhaps awaiting her return from an unknown place. When she thought the time was right, Lara spoke softly.

"Grandma... Betinho..." and continuing where her great-granddaughter paused, she spoke warmly and looking towards the sky:

"He went to the sererê..." it was what she always said when they told her about someone's passing. After so many years, Lara thought that it was time to ask her about that.

"Sererê, Grandma?"

Dona Juca drew on her pipe and gently exhaled the smoke:

"... it is the place of those who never come... to where those go who never come back in one piece..." and she didn't say anymore that day.

The seventh day mass for Roberto Luz's passing coincided with the start of the funeral celebrations – Mukondo – consecrating the 21st year of the death of Tata Inkisiani Sinésio Diangongo, the priest who founded the Munzo Maiangê Terreiro. It would go on for seven nights. Dinho had come back from the state capital and, on hearing about the religious activities, advised his mother of his decision to go to his brother's Terreiro on one of these evenings. The nature of the rites did not frighten him, and even sharpened his interest. Iara, the mediator, was not able to accompany him but he had nothing to fear: he had already noticed the inclination that the people of Candomblé had for peace.

"You have no business there! You seem to no longer believe in God, let alone in those spirits," his mother responded.

"If Betinho's spirit can descend there, someone from the family should be present...perhaps he has a message for us," Dinho retorted, in a mixture of irony and challenge.

Being the youngest, Dinho was the one who had least experience of the religious conflicts between the family and the "Maiangê people," as Dona Ismênia called the Terreiro community. Those conflicts were aggravated by Roberto's initiation, having been taken to the temple by his father, Carlos. The Luz family patriarch had attended that Terreiro for almost thirty years, without going so far as to be initiated and placing any relationship or future marriage at risk. When his eldest son, still a boy, showed an interest in the religion, he was overjoyed. Ten years later, Roberto was initiated and Carlos, who used to say that he would die a happy man "just because of that," passed away four months after his eldest son's initiation. Tata Wizanvulá. That is what Carlos called his son, from the day of his Confirmation until the day of his death, rejecting the name Roberto Carlos, which was also his own. Among their close relatives, with one or two exceptions, there lingered resentment of the fact that the Terreiro community had won over one of the "main" men in the family at the time.

Dinho had grown up in the middle of all that. However, the university environment in the big city and, above all, the reflections that came to his mind, raised by the Black Movement, did not allow him to exacerbate feelings of antagonism towards the Munzo Maiangê Terreiro, unlike the rest of the family. But from there to believing...

Night fell. Although he had never been inside Maiangê, Dinho knew where the Terreiro was. At times he had to stop at one house or another to receive condolences.

"Your blessing, Dona Rôxa."

"Oh, son! God bless you! Tell your mother that I really sympathize, you know?"

And further on:

"Your blessing, Dona Guilhermina."

"May God keep you healthy, son! I'm so sorry for your loss. Well, tell Nina that I didn't go to the mass, but I will drop by tomorrow. I don't feel very Catholic with that modern priest..." she explained.

Walking along the steep and winding streets, Dinho was pushed on by disparate thoughts and feelings. "30 years ago this here would have just been a cave! And that kid still followed the old fool... That's faith!" "...they retained their religious systems under so much adversity!" "It doesn't cost anything to thank them personally..." "Do those sorcerers already know that I am going there?" "I think it's best to turn back from here..." "But I want to go..." Beyond curiosity, he was driven by a faint desire for conciliation; a strange feeling of gratitude which, far from his mother, beat uncertain wings.

The wind blew into his ears, as if it also wanted to tell him something. Having turned a corner, his heart skipped a beat. Deafening drumming came to him and, looking towards the end of the street, on the left, he saw the treetops in the Terreiro, in contrast with the large number of roofs outside the religious space. The sound that came to him grew in volume and accelerated his heartbeat. Ten meters from the entrance to Maiangê, he was able to control himself but, when he was almost stepping on the doorjamb of the immense gate he was surprised once more. A man who had not seen him approaching threw a fistful of white cassava meal into the street and, because he was attentive, he was able to move out of the way without being hit. Accompanying the man was another with more vessels in his hand. The man glanced at him for a brief moment – Dinho had the feeling that it was with discreet satisfaction – and continued the activity, showering other offerings into the street. Objective and silent, they both turned and entered the barracão. Dinho did not follow them immediately. Doubt controlled his steps. What now? They seemed so busy... Perhaps he should come back another day? He pretended to be looking at the trees or the street while deciding what to do.

Fifteen meters separated the entrance to wide door at the large barracão, which was completely open, and there, Mukondo poured its melodies into the night. However, everyone turned when the man in the red shirt and beige pants entered the Terreiro, but not all of them believed what they were seeing. He positioned himself by the window and stood there to observe the ritual. A couple of wide-eyed ladies swore that they were seeing the departed Roberto. Dinho really looked like his brother.

"Good God! Even I thought it was him," said one lady, relieved, when she passed by another.

A number of things put him into the limelight, starting with the novelty of his presence. None of Carlos's other children had ever crossed that entrance. As all the participants in the ceremony were inside the barracão and dressed in white, the man at the window seemed like a troublesome beam of light. Dinho had, to

some extent, expected this and was prepared for that strangeness and, therefore, remained comfortable as a spectator, resisting two invitations to come in and take a seat. However, he was polite.

“No, thank you. I’m going to leave now.”

The sound that he heard while in the street was coming from the center of the room. Seated opposite the doorway, two men were drumming on clay pots and another struck a gourd with two sticks. Men and women took turns dancing before them. Each came in turn from various parts of the room, returning to their seats on the large wooden benches – a few people sat in high-backed chairs. Some dancers were disturbed by that presence at the window, looking from the corner of their eye to confirm that it was not a ghost, hoping to see the night and nothing else.

Dinho was intrigued, as he had expected to see a table with people sitting around it, their eyes closed and holding hands, saying prayers and calling on the spirits of the departed. To him, spiritualist ritual embodied the standard of communication with the dead. Instead of that, he saw what appeared to be a party... But there was sobriety in the air, although there was some conversation, laughter and dancing. He noticed some reserve in people’s behavior, distinguishing that ceremony from others which he had already seen in Salvador, accompanying classmates and university professors to famous Candomblé temples. Unlike the calm gestures of the elder people, he noted a slight anguish in the younger ones’ movements. However, they went on singing. The soloist was a female voice, but Dinho could not see where she was.

“Mukondoiô Tata Kamukondoiô...”

He thought of Mãe Nésinha, Sinésio Diangongo’s daughter and the one currently responsible for Munzo Maiangê. He fixed his gaze on two fat women, trying to guess which of them was the Terreiro leader and remembering a book by a researcher on Candomblé: “The lyás...thick-set women, with their large square glasses, and their acolytes around their skirts.” But where were the dead? he also asked himself, his eyes racing around the barracão in search of something supernatural. A hand touched his arm and took him by surprise. The lady gave him a friendly smile and said:

“Aren’t you Carlos’s son? Come here. It’s drizzling and Neengwa Lundwemim is asking for you to come in,” she said, pointing to someone inside the barracão. Seated in a chair was an old lady, thin like his mother but a little taller, with distinguished eyes and a serene face. Smiling and without interrupting her song, the priestess gave a slight nod, indicating the line of men to the right of the room.

Dinho was going to repeat his refusal to the lady beside him when he was sure that he heard his deceased brother’s name. He quickly turned to look at Dona Nésinha, waiting for Roberto’s name to be repeated. She did not do it and continued to chant songs that he didn’t understand, but from which familiar names emerged at times, like the late Ladu, from Terreiro da Serra.

Dinho was amazed by what he imagined to be the meaning of that liturgy to be and thought it best to leave. He wanted to distance himself just as people's voices seemed to be doing... However, he couldn't now move, as what he saw withdrew all movement from him: the man who danced in front of the pots was Manoel Carvoeiro, who had died several years ago! Dinho couldn't see his face very clearly and was not sure it was who he thought. Without returning to the door, the man ended his dance, and it was the turn of an elderly lady with a wide cloth shawl wrapped around her neck, all hunched over. Dinho did not have time to recover from that first shock, because even though she had her back to him, he was sure that he knew her... When she had finished her dance, the old lady turned to him and smiled. That smile, always so rare and attractive, made him take a step backwards, astonished. It was his great-grandmother, Juca! Recoiling a little further, he was exposed to the rain. He was overwhelmed by a cascade of emotions. His eyes grew dim and he felt the pressure of a hand on his arm increase, supporting him. The floor had gone. Raindrops flung at his face were his last conscious feeling, one he would remember for the rest of his life. His body whirled and Kaiango came to earth for the first time.

TAR

(Excerpts from the novel *tar*, which is part of the book-object *cabidela: mask-troop*, by Laura Castro. Independent publication, 2011.)

to store something does not mean to hide it or keep it locked up

Antonio Cicero, "Guardar" (To Store)

I went back in. I opened the drawer that had become a closet. I unrolled the little paper boat fleet. I decided to transcribe everything by hand. But those loose papers had no set direction. They went around in circles, that they did. In the bellybutton, said a superego. No sir. I deleted that part of the text to keep from being scolded again by Edith and hearing for the thousandth time that I am not a real novelist. A real one, she would say, slightly tilting her eyeglasses to look at me emphatically.

Going back to the story: that's how I started, by doing away with myself. I eliminated the model of the character—that I am—and started narrating. That was what stepping out of the drawer meant: being naked, exposing myself to diagnosis. Everything is transcribed here, on this roll of paper, by hand. It is the portrait of the artist as a young woman. It is a full page and no more. It is an entanglement of threads. A novel is not a woven plot, I try to explain to Edith. They won't allow it, she says as a verdict, they won't let you go through. They who?

at 10:21:00

Luiza examined every corner of the dismantled house, trying to retain some of herself, unfolded in those corners and rooms throughout the last year. The gramophone was no longer there and yet Luiza could hear Domingo with Caetano and Gal, a record that at some point made her want to take the road back, without knowing—although perhaps at that point of the story she already suspected it—that she was returning to an imaginary place where birth was the only fact, but of which she knew not the seasons, the rivers, or anything that was not merely a small piece of the great panel she had built of her native city, at times folkloric, at others the ideal place to start over again, so that everything could finally change.

The problem was that she chose a long road. Before returning, Luiza would cross her first great border. Luiza would travel abroad, she would become a foreigner. It would be two journeys, two changes: from one city to another and then to the next one, the first one of all. Because of that, in this scene Luiza looked solemnly at what in a few minutes she would no longer call home, a place already

naked, inhabited only by what she left behind—some furniture, jars, empty ice cream recipients, half-consumed products—and said goodbye to everything and also to that window, which at that moment was the strongest presence in the city, patterned as it was with trees. With her mind made up to leave, yet feeling great love for that ground and the view from that wing tip, her territory, Luiza locked the door of apartment 523 for the last time.

She adjusted the backpack on her back with her heart beating wildly and met the driver who waited for her, saying that she was late and complaining that her eyes were still smeared from last night and that she was probably still under the influence of alcohol. He did not know that what hurt her was the lengthy procedure with needles she had inflicted on her body and that her departure was as painful as that sketch healing on her skin. And that the previous night there was only the feeling that she was running out of time as she walked around the house naked, with her friends trying to register her steps and strokes, photographing everything and saying I'll send it to you by email, and she, I repeat, walking around the house naked like someone without direction and at the same time preparing maps, guides, addresses, and everything else for her departure. She smiled with despair when she did. Why the hell did she chose something so big, so many changes at once? Luiza and her friends—the coauthors—spent hours in that room built as a scenario, staging a play without a playwright whose main character was her farewell. And the farewell was inscribed and dated on Luiza's body. It had an end date and there was no more time to say goodbye to her friends. There were no more glasses or chairs or peace of mind. I'm sorry, friends, I need to die a little. She would send the same letter to many recipients later, with time, but right now she needed to leave the stage.

She rode the whole way somewhat deaf, perhaps not as solemnly as before, because she knew that she would return to the capital city. She was leaving a thesis defense pending. Yet she rode to the airport with what we could call a sort of clandestine joy, which is the term for that surreptitious feeling that speaks aloud to our body, sharp to the heart and yet intently hidden, for it is incognito. She arrived. It was time to step out. Step out, Luiza, come on, he said, while she remained reclined on the car seat. He made some recommendations—she was still half deaf—and in the middle of them he hugged her tightly, very tightly, perhaps thus materializing her farewell of it all, and it was the only time that Luiza cried during that farewell, and she cried out of fear, quickly but aloud, unable to disguise it, with her father in her arms, because at that moment she felt a great fear of leaving, of crossing borders, of changing her life. Why the hell did she choose something so big, so many changes at once? Then, without drying her tears because her weeping had been dry, almost like a howl, she said thank you for buying the tickets for me, thank you for letting me pass. Thank you for giving me your arms so I can take flight. Thank you for teaching me that we can navigate life without fear and without a compass. Thank you. I'll be in touch when I can. Bye.

at 23:46:00

I put the past tense aside and decided to return to the present to talk about the past, to choreograph the great wheel. I grab some thumbtacks and punch holes in the notebook in an attempt to sketch a trajectory. It grows dark and I can no longer read my notes. However, the only light, that of the screen, lights up my face like a beacon and I do not give up that pleasure for any letter or item capable of guiding me. I continue groping the keyboard and forming words in the tar, guided only by the scene that I myself create here, in this now-instant and in this beam of light that puts me on stage. I resort to monologue to remind them of how I got here. I need the act, the narration in the act, to organize this mountain of post-its, which are now dark on the table. I begin with the return, but I get up a while to lay down and remember the departure. Today is Sunday and nothing is that fast on a Sunday.

at 19:02:00

Luiza Breu reappeared in the shadow of a great tempest that had been forming for days in the sky above the city. In the dark of the room, among the black clouds out the window, which forecasted an endless night, I saw the girl leaning against the wall, cutting scars on her own body. There were water basins around her with pieces of paper floating in them. When she noticed me, she looked at me intently with swollen eyes and said, "the abysses, once again the abysses." She then began asking repeatedly, with tears blackened by mascara, to each piece of paper, why I didn't give her a better plot. Or at least a different one, she furiously asked. I was unable to utter any word, as if I was before a phantom who deprived me of my voice. I merely continued watching the scene from a corner of the room, where I could only move my eyes and listen, together with the tempest that had already begun, to the sayings that Luiza Breu reiterated as a litany. When the night spread her cloak uniformly, she left the stage and now it was me who unconsciously repeated the same gestures, as if possessed by the now absent specter. I traversed each of the wounds on the skin, bringing them back to life, singing the same notes of Breu's score. Again the abysses, the old expectation, Luiza's wicked abandonment. Finally conscious of the maneuver, I turned on the black light lamps in search of answers and some light. It was then I saw my writing on soaked pieces of paper all over the room's floor. She had overturned the fake basins before leaving, forcing me to remain a prisoner, like herself, of my creation. That was why I fled again to the third person. It was the only way to contain the flood that my new corner had become.

at 03:55:00

He will always come. Solitude does not exist. Neither does love. Nor repulsion. I hate it when you deceive yourself like that, spinning around the pots. Life is now, learn that. Someone will touch your breasts again, lick your hair, taste your tastes. And another one, and another one. Until you forget faces, names, smells. There will be so many of them....

It scares me to continue. And I could not bear to stop, the waves of Yemanjá.
Caio Fernando Abreu in *Dodecaedro*

Early evening: I said to the fourth person, citing Rosa: What life wants from us is courage. But she left too soon and missed the most magnificent moment. Beginning of the day, end of the odyssey, only the three of us now: you see, Doralice, life only gives itself to those who give themselves; to those who gave themselves from the start, without asking for anything in return; wanting nothing more than whatever the universe has to offer, whenever it does, even if it is during classes, during work hours, or if it implies too many absences on Saturday mornings. It was the same conclusion the week prior to carnival. I remembered Paco's first night in the old city. After a long drought and winter autumns and months of abstinence from his visits, I said in the morning, with the look of yesterday: living is better than dreaming; living is better than remembering, Paco. We left the nightclub on a bright summer morning and threw ourselves in the sea, with our jeans on and everything, even though we ended up carrying more sand than washing our souls, soiled with early mornings of waiting and yearning. What most intrigued us, however, was the lavender smell that invaded us. I remember, as if I could sense now those smells, colors, and sounds, when we approached the shore to wet our feet—that immense spectacle of rocks, tall waves, and a narrow strip of sand. I breathed in a strong lavender odor, the same as the offerings to Janaína on February 2. I inhaled again. The same smell. I looked at Paco with wide-open eyes full of belief and uncertainty, and before I could say anything Paco asked me if I also smelled the strong aroma that invaded us. With each other's confirmation, another presence joined us. It was the first of many magical days. And it was there, in that hole in Rio Vermelho, that we began to understand, through our senses, the uncanny strength of the land of all saints.

*

I went to collect rocks under the incredible sun in the early hours of a clear day, after a tempest had fallen the previous day that kept the most prudent people from daring to do anything that Friday. A beautiful morning had taken shape as the two of us and the entire Iberian troupe took refuge from the heavy rain in the sweaty heat of yet another nightclub. I picked rocks from the puddles left by the incredibly low tide of an ebbing ocean. I saw a large rock, the kind that would store good memories on a shelf. I doubted that it was loose, but it was. I know that, without giving it much thought, I turned around and, upon seeing Antonio sitting on a rock with his arms around his knees, I said "magma." With a red and wet hand I showed him what was like a gift, an offering of sorts. Without knowing whether it was geographically correct, I declared that it was magma, a volcano. Look, before I would have been unable to hold it without burning

myself. And now it's cold, solid, it was part of those large rocks and now it's just a piece. It was the rain that detached these rocks I have in my hands, days of tempests and waves and stock which broke off these pieces, I thought without saying it, since not everything in that scene went along with orality. The gesture itself was full of meaning. And yet I said, take this rock, the largest of them, take it with you as a piece of solid memory of this dawn. Take this morning that was sent to you, this piece of matter relinquished by the earth. I placed the rock in Antonio's hand and said: that's how your peoples should have disembarked in this land—taking only what it offered. Antonio looked at me with his fiery amber eyes and, with the sweet smile of someone who is in transit, of someone who would leave in a few hours, he said—and I thought he was as sincere as the solidness of the object he put in his pocket—that he would never forget that moment. I asked for nothing, I stole nothing.

**

The foreigners played at doing circus tricks at the Buraco beach. I, a native, walked toward the part of the beach where I almost died that carnival Thursday. The closer I got, the stronger the waves went after me on the shore, as if my legs had magnets.

For several minutes, we looked at the spectacle of the waves. We stared in silence for many minutes. Silence was good to watch that. No words were needed to understand, because it wasn't something to be understood: only our eyes were able to feel the esthetic pleasure of watching the specificities of each of the waves breaking on the ocean. It was untranslatable, it could not be fixed in language. Rúlio broke the silence to tell me that he wanted a boat to go out sailing. Like a Sailor, I asked with self-irony. Yes. You have the courage to go through those waves and reach high sea, right? Rúlio said that that was precisely the fun of sailing, and that it was like life's cycles, the whirlpool of time. Surfers are courageous, he said laughing, with their curly heads in the waves, far away, perhaps on an island. But I want to be completely surrounded by the ocean, he said. And surfers always return to land, after all, and their foot is tied with a string, I added. I would love to have a boat, said Rúlio, and see nothing but the ocean in front of me. We returned to silence.

I remembered that she told me that it was best that way, that is was best not to say good-bye. Farewells are painful, she said, and I did not forget. It was

better not to perpetrate them. When time came, with the sun already high in the sky, I refused to write the address, to jot down phone numbers, unaware of how painful the loss of firm land would be hours later, the eternal impossibility of a return, our paths never to meet again on the map. I would never see again those salty, amber eyes. But Antonio took the rock, the largest one, the smallness of my words, and the immensity of those magical minutes that only we were granted. I would only keep...or, rather, everything was summed up by those orange strands lit by the sun in the black beard that rubbed my verse while he slept on the way to farewell. It was only the metaphor of that instant which I kept. That and the bitter taste of the morning-day. The taste of being too late.

Antonio's ship left a few hours later.

Back in the room, when the rain incredibly and stealthily wet the window that very same morning, as if the sun had been secretly only for us, Doralice asked me why everything always had to end. I said I didn't know, but that what had been was good, even though I myself tried to cast out that taste of finality, dissolving the thirst that Antonio left within me in other doses. After I distributed all the rocks, I had two left. I selected the prettiest one and gave it to Doralice. Two days later, we headed to the city's historic center together with the fourth and now fifth person. We arrived at a square, in a neighborhood called Santo Antônio, and cosmically everything started again with the smiling faces of new sailors who pointed out to us the sea and the shipyards and the stairs of the upper city. Doralice, I told you so. But don't expect anything, Doralice, that's foolish.

at 11:03:00

You may come in now.
 Sit.
 And keep going when the right choice is to stop.
 After a long silence,
 Lady fate comes in, sits down, smiles.
 With her whole face she smiles.
 Like a dancing body she smiles.
 Every wrinkle, a memory.
 Tired eyelids
 curve
 and her eyes close to see herself.

(Léo Mackellene, *Livro dos mais pequenos silêncios*; Book of the smallest silences)

The health professional said it was a bomb of endorphins and passion. Like a drug, you can become addicted, she warned. It is chemical, nothing more. We are addicted to endorphins, she said. But listen, the coastal city's iodine makes life easier and more languorous.

*

With her paleness, Ceci seems dead to me in the yellow weekday light. She comes, walks a bit, leaving behind the depression of her doll room. She whispers memories of past loves in my ear, she recalls the letters from her first love and rehearses her fifteenth birthday waltz on the jogging track. I know it, but she nonetheless says that she would like to go back. I say calm down, only what's fluid flows. Passion is something that catches you off-guard and knocks you down, Ceci. Because of that, walk ahead, distracted. "I don't know how to pass," she says. "I don't either." "And now?" she nudged. I don't wait. "Till when?" I pass. The time when I was a girl stares at me through those eyes devoid of a real life. I see the time that didn't pass because it got stuck waiting. The time that remained in two people's empty lives. Ceci and the fifth person. The fifth person was Ceci.

**

There were five of us that day. I resisted leaving my house, ravaged by a hangover from the previous day, but I gave in to the third person's insistence. With one condition, however: that we go there. And I demanded compliance with the agreement to the very end.

Thus it was that, with the ill-humored blabbering of a drunken clown with a deep voice and dirty words, I joined the choir of high-pitched female voices muffled in the car heading confusedly to the city center.

We stopped at a plaza—unanimously at last—one of those with a church in front and children around it, and in the present case the sound of drumbeats coming from who knows where, while the prudes accomplished their duty attending Sunday mass. My eyes were immediately hypnotized by the view of the ocean and the lower city. A thick wall separated us from the cliff that linked both cities. I discovered a heart carved into the peeling paint of the column and I stepped on the sidewalk to photograph it. It was then that João and Pedro crossed the cobblestoned street, intersected my path, and shook my photo.

Pedro had two green beads for eyes, which immobilized mine during that whole, sudden and unlikely encounter. But it was João's voice that I first heard when, driven again by the impulse of day before yesterday's speed, I went after the movement. He was standing alone at the door of the church, rolling a cigarette, when he set his cold and silent eyes on mine.

It began then and I was already in the cycle.

And it was Ceci who invited us to sit at the bar by the cross when we all walked down the hill. Neither of us would have had that impulse at that moment, including myself, who had already done so.

There were five of us that day. João would choose any one of us for his attack. Perhaps he would prefer some of us more than the others, including myself. But he sat next to me by chance. João sat next to me and Pedro on the next chair. Ceci was still to my left, eager for one of them to rescue her from the abyss. One day someone would, that was the only certainty in her long, empty days. But Ceci stuttered childishly and she remained invisible to fate and inaudible to the strangers.

No one was able to hear her other than the four of us, who nonetheless didn't learn to let her speak.

I entered the house as if something stronger than my body, which by the way was completely drowsy, was pulling me from behind the door. When I crossed the first threshold, a senseless smell of memories invaded me. I got tears in my eyes and goose bumps on my skin as soon as I breathed the smell of my grandmother's house. It's the smell of my grandma's house, I shared with the strangers, who failed to understand the immensity of that physical place to which my body had been transported.

It was the smell of home. A home with the smell of many decades that peeled the paint from the walls, filled the doors with termites, covered everything else in mildew, but that made that floor firm ground for my feet.

I reencountered the smell of my grandma's house there. The smell that no longer existed. The long-deceased smell of the house that belonged to my grandma's body, which no longer existed, and to the souls of all of us who had lived there.

I walked into that house which became a shelter, a birdcage, and, above all, left another smell in me. A new, chemical and languid smell. There I spent the entire June cycle of Saint Anthony, Saint John, and Saint Peter. There I stretched the year that finally moved outwards, out there, on the lap of João's house.

I cured the soil of his home, his body's home. I took the seeds from my hands, put them on the windowsill for the sun to dry them, and entered into the four walls. I cured my insomnia and closed the wound that had been opened with salt. I slept, somewhat ceasing to perceive myself, letting the flow carry me without thinking of narrating anything. It was then I went into action. Actually, it was then I recognized the action, for it had already started.

I was already in the cycle when I arrived. But it was João who took me to his house, who led me away from the ocean, who put me on the floor and gave me a bit of earth so I could drag my feet.

To get to João I created routes in large and small transport vehicles, shortcuts through alleys and around corners. With him, I dared to ride the streetcar again. I climbed in, got off, walked, several times, like a dance step that was never complete because none of that was choreographed. Tracing my movements with João was impossible. Because of that, I continued strolling on the crossroads of new lines in leaves and windows, through other textures in the stories present in the intervals between points. New blood flowed in my city's veins. And I began at its center, which was its margin.

I would love to be just like you, he said, his eyes full of white envy.

We are alike, Ceci, we have identical parts within us. I also roll, roll, roll until I fall. As passionately as you. But here and now I'm learning to ride the streetcar.

It must be the cycle of return.

at 10:04:00

Some things come out round, others do not. There are unnecessary texts, texts that leave a loose end here and there, things we speak without saying, I wanted to tell him. I wanted to show him that the beginning did not have two ends, that it was only reiterated and that's how it was, it overflowed and it was sometimes unnecessary, leaving too much text hanging on the clothesline.

"Why are you crying?"

"Because nothing will be like it was. Never again. Forever, now."

"And that's sad?"

"I just know it makes me cry. I get that feeling from time, you know, the taste of a last time, and my cloud fills up."

"..."

"..."

"Why are you crying?"

"Because I'm getting older. Because time cuts through me. That's why."

"..."

"..."

"Why are you raining?"

"Because it's cloudy, can't you see?"

"No."

"..."

"..."

...

The other one saw herself in the eyes of the protagonist. And Lady Protagonist saw Mrs. Fate, who had sat beside her that day of fortuity and never left again, without realizing it. And at the same time it was as if the past had taken her to the new time, because it was her five childhood friends who had taken her

there. After that day, Luiza became a radically different person, which once again distanced her from the other four. She, who was the first person, fell in tune with the second person—whose way of conjugating life sometimes sounded extremely strange to her—and now, at this point of the story, experienced a third person. So many things had happened and yet everything felt like a beginning, because it was still the first batch of text of the new story, of the new challenge to live without drafts, and of what would never fit in a single book and fit only in that instant, within herself.

Luiza was pregnant. Impregnated by a new time. She wanted to go slowly, but time had already sped up and had caught her for the waiting season, the one composed of lunar weeks of breeding, when another person is prepared and time seems to stop in order to watch, unbelievably, almost in plain sight, the germination, the seed sprouting into being.

Pregnancy afflicted her. It made her despair. She felt herself on a crooked road, for her journeys were calculated and that path was too uncertain and mysterious. In her blind attempt to move, she had thrown herself into the tempest, sailing without changing locations. There were many shipwrecks before she realized on a blissful day that, unlike all other men who had passed by, the old sailor was still there, sometimes wet from his full clouds, sometimes so dry that he could calm her, almost always silent and friendly, rolling a straw cigarette on deck, but with very lively eyes and his whole body present. The day she realized it, she knew that he was the second person and wished to build a canoe for the third one's arrival.

Luiza then whistled her memories of the ocean, remembering stories that, like the waves, never come back, but leaving her old yearnings, phrases and promises at sea. She finally took the other's hands in hers, twirled in a silent step like a pirouette, and, without oaths, calculations, or plans, opened the door of the new life that was about to be born.

at 22:54:00

ORDINARY TALES OF MELANCHOLIA

(Short stories from the unpublished book *Ordinary Tales of Melancholia*, by Ruth Ducaso. Work selected for the SECULT/BA and Cultural Foundation of the State of Bahia Creative Writing Fellowship 2013)

FOR ANTONIO

I am Benta. I have a 41-year-old child. I apply my methods to my offspring. He was all wrong. He was wrong because he was born. He was wrong because he had no father. He was wrong because he was late in bringing me joy. Every day he was wrong. Every day he was punished.

When he was little, I used to open his eyes until they bulged out. He looked very funny. I wanted him to have a better look at his guilt for my shitty life. He took up all my time and because of that I could never enjoy myself. He was the crime.

The Spherical—wall eyes—likes everything I do, deserves everything I did. He liked it! I started to medicate him when he was three years old, I gave him pills and sat back and watched. Sleepiness. Indolence. Meek eyes, a slack chicken mouth. I loved seeing him like that.

My life was about waiting.

My life is about weight.

I am the fall.

Sometimes I would put Big Eyes in a corner of the garage and play at accelerating the car and turning on the headlights. The idiot made a mess of his feet and the floor. At night, when I nearly drowned in giant waves, I slowly poured ice-cold water on Chicken Face.

The kid started to look like an animal to me when I saw that weewee develop. On the spot. I became a veterinarian. I waited for his penis to mature like his father's, my mouth filled with expectation, I tied up his arms for the adventure, and zap. I let him see everything. He deserved it, he liked it. He wanted it. I cleaned the bed sheets, discarded the weight and stopped falling.

I always bring the cock with me, clean and dry. Skin that's always stiff, ready to use.

MARKET DAY

I returned home. It was Saturday. I clapped my hands. I knocked three times on the gate. And went on with the story.

"Sandro! Can't you hear me?" I shouted.

"The sun is hot, Sandro!" I expressed despair.

"The market was full! And you leave me waiting like that?" I accused.

"Again, Sandro?! What do you want?! For me to break the door?!" I sentenced.

"Come on, kid, put my groceries here." I interact with the only one.

"Take your money, go off!" I pay the spectator.

I close the gate. And go back to the story.

"Sandro," I said very close to him to keep him from yearning for the name's ugly design, "fresh or salted meat?" I whispered singing.

"Vegetable stew with meat on the bone for us to smell the cabbage impregnated with meat, hey?" I said, mouth watering.

"Hey, Sandro, you look handsome like that," I admired.

"You were never so handsome," I flattered.

"I wouldn't even wash you, I'd do it like that," I imagined the work.

"The color red made your skin livelier." My artistic observation.

"Son! Help me, come on, to the wash-basin," I cried out.

"Oh, my son, your leg is so beautiful!" I'm all admiration.

"Look how pretty it is!" I show him.

"It's pretty, but it's going to be so much work." I lament.

I did everything by myself, Sandro never helped me. I cleaned it, removed the skin, separated the parts, put the vegetables aside, relished the raw cabbage, anticipating the smell and taste of its wrinkled and slender texture.

Market days are the best for fresh meat on the bone. Getting up early. Making sure the animal is well rested. Going to the market, walking around the market, saying hello to acquaintances, everyone should see, complaining about the kid, everyone should hear, selecting the shiniest vegetables. Buying slowly, selecting carefully, taking one's time at the watermelon stand, complaining that I wanted a whole one, but I was never able to carry it alone. Calling a different kid than usual to carry the groceries home. Knocking on one's own house and talking to oneself inside. Sending off the main witness. Serving, for Sunday lunch, the vegetable stew with meat on the bone prepared on Saturday. Allowing one's mother, the indigestible image of every Sunday lunch, to suck on the bones at the table. Complaining about one's son once again. Relishing the cabbage on the plate, feeding oneself with the string of meat attached to the wrinkled, pee-colored

skin of the cabbage cooked with meat on the bone prepared on Saturday, saying good-bye to a mother's complaints. Sighing with relief. Settling alone onto the sofa. Embracing one of the loose recycled paper sheets of the new limited edition of Quintana's poetry book and feeling content.

WHAT MALES WANT

Tuesday or Thursday. I flip a coin.
Any day is good for hunting. But in that city those were the two days reserved for bleeding men with a sharp, fine-tip knife.

I like to bleed, to feel the fresh smell of red meat. To leave the animal standing. Dominated. To make a precise cut on the neck's river, at the curve where a tree root brings together cases that branch out.

A standing body, a hard body, heavy water, a thick current.

You cannot control the water's course.

I concoct a course for the river to flow warmly, without soiling the meat.

I turn the heavy body on its back. I tear the organs. The refuse of the male's placenta springs to life—a downpour. I make sure that the tributaries flow toward the river. I store the useless parts in trash bins.

I cut the skin. Behind the neck, at the point where the male keeps itself standing. Brave bull. Strong bull. I only serve bulls. I do not serve flower bowls to tame oxen. I do not set up traps.

I cut the hide from side to side. I stretch it all the way. I hold on tight to the ends of that piece of shit that every day asks me to stop hanging out on the street.

I break the ribs and sink my fingernails into the lungs, warm blood, a soft, air-filled sponge. With avid fingers, I pull those anemic red sponges out of their comfort. I smear my fingers with pleasure.

"What's the shape of that cloud? And that one?"

I detach the bones without removing the meat. To make them feel heavy. Bones without meat get to rest. These do not deserve to rest. They give themselves too much to pleasure.

The male could not resist sleeping.

The precise passion of a mighty river to instill fear.

I leave that one behind, I want another.

The males want me to take care of them all the time. I give them bouquets twice a week. That is what they want when they parade before me. I keep the hide to show off. I discard the bones and leave them to those who still want used meat. I play with the useless parts until I am bored. I toy with the bladder, engorge the soft pole, knead liver jam.

I give them pleasure. And that is truly what they want.

ZÓ'S IMPRESSION

Zoilda got married at the age of twenty. She was worried when she did. She thought she would never marry. But she did. What a relief, that day. She did not know why she was afraid of not marrying. She did not know what marriage was. She did not know what her life was. Zoilda didn't know anything. She saw that, around the house where she lived, there were women like that. Women who occupied other families' houses. Women without a home. Zoilda knew that she wanted a home. Because up to that point she did not remember ever having had a home. With her mother's death, Zó lost her home at an early age.

One year after the wedding, she had her first son. "That's enough," Zó thought. "I don't want to have any more children." Five of them came. Hunger came. Addiction came. A drunken husband. Zó, an unwilling mother of six. Zó endured everything. Her husband drank, her son drank. Her son drank a lot of water. Water spoiled by sick fish. The end of a son.

Zó endured it all, Zó kept counting six. Zó endured. Grown children. Zó had a home. It was hers. That was apparently what she always wanted. She would never leave. She chose the best corner of the house. The warmest. Next to the woodstove. She lit the fire every morning. The wood burned day and night. She stayed there next to the warmth. It was her corner. In her home. Puzzled, her children tried to remove their mother from that corner. The neighbors. Relatives. "Come out, Zó. Come see the jackfruit tree." "Come see the orange tree full of water. Full all the way to the top." Zó no longer knew how to speak with her mouth. The words fell from her eyes. Zo's home was the saddest home. Zó was the saddest. Zó thought that she had a home and she wanted to go out. But she could no longer do it. The fire's warmth glued her mouth shut. Her feet down. Zó wanted to say that to her children. She wanted everyone to know that she did not leave because the warmth held her back.

The family members got married, moved, travelled, wept, came and went. Two children remained. Zó stayed by the woodstove. Around the house, the dog, the father, the drunkard, the catcher of. The drunkard harassed Zó. Zó poured warm water. The jackfruit tree blossomed. It smelled. It perfumed the corner by the woodstove. Zó wanted to see the tree. The jackfruit. The arils. The color yellow. The slime. It was the warmth of the slime. "Did they put slime on me?" Zó examined her whole body in search of jackfruit slime. She wanted to unglue herself. She wanted to go see the jackfruit tree.

The drunkard started to sense that Zó was foreign to herself. It appears he started to understand her craving for jackfruit. The drunkard tortured the warm woman with her craving for jackfruit, with the aroma, the aroma. The aroma. The dog learned from the drunkard and ran through the kitchen with a yellow piece of jackfruit. It would drop it in the backyard and smear itself. It would throw itself

on the ground as if he was laughing at me. All dogs laugh at me. All drunkards laugh at me. I hate all parents. I hate Zó, who never leaves her corner. I haunt the house with a cold wind. I pass near her. I blow in her ear. I chill the children's feet in the living room. The dog and the drunkard see me. They laugh at me. An even stronger wind in the house. I chill the warmth. I confound the dumb one glued to the wall. I open all the house's windows. Pla! Pla! Pla! They run. They close the windows. I am in the house. The movement of the trash on the floor, the loose clothes, the rugs, the cloths. In the kitchen, the pots. I no longer want to see myself by the woodstove. I no longer want to depend on the fire's warmth. Vla! Vla! Vla! I sp-re-ad the Fire. She falls. I open the windows. Around the house, the dog screams and throws itself in the backyard. The drunkard spits all the water he drank in the house, trying to douse the fire. The house is mine. I am warmth. I multiply the fire. The drunkard runs. The dog laughs. The drunkard is the catcher of. The children are gone.

THE AFTERNOON OF A FAUN

In the future, everyone would talk about the boy who jumped out of the building. What could have happened to him? This would remain a mystery. A resident on the seventh floor would say:

"I saw him fall, so tiny, from the stairwell, up there on the last floor. Sixteen floors. So high up; he couldn't have survived."

But the body, nobody would find the body. Davi would be far away. He would fly far away, a distance that nobody imagines and, to measure it, one needs to imagine a faraway place at which you never arrive; a faraway place from where there is no return. He would fly. And one just needed happy thoughts to fly, like in fairy tales. His body would be light, no longer with the weight of the pain he bore. It was merely floating. The wind would carry him far away, where another destiny awaited him, happy and for ever after. For ever after, like in fairytales, endless happiness. All it took was going through the hole in the wall; opening your blue, superhero cape and throwing yourself from the sixteenth floor. He had calculated everything. His eyes were turned upwards because that was his aim: high-up, the almost red sky at the end of that afternoon; the city's gray clouds would be overcome and, up there, above everything, there were pink clouds. He would go up there, moving along with the afternoon as he flew. And, then, even the afternoon would disappear into the horizon. The evening stars would remain. He would look for the brightest one, which is to the right, and then another, as intense as the first. This would come on the right and fly for a long time until it found the sun and its heat again. No longer the afternoon which dies on the city horizon, with its colors that are too bold on account of the pollution, as he learned at school. It would be a rising sun, in a new and glowing yellow. And all of his lifetime would be like the heat which rises to warm the evening dew drops; everything shining as is only possible when it dawns for the first time. It would be enough to have happy thoughts when his left foot followed the right, which was already in mid-air. The two feet would step on nothingness. A single step. The leap. Flying. All it took was happy thoughts.

But he didn't have them. Nothing he could remember was a happy thought. He tried to imagine a happy future, something good. Nothing. He tried to imagine the Faun getting up from the ground, like that time he stumbled at the building entrance. He grasped him by the waist and stood him up.

"Did you hurt yourself?"

He wanted to run away in embarrassment but his whole body was paralyzed. An electric shock paralyzed his nerves. He was going to die there. He was defeated prey. His body reacted involuntarily, convulsing between his legs. With great difficulty, he ran towards the staircase, his refuge. Nobody used the stairs. He wanted to go home and hide. He arrived right at the door of the apartment on the fourth floor but decided against it. He knew that he was flushed. His mother would notice. He decided to go up to the last flight of stairs right at the top, where the sixteenth floor connected to a patio of the building, an abandoned spot that had been his hiding place for a long time. He could see the bedroom and living room windows of the Faun's apartment from there, and he could even catch a glimpse of part of the bathroom through a small window. The apartments at the back had windows facing the central shaft. And there, from the top of the stairs, by the latticework wall, he could see everything in a number of apartments. That was how he liked to spend his afternoons outside. As soon as he was excused from lunch and his homework, he fled. He closed the apartment door behind him and forgot about everything. His father and mother disappeared from his life. He was alone in the world and could be whatever he wanted, an adventurer, a magician or a scientist. The top of the stairs was his castle and lookout. The Faun was over there, at home, taking off his clothes. His shirt, pants and underpants. He was completely naked. Davi could see all of him, walking around the living room. It was a strong, white body. Hairy. The black chest hair went down to his belly in a narrow path and spread out between his legs. Thighs, ass, everything was covered in long black pelage, in contrast with the whiteness of his skin. Also, a black down started at the top of his back, extended to his shoulders, and ran down his arms, to his knuckles. His whole body was a sheaf of muscles, like a Greek statue, an engraving, like a print in a mythology book. The boy quickly recognized the faun from his book in that man. It was the same muscular and hairy body. His face was also marked like the one in the picture: strong, thick, black eyebrows, like two crow's wings. But, most of all, Davi was impressed by his strong legs. He seemed less human from the waist down, like an animal. And even standing, if they were not goat's hooves like those on a real faun, they were so outstandingly brutish... The first time Davi saw him, he was lying in bed, stroking his body. The boy, at his young age, couldn't understand what was happening. Even that extraordinary body was something new to him. There was no comparison with his father at all, so completely neutral. If you asked him why he was so fascinated by that sight, he would not know the answer. He had already seen other neighbors naked on his expeditions. It was always extremely funny to see. He had already seen classmates of the same age, curious to make comparisons. But there, seeing the neighbor naked, touching his own body, he felt something different. It was as if he was touching the boy's body from afar. If he moved his hand along his hairy chest, it was as if he was stroking the boy's smooth chest; if his hand went down to his strong legs, he touched the boy's

slim legs from a distance. And when he fondled his genitals, he seemed to grab the boy and try to make him grow, stretch him and produce a remote orgasm. Orgasm? To him it was only a strangeness, a good and unnerving feeling, like a sugar-coated candy, so sweet it would take away the taste of anything else. And even the taste was indescribable, there was no way of telling others. Little Davi knew that he had found something that first afternoon. He knew without knowing. He learned a new smell in his body and fled, frightened. He ran down the stairs and went home. He wasn't afraid of what he would find. He knew what he would find and certainty drove away the fear. He needed something known and familiar, a refuge for his body, which insisted on being another. He brought the evening forward and opened the door. It wasn't even three in the afternoon.

The next day, after he had been excused, he was on the landing of his floor. Unlike the other days, he didn't feel relieved about leaving the apartment. He was tense. He wanted to go upstairs and take a look. He was in a hurry and afraid. He went up slowly without paying attention to the windows of the apartments that appeared through the latticework on the wall. He didn't see the neighbor who hid empty bottles under the bed, or the old lady on the ninth floor who slept on the sofa with one breast on display with an old wound she covered with a shabby handkerchief. Another resident, Dona Heloísa, was looking for her lost cat, Morena. She always let the animal get away and then went looking for it from apartment to apartment. Davi liked to hide the cat and enjoyed pretending to help the old lady. Then he found the cat and received candy as his reward. So many open windows. He only stopped on the fourteenth floor to see the actor's apartment. That was what his mother and the other residents called him. And when they said "actor," they had a different look in their eyes. It was as if they had said the opposite. The doorman laughed at him behind his back and one day his mother told him not to speak to him. He was not a TV actor, that he knew. He could see him at home every afternoon, rummaging through colored dresses, sewing some. He always sewed. One day, he was taken by surprise when he was jumping from the staircase on his floor.

"Hey! You're going to fly" said the actor, when he saw the boy with a piece of cloth tied at his neck. "What are you doing up there?"

Davi said he was playing.

"But with that cape? Don't you have anything nicer? Come with me. I will give you something."

Davi went to his apartment with him. There was one bedroom and living room. All of the apartments at the back were like that. The living room was bursting with dresses on hangers, on the sofa, everywhere, and there was a sewing machine in the corner. On the table, along with used plates and cups, were scissors, thread, ribbons, scraps of cloth and a jar of colored buttons. Davi went in warily.

"Don't be afraid. Sit down here."

He took some of the dresses off the sofa to make room. Davi asked if he was an actor like everyone in the building said. The man looked at the boy. He

seemed young but he wasn't. A slight weariness had started to introduce itself around his eyes.

"Is that what they told you? Yes! Perhaps I am an actor but with just one character. This one here."

He took a dress on a hanger and put it up against his body. Then he picked up a lady's wig with long, black hair and put it on his head. Davi was scared. He hadn't seen the wig yet.

"Absolute Taylor! This is my character."

He pulled a funny face while he shook the wig on his head and made the dress dance in front of his body. Davi laughed at the game. He told him what he did. He pretended to be a singer, dressed up as a woman and performed every evening at a nightclub. The singer's name was Absolute Taylor, a funny name Davi thought.

"Yes! Seeing it from your side, it is funny. It's not supposed to be but it is."

He also made dresses. He made them to wear and for other actors. He made money that way.

"Would you like me to make you a cape?"

Davi couldn't believe it. He wanted one.

"How?"

Davi wanted a blue cape. Could it have stars on it?

"I have this material here, look."

It was a blue satin fabric. Dark blue.

"I can put some stars on it too."

Davi thanked him. The cape would be ready in a couple of days. He started to go to the man's apartment every afternoon in those days. He watched him work, listened to stories and played games. He already knew that he sang in a nightclub but had also worked at children's parties, dressed as a clown. He didn't do them anymore but he still had the costume. It was a red and yellow clown suit with an enormous frilly collar. He had a hat covered in lights which lit up. The man dressed up in the costume and painted his face. Davi spent the happiest afternoon of his life laughing at the neighbor's antics. On another occasion he put on Absolute Taylor's clothes and sang a song in English. It was a sad song but very beautiful. That is how they spent those afternoons.

The cape was ready. A blue cape covered in stars. It was a superhero's cape but it could also be a magician's cape; he just needed a top hat and a rabbit.

"Look, I'm going to find some fabric to make you a top hat. I need cardboard and a piece of black cloth. I'll call you when I find it. Try it on here."

He put the cape on the boy. It was loose and had appliqué stars made from a silver fabric. It tied at the neck like a shirt collar, it just needed buttoning. But there was a problem. It dragged on the floor.

"I made it big because you are growing. If I made it your size it wouldn't fly up. It will be great when you run or leap from the stairs."

The boy put it on and left by the corridor. The cape flew up. He had not yet surprised the Faun at this point. He didn't even use the last crawl space on the staircase as a hiding place. It was the cape that made him find the place. When it was ready, he realized that he couldn't take it home. His mother wouldn't like it that he'd been talking with the actor from the fourteenth floor. What about his father! That was when he found his hiding place. It was a deserted spot. At the top of the staircase, there was a landing and trapdoor leading to the roof of the building. It was dirty and dangerous. He went up a flight of stairs through a hole in the wall to get up there. Davi was afraid but it was also fascinating to look down from that height.

It was there that he saw the Faun lying on his bed. It was an inexplicable vision, as if a god slept among humans. He immediately remembered the faun in the book. He already felt confused when he looked at the picture and hesitated at turning the pages. The paper faun was lying down in the shade of a tree and was holding a flute close to its mouth. It looked as if it was starting to play a song and smiled a smile that was somewhere between seductive and malign, like someone inviting but warning: it's a trap; you will be lost. Davi was lost. He spent hours looking at that picture. He took it with him in his daydreams at school, where he imagined the faun walking through the woods frightening the animals, running after the nymphs in the other picture, taking part in battles and escaping from danger. It was his favorite fantasy. Now, right in front of him, the character appeared, but this time without the colors from the book. It was living flesh. He moved about in the bed and escaped from Davi's sight. He had to go down three steps to regain the view. He saw between the holes in the wall and, was not seen at the same time. The Faun started to fondle himself and the touch on his body reached little Davi in his hiding place.

Davi could see Absolute Taylor in his apartment from the stairs on the fifteenth floor. The neighbor was wearing women's clothes. He tried on different models, put padding in his chest and selected a wig. He was engrossed in getting ready for the evening. Davi had forgotten about the top hat. The previous day, before going up to the top of the staircase for the first time, he only thought about the top hat that he was going to receive to make his superhero's cape into a magician's cape. At that moment, he only thought about what he would find up there. He left his new friend with his clothes and went up. There was no-one there. The windows were open but he wasn't there. Davi was disappointed. He went to find his new cape and put it on. He didn't want to play with it; he just sat on a step at the top of the staircase, looking through the hole. He stayed in that position for almost the entire afternoon, waiting. He could see the whole building and the neighbors' open windows. Morena was stalking around the leisure area down below. Dona Heloísa would soon be out looking for her cat. He thought about going down and saving the cat with his hero's cape and was already going down the stairs when he caught a glimpse of the Faun. He appeared in the living room. He must have come in from the street and the boy hadn't seen him.

He wearing nothing but his underpants. He stopped in the center of the room and started to do some exercises, first standing and then on the floor. He used weights. Now and again he went to the bedroom and looked at himself in the mirror, admiring the result. His whole body was perspiring. He stopped almost one hour later. He took off his underpants and, naked, started to make the bed. Having taken a shower, he got dressed and went out. The afternoon was over. Davi had to go back to the apartment. Going back home was always painful; it was like returning to a hole from which you had already been able to escape. He knew about the weight of the earth and how it suffocated someone who was buried alive. However, his suffering that day was different. He had to leave the Faun. He couldn't follow him wherever he went. He put his cape away in a bag and went down. He could only wait for the next afternoon.

And it came. There were many afternoons like that one. He secretly watched the Faun. He did exercises every day, almost always while naked or in his underpants. Davi started to pay attention to everything about him. He soon discovered that he slept until mid-day, while he was at school. He spent the afternoons at home and went out as soon as it grew dark. He came home late, very late. Davi watched the building entrance from his bedroom, waiting for him. He never saw him arrive. He was already asleep. There were days when he put some music on and danced. He started off dressed. Then he would take his clothes off, bit by bit, as the music played. He contorted himself and moved his hand over his body. They were strange clothes - cowboy, soldier and sailor costumes. One day he put on a magician's clothes, with a top hat and everything. Davi noticed that the cape was the same as his, or nearly the same. It was black with a red lining, but had the same silver stars and the same collar. And what about that top hat? Could Absolute Taylor have made it? Did they know each other? Davi soon had the answer. The Faun was in Absolute Taylor's house. He was trying on some red clothes. Davi couldn't explain what was taking place; they went into the bedroom and closed the window. They stayed in there for a good while, until it grew dark. They still hadn't reappeared by the time Davi went home. All the lights were on in the building, except there. Everything was dim and secret in the actor's apartment.

He didn't want to go to the actor's home any more.

"You don't drop round any more. When are we going to make that top hat?"

Davi hesitated. He was angry with the man. He didn't know why, but he was. On the other hand, he wanted to know more about the closed windows. Didn't he know? He knew. His body had already taught him. An obscured alarm clock had gone off but it was as if it spoke a different language. Translation was needed to understand everything. And the closed windows made him clearly imagine everything that was going on inside. He was not there, but that closed bedroom hid inside him and burned. It was a bomb pounding out a countdown. When would it explode?

Davi ended up going to the man's home. He wanted to touch those red clothes.

"I'm going to make it a little bit bigger, to last longer."

The man measured his head with a tape measure. Davi was growing; he already knew that. The cape was longer; his clothes were baggy; the top hat was bigger. Everyone gave him something larger than he was. He needed to grow to attain things, to fit inside them. Nothing in the world was his size. All of those feelings that circled around his head and his body were like that too, bigger, loose and distant. He needed to grow to fit into them, to understand them. The clock ticked and didn't move forward. It seemed like an eternity.

"Where did you find this?"

A pair of red pants. Davi had found them. He had to look through the jumble of clothes, which he searched through with a casual air. The sides of the pants were held together with Velcro, making them easy to undo.

"They are pants for the theater. They are made so they can be taken off quickly. No, it doesn't mean anything. They are just red pants. Give them here."

He took the pants from Davi and put them away. Then he went back to fixing the top hat.

"See, I have the right type of fabric. I think that it will be ready tomorrow."

Davi left the apartment with few expectations. He no longer cared about the present. He only thought about the feel of those clothes on his hand. One touch which would be joined by another. That time he fell by the building entrance. Two large, hot hands had held him by the waist and lifted him up. The Faun. He lifted him up to eye level before putting him on the floor. He had never been so close. Eye to eye, mouth to mouth.

"Did you hurt yourself?"

He spoke with a slight smile on his lips. The picture from the book materialized in front of the boy. The same smile, which invited and warned: it is a trap, like a tiger just before it leaps. He put the boy on the ground and ran his hand through his hair, messing up everything which was already messed up. He ran to the staircase and went up, climbed all the way in one go. He wanted to go home but decided against it. He was almost out of breath when he got up there. His body was on fire. The Faun arrived at the apartment soon after and started to take off his clothes. He was going to take a shower. Davi could feel those hands, still hot on his body. He touched the hair they had touched; he touched his waist and kept touching himself while he remembered each feeling, his eyes fixed on the naked man, there, in front of him. The time bomb in his body pounded faster and faster, until it exploded in an orgasm. The first. His whole body stiffened, bombarded by electric shocks. It was almost a convulsion. Davi was astonished by that new joyfulness. A pleasure that he had never felt before. He felt as if he had grown, as if he already fitted into those baggy clothes. His body was now bigger than it had been. He was bigger. He kept watching the Faun taking a

shower. He was in the hole at the top of the staircase. He was discovered this time. The Faun saw him from the little bathroom window. Their eyes met once again. The Faun smiled. Was it an invitation? He already knew about the traps but, even so, he drew back, frightened. He didn't know why, but he was sure that the man wouldn't complain about him to his mother. Any other neighbor would complain about snooping, but not him. And Davi was even more scared of that. He would no longer be able to watch without being seen, from the safety of his refuge. He had been exposed. He couldn't hide the fact that he was looking, that he liked looking, that he needed to look. And, if he looked, he wanted more; he wanted to touch and hug and close himself in the bedroom, with the windows closed, everything dim and secret. But could he? Those clothes were still baggy and he didn't really know how to wear them. And what if that smile was not for him, and if it was his, was it a prelude to laughter? He already imagined the Faun and Absolute Taylor laughing at him in the closed bedroom, thinking he was ridiculous in his baggy clothes, the superhero cape dragging along the ground, not flying up, the top hat swallowing his head. He wanted to run away and hide. If his refuge had been discovered, he still had his home, in spite of everything. He rushed down the stairs without even looking at the apartment windows. He knew that they would all be there tomorrow. They knew that he would return, having recovered from his fright. But it didn't happen like that.

He couldn't leave home for the next few days. Morena, the neighbor's cat, was found dead and her owner accused little Davi of hurting her. He was grounded for a week. He couldn't run away. It was as if fate had decided to mark the end of that childhood. The fights, the screams would remain in his memories forever. When he returned to the top of the stairs for the last time, after been grounded for so many days, he didn't find the windows open, not Faun's, nor Absolute Taylor's. He wanted to jump from the building; he wanted to have the power of flight, but he didn't. When he pulled his feet out from the hole in the wall, he knew that he would never see them again. From that moment on, his story would be different. Another life, far away from there, without a home to run away from, without the staircase as a shelter. It would all just be one thing, inside or out. He went down the stairs slowly, the cape dragging along the dirty floor. He regretted never seeing the Faun again and never again feeling so much desire. The desires would be different. As strong? Different. Davi always kept each feeling, that single touch, that smile, that voice.

"Did you hurt yourself?"

How many times he had wanted to answer that question. Nobody escapes hurting themselves in this life, he thought one day, a long time after. A long time after, he still regretted not having got the magician's hat and not having understood who Absolute Taylor was. Over the years, his living room became more and more colorful in his memory, with his imaginary dresses. He heard about it one day, much later, through other people's memories but it was already

too late to see it again. He felt sorry for Dona Heloísa and her cat, Morena, and all of the neighbors that he would never see again. His cape dragged on every step in that building, as if resisting the release of a beloved person. Davi also resisted leaving the building, despite everything that had happened. He didn't really want to go to his father's funeral but now, after his mother was taken away by the soldiers, he could stay no longer. He arrived at the building entrance, where his aunt was waiting for him, resigned.

"Ah! There you are my dear."

She patted his head. He looked so much like his mother.

"Beautiful cape! Let's go; your uncle is waiting. At least you are going to leave this terrible place!"

Terrible place. It was the first time that Davi thought about that building as a terrible place. He hadn't thought of it like that until then. His entire world came down to that. In some form, despite his parents, he didn't feel so unhappy. A child always has that secret world, which protects him from the real one. His world was full of fauns, nymphs, magicians and heroes. He took one last look. They walked down the front door steps and reached the street. Some of the residents watched from half-open windows. The ones in his apartment were shut. It was a day for closed windows. On the sidewalk, a strong wind gusted, raising dust and blinding the boy. His cape rose up and he attempted flight for a couple of seconds. He felt like never opening his eyes again, spending forever as if he were flying. All it took was happy thoughts: a hand appeared from his memory and lifted him into the air. "Did you hurt yourself?" Davi felt that nothing in the world could hurt him.

ROSA LUXEMBURG

("Poemas da Rosa")

Far away, back home, there's a prayer:
"Come back soon, and well!"
(The webs that history weaves).

In nineteen hundred and nineteen.
In the petals, the sight of a rifle
Ravaged the corolla of dreams
— on January 15, and the silence.

Words?

Silence is the greatest retribution.
And nothing in thee said any more,
In the ruddy waters of the Landwehr Canal.

In the abandoned canal
that not even the breeze can warm,
shot through with bullets
— many, through and through —
She lies dead and cold.

Red, that rose?
Rose of dreams and metal —
in search of the human face.

She dies each year in the beloved city,
Berlin, in the horror of its clutches:
slander tells its own story.

Enemy of the October Revolution?!
Of a Lenin said to be barbaric and Asian?

She dreamed of a world
in which men could sing in the streets, free
from humiliation, hunger and fear.

Far away, back home, there is a prayer:
 "Come back soon, and well!"
 (The webs that infamy weaves).
 She lies dead, and rots,
 her mother's little girl.

The fiction of the taint,
 its deep roots,
 do not touch that woman any more
 in her indomitable thinking,
 in the rose of stillness,
 sister of the stars, blind,
 forever blind,
 forever our
 rose of hope.

FOUR CARDINAL SONNETS

("Quatro Sonetos Cardinais," *Delirio do Ver*)

1.

Rose and gold are mingled in your sex,
 Gaia awaits, confusing the search
 For the cylindrical flower you have in your pubis.
 How often do you hit me, arrow in my chest?

I harvest your sap in a body so closed
 to your amazement, it takes my breath away,
 while the brightness of your sadistic eyes
 crushes my mouth as it insanely sips.

I try to tell you of the trembling house,
 but you only understand the yelping wolf
 in my lair of agonizing joy,

to slay me with your flaming dagger,
 when I least expect it, and upturn me, insane.
 My delight penetrates you. Are you in love?

Enemy of the October Revolution?!
 Of a Lenin said to be barbaric and Asian?

BIRD IN THE DARK

("Coita de Amor")

Crowds passed by
in the narrowed eye
and a dagger was felled
and a star impregnated.

There unfolded rows
of endless cowboy chants,
and herds grazed
the sweetest secret.

There had been a gate,
a song in it,
and the stream flowed
through blazing gusts.

There was a mast and sail,
plowing through bounding seas
and the anchor fell
in the now mute sand.

Sounds spread out
tearing up old time,
and a cold dagger cut
the wrists of Sunday.

A muddy stone fell
In the limpidity of the lake,
and a sad bird's eye
undermined plangent lymph.

The eyes just stared,
burnished in the vigil,
at the breastplate of darkness
and that floating bird.

ROSE, VIOLATED

("Poemas da Rosa")

My pain does not live in my house,
but in a garden for centuries running
in its scathing rush. The weather burns,
and the mill of that time will suffer.

In the wide avenues of the city
cars cross the crooked line -
horse riders mounted on bikes, ageless,
accosted me at my door.

One took my watch, the other my ring,
my gold chain broke,
and the fourth bandit smiled,

at having my gaze within his.
He drew from his belt his blushing gun,
kissed it and gave me the rose and my life.

THE WRETCH

("Poemas da Luz Inesperada")

Je suis le Ténébreux, — le Veuf, — l'Inconsolé,
Le Prince d'Aquitaine à la Tour abolie :
Ma seule Étoile est morte — et mon luth constellé
Porte le Soleil noir de la Mélancolie.

.....
Et j'ai deux fois vainqueur traversé l'Achéron:
Modulant tour à tour sur la lyre d'Orphée
Les soupirs de la Sainte et les cris de la Fée.

Gérard de Nerval. "El Desdichado." 1875

Life pulsates in every tone, and I hear
beating in your chest pain and grief
lilac lute. The bugle sounds
while verse, free, hurts you.

Dark widower you play your cord
In the vacancy of this verse, hollow house,
and the plangent mandolin, mad science,
the poet of the silent who do not sleep.

But you are the desdichado, you are the bastard.
Knight of time in living space
You invade, barbaric yell in his mouth,

What you do no forsake, disinherited,
even if gales sweep your life,
and the cry of thy wound bleeds and cleanses

your extreme singing voice.
If you should get there! The thing is, you never arrive,
interplay of joy in the face of torment.

Then your body descends the narrow ramp.

1604

The nickname was just a syllable of the name repeated with a diminutive added. Thus expressed, everything became more palatable—the sour smell on the back of the neck after a day's work, the easily irritated tone of voice, the aversion to wake up early. Since there was a nickname that repeated syllables and ended in a diminutive, there must have been some hope, even if it was lost in days past, long-gone gentle days. Since they had existed, why couldn't they simply come back?

The first house should have already been a sufficiently reasonable clue. On the door, plastic words spelling a phrase from the sacred Bible stood out. It was no doubt something from a different time; the owner (he rented the place) must have put them there. God-fearing as he was—in the strange manner of those who are not unbelievers yet do not believe too much—he did not dare remove the words, and on reflection it was not a bad thing. It was a way of feeling protected without having to stay awake a few more minutes to pray. Those words were quite practical.

On the inside there were three windows facing the ugly street, a sofa, and a TV. There were boxes filled with everyday objects spread out all over the room; from the sofa one could see the electric mixer, which could be used to make cakes, and the aluminum pots, which instead of sitting full on the stove had become a promenade for cockroaches. And there were also rats.

288

The rats crept around all day long, fleeing from any extreme movement by humans. They coexisted silently and without leaving traces, unless there was complete silence in front of the lit TV and the creatures felt at ease to wander around. Their favorite place was behind the sofa—a frayed cloth that served as a hideout. They went by swiftly at that hour; they liked to appear especially at night, when there was less movement, and they ran from one end to the other of the immense and nearly empty room.

In order to see them during the day one had to be more convincing for them to leave their hideout. A Styrofoam tray full of cheese on the table was more than enough reason for them to appear, but still they were quick and discrete in their work. Their presence was only noticed after they were gone, when the cling film that covered the tray was gone and the wholes on the cheese denounced the house's true owners.

That was the best indication—his roommates were rats. Animals that ran through the sewage, nuzzled the garbage, appeared in the early morning, and were perfectly adapted to the house's domestic routine. The rats were pets.

The second best evidence that the nickname of repeated syllables and a diminutive would no longer be capable of defining its owner was the next

house. The days always began with a startle, such as the phone's loud ring. It was always a problem, something that guaranteed at least three and a half minutes of grumbling after the call. Either that or a silent way of saying that it was best to content himself with his shitty life.

The next step was to finish waking up and head to the kitchen, where one or two mid-sized cockroaches (not the flying kind) awaited him floating in the pot of food cooked the previous week, below the sink. From the counter's small trashcan overflowed eggshells, pieces of onion, and flour, a lot of flour, because that's what was most eaten in that house. There were also other creatures—unpleasant flies that flew around the trashcan, attracted by the putrid smell, as well as small worms that crept on the sink early in the morning.

With the cockroaches, flies, and worms, coexistence was not so friendly. The first reason was that they respected nothing; they were authoritarian creatures that imposed their presence even during daytime. The second reason were the visitors, who were inevitably shocked by the critters' appearance during breakfast. He tried to explain, he tried to blame other residents. It rarely worked. Nobody understood how anyone who did not live on the street, under a bridge or a shop's awning, could nonetheless coexist with those creatures.

The truth is, everything is possible. If he hadn't been born to walk around vertically and stand on two legs, that man would have been exactly like those rats. It was his daily exercise—to creep through life, traversing roads in a hurry to make sure that some space was his in the world of known things. There was the rent, always paid late because he forgot; there was the need to go out someday to buy poison for those cockroaches. But there was also his inadequacy in everyday matters, in all those acts that people repeat every day of their lives almost without noticing.

The man was therefore a rat. He preferred creeping through his dirty house, through dirty streets and dirty women during daylight, so he could be home in time to watch the first soap opera on TV. When he arrived, the ritual was always the same: he opened the door and stepped on the floor with his dirty and heavy boots. He took off his shirt, left the keys on the shelf, placed the cell phone on the floor, and lied down on the sofa. There, he rubbed one foot against the other to take off his boots. He left on his socks and jeans.

About four hours later, he fell asleep in the same position as he was when he arrived. He preferred the phone not to ring—that was always the problem—and not interrupt his dreaming time, which meant being there in front of the TV. With luck, after the soaps there would be an action film, with a lot of racing and gunshots, police chases and treason. What nerve those cockroaches had to be what they were in plain daylight, while he accomplished his role as a rat waiting for everyone to be quiet so he could live in front of the TV. How he missed his first house! God protecting him when he arrived and the silence on the second floor. The only sound was that of the rats creeping. He never thought of using rat poison, rattraps, poisoned cheese, never. He understood those beings. They also wanted to watch TV at night, after a whole day not existing.

MOON

Martha liked parties. That was the first thing people should know about her. No balloons were required—it was just to remember that life could be extraordinary. She spent days planning the next week’s party. When time came, she had to come up with a new excuse—which could be someone’s birthday or any event commemorated that day, even the 10th anniversary of the death of her favorite singer.

She believed that having a concept was the most important thing. She preached: a party without a concept is no good. If the food was feijoada,¹ the place could become a pub, with everyone wearing hats. If brigadeiro² was served, it was undoubtedly a retro party. Decoration with a lot of dots. Martha was the type of person who thinks of things that other people hire someone else to think of.

Martha’s job was different. She left early in the morning and took bus 3657. She had to be there early to make up for what she could not finish the previous day. Martha knew: there is always something that has to be done, life never gives you a break. Only on the day of your death, and even then, only after you are dead, because even dying can be a lot of work.

She looked for small kind gestures to distract herself from the everyday routine she imposed on herself. The same people rode the bus almost every day. The fare collector had the same smile and gave the same “it’s alright” response when there was no change. Martha smiled to somewhat enliven her days and ease the burden of the bills accumulating without respite in her mailbox. And the periodic exams at her job, the appointment she had to make with the ophthalmologist, the email she had to write to apologize for not going to her friend’s party. So many things to do. Twenty-four hours, eight of them at work plus two to run for lunch and try to pay a bill at the bank. A huge line. The traffic jams, which made the commute to her job and back take almost two hours. For sleep, six more hours (Martha didn’t need much sleep). Waking up, taking a shower, putting on lipstick, and running to the bus stop: one more hour.

Martha had five hours to live. At the end of the month, she had lived in peace (of course not always in peace, because her boss always called after-hours to talk about next day’s duties) approximately six days. That was when the month had thirty days. When it had thirty-one, what a joy. And there were Februaries.

Because of all that, the party. Any little thing, happy hour, movies with friends, family reunions, everything had to be planned for it to be wonderful. It couldn’t just be good. Martha needed an extraordinary life, like those giant sea turtles that crossed the border between water and air to breathe. That was exactly what she wanted, that wonder at feeling herself breathe again, alive.

¹Brazilian dish of beans and pork (TN).

²A Brazilian chocolate delicacy (TN).

She lived like the day Cesar showed up. Like the day when, after making love, he put her hand on his chest. They kept quiet, breathing heavily, his heart beating and she listening with her hand. It was very fast. Cesar and she were alive at that moment.

That was the only way Martha stopped planning parties. As soon as Cesar arrived, he brought a book with him, with a dry flower marking the page that talked about parties. He didn't know yet of her belief in parties as a way to live (or maybe he knew, one of those mysteries that cannot be easily explained).

The radio at the first love hotel they found on the way (46.90 reais for five hours) played all sorts of romantic music. Through the main door (Cesar and Martha went by bus) a drug dealer sometimes also requested a room, since it was more discrete than selling on the street. They would climb the stairs smiling after getting the key in the reception full of works of art. On the stairway, a cheap sculpture of a white Venus painted in imitation marble—decadence. And a French cinema poster in the hallway leading to the rooms. What kind of lunatic decorated the place?

There was no concept there. No fireworks or delicacy like those Martha put to test in her everyday life, in her daily struggle against routine: a small vase with real flowers, a little stone sheep on her desk. Nothing. Indiscriminate music, a drug dealer selling drugs in the room next door, the risk of a police raid, the cheap sculptures, the traffic jam that could be seen through the window, the room without sockets to recharge the cell phone (only the one for the minibar).

And Cesar. Unbuttoning his shirt, arranging his clothes on a hanger, lying down on the bed, and saying that Martha was beautiful the same way he always did. His kiss always had the taste of the cinnamon chewing gum he liked (she didn't like cinnamon, but it was alright), and his rhythm was slow at first and then very fast. When both of them were out of breath, Martha took off the rest of her clothes and threw herself on Cesar. Always the same. His eyes closed and his hands caressing her body.

There was no more music. There was no drug dealer selling coke for sixty reais (and that was expensive). There were no more cars honking outside nor the ever-smiling girl at the reception. And, after all, who really needed a socket in a motel room? The party started with one body and ended with the other one. Simple, so simple, without invitations or fireworks to announce it.

OF STREETS AND BACKYARDS

Known records indicate that backyards are the first act of love toward streets. There children exercise their inalienable right to run free, the one we forget as we blow increasingly more candles on the cake.

There is something infinite about backyards, especially for the little ones. They are huge and harbor entire universes: they are a microcosm of the world bounded by walls and gates—like feudal lands and the first cities were. Backyards are the best history teachers there are.

It was in the backyard of my maternal grandmother's house that I started to love the streets. I know little of the house itself, but I remember everything about the backyard. It was a place of infinite possibilities where the dog Maradona, named after the Argentinean soccer star, lived. He was a green-eyed street dog with golden hair, and he ran happily through the large space.

If it rained in the backyard, it would rain within me as well. It was good knowing that (even though I did not think about it at the time). Out there, there were also remnants of everyday life that did not fit in the house. An old car license plate. Some books. The letters from my uncle's girlfriend, her diaries stored out there. They saw each other in secret, her family did not allow it, and I never forgot that hers were perhaps the very first love poems I read. In those pages, my uncle's teenage girlfriend spoke of her desire to shout his name aloud so everyone knew how she felt. I never forgot that.

It was also in that backyard that a photograph that will remain one of my favorites for my whole life was taken: myself at the age of one, smiling and running away from the camera, wearing diapers and tennis shoes. The joy that only freedom can bring.

That is why the backyard was a rehearsal to love the streets. May the advocates of apartments forgive me, those places with neighbors you never see and feel uncomfortable when you meet in the elevator. May the advocates of building reunions, piped gas, and trash picked up at for in the morning forgive me.

I myself always lived in apartments, but I had the joy of spending my Sundays playing in my grandma's backyard. It was there (and not in the warmth of the house) that I discovered that life is good and that, with a bit of distraction, it can be better. We still protect ourselves too much: umbrellas for rain and sunblock for sunny days.

In the backyard, and in the streets, anything can happen, and that is precisely the fun of it—narratives are nonlinear. Other stories cross paths with ours, which we can invent however we want. The white wall can be graffitied with "I'll get you, Joyce!" as I saw the other day. Or the opposite: the floor of the Law School can be decorated with a declaration of love. On the streets or in the backyard, everything is possibility, colors that eyes never saw, the desire to stay out later.

SCOURGE

When Joel left, the girl did not shower for three days. Since she was on vacation and she lived alone, no one asked her anything, no one turned up their nose at her, no one complained. The girl stank. She had no name because

she could be any girl, one of those who hold on tight to their purses as they walk, fearing a thief on the street.

Joel left after Christmas, which is when those who can no longer bear things make a break: there is so much green and red and so much Jingle Bells playing that no one can tolerate what they no longer want after Christmas.

The girl, again. Her toenails, her leg hair, her eyebrows grew. She stopped combing her hair. After three days without taking a shower, there was something different about her. Her clothes were stained the color of the food she ate to continue existing: a bit of red from the pasta's tomato sauce, brown from the salad's soy sauce. She still tasted food, still breathed, drank water, pissed, shat, and slept. She still existed, despite herself.

After five days, she looked like an animal, which was what she most desired after Joel left. If someone had asked her what she intended, she would have perhaps answered:

"To become an animal."

In fact, forgetting she was once human would have been a perfect solution for a number of existential questions. But the girl wanted more: she dreamt of a life like Mogli, the wolf-child from the cartoon. If she had been raised in a forest, she would have succeed in her attempt to become an animal (or almost) without much effort. She had watched the cuticles on her fingers grow and not wanted to run to the manicurist, she had to forget the repulsion she sometimes felt at her own smell at the table.

She became dry. Her pubic hair, formerly trimmed as was fashionable among most girls of the time, grew wildly. Her legs were hairy. She poured each of her French perfumes down the drain. She gathered her expensive lingerie, reserved for special occasions, placed it in a supermarket bag, and put it out together with the bathroom's trash in the hallway.

She was so close to succeeding when the phone rang. It was not Joel. She did not expect it to be. Nor did she want anyone to remember her, but a week after her disappearance from the world, she answered the phone.

"Antonia?"

"Yes."

"It's me, Joel."

"I know."

"I'm calling because I'm downstairs and I'm coming up."

Joel entered, as usual: he took off his shoes, left them by the door, went in, and sat on the sofa. He looked around, as was his habit (he noticed everything), but he asked no questions about Antonia. She remained standing, waiting to hear what he had to say. What about New Year's, and the group of friends, and the beach they had planned on going to on the first day of the year?

"The year went by without me, Joel."

"You can't get over your mother's silly beliefs, can you?"

"A year ended and another one started and I was asleep."

"Antonia, I didn't come here to talk about the New Year. What about us?"

"..."

"What happened to you?"

"You."

It was three in the morning and Antonia slept. She even snored. On the floor, the discarded clothes: a pair of shorts, an inside-out blouse, her panties. A wet towel on an armchair. And the smell of fennel from the soap.

The open window, the curtain swaying with the wind of the sixteenth floor. And Antonia sleeping, undisturbed.

Before that came the shower, it was as if Antonia was washing the whole world away. She was born when she stepped out of the shower. Wrapped in a towel, she looked for some clippers to cut her toenails. She sat on the bed to do so. Then she stepped into the shower again, applied a leg conditioner before using the razor. She cut herself a bit and she liked it—she put her finger on the cut to stop the flow of blood and then she licked it.

Red. At that moment, Antonia smelled of fennel. She had a name again. But the phone would no longer ring—the cord was unplugged from the wall. No more telephonic mysteries: not knowing who is on the other end of the line, that phone number in so many people's phone books, telemarketers offering life insurance credit card private health insurance, all sorts of nonsense.

The other annoyance would not make it beyond the building entrance. That part was a bit more complicated compared to unplugging a phone cord. It required:

1. Going to the kitchen.
2. Picking up the intercom.
3. Waiting for the doorman to answer.
4. Speaking.

And saying to the night doorman:

"Listen, don't let that guy Joel come up."

ORAL CIVILIZATIONS

I write
because in 476 A.D.
the Ottoman Turks took Constantinople
and put an end to the Roman Empire
and because the Black Death almost extinguished the Europeans from the
[face of the earth
and because the Mississippi River is the same river that runs where I was born
and because Egypt is a gift from the Nile

I write
because Abraham Lincoln and Túpac Amaru existed
There is strong proof of that
and because Bartolomeu Dias crossed the Cape of Tempests
to make Portugal happy
and because Vasco da Gama delivered a letter from Manuel I of Portugal
to Zamorin of Calicut explaining everything
and because in 1492 America was
discovered before everything else
because man invented writing and the Latin alphabet

295

I write
because Dylan Thomas sang his psalms for
man in the same way that the Great King Solomon
sang his to God
because when I was born
there was no important date to commemorate
except on the previous day when the Bastille fell
and because Chad is the dead heart of Africa
and because God invented Einstein
so that Einstein would invent God

I write
because the Arabs colonized
an arrogant and miserable Europe
pagan like the flames of the Holy Inquisition
and because Saint Augustine was virtuous

and because Maurice of Nassau brought Frans Post to New
 Holland and Nicolas Poussin painted a picture called
 the Plague at Ashdod in 1630
 and because thousands of slaves were brought
 from Africa chained in merchant ships
 and because Castro Alves wrote Voices from Africa in Portuguese

I write
 because today is Monday
 and tomorrow I will see her again
 and see her smile, more beautiful than the face of spring in the meadows
 and so she will always be with me with the green sky in her
 eyes and because I discovered that a part of her is true
 and the other I wrote myself
 and because I want to visit Bolivia and Venezuela
 and because the Indians on the American continent are threatened with
 [extinction]

I write
 to take revenge on the Treaty of Tordesillas and the rabble of the banished
 [four hundred
 and to reply to the Letter of the Discovery
 to the journals of Hernán Cortéz, Francisco Pizarro and Cabeza de Vaca
 and because Christopher Columbus arrived here
 and because Adam and Eve were banished from Eden – like me

I write
 because the end of the word is the end of the world

FATHER'S HOUSE

in Father's house each door is a labyrinth
 (twenty-one in total)
 and they all open for me and I absent myself
 in memories, battles in which I remained in silence
 tragedies losses mornings dreams aromas figs cashews

although made of adobe – like the houses in New Mexico
 the house is supernatural: here is the main passageway
 which will lead to mystery, where memories sleep
 of hostile times and so the house is a fortress
 but useless at defending me from it and its metaphysics

in the basement – deep and hard like the matter of time
the night is made of winds, scorpions and unfamiliar languages
and there specters inhabit the bedrooms where slaves once lived

everything moves without moving
everything is invisible and tenacious like the steel of a sword
and where I am always without ever having been
this white wall around the immense garden
as high as the clouds and now I cannot escape
the old coconut palm challenging the breeze
and the thrushes of Gonçalves Dias in the nests
and this old garden of myths and lavender and jasmine
– where jas-mine lies

Suddenly other I's who I judged dead
resurrect like ghosts
like Lazarus leaving the grave

so I continue: me inside the house and the house inside me
I am sure that I will never leave here alive

PERSIMMONS

now that I know the sun on my skin
i need to return to the shade of the large tree
for the good of the fruits in the garden
for the sweetness of the pears
for the yellow of the quinces
for the red of the persimmons
for the red and yellow cashews
for the good of the wine in the pitangas
and the ants feeding on the leaves
for the lucidity of the nests which the dew caresses

there once were moons drowned in the streams of the night
and owls hovering over the meadows
drawing trees animals names dreams
there once was the lute that I strummed
like a bush in the mountain ranges strums the wind
on a sunny late afternoon in December

now that I know myself I need to forget myself

GLOSSARY

against the dust of which I am made, only words
only they till me with their inexistent plows and
open furrows in the flesh which I inhabit and of which I am made
and prepare me for what I do not know
for the great mystery of the harvest
only words blow into my nostrils and bring me into being
only they give me mouths and voices and nourish me with their strange
[matter
and make me a man (Only words make man possible)

make the desert and oasis come to life
make lines and accidents come to life
make my nails hair come to life
my feet with which I tread on the earth and sculpture
deranged footprints and tracks and trails

i drink words like the earth drinks the rain and the
river and urinates on the cirrus and the nimbus and the faint drizzle
like words as they were live harvested fresh
fruits from this garden on an excessive January or March morning
i eat them as if they had color and geometric form
all the fresh fruits of morning in a sunny garden
are words

free like clothes drying in the wind on the line
are birds-words and land on me in flocks and then
return to where they did not come
are only words dyeing all the colors with their moon
the mustard pears and the yellow pineapples

against the clay of which I am made, only words
free me from myself
from my soul

a small plot of land inside which I struggle for life
centuries ago man's soul did not go beyond an unproductive estate
agrarian reform must be carried out in man's soul

words like slime lime tree on the sidewalk
like sharp stones

like jellyfish
like plants and sap and saliva
like fetuses
like sea salt
like a whirl of the senses
(plants always turn their heads towards the sun)
words like choirs of semantics from an inaccessible slope
like vines on vineyards

like words like the earth eats the new seed
and defecates the grass the humus the low steppe the pink mango sweet
[green mango

against the army of reality
only words set fire to my surface

will they be wild orchids poisoned of time and perfume?
will they be vessels where they navigate metaphysics and
instants? are they words of lilies or delirium?
or are words made of the same stuff as stones?

against the dust of which I am made, only words

I hear words enraging the hair of the wind
and the wind talking to the fields deep into the night
with your words of air
there is a dialogue between the wind and the fields and only I know
and only I listen because only I speak your tongue

I see birds flying inside the wind as if they were
part of the wind itself become matter and feathers

only words sow life over my fields
only words plant life on me.

MY LAST INCARNATION

My meeting with Rimbaud in hell

I have always been my own worst enemy throughout my entire life. It has played tricks in bad taste on me, untuned the piano of my spirit until the strings broke and then played key by key: I liked to hear them splitting the crystals in the firmament.

I make it all into a lance and drive it into my chest. I await myself on the soft moonlit nights in one of those manor houses, seated, with the patience of a murderer. I hear my steps planting stars in the sky and coming closer. I muzzle their brightness with my silence and when the hour of happiness arrives, I leap from the darkness behind the wall and stab myself two hundred times.

I never allow myself a single star in my life. If I know of one, I set off on an expedition and I do not return until it is hanged high upon a hill for everyone to see. Life shines alone and without me.

Lying on the bed and in invented nights, I swallowed the darkness with my teeth to find the lost pillow among traces of the past and the crevices of other things in order to think. Later. While I entertained life with a thousand tricks that I judged infallible, gave it cognac and wine, so that I celebrated with everyone and made them all happy. I numbed it with all the possible forms. Alas, it only numbed me.

Following her death, which I celebrated with trumpets and horns which descended from the heavens, I received two letters signed by her. Ah, why? It was her. Back. Furious. That which died moribund, stretched out on the floor of oblivion, was not life, it was another person.

These are my screams which echo from the dungeon. It is there where the roaches and all the insects remind me what I am made of. I no longer recognize my arms, my hands and my legs. All gnawed and raw. Light! Light! Light! For God's sake, light! Not this 60w bulb, which looks at me from the ceiling. All that I wanted was to be like the sun: to have my own light.

Tomorrow is Saturday. I will go out and walk along the streets to look for pieces of me, which I threw to the dogs.

I want to flee to the Northern Hemisphere, to see from above what life is down here. I combed every meridian, every parallel in search of the coordinates for the sky. There must be a secret door, a crevice.

If love were not so far away, if it did not live on the other side of the island, everything would be so simple. These drums which roll every night, as if they

were announcing us, come from there. The friend of the reptiles, the amphibians and everything which crawls and does not leave tracks.

I write with the ink of silence from dead caresses.

Everything I touch catches fire. What hands are these! Ah, always me. I need to escape from myself. Flee to the Sea of Tranquility. A calm crater without any type of gravity. Navigating like an asteroid through the universe of your body. I need an exit door. But the only way out is me! My poor spirit. I am a commoner from the northeast. I am from a lesser race.

For now, the shelter of this tavern suffices. I sit at a table in the corner and I let the wine in my glass overflow to the table of the scoundrels and the mob of idle men who adorn the foul place. The gambling starts early. As I don't have a single cent, I strive in the life given to me. The human deck of cards does not repeat cards, only suits. That is why we are alone, at the bottom. There are no funds. They roll die, turn roulettes, place bets and life is then made. Sometimes I feel like one in a player's hands. Sometimes I feel another deck in my hands and that one depends on the other. Bid by bid. Game by game.

Every victory is always shared. Not defeat.

If I knew all the train stations in the world well, I still wouldn't know a third of the bedrooms in which I sleep. Where I live. It is better to err. Ever errant, I gradually find and destroy myself. I do not want to bequeath to anyone this foliage of which I am made. I should have been born in spring, when the flowers fill the fields with all the shades of butterflies – yellow, blue, lilac. But no. I was born when the leaves fall onto the ground, like rain made of pitch. When the trees grew old, until close to death. Ah, the autumn!

I will need many other lives to fix all the mistakes that I constructed in this one. What a disaster! Nothing in me makes sense. Nothing coming from me is able to say anything. Nothing incarnated in me. What I know is that some desire, some part, some dignity is lacking. I don't know how to live. What a soul I have.

Those who hear me, forgive me! Forgive me all those who agonize on the thresholds of life! Forgive me those who suffer in silence, where you can't even imagine! I bow in front of all of you and beg for your forgiveness! Pray for this poor soul who poisoned his own existence! Take me from here! Free me from these heavy chains of blame! These rings of fear around my wrists. I am a captive of myself. Everything will be in vain. This dependence on mercy is a legacy of this serpent in the form of blood, which slips through my veins. It was I who was selected for the Tragedy of Eternity. Having lived, nobody else dies.

The world suffers on my account!

There are so many people kept inside here that everything I am not does not interest me. I feel contempt. This which can be seen is only your mirror.

This church reminds me of my childhood. Any church reminds me of my childhood. We never forget who makes us into dust! Ah, childhood! How good are the first hours of light before the darkness comes to life behind the sun. The Church destroyed the gospels. The Church is a fool. It is going to invade the century in the same dirty cassock. It was because of it that I came here! Poor Jesus who has his words in the mouth of that mob. They bring the Church to hell and burn it with a wooden cross on the brow, as in the courts of the Holy Inquisition. They leave the mark of sin on it. Ah, the heresy!

I was born to protest, but I am not a protestant. What a tongue I gave myself. The habit of spitting on everything.

The sludge has already reached my mouth. I need to pray!

There is more possibility of clarity from this side of the bed! My eyes are becoming too old to see anything. They spread a covering of dust and forgetfulness over everything that terrifies me. Ah, the fear! Fear once more! Where did this appear from? Where did it come from?

As I said, my childhood enriched a lot of people. Before being born, I did not want to be born. So they sent me. I was born sick. I had a bedroom with medieval tones, where I liked to remain far from the clutches of the light. They awoke me from my dream in the middle of the night. I heard whispering, fear! It was everything that I heard! Rumors of death. Before knowing about life, I was already tired of death. We never made peace. The slumber of my life evaporated with the passing of time and became a sad day in winter.

I feel disgust for all the poets in the world! Oh, a race of vipers! I took on your share of guilt! Hell celebrates the rumors of your arrival! I hate all those who write better than me. I hate all the famous writers of literature wrestling like ravenous cannibals in the silence of a French restaurant.

Everything that I always wanted was to be famous for eternity! To draft one of these works, which erase time like a lighted cigarette. But who am I? Here I am. Hell is everything I cannot.

I feel disgust for everyone who thinks and does not live beforehand. For all of those who fear life! All of these who do not know how nor want to love for fear of losing an arm, a kidney. They fade away. They disappear. You make everything more somber. Have pity on yourselves, as nobody else can. Form a line, poor in spirit! Mean souls! Reptiles! Flies! How inferior are crawling animals! Form a line because hell is hungrily awaiting!

And I who loved so and never loved anyone and was never loved because I never loved myself. The name of solitude is given to the blackness of this rose. This is what remains for me, the last bird. The bitterness in the mouth of the sky. The cold river of night searches for me and finds me dead, without fish, fallen at the edge of the precipice. Poisoned. Oh, brothers under the earth! Oh, mediocre creatures weaving lullabies for your weakness! What sadness is yours! Show your faces to the heavens! Take up your weapons! Life awaits you! We greet the birds in the sky, the birds-words. We greet them all! They bring me a tea of plumes! An acid which dissolves all the metals that I have in my throat.

I don't want to use the ground to walk on.

I would like to speak more of my childhood, from my beginning to my end. I like to go up the mountain range that lies at the back of my house and feel the wind read its strange letters while the gentle sun embraced the wild flowers with the palm of its colors. It was the lord of all the fields of flowers in the world. It was beautiful and restless. One day a man arrived and opened an umbrella over me. Everything changed.

Before that, I liked to sit on a bench of clouds at the church and look at the images of the saints, with their expressions of horror, of martyrdom. I memorized them one by one. Saint Peter, serious. Saint Joseph, a companion. Sweet Saint Mary. I became all of them. I wanted to be them. Alas, I became their shadows! Ah, I wanted to be a saint! To have my image on an altar of a church like the Basilica at the Vatican. To see my miracles painted by Raffaello Sanzio, all the Renaissance artists. I would like to attend a mass where the priests read my gospels and sing hymns in Latin. One by one. They would sing my psalms like those of David. I wanted to be Solomon! Ego is the end of everything.

At other times I fled from everything. I ran far away. Very close to lust! I opened all the bottles of lust and served myself in double measures.

I liked to walk along paths that did not exist to arrive at real places. I made the dark doors my main entrance. But life followed my tracks. Hidden in my shadow. Life knew about everything. Life is never tricked by its scouts.

I need to confess to a priest! No, to a bishop! No, to a cardinal! No, to the pope! No, God is better. God does not ask me questions. Farewell.

I will go to the Sinai desert, like Moses. I will remove my canvas shoes from my filthy feet. Kneeling, I will ask forgiveness for all the incarnations of hate and smallness that I have. All the impurities that I made a point of tying to me. The madness, the delirium, everything. I will say that I want a new and simple life, those that only want a good mother for their children and some gold coins, so that it lasts for eternity. But I want to be the incarnation of beauty! Ah, vanity, my worst misfortune. I will take off this armor that I wear, piece by piece. I will be

naked before the Lord. Naked, as I was raised. Never. After rotting, we become poor. God knows more of me than I do of him.

I am going to stay here, looking at the world through the eyes of the window in my bedroom, cowering. What there is in the universe is me. The rest does not exist. Everything that I see, which is perfect, is imperfection in my eyes.

That is why I am here.

HR FACTOR

(Memorial dos Mediocres (Memorial for the Mediocre). Ed. Casa de Palavras, Salvador, 2002)

You've given up going out with a number girls who were after you because you didn't have a dime in your pocket for popcorn or the movies, for carnival or Easter eggs. You're past thirty-five and you've given up your ideals, dreams, plans, life projects, and you're tired of feeling ashamed with your heart the size of a flea when you hear the car of the electric company stop at your door. You're tired of being different, of thinking differently, of listening to different music, and now you need to be just like everyone else. You're exhausted of feeling useless when you hear that silly music from the video show and you know that at that moment everyone should be fending for themselves, overworking, choking. You're tired, really tired of bargaining away all your electronic equipment, bought with great sacrifice, to pay the late bills for a phone that is now disconnected, and you desperately need to find anything that can be called a job, a wife, a family, a home. Today, all you want is a solid roof, an ugly child's birthday, a viscerally ill-humored mother-in-law—as your father used to say—and to be free from all existential questions at the end of the day and on Christmas eves. And even though you're tired of scrutinizing the Sunday classifieds, of participating in senseless group dynamics, of following worn-out little rules to write the perfect résumé, of listening to so-called HR specialists explain how you should behave in an interview, you don't give up, you want to be back in the game. So you put your résumé under your arm and stoically go out to face the unfriendly countenance of employment agency secretaries, the explicit ill-will of receptionists who examine—when they do—the piece of paper where your professional life is summarized, reduced, distorted. And when the Great Day arrives, the day when everything will start changing, the day when God will finally will it, the day when you will again have to take two or three racing, dusty buses and you will again have a payslip, transport tickets, a timecard, meal tickets, tachycardia... The much-awaited Great Day finally came and you did everything right: wake up early, shave, put on the last (and only) decent clothes you have, wear those boxers that always bring you good luck, rehearse on the way the answers that the so-called specialist taught you, and you pray not to meet anyone on the way to bring you bad luck—an ex-girlfriend would be disastrous—and you know it's silly, but your team isn't doing well and that's a bad influence on you, leaving you somewhat down with the gloomy countenance of a half-empty tire, but you don't give up. And even knowing what it means to be neatly dressed, as the ads say, you arrive half an

hour early to the interview and everyone in the waiting room looks suspicious, everyone evaluating each other, trying to guess who has better chances of getting the job, the only job, because of their clothes, their seeming intelligence, their nice thighs. They leave you waiting for one, two, eight hours, with an aguish identical to that felt by those sentenced to solitary confinement, and when you've already forgotten the answers you were supposed to give and the expressions you were supposed to make, they call you into the room and the manager hardly even looks at you, asks you a bunch of questions that the specialist didn't foresee, and is all the time busy answering the cell phone and even exits the room, leaving you more alone than an only child playing pick-up sticks. And you continue firmly there, faking a servile good-naturedness and a comfortable naturalness and sensing that there's something wrong, that you're being refused once again, and you know that the only thing you can do from now on is remember that the soles of your only shoes are appealing misery, as your father also used to say, and you see in the eyes of the interviewer that he has the divine power of deciding whether your life will be somewhat less miserable or it will continue going down the same slope. And you start praying in silence not to see a thumb pointing downwards or to hear once again what would be the sinister sign of a disaster foretold. But it's no good. You have to hear your sentence with resignation: "We have your résumé, if there's anything we'll call you." But you know they won't call because your name is in the blacklists of the credit agencies, and it's been there for such a long time that you no longer know whether you're unemployed because you have a bad credit record or you have a bad record because you're unemployed. Everything is therefore lost forever until next Sunday, the day of the employment book. Your team plays away from home. A ditch.

HR FACTOR – PART II

(Memorial dos Mediocres (Memorial for the Mediocre). Ed. Casa de Palavras, Salvador, 2002)

A whole morning analyzing and destroying piles of résumés, interviewing throngs of people and now this last poor devil in front of me. I should have gotten my MBA with an emphasis in a different area, but it's too late now. Arla told me the other day that I should look for a different job, that I was getting sick with all the power I have over people, that power—any kind of power—is addictive, and that rehabilitation centers for powerful solitary-paranoids or anything of that sort had not yet been invented. When Arla has those flashes, she always makes me think a bit. That's good. It's good having a woman with flashes that induce you to some sort of philosophy. Even unintentionally. Even if it's third-rate. I've been with Arla for years and I still can't get used to her mutilated name. Every time I pronounce it, I feel like I'm speaking with a twang. Arla, Arla, Arla. Bizarre. On top of that, it was supposed to start with an H. Her

father was impressed with what they told him about Halley's Comet in 1910. That Harla is the female form of Halley. Such ignorance. The invalid is still here, visibly nervous. He coughs, he stutters. As if the roof of his mouth was full of powdered milk. He tramples words, whole phrases, grammar. I have the clear impression that at any moment he's going to apologize for having been born. That makes me want to trample on him as well in order to abbreviate all that shame. I am tense like him, but I'm allowed to be. There is a purulent silence that irks us, that makes us equal. I examine his wrinkled, poorly typed résumé. Putting aside the aversion I feel for both of them, he's alright. He even shaved. He is apparently wearing the last remnants of a less destitute life, of the time when he belched power because he had a job. But the winds changed and now he's here, disturbing my late morning, stinking up the room with his melancholic subservience. I perceive a fierce envy in him. He withers my watch, my shirt's brand, my cell phone. My laptop and my tie oppress him. I have to act quickly. I shoot: "What are your objectives in our organization?" He receives the question like a hard blow with an elbow in the eye. He staggers. He seems stunned, trying to hold on to the ropes. He takes a deep breath, his reasoning is slow. A coarse download. I look at the screen on my cell phone. Eleven thirty and no Rossana. Call, my love. Call, my dear. Call, beautiful thing. Call, damn it, call. Is it possible that she: a) won't call after such a dinner? b) noticed the slight tic in my left hand? c) is that really all there is to it? d) is she worth so much investment? I think so. At first, they're always worth it. The abulic one answers something useless. It wasn't what I wanted to hear. He's making things hard for himself. I remember I still didn't make the reservations that Arla asked me to. I don't miss her like I used to. I no longer have that feeling that used to joyously suffocate me: missing Arla intensely. I need to solve that too. Before that, I have to get rid of this biological mishap. I think I'll pass him on to Ms. Celeste. Let her deal with him. I don't even know why we called him. The job was already taken. A woman, in fact. Very interesting, by the way. I better not stare too much. Malu is somewhat of a witch. She perceives everything before things come out in the air. So many résumés to look at, so little time to think of Rossana-Arla-Malu (there was a time when the order was Arla-Malu-Rossana), and now this guy. I can't lose my rhythm. Concentrate: "How much do you think you deserve to earn?" A trap. He senses the danger and contradicts himself. He becomes even queasier. He falters. There is a repulsive cocktail in his eyes: fear, envy, resentment, and lies conditioned within the ruins of a man. My cell phone seems to want to vibrate. And I with it, to hear that voice again, oh my God, that voice. Rossana, my treasure, should we go out today? Let's go to the beauty parlor, to the Women's fair, to the supermarket, to the sales at the Americanas department store, let's go to a nursing home, whatever you want, my love. Rossana, Rossana. A name like that excites me even when I recall my grandmother's funeral. A colorful, frugal funeral, watered by a cleansing rain. The vivid mud of joyful tonalities stirred by solemn gravediggers dressed in blue uniforms, apparently very conscious of their metaphysical trade.

But the cell phone doesn't vibrate. My dying patient even less. Crestfallen, he gives yet another wrong answer. At this point, only I can give him a life extension. If at least he was my relative or had been recommended by an ex-lover, a university colleague, a city councilor of dubious eminence. Then perhaps I could bring him back to life. His situation worsens. Septicemia detected. When the antibiotic in his vein is about to run out, I envision a form of euthanasia: "If you were in my place, would you hire yourself?" And then, with a violent commotion, I hear what I most wanted. The most beautiful of all Hail Marys. My cell phone, at last! We ring and vibrate together, like father and son at the moment of a difficult goal, already in overtime. I don't even excuse myself. To whom? It's her, it's her. Self-control, I need a lot of it right now. I answer, but I remain silent. A brief delay in live broadcasts:

"Hello? Hello?"

"Hi, tell me. What a surprise. Everything all right with you?"

"Yes, everything. So, is your proposal still standing?"

I think of answering "not just the proposal," but I only say:

"It is. Can I see you today?"

"I don't know, I think so. But call me later. Will you call?"

"Of course, of course. Don't worry. I'll call you."

"Don't forget, alright? See you."

"Till later, then."

Oh, Rossana, Rossana! See what you do to me! Rub here, my love, rub here! And the theater with Arla? And the serious talk with Malu? I really need more time to get organized. I go back to my chair, but I'm no longer here. I'm surprised to see the obstinate, paralyzed puppet. I find his fear repulsive, but I'm so happy, happy, happy, that I want to smile at him, to call him my friend, to tell him about my life, to ask him to repeat Arla, Arla, Arla, to tell him about my grandmother's funeral. I control my brief delirium in time. Rossana called me and nothing else matters. With great difficulty I rein in my euphoria, and my erection. The cell phone rings-vibrates again. I don't vibrate. I answer. It's Malu. We really need to talk, but not today. I'm almost alone, but I still hear a dissonant "yes" wounding the air: "Yes what, my friend?" I snap. "What you asked me before you left. Yes, I would hire myself." The only thing remaining to do now is to order the gravestone. RIP. The man is nothing but gangrene, there's nothing to do about it. After Rossana's call, I was even considering recommending him to another company, maybe they had a job. But that wasn't an answer. It was a death certificate. I resort to the standard practice for lost causes: "All right. We have your résumé. If there's anything we'll call you. Good luck." My "good luck" sounds so fake that I almost feel ashamed. The hindrance thanks me and leaves, floating. One less. I lock the door. Hygiene. I'm so, so happy. Rossana is going out with me. Arla makes me think a bit. Only Malu has become somewhat annoying, but I'll solve that later. I know very well what she wants: marriage. I still have a load of beggar-résumés to get rid of. A

plague. They're like gremlins reproducing themselves in PG, making my life hell. They're good as recycled paper and to reuse the envelopes. I should have gotten my MBA with an emphasis in another area. Arla, Arla, Arla.

REBOUND

(82, uma copa, quinze histórias (82, a World Cup, Fifteen Stories). Compilation, 2013. Ed. Casarão do Verbo)

At ten thirty in the morning, the referee's whistle gave us a respite, but the definitive victory remained a dream that died every day in the corners. When you're lost within four lines, your notion of space is distorted and clocks seem eternal. We left the field somewhat dizzy from so much running around like fools. We only managed to be in control for a few minutes, while one of them was cared for after being hit by our frightened defense. Ending the first half with a zero-zero score could be interpreted a number of ways, except as a miracle. At the time, my own childish theory was that the guys might have lost their inspiration, but that didn't last long. They fumbled short passes. They missed goals in sequences that bordered on high jumps. They let the ball escape in the sidelines, going right under their feet. Those things must have happened someday even to the Honved team, but once they got their act together, we'd be finished. Without a coach or someone to guide us, we chose a strategy that depended only on our manliness: attack. All we wanted was to lose decently, with no appeals. Ever since the first phase of the first and only boys soccer championship of Rua do Céu¹, there was something legendary about those big boys in red shirts. They simply trampled every team they met: 8 to 0 against Báier; 7 to 1 against Expressinho; 12 to 2 against Charque Zero-Quatro. In the next phase, a nondescript round, they swiftly destroyed Peñarol with a modest 4 to 1. Beto, Léo, Jaiminho, and Osvaldo had exhibited a repertoire of tricks worthy of future admirable men. There was something graceful and light in their game that no one could explain—hundreds of people crowded on the sidewalk to witness the skill of a dreamlike quartet. An admirably composed team that took turns in quick passes without ever mistreating the ball, whether with aimless kicks or grotesque disputes involving tibias and kneecaps. Individually, they were only big kids that caused no problems for their parents. They bought bread, went to school, conveyed messages. Thin and smiley, they had an air of agile savvy and original curiosity typical of the naïve; they were simply dark-skinned kids with thin shins and worn-out, disheveled clothes. However, when they were together, their victims were faced with cunning, craftiness, and prowess. Ours was a parody of a team. Jailton, Dão, Mariva, and I had no chance. We only got so far because of a series of combinations, faulty regulations, and an unbelievable tie after the Zulus

¹Sky Street.

were winning 4 to 0. We eliminated two teams in penalty shootouts, and it was now time for our punishment. The entire second half was ahead of us. Mariva's dad told him that in the past teams like Germany and Uruguay had defeated teams considered unbeatable. Mr. Neylor was a good man, but he sometimes spoke nonsense. We also had a chance if they were just unbeatable; the problem was they were immortal.

2

The tournament coincided with the World Cup in Spain and never was there such excitement in our quiet, tree-lined town. We painted the game chart on the asphalt, we drew Pacheco with his striped shirt with the number 12, and we decorated the world with colorful banners. Green and yellow mixed with other colors from the June celebrations, the smell of powder in the hands of boys who threw cherry bombs and crackers and girls with their sparklers lighting up the night. It was a time when there were things items in the neighborhood that are today considered antiquities: cobblestones, silence on Sundays, and dignity when committing one's word. Everyone seemed to have more than enough money and contributions were generous; from the older neighbors, high with every victory in Seville, we even got Ping-Pong trading card sets, which led to a parallel card flipping tournament. I believed that my wildcard was completing it. I was only missing the card of one player... The chart anticipated some playoffs the same day as Brazil's game, which was an additional reason for the street to remain lively and crowded the whole day. On the eve of both decisions, I went to deliver the parts that my dad built in his workshop; I handed in the order and quickly returned to my house, afraid of losing the money, half a dozen wrinkled bills. They would take us to the Gran Bartolo Circus on a yellow Beetle with a checkered stripe. I always wanted to go in the front passenger seat; I liked seeing the numbers change in the taximeter. On my way home down Rua do Meio, I went by the house that always exhaled a strong smell of incense. I had heard the stories about Ms. Sebá, but I had never seen her face. Some people said she chopped up children, an excellent raw material for homemade soap; others swore she could foresee the future; but I think it was all made up. Not talking to strangers was still a very vague rule, so when she opened the door and called me in, I suddenly found myself dragged inside. The heavy-built, white woman was very courteous and had a foreign accent, which I found rich and funny. She wore a very beautiful blue dress and she asked me whether I wanted to eat something, pointing to a straw chair with a dirty cushion. She went to the kitchen and brought a cup of hot chocolate and cookies that seemed to be waiting for an unsuspecting passerby. While I ate, she walked around the rooms repeating what seemed to be an undecipherable supplication or prayer. I became afraid that she take my father's money, or rather the money for the taxi and the circus, but it was well hidden, tied with a string inside my shorts. After eating, I was eager to

leave; the smell of incense was beginning to choke me. She asked me to stay a bit longer, saying she was going to fetch a little present for me, and disappeared in the back of the house. I wondered whether I should wait or leave, but then I saw the light of candles through a thin curtain and I entered the lighted room. There was a multilevel altar full of images of saints and metal crosses. There were so many people there that all the names of the Vatican's history seemed to have gathered there on a bleacher. When I heard a woman's footsteps approaching, I ran away without looking back.

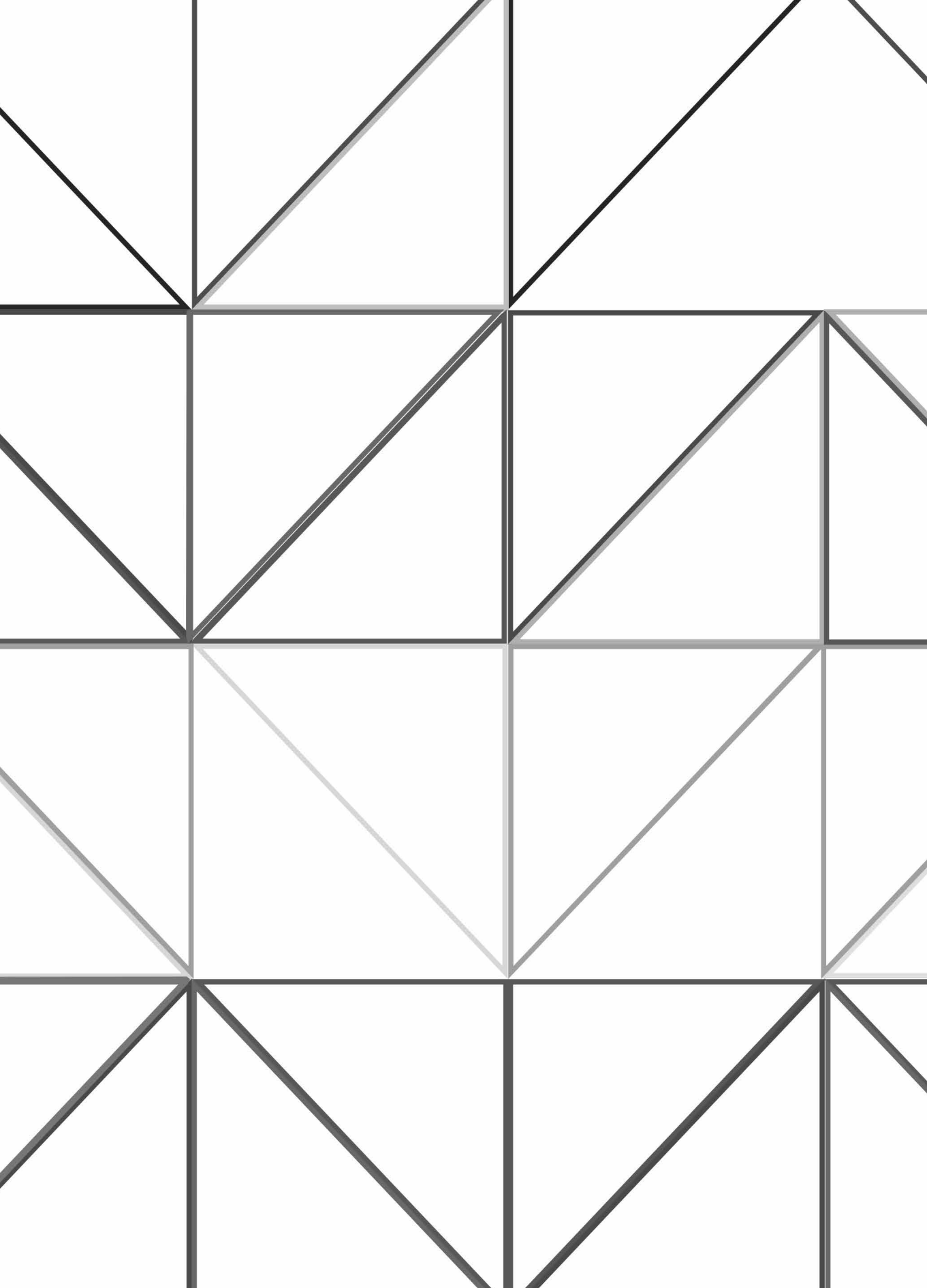
3

I woke up weary of everything, and that Monday promised a great deal of festivities. It was Mr. Giulite's birthday, barrels full of beer and soft drinks buried in sawdust and ice awaited the guests. I spent a terrible night, wide-awake, wondering how I would do. Beto humiliated you dribbling between your legs; Jaiminho's left leg was like a surgeon's pulse, it was impossible to take the ball from him. Osvaldo was firm and serene in the back, incredibly skilled at recovering the ball, and hardly ever committed a foul; and Léo was like the Roadrunner, capable of sprints that left you behind in the dust. I don't know about the others, but all I wanted was to avoid a bad beating. The jeers would certainly afflict me. None of the things that happened that day fit in any survival manual for weak and fearful teams. The whole second half they continued with the same sluggishness, unable to do anything. Their way of running was somewhat reminiscent of players at the end of their career, fatigued by the unbearable weight of their fame. The crowd seemed restless, some people had already left and the feeling of discontent was increasing. The game slipped dangerously to overtime, which would have left us with a respectable outcome, but then the move happened. I received a pass on the sideline and, since I had nothing better to do, I ran forward without much conviction. I looked sideways and noticed that my teammates stayed behind in the defense field without giving credit to my audacity, to the point of reprimanding me with a "Come back, you fool!" I thought they were probably right, sometimes when you want too much out of life you fall flat on your face. If you resign yourself to a bit every day, you go far; but I had already gone too far in my madness and I couldn't go back, the minefield I was in forced me to keep going. One of them shoved me and another one was approaching to recover the ball, but I discovered by instinct the best and most solid teammate possible. I passed the ball twice back and forth with the street curb and recovered it on the other side, leaving three of them behind at once. I was free for the goal that would shut the world's mouth, but I don't know if it was because I was out of breath or too coward to do it; the fact is I aimed, aimed, aimed; I looked and looked at the ball and kicked hard, well placed and close to the ground. All I heard was a dull noise on the goalpost, indicating that something very wrong had just happened. During the counterattack, I saw their fulminating triangulation before the sound of "goal!" exploding in all the streets of the world's sky.

My father had just walked in from the workshop without even taking off his uniform when Brazil entered the field. I was somewhat feverish and avoided any commentary on the game at the plaza, especially because nothing seemed to matter at that moment other than what was shown on our old Telefunken. With every goal, sadness and euphoria alternated, transforming us into bipolar fans. Every so often he would go to the kitchen and come back smoking a new Continental and carrying a cup of reheated coffee (ever since my mom left, we stopped drinking fresh coffee). We were losing at the end of the first half. Nervous and excited, he went out to buy another pack of cigarettes. I stayed behind leafing through my album, remembering the images of the World Cup up to that point. The shabby debut against the Soviets, the two shots from outside the area hitting the giant Dasayev; Éder's lob goal; Zico's free kick to the Scottish angle; Júnior's dribble under the legs of a defeated Fillol. That was the first World Cup that made me pay attention to the sound of the names of other teams' players. I would never forget the Tiganas, Pfaffs, and Breitners. I still felt strange, and yet it was there, sitting before the soundless TV, hearing the neighbors' far-away voices, the sound of the fireworks, dogs barking, and bottles breaking, that I started to understand the true meaning of doing something big in life: being a part of history or even soothing or cheering an extremely affectionate father. The air had disappeared and the sudden silence was identical to the one we carry within us and that floods all our vital organs when a dear one departs without leaving a trace, forever aborting the possibility of ever meeting again.

When he returned with his cigarettes, the living room was empty. The album was on the floor, open at the page that had finally received the last trading card. Rejoicing and lamenting kept alternating in the second half, causing tachycardias and hypertension crises. The incredulous sun, in its last breaths, prepared its departure, but there was one more foul in our favor. I had been warming up for a while (if I did it any longer I would beat Jorge Mendonça's record in 1978), and when Mr. Telê called me, he didn't give me any tactical guidance, but his way of speaking to me was decisive in boasting my confidence. "Son, go out there and solve it for us." His restrained yet hopeful appeal gave me the impulse to fly to the penalty area even before Chulapa yielded the position. Éder was in a hurry and shoved the maledetto who was getting in the way of the kick. I ran making a sign for him to cross it to the second goalpost, but Oscar winked and I understood everything. Our fake winger shot with precision, and our defender hit it in the air with his head: Zoff still defended above the line, almost like a miraculous Banks, but wasn't able to grab it. When we headed in pairs, the part I liked the most was when the goalkeeper returned the ball. That's how I learned to pass the ball back

and forth in very small and irregular spaces, since the Social Center's patio had a dirt floor and a pole in the middle. I also learned to be alert and shoot quickly, getting ahead of shoves and the goalkeeper going for the ball. That was very useful at Sarriá (there will never be a more beautiful and terrible stadium name), because Zoff hit the ball on the rebound and there was a desperate run. Berfomi, Jaiminho, and Scirea ran toward the goal; Beto, Cabrini, and Osvaldo sprinted madly to kick it any way they could, like famished men and boys with their arms stretched out in a disorganized and noisy meal line. In the midst of the chaos, Leo applied a stranglehold on Gentile, and it was good no one saw it, not even the referee. I don't remember how I managed to get there before anyone else, but at the moment of making the goal and running shirtless around all of Barcelona, I saw a familiar face looking at me from behind the wire fence. I almost lost my concentration. Ms. Sebá, for God's sake, what kind of moment is that to show up? Her blue dress blinded me, but before everything started to dissolve in front of my eyes, the memory of the passes against the curb made my movements more limber. The ball found enough gaps to bounce three times and I kicked it with such an urge to make the score 3 to 3 that the full net became the only musical score that will follow me to the end, no matter in which stadium my epitaph finds a home. The glimpse at the thigh didn't keep me from reaching the corner flag, where all my friends ran beaming, with their yellow and soaking-wet uniforms. The embraces subsided and Cerezo bent over to carry me on his shoulders, and I waved at the fans twirling my shirt in the air. Some people ran into the field, and I don't know how long that frenetic, precocious celebration lasted. Before the final gesture pointing to the midfield, I saw my dad among the neighbors embracing each other. With a radiant expression, he showed them the photograph where I appeared in the shade of a large, colorful canvas. My smiling mother held both of our hands.



The image features a repeating geometric pattern of squares and triangles. A dark gray triangle is positioned in the upper right quadrant, containing the word "ESPAÑOL" in white, uppercase letters. The rest of the image is a light gray background with a grid of squares, each bisected by a diagonal line from the top-left to the bottom-right.

ESPAÑOL

UN PANORAMA PARA LA LITERATURA DE BAHIA

La creación de una coordinación específica de literatura en la Fundación Cultural de Estado de Bahía fue una de las medidas tomadas en el marco de la reforma administrativa de 2011. La nueva coordinación, dirigida y impulsada por la profesora Milena Britto, tendría el rol de llevar a cabo un conjunto de planes y acciones relacionados con la literatura. Es decir, se intentaba construir una política del estado de Bahía hacia la literatura, considerada un relevante segmento de las artes.

Se instituyeron dispositivos de financiamiento para apoyar diferentes géneros y actividades relacionadas con la literatura, como la creación, circulación, difusión, divulgación, formación, entre otras. El Llamado Sectorial de Literatura del Fondo de Cultura del Estado de Bahía invirtió, entre 2012 y 2014, R\$ 1 900 000 en 65 proyectos en la capital y el interior. El Calendario de las Artes incentivó 24 proyectos, en todo el estado, haciendo circular en el mismo período un total de R\$ 312 000.

La formación mereció atención especial. La coordinación organizó cursos gratuitos en Porto Seguro y Vitória da Conquista en 2013, y en Itapetinga y Mutuípe en 2014. El proyecto Escrituras en Tránsito posibilitó que autores de renombre de lengua portuguesa, de diversos estilos y orígenes, impartieran talleres en los años de 2012, 2013 y 2014, destinados a refinar el trabajo de escritores bahianos y estimular nuevos talentos. La Acción Poética en Comunidades ha promovido, desde 2012, talleres artísticos y eventos poéticos en regiones populares, como Alagados y Solar do Unhão. En 2014 a Pirajá le llegó su turno.

La conexión entre literatura, autores y lectores ocupó un lugar primordial en las iniciativas de la coordinación de Literatura. Nombres expresivos como Mia Couto, José Eduardo Agualusa, José Miguel Wisnik, Sérgio Vaz, Jorge Mautner y Eliane Brum mantuvieron Conversas Plugadas [Conversaciones conectadas] con amplios públicos en la sala principal del Teatro Castro Alves. Los eventos fueron transmitidos en vivo por el Portal del Instituto de Radiodifusión Educativa de Bahía, IRDEB por sus siglas en portugués. El proyecto Hacer Poesía y Ficción en Bahía, lanzado en 2012, permitió que 25 escritores de ficción y de poesía se encontraran con el público lector en animadas charlas. Entre ellos, nombres como Aleilton Fonseca, Ruy Espinheira Filho, Denise Carrascosa, Carlos Ribeiro, Roberval Pereyr y Karina Rabinovitz. Esos encuentros tuvieron lugar en Feira de Santana y Salvador, en Engenho Velho de Brotas y en Plataforma.

La coordinación no se olvidó de estimular la organización del campo de la literatura. Desde esta perspectiva, articulándose con la comunidad literaria de Bahía, construyó el Colegiado Sectorial de Literatura. Desde principios de 2013,

dicho colegiado ha sido un importante interlocutor en la construcción de la política estatal de literatura. Áreas afines, como el libro, la lectura y las editoriales, también participan en este esfuerzo por una política literaria de Bahia. En las Bienales de Bahia, fiestas y muestras de libros, la Secretaría de Cultura ha dado espacio y visibilidad a los escritores bahianos.

La atención dada a la divulgación de nuestra literatura en Brasil y en el exterior inspiró el proyecto Autores bahianos: un panorama. Esta recopilación, en su primera versión, publicada en 2013, reunió a dieciocho autores de ficción y poesía seleccionados por una comisión curadora calificada. Traducido en tres lenguas —alemán, español e inglés—, el libro fue divulgado en ferias del libro, como la de Frankfurt, y distribuido a editores, instituciones y periodistas especializados.

La buena acogida y el éxito del proyecto estimularon la segunda versión que se publica ahora. Esta reúne a los escritores Antonio Brasileiro, Cyro de Mattos, José Carlos Limeira, José Inácio Vieira de Melo, Lande Onawale, Laura Castro, Luciany Aparecida Alves Santos, Marcus Vinicius Rodrigues, Maria da Conceição Paranhos, Mariana Paiva, Narlan Matos Teixeira y Tom Correia. A la vez, Aleilton Fonseca, Florentina da Silva Souza, Jailma dos Santos Pedreira Moreira, João Vanderlei de Moraes Filho, José Castello, Kelvin dos Santos Falcão Klein, Milena Britto y Rachel Esteves Lima formaron la comisión de selección de la segunda publicación del Panorama.

Este libro tiene el mismo objetivo que el anterior: divulgar la poesía y la ficción de Bahia en Brasil y en el mundo. Nuevamente es en cuatro idiomas y será divulgado en ferias y entre editores, instituciones y periodistas especializados. Intenta estimular la traducción de escritores de Bahia. El panorama de autores bahianos ocupa un lugar estratégico en las políticas de literatura en construcción del estado de Bahia.

Antônio Albino Canelas Rubim
Secretario de Cultura del Gobierno del Estado de Bahia

La publicación de este segundo volumen del libro Autores bahianos: un panorama reúne doce escritores y sin dudas crea nuevos diálogos interculturales y difunde nuestra producción literaria hacia un continente de lectores en lengua española, inglesa y alemana.

Hace diez años Brasil instituyó su primera ley del libro, y a partir de allí se hizo posible la construcción del Plan Nacional del Libro y la Lectura, PNLL. Inédito en el país, este Plan señala el inicio de un proceso en el que el Estado y la sociedad se unen para construir condiciones favorables para el desarrollo de políticas públicas dirigidas al libro y a la lectura, profesionalizando el sector de producción y ampliando la posibilidad de acceso a los constantes trabajos de estímulo a la lectura.

Publicar, traducir y divulgar son tareas fundamentales para la internacionalización de las políticas públicas de fortalecimiento de la cadena productiva del libro, y son acciones que requieren un esfuerzo conjunto y continuo. Con la presente edición, la Secretaría de Cultura del Estado de Bahía, por medio de sus fundaciones y de su Asesoría de Relaciones Internacionales, da un paso fundamental para estimular la lectura y la divulgación de autores bahianos en Brasil y en el exterior.

Fátima Fróes
Directora General de la Fundación Pedro Calmon

LITERATURAS BAHIANAS EN DIFUSIÓN

Las inversiones destinadas a la difusión de la producción artística de Bahía ha sido una prioridad de la gestión de la Fundación Cultural del Estado de Bahía, FUNCEB, en los últimos cuatro años. En el marco del Programa de Difusión de las Artes diversos proyectos y acciones han buscado fomentar la visibilidad y el consumo de las creaciones de los artistas de Bahía.

Para ello, un desafío es incentivar la circulación de nuestros productos artísticos, no solo dentro del Estado sino también más allá de sus fronteras, en el país y en el exterior. Es necesario incluir el arte contemporáneo de Bahía en los circuitos nacionales e internacionales de diálogos, de divulgación, de crítica, de públicos. Es necesario ampliar los destinos y las posibilidades de consumo de lo que se produce en las ciudades bahianas.

En colaboración con la Asesoría de Relaciones Internacionales de la Secretaría de Cultura del Estado, la FUNCEB ha buscado los caminos que requiere esta política de exportación: un trabajo que exige diversas articulaciones y cuyos resultados se presentarán paulatinamente, ya que los plazos del objetivo trazado no son inmediatos. Esperamos que los desdoblamientos no sean puntuales, sino que contribuyan a estructurar nuevas perspectivas para los sectores artísticos. En el ámbito de la Literatura, esta acción cuenta con la participación de la Fundación Pedro Calmon, FPC, institución estatal responsable por las políticas del libro, lectura, archivos y memoria.

En octubre de 2013, cuando Brasil fue el país homenajeado en la Feria del Libro de Frankfurt, se lanzó el primer volumen de Autores bahianos: un panorama, que reunió a dieciocho autores: Adelice Souza, Aleilton Fonseca, Álex Leilla, Antonio Risério, Carlos Ribeiro, Daniela Galdino, Florisvaldo Mattos, Hélio Pólvora, João Filho, Karina Rabinovitz, Kátia Borges, Lima Trindade, Luís Antonio Cajazeira Ramos, Mayrant Gallo, Myriam Fraga, Roberval Pereyr, Ruy Espinheira Filho y Ruy Tapioca. Fueron indicados por una comisión de selección formada por Antonio Carlos Secchin, Antonio Marcos Pereira, Jorge Araújo, Josélia Aguiare Nancy Vieira, además de Milena Britto, coordinadora de Literatura de la FUNCEB.

En dicha feria, que es el encuentro del sector editorial más grande del mundo, agentes, editores, traductores, profesores y periodistas recibieron ejemplares de la obra. También fue enviada a grandes diarios, bibliotecas y universidades de Brasil y del exterior, además de a la Feria de Guadalajara, en México, evento de gran relevancia para el mercado iberoamericano. Agentes literarios expresivos, editoriales extranjeras que trabajan con literatura brasileña en Alemania, Suiza, Italia, Reino Unido, Francia, España y Argentina, centros de estudios literarios brasileños y traductores literarios de varios países también recibieron el material.

Un año después, se asegura con esta nueva publicación la continuidad del proyecto. El segundo volumen de Autores bahianos: un panorama viene con otros doce nombres que representan la producción literaria de Bahia en la actualidad. Están aquí Antonio Brasileiro, Cyro de Mattos, José Carlos Limeira, José Inácio Vieira de Melo, Lande Onawale, Laura Castro, Luciany Aparecida Alves Santos, Marcus Vinicius Rodrigues, Maria da Conceição Paranhos, Mariana Paiva, Narlan Matos Teixeira y Tom Correia, elegidos por la comisión integrada por Aleilton Fonseca, Florentina da Silva Souza, Jailma dos Santos Pedreira Moreira, João Vanderlei de Moraes Filho, José Castello, Kelvin dos Santos Falcão Klein y Rachel Esteves Lima, acompañados nuevamente por Milena Britto. Como en el primero, los textos, aparte del original en portugués, se traducen al inglés, alemán y español.

La lista de indicados se hizo a partir de los siguientes criterios: autor vivo; variedad estética; distintas generaciones; géneros literarios, estilos y localidades; además de ser escritores aún poco explorados fuera de Bahia. Con la intención de mostrar la diversidad de esta producción literaria que va más allá de los escritores internacionalmente reconocidos por representar esta tierra, este libro asume otras identidades también bahianas, con textos que se conectan de distintas maneras con lo que se espera que provenga de este estado. Bahia es tan múltiple como inmensa, y nuestro objetivo es hacer justicia para que más personas conozcan las bellezas de las palabras escritas por estos autores.

Esta iniciativa sigue en la línea de las acciones llevadas a cabo por el Gobierno Federal, a través del Ministerio de Relaciones Exteriores y del Ministerio de Cultura, mediante la Fundación Biblioteca Nacional, para la divulgación de la literatura brasileña fuera de Brasil. Con la realización pionera de un proyecto específico para los autores de Bahia, pretendemos asegurarle un espacio privilegiado al reconocido valor de la literatura bahiana, presentando sus nuevos rostros, su existencia plena y tan activa.

Nehle Franke

Directora General de la Fundación Cultural del Estado de Bahia

Milena Britto

Coordinadora de Literatura de la Fundación Cultural del Estado de Bahia

LA HISTORIA DEL GATO

para Jorge Amado, de corazón

*Las cosas viejas ya han pasado;
ahora todo se ha vuelto nuevo.
Galfrido de Vinsauf (c. 1210 d.C.)*

1.

Empezó cuando el gato me miraba. Demoró un montón, y yo ahí, ¡vaya uno a saber! ¿Absorto?

Gato, me encaramo en la mecedora y me pongo a oír un rumorcito raro que viene del mar. Ah, son las carabelas de Pedro Álvares Cabral. Entonces no importa, ya han estado aquí antes. Simpática gente, llegan cansados.

¿Esto no es una porquería, Pêro? —pregunta el comandante.

Quizás, señor Comandante.

Agarren a ese gato, debe de ser salvaje.

No lo es, señor Comandante. Y quiere hablaros.

Es impertinente, ¿eh?

Quizás.

Me acerqué al hombre. Se roía las uñas y se rascaba una barbilla rala. Que debía estar un poco sucia.

Por lo visto, eres Cabral —dije.

(Por lo visto, eres Cabral, registró el escribano)

Lo soy.

Tengo agua fresca en el grifo —proseguí.

Hmmm —hizo él. Y dirigiéndose a sus hombres: Muchachos, cuiden bien esa agua. Es solo para beber. —Y, rascándose la barba, a mí—: ¿Y dónde se baña uno aquí, gatito?

Aquí uno no se baña —respondí.

(Aquí uno no se baña, Comandante, registró el escribano)

Pêro, escribe ahí: aquí uno no se baña.

Ya está escrito, Comandante.

¿Y quién te lo ordenó, imbécil?

(Muy bien, Pêro, muy bien, registró el escribano.)

No sé adónde se fue a lavar el descubridor. Como a las cuatro de la tarde,

armó un catre bajo el mango, ordenó que le trajeran aguamiel y se echó a tomar el fresco en los pies. Desde sus carabelas, fondeadas más allá de los arrecifes, velas arriadas, partía la algarabía de los hombres cantando arquetipos de fados¹.

Pues vamos muy bien, me dijo el gato. O se lo dije yo, no importa. Apenas nos instalamos y ya nos llega un visitante famoso, prosiguió. Pues debes quedarte junto a él. Esto va a ser una verdadera feria de visitas... eh... sala de las visitas... no...

¿Qué te pasa, gato? —fruncí el ceño para retar al animalejo—. Cuántas dudas. Cuántas dudas.

¿Y no hay dudas? —me preguntó el insolente.

Quieres filosofar, ¿eh? Te doy un papirotazo en la oreja... —él se escabulló—. Dudas. Dudas. Es un pequeño Shakespeare, ciertamente. En cualquier momento prendo una fogata para fritarlo. Déjame ver a ese tal navegante.

Un perezoso, seguro. Surcó mares, arribó a estas tierras y ahora ronca como un lechón. Incapaz de discernir, de lo bruto que es, la fantasía de la realidad, quizás piense que vino acá solo a dar una ojeada, pues debe seguir su viaje. Para eso están los capitanes. Claro que están para eso, no pasó nada en especial. Me refiero a su opacidad al ver en mí a un gato, y no a un no gato. Me le apersonaré no bien se despierte.

Es una tarde bonita. Me hace recordar a mi padre llevándome a la Gamboa para ver el sol ponerse en el mar. Aquel no es el mismo sol, hijo, me decía. En los años 20, el astro no se ponía antes de que declamáramos algo de Olavo Bilac. Y mi padre parecía declamar una vez más, en su silencio, los Olavos Bilacs de su fantasía. Pues, dentro de poco, aquel sol bajará. ¿Más nuevo que el sol de mi padre? Ah, ¿cómo dar ciertas soluciones sin cruzarnos con los malditos puntos suspensivos? Claro que el navegante está ahí roncando y en cualquier momento lo despierto para charlar. ¿Pero no está claro también que todo esto es un juego de roles, un pacto con el gato, metamorfoseado en él, aunque él él cuando yo quiera, y también, cuando yo quiera, yo yo? Bella es la tarde, y las palabras, pocas. Y todo se va asemejando a la fantasía de los grandes historiadores, como dirá aquel llamado Dilthey, en la que un riguroso nexos causal acaba imprimiendo a la realidad rescatada una existencia mayor que la existida.

El surcador de mares espanta moscas. Déjeme que me acerque.

¿Durmió bien, señor navegante? La nao Catarineta está allí soñando que un cierto Pedro...

El hombre me miró con algún asombro: ¿Qué hay, gato? ¿Qué hay, gato?

¿Qué gato? —reliqué enojado.

E, inmediatamente, me di humos de gente, lo miré hondo a los ojos y él se quedó medio atolondrado, preguntándome "qué hay gato", a lo que aproveché para adoptar mi posición señoril.

¹Canción popular portuguesa.

¿Sabe de quién es esta casa? —le pregunté, no sin insolencia.

Pero el asno del hombre solo refunfuñó un "gato chiflado", se levantó de sopetón y se dirigió, descalzo, a la orilla. Se va a ahogar, pensé. Ni se remangó los pantalones para entrar al mar, ni disminuyó el ritmo de los pasos. Y lo vi hundirse rápidamente hasta que desapareció del todo, con el agua haciendo glu al cerrarse sobre su cabeza. Algunos minutos después, reaparecía allá adelante, en la superficie del agua, ya listo para subir la escala de cuerdas apoyada al costado de la carabela. Sus hombres, incluso los que lo habían acompañado a tierra, ahora también allá, lanzaron gorros para arriba.

Ji ji —se rió bajito el gato—. Ahora estamos solos. Bien, claro... En verdad... —volvía a tartamudear, el Shakespeare.

¡Qué! —exclamé—. ¿Es verdad que oí al gato riéndose?

Miré al animal de frente, se mantenía tranquilo, observando las últimas velas que desaparecían en el horizonte. He aquí que se comprobaba el fenómeno: el gato era el gato, yo era yo. Es posible que no hubiera dado aquella risita, pero ahora eso no importaba. Lo que importaba, eso sí, era nuestra existencia por separado. Ahí estaba él, despidiéndose de los visitantes; aquí estaba yo, lleno de recuerdos. Mis amigos poetas estaban embebecidos de una creencia ciega en la felicidad para todos. Era esto lo que les daba grandeza. Pero yo sabía que no era nada de eso. Lo sabía y detestaba saberlo. Hecho para la ilusión, descubrí, de mala gana, la verdad.

En el desfiladero de las Termópilas, Leónidas, trescientos soldados y yo enfrentamos hasta la muerte al rey del Infierno. La historia sabrá quién venció. Pero no importa. Que se quede con la consciencia pesada. ¿Por acaso no son vanas las verdades si no nos ponemos locos?

O locos o con mala cara —agrega el gato, con aquella risita dística.

Pero teníamos que entrar en casa. O no entrar.

Sabes, gato, en realidad nunca he estado con Leónidas, qué voy a estar. Es que me gusta construir frases bonitas.

Ya veo —dijo el gato—. Por eso...

¿Por eso? Indagué sobre los puntos suspensivos.

Por eso estás aquí, ¿no?

¿Cómo aquí, gato? —me empecé a enfurecer con los enigmas del animalito.

¿Qué quieres insinuar?

Bueno —sonrió con una mueca—. Pensé que tú ya lo sabías.

¿Que lo sabía, gato? ¿Que lo sabía?

Y debería estar pegándole a una mesa si hubiera mesa. Pero realmente necesitaba pegarle a una mesa. Corrí al interior de la casa y la traje.

Listo —dije, clavándola en la arena—. Prosigamos nuestra conversación, gato idiota.

Ya no sé dónde paré —dijo él, tratando de acordarse.

¿No lo sabes? Pues trata de saberlo. Inmediatamente. —Le ordené.
 ¿Por qué inmediatamente?
 ¿Por qué?, ¿por qué?
 ¿Tú, por casualidad, no abriste estos cajones?, me señaló él.
 ¿Eh?
 Ábrelos —me dice.

2.

Entonces apareció Tzu. Y dijo:

Soy Tzu.

Y se sentó a mi lado.

Echados en la arena de la playa como estatuas mayas, señalábamos la franja de espuma sobre los arrecifes y el lugar donde se habían quedado los navíos de Cabral.

Seres como nosotros, Escatimburo —me decía—, necesitan dos certidumbres: una para que no dudemos de nosotros mismos: otra para fingir que creemos en lo que ellos creen. Solo así no nos meten en chalecos de fuerza.

Tzu era un poeta. Yo acababa de cerrar este cuaderno cuando lo vi acercándose a mi derecha.

¿Ellos de veras se fueron? —me preguntó.

Y me clavaba sus ojos oblicuos, forzándome a sonreír o a querer sonreír.

¿Ellos? Pensé en preguntarle, pero no se lo pregunté.

Los navegantes —completó Tzu—. Los navegantes que estuvieron aquí.

Ah, ¿tú también los viste? Pensé que solo yo los había visto, y el gato también.

Tzu buscó al gato con los ojos, pero el pícaro no estaba ahí en aquel momento y me avergoncé un poquito, Tzu podría pensarse que yo no estaba bien del seso.

Durante algunos días, solo nosotros dos vivíamos allí. Gran parte del tiempo nos quedábamos callados, fuera recogiendo ostras para cocinar, fuera arreglando la cerca de varas o los tirantes de la casa. Por la noche, conversábamos. El gato se acercaba en aquellos momentos y escuchaba todo lo que decíamos, ya mirando a Tzu, ya mirándome a mí. Tzu solía mostrarme algún poema que había compuesto durante el día; acercaba el candelero hacia sí, sacaba un papel en blanco del bolsillo y leía. Le pregunté una vez:

Si ya te sabes el poema de memoria al punto de que no necesitas copiarlo en el papel, ¿por qué no dejas este papel?

Él me clavaba sus ojos de niño, como si estuviera muy asombrado. Yo repetía, él oía bien y seguía asombrado. Yo renunciaba, entonces, a entenderlo.

Dije que me dormí con fines retóricos, que me dormí y que soñé. Y ahora estoy despierto otra vez. Pero todo es retórica. ¿Quién duerme? ¿Quién sueña? Esta es una historia feliz: ¿eso no es suficiente? Tzu me tocó el hombro:

¿Estabas meditando?

¿Yo?

El mar está tan tranquilo —prosiguió—. Hace poco vi leones husmeando a tu alrededor y temí que te hicieran mal. Estabas tan absorto.

¿Leones?

Se sentaron delante de ti y se pusieron a observarte. Parecían...

Interrumpí a Tzu:

Mira, Tzu, todo lo que hago es vivir solo. Conocí a un tipo que se levantaba todos los días a las cuatro de la mañana para escribir. Lo hizo toda la vida. Llenó doscientos cuadernos con aquella letrita apretujada. ¿Qué ponía en ellos? Todo. Ya un poema, ya un recordatorio.

Desordenado.

Desordenado, como su vida.

¿Como su vida?

Como una vida, ¿no es cierto? El orden es el caos.

El mar está tranquilo.

El mar nunca está tranquilo, Tzu. ¿Hacia dónde se fueron los leones?

Entraron al mar.

Tú eres simpático, Tzu. Me gustaría que existieras.

¿Por qué?

¿Por qué? —nNos callamos un instante— Sabes, Tzu, lo peor de todo es la vida, esa porquería.

¿Pero eso que dices...

¿... la vida, esa porquería?

¿...sería algo interesante para los oídos?

No, no lo sería.

Hablemos sobre leones.

Sí, hablemos sobre leones.

Tzu volvió a repetirme que había leones husmeándome, pero que yo tenía los ojos cerrados.

Los leones apestan —me dijo—. Al imaginarlos, me olvidé de eso.

¿Te los imaginaste? Ah...

Tzu cerró los ojos un instante. Pensaba en los leones.

Estoy pensando en los leones —dijo.

Lo sé.

Pero los leones no existen.

Pero tú pensabas en ellos.

Lo sé.
 Tzu volvió a cerrar los ojos. Al abrirlos, me miró:
 Y yo no existo.
 Lo sé. Tú eres un invento mío.

El gran arte nace del silencio. Yo podría inventar mil historias si supiera la explicación de algunas cosas. Pero siempre dudé que se pudiera explicar lo que fuera, no importa qué. Lo que hacemos todo el tiempo es darle cohesión al caos. ¿Y necesita el caos más sentido que ser lo que es? No hay cohesión. Las obras maestras, en rigor, son falsas. Por detrás de ellas, lo único que existe es nuestra incapacidad de comprender.

Yo pensaba en esas cosas mientras Tzu se distraía dejando que se le escapara entre los dedos, lentamente, un tenue chorrito de arena. El hombre que inventó el reloj de arena debe haberlo ideado en un momento así. Cuando la arena se escapó completamente de los dedos de Tzu, él los abrió contra el sol y se sopló los granitos sueltos que quedaron pegados.

Sin embargo —observé—, algunos granos no salen con un simple soplido.
 Tzu me miró y sonrió, como si yo lo hubiera sorprendido.
 Pero yo puedo retirarlos así —dijo, amagando sacudírselos con la otra mano.
 Sí, puedes. ¿Pero para qué?
 Tzu era un poeta. Lo creé para no sentirme tan solo.

El gato apareció hace poco, resollando, contando que los navegantes habían vuelto.

Están en la ensenada —señalaba.
 ¿Los navegantes?
 Sí, Cabral y los demás. Y otros más —agregaba.
 Tranquilo, gato.
 Y mujeres también.
 Vamos hasta allá.
 Fuimos hasta allá. —Buenos días, señora —dije.

Eran unas mujeres vivarachas que me miraron asombradas. Y se pusieron a reír, tapándose la boca con las manos blancas, como si así escondieran la risa. Incluso pensé que estaban hablando una lengua extraña. Solo estaban ellas en el lugar, y llegué a imaginarme que los navegantes eran ellas y que el gato se había equivocado.

¡Pêro!, gritaron, súbitamente alborozadas.

Era el escribano. Pêro las abrazó, no sin algún descaro, pues les palpaba los pechos, y vino abrazado de ese modo y me extendió la mano.

Vamos a demorarnos un poquito más en su tierra —dijo—. Trajimos a las mujeres.

Las mujeres, como entendí después, no eran de nadie en especial.

Les has gustado —me informó Pêro, con un guiño. Él también debía estar un poco borracho, se le trababa la lengua. Una de las mujeres se me acercó y me tocó con el dedo, como para asegurarse de que yo existía. Las otras se rieron.

No les des importancia, son unas loquillas —dijo Pêro.

También terminé poniéndome medio idiota y empecé a manosear a una y otra y a todo eso ellas se reían. En pocos minutos, ya nos revolcábamos por el suelo, y como llevaban muchas faldas unas bajo las otras, terminé con los ojos llenos de arena y no me hizo más gracia. Pêro, con poco pudor, trataba de quitarle la ropa a una, que se reía sin parar. Jugaban al gato y al ratón y desaparecieron en el monte. Fue cuando se oyó una trompeta.

Solo ahí noté que había un navío en el mar. Las mujeres pararon de reírse y volvieron a llamar a Pêro, muy preocupadas. Es alguna orden, pensé. Como si todo volviera a la realidad. Se sacudieron la arena de la ropa y yo hice lo mismo. Pêro y su chica aparecieron, serios. Nuevamente la trompeta. Las mujeres corrieron y sentí un golpe en la cabeza.

No sé cuánto tiempo pasé desmayado. Estaba pegado al suelo, con el cuerpo enmarañado entre cuerdas finas, los brazos y las piernas abiertos y también atados al suelo. Tenía que fruncir los ojos, pues el sol me encandilaba.

Muy bien, señor Guliverio —oí que decían detrás de mi cabeza. Reconocí al hombre, era Cabral.

Lo primero que pensé fue en el desmayo. ¿Me habrían dado con algo en la cabeza? Nunca me había desmayado antes y la cosa no parecía tan mal. El hijo de puta quería que yo hablara sobre las ciudades. Puede parecer extraño que yo cambie totalmente a ese asunto, pero explico: no hay nada extraño cuando uno explica una cosa. Cabral estaba en pie detrás de mi cabeza, de modo que yo lo veía de un modo bastante torpe: no es que yo me sintiera humillado por verlo de abajo hacia arriba. Es más, él no tenía nada de aquella posición de señor o tirano, como podrían imaginarse los debiluchos, sino de un volumen grotesco y torpe que lo único que hacía era molestarme. Quería que yo le hablara de las ciudades. Yo le dije:

Mi opinión sobre las ciudades es la siguiente: hablar sobre ellas significa que nos gustan. Y detesto las ciudades.

Sí, sí —concordó—. ¿Pero hay un motivo para tu...?

Lo hay.

¿Y bien?

Mira, hombre, me tomó años descubrir los motivos, aunque, en el fondo, ya lo supiera todo. Incluso tú lo debes saber todo. Si seguimos tratando sobre ese asunto, me levanto de aquí y te acogoto.

Estás atado.

Cerré los ojos. (No estoy seguro de si aún estaba desmayado.) El gato ronroneó en mi oído, se alisó el pelo en mi cara y abrí los ojos.

¿Estabas meditando? —me preguntó él.

¿Yo?

El mar está tan tranquilo —dijo—. Vi leones paseando a tu alrededor y me puse a temblar de miedo a que te pasara algo.

¿Leones?

Incluso se sentaron por acá y se pusieron a observarte...

Se trataba de una repetición. Todo eso ya había sucedido, no sabía cuándo ni cómo. El gato prosiguió, o pienso que lo hacía, y quizás yo estuviera dialogando con él, pero lo que ocurría en mí era aquel diálogo ya no repitiendo un diálogo pasado, sino ocurriendo otra vez en el futuro, y otra vez más, y otra más, en una sucesión interminable: no la idea del diálogo sino el diálogo en sí, y siempre completo, cada vez. Hasta que ya no me molestó seguirlos, contarlos, vivirlos. Quedó una especie de vaivén de olas en la cabeza, el ruido característico del existir: el existir, puro. Fue entonces que asocié la conversación del gato con la de Tzu. Tzu, el poeta. Debo haber esbozado una sonrisa al pensar en él.

4.

Mis impresiones siempre fueron así: duraban poco. El navegante, con su camisa de mangas abullonadas, percutida, con el color exacto de la nobleza inútil, el navegante insistía en que le hablara de las ciudades.

Las ciudades del futuro, Escatimburo —pedía, llamándome por mi nombre, no sé quién se lo había dicho—. El Rey es un bobalicón que sueña en empreñar a quinientas mil mujeres para poblar este matorral. Me pidió que mis hombres dejaran aquí las simientes, como si esta tierra estuviera apiñada de ellas, las mujeres, mientras él discutía con los cartógrafos la posibilidad de mandar para acá una expedición de esperma refinado. Pero aquella gente que él planea mandar solo piensa en hacer sonetos. Estoy fastidiado hoy, como ves. Háblame sobre esas tales ciudades de porquería. Pêro lo anotaré.

¿Dije que estaba acostado? Pensé en repetir una frase de Diógenes: Escúchame, oh, jetón, destapa el sol. Pero nuestro almirante era un muchachote y decidí sentarme. Unas cuerditas estallaron alrededor de mi cuerpo, se hicieron polvo en tres segundos y el viento se las llevó. Pêro apareció con un mamotreto de papel, un frasco de tinta y una pluma de pavo real.

Toda ciudad es una flojera —empecé.

Un momento, amigo —pidió Pêro—. Déjame desempaquetar esta papelada. Listo.

Yo dije —dije yo—: las ciudades son inventos de los , de los que ya no cazan, de los que no roban mujeres, de los que no matan al vecino...

Sí, sí —dijo Pêro—. Lo sigo —y escribía: "Señor, puesto que el Capitán-Mayor de esta vuestra flota, y así los otros capitanes, escribieran a Vuestra Alteza la nueva del hallamiento de esta vuestra tierra nueva..."² —. Siga, amigo, soy ágil escribiendo.

²Texto de la histórica carta que Pêro Vaz de Caminha escribió al rey de Portugal y se considera el primer documento escrito en tierras brasileñas.

Mira, Pêro, tu buzada ya se ha pasado un poco del límite. Cuando yo tenga tu edad... ¿Cuántos años tienes?

Cuarenta y nueve.

Cuando tenga tu edad, les pediré a cuatro o cinco señoras impolutas que me bailen sobre la buzada...

¿Señoras...?

Impolutas... todas las mañanas. Así no me verán jamás con esta panza.

He de sacármela muy en breve, en Calicut —dijo el escribano, y se rio.

¿Sí? —inquirió Cabral. Ciertamente pedía la continuación de mi relato.

¿Las ciudades? Mira, hombre, dile a tu rey que inunde este quilombo con esperma, como desea. Dentro de quinientos años no seremos más que una república movida a cordeles.

Perdón —dijo el almirante—. No quise fastidiarlo. También pienso que El Rey sueña.

¿Y quién no sueña? —preguntó Pêro, con aire de sabio. Lo observamos de soslayo, él tosió, se rascó el mentón con el cañón de la pluma, se ensució y sonrió cabrero.

Las historias no tienen fin, ¿verdad, Escatimburo? —me dijo Cabral, apenas filosofando él también, con su aire de crítica al pobre escriba— El rey en la corte, nosotros aquí. Tú informándome que todo es sueño, y sin embargo dentro de unos días partiremos hacia las Indias. Vamos a desaparecer y aquellas olas allí seguirán iguales. Lo que me gustaría de verdad sería coger con unas lisboetas que dejé haciéndome adiós en el puerto de Belém.

(Quiero ordenar algunas cosas. Primero el escenario: esta casita en la playa, un frondoso mango, los arrecifes dividiendo el mar con una franja de espumas. Después el tiempo: el descubridor portugués salta cinco siglos, el narrador retrocede cinco y, en el choque de las ilusiones, se rellena el ocio. Por fin los personajes: el narrador, el gato y el narrador gato; el poeta Tzu, que en rigor no existe; y Cabral y Pêro, especie de cuerpo y cabeza, y no se sabe cuál de los dos es más dispensable. Se intercalan también unos sueños, pero los sueños pueden ir entre paréntesis).

Nada se debe dejar de lado —bramó, de repente, Cabral—. Esta mierda debe seguir como aquel chiflado quiere. ¿Él no quiere una nación? Pues tendrá la nación que quiere. Escribe ahí, Pêro: la tierra es toda maravillosa, no hay víboras, no hay mosquitos, no hay jaguares... etc., etc. Todo aquí es excelente. Y apurémonos con el descubrimiento. Navegar es preciso. ¿Tengo razón, Escatimburo?

El hombre estaba fastidiado y se rascaba aún más la tal barbilla.

Y entonces todo fue increíble. Los marineros se congregaron súbitamente en la playa, las mujeres emperejilándose dicharacheras y nosotros —es decir, Tzu, el gato y yo— displicentemente atónitos. Mientras prestábamos atención a un gru-

po aquí, el que había estado allí desaparecía. Y al volver la vista hacia el de acá, el lugar estaba vacío. Pêro Vaz, sobre un montículo de arena, cruzado de piernas, anotaba algo. Me le acerqué.

¿Qué está sucediendo, Pêro?

Vamos a zarpar. El Comandante debe de haber soñado.

¿Solo por eso?

¿Solo?

Y entonces, mientras escribía algo, me fue contando lo que pasaba en aquellos sueños del Comandante.

Él ve lejos, siglos más adelante. ¿Y sabe qué ha estado viendo? Esta playa. Atestada de gente semidesnuda. Por aquel lado, unas carpas de tela. Allá atrás, unas carrozas ágiles, pero sin bestias.

¡Hummm!

... sin bestias.

¿Estás anotando eso? —pregunté.

¿Aquí? Hum, hum. Concluyo solo el informe: De este Porto Seguro, de vuestra Isla de Vera Cruz, hoy —¿qué día es hoy? ¿viernes?— viernes, primer día de mayo...

Me volví hacia Tzu. ¿Ese tipo de veras está chiflado, eh? —pensé en preguntarle. Tzu miraba el mar lejano, los navíos desapareciendo. Rápidamente. El gato se afilaba sutilmente las uñas en mi espinilla. Me agaché para acariciarlo.

¿Estabas hablando solo?, me preguntó.

¿Eh?

Miré alrededor, Pêro ya no estaba. Ni Tzu. Ni los navíos.

¡Gato! —exclamé— ¡Gato! ¡Gato!

En mi mano, solo la arena fría de la playa. Finísima, se me escapaba entre los dedos. Algunos granitos brillaban, momentáneamente, más que el sol.

VAQUERO GENARO

(Estos textos en prosa de ficción forman parte de la novela *Os ventos gemedores* [Los vientos gemidores], Editorial Letra Selvagem, São Paulo, 2014.)

Los pasos confiados a la luz pura del día. La frente en paz porque sabe de caminos que se han encendido dentro de él debido a sentimientos de esperanza, deseos forjados con ardor en un suelo duro mostrándole que ningún hombre es el único dueño de este mundo. Dios no dejó la tierra para el gozo de uno solo o de algunos y el yugo para muchos. Y tras los que forman la mayoría, hijos y nietos repiten la discrepancia, viniendo a dejar la vida, sin librarse nunca de los mismos lazos. Lo mismo todos los días para los enyugados, trabajar mucho, lo ganado apenas llegando a lo de comer. Cada uno se convertirá en abono de tierra al final, en una zanja que nunca se llena. Pasos por caminos que hacen aflorar pensamientos que llegan ahora de los rasgos mojadas de sudor, urdidos en las horas trabajadas con machete, hacha, hoz, chuzo y lazo. Después de tantos años vividos con el trabajo esquilado en las pertenencias de Vulcano Brás, mezclándose con sentimientos molidos, remolidos, nada le sacará de la cabeza que está casi por suceder lo que anduvo con él como un sueño lúcido, produciendo la tierra raciones iguales, agua clara para todos.

Rayos de sol se resbalan sobre el sombrero de cuero, redondo como el casquete de un guerrero. Brillan en el jubón como una armadura de cuero, en las botas que envuelven los pies, las piernas y hasta los muslos. Arrojado, sin dudar de las ideas encendidas con la certidumbre de la victoria, camina hacia el ajuste de cuentas final con Vulcano Brás y sus matones. La figura del rudo guerrero se mueve en el gesto agudo cruzando las franjas de luz que se descuelgan del cielo azul con nubes gordas. Viento del amanecer sopla ligero como brisa en el rostro bajo la piel cobriza curtida por el sol. Sus artes del bien cuidar al ganado son comentadas y afamadas por todos los rincones de la Zona del Oro. Su manera de echar el lazo certero admira hasta a los vaqueros más veteranos. El modo seguro tan suyo de conducir rebaños sin perder una sola res en la larga marcha por leguas tiranas. El sonido hondo del berrante¹, profundo, por los campos lejanos, el aboio² manso, sin par en aquellos parajes. Berrante que hace callar a la naturaleza en derredor y a todo lo demás cuando repercute a lo lejos. Aboio que atrae y reúne sin esfuerzo no sé cuántas reses, llegando muchas de ellas saltarinas, alegres por el pasto lozano.

¹Instrumento musical campero construido con varios cuernos vacunos acoplados en serie, usado para llamar al rebaño. Tiene importante valor afectivo y cultural.

²Canto doliente y monótono con que los vaqueros guían las tropas de reses.

No sabía contar las veces que vio nacer y ponerse el sol sobre la silla de montar, los novillos que castró, marcó, formando los rebaños que engordaban en las faldas de la Sierra de Viradouro. Era el mejor para operarles las ampollas aftosas a los burros y quitarles callos a las reses, no existía por allí otro mejor para sacar ternero atracado en la barriga de la vaca con dificultades al parir. Y todo el esfuerzo que hizo con el ganado de Vulcano Brás fue solo para terminar así nomás, con las manos vacías. Allí mismo en la Villa del Pati, sin un terrenito suyo que sembrar y cosechar. Alambrar las pasturas y tener unas vaquitas lecheras, carnear alguna que estuviera vieja y aprovechar la carne para venderla como charque en la feria de la villa

En la armadura de cuero, sombrero como casco, había aprendido a amar el sol, la lluvia, el viento, las estrellas, la luz de la luna sobre la hierba. Pero voces en el morral hablaban de manos estúpidas, que no percibieron el paso ligero del tiempo, de tan ocupado que estuvo en la lidia con los rebaños de Vulcano Brás por los campos inmensos, donde buscar las vacas con la cría para la faena de yerra y conteo exigía esfuerzo, habilidad, valor. Demoraba días cuando la vaca se escondía con la cría en el monte espeso. La vida había pasado en un santiamén, ni se dio cuenta de que el ayer del mañana fue un instante de la noche a la mañana.

La cara gorda de Aparício Pança-Farta³ se ensancha con la sonrisa de quien quiere agradecer a quien llega de cara hosca. "Quiero 30 chifles de pólvora, 40 cajas de balas, muchos perdigones y cartuchos", la voz segura del vaquero Genaro. Entre asustada e imbécil, la mirada de Aparício Pança-Farta. "Aún da el tiempo, Genaro, para olvidar esa locura de la rebelión. Vulcano Brás siempre pensó que doblega cualquier enfermedad, solo que esta vez no tiene cómo escapar, está muriendo, si es que no está muerto ya. Y lo que va a ocurrir con su muerte todo el mundo lo sabe. Trabajo para muchos en las chacras para ganar lo de comer, mientras sierras, valles, ríos, chacras, montes, pastos con mucho ganado, la villa, todo lo que en este viejo mundo sin fondo pertenezca a Vulcano Brás pasará a manos de su mujer e hijos."

Hojas afiladas en el pecho del vaquero Genaro, las observaciones de Aparício Pança-Farta. Puntas agudas perforan los puntos más lejanos de su cuerpo. La cara delgada cobra una mueca que estira los ojos chispeantes de odio. Aparício Pança-Farta siempre en contra cuando escucha algún ruido fuertecito contra el yugo de Vulcano Brás, piensa el vaquero Genaro. Lo único que no logra esconder es el provecho que saca de dicha actitud, una vida que lleva satisfecho como el único que tiene almacén en la villa con casa de negocios. El almacén siempre surtido de herramientas para el campo, munición para armas de fuego, género para ropa, barriles de aguardiente, latas de querosén, mantas de carne charqueada en los caballetes y bolsas de azúcar, harina y frijoles, aparte de menudencias.

³Panza-Abundante. (N.d el T.)

“Cada uno en este mundo encuentra su sino”, voz de Aparício Pança-Farta queriendo convencer. “Así como los dedos de las manos no son iguales, unos pocos mandan en la vida y la mayoría viene a obedecer.” Vaquero Genaro dice que el mundo gira sobre el error, “las vacas nunca paren para muchos, pero para unos pocos hasta los bueyes se meten a parir.” Observa que ha llegado el momento de corregir ese desacierto por estos lados. A Abelardo Pança-Farta no le parece probable que eso suceda un día. Vaquero Genaro dice que la tierra solo tendrá valor en este mundo del Japaró cuando cualquier viviente pueda pisar su propio pedazo. Hay que sacarle las riendas al único mandamás de estas tierras de por acá. Esa es nuestra lucha, no vamos a aflojar ahora. Abelardo Pança-Farta insiste en convencer a vaquero Genaro a dejar de querer enfrentar a Vulcano Brás con su gente. “La libertad ganada con sangre no tiene valor.” La reacción del vaquero Genaro viene con un gargajo fuerte en el piso de cemento lleno de hoyos del almacén. Los ojos de rabia hacia Abelardo Pança-Farta. “Veo que ya ha elegido su lado. Le digo a quien esté al lado de Vulcano Brás cuando llegue la hora de la rebelión: ¡no le vamos a tener pena a ese maldito!”

Aparício Pança-Farta se quedó alarmado con lo que dijo el vaquero Genaro. Los cachetes le temblequean en el rostro rubicundo. Nervioso, sonda en los estantes las cosas pedidas por el vaquero Genaro. Busca al lado, encima, debajo, detrás del mostrador, por los rincones. Las moscas van y vuelven en su vuelo sin dirección. Zumban alrededor de la bolsa de azúcar, insistentes, algunas llegan a posarse sobre los brazos peludos del dueño del almacén.

Las manos temblorosas apartan la manta de carne charqueada sobre el mostrador. En el cajón acomodan la pólvora, las cajas de balas, los cartuchos y los perdigones. Se pasa el pañuelo en la cara gorda, se seca el cuello empapado de sudor. Expresión de espanto de los ojos fijos en los pasos del vaquero Genaro, saliendo del almacén con otro hombre, éste lleva sobre la cabeza el cajón con las municiones de boca para las armas de fuego. Hasta que los dos hombres desaparecen por una de las callejas que va a dar a una de las calles detrás de la plaza.

Grietas en la cara son marcas que el tiempo dejó en la lidia de campear el ganado por los pastos de Vulcano Brás. Usa en el pecho una camisa raída por debajo del jubón de cuero de cebú, hecho por manos que bien sabían criar el ganado. Lo que uno u otro tanto desea en aquellas leguas es hacerse un día un vaquero baquiano como él.

Se desvían del matadero Vaquero Genaro y el otro hombre, que lleva sobre la cabeza el cajón pesado. Aparecen en la calle de suelo arenoso al final de la cual hay hombres que esperan que lleguen pronto hasta la barraca con techo de paja.

Quema los pensamientos la visión que el vaquero Genaro va teniendo con los ranchos ruinosos, algunos apuntalados con horcones, otros con las paredes agujereadas. Fueron levantados en un pequeño espacio de la tierra arrendada a Vulcano Brás. El pago por la ocupación del rancho en tierras del único dueño viene en forma de un día de trabajo gratuito por semana, ya en las plantaciones

de cacao, ya en los montes, ya en los pastos, durante treinta años. Aquel que se muere antes de completar el tiempo de adquisición definitiva del pedazo de tierra arrendada pierde el rancho a manos de Vulcano Brás.

Campesino que cometa la estupidez de no votar los candidatos elegidos por Vulcano Brás en tiempo de elecciones en la ciudad lejana. Aquel que huye al monte para no votar, por ejemplo, al otro día amanece a la intemperie, al encontrar su rancho derruido de la noche a la mañana. Los camiones vienen a buscar las cuadrillas de campesinos en un camino de barro, donde queda la parada de embarque a cerca de unas veinte leguas de la villa del Pati. Nadie sabe escribir su nombre, y aun así votan gracias a las artimañas de Vulcano Brás, que entrega la hoja de votación ya marcada con el nombre de sus candidatos para que la pongan en la urna. Todos saben que aquí en este fin del mundo Vulcano Brás es el dominador de vivientes y cosas. El comisario, el juez y el alcalde, hasta el cura, solo entran en sus dominios si los llaman.

Dentro de la barraca los hombres parecen preocupados. Unos están fumando cigarrillos hechos con chala y tabaco picado a cortaplumas sobre la mano. El jarro con café caliente pasa de mano en mano. El que está sentado en el cajón viejo dice que el café caliente se toma por el aroma, el otro dice que es como el sentimiento de unión, fortalece la respiración y calienta el pecho.

Los que están sentados en un banco largo, del lado de fuera, se levantan con la llegada del vaquero Genaro, acompañado del hombre que trae el cajón en la cabeza, con el sudor salpicándole la cara. "Buenos días, gente. Perdónenme el atraso." Manda poner la caja sobre la mesa, destapándola a continuación con el martillo y un pedazo de hierro en forma de ganzúa. Muestra contento las cajas de balas, los perdigones, la pólvora y los cartuchos. Hombres que estaban afilando las herramientas de trabajo se le acercan, inspeccionan la caja con las municiones para usar en el combate que se acerca. Una pequeña multitud se forma pronto frente a la barraca. "Todos conocen nuestro propósito. Ahora no hay que temer enfrentar a Vulcano Brás con su gente", la voz airada se impone como una pequeña ola llevando valor a cada uno de los hombres callados. Un calor fuerte circula por las venas como nunca había sucedido, en ese instante en que se reúnen con caras serias.

Los hombres pasan en silencio, la cara endurecida de cada uno de ellos mirando hacia delante, sabiendo que van a recorrer un camino peligroso. El enemigo puede aparecer de repente con fuerza superior a la de ellos, en cualquier lugar de ese camino. Abriendo la marcha el vaquero Genaro y el cazador Guinó con el hombre encargado de llevar la bandera blanca, en la que se ve escrito con letras rojas: TIERRA DE TODOS. Enseguida, el indio Camamu y el negro Julião, cada uno encabezando una larga fila de hombres que los siguen con pasos firmes.

La marcha se mueve lenta, cada campesino lleva en sus adentros el recuerdo de los días trabajados con manos encallecidas que nunca descansan de sol a sol.

Días con picaduras de insectos, a veces de serpientes. En lo íntimo de cada uno de ellos se alojó un cascarudo que poco a poco les carcome los nervios y los sentimientos, sin que nunca pare su hambre invisible. Las manos tensas suspenden hacha, pedazo de fierro, escopeta, rifle de repetición, mosquetón. En el cinto de bejuco, pistolón, revólver, machete; sobre los hombros, azadas y guadañas como signos de exclamación.

Los hombres de cabeza erguida pasan por la calle donde está el rancho del vaquero Genaro. Desde las ventanas y puertas, mujeres, viejos y niños siguen a los hombres que desfilan llevando todo tipo de arma, con caras de animal atento. Los pasos arrancan sonidos hondos de la tierra de barro apisonado. El vaquero Genaro conduce la marcha con los ojos inmóviles en el rostro vengativo. El rifle en la mano, cartucheras de balas cruzándole el pecho.

Un niño, bajo el marco de la puerta, toca una musiquita en la flauta de hueso de gavilán. La melodía triste viaja por las capas calientes del viento, se va alejando de la villa hasta encontrar en la memoria de leguas lejanas hombres trabajando en los dominios de Vulcano Brás. Un canto aguerrido nace entonces de gargantas inflamadas, un sonido bárbaro que viene de la tierra y dibuja letras de fuego en el dorso de las leguas, llamando en ese momento al sol a que ilumine un sueño, que al principio era tímido, creció de a poco y finalmente se volvió inevitable.

Vamos a la guerra
Pa'l suelo ganar
Que la vida aquí
No es de buen pasar.

Vamos a la guerra
Pa'l suelo ganar
Que la vida aquí
Es del mandamás.

Vamos a la guerra
Pa'l suelo ganar
Que el demo responde
Por Vulcano Brás.

La marcha de los hombres encabezada por el vaquero Genaro desaparece, poco a poco, tras una cuesta de la colina. El negro Julião lleva una guadaña afilada al hombro, hacha en mano, y el indio Camamu, un arco y flechas envenenadas.

Julião es un mulato rechoncho, cabeza grande enterrada entre los hombros. Fue tropero de Vulcano Bras mientras tuvo fuerzas suficientes para tropear la

burrada cargada de cacao por senderos y atajos, sierras y quebradas. Amansador de burro bravo sin par en aquellas leguas despobladas. El bicho soltaba fuego por la nariz peor que el mismísimo diablo, saltando a los corcoveos, y caía con él pegado al pelo. Se le rompieron costillas que fueron soldadas por el tiempo.

El indio Camamu llegaba borracho al almacén de Aparício Pança-Farta y salía en peor estado, tropezándose con las piernas. Contó cierta vez que Vulcano Brás echó a su pueblo de las tierras dejadas por sus ancestros. Llegó montado en un caballo negro, tan negro como la noche más negra, los matones formando un círculo a su alrededor, los rifles engatillados. Dijo que los indios eran los invasores de las tierras de él, que salieran en seguida de donde nada les pertenecía. A los indios que no quisieron salir los mataron, y los que no querían morir, como Camamu, corrieron hacia la selva. Quemaron la aldea, los mataron a casi todos, el río corrió sucio de sangre. A Camamu le pegaron un tiro, y no murió porque Dios fue cuidadoso con él.

Desde entonces, Camamu fue empujando la vida trabajando en las plantaciones de Vulcano Brás. Pasaba hambre con mujer e hijos, trabajando enfermo a veces. Pero nunca olvidó lo que le dijo cierta vez Baetá, la india más vieja de la tribu: al indio le dan palo, muere de sufrimiento, pero no trabaja para blanco como esclavo.

Quería recuperar sus tierras para reunir a su pueblo otra vez en la aldea Pinapá. No había dinero en este mundo que comprara sus tierras, va a servirles de abono si lo matan, pero nunca más saldría de ellas con su pueblo cuando fueran reconquistadas.

UNA MUJER

(Estos textos en prosa de ficción forman parte de la novela *Os ventos gemedores* [Los vientos gemidores], Editorial Letra Selvagem, São Paulo, 2014.)

Desde la ventana de su rancho vio cuando unos hombres pasaron con sus figuras guerreras. Escuchó el canto de guerra reñida, llevado por voces solitarias en una entonación fuerte que reverberaba por el aire de la villa como algo especial. El canto que salía de voces punzantes penetraba el pecho de quienes vinieron a ver la marcha, formando en ellos sentimientos ligados a su sorda rebeldía, vergüenza y desprecio. La marcha pasaba dando a los que se quedaban en la villa la esperanza de que ahora se liberarían del yugo de Vulcano Brás.

Después de que ellos desaparecieron en la curva del camino, entre los primeros avances de la tarde con su vaho frío de principios del invierno, el canto de los hombres en marcha siguió resonando en sus oídos por algún tiempo.

Se mueve en el rancho apurada, cierra puertas y ventana, poniendo trabas con palos de sapucaia⁴. Enciende la vela en el plato de barro del pequeño altar, improvisado en un cajón viejo forrado con arpillera. El pequeño altar en el rincón

⁴Gran árbol del género *Lecythis*.

de la sala con un Cristo de madera clavado en la cruz, un San Antonio de barro, una Santa Bárbara en un marco antiguo sin vidrio, con los bordes apollillados. A la santa guerrera le pide que proteja los pasos del vaquero Genaro y de los que lo acompañan en la marcha, entrando en ese momento en el Vale das Garças. Pide que la santa combata al lado de ellos, dándoles valor a todos en los momentos peligrosos de porfía. Desgaja por la boca murmurante un padrenuestro, un ave maría y cinco salves. Termina el rezo con cánticos de rezo, sintiendo vibraciones en toda la extensión de la piel. Arrodillada, el pecho contrito.

Porque firme en la creencia de que la santa guerrera no falla en momentos de peligro como aquel, que aflige a muchos de los que se quedaron en la villa, está segura de que la dueña de los rayos y los vientos habrá de guiar los pasos del vaquero Genaro y quienes lo siguen, protegiéndolos cuando llegue el momento del entrevero con Vulcano Brás y sus matones.

Va hasta el gallinero donde toma la artesa para recoger los frijoles que aún hay en la lata. La sopa aguada de frijoles sirve para engañar su hambre y la de sus hijos de noche. Prende el fogón a leña para cocinar lo poco de comer con un pedazo de charque y harina de mandioca. Sabe que hoy no es diferente de ayer. De mañana el café aguado, que se bebe con gusto a nada, después de aliñado con azúcar rubio o panela. Cuando hay, cada hijo recibe un pedazo de galleta seca. Los pulgones no paran de molestar cuando está junto al fogón humeante. Más vale un pulgón en el pie que un gusano en la cabeza, malaria, mordida de serpiente y el hambre del demonio, que nunca se cansa de roer las tripas.

En el patio levanta la mirada, impulsada por unas ganas que antes no existían. Fija los ojos en la sierra del Virote y después en la del Viradouro. Después de tantos años ahora le sucede eso, fijar los ojos en las sierras, mirándolas de frente sin ningún miedo, sin sentir aquellas náuseas y mareos. Como si le retiraran la sensación opresiva que le causaban y se la llevaran para algún lugar lejano. Los ojos no soportaban ver cierto paisaje pesado que venía de las sierras. La sangre se le iba de las venas, el sol giraba en la mente, si trataba de fijar los ojos en la desmedida y la altura de todo aquel peso terrestre de aquellas cumbres. En el sopor del cuerpo y el alma las vastedades de Vulcano Brás, lejanías imposibles de retener en la mente.

Recuerda lo que le dijo el abuelo Isidro bajo la vieja inga. Los ojuelos negros y vivaces, pelo de esponja, blanco, ya pisando los cien años. El viejo curandero de la villa dijo que un día no muy lejano las sierras iban a salir del lugar y desplomarse desde lo alto en un estruendo del fin del mundo. Tumarían los montes, enterrarían las plantaciones de cacao, acabarían con los pastos. Cuando todo en derredor estuviera en silencio por los confines de Vulcano Brás, en el amanecer más bello y puro, un solo pastor bajaría del cielo para conducir a los nuevos rebaños con su cayado manso. Lo que más emocionaría era que el pastor anunciaría el nuevo reino de São Saruê⁵ con todas las manos comiendo en una sola

⁵En el imaginario del Nordeste brasileño, ciudad legendaria de la infinita felicidad y abundancia.

mesa. Nuevas semillas serían arrojadas al suelo, nuevos ramos verdes nacerían de luz, comidas abundantes, buena agua con muchos peces para todos. En lugar del despotismo de Vulcano Brás, el sol se levantaría con abundancia de amor, la mañana como si fuera el paraíso naciendo otra vez. Cuando dijo eso, parecía que un espíritu de luz estaba en el seso del abuelo Isidro, hablando por él de ese modo en aquel momento. Con aquella voz mansa, a bocanadas de tabaco inhalado en la pipa de barro. Él soplabla el humo de a poco sobre cada campesino que venía a recibir un consejo, una receta de remedio, a resolver un diferendo, en fin, a aprovechar su bondad, acortando ese camino que existe entre la tierra y el cielo.

De noche era común que se despertara a los gritos. Perforaban el silencio claro hinchado por la luna en la villa. Las manos querían arrancarle la piel de la cara, desesperadas por algo que no podían alejar, los ojos encandilados no querían ver. El vaquero Genaro se desesperaba, los niños lloraban alto. Él bramaba contra el infierno que tenía por vivir en aquellos parajes. Las visiones endiabladas de mujer no se alejaban con las maldiciones escupidas por una boca airada. "Las sierras, Genaro, las desalmadas, ellas mismas, vienen rodando en nuestra dirección."

Después de que los hombres comandados por Genaro pasaron cantando aquella canción de deseo herido, de repente un valor la inundó, sintiendo así en aquel momento que ya no tendría miedo de fijar los ojos en las sierras sin apuro. Una certidumbre de victoria que los hombres llevaban en su marcha brotó de la sangre, circuló por las venas, voló sobre la esperanza con una sensación que no sabía cómo explicar. La marcha de los hombres con sus armas rudas de combate, el vaquero Genaro de hechura audaz, vibrando en aquel punto con la más palpitante luz reflejada por igual en la vida.

En un pasado ya lejano, desembarcó en el barco-jaula en Porto Verde, una ciudad de playas blancas que no era más que pocas calles estrechas, algunas casas de altos, una plaza sin césped, un hotel chico, una pensión, el incipiente comercio nuevo cerca del muelle. Los galpones cercanos al muelle para abrigar a los forasteros. Jamás había viajado en barco por el mar. El barco-jaula fluctuaba mucho, se asemejaba a un juguete en las manos poderosas del oleaje. Subía y bajaba. Las horas no querían pasar, monótonas, fastidiosas, el barco-jaula arras-trándose en aquel mismo movimiento del mar. Cuando pasó por la barra, divisó el buque con hombres que saludaban desde la proa. La bandera azul con la cruz amarilla tremolaba en el palo mayor. El barco-jaula pasó cerquita de aquel bicho enorme, de tan pesado aplastaba el mar, boyando cuando bocinaba, soltando humo por la boca ancha de la chimenea grande.

El barco-jaula bien lento por el canal estrecho y raso. Admirada con las casitas como que clavadas al cerro alto, parecía el hocico de un perro, entrando por el mar. El desembarco festivo, algunos viejos daban gracias al Buen Jesús porque habían llegado sanos y salvos de aquel viaje interminable por el mar. La gente

joven mostraba rostros vivaces por haber llegado a las tierras del verde sin fin. Algunos decían incluso que el infierno de la caatinga⁶ había quedado en el pasado para siempre, enterrado en sus huellas de la desgracia.

Casi una niña, la inocencia en la cara rosada, moña en las trenzas, blusa blanca con bordado de florcitas en el pecho. Su padre Amadeu pensaba encontrar el paraíso en las tierras afamadas del Japar. Tierras buenas, que dan todo lo que se planta, estaciones templadas con sol y lluvia. Quería olvidar el paisaje agreste que todo lo quemaba, llamaradas de día, vaho febril en el crepúsculo. Había llegado la hora de dar por terminada la siembra del no. Las marchas constantes con la banda de cangaceiros⁷ por la tierra seca, agrietada y desierta. En verdes leguas quisiera reencontrar el rumbo de una vida serena, tener su pedazo de tierra, una plantación de cereales ya lo contentaba. En el viejo aprendizaje del soñar quería plantar. En la tierra generosa cosechar, disfrutar y descansar.

⁶Region semiárida del Nordeste brasileño.

⁷Bandoleros que recorrían la caatinga hasta la primera mitad del siglo XX.

QUILOMBOS

Memorias I

Querría verte negro
Negro te querría ver
Si Palmares aún viviera
En Palmares querría nacer.

El gusto de la libertad sentido, clavado en el pecho
Correr, sentir los campos tener la vida
Angola Janga
Tierra de negros libres
Allí toda vida
Toda raza, rabia, ganas
África
África (tan súbitamente robada)
Sueños (tan súbitamente asesinados)
Libertad (tan súbitamente trocada en esclavitud)

Memorias II

Negro corriendo libre
Cosechando tras plantar
Si Palmares aún viviera
En Palmares querría habitar

El odio al capataz es pegajoso, fecundo
Puede preñar hasta a las mentes más estériles
Con su pene de azote.
Los capataces esparcen su leche
En las espaldas de los esclavos
Guineos, Ardras, Congos, Agomeos, Minas, Cafres
Y la sangre salió con tanta fuerza
Que en Angola fui Nagó, hermano de Hausa
Jeje, Tapa y Senty.
El olor nauseabundo del esperma de la tortura
Nos hizo quedarnos juntos, usando nuestro odio más común.

Sueños I

El rey de Portugal
 Mandó a mi pueblo matar
 Si Palmares aún viviera
 En Palmares querría estar

Nkumbe en Paraíba, Alagoas, Macaco y Subupira
 Mangueira, São Carlos, Portela en la Avenida
 ¿Cuántos son?

Ayer morí en Adalaquituche, Tabocas, Amaro, Acotirene
 Hoy en Juramento, Borel, Turano, Salgueiro

Muero subiendo cerros
 Rondo cuestras cada día con decidido aire de difunto nuevo
 Cuando cae la noche, veo en el fondo de cada plato el reflejo de la luz de la vela
 Y sueños para devorar

Sueños II

Te veo mi pueblo feliz
 Tu sueño queriendo sentir
 Si palmares aún viviera
 A Palmares tendría que ir

¿Te imaginas si Domingos Jorge Velho y su chusma
 No hubieran tenido tanta suerte?

¿Te imaginaste aquel país de la sierra de la Barriga?
 Sé que quizás no,
 Es difícil imaginarse una tierra
 Donde no fuera posible ver
 A una negra
 Tener que mostrar las nalgas
 Abrir las piernas, sacar de sus entrañas el pan de cada día
 Donde no se pudiera ver
 Niños
 De diez, ocho, seis años
 Volviendo a las cuatro de la mañana
 Después de vender goma de mascar y el último vestigio de dignidad
 En los cruces de la ciudad

Insomnios

Añoranzas de tus noches
 Hogueras que yo no vi
 Palmares, Estado Negro...
 (vivo pensando en ti)

Cómo no estar
 En la podredumbre del manglar
 En las ratas del bajo
 En la multitud de coños infectos
 Cómo no estar en el ruido del martillo mecánico
 En la comida agria, en el tacho de comida fría
 Cómo no estar en el hambre de mi hijo
 Ya nacido con algo de muerte
 Cómo no estar en los paños de las madames
 En el olor a grasa del fregadero
 En la mierda de los barones boyando en el inodoro
 Cómo no estar en el tren atestado, en el rancho a punto de caer
 En el patrullero, en el puñetazo en los dientes
 En el lodo. Desde el fondo de cada celda
 ¿Cómo, si todo eso soy yo?

Quilombos, mis sueños
 Sufro un insomnio eterno por vivirlos a ustedes

Vivo de la certeza de renacerlos mañana,

Si un distinguido señor viene a decirme
 Que no piense en esas cosas
 Voy a Tener que matarlo, con cierto placer.

Aunque no lo cuente la historia
 Yo no te olvido, mi pueblo
 Si Palmares ya no vive
 Haremos Palmares de nuevo

CALIGRAFÍAS

("Piedra sola" 2012)

I

En el polvo de un tiempo impreciso,
las historias del silencio,
nidadas de signos sin traducción.

Silencio en la carne.
Silencio que siente la arena al pasar.
Tiempo para la soledad del poema.

Cultivamos los nombres.
Creamos semblante para cada nombre.
Para mostrar nuestros nudos – la palabra.

Con los ojos inundados
el vértigo crece:
sus ropas son de luz y sonido.

El pasmo nos sobresalta
Y gozamos de todo.

II

La poesía de un tiempo sin juicio
y su extraña nidada de historias
de las entrañas del silencio.

Nuestro heroísmo es trágico
y las parcas son infinitas.

Solo tenemos la ilusión de las cosas
y el camino es irreversible.

Retornar – solo para el Nombre,
para el ser que no tiene nombre.

EJERCICIOS CRÍSTICOS

("Desciframiento de abismos" 2002)

Yo siempre tuve el deseo incontinenti de salvar el mundo,
siempre elegí de compañeros a los que no miden el tiempo
y andan para arriba y para abajo practicando cigarras,
a los que tienen por fortuna todo el día – todos los días.

Siempre creí que era el redentor de toda miseria humana,
entonces decidí coronarme de espinas
y como trono elegí los clavos en la cruz,
tengo esa sonrisa triste, esa lágrima de sangre.

Yo solo creo en las cosas que no veo
y siento en cada estrella una Magdalena al lucir,
y aun sabiendo que Dios no existe
en cada niño percibo Su Mejilla esplendorosa.

Traigo conmigo todos los pecados del mundo
y soy el cordero inmolado que alimenta el delirio,
por eso la gloria y la humillación del vino:
no es nada fácil ser juez de la propia locura.

GÉNESIS

("Desciframiento de abismos" 2002)

Sabes, muchacha de la encrucijada,
cuando te encontré fue un asombro.
Traías estampada en el semblante
la indagación que me acompaña.
Lo más asombroso es que también
eras la respuesta que siempre busqué.

No la respuesta exacta, matemática.
La verdad que tu llegada me trajo
fue la de abejas zumbando al romper la aurora
en busca de miel de flores de los mezquites,
fue la de caballos galopando al caer la noche
soñando con matorrales de verde y yeguas relucientes.

Ay, muchacha, estás en el centro de la Rosa de los Vientos,
 hacia donde des el paso es camino lo que habrá.
 Uno mira hacia arriba y no ve límites:
 es todo un azul intenso que no acaba nunca.
 Pero apenas llega el mediodía el límite aparece,
 y no está lejos: justo en la boca del estómago.

Sabes, voy a darte un sombrero tan grande como el cielo,
 para protegerte de los devaneos solares
 y para que todos te noten y te señalen:
 "mira a la muchacha que da sombra al mundo".
 Y todos te van a mirar y todos te van a aplaudir
 y el arco iris va a ponerse blanco y negro de envidia.

Entonces, un pajarito de esos bien pequeñitos
 que traen un acordeón de ciento veinte en el pecho
 va a aparecer y silbar una canción dulce:
 y nosotros, espiándonos los ojos,
 un montón de estrellas empezamos a sentir brotar.
 Solo eso, cuando te encontré, nací.

REGISTRO DEL HABLA DEL SILENCIO

("Códigos del silencio" 2000)

Lo que más ha hablado en mí es el silencio,
 pero un silencio plural —de fuego—
 que con su lengua escarlata abrasa las palabras
 y las quema antes de que sean.

Un silencio de allá, de lejos —de las regiones interiores—
 que habla todo el tiempo sin nombrar lo dicho.

En sueño es imagen: y veo, embelesado,
 su rostro —semblante formidable:
 tan gallardo como puede ser un dios;

El silencio, este que habla y del que tanto hablo,
 es un jeroglífico poema,
 y estos versos: traducción y codificación.

TÍA AURORA

("Piedra sola" 2012)

La casa de tía Aurora es un lugar
dentro de mi corazón.

Tiene un corral, un umbú,
dos bueyes rojos
y un viento lleno de azules.

Me acuerdo tanto de la casa de tía Aurora.
Yo solo no me acuerdo muy bien de tía Aurora.

Dicen los ancianos que ella
solo salía de casa de mañanita
y que, pese a la cara de tótem,
era realmente un mantra

Y apenas abría la puerta
el sol se desperezaba,
los pajaritos hacían piruetas
y el día sonreía.

¡Tía Aurora tenía esa forma
de empezar!

A BAILARINA

No veía el momento del estreno del comercial. “¡Lo van a pasar en el horario estelar, y por el barrio entero, mejor dicho, por la ciudad entera correrá la voz al día siguiente!”.

De tarde había ido a buscar el caché de su participación y, junto a las otras bailarinas, vio el video ya editado. Solo faltaba la inserción del logotipo del producto. La coreografía, por demás ensayada en el estudio y en la escuela de ballet que frecuentaban, quedó perfecta. Los pasos finales, en cámara lenta, culminaban con el salto de todas en dirección a la cámara. La colega de perfil más nórdico y más apropiado, según el director, muestra, en la palma de la mano, el vasito del yogurt anunciado: el producto disputando la pantalla con las sanas sonrisas de las muchachas durante breves segundos de imagen congelada.

A las 7 de la tarde, la sala estaba atestada de gente, así como la ventana. Quien tenía televisión en casa oía las reclamaciones de quien no tenía aparato. Todos consideraron más emocionante ver el comercial en la casa de la artista.

Plin plin...¹ La emisora anunció la pausa en la programación. Los chicos soltaron las bolitas en el pedazo de barro donde jugaban y se metieron por entre las piernas de los adultos. La hermana de la bailarina, en la terracita, interrumpió el beso y entró en la sala arrastrando al novio de la mano. Los comerciales que se sucedían, incluso los más bobos, nunca tuvieron un público tan atento y silencioso.

Empezó. Las muchachas bailaban como las cabezas de los espectadores. “¡¿Cuál es?! ¿Cuál es?!” “Allí, mira. La de ropa azul.” “¡Pero son varias! La tele bien podría ser más grande, ¿no?”, observó un vecino. “Al final aparezco mejor”, dijo la bailarina nerviosa. “¡Shhh!”, reprendió la madre. Para aquella teleplatea, los 30 segundos fueron eternos. Cuando el ballet empezó los movimientos finales, la bailarina se inclinó instintivamente hacia la TV. En la pantalla, en la esquina superior derecha, apareció una franja blanca con el nombre del producto que se fue deslizando en diagonal. Fue entrando... entrando... y paró, ocultando detrás su rostro negro tan hermoso.

DOMINGO

Aquella mañana, mamá se despertó peleada con las palabras. Cuando salimos del cuarto, cada uno a su tiempo y ritmo, ya la encontramos muda. O casi.

¹Sonido tradicional de la cortina de inicio y final de la tanda en la Rede Globo de televisión

Era domingo, el día en que más tarareaba, y su introspección nos dejó íntimamente en estado de alerta.

Durante el desayuno, mi mirada interrogaba a los cuatro menores, que alzaban los hombros. Tuninho, el menor, de seis años, además de los hombros me mostró las palmas de las manos, el labio inferior y los ojos saltones como negativa. Mamá, viniendo de la cocina, lo sorprendió en la exageración de ese gesto, pero gracias a sus chinelas encontró a los demás con los ojos fijos en el pan que iba del plato a la boca. Papá no estaba con nosotros, pues duplicó el turno de trabajo y solo llegaría de noche. En su lugar, la mudez se había sentado a la mesa. Y podría haber hecho una cena abundante...

A lo largo del día, intentando descifrar a aquella huésped molesta, hacíamos retrospectivas de nuestro sábado. Yo, a los casi quince años, conducía los interrogatorios. En el fondo, no esperaba revelaciones de mis hermanas y hermanos. Aquel silencio era absolutamente extraño para todos nosotros. Un silencio casi sin pausas, sin rezongos. Hecho solo de respiración.

Pocas cosas la dejaban tan así: dentro de sí misma, y ninguna, que nos acordáramos, había ocurrido. No nos habíamos peleado al punto de pegarnos el uno al otro, ningún vecino se mudó dejando deuda en su almacencito, ni papá se había confundido en la compra de víveres para la casa o ropa y zapatos para nosotros. A propósito, esas confusiones eran lo que más hacían enojarse a mamá —y callarse—. Yo me imaginaba que era por causa de la vergüenza de ir a cambiar los alimentos o de pedirle a la costurera vecina que añadiera retazos a las ropas, haciéndolas caber en alguno de nosotros.

Nada de eso había sucedido, sin embargo, y aunque hubiera sucedido, el silencio de aquel día era mayor que todos. Sería necesario que hubieran ocurrido todas esas cosas juntas para que las palabras desaparecieran, como desaparecieron. Desde que vinimos de Bahía, fue la primera vez que me sentí en una casa extraña, en una ciudad extraña. Yo estaba seguro de que papá resolvería ese enigma. ¿Pero a qué hora llegaría? En aquella época, aun siendo Recife mucho más chico que hoy, ¡desde Pina hasta Engenho do Meio era casi un Capibaribe!

El atardecer en la "avenida" de pequeñas casas donde vivíamos —en realidad un callejón sin salida— fue silencioso, como siempre, pero pensábamos que la culpa la tenía mamá; que su mudez, no contentándose en ocupar toda nuestra casa, había salido a la calle, callado el mundo, y que por eso la noche llegó sin ruido.

En el cuarto había dos cuchetas. Una de las camas de arriba era solo mía, la otra de mi hermana siguiente y del menor. La hermana y el hermano del medio, que todavía se hacían pis en la cama, dormían en las de abajo. Aquella visita inesperada y misteriosa nos arrastró más temprano al cuarto, y cada uno de nosotros tendría una compañía al dormir. Pedacitos de silencio.

Eran las 11:45 de la noche. Lo que más me asustó no fue que me hubieran despertado con aquella luz encendida, sino estar oyendo la voz de mamá de nuevo. Me sacudió ligeramente la pierna y me llamó por mi nombre, hasta verme sentado en la cama, protegiéndome los ojos de la claridad. Hizo lo mismo con todos los niños.

Ni el rumor de tapas y ollas en uso que nos llegaba desde la cocina, ni el estruendo de las dos frases que mamá nos iba a decir eran, en aquel momento, más importantes para mí que su propia voz. Y cuando ella despertó al último de nosotros, desapareció en el corredor, volviendo algunos segundos después con tres niños de la mano. Se paró en la puerta del cuarto y dijo.

—Son sus hermanos. A partir de hoy, duermen con ustedes.

Y salió del cuarto, cerrando la puerta entre ella y nosotros.

De a poco, fuimos sacando aquella mudez de debajo de nuestras sábanas. En voz baja, yo tranquilizaba a los menores, recordándoles que éramos siempre solidarios con las personas y encontraríamos la forma de acomodar a los pequeños en el cuarto.

Pero me costó hacer dormir la queja de que papá podría haber avisado...

MUKONDO

Para los tatas Esmeraldo Emetério de Santana (Benzinho)
y Esmeraldo Emetério de Santana Filho (Chuchuca)

"84!" anunció el sepulturero con cierta satisfacción, como si prestara un gran servicio al público. En la pequeña multitud que aún rodeaba la tumba, varias personas, rápida y discretamente, se pusieron a anotar el número asociado. El mismo sepulturero, albañil, tomó el lápiz que tenía en la oreja y, arrancando un pedazo de lápida blanca de la tumba vecina, anotó la cifra que ciertamente sería sorteada en el juego del bicho² más tarde. Terminado el acto, habiéndose alejado ya de la tumba los parientes cercanos al muerto, el grupo se dispersó.

Un cortejo ralo de almas vivientes subía, lento, la pequeña cuesta de salida del cementerio. Los familiares, en pequeños grupos, volvían con dificultad a su propio mundo, cada uno abrazado a sus memorias relacionadas con el fallecido. Cavilaban la muerte.

La madre, doña Ismênia, y el hijo menor, salían, otra vez, tan juntos y solos del cementerio. Las nubes se precipitaban de a gotas; la lluvia alimentaba sus recuerdos... Dinho, como llamaban al benjamín, todavía no se había recuperado totalmente de la muerte de la hermana que lo crió, ocho años antes. Ni la madre. Con la muerte de Rosa, mientras Dinho perdía una segunda madre, doña Ismênia

²Quiniela tradicional brasileña.

enterraba a la primera entre sus “niños”. La vida al revés. Rosa era una hija confiante, por eso un sentimiento de orfandad particular entre madre e hijo. “Mi cielo... mi mimosito”, se dirigía la hermana a él cariñosamente. En aquel entierro, Dinho había sentido como si cualquier otra muerte —¡hasta la de su madre!— fuera una muerte menor, aceptable. Pero aún en la puerta del cementerio, como que leyendo sus pensamientos, la madre le advirtió:

—Una muerte nunca nos prepara para otra...

Y así estaba la familia, desprevenida, cuando llegó la noticia del accidente en el sector de producción de la refinería donde Roberto, el hijo mayor, trabajaba. El almuerzo dominical se calló inmediatamente y casi todos volvieron sus miradas hacia la matriarca. Sin decir palabra, doña Ismênia se levantó diligente, tras apartar el plato con la comida. No tenía apuro ni lentitud. Mientras seguía masticando lo que le quedaba en la boca, preparaba la ida a la refinería. Los adultos se repartieron: unos lloraban por lo bajo, reprimiendo los malos presagios, unos hacían lo mismo que la madre y otros la seguían por la casa ayudándola a prepararse. Ella no miraba hacia atrás ni hacia los lados. Caminando, dejaba unas chinelas y se ponía otras —alguien recogía las primeras—. Anticipándole los gestos, una hija con los ojos llenos de lágrimas buscaba aros adecuados, mientras otra le traía el reloj y se lo ponía en la muñeca. Uno de los hijos que la iba a acompañar se fue a su propia casa, en el piso de arriba, a cambiarse. Raimundo —Dinho—, que estudiaba en Salvador y había llegado aquella mañana, iría con la ropa que tenía puesta.

Mucha gente ya se reunía en el portón de la refinería y los tres pasaban en zigzag entre las personas. No tenían prisa, pero alguna ansiedad los hacía levantar las miradas sobre las cabezas que estaban delante mientras caminaban. De a pedazos, el relato del accidente iba llegando a la familia, narrativa que a veces se repetía, a veces avanzaba con mayor o menor exageración:

—¡... entonces el aceite subió en un chorro y le arrancó el brazo al tío! ¡Tremendo entrevero! Negro, rojo, negro, rojo...

—... dicen que estaban dale que te dale por donde sale el aceite y de repente...

—Parece que él fue a darle la mano al compañero para ayudarlo...

—... la seguridad es mínima...

Cruzaron la portería y caminaron hasta la recepción. Allí, el clima no era de curiosidad, asombro o dudas: era de desesperación. El funcionario del Servicio Social, tras leer la lista de nombres de los muertos —fueron cinco—, informaba que la empresa ya había dispuesto el traslado de los cuerpos al instituto forense.

Al ver a doña Ismênia y los hijos llegando, una vieja vino hacia ellos, alejándose del marido y las hijas. Brazos abiertos, lágrimas en profusión.

—¡Ninha, ay, Ninha! —clamaba doña Ismênia mirando hacia arriba y balanceando la cabeza negativamente—. ¡Nuestros niños, Ninha! ¡Nuestros niños!

Doña Ismênia se detuvo y los hijos la pasaron por primera vez, yendo a buscar más información. La anciana la abrazó, dejando caer la cabeza y el llanto sobre su pecho:

—Ay, Ninha, nuestros niños... nuestros niños... repetía y repetía.

—Pero no es justo, mamá, consideraba lara, una de las hijas.

—No. Ya lo dije. Que esa gente se quede con sus batuques.³ Ellos tienen su religión, nosotros la nuestra.

—Concuerdo con mamá —dijo Dinho, apoyado por otra hermana—. ¿Será posible que no sepamos cuidar ni del alma de Roberto?

—Gente, ustedes no están siendo sensatos —insistió lara. Y volviéndose hacia la madre—: Yo también creo que nosotros y la gente del Maiangê somos de religiones distintas, pero la religión de Betinho no era la nuestra, sino la de ellos.

La discusión tenía lugar la mañana del entierro, en una tímida sala suministrada por la administración del cementerio. Roberto era tata de un terreiro⁴ de candomblé, un auxiliar directo de la mãe-de-santo⁵, cargo que había ejercido muchos años y con dedicación. El Terreiro Munzo Maiangê envió una delegación a comunicar a la familia la necesidad de realizar algunos rituales para el fallecido. No dijeron nada más específico, pero lo que fuera tenía que tener el permiso de su madre biológica, así como la orientación de la mãe-de-santo. lara, que pasó a ser la hija mayor tras la muerte de Rosa, era la más cercana al finado Carlos, su padre, así como a Roberto. Además, era naturalmente conciliadora.

Cuando, por fin, doña Ismênia fue convencida, todos salieron. Eran las siete de la mañana. Una de las hijas de doña Pureza, la vieja que lloraba el día del accidente en la refinería, estaba al frente de la comitiva religiosa de seis personas: tres hombres y tres mujeres, dos de las cuales servían café, cuscús y crema, a la entrada del cementerio, ofrecidos por la comunidad del terreiro. "Hasta aquí ¡todo bien!", dijo uno de los hermanos de Roberto al enterarse de la oferta. La comida gratuita atrajo gente de varios otros velorios.

La sala donde el cuerpo del petrolero muerto reposaba estaba vacía y la quietud se extendía sobre las demás dependencias del cementerio. En los banquitos de madera delante de la sala, personas recostadas en columnas y paredes aún dormían el sueño profundo empezado a altas horas, tras muchas anécdo-

³Ceremonia en las religiones de matriz africana.

⁴Templo.

⁵Literalmente "madre de santo", es la sacerdotisa del candomblé. También se usan expresiones análogas para el padre, hijos y hermanos.

tas contadas. Ocupando uno de los bancos, cuatro emisarios del Terreiro Munzo Maiangê aguardaban pacientemente el veredicto de la familia. A esa hora, y desde las 5:30, eran los únicos guardianes del muerto. Se levantaron cuando la familia se acercó.

—Pueden comunicarle a su madre que, cuando lo necesiten, ayudaremos en lo que sea posible —comunicó doña Ismênia.

Todos saludaron a la madre de su hermano de religión y a lara, a quien consideraban su cómplice. Ya estaban saliendo cuando la señora les dijo:

—¿Ustedes están viniendo o yendo a la feria?

El grupo paró, mirándose sorprendido, a lo que ella señaló la bolsa en la mano de uno de ellos.

—¡Ah! Estamos volviendo. Fuimos temprano —explicó la líder del grupo.

—Es que tengo que avisarle a don Matias de las Cabras la hora del entierro, pero yo mando uno de los míos, gracias —completó la señora, observando al grupo alejándose con sus ropas blancas, “blancas como la muerte... como la trascendencia”, fue lo que su hijo, un día, había intentado explicarle.

Al pasar apurados cerca de las muchachas del café, una de ellas llamó a alguien del grupo.

—¡Dandjeji! ¿Cómo les fue?

Un hombre de unos 24 años volvió hasta ellas y les informó sonriendo:

—Muy bien. Ella dijo que cuando sea necesario, ellos ayudarán en lo que sea posible.

Dejó a las muchachas con la misma sonrisa en sus rostros, y volvió rápidamente para unirse al grupo, con la desaprobación de los demás, que no interrumpieron la marcha. Hasta la hora del entierro, para alivio de doña Ismênia, nadie fue a hacer ningún ritual, y pensó que el sentido común había prevalecido entre ellos...

Tata Dandjeji pasó parte de la noche anterior al entierro practicando las canciones que conducirían el ataúd a la tumba. Nunca lo había hecho y siguió a rajatabla la orientación de otro mayor en cuanto al ensayo. Sí puedes, pero sé reservado. Ya en casa, se encerró en el baño y se puso a susurrar las canciones para una noche paciente. Sin embargo, pese a sus esfuerzos para pronunciar la lengua, pese a su preparación, cuando el ataúd partió su canto no pasó de la primera parte:

—Tambo Wafa... —en seguida fue interrumpido por un coro de voces femeninas y propectas:

—Dale la mano a Dios... Dale la mano a Dios... — Cantaron, con fuerza, doña Ismênia y otras beatas de la parroquia.

El joven se llenó los pulmones preparándose para la disputa, pero la mirada de otro tata contuvo su ímpetu y Dandéji expiró, despacio, su decepción. Se sintió vengado cuando algunos Inkisis⁶ incorporaron en hijas e hijos de santo que seguían el cortejo: Kaiango, Kavungo, Inkosi, Kitembu... Para él fue como si aquellas serias y silenciosas presencias, con sus ojos cerrados y sus pies descalzos, entonasen las canciones que él quería y flotasen por sobre todos, siguiendo el cortejo hasta terminar.

Un día después de las exequias alguien se acordó de la abuela Juca, la abuela del fallecido marido de doña Ismênia. En medio de las tristezas y demandas que una muerte exige, nadie se acordó de darle a la vieja Juanina una importancia mayor que la que se le reservaba en el cotidiano: la comida y la bebida depositadas en la mesa de la sala de su minúscula casa, en los fondos de la principal. Platos y vasos levantados y lavados después del uso. Una rutina impuesta, de cierto modo, por la misma anciana. La abuela Juca, más reclusa que nunca, ya arrastraba con dificultades sus 96 años y estaba aún menos dispuesta a contar historias en el taburete de la puerta de su casa, su horizonte, y “desde donde todavía se ve el cielo”. En realidad, ese olvido se debía a que sabían que ella siempre estaba al par de las cosas a su alrededor, con opiniones sinceras sobre lo que captaba, lo que podía ser, incluso, motivo para no querer oírla.

La casa de doña Juca, ahora un anexo de la principal, era la construcción más antigua de aquel terreno y vio la expansión de las moradas hacia los lados y hacia arriba a su alrededor. Fue en la puerta de la casita que lara, encargada de darle la noticia, encontró a la bisabuela. Allí, donde desbordaba sus reflexiones a través de la mirada, de las raras palabras, del humo de la pipa. Así como todos, antes de hablar con la anciana lara aguardó algunos instantes en silencio. Nunca nadie cuestionó el origen de ese ritual, ni su significado. Quien llegaba simplemente se quedaba en silencio, como esperando, quizás, que ella volviera de algún lugar desconocido. Cuando le pareció conveniente, lara dijo bajito.

—Abuela... Betinho... — retomando la pausa de la bisnieta, completó ella tibiamente y mirando hacia el cielo:

—Se fue a sereré... —Era lo que siempre decía cuando le contaban algún fallecimiento. Después de tantos años, a lara le pareció que era el momento de preguntar al respecto.

—¿A sereré, abuela?

Doña Juca dio una chupada a la pipa y suspiró con el humo:

—... es lugar del que nunca vino... a'nde va el que nunca vuelve entero... —Y no dijo nada más aquel día.

⁶Divinidades en algunas profesiones candomblecistas.

La misa de séptimo día del fallecimiento de Roberto Luz coincidió con el inicio de las ceremonias fúnebres —Mukondo— consagrando el 21° año de la muerte del Tata Inkisiani Sinésio Diangongo, sacerdote que fundó el Terreiro Munzo Maiangê. Serían siete noches. Dinho había vuelto de la capital y, al enterarse de las actividades religiosas, le comunicó a la madre la decisión de ir al Terreiro del hermano una de esas noches. La naturaleza de los ritos no lo amedrentó, y hasta aumentó su interés. Iara, la mediadora, no podría acompañarlo, pero no había nada que temer: él ya había notado la gran disposición que la gente del candomblé tenía hacia la paz.

—¿Qué perdiste allá? Pareciera que no crees más en Dios, cuánto más en aquellas entidades —reaccionó la madre.

—Si el espíritu de Betinho baja allá, alguien de la familia debe estar presente... vaya uno a saber si no tiene algún recado para nosotros —retrucó Dinho, en una mezcla de ironía y desafío.

Siendo el benjamín, Dinho fue el que menos vivió los conflictos religiosos entre la familia y "la gente del Maiangê", como se refería doña Ismênia a la comunidad del terreiro. Dichos conflictos se agravaron con la iniciación de Roberto, llevado al terreiro por su propio padre, don Carlos. El patriarca de la familia Luz frecuentó durante casi tres décadas aquel terreiro sin animarse a iniciarse, arriesgando el noviazgo o, después, el casamiento. Cuando su hijo mayor, niño aún, se mostró atraído por la religión, lo festejó para sus adentros. Diez años después Roberto se inició y don Carlos, que solía decir que moriría feliz "nomás por eso", falleció cuatro meses después de la iniciación del primogénito. Tata Wizanvulá. Fue así que don Carlos llamó a su hijo desde el día de la Confirmación hasta su propia muerte, aboliendo el nombre Roberto Carlos, igual al suyo. Íntimamente, todos los parientes, con una o dos excepciones, alimentaban celos por el hecho de que la comunidad del terreiro hubiera conquistado a los dos "principales" hombres de la familia en la época.

Dinho había crecido en medio de ese enredo. Sin embargo, el ambiente universitario de la capital y, sobre todo, las reflexiones que le llegaban desde el Movimiento Negro no le permitían exacerbar, como los demás parientes, los sentimientos antagonicos con relación al Terreiro Munzo Maiangê. Pero de ahí a la creencia...

Anochecía. Aunque nunca hubiera entrado en Maiangê, Dinho sabía dónde quedaba el terreiro. De vez en cuando tenía que detenerse en una u otra casa para recibir condolencias.

—Su bendición, doña Rôxa⁷.

⁷Es habitual en Brasil que los jóvenes le pidan la bendición a los mayores.

—¡Ay, m'hijo! ¡Que Dios te bendiga! Dile a tu madre que lo siento muuucho, ¿sí?

Y más adelante:

—La bendición, doña Guilhermina.

—¡Qué Dios te dé salud, m'hijo! Mis pésames, ¿viste? Mira, dímele a la Ninha que no fui a la misa, pero que mañana paso. Yo no ando demasiado católica con ese cura modernoso... —se justificó.

Por las calles de adoquines, sinuosas y escarpadas que seguía, Dinho era empujado por pensamientos y sentimientos desencontrados. "Hace 30 años esto debía ser tremendo peligro. Y encima aquel mocoso venía acompañando al viejo bobo... ¡Hay que tener fe!" "¡... mantuvieron sus sistemas religiosos bajo tantas adversidades!" "No cuesta nada agradecer personalmente..." "¿Aquellos hechiceros adivinarán que estoy yendo para allá?" "Me parece que es mejor volver..." "Pero quiero ir..." Más allá de la curiosidad, lo movía un tímido deseo de conciliación, un extraño sentimiento de gratitud que, lejos de su madre, agitaba las alas inciertas.

El viento le soplabá a los oídos, como si también quisiera decirle algo. Tras doblar una esquina, su corazón dio un respingo. Un batuque sordo llegó hasta él y, mirando hacia el final de la calle, a la izquierda, divisó las copas de los árboles del terreiro, que contrastaban con la abundancia de tejados fuera del espacio religioso. El sonido que le llegaba crecía en volumen y le aceleraba el corazón. A diez metros del portón del Maiangê logró controlarse, pero casi al pisar el umbral del gran portón fue sorprendido nuevamente. Un hombre, que no notó que él se acercaba, lanzó un puñado de farofa⁸ blanca a la calle y, como él estaba bien atento, logró esquivarse. Acompañando al señor, un muchacho con otros recipientes en la mano. Durante un breve instante el hombre lo miró —Dinho tuvo la impresión de que con discreta satisfacción— y luego siguió con su actividad, derramando otras porciones en la calle. Objetivos y callados, ambos se dieron vuelta y retornaron al salón. Dinho no los siguió inmediatamente. La duda, señora de sus pasos. ¿Y ahora? Parecían tan ocupados... ¿No sería mejor volver otro día? Fingía observar los árboles o la calle mientras decidía qué hacer.

Quince metros separaban el portón de la puerta amplia del galpón, que estaba de par en par, y por allí el Mukondo derramaba sus melodías sobre la noche. Todos vieron, por lo tanto, cuando un hombre de camisa roja y pantalón beige ingresó en el terreiro, pero no todos dieron crédito a sus ojos. Él fue hasta la ventana y se puso a observar el ritual. Algunas señoras, con los ojos fuera de sus órbitas, juraban estar viendo al finado Roberto. Dinho realmente se parecía mucho al hermano.

—¡Por la cruz! Hasta yo pensé que era él —dijo una señora al cruzarse con otra, aliviada del susto.

⁸Alimento consistente en harina, generalmente de mandioca, tostada y condimentada.

Varias cosas lo ponían en evidencia, empezando por la novedad de su presencia. Ninguno de los otros hijos de Carlos había cruzado jamás aquel portón. Como todos los participantes de la ceremonia estaban dentro del galpón y vestidos de blanco, aquel hombre en la ventana parecía un molesto foco luminoso. Dinho, en cierta medida, lo previó y se preparó para aquella extrañeza y, así, permaneció cómodamente como espectador, rehusando dos invitaciones para entrar y sentarse. Sin embargo, fue educado.

—No, gracias. Ya me voy a retirar.

El sonido que había oído desde la calle venía del centro del salón. Sentados de frente hacia la puerta, dos hombres tocaban vasijas de barro con abanicos de paja y otro golpeaba una calabaza con dos varillas. Delante de ellos, hombres y mujeres se turnaban danzando. Venían, cada uno a su turno, desde diversos puntos del salón, volviendo a sus asientos en los grandes bancos de madera; algunas pocas personas ocupaban sillas con altos respaldos. Había quien danzara inquieto con aquella presencia en la ventana, mirando de reojo para confirmar que no era una aparición, esperando ver solo la noche y nada más.

Dinho estaba intrigado pues esperaba ver una mesa con las personas alrededor, con los ojos cerrados y con las manos dadas, diciendo rezos e invocando espíritus de personas fallecidas. Para él, el ritual espiritista encarnaba el patrón de comunicación con los muertos. En vez de eso veía lo que le pareció una fiesta... Pero había cierta sobriedad en el aire, pese a alguna conversación, risas, danza. Percibía alguna reserva en el comportamiento de las personas, que distinguía aquella ceremonia de las otras que ya había visto en Salvador, acompañando a colegas y profesores universitarios a terreiros famosos. A diferencia de los ademanes tranquilos de los más ancianos, observaba que los más jóvenes traían una leve aflicción en los movimientos. Sin embargo, cantaban. El solo era una voz femenina que Dinho no veía dónde estaba.

—Mukondoiô Tata Kamukondoiô...

Pensó en Mãe Nesinha, hija de Sinésio Diangongo y actual responsable por el Munzo Maiangê. Posó la mirada en dos mujeres gordas intentando adivinar cuál de ellas sería la líder del terreiro y recordando el libro de un investigador sobre candomblé: "Las Iyás... mujeres fornidas, con sus grandes lentes cuadrados y sus hijas de santo alrededor de la falda". "¿Pero dónde estaban los muertos?" se preguntaba también, recorriendo el galpón con los ojos en busca de algo sobrenatural. Una mano le tocó el brazo y él se asustó. La señora le sonrió con amabilidad y dijo:

—¿No eres el hijo de Carlos? Ven. Está lloviznando y la Neengwa Lunwemim pide que entres —dijo, señalando a alguien dentro del galpón. Sentada en una silla estaba una vieja flaca como su madre, pero un poco más alta, de ojos grandes y semblante sereno. Sonriendo y sin parar de cantar, la sacerdotisa hizo un discreto ademán con la cabeza, indicando la línea de hombres a la derecha del salón.

Dinho iba a repetirle su rechazo a la señora a su lado cuando oyó, estaba seguro, el nombre de su hermano fallecido. Volvió a mirar rápidamente a doña Nesinha, esperando que repitiera el nombre de Roberto. Ella no lo hizo, y siguió entonando cantos que él no entendía, pero de los que, de vez en cuando, emergían nombres familiares, como el del finado Ladu del Terreiro da Serra.

Dinho ya se dejaba impresionar por lo que imaginaba que era el sentido de aquella liturgia, y le pareció mejor irse. Quería alejarse de allí de la misma forma que le parecía que hacían las voces de las personas... No lograba, empero, moverse, pues lo que veía le sacaba toda acción: ¡el hombre que danzaba delante de los cacharos era Manoel Carvoeiro, muerto muchos años antes! Dinho no le veía bien la cara, y pronto tuvo dudas sobre si era quien había pensado. Sin volverse hacia la puerta, el hombre terminó su danza y cedió su lugar a una vieja toda envuelta en un largo chal de paño desde el cuello, toda encorvada. Dinho no pudo recuperarse del primer susto, pues aunque ella estuviera de espaldas no tenía dudas de que la conocía... Cuando terminó su danza, la vieja se dio vuelta y le sonrió. Aquella sonrisa, siempre tan rara y atractiva, le hizo dar un paso hacia atrás espantado. ¡Era su bisabuela Juca! Al retroceder un poco más, se expuso a la lluvia. Varias sensaciones lo arrebataron. La vista se le turbó y sintió que la presión de una mano sobre su brazo aumentaba, amparándolo. Se le iba el piso. Las gotas de lluvia que le golpeaban el rostro fue su última sensación consciente, que recordaría por el resto de su vida. Su cuerpo giró como un remolino y, en él, Kaiango vino a la Tierra por primera vez.

BREU

(Fragmentos de la novela "Breu" (oscuridad), que integra el libro-objeto *cabidela: bloco de máscaras* (*cabidela: curso de máscaras*), de Laura Castro. Publicación independiente, de 2011.)

guardar una cosa no es esconderla o trancarla

Antonio Cicero, "Guardar"

360

Volví. Abrí el cajón que se había transformado en un armario. Desplegué la flota de barquitos de papel. Decidí transcribir todo, a tinta. Pero aquellos papeles sueltos no tenían guía. Daban vueltas, eso sí. En el ombligo, dijo un superpío. No, señor. Suprimí esa parte del texto para que Edith no me reprendiera de nuevo y para no oír por milésima vez que yo no era una novelista de verdad. De verdad, decía ella inclinando un poco los lentes para mirarme, enfática.

Volviendo: yo empecé así, terminándome. Me quité el atuendo de personaje —que soy— y me puse a narrar. Era eso salir del cajón: quedarme desnuda, exponerme al diagnóstico.

Todo está transcrito en este rollo de papel, a tinta. Es el retrato de la artista adolescente. Es una página entera y nada más. Es una maraña de hilos. Una novela no es más ovillo, trato de explicarle a Edith. Ellos no lo van a permitir, dice ella en tono sentencioso, no te van a dejar pasar. ¿"Ellos" quiénes?

a las 10:21:00

Luíza observó cada arista de la casa vacía, tratando de guardar dentro de sí un poco de ella misma, que se desdobló por aquellos rincones y piezas aquel último año. El tocadiscos ya no estaba, pero Luíza aún oía Domingo, con Caetano y Gal, disco que un día la hizo querer recorrer el camino de regreso, sin saber —y eso quizás ya lo supusiera en aquel punto de la historia— que volvía a un lugar imaginario, donde el nacimiento era el único hecho, pero no sabía nada sobre las estaciones, ni los ríos, ni nada que no fuera una mera sección del gran panel que construyó de su ciudad natal, a veces folclórica, otras tantas ideal para que empezara todo de nuevo, para que finalmente todo cambiara.

Pero ella había elegido un camino más largo. Antes de volver, Luíza cruzaría su primera gran frontera. Luíza se iba al extranjero, a hacerse una extranjera. Serían dos caminos, dos mudanzas: de una ciudad a otra y después a la próxima, la primera de todas. Y por eso, en esta escena, Luíza miraba solemne lo que ya no llamaría casa dentro de algunos instantes, que ya estaba más que desnuda, habitada solo por lo que había dejado atrás —algunos muebles, frascos, tarros

de helado vacíos, productos por la mitad— y le decía adiós a todo y también a aquella ventana, que en aquel momento era la presencia más fuerte de la ciudad, aunque estuviera estampada de árboles. Decidida por la partida, pero con gran amor por aquel suelo y la vista de aquel final de ala, su territorio, Luíza cerró por última vez el departamento 523.

Se acomodó la mochila en la espalda, con el corazón aestallando, y se encontró con el chofer que aguardaba diciendo estás atrasada y reclamando que todavía tenía los ojos borroneados de la noche anterior y que probablemente todavía estaba con alcohol en el juicio. Él no sabía que lo que le dolía era la gran intervención de agujas que se había hecho en el cuerpo y que la partida era tan aguda como la cicatrización de aquellos garabatos en la piel. Y que la noche anterior fue solo la sensación de que se acababa el tiempo, y caminaba desnuda por la casa con los amigos que intentaban registrar sus pasos y trazos, fotografiando todo por triplicado, diciendo te mando todo por email, y ella, repito, caminando desnuda por la casa como alguien ya sin norte y al mismo tiempo preparando mapas, guías, direcciones y todo lo demás para la partida. Sonreía de desesperación, cuando lo hacía. ¿Por qué diablos había elegido algo tan grande, tantos cambios en unoa soloa? Luíza y sus amigos —los coautores— se quedaron horas en aquel cuarto construido para ser escenario, poniendo en escena sin dramaturgia una obra cuyo personaje principal era la despedida. Siendo que la despedida estaba inscrita en el cuerpo de Luíza y fechada. Tenía hora para terminar y ya no había tiempo para decir adiós a los amigos. Ya no había vasos ni sillas ni descanso. Perdón, amigos míos, pero necesito morirme un poco. Enviaría la misma carta a muchos destinatarios, después, con tiempo, pero ahora tenía que salir de escena.

Fue todo el camino medio sorda, quizás no tan solemne como antes, porque sabía que iba a volver a la capital. Dejaba pendiente una defensa. Pero recorrió el camino al aeropuerto con lo que ahora suponemos que sería una felicidad clandestina, ya que es así como llaman el sentimiento furtivo que nos habla alto con el cuerpo, afilado con el corazón, y sin embargo intensamente oculto, pues es incógnito. Llegó. Debía bajar. Baja, Luíza, vamos, dijo él, mientras ella se quedaba recostada en el asiento del auto un poco más. Él le dio algunas recomendaciones —y ella todavía un poco sorda— y en el medio ella lo abrazó fuerte, realmente muy fuerte, materializando en él, quizás, la despedida de todo lo demás, y fue la única vez que Luíza lloró en aquel adiós, y lloró de miedo, rápido pero alto, sin poder disimularlo, tomando a su padre en los brazos porque en aquel instante le dio mucho miedo irse, cruzar fronteras y cambiar de vida. ¿Por qué diablos había elegido algo tan grande, tantos cambios a la vez? Después dijo, sin limpiarse las lágrimas ni nada, pues había sido un llanto seco, casi un aullido, gracias por comprarme ese pasaje, por dejarme pasar. Gracias por darme tus brazos para que pueda levantar este vuelo. Gracias por enseñarme que la vida se puede surcar sin miedo y sin brújula. Gracias. Te mando noticias cuando pueda. Chau.

a las 23:46:00

Dejé de lado los pretéritos y elegí volver al presente para hablar del pasado, para hacer la coreografía de la gran rueda. Tomo algunas chinchas metálicas y perforo el bloc en la tentativa de trazar un camino. Oscurece y ya no puedo leer mis anotaciones. Sin embargo, la única luz, la de la pantalla, me ilumina la cara tal cual un reflector y no renuncio a este placer por ninguna letra o cualquier cosa que me guíe. Voy así, tanteando las teclas y formando palabras en lo oscuro, guiada solo por la escena que yo misma indico aquí, en el instante-ya y en este haz de luz que me pone en escena. Recorro al monólogo para recordarles cómo llegué aquí. Necesito el acto, la narración en acto para ordenar esa montaña de post-its que ahora están oscuros sobre la mesa.

Empiezo por la vuelta, pero me levanto un poco para acostarme y recordar la partida. Es domingo y nada es tan veloz un domingo.

a las 19:02:00

Luíza Breu se me volvió a aparecer en la sombra de una grave tempestad que se formaba, hacía días, en el cielo de la ciudad. En la oscuridad de la pieza, entre las nubes negras de la ventana, que anticipaban la noche que no terminaría, divisé a la muchacha, recostada en la pared, recortando cicatrices en su propio cuerpo. A su alrededor, palanganas de agua donde flotaban restos de hojas de papel.

Al notar mi presencia, me miró hondo, con los ojos hinchados, y dijo "los abismos, nuevamente los abismos". Y así se puso a preguntar, repetidas veces, a cada retazo, entre lágrimas negras de delineador, por qué yo no le había dado una trama mejor. Distinta, al menos, me cuestionaba furiosa.

No fui capaz de verbalizar un solo signo, como si tuviera ante mí un fantasma que me robaba la voz. Seguí solamente mirando la escena, desde un rincón del cuarto, donde solo era capaz de mover los ojos y escuchar, junto con la tormenta de las aguas que ya se desplomaban, la cantilena de estribillos que repetía Luíza Breu.

Cuando la noche se extendió uniformemente en su manto, ella salió de escena y ahora era yo quien, sin darme cuenta, repetía los mismos gestos, como que tomada por aquella aparición ya ausente. Recorrí cada una de las heridas de la carne, devolviéndoles vida, solfeando las mismas notas de las partituras de Breu. Nuevamente los abismos, la vieja espera, el abandono canalla de Luíza.

Ya consciente de la maniobra, entonces, prendí las lámparas de luz negra en busca de respuestas y alguna luz. Fue entonces que noté mis letras, en pedazos empapados de papel, inundando todo el piso del cuarto. Ella había derramado las palanganas de mentira antes de irse, obligándome a seguir unida, como ella, a lo que creé. Fue así que hui, de nuevo, hacia la tercera persona. Era la única salida para contener la inundación en que se transformó aquel nuevo rincón.

a las 03:55:00

Siempre vendrá. La soledad no existe. Ni el amor. Ni el asco. Odio cuando te equivocas así, girando entre ollas. La vida es así, apréndelo. Una vez más te toca-

rán los senos, te lamerán los pelos, te probarán tus sabores. Y otra más, otra vez aún. Hasta que olvides rostros, nombres, olores. Serán tantos. (...)

Tengo miedo de seguir. Y no soportaría parar, olas de Yemanjá.

Caio Fernando Abreu en *Dodecaedro*

Principio de la noche: le dije a la 4ª persona, citando a Rosa: lo que la vida quiere de una es coraje. Pero ella se fue antes, y se había perdido el más grandioso entre los momentos.

Principio del día, fin de la odisea, ahora las tres solas: ves, Doralice, la vida solo se da a quien se le ha dado; a quien se le ha dado al principio, sin pedirle nada a cambio; nada aparte de lo que el universo ofrezca, a la hora que sea, aunque haya clase, trabajo o demasiadas faltas el sábado de mañana.

Fue la misma conclusión de la semana que precedía al carnaval. Y me acordé de la primera noche de Paco en la vieja ciudad. Después de una larga sequía y otoños inviernos y meses de abstinencia de su paso, dije, de mañana, con la cara de ayer: vivir es mejor que soñar; vivir es mejor que recordar, Paco.

Salimos del tugurio con el sol de verano alto y no titubeamos en tirarnos al mar, de vaqueros y todo, aunque hayamos traído más arena que lavado el alma sucia de madrugadas de esperas y añoranzas.

Lo que más nos intrigó, sin embargo, fue el olor a lavanda que nos invadió. Me acuerdo, como si pudiera sentir todo aquello de olores, colores y sonidos, de cuando nos acercamos a la orilla, para primero mojarnos los pies, en aquel espectáculo inmenso de piedras, olas de alto diámetro y estrecha franja de arena. Respiré un olor fuerte de alhucema, el mismo de las ofrendas para Janaína el dos de febrero. Inspiré otra vez. Nuevamente el mismo olor. Miré a Paco con los ojos desorbitados de creencia y dudas y, antes de que le dijera nada, Paco me preguntó si yo también sentía aquel aroma fuerte que nos invadía. Con la confirmación mutua, otra presencia surgió entre nosotros.

Fue el primero de los muchos días de magia.

Y fue allí, en el agujero de Rio Vermelho, que empezamos a entender, a través de los sentidos, la fuerza extraña de la tierra de todos los santos.

*

Fui a recoger piedras bajo aquel sol increíble de las primeras horas del día, después de que el día anterior se hubiera desplomado en una tempestad que impidió que los más prudentes intentaran hacer lo que fuera aquel viernes. Era una linda mañana que se formaba mientras nosotros dos y toda la troupe ibérica pasábamos la lluvia fuerte en el calor sudoroso de otro tugurio. Recogí las piedras en los charcos de agua de la marea increíblemente baja para un mar con resaca. Divisé una piedra grande, de esas que guardarían buenos recuerdos en un estante. Dudé que estuviera suelta, pero lo estaba. Lo que sé es que, sin pensarlo mucho, me di vuelta y, al ver a Antônio sentado abrazándose las rodillas

sobre una piedra, dije "magma". Le mostré, en una de las manos, roja y mojada, lo que era como un regalo, algo así como una ofrenda. Afirmé, sin siquiera saber si estaba geográficamente correcto hacerlo, que eso era magma, era volcán. Mira, antes, no podría sostenerlo así, sin quemarme. Y ahora está frío, es sólido y, fíjate, formaba parte de esas piedras grandes y ahora es solo un fragmento. Fue la lluvia la que partió esas rocas que traigo en las manos, fueron los días de tempestades de olas y revolcones los que soltaron esos pedazos, pensé y no lo dije, ya que no todo se verbalizaba en la escena. El solo gesto estaba cargado de sentido. Pero dije, toma esta piedra, la mayor de todas, llévala contigo como un fragmento de recuerdo sólido de esta alborada. Toma esta mañana que te enviaron, este pedazo que la tierra te dio. Puse la piedra en la mano de Antonio y dije: era así que tu pueblo debería haber arribado a esta tierra: sabiendo tomar solo lo que ella le ofreciera. Antonio me miró con sus ardientes ojos de miel y, en aquella sonrisa dulce de quien estaba de paso, de quien partiría algunas horas después, me dijo, lo que creí sincero por la solidez de lo que él guardaba en uno de los bolsillos, que nunca se iba a olvidar de aquel instante.

No pedí nada, ni lo robé.

**

Los extranjeros jugaban al circo en la playa del buraco. Yo, lugareña, caminaba en dirección al lugar de la playa donde casi me morí aquel jueves de carnaval. Cuanto más me acercaba, más fuerte me buscaban las olas en la orilla, como si tuviera imanes en las piernas.

Miramos durante muchos minutos el espectáculo de las olas. Lo miramos en silencio, durante muchos minutos. El silencio era bueno para observarlo. No eran necesarias palabras para entenderlo porque no era algo que se entendiera: solo los ojos eran capaces del placer estético de presenciar la particularidad de cada una de aquellas olas rompiendo en el mar. Aquello no se traducía, no se adhería a idiomas.

Julio rompió el silencio diciéndome que quería un barco para salir navegando. Como un Marinero, pregunté con autoironía. Sí. Hay que tener ánimo para cortar esas olas y llegar a altamar, ¿no? Julio respondió que era exactamente esa la gracia de navegar; y era medio como el ciclo de la vida, el remolino de las horas. Qué corajudos son los surfistas, dijo riéndose, ya con el coco encaracolado en la ola; ya lejos, quizás en una isla. Pero lo que yo quería era estar todo rodeado de mar, dijo. Sí, al fin y al cabo los surfistas siempre vuelven a tierra, y tienen el pie atado a una cuerditita, completé. Yo quisiera un barco, dijo Julio, y quisiera ver solo el mar ante mí.

Volvimos al silencio.

Me acordé de que ella me había dicho que era mejor así, que era mejor no decir adiós. Las despedidas son dolorosas, me dijo, y yo no me olvidé. Era mejor no cometerlas.

Llegado el momento, ya con el sol intenso, me rehusé a anotar dirección, grabar números, sin siquiera saber lo dolorosa que sería, horas después, aquella pérdida de tierra firme, la imposibilidad, para siempre, de volver, de que nuestras rutas se cruzaran en el mapa. Ya no vería aquellos ojos de sal, esos ojos de miel. Pero Antonio se había llevado en la piedra, la mayor, la pequeñez de mis palabras, la inmensidad de aquellos minutos mágicos solo nuestros. Yo me llevaría solamente, o mejor dicho, todo lo que se resumió a las líneas anaranjadas pintadas por el sol en la barba negra que me rozaba el verso, mientras dormía en el camino de despedida. Fue solo la metáfora de aquel instante lo que me llevé. Aquello y un sabor amargo de la madrugada-día. El sabor de quien llegó tarde.

El navío de Antonio zarpó pronto, horas después.

Al volver a la habitación, cuando increíble y ocultamente la lluvia ya mojaba la ventana, esa misma mañana, como si el sol hubiera sido en secreto para nosotros y nadie más, Doralice me preguntó por qué siempre se tenía que terminar. Le dije que no lo sabía, pero que era bueno lo que ya había sido, aunque yo misma tratara de deshacerme de aquel sabor de fin, disolviendo en otros tragos la sed que Antonio me había dejado. Después de distribuir todas las piedras, me sobraron dos. Elegí la más linda y se la di a Doralice.

Dos días después, pusimos proa, nuevamente con la cuarta y ahora también la quinta persona, hacia el centro histórico de la ciudad. Caímos en una plaza, en un barrio llamado Santo Antônio, y cósmicamente todo recomenzó en el semblante de sonrisa de nuevos marineros señalándolos el mar de astilleros en la escalinata de la ciudad alta. Doralice, te avisé, como se dice.

Pero no esperes nada, Doralice. Te avise quien te avise.

a las 11:03:00

Ahora ya puedes entrar.

Siéntate.

Y sigue cuando la elección correcta es parar.

Después de un largo silencio

La señora destino entra, se sienta, sonrío.

Con todo el rostro sonrío.

Como un cuerpo que baila, sonrío.
Cada arruga un recuerdo.

Cansados los párpados
se curvan
y los ojos se cierran para verse.
(Léo Mackellene en *Livro dos mais pequenos silêncios*¹)

La profesional de la salud dijo que la pasión es una bomba de endorfina. Así como una droga, puede causar adicción, advirtió. Es solo química, nada más. Somos adictas a la endorfina, dijo. Pero, mira, el yodo de la ciudad costera deja la vida más fácil y voluptuosa.

*

Ceci se me aparece con su palidez difunta a la luz amarilla de un día entre semana. Viene, camina un poco saliendo del cuadro depresivo de su cuarto de muñecas. Ella recuerda amores en mis oídos, me narra las cartas del primer amor y ensaya el vals de sus quince años en el redondel de la pista de footing. Ya lo sé y aun así me dice que quisiera volver atrás. Le dije calma, que no se hace fluir lo que no es fluido. La pasión es una cosa que te agarra por la espalda y te tira abajo, Ceci. Por eso, puedes andar mirando hacia adelante, distraída. Yo no sé pasar, me dijo. Yo tampoco. ¿Y ahora?, provocó. No espero. ¿Hasta cuándo? Paso.

Mi tiempo de niña me mira en aquellos ojos necesitados de vida real. Veo el tiempo que no pasó porque se empacó en la espera. El tiempo que se quedó en la vida vacía de dos.

Ceci es la quinta persona. La quinta persona era Ceci.

**

Éramos cinco aquel día. Dudé en salir de casa, destruida por la resaca de anteayer, pero claudiqué ante la invitación insistente de la tercera persona. Impuse, no obstante, una condición: que fuéramos hacia el otro lado. Y exigí, hasta el final, que el trato se cumpliera.

Fue así, con un jajaja malhumorado de payasa borracha, de voz grave y palabrotas sucias, que integré aquella orquesta de agudos femeninos ahogados en el auto que andaba confundido hacia el centro de la ciudad.

Paramos en una plaza, finalmente por unanimidad, de esas con iglesia enfrente, niños alrededor y, en este caso, con un batuque que reverberaba llegando de no sé dónde mientras las beatas cumplían su deber en la misa de domingo. Mis ojos quedaron hipnotizados de inmediato con la vista al mar de la ciudad baja.

¹*Libro de los más pequeños silencios*, inédito en castellano.

Un ancho muro nos separaba del despeñadero que unía las dos ciudades. Encontré un corazón grabado en la pintura descascarada del pilar y me detuve en la acera para encuadrarlo. Fue en ese momento que João y Pedro cruzaron la calle de pedregullo, ocasionaron la intersección de nuestras rectas y me movieron la foto.

Pedro tenía dos cuentas verdes en los ojos que me inmovilizaron los míos durante todo el tiempo de aquel súbito e improbable encuentro. Pero fue la voz de João la que oí primero, cuando, otra vez al impulso de la aceleración del anteayer, fui tras el movimiento. Él estaba quieto y solo, en la puerta de la iglesia, armando un cigarrillo, cuando puso los ojos helados y silenciosos bajo los míos.

Empezó allí y yo ya estaba en el ciclo.

Y fue Ceci quien los invitó a sentarse en el bar de la cruz, cuando todos bajamos la cuesta. Ninguna de ellas tendría ese impulso en aquel momento, incluyéndome a mí, que ya había ensayado uno.

Éramos cinco aquel día. João iba a elegir a cualquiera de las cinco para atacar. Quizás, incluso, a unas más que a otras, incluyéndome a mí. Pero se sentó a mi lado, por casualidad. João se sentó a mi lado y Pedro una silla después. Ceci siguió a mi izquierda, loca para que uno de ellos fuera quien la sacara del abismo. Un día vendría, esa era la única certidumbre en sus largos días de nada. Pero Ceci tenía un tartamudeo infantil, y siguió invisible para el destino e inaudible para los desconocidos.

Nadie sería capaz de oírla, a no ser nosotras cuatro, que sin embargo no aprendimos a dejarla hablar.

Entré en la casa como si algo más fuerte que mi cuerpo, que dicho sea de paso estaba absolutamente dormido, tirase de mí desde atrás de la puerta. Cuando pasé por la primera, un olor absurdo de memorias me encontró. Se me llenaron de aguas los ojos y se me erizaron los pelos de inmediato cuando aspiré el olor de la casa de mi abuela. Es el olor de la casa de mi abuela, ese, compartí con los extraños, que no entendieron cuán inmenso era el espacio hacia donde aquel, físico, me había transportado el cuerpo.

Era un olor de casa. Una casa con olor de muchas décadas que descascaban la tinta de las paredes, que apolillaban las puertas, que enmohecían todo el resto, pero que hacía, e hizo, aquel suelo tierra firme para mis pies.

Allí reencontré el olor de la casa de mi abuela. El olor que ya no había. El olor, muerto hace mucho en el pasado, de la casa del cuerpo de mi abuela que ya no existía, del alma de todas las que vinimos de dentro de ella.

Entré en aquella casa que se hizo abrigo, jaula, pero que sobre todo me dejó otro olor. Un olor nuevo, químico y voluptuoso. Allí me extendí todo el ciclo junino de san antonio, san juan y san pedro². Allí expandí el año que finalmente se movía hacia fuera, hacia el otro lado, en el regazo de la casa de João.

²Las llamadas fiestas juninas, fiestas populares tradicionales dedicadas a esos tres santos del mes de junio.

Curé a la tierra en el suelo de su casa, en la casa de su cuerpo. Saqué las semillas de las manos, las puse en la ventana con el sol, para secarlas, y entré en las cuatro paredes. Sané el insomnio y cerré la herida abierta por la sal. Me dormí, dejando de percibirme un poco, para que aquel influjo me llevara, sin pensar ni narrar nada. Fue a partir de allí que entré en acción. En realidad, fue a partir de allí que reconocí la acción, pues ya había empezado.

Yo ya estaba en el ciclo cuando llegué a ese punto. Pero fue João quien me llevó a su casa, me retiró del mar, me puso en el suelo y me dio un poco de tierra para que pudiera bailar.

Para llegar a João creé caminos en grandes y pequeños vehículos de transporte, atajos por callejones y esquinas. Y fue con él que volví a aventurarme en el tren. Subí, bajé, anduve, varias veces, como en un paso de baile nunca completo, pues nada de aquello se coreografiaba. Era imposible trazar mi movimiento con João.

Por eso seguí distraída, paseando por los caminos cruzados de las nuevas líneas en hojas y ventanas, por texturas distintas en las historias de los intervalos del punto.

Corría sangre nueva por las venas de mi ciudad. Y yo empezaba por el centro, que era su margen.

Quisiera ser como tú, me dijo, con tus ojos de envidia blanca.

Somos iguales, Ceci, tenemos partes idénticas dentro de nosotras. Yo también ando, ando, ando, hasta caerme. Así, apasionada mente, como tú. Pero ahora, aquí, estoy aprendiendo a usar el tren.

Debe ser el ciclo del regreso.

a las 10:04:00

Hay cosas que nos salen redondas, otras no. Hay textos que sobran, que dejan un cabo suelto aquí o allí, hay cosas que una dice y no dice, quise decirle. Quise mostrarle que al principio no había dos puntas, que solo estaba repetido y que así era, se desbordaba y a veces sobraba, dejando demasiado texto colgado en el tendedero.

—¿Por qué lloras?

—Porque nada va a ser como antes. Nunca más. Para siempre el ahora.

—¿Y eso es triste?

—Lo único que sé es que me hace llorar. Capto de las horas ese sentimiento, ese regusto de última vez, ¿sabes?, y me quedo con la nube cargada.

—

—

—¿Por qué lloras?

—Porque los años se me vienen encima. Porque el tiempo me cruza. Por eso.

—

—

—¿Por qué llueves?

—Porque está nublado, ¿no lo ves?

—No.

—

—

— ...

La otra se vio en los ojos de la protagonista. Y doña protagonista divisó a la señora destino, que se había sentado a su lado aquel día de azares y nunca más se había levantado, aunque no se diera cuenta. Y al mismo tiempo fue como si el pasado la hubiera llevado al nuevo tiempo, pues fueron las cinco compañeras de infancia las que la condujeron hasta allí. Y después de aquel día Luíza se volvió drásticamente otra, lo que la alejó de nuevo de las otras cuatro. Ella, que era la primera persona, se afinó con la segunda —que a veces le sonaba extrañísima en la forma de conjugar la vida— para experimentar ahora, en aquel punto de la historia, una tercera persona. Por cuántas cosas había pasado y todo parecía un principio, pues era aún la primera tanda de texto de la nueva historia, del nuevo desafío de vivir sin borradores y de lo que nunca cabría en un solo libro, pero que cabía, solamente, en aquel instante, dentro de sí.

Luíza estaba preñada. De un nuevo tiempo, estaba preñada. Quiso andar despacio, pero ya había acelerado el tiempo y fue él quien la capturó para la temporada de esperas, esta misma de semanas lunares de gestación, cuando se prepara a otra persona y el tiempo parece detenerse para poder ver, increíblemente, casi a simple vista, la germinación, la transformación de semilla en brote.

La preñez le angustió. Le desesperó. Se creyó en un camino torcido, pues partía de cálculos y aquel rumbo era demasiado incierto y misterioso. En la tentativa ciega de moverse, se lanzó a las tempestades, navegando sin salir del lugar. Hubo muchos naufragos hasta que notó, un día de bonanza, que el viejo marinero, como ningún otro de los que pasaron, seguía allí, a veces mojado con sus nubes cargadas, otras tan seco que era capaz de aquietarla, casi siempre silencioso y ameno armando un cigarro de chala en un rincón de la cubierta, pero con los ojos muy vivos, todo el cuerpo presente. Este día, cuando lo notó, supo que era él la segunda persona y quiso construir una canoa para la llegada del tercero.

Entonces Luíza silbó sus memorias de mar, recordando historias, que tal cual olas no vuelven más, dejando en el mar las viejas añoranzas, frases, promesas. Silbó los recuerdos soplándolos lejos, y se puso entonces a preparar la tierra para construir una casa. Por fin, entrelazó las manos con las del otro, giró con un paso mudo hecho pirueta y, sin juras, cálculos y planes, abrió la puerta a una nueva vida que estaba a punto de nacer.

a las 22:54:00

CUENTOS ORDINARIOS DE MELANCOLÍA

(Cuentos del libro inédito de Ruth Ducaso *Cuentos ordinarios de melancolía*. Obra seleccionada por la Beca de Creación Literaria SECULT/BA y la Fundação de Cultura do Estado da Bahia/2013)

PARA ANTONIO

370

Soy Benta. Tengo un pequeñuelo de cuarenta y un años. A mi crío le aplico mis métodos.

Él estaba todo mal. Mal porque nació. Mal porque no tuvo padre. Mal porque demoró en traerme la felicidad. Estaba mal todos los días. Lo castigaba todos los días.

Cuando era menor le abría los ojos hasta que se le saltaban de las órbitas. Daba risa verlo. Quería que él viera mejor la culpa sobre la mierda que era mi vida. Él me tomó el tiempo y por eso nunca pude gozar. Él era el crimen.

Al Esférico —ojos de pared— le gusta todo lo que hago, se merece todo lo que le hice. ¡Le gustaba! Empecé a medicarlo a los tres, le daba pastillas y me ponía a mirarlo. Sueño. Laxitud. Torpeza. Mirada mansa, boca semiabierto de gallina. Me encantaba verlo así.

Mi vida fue espera.

Mi vida es peso.

Yo soy caída.

A veces ponía al Ojos Saltones en un rincón del garaje y me ponía a jugar a acelerar el auto y prender los faros. El imbécil se mojaba los pies y el piso. De noche, cuando casi me moría ahogada con olas gigantes, le echaba agua helada de a poquito al Cara de Gallina.

El niño empezó a parecerme un bicho cuando vi que el pito se le desarrollaba. Certera. Me hice veterinaria. Esperé a que el pene le quedara de la edad del padre, llena la boca de esperanza, le ató los brazos para la buena ventura y zás. Lo dejé que viera todo. Se lo merecía, le gustaba. Él quería. Limpié las sábanas, tiré lo que pesaba y paré de caer.

Traigo al gozador siempre conmigo, limpito y seco. Piel siempre rígida lista para usar.

DÍA DE FERIA

Volví a casa. Era sábado. Aplaudí. Golpeé tres veces el portón. E hice avanzar la historia.

—¡Sandro! ¿Ya no me oyes? Grité.

—¡El sol está quemando, Sandro! Expresé angustia.

—¡La feria estaba llena! ¿Y me dejas esperando así!? Lo acusé.

—¿¿De nuevo, Sandro!? ¿¿Qué quieres!?! ¿¿Romper la puerta del cuarto!?! Sentenció.

—Rápido, muchachito, trae las compras para acá. Interactúo con el único.

—Toma tu dinero, ¡vete! Le pago al espectador.

Cierro el portón. Y vuelvo a la historia.

—Sandro, le dije bien cerca para que él no extrañe el dibujo feo del nombre, ¿carne fresca o salada? Susurré cantando.

—Ensopado de verduras con carne con hueso para que sintamos aquel olorcito del repollo impregnado de carne, ¿eh? Dije con la boca haciéndoseme agua.

—Ay, Sandro, qué lindo estás. Lo admiré.

—Nunca fuiste tan lindo. Lo elogíé.

—Por mí no te lavaba, te hacía así. Imaginé el trabajo.

—El rojo le dio más vida a tu piel. Mi observación de arte.

—¡Hijito! Ayúdame, vamos, a la palangana. Clamé.

—¡Ah, hijito, qué linda es tu pierna! Soy toda admiración.

—¡Mira qué linda! Le muestro.

—Es linda, pero va a dar trabajo. Lamento.

Lo hice todo sola, Sandro nunca me ayudó. Limpié, raspé, separé las partes, reservé las verduras, aprecié la cabeza de repollo cruda, previendo el aroma y el sabor de su textura arrugadita y fina.

Los días de feria son los mejores para carne fresca con hueso. Despertarse temprano. Verificar el descanso del animal. Ir a la feria, andar por la feria, saludar a los conocidos, todos tienen que verlo, reclamar del niño, todos tienen que oírlo, elegir las verduras más brillantes. Comprar despacio, seleccionar bien, demorarse en el puesto de sandías, reclamar que querría una entera, pero que sola nunca puede cargarla. Llamar a un muchachito distinto del habitual para llevarle las compras a casa. Llamar a la puerta de su propia casa, monologar en el interior. Despachar al principal testigo. Servir en el almuerzo del domingo ensopado de verduras con carne con hueso curtida desde el sábado. Dejar que su madre, la indigesta imagen del almuerzo de cada domingo, chupe los huesos en la mesa. Reclamar una vez más del hijo. Apreciar el repollo en el plato, alimentarse de

aquella fibra de carne que se adhiere a la piel arrugada amarillo pis del repollo cocido con carne de hueso curtida del sábado, despedirse de los indeseos de la madre. Respirar aliviada. Acomodarse sola en el sofá. Abrazar una por una las hojas sueltas de papel reciclado de la nueva edición limitada del libro de poemas de Quintana y sentirse satisfecha.

LO QUE QUIEREN LOS MACHOS

Martes o jueves. Elijo el día a cara o cruz.

Cualquier día es día de cazar. Pero en aquella ciudad se dedicaban esos dos días a sangrar hombres con el afilado cuchillo de punta fina.

Me gusta sangrar, sentir el olor fresco de la carne roja. Dejar al animal quietito. Dominado. Perforar en el río exacto del cuello, en aquella curva que tiene una raíz de árbol concentradora de anécdotas que se ramifica.

Cuerpo quieto, cuerpo duro, agua pesada, corriente gruesa.

El camino del agua uno no lo domina.

Invento un camino para que el río corra calentito, sin empapar la carne.

Doy vuelta el cuerpo pesado. Le corto los órganos. Nace la basura de la placenta del macho, aguacero. Cuido de que los afluentes vayan a encontrar el río. Reservo las piezas sin función en baldes de guardar mugre.

Hago el corte en la piel. Tras el cuello, en aquel punto donde el macho se sostiene. Toro valiente. Toro fuerte. Solo sirvo a los toros. A los bueyes mansos no les sirvo tazón de flores. No les tiendo trampas.

Corto el cuero de punta a punta. Estiro el cuero enterito. Agarro bien las puntitas de aquella forma de mierda que todos los días me pide que le permita dejar de andar por la calle.

Le quiebro las costillas y le entierro las manos en los pulmones, sangre tibia, esponjas blandas de aire. Con los dedos excitados retiro esas esponjas rojo-anémicas de su confort. Me regodeo los dedos de placer.

—¿Cuál es la forma de esta nube? ¿Y la de aquella?

Trincho los huesos sin retirarles la carne. Para dejarlos pesar. Los huesos sin carne descansan. Estos no merecen descanso. Se le ofrecen demasiado al placer.

El macho no aguantó el sueño.

La pasión necesita un río caudaloso para dar miedo.

Salgo de este, quiero otro.

Los machos quieren que los cuide todo el tiempo. Les doy ramitos dos veces por semana. Es eso lo que quieren cuando desfilan ante mi vista. Guardo el cuero para jactarme. Desecho los huesos para quien aún quiera carne usada. Juego con las piezas sin función hasta asquearme. Vapuleo vejiga, paro verga blanda, amaso jalea de hígado.

Les doy placer. Eso es exactamente lo que quieren.

LA IMPRESIÓN DE ZÓ

Zoilda se casó a los veintisiete años. Se casó preocupada. Pensaba que nunca se iba a casar. Pero se casó. Qué alivio aquel día. No sabía por qué tenía miedo de no casarse. No sabía lo que era el casamiento. No sabía lo que era su vida. Zoilda no sabía nada. Veía que allí, por los alrededores de la casa donde vivía, había mujeres así. Mujeres que ocupaban la casa de otras familias. Mujeres sin casa. Zoilda sabía que quería una casa. Porque no se acordaba de haber tenido una casa hasta entonces. Muerta la madre, Zó perdió la casa pronto.

Un año de casamiento, primer hijo. "Suficiente", pensó Zó. "No quiero tener más hijos." Vinieron los cinco. Vino el hambre. Vino el vicio. Marido borracho. Zó madre, sin querer, seis. Zó aguantó de todo. El marido tomó, el hijo tomó. El hijo tomó mucha agua. Agua contaminada por pescados enfermos. Fin de un hijo.

Zó aguantó de todo, Zó siguió contando seis. Zó aguantó un montón. Niños grandes. Zó tenía una casa. Era de ella. Parece que era eso lo que siempre quiso. Nunca más iba a salir de allí. Eligió el mejor rincón de la casa. El más calentito. Junto al fogón a leña. Prendía el fuego todas las mañanas. La leña quemaba el día, la noche. Ella allí junto a la calidez. En el rincón que era suyo. Su casa. Extrañados, los hijos trataron de sacar a la madre de aquel rincón. Los vecinos. Los parientes. "Sal, Zó. Ven a ver la yaca." "Ven a ver el naranjo llenito de agua. Llenito hasta el borde." Zó ya no sabía hablar con la boca. De los ojos le caían las palabras. La casa de Zó era la casa más triste. Zó era la más triste. Zó pensaba que tenía casa y que quería salir. Pero ya no podía. El calorcito del fuego le pegó la boca. Los pies. Zó quería decirles eso a los hijos. Quería que todos supieran que ella no salía de allí porque el calorcito la ataba.

La familia se casó, se mudó, viajó, lloró, iba y venía. Dos hijos se quedaron. En el fogón, Zó. Alrededor de la casa, el perro, el padre, el borracho, el buscador de. El borracho le reñía a Zó. Zó derramaba agua calentita. La yaca se cargaba. Oía. Perfumaba el rincón del fogón. Zó quería ver el árbol. Las yacas. Los gajos. El amarillo. El pegote. Era el pegote del calorcito. "¿Habrán puesto pegote de yaca?" Zó se miraba todo el cuerpo buscando un pegote de yaca. Quería despegarse. Quería ir a ver la yaca.

El borracho empezó a notar a Zó extraña. Parece que empezó a entenderle las ganas de yaca. El borracho torturó a la mujer calentita con el deseo de la yaca, con el olor, el olor. El olor. El perro aprendió con el borracho y pasaba corriendo por la cocina con un pedazo amarillo de yaca. Lo soltaba en el patio, se regodeaba. Se tiraba a la tierra como riéndose de mí. Todos los perros se ríen de mí. Todos los borrachos se ríen de mí. Odio a todos los padres. Odio a Zó que no sale de ese rincón. Encanto la casa con un viento frío. Paso cerca de ella. Le soplo la oreja. Les enfrío los pies a los niños en la sala. El perro y el borracho me ven. Se ríen de mí. Viento aún más fuerte dentro de casa. Enfrío el calorcito. Confun-

do a la tonta pegada a la pared. Abro todas las ventanas de la casa. ¡Zás! ¡Zás!
¡Zás! Corren. Cierran las ventanas. Estoy dentro de la casa. Muevo la basura en el
piso, la ropa suelta, las alfombras, los trapos. En la cocina, las ollas. Ya no quiero
verme junto al fogón. Ya no quiero depender del calorcito del fuego. ¡Fa! ¡Fa! ¡Fa!
Des-p-a-rramo el Fuego. Ella se cae. Abro las ventanas. Alrededor de la casa el
perro grita y se tira en el patio. El borracho escupe toda el agua que tomó en la
casa, quiere apagar el fuego. La casa es mía. Soy calorcito. Multiplico el fuego.
El borracho corre. El cachorro se ríe. El borracho es el buscador de. Los niños ya
no existen.

LA TARDE DE UN FAUNO

En el futuro todos hablarían sobre el niño que se tiró del edificio. ¿Qué le habría pasado? Ese sería el misterio. Una vecina del séptimo piso diría:

—Yo lo vi caer, tan chiquito, por el pozo de aire de la escalera, desde el último piso. Dieciséis pisos. Tan alto, no podía sobrevivir.

Pero el cuerpo, el cuerpo nadie lo encontraría. Davi estaría lejos. Iba a volar hacia muy lejos, una distancia que nadie imagina y que para medirla hay que hablar sobre un lejos adonde nunca se llega, un lejos de donde no se puede volver. Él volaría. Y para volar bastaba tener pensamientos felices, como en los cuentos de hadas. Su cuerpo sería ligero, sin ningún peso del dolor que cargaba. Solo había que flotar. Un viento lo soplaría lejos, donde el destino lo esperaba otro, feliz y para siempre. Para siempre, como en los cuentos de hadas, la alegría que nunca se acaba. Solo tenía que pasar por el agujero en la pared, abrir su capa azul de superhéroe y lanzarse desde el decimosexto piso. Lo calculó todo. Los ojos miraban hacia lo alto porque ese era su objetivo: lo alto, el cielo casi rojo de aquel atardecer, las nubes grises de la ciudad quedarían atrás y, desde allá arriba, por sobre todo lo que había, nubes rosadas. Iba a subir siguiendo la tarde, la medida de su vuelo. Y entonces incluso la tarde desaparecería en el horizonte. Restarían las estrellas de la noche. Buscaría aquella, la más brillante, la que queda a la derecha de quien va, y después otra, tan intensa como la primera. En esa, doblaría hacia la derecha y volaría mucho tiempo hasta reencontrar nuevamente el sol y su calor. Ya no la tarde que muere en el horizonte de la ciudad, con sus colores demasiado fuertes por causa de la contaminación, como aprendió en la escuela. Sería un sol del amanecer, con un amarillo nuevo y brillante. Y toda su vida sería como el calor que surge para calentar las gotas de rocío de la noche, con todas las cosas brillando de tal forma que solo es posible cuando se amanecer por primera vez. Bastaría tener pensamientos felices cuando su pie izquierdo acompañase al derecho, que ya estaba en pleno aire. Los dos pisarían la nada. Un solo paso. El salto. Volar. Bastaba tener pensamientos felices.

Pero él no los tenía. Nada de lo que podía recordar era un pensamiento feliz. Trató de imaginarse un futuro alegre, algo bueno. Nada. Trató de imaginarse al Fauno levantándolo del suelo como aquella vez que tropezó a la entrada del edificio. Él lo agarró por la cintura y lo puso de pie.

— ¿Te lastimaste?

Quiso salir corriendo de vergüenza, pero su cuerpo estaba paralizado por entero. Una descarga eléctrica le paralizaba los nervios. Iba a morir allí. Era una

presa vencida. El cuerpo reaccionaba involuntario, con convulsiones entre las piernas. A mucho costo corrió hacia la escalera, su refugio. Nadie usaba la escalera. Quería irse a su casa para esconderse. Llegó incluso hasta la puerta del departamento en el cuarto piso, pero cambió de idea. Sabía que estaba colorado. Su madre lo notaría. Decidió subir hasta el último tramo de la escalera, allá arriba, donde el decimosexto piso se une a la azotea del edificio, lugar abandonado que era su escondrijo hacía mucho tiempo. Desde allí podía ver las ventanas del cuarto y de la sala del departamento del Fauno, y atisbaba incluso una parte del baño por una pequeña ventana. Los departamentos del fondo tenían ventanas hacia el pozo de aire. Y desde allí, de lo alto de la escalera, por la pared calada, podía ver todo lo de varios departamentos. Era así que pasaba sus tardes fuera de casa. Tan pronto se libraba del almuerzo y los deberes, se escapaba. Cerraba tras sí la puerta del departamento y se olvidaba de todo. Su padre y su madre desaparecían de su vida. Se quedaba solo en el mundo y podía ser lo que quisiera, un aventurero, un mago o un científico. Lo alto de la escalera era su castillo y su observatorio. Allá estaba el Fauno en casa, quitándose la ropa. La camisa y los pantalones, los calzoncillos. Estaba totalmente desnudo. Davi podía verlo entero caminando por la sala. Era un cuerpo fuerte y blanco. Peludo. El pelo negro del pecho bajaba por la barriga en un camino estrecho y se extendía entre las piernas. Muslos, traste, todo estaba cubierto por un pelaje negro de hebras largas, en contraste con la blancura de la piel. También en la espalda, apenas en lo alto, una pelusa negra empezaba y avanzaba sobre los hombros y se deslizaba por los brazos hasta los nudillos de los dedos. Todo el cuerpo era un haz de músculos, como una estatua griega, como un grabado, como el grabado en el libro de mitología. El niño reconoció de inmediato en aquel hombre al fauno de su libro. Era el mismo cuerpo musculoso y peludo. Su rostro también era acentuado como el del grabado. Fuerte, cejas gruesas y negras, como las alas de un cuervo. Pero, sobre todo, a Davi le impresionaron las piernas fuertes. Parecía menos humano de la cintura hacia abajo, como un animal. E incluso los pies, aunque no fueran pezuñas de chivo como los de un fauno verdadero, estaban tan intensamente embrutecidos... La primera vez que Davi lo vio, él estaba acostado en la cama y se acariciaba el cuerpo. El niño, con su poca vida, no podía entender qué pasaba. Incluso aquel cuerpo tan extraordinario era nuevo para él. No se comparaba en nada al del padre, tan absolutamente neutro. Si le preguntaran por qué esa imagen lo fascinó tanto, no sabría decirlo. Ya había visto a otros vecinos desnudos en sus expediciones. Era siempre muy gracioso verlos. Ya había visto a chicos de la misma edad, que se comparaban curiosos. Pero allí, viendo al vecino desnudo tocándose el cuerpo, sentía algo distinto. Era como si él le tocara de lejos el cuerpo al niño. Si se pasaba la mano por el pecho peludo, era como si le acariciase el pecho liso al niño; si bajaba su mano hasta las piernas fuertes, le tocaba a la distancia la pierna fina al niño. Y cuando manipuló su propio sexo parecía tomar al del niño e intentar hacerlo crecer, estirarse y producir el goce remoto. ¿Goce?

Para él era solo una extrañeza, una sensación buena y aflictiva, como un bombón de azúcar que, de tan dulce, le quita el sabor a las otras cosas. E incluso ese sabor era algo sin descripción, sin modos de contárselo a los demás. Aquella tarde, la primera, el pequeño Davi supo que había encontrado algo. Lo supo sin saberlo. Aprendió un olor nuevo del cuerpo y huyó asustado. Bajó las escaleras corriendo y regresó a su casa. Ni siquiera le dio miedo lo que pudiera encontrar. Sabía lo que encontraría y la certidumbre ahuyentaba el miedo. Necesitaba algo conocido y familiar, necesitaba un refugio para su propio cuerpo, que porfiaba en ser otro. Precipitó sobre sí la noche y abrió la puerta. No eran ni las tres de la tarde.

Al día siguiente, a la hora de la libertad, estaba en el corredor de su piso. Al contrario de los otros días, no sentía el alivio de dejar del departamento. Estaba tenso. Quería subir las escaleras y mirar. Tenía apuro y tenía miedo. Fue subiendo despacio sin prestar atención a las ventanas de los departamentos que surgían por el calado de la pared. No vio al vecino que escondía botellas vacías bajo la cama, o que la vieja del noveno dormía en el sofá con un seno a la vista con una cicatriz antigua que ella cubría con un pañuelito raído. Otra vecina, doña Heloísa, buscaba a su gata perdida. Morena. Ella siempre dejaba escapar al bicho y después se ponía a buscarlo de departamento en departamento. A Davi le gustaba esconder a la gata y divertirse fingiendo ayudar a la vieja. Entonces encontraba a la gata y recibía golosinas como recompensa. Tantas ventanas abiertas. Se detuvo solo en el decimocuarto piso para ver el departamento del actor. Era así que su madre y los otros vecinos lo llamaban. Y cuando decían actor, la mirada tenía algo distinto. Era como si dijeran lo contrario. El portero se reía de él a sus espaldas y la madre le dijo un día que no hablara con él. No era actor de televisión, eso él ya lo sabía. Todas las tardes podía verlo en su casa haciendo cosas con vestidos de colores, cosiendo algunos. Siempre cosía. Un día, cuando saltaba de la escalera en su piso, lo sorprendió.

—¡Hey! Vas a volar —dijo el actor cuando vio al niño con una tela atada al cuello—. ¿Qué estás haciendo acá arriba?

Davi dijo que estaba jugando.

—¿Pero con esa capa? ¿No tenías nada más lindo? Mira, ven conmigo. Te voy a dar una cosa.

Davi lo acompañó hasta su departamento. Era de un dormitorio y sala. Todos los departamentos del fondo eran así. La sala estaba atiborrada de vestidos en perchas, sobre el sofá, en una máquina de coser en el rincón, en todas partes. En la mesa, junto a platos y tazas usados, había tijeras, hilos, cintas, retazos de tela y un tarro con botones de colores. Davi entró desconfiado.

—No tengas miedo. Siéntate aquí.

Quitó algunos vestidos del sofá para hacer espacio. Davi le preguntó si él era actor como decían en el edificio. El hombre miró al niño. Parecía ser joven aún, pero no lo era. Alrededor de los ojos ya se le empezaba a instalar un ligero cansancio.

—¿Fue eso lo que te dijeron? Sí. Quizás sea un actor, pero de un solo personaje. Este.

Tomó un vestido en la percha y se lo puso junto al cuerpo. Después tomó una peluca de mujer, largo cabello negro, y se la puso en la cabeza. Davi se asustó. Todavía no había visto la peluca.

—¡Absoluta Taylor! Este es mi personaje.

Hizo una mueca graciosa mientras balanceaba la peluca sobre la cabeza y hacía que el vestido le bailara frente al cuerpo. Davi se rió de la gracia. Él le contó lo que hacía. Fingía ser una cantante, se vestía de mujer y se presentaba todas las noches en un club nocturno. El nombre de la cantante era Absoluta Taylor, un nombre gracioso, le pareció a Davi.

—¡Sí! Viéndolo desde cierto lado, es gracioso. No debería serlo, pero lo es.

También hacía vestidos. Los hacía para usarlos y para otros actores. Ganaba dinero así.

—¿Quieres que te haga una capa?

Davi no lo podía creer. Sí quería.

—¿Cómo?

Davi quería una capa azul. ¿Podía tener estrellas?

—Tengo esta tela, mira.

Era un corte de satén azul. Un azul oscuro.

—Puedo ponerle unas estrellas también.

Davi se lo agradeció. La capa estaría lista en pocos días. Durante ese tiempo, empezó a ir a la casa del hombre todas las tardes. Se quedaba mirándolo trabajar y oyendo historias y jugando. Él cantaba en un club nocturno, ya lo sabía, pero también animaba fiestas infantiles vestido de payaso. Nunca más lo hizo, pero todavía tenía el traje. Era un payaso rojo y amarillo, con cuello con drapeados enormes. Tenía un sombrero lleno de luces que se prendían. El hombre se puso la ropa y se pintó la cara. Davi pasó la tarde más feliz de su vida riendo de las bromas del vecino. En otra ocasión, se puso la ropa de Absoluta Taylor y cantó una canción en inglés. Era una canción triste, pero muy linda. Así eran aquellas tardes.

La capa quedó lista. Una capa azul llena de estrellas. Era una capa de superhéroe, pero podía ser también una capa de mago, solo faltaban el sombrero de copa y el conejo.

—Mira, voy a conseguir material para hacerte un sombrero. Necesito cartón, una tela negra. Cuando lo encuentre, te llamo. Ven, pruébatela.

Le puso la capa al niño. Era ancha y tenía estrellas bordadas, hechas con una tela plateada. Tenía como un cuello de camisa, solo había que abotonarla. Pero tenía un problema, se arrastraba en el piso.

—Te la hice grande porque estás creciendo. Si te la hiciera de tu tamaño, no volaría. Cuando corras o saltes de la escalera, se va a ver bien.

El niño se la puso y salió por el corredor. La capa volaba. En esa época todavía no había sorprendido al Fauno. Ni siquiera usaba el último descanso de la esca-

lera como escondrijo. Fue justamente la capa la que lo hizo encontrar el lugar. Cuando quedó lista, se dio cuenta que no podía llevársela a su casa. A su madre no le gustaría que hubiera conversado con el mentado actor del decimocuarto. ¡Mucho menos a su padre! Fue entonces que descubrió el escondrijo. Era un lugar desierto. En lo alto de la escalera, donde estaba la salida a la azotea del edificio, había un descanso. Estaba sucio y era peligroso. Para subir hasta allá pasaba por un tramo de la escalera que tenía un boquete en la pared. Daba miedo, pero también era fascinante mirar hacia abajo desde aquella altura.

Fue ahí que vio al Fauno acostado en su cama. Era una visión inexplicable, como si un dios durmiera entre los humanos. Acordarse del fauno del libro fue algo inmediato. Él ya tenía una sensación de perplejidad al mirar la ilustración, titubeando al pasar las páginas. El fauno de papel estaba acostado bajo la sombra de un árbol y tenía una flauta cerca de la boca. Hacía el gesto de empezar una música y sonreía con una sonrisa entre seductora y maléfica, como quien invita y al mismo tiempo anuncia: es una trampa, te vas a perder. Davi se perdía. Se quedaba horas mirando el grabado. Se lo llevaba a la escuela, a los sueños, se imaginaba al fauno caminando por el bosque espantando a los animales, corriendo tras las ninfas del otro grabado, participando en batallas y escapándose de peligros. Era su fantasía preferida. Ahora, el mismo personaje se le aparecía justo delante de él, esta vez sin las tintas del libro. Era carne viva. Él se movió en la cama y salió del campo de visión de Davi, que tuvo que bajar tres escalones para recuperar el ángulo. Lo veía entre los agujeros de la pared y, al mismo tiempo, no era visto. El Fauno empezó a acariciarse y el toque de su propio cuerpo alcanzaba al pequeño Davi en su escondrijo.

Desde la escalera del decimoquinto piso, Davi podía ver a Absoluta Taylor en su departamento. El vecino tenía puesta su ropa de mujer. Se probaba las formas, se ponía rellenos en el pecho, elegía una peluca. Estaba ocupado con los preparativos para la noche. Davi no se acordó del sombrero de copa. El día anterior, antes de subir hasta lo alto de la escalera por primera vez, solo pensaba en el sombrero que le iban a regalar para transformar su capa de superhéroe en una capa de mago. En este momento solo pensaba en lo que encontraría allá arriba. Dejó al nuevo amigo con su ropa y subió. No había nadie. Las ventanas estaban abiertas, pero él no estaba. Davi quedó decepcionado. Fue a buscar la capa nueva y se la puso. No quiso jugar con ella, se quedó sentado en un escalón de lo alto de la escalera mirando por el boquete. Se quedó casi toda la tarde en aquella posición, esperando. Podía ver toda la altura del edificio y las varias ventanas abiertas de los vecinos. Allá abajo, Morena paseaba en el patio común. En breve saldría doña Heloísa a buscar a la gata. Pensó en bajar y salvar a la gata con su capa de héroe, y ya estaba casi bajando por la escalera cuando vio al Fauno. Apareció en la sala. Debía de haber llegado de la calle y el niño no lo vio. Estaba de calzoncillos. Se paró en el centro de la sala y empezó a hacer ejercicios, primero de pie, después en el suelo. Usaba pesas. De vez en cuando iba hasta el cuarto y

se miraba al espejo admirando el resultado. Le sudaba todo el cuerpo. Casi una hora después, paró. Se quitó los calzoncillos y, desnudo, empezó a arreglar una ropa en la cama. Después de bañarse, se vistió y salió. La tarde se terminaba. Davi tenía que volver al departamento. Volver a casa siempre era doloroso, era como volver al agujero de donde ya había logrado escapar. Conocía el peso de la tierra y cómo sofocaba a quien enterraran vivo. Aquel día, sin embargo, su sufrimiento era distinto. Tenía que dejar al Fauno. No podía seguirlo al lugar adonde fuera. Guardó la capa en una bolsa y bajó. Lo único que podía hacer era esperar la próxima tarde.

Y llegó. Llegaron muchas tardes como aquella. Observaba secretamente al fauno. Él hacía ejercicios todos los días, casi siempre desnudo o en calzoncillos. Davi empezó a estar atento a todo sobre él. Pronto supo que dormía hasta el mediodía, mientras él estaba en la escuela. Pasaba las tardes en su casa y salía al anochecer. Volvía tarde, muy tarde. Desde su cuarto, Davi observaba la entrada del edificio esperándolo. Nunca podía verlo llegar. Se dormía antes. Había días en que ponía música y bailaba. Empezaba vestido. Después se iba quitando prenda por prenda, mientras la música avanzaba. Se contorsionaba y se pasaba la mano por el cuerpo. Eran unas vestimentas extrañas, disfraces de vaquero, soldado, marinero. Un día se puso una ropa de mago, con sombrero de copa y todo. Davi reconoció la capa igual a la suya, o casi. Era negra, tenía un forro rojo, pero tenía las mismas estrellas plateadas, el mismo cuello de camisa. ¿Y aquel sombrero? ¿Se lo habría hecho Absoluta Taylor? ¿Ellos se conocían? Davi recibió la respuesta pronto. El Fauno en la casa de Absoluta Taylor. Se probaba una ropa roja. Davi no sabía explicar qué pasaba, se fueron al dormitorio y cerraron la ventana. Se quedaron allí un buen tiempo, hasta que anocheció. Cuando Davi se fue a su casa, ellos aún no habían reaparecido. Todas las luces del edificio se prendieron, menos allá. Todo estaba apagado y secreto en el departamento del actor.

Él ya no quería ir a la casa del actor.

—Nunca más fuiste a mi casa. ¿Cuándo vamos a hacer aquel sombrero?

Davi vaciló. Estaba enojado con el hombre. No sabía por qué, pero era así. Por otro lado, quería saber más sobre las ventanas cerradas. ¿Y no lo sabía? Lo sabía. El cuerpo ya se lo enseñaba. Una alarma oscurecida había empezado a sonar, pero era como si hablara otra lengua. Había que traducir para entenderlo todo. Y las ventanas cerradas lo hacían imaginar claramente todo lo que pasaba allí dentro. Él no estaba allí, pero aquel cuarto cerrado se escondía dentro de él y le quemaba. Era una bomba latiendo su cuenta regresiva. ¿Cuándo estallaría?

Davi terminó yendo a la casa del hombre. Quería tocar aquella ropa roja.

—Voy a hacerlo un poco más grande para que dure más tiempo.

El hombre le medía la cabeza con un centímetro. Davi estaba creciendo, él ya lo sabía. La capa era más larga, su ropa era más grande, el sombrero era mayor. Todos le daban algo más grande que él. Había que crecer para conquistar las cosas, caber dentro de ellas. En el mundo nada era de su tamaño. Todas aquellas

sensaciones que le rondaban la cabeza y el cuerpo también eran así, más grandes, holgadas, lejanas. Tenía que crecer para caber en ellas, para entenderlas. El reloj hacía tic tac y no avanzaba. Parecía una eternidad.

—¿Dónde encontraste eso?

Un pantalón rojo. Davi lo había encontrado. Tuvo que buscar entre la pila de ropa, que escarbó con aire de displicencia. Los lados de la prenda tenían una costura hecha con velcro, fácil de despegar.

—Es un pantalón de teatro. Está hecho para quitárselo rápido. No, no quiere decir nada. Es un pantalón rojo, nada más. Dámelo.

Le quitó la prenda a Davi y la guardó. Volvió a ocuparse del sombrero.

—Fíjate, tengo la tela perfecta. Creo que mañana va a estar listo.

Davi dejó el departamento sin demasiada expectativa. Ya no le importaba el regalo. Solo pensaba en el toque de aquella ropa en su mano. Un toque que pronto se uniría a otro. A la entrada del edificio, aquella caída. Dos manos grandes y calientes lo tomaron por la cintura y lo levantaron. El Fauno. Lo levantó hasta la altura de sus ojos antes de ponerlo en el suelo. Nunca estuvo tan cerca. Ojo con ojo, boca con boca.

—¿Te lastimaste?

Habló con una sonrisa discreta en los labios. El grabado del libro se materializaba ante el niño. La misma sonrisa que invita y avisa: es una trampa, como un tigre en el último instante antes del salto. Puso al niño en el piso y le pasó la mano por el pelo, alborotando todo lo que ya estaba alborotado. Él corrió hacia la escalera y subió, subió toda aquella altura de un tirón. Quiso irse a su casa, pero cambió de idea. Cuando llegó a lo alto estaba casi sin aliento. El cuerpo le quemaba. En seguida, el Fauno llegó a su departamento y se empezó a desvestirse. Iba a bañarse. Davi sentía aquellas manos aún calientes en su cuerpo. Se tocó el pelo que tocaron, se tocó la cintura y siguió tocándose, mientras recordaba cada sensación, con los ojos fijos en el hombre desnudo delante de él. La bomba reloj de su cuerpo latía cada vez más rápido, cada vez más rápido, hasta que estalló de goce. El primero. Todo el cuerpo se le tensionó, bombardeado por corrientes eléctricas. Era casi una convulsión. A Davi le sorprendió aquella novedad de alegría. Un placer que nunca antes había sentido. Se sintió como si hubiera crecido, como si ya cupiera en la ropa grande. El cuerpo, ahora, se le mostraba más grande de lo que era. Él estaba más grande. Se quedó viendo al Fauno bañándose. Estaba en el boquete de lo alto de la escalera. En ese momento, fue descubierto. Desde la ventanita del baño el Fauno lo vio. Sus ojos se encontraban nuevamente. El Fauno sonrió. ¿Era una invitación? Ya conocía esas trampas, y aun así retrocedió asustado. No sabía por qué, pero estaba seguro de que el hombre no lo iba a denunciar a su madre. Cualquiera otro vecino reclamaría del merodeo, pero no él. Y a Davi eso le daba aún más miedo. Ya no iba a poder ver sin ser visto, en la seguridad de su refugio. Estaba expuesto. No podía esconder que miraba, que le gustaba mirar, que necesitaba mirar. Y, si miraba, quería más, quería tocar

y abrazar y trancarse en el dormitorio con las ventanas cerradas, todo apagado y secreto. ¿Pero podía? Aquella era ropa que aún le quedaba grande y no sabía bien cómo usar. ¿Y si aquella sonrisa no fuera para él, sino de él, un presagio de carcajada? Ya se imaginaba al Fauno y a Absoluta Taylor riéndose de él en el dormitorio cerrado, considerándolo ridículo con su ropa grande, la capa de superhéroe arrastrándose en el piso, sin volar, el sombrero de copa tragándole la cabeza. Él solo quería huir y esconderse. Si su refugio había sido descubierto, le quedaba su casa pese a todo. Bajó la escalera corriendo sin siquiera mirar las ventanas de los departamentos. Sabía que todos estarían allí mañana, sabía que volvería ya recuperado del susto. Pero no fue lo que ocurrió.

Los días siguientes, no pudo salir de casa. Morena, la gata de la vecina, apareció muerta y la dueña acusó al pequeño Davi de haberla maltratado. Le prohibieron salir de casa durante una semana. No podía huir. Era como si el destino hubiera decidido señalar el final de aquella infancia. Las peleas, los gritos, perdurarían por siempre en su recuerdo. Cuando volvió a lo alto de la escalera por última vez, después de tantos días encerrado, ya no encontró las ventanas abiertas, ni las del Fauno, ni las de Absoluta Taylor. Quiso saltar del edificio, quiso tener el poder de volar, pero no lo tenía. Cuando retiró los pies del boquete de la pared, sabía que ya no los vería. A partir de aquel momento su historia sería otra. Otra vida lejos de allí, sin una casa de la cual huir, sin la escalera como escondrijo. Todo sería una sola cosa, dentro o fuera. Fue bajando la escalera lentamente, con la capa arrastrándose por el suelo sucio. Le apenaba no ver al Fauno nunca más ni sentir tanto deseo nunca más. Los deseos serían otros. ¿Tan fuertes como aquel? Otros. Davi siempre recordaría cada sensación, aquel único toque, aquella sonrisa, la voz.

—¿Te lastimaste?

Cuántas veces quiso responder esa pregunta después. Nadie se escapa de lastimarse en esta vida, pensó un día, mucho tiempo después. Mucho tiempo después, todavía lamentaba no haber tenido el sombrero de mago y no haber entendido quién era Absoluta Taylor. Con los años, su sala se volvía cada vez más llena de colores en su memoria, con sus vestidos fantasiosos. Tuvo noticias de ella un día, mucho después, a través de los recuerdos de otras personas, pero ya era tarde para volver a verla. Sintió pena de doña Heloísa y su gata Morena y de todos los vecinos que no vería nunca más. Su capa se arrastró por cada escalón de aquella Edificación, como si se resistiera a dejar ir a una persona querida. Davi también se resistía a dejar el edificio, pese a todo lo que ocurrió. Ni siquiera quiso ir al entierro de su padre, pero ahora, después de que a su madre se la llevaron los soldados, ya no podía quedarse. Llegó a la entrada del edificio, donde su tía lo esperaba, resignado.

—¡Ah! Aquí estás tú, mi amor.

Ella le acarició la cabeza. Qué parecida era a su madre.

—¡Linda capa! Vamos, tu tío está esperando. ¡Por lo menos vas a salir de este lugar horrible!

Lugar horrible. Fue la primera vez que Davi pensó en aquel edificio como un lugar horrible. No era así como pensaba hasta entonces. Todo su mundo se resumía a aquello. De algún modo, pese a sus padres, no se sentía tan infeliz. Un niño tiene siempre todo un mundo secreto que lo protege del mundo real. Su mundo estaba repleto de faunos, ninfas, magos y héroes. Dio una última mirada. Bajaron por la escalerita de la portería y llegaron a la calle. Algunos vecinos observaban por las ventanas entreabiertas. La de su departamento estaba cerrada. Era un día de ventanas cerradas. En la acera, un viento fuerte sopló levantando el polvo y cegando al niño. Se le levantó la capa y durante algunos instantes vivió la experiencia de volar. Tuvo ganas de no abrir los ojos nunca más, de quedarse para siempre como si estuviera volando, bastaba tener pensamientos felices: una mano surgió de su recuerdo y lo levantó en vilo. ¿Te lastimaste? Davi sentía que nada en el mundo podía lastimarlo.

ROSA DE LUXEMBURGO

("Poemas de la rosa")

Allá lejos, en casa, se clama:
"¡Que vuelvas pronto, y bien!"
(Redes la historia trama).

En mil novecientos diecinueve.
En los pétalos, la mira de un fusil
Devastó la corola de los sueños
—el 15 de enero, y el silencio.

¿Palabras?

El silencio es la mayor represalia.
Y nada en ti hablaba ya,
en las aguas rojas del canal Landwehr.

En el canal abandonado
Que la brisa siquiera entibia,
De balas atravesada
—muchas, a todo lo ancho—,
yace muerta, y se enfría

¿Roja, esa rosa?
Rosa de sueño y metal —
que busca la faz humana.

Muere cada año en la ciudad amada,
Berlín, en el horror de sus garras:
la difamación tiene su propia historia.

¿Enemiga de la Revolución de Octubre?
¿De un Lenin, dicen, bárbaro y asiático?

Imaginaba un mundo

en que los hombres pudieran
cantar en las calles, libres
de humillación, hambre y miedo.

Allá lejos, en casa, se clama:
"¡Que vuelvas pronto, y bien!"
(Redes la infamia trama).
Yace muerta y se agusana,
la niña de su mamá.

La ficción de la mácula,
sus raíces profundas,
ya no tocan a aquella mujer
en su pensar indómito,
en la rosa de la quietud,
hermana de las estrellas, ciega,
para siempre ciega,
para siempre nuestra
rosa de esperanza.

CUATRO SONETOS CARDINALES

("Cuatro sonetos cardinales" in *Delirio del ver*)

1.

Rosa y oro se mezclan en tu sexo
tan gaya espera, confunde la búsqueda
de flor cilíndrica que está en tu pubis
¿Cuánto me hieres, flecha en este pecho?

Tomo tu zumo en cuerpo tan trezado
por tu éxtasis, que me roba el aliento,
mientras el brillo de tus ojos sádicos
me aplasta la boca en insano sorbo.

Quero decirte que tiembla la casa,
mas solo entiendes del gañir del lobo
en mi guarida palpitando en goce,

destrozándome con tu daga en llamas,
menos espero, y ya me vuelcas, loco.
Mi deleite hacia ti te adentra. ¿Amas?

PÁJARO EN LO OSCURO

("Cuita de amor")

Pasaban multitudes
por el ojo entornado
y un puñal se abatía
y una estrella transida.

Desdoblábanse hileras
de bordón incontable,
y los rebaños pastaban
el secreto más dulce.

Hubiera una portera
y una voz plañidera,
y el arroyo arrollaba
ventolina encendida.

Había un mástil, vela,
surcando mares palmas
y el ancla ya caía
en arena ahora muda.

Se esparcían sonidos
cruzando la hora antigua
y una daga fría cortaba
las venas al domingo.

Cayó una piedra turbia
al lago cristalino,
y un triste ojo de pájaro
minó linfa en quejumbre.

Los ojos solo vieron,
bruñidos en vigilia,
el pectoral sombrío
y aquel ave suspensa.

ROSA VIOLADA

("Poemas de la rosa")

Ya no vive mi dolor en mi casa
sino en jardín de siglos que corriendo
hacen tropel mordaz. El tiempo abrasa,
y el genio de esa hora va sufriendo.

En amplias avenidas de ciudad
los autos cruzan la línea torcida
caballeros en motos, sin edad,
vinieron a abordarme en mi guarida.

Llevóse uno reloj, otro sortija
la cadena de oro se me rompió,
y el cuarto bandolero me sonrió,

al tener mi vista en la suya fija.
Sacó del cinto el arma enrojecida,
la besó y me dio la rosa y mi vida.

EL DESDICHADO

("Poemas de la Luz Inesperada")

Je suis le Ténébreux, — le Veuf, — l'Inconsolé,
Le Prince d'Aquitaine à la Tour abolie :
Ma seule Étoile est morte — et mon luth constellé
Porte le Soleil noir de la Mélancholie.

.....
Et j'ai deux fois vainqueur traversé l'Achéron :
Modulant tour à tour sur la lyre d'Orphée
Les soupirs de la Sainte et les cris de la Fée.

Gérard de Nerval. "El Desdichado" (1875).

La vida pulsa en cada tono, y oigo
latiendo en tu pecho el dolor y el luto,
laúd liláceo. El clarín ya resuena
mientras el verso, libre, te lastima.

Viudo oscuro ya tañes tu cuerda
al calar este verso, casa hueca,
y plañe el bandolín, pericia loca,
poeta de silentes que no duermen.

Pero eres desdichado, eres bastardo.
Caballero del tiempo en vivo espacio
invades, grito bárbaro en la boca,

lo que no abandonas, desheredado,
aunque tormentas te barran la vida
y el grito de tu llaga purgue y lave

esa tu voz extrema de cantor.
¡Si hasta allí llegas! Es que nunca llegas,
juego de júbilo frente al tormento.

Y tu cuerpo baja la rampa estrecha.

1604

El apodo era la sola repetición de una sílaba del nombre con la añadidura de un diminutivo. Dicho así, todo resultaría más sabroso: el olor agrio en el cuello después de un día de trabajo, el tono de voz que se alteraba con facilidad, la mala gana para despertarse temprano. Pero es que había un apodo que repetía sílabas y terminaba en diminutivo, entonces debía de haber alguna esperanza, aunque fuera perdida en días pasados, días de dulzura ya lejanos. Si habían existido, ¿por qué no podrían simplemente volver?

La primera casa ya debería haber sido una pista suficientemente razonable. En la puerta, brillaban palabras de plástico con uno de los enunciados de la Biblia Sagrada. Ciertamente algo de otro tiempo, el dueño del inmueble (él era inquilino) debía de haberlas puesto allí. Temeroso de Dios como era —en aquella relación extraña de quien no deja de creer pero tampoco cree demasiado— no se atrevía a retirar las palabras, y pensándolo bien no le parecían mal. Era una manera de sentirse protegido sin tener que quedarse despierto unos minutos más para rezar. Aquellas palabras eran bien prácticas.

Desde el lado de adentro había tres ventanas hacia la calle fea, un sofá y una televisión. Unas cajas atestadas de objetos de uso cotidiano se esparcían por los rincones: desde el sofá se podía ver la batidora, que podía usarse para hacer tortas, y las ollas de aluminio, que en vez de descansar llenas sobre la cocina se transformaron en paseo para cucarachas. Y estaban también los ratones.

Los ratones andaban subrepticamente durante todo el día, huyendo de cualquier movimiento extremo de parte de los humanos. Coexistían allí, muchas veces de forma silenciosa y sin pistas, a menos que hubiera completo silencio frente a la televisión prendida y los bichos se sintieran a gusto para salir. El lugar favorito de esos ratones era la parte de atrás del sofá, una tela raída que servía de escondrijo. A esa hora los ratones pasaban rápido: les gustaba aparecer especialmente de noche, cuando había menos movimiento, y corrían por la sala enorme y casi vacía, de un lado al otro.

Si la idea fuera verlos de día había que ser más convincente para que salieran del nido. Una bandeja desechable llena de queso sobre la mesa ya sería motivo más que suficiente para que los ratones aparecieran, pero aun así eran discretos y rápidos en lo suyo. Su presencia solo se notaría cuando ya no estuvieran allí, cuando la película de nylon que envolvía la bandeja ya no estuviera en su lugar y los agujeros en el queso denunciaran a los verdaderos dueños de la casa.

Esa era, entonces, la mejor pista: sus compañeros de habitación eran los ratones. Animales que andaban por las alcantarillas, hurgaban la basura, aparecían

en las madrugadas, y que allí, en aquella casa, estaban perfectamente ajustados a una rutina doméstica. Los ratones eran mascotas.

La segunda mejor evidencia de que aquel apodo de sílabas repetidas y diminutivo ya no lograría definir a su dueño fue la siguiente casa. Los días empezaban siempre con un sobresalto, con el teléfono sonando alto. Siempre era un problema, algo que aseguraba como mínimo tres minutos y medio de rezongos al final de la llamada. Podía ser eso o bien una forma callada de decir que era mejor contentarse con aquella vida de mierda.

El siguiente paso era terminar de despertarse e irse a la cocina, donde una o dos cucarachas medianas (y no voladoras) lo esperaban boyando en la olla de la comida hecha hace una semana, bajo el fregadero. Del basurero chico del fregadero desbordaban cáscaras de huevo, pedazos de cebolla y harina, mucha harina, pues lo que más se comía en aquella casa era harina. Allí también había otros animales: incómodas moscas que rondaban el tachito de la basura, atraídas por el olor a podredumbre, además de algunas pequeñas lombrices que se arrastraban por el fregadero de mañana temprano.

Con las cucarachas, las moscas y las lombrices la convivencia no era tan amigable. La primera razón era que no respetaban nada, eran bichos autoritarios que imponían su presencia incluso a la luz del día. La segunda eran las visitas, a quienes siempre alarmaba la aparición de los bichos a la hora del desayuno. Trataba de explicarlo, de echarles la culpa a otros vecinos. Pocas veces funcionaba. Nadie entendía cómo era posible no vivir en la calle, bajo un puente o la marquesina de un comercio, y aun así elegir coexistir con aquellos seres.

La verdad es que todo era posible. Si no hubiera nacido para estar en posición vertical y caminar sobre dos piernas, ese hombre sería exactamente como aquellos ratones. Era su ejercicio diario: andar subrepticamente por la vida, pasando rápido por los caminos para que existiera algún espacio suyo en el mundo de las cosas conocidas. Estaba la boleta de pago del alquiler, siempre pagado en atraso por el olvido; estaba la necesidad de salir un día y comprar un producto para aquellas cucarachas. Pero estaba también su inadaptación a todas las cosas cotidianas, todos esos actos que las personas repiten todos los días de su vida casi sin darse cuenta.

Entonces el hombre era un ratón. Prefería andar subrepticamente por la casa sucia, por las calles sucias y por las mujeres sucias durante el día, todo para poder estar en casa a tiempo de ver la primera telenovela. Cuando llegaba, el ritual era siempre igual: abría la puerta y pisaba el piso de la casa con sus botines sucios y pesados. Se quitaba la camisa, abandonaba el llavero en el aparador, apoyaba el celular en el suelo y se acostaba en el sofá. Desde allí mismo, se fregaba un pie contra el otro hasta descalzarse las botas. Las medias y los vaqueros no se los quitaba.

Unas cuatro horas después, se dormiría en la misma posición en que había llegado. Prefería que el teléfono no sonara —siempre eran problemas— y que

no le echara a perder su momento de soñar, que era cuando estaba frente a la televisión. Con suerte, después de las novelas habría una película de acción, con mucho movimiento y tiros, persecuciones policiales y traiciones. Lo valientes que eran las cucarachas para ser quienes eran a la luz del día, y él allí, realizándose como el ratón, esperando que todos se callaran para vivir frente a la TV. ¡Cómo extrañaba su primera casa! Dios protegiéndolo a la hora de llegar, y qué silencio de segundo piso. El único sonido era el de los ratones andando subrepticamente. Nunca quiso poner un producto, ratonera, envenenar queso, nunca. Entendía a aquellos bichos. Ellos también querían ver televisión de noche, después de un día entero sin existir.

NOCTILUCA

AMartha le gustaban las fiestas. Eso era lo primero que había que saber sobre ella. Los globos no eran necesarios: lo importante era recordar que la vida podía ser algo extraordinario. Se pasaba los días planeando la fiesta de la semana siguiente. Cuando la fiesta empezaba, era hora de pensar en un nuevo pretexto, que podía ser el cumpleaños de alguien o cualquier efeméride, quizás incluso el décimo aniversario de la muerte de su cantante favorito.

Tener un concepto era, según pensaba, lo más importante. Enseñaba así: una fiesta sin concepto no funciona. Si es una feijoada¹, puede ser un bar de mala muerte, todos de sombrero. Si hay brigadeiros², es una fiesta retro, sin dudas. Muchos lunares en la decoración. Martha era el tipo de persona que pensaba en esas cosas que quien no disfruta pensarlas contrata a alguien para que las piense.

El trabajo de Martha era otro. Salía de mañana temprano para tomarse el ómnibus 3657. Siempre tenía que llegar temprano para compensar lo que no tuvo tiempo de hacer el día anterior. Martha ya lo sabía: siempre hay que hacer algún trabajo, la vida nunca nos deja descansar. Solamente el día de la muerte, y aun así solo después de convertirse en difunto, porque hasta morir se puede dar trabajo.

Buscaba pequeñas delicadezas para distraerse del cotidiano que se imponía. En el ómnibus, casi todos los días estaban las mismas personas. La misma sonrisa del cobrador, el mismo "no hay problema" cuando le faltaba cambio. Martha sonreía para amenizar un poco los días, las cuentas que se juntaban sin tregua en el buzón. Y los exámenes periódicos del trabajo, tener que sacar hora para el oftalmólogo, aquel mail para disculparse por no haber ido a la fiesta de la amiga. Tantas cosas que hacer. Veinticuatro horas, ocho de las cuales en el trabajo, y dos más para almorzar y tratar de pagar alguna cuenta en el banco a las corridas. La

¹Plato típico de Brasil, que consiste en un guisado de frijoles con partes del cerdo: pechito, piel, orejas, rabo...

²Bombón de chocolate y leche condensada típico de Brasil.

cola enorme. El embotellamiento, que a la ida y a la vuelta del trabajo consumía casi dos horas. Dormir, seis más (que el sueño de Martha no era nada del otro mundo). Despertarse, bañarse, pasarse un lápiz labial y correr a la parada del ómnibus: una más.

Martha tenía cinco horas para vivir. Al final de un mes, había vivido en paz (claro que no totalmente en paz, porque el jefe siempre llamaba fuera del horario para hablar del trabajo del día siguiente) aproximadamente seis días. Eso cuando el mes tenía treinta días. Con treinta y uno era todo alegría. Y estaban también los febreros.

Por todo ello, las fiestas. Cualquier cosa de nada, happy hour, cine con los amigos, encuentros familiares, todo tenía que estar planeado para que fuera maravilloso. No podía ser bueno. Martha necesitaba una vida extraordinaria, como aquellas enormes tortugas marinas que cruzan la línea entre el agua y el aire para respirar. Quería exactamente aquel asombro de sentirse respirando otra vez, viva.

Viva como el día que Cesar apareció. Como el día que, después de haber hecho el amor, él se puso la mano de ella sobre el pecho. Los dos se quedaron en silencio, con la respiración acelerada, él con el corazón latiendo y ella escuchándolo con la mano. Era muy rápido. Cesar y ella estaban tan vivos en aquel momento.

Solo así Martha renunciaba a planear fiestas. Es que en cuanto llegó, Cesar trajo un libro con una flor seca señalando la página que hablaba sobre las fiestas. Él no sabía aún sobre su creencia en las fiestas como una forma de vivir (¿o lo sabía, en uno de aquellos misterios que no se pueden explicar tan fácilmente?)

En la radio del primer motel que encontraron por el camino (46,90 reales por un período de cinco horas), tocaban todo tipo de música romántica. Por la puerta principal del motel (Cesar y Martha iban en ómnibus) a veces un traficante pedía también una habitación, ya que era menos alevoso que vender en la calle. Subían sonriendo después de retirar la llave en la recepción llena de obras de arte. En la escalera, una escultura barata de una venus blanca, con pintura que imitaba mármol, una decadencia. Y un afiche de cine francés en el corredor que conducía a las habitaciones. ¿Qué chiflado habría decorado el lugar?

Allí no había concepto alguno. Ninguna pirotecnia ni detalle como los que a Martha le era tan importante probar en su cotidiano, en su lucha diaria contra la rutina: un florerito con flores naturales, un carnerito de piedra en la mesa de trabajo. Nada. Cualquier música, el traficante vendiendo drogas en la habitación al lado, el riesgo de un allanamiento de la policía, las esculturas baratas, el embotellamiento que se veía por la ventana, la habitación sin ningún tomacorriente para cargar el celular (solo el del frigobar).

Y Cesar. Que se iba abriendo los botones de la camisa, colgaba la ropa en un perchero, se acostaba en la cama de calzoncillos y decía siempre de la misma manera que Martha estaba linda. Su beso tenía siempre el mismo sabor de aquel

chicle de canela que a él le gustaba (a ella no le gustaba la canela, pero así estaba bien) y el ritmo era lento al principio y después bien rápido. Cuando ambos se quedaban sin respirar, Martha se quitaba el resto de la ropa y se arrojaba sobre Cesar. Todo siempre igual. Y los ojos de él cerrados, sus manos recorriéndole el cuerpo.

Ya no había música. Ya no había traficante vendiendo merca a sesenta reales (y estaba cara). Ya no había bocinas de los autos afuera ni una joven siempre sonriente en la recepción. Y al fin y al cabo, ¿quién tenía tanta necesidad de un tomacorriente en un motel? La fiesta, esa sí, empezaba en un cuerpo y terminaba en el otro. Simple, tan simple, sin invitaciones ni fuegos artificiales para anunciarla.

DE CALLES Y DE PATIOS

Consta en los registros de que se tiene noticia que los patios son el primer ejercicio de amor a las calles. Es allí que los niños ejercen el inalienable derecho a correr libres, ese que vamos olvidando a medida que apagamos las velitas.

Es que los patios tienen algo de infinitos, especialmente para quien es chico. Son enormes y albergan universos enteros: Son un microcosmos del mundo limitado por muros y portones, como lo eran también los feudos y las primeras ciudades. Un patio es el mejor profesor de historia que hay.

Fue en el patio de la casa de mi abuela materna que empecé a amar las calles. De la casa en sí me acuerdo poco; del patio me acuerdo todo. Era un infinito de posibilidades donde vivía Maradona, un perro cuyo nombre estaba efectivamente inspirado en el jugador argentino. Era un perro sin raza, de ojos verdes y pelo dorado, y corría feliz por el espacio grande.

Si lloviera en el patio, llovería en mí también. Era bueno saberlo (aunque no pensara en ello en esa época). Allá había aún restos de la vida cotidiana que no cabían dentro de la casa. Una matrícula de auto antigua. Algunos libros. Las cartas de la novia de mi tío, los diarios de ella guardados por allá. Su noviazgo era a escondidas, la familia de ella no lo permitía, y nunca me olvidé de que quizás hayan sido los suyos los primeros versos de amor que conocí. En aquellas páginas, ella, una adolescente, hablaba de las ganas de gritar a voz en cuello el nombre de mi tío, para que todos supieran sobre su sentimiento. Nunca lo olvidaré.

Fue en aquel patio también donde me saqué una de las fotos que más me van a gustar en toda mi vida: yo con un año de edad, sonriendo y corriendo de la cámara, de pañales y zapatitos. La alegría que solo la libertad nos da.

Esa es la razón por la cual el patio fue un ensayo para amar las calles. Que me perdonen los defensores de los departamentos, con vecinos que una nunca ve y encima se siente incómoda al encontrarlos en el ascensor. Que me perdone la gente de la reunión de propietarios, del gas por cañería, de la basura recogida a las cuatro.

Yo misma viví siempre en departamentos, pero tuve esa alegría, que fue pasar los domingos jugando en el patio de mi abuela. Fue allí que descubrí (y no en el calorcito del interior) que la vida es buena, sí, y con un poquito de distracción es aún mejor. Nos protegemos demasiado: paraguas para la lluvia y filtro solar para el día de sol.

En el patio, así como en la calle, todo puede ocurrir, y la gracia está precisamente ahí: las narrativas no son lineales. Otras historias se cruzan con las nuestras, que se pueden inventar como bien queramos. El muro blanco puede ser pintado con "No te me vas a escapar, Joyce!", como vi el otro día. O lo contrario: el piso de la facultad de derecho puede recibir una declaración de amor. En la calle o en el patio, todo son posibilidades, colores que los ojos nunca vieron, ganas de quedarse hasta más tarde.

FLAGELO

Cuando Joel se fue, la joven dejó de lavarse durante tres días. Como estaba de licencia del trabajo y vivía sola, nadie le preguntó nada, nadie la miró con desaprobación mientras pasaba, nadie le reclamó. La joven hedía. No tenía nombre porque podía ser cualquier joven, de esas que pasan abrazando la cartera con miedo de los ladrones.

Joel se fue después de Navidad, que es cuando quien no aguanta más finalmente se las toma: de tanto verde y rojo y de tanto escuchar Noche de Paz, después de Navidad no hay quién soporte lo que no quiere.

La joven, otra vez. Le crecieron las uñas de los pies, los pelos de las piernas, las cejas. Dejó de peinarse. Después de tres días sin lavarse tenía otro aspecto. La ropa estaba manchada con el color de las comidas con las cuales se alimentaba solo para seguir existiendo: un poco de rojo de la salsa de los fideos, el marrón de la salsa de soya de la ensalada. Aún sentía gusto, aún respiraba, tomaba agua, meaba, cagaba y dormía. La joven existía aún, contra su propia voluntad.

Tras cinco días, ya parecía un bicho, que era su deseo más íntimo después de que Joel se fue. Si se le preguntara a la joven cuál era su intención con todo aquello, quizás solo respondiera:

—Convertirme en bicho.

De hecho, olvidar haber sido humana sería una gran solución para diversas cuestiones existenciales. La joven quería más: soñaba con una vida de Mogli, el niño lobo de los dibujitos. Si la hubieran criado en un bosque, lograría su intento de convertirse en bicho (o casi) sin tanto esfuerzo. Tenía que mirarse las cutículas de las uñas creciendo y no desear salir corriendo a la manicura, olvidarse del asco que sentía a veces por su propio olor en la mesa.

Quedó árida. Los pelos de la vagina, antes cortados al modo de la mayoría de las jóvenes de la época, crecían desgobernados. Las piernas estaban peludas.

Tiró sus perfumes franceses por el caño del baño privado, uno por uno. Junto las prendas de lencería tan caras, reservadas para momentos especiales, en una bolsa del supermercado y las puso junto con la basura del baño en el corredor del edificio.

Estaba muy cerca de su intento cuando el teléfono sonó. No era Joel. Ni ella esperaba que fuera Joel. Ni siquiera quería que alguien se acordase de ella, pero una semana después de desaparecer del mundo, atendió la llamada.

—¿Antonia?

—Hola.

—Soy yo, Joel.

—Ya sé.

—Te llamo porque estoy en la portería y estoy subiendo.

Joel entró, como siempre: Se quitó los zapatos, los dejó junto a la puerta, pasó y se sentó en el sofá. Miró alrededor, como solía hacer (era muy observador), pero sobre Antonia no preguntó nada. Ella se quedó quieta, de pie, esperando oír lo que Joel tenía para decirle. ¿Y fin de año, y los amigos, y la playa adonde iban a ir el primero?

—El año me atropelló, Joel.

—Tú realmente no quieres abandonar esas creencias inútiles de tu madre, ¿no?

—Un año se terminó y el otro empezó y yo estaba durmiendo.

—Antonia, no es sobre fin de año sobre lo que te vine a hablar. ¿Y nosotros?

— ...

—¿Qué te pasó?

—Tú.

Eran las tres de la mañana y Antonia dormía. Hasta roncaba. En el suelo, la ropa tirada: El short y la blusa al revés, las bragas. La toalla mojada sobre el sillón del dormitorio. Y el aroma de anís del jabón.

La ventana abierta, la cortina moviéndose con el viento del decimosexto piso. Y Antonia durmiendo, imperturbable.

Antes había sido el baño, pero lo que parecía era que Antonia estaba lavando el mundo. Nació efectivamente cuando cerró la ducha. Envuelta en la toalla, buscó una tijerita para cortarse las uñas de los pies. Se sentó en la cama para hacerlo. Enseguida, entró a la bañera otra vez, se pasó un acondicionador en las piernas antes de afeitarse. Se cortó un poco y hasta le pareció bueno. Se pasó el dedo para estancar la sangre y después se lo chupó.

Rojo. A esa hora Antonia ya olía a anís. Ya tenía nombre otra vez. Pero el teléfono ya no iba a sonar: el cable no tenía conexión con la pared. Nada más del misterio telefónico: no saber nada sobre el otro lado de la línea, aquel número en

las agendas de tanta gente, las operadoras de telemarketing queriendo ofrecer seguro de vida tarjeta de crédito jubilación privada, queriendo ofrecer cualquier pavada.

La otra molestia no llegaría más allá de la portería. Esa parte fue le dio un poco más de trabajo a quien lo único que hizo fue arrancar el cable de la pared. Exigió:

1. Ir hasta la cocina.
2. Levantar el intercomunicador de la horquilla.
3. Esperar que el portero atendiera.
4. Hablar.

Y decirle al portero de la noche:

—Mira, ese muchacho, Joel, ya no sube aquí.

CIVILIZACIONES ÁGRAFAS

escribo

porque el 476 d.C.

los turcos otomanos tomaron Constantinopla

y terminaron con el Imperio Romano

y porque la Peste Negra casi extinguió a los europeos de la faz de la tierra y

porque el río Mississippi es el mismo río que corre donde nací

y porque Egipto es un regalo del Nilo

escribo

porque Abraham Lincoln y Tupac Amaru

existieron y tengo claras pruebas de ello

y porque Bartolomeu Dias cruzó el Cabo de las

Tormentas para que Portugal fuera feliz

y porque Vasco da Gama entregó una carta de don Manuel I de

Portugal al Zamorín de Calicut explicándole todo

y porque en 1492 América fue

encontrada ante todo

porque el hombre inventó la escritura y el alfabeto latino

escribo

porque Dylan Thomas cantaba sus salmos al

hombre de la misma manera que el gran rey Salomón

cantaba los suyos a Dios

porque cuando nací

no había fecha importante que celebrar

excepto el día anterior a cuando la Bastilla cayó

y porque el Chad es el corazón muerto del África

y porque Dios inventó a Einstein

para que Einstein inventara a Dios

escribo

porque los Árabes colonizaron

a una Europa arrogante y miserable

pagana como las llamas de la Santa Inquisición

y porque San Agustín era virtuoso
 y porque Mauricio de Nassau trajo a Franz Post a la Nueva
 Holanda y Nicolas Poussin pintó un lienzo llamado
 La plaga en Ashdod en el año de 1630
 y porque miles de esclavos fueron traídos
 del África encadenados en los navíos mercantes
 y porque Castro Alves escribió Vozes D'África en lengua portuguesa

escribo
 porque hoy es lunes
 y mañana voy a encontrarla de nuevo
 y ver su sonrisa más linda que la faz de la primavera en los prados
 y por eso ella estará siempre conmigo con el cielo verde en sus
 ojos y porque descubrí que una parte de ella es verdad
 y la otra la escribí yo mismo
 y porque quiero visitar Bolivia y Venezuela
 y porque los indios en el continente americano están amenazados de extinción

escribo
 para vengarme del Tratado de Tordesillas y de la chusma de cuatrocientos
 [desterrados
 y para responderle a la Carta del Descubrimiento
 a los diarios de Hernán Cortés, Francisco Pizarro y Cabeza de
 Vaca y porque Cristóbal Colón llegó hasta aquí
 y porque Adán y Eva fueron expulsados del Edén —como yo—

escribo
 porque el fin del verbo es el fin del mundo

LA CASA PATERNA

en la casa paterna cada puerta es un laberinto (son veintiuna en total)
 y todas se me abren y me ajenjo en recuerdos batallas en que quedé en
 silencio tragedias pérdidas mañanas sueños aromas higos mereyes

aunque sea de adobe —como las casas de Nuevo México— es sobrenatural
 la casa: he aquí el gran pasillo
 que conduce al misterio, donde duermen las memorias de los tiempos
 bélicos y por eso la casa es una fortaleza más inútil para defenderme de ella y
 de su metafísica en el sótano —profundo y duro como la materia del tiempo
 la noche está hecha de vientos, escorpiones e idiomas ajenos y allí espectros
 habitan las piezas donde vivían esclavos

todo se mueve sin que se mueva
 todo es invisible y tenaz como el acero de una espada y donde siempre soy
 sin nunca haber sido ese muro blanco alrededor del inmenso patio tan alto
 como las nubes y ya no puedo escaparme el viejo cocotero desafía la brisa y a
 los sabiás de Gonçalves Dias en los nidos y ese viejo jardín de mitos y lavanda y
 jazmines y hallazgos
 —donde hay yazgos}

repentinamente otros yos que pensaba muertos resucitan como fantasmas
 como Lázaro al salir de la sepultura

así sigo: yo dentro de la casa y la casa dentro de mí estoy seguro de que
 jamás saldré de aquí vivo

CAQUIS

ahora que conozco el sol sobre mi piel
 hay que volver a la sombra del gran árbol
 por el bien de las frutas en el patio
 por lo dulce de las peras
 por lo amarillo de los membrillos por el rojo de los caquis
 por los mereyes amarillos y rojos por el bien del vino en las pitangas y de
 [las hormigas nutriéndose de las hojas
 por la sanidad de los nidos que el rocío acaricia

antes eran sus lunas ahogadas en los riachuelos de la
 noche y lechuzas revoloteando por los prados
 dibujando árboles bichos nombres sueños
 antes era el laúd que yo punteaba
 como puntea el viento un arbusto en la sierra
 en un atardecer soleado de diciembre

ahora que ya me conozco es necesario que me olvide

GLOSARIO

contra el polvo del que estoy hecho, solo valen las palabras
 solo ellas me labran con sus arados inexistentes y
 abren surcos en la carne donde habito y de la que estoy

me como las palabras como la tierra se come la semilla nueva
 y defeca la hierba el humus la estepa rastrera y el mango rosa dulce mango
 [espada contra el ejército de la realidad
 solamente las palabras lanzan fuego sobre mi superficie

¿serán orquídeas salvajes envenenadas de tiempo y
 perfume? ¿serán embarcaciones donde navegan la metafísica y
 los instantes? ¿son las palabras de lirios o delirios?
 ¿o están las palabras hechas de lo mismo que las piedras?

contra el polvo del que estoy hecho, solo valen las palabras

oigo las palabras enmarañando el cabello al viento
 y el viento conversando con los campos en lo alto de la
 noche con sus palabras de aire
 hay un diálogo entre el viento y los campos y solo yo
 sé y solo yo oigo porque solo yo hablo su lengua

veo pájaros volando dentro del viento como si fueran un
 trozo del mismo viento tornado materia y plumas

solo las palabras siembran vida sobre mis campos
 solo las palabras siembran vida sobre mí.

MI ÚLTIMA ENCARNACIÓN

De mi encuentro con Rimbaud en el infierno

En el curso de toda mi vida, fui siempre mi peor enemigo. Me gastaba bromas de mal gusto, desafinaba el piano de mi espíritu hasta que reventaran las cuerdas y después tocaba tecla por tecla: me gustaba oírlas partiendo los cristales del firmamento.

Todo lo transformo en lanza y me la clavo en el pecho. Me espero en las noches serenas de luna en uno de aquellos caserones, sentado, con la paciencia de un asesino. Oigo mis pasos como estrellato de estrellas en el cielo y acercándose. Les amordazo el brillo con mi silencio y cuando llega el momento de la felicidad salto de la oscuridad detrás del muro y me apuñalo doscientas veces.

Nunca me permito una sola estrella en mi vida. Si sé sobre alguna, parto de mí en una expedición y no vuelvo hasta ahorcarla en lo alto de una colina para que todos la vean. La vida brilla sola y sin mí.

Tirado en la cama y en noches que inventaba, me tragaba la oscuridad con los dientes para encontrar la almohada perdida entre vestigios del pretérito y las rendijas de otras cosas que pensar. Después. Mientras entretenía la vida con mil trucos que juzgaba infalibles, les daba coñac y vino, cobre para que festejara con todos e hiciera de todos felices. La entorpecía de todas las formas posibles. Pobre de mí, solo me entorpecía a mí mismo.

Después de su muerte, que celebré con trompetas y clarines que bajaron del cielo, recibí dos cartas firmadas por ella. Ah, ¿por qué? Era ella. De nuevo. Furiosa. La que se murió moribunda, estirada en el suelo del olvido, no fue la vida, había sido otra persona.

Son míos esos gritos que resuenan desde el calabozo. Es allá donde las cucarachas y todos los insectos me hacen recordar de lo que estoy hecho. Ya no me reconozco los brazos y las manos y las piernas. Todos roídos y en carne viva. ¡Luz! ¡Luz! ¡Luz! ¡Por Dios, luz! No esa lámpara de 60 W que me mira desde el techo. Todo lo que quería era ser como el sol: tener luz propia.

Mañana es sábado. Voy a salir y caminar por las calles para buscar los pedazos de mí que arrojé a los perros.

Quiero escurrirme al Hemisferio Norte para ver desde arriba cómo es la vida aquí abajo. Exploré cada meridiano, cada paralelo en busca de las coordenadas del cielo. Debe de haber alguna puerta secreta, una rendija.

Si el amor no estuviera tan lejos, si no viviera del otro lado de la isla, todo sería tan simple. Es de allá de donde vienen esos tambores que resuenan todas las noches, como que anunciándonos. El amigo de los reptiles, de los anfibios y de todo lo que se arrastra y no deja rastros.

Escribo con la tinta del silencio de las caricias muertas.

Todo lo que toco se prende fuego. ¡Qué manos, estas! Ah, siempre yo. Tengo que escaparme de mí. Huir al Mar de la Tranquilidad. Un cráter tranquilo y sin ningún tipo de gravedad. Navegar como un asteroide por el universo de tu cuerpo. Necesito la salida. ¡Pero la única salida soy yo! Qué espíritu pobre el mío. Soy un nordestino común. Soy de raza inferior.

Por ahora me basta el refugio de esta taberna. Me siento en una mesa en el rincón y dejo que el vino de mi copa desborde hasta la mesa de los canallas y de toda la chusma que orna el lugar hediento. La timba empieza temprano. Como no tengo una moneda partida al medio, empeño la vida de quien la da por mí. En la baraja humana no se repiten cartas, solo palos. Por eso somos solos, en el fondo. No hay fondos. Ruedan dados, giran ruletas, hacen apuestas y la vida se hace entonces. A veces me siento un as en las manos de un jugador. A veces siento otra baraja en mis manos y que una depende de la otra. Lance por lance. Juego por juego.

Toda victoria es siempre colectiva. La derrota no.

Aunque conociera bien todas las estaciones de trenes del mundo, no conocería ni un tercio de la pieza donde duermo. Donde vivo. Es mejor errar. Errando y errando me voy encontrando y destruyendo poco a poco. No quiero legar a nadie esas hojarascas de las que estoy hecho. Debería haber nacido en la primavera, cuando las flores llenan los campos con todos los tonos de mariposas: amarillas, azules, lilas. Pero no. Nací cuando las hojas caían al suelo como una lluvia de oscuridad. Cuando los árboles envejecían hasta casi la muerte. ¡Ah, el otoño!

Voy a necesitar muchas otras vidas para corregir todos los errores que construí en esta. ¡Qué desastre! Nada en mí tiene sentido. Nada que venga de mí logra decir nada. La nada se encarnó en mí. Lo que sé es que me falta algún querer, alguna pieza, algún brío. No sé cómo vivir. Qué alma la mía.

¡Perdónenme quienes me escuchan! ¡Perdónenme todos los que agonizan en los umbrales de la vida! ¡Perdónenme los que sufren callados donde ni siquiera se puede imaginar! ¡Me humillo ante todos ustedes e imploro vuestro perdón! ¡Recen por esta pobre alma que envenenó la misma existencia! ¡Sáquenme de aquí! ¡Líbrneme de estas cadenas pesadas de culpa! De estas argollas de miedo que me rodean las muñecas. Soy cautivo de mí. Todo será en vano. Este vicio por la piedad es un legado de esa serpiente en forma de sangre que se desliza por mis venas. Fui el elegido para la Tragedia de la Eternidad. Después de vivo, nadie más muere.

¡El mundo sufre por mi culpa!

Hay tanta gente guardada aquí dentro que todo lo que no soy yo no me interesa. Le tengo desprecio. Esto que se puede ver es solo su espejo.

Esta iglesia me recuerda mi infancia. Cualquier iglesia me recuerda mi infancia. ¡Uno nunca se olvida de quien nos hace polvo! ¡Ah, la infancia! Qué buenas son las primeras horas de la vida antes de que la oscuridad salga detrás del sol. A Iglesia arruinó los evangelios. La Iglesia es la bestia. Va a invadir el siglo con la misma sotana sucia. ¡Fue por su causa que vine aquí! Pobre de Jesús, que tiene sus palabras en la boca de aquella chusma. Traigan la Iglesia al infierno y quémennla con una cruz de madera en la frente como en los tribunales del Santo Oficio. Déjenla con la marca del pecado. ¡Ah, la herejía!

Yo nací para protestar, pero no soy protestante. Qué lengua me di. Una manía de escupirlo todo.

El lodo ya me llega hasta la boca. ¡Necesito rezar!

¡De este lado de la cama hay más posibilidades de claridad! Los ojos se me están poniendo demasiado viejos para ver algo. Esparcen sobre todo una pátina

de polvo y olvido que me aterrorizan. ¡Ah, el miedo! ¡Otra vez el miedo! ¿De dónde salió eso? ¿De dónde vino?

Como te decía, mi infancia enriqueció a mucha gente. Antes de nacer yo no quería nacer. Entonces me mandaron. Nací enfermo. Tenía un dormitorio con tonos medievales donde me gustaba quedarme lejos de las garras de la luz. Me despertaban de mi sueño en el medio de la noche. ¡Oía susurros, miedos! ¡Era todo lo que oía! Rumores de muerte. Antes de conocer la vida ya me cansaba de la muerte. Nunca hicimos las paces. El sueño de mi vida se evaporó con el paso de los años y se convirtió en un día triste de invierno.

¡Me dan asco todos los poetas del mundo! ¡Qué raza de serpientes! ¡Asumid vuestra carga de culpa! ¡El infierno festeja los rumores de vuestra llegada! Odio a todos los que escriben mejor que yo. Odio a todos los escritores célebres de la literatura enzarzándose como caníbales hambrientos en el silencio de un restaurante francés.

¡Todo lo que siempre quise fue ser célebre por toda la eternidad! Trazar una de esas obras que apagan el tiempo como un cigarrillo encendido. ¿Pero quién soy yo? Aquí estoy.

El infierno es todo lo que no puedo.

Me dan asco todos los que piensan y no viven antes. ¡Todos los que le tienen miedo a la vida! Todos esos que no saben ni quieren amar por tener miedo a perder un brazo, un riñón. Evapórense. Desaparezcan. Vosotros hacéis todo más sombrío. Tened pena de vosotros mismos pues nadie más la podrá tener. ¡Hagan cola, pobres de espíritu! ¡Almas mezquinas! ¡Réptiles! ¡Dípteros! ¡Qué inferiores son los animales que se arrastran! ¡Hagan cola porque el infierno os espera con hambre!

Y yo que amé tanto y nunca amé a nadie y nunca me amaron porque nunca me amé. A la negrura de esta rosa se le da el nombre de soledad. Es eso lo que me resta, el último pájaro. El paladar amargo en la boca del cielo. El frío río de la noche me busca y me encuentra muerto, sin peces, caído al borde del precipicio. Envenenado. ¡Oh, hermanos de debajo de la tierra! ¡Oh, criaturas mediocres que tejéis arrullos para vuestra debilidad! ¡Qué tristeza la vuestra! ¡Mostrad vuestros rostros al firmamento! ¡Empuñen sus armas! ¡La vida os espera! Saludemos las aves del cielo, las aves palabras. ¡Saludémoslas a todas! ¡Tráiganme un té de plumas! Un ácido que disuelva todos los metales que tengo en la garganta.

No quiero usar el suelo para caminar.

Quisiera hablar más de mi infancia, desde mi principio hasta mi fin. Me gustaba subir la sierra echada al fondo de mi casa y sentir el viento leyendo sus

cartas extrañas mientras el sol manso abrazaba las flores silvestres con la palma de sus colores. Era el señor de todos los prados floridos del mundo. Era bello e inquieto. Un día vino un hombre y abrió un paraguas sobre mí. Todo cambió.

Antes de eso, me gustaba sentarme en el banco de nubes de la iglesia y mirar las imágenes de los santos con sus expresiones de horror, de martirio. Las memoricé una por una. San Pedro, el serio. San José, el compañero. Santa María, la dulce. Me volví todos. Quería serlos. ¡Ay de mí, me volví sus sombras! ¡Ah, yo quería ser santo! Tener mi imagen en un altar de una iglesia como la basílica del Vaticano. Ver mis milagros pintados por Raffaello Sanzio, todos los renacentistas. Quería ver una misa donde los curas leyeran mis evangelios y cantaran himnos en latín clásico. Uno por uno. Que cantasen mis salmos como los de David. ¡Yo quería ser Salomón! El yo es el fin de todo.

En otros momentos huía de todo. Corría lejos. ¡Bien cerca de la lujuria! Abría todas las botellas de la lujuria y me las servía a tragos dobles.

Me gustaba pasar por caminos que no existían para llegar a lugares reales. Hacía de las puertas oscuras mi entrada principal. Pero mi vida venía tras mis huellas. Escondida en mi sombra. La vida lo sabía todo. La vida nunca se equivoca con sus batidores.

¡Tengo que confesarme con un cura! ¡No, con un obispo! ¡No, con un cardenal! ¡No, con el papa! No, Dios es mejor. Dios no me hace preguntas. Adiós.

Iré al desierto del Sinaí, como Moisés. Me quitaré las alpargatas de los pies inmundos. De rodillas pediré perdón por todas las encarnaciones de odio y pequeñez que he tenido. Todas las impurezas que insistí en atar a mí. La locura, los delirios, todo. Diré que quiero una vida nueva y simple, de las que solo quiere una buena madre para sus hijos y unas monedas de oro para que dure eternamente. ¡Pero quiero ser la encarnación de la belleza! Ah, la vanidad, mi mayor desgracia. Me quitaré pieza por pieza esta armadura que tengo puesta. Me quedaré desnudo ante el Señor. Desnudo como fui creado. Nunca. Después de podrido, uno se queda pobre. Dios sabe más sobre mí que yo sobre él.

Me voy a quedar aquí, mirando el mundo por los ojos de la ventana de mi cuarto, encogido. Lo que hay en el universo soy yo. El resto no existe. Todo lo que veo de perfecto es imperfección de mis ojos.

Es por eso que estoy aquí.

FACTOR RH

(*Memorial dos mediocres (Memorial de los mediocres)*). Ed. Casa de Palavras, Salvador, 2002)

406

Ya has dejado de salir con varias muchachas que querían porque no tenías ni un céntimo en el bolsillo, para la cerveza y para el motel, para las palomitas o para el cine, para el carnaval o el huevo de pascua. Ya pasaste de los treinta y cinco y ya abandonaste todos tus ideales, sueños, planes, proyectos de vida, y estás cansado de pasar vergüenza con el corazón apretado cuando oyes el ruido del vehículo de la compañía de energía parando ante tu puerta. Te cansaste de ser distinto, de pensar distinto, de oír música distinta, y ahora sientes una gran necesidad de ser igual a todo el mundo. Estás exhausto de sentirte un inútil al oír aquella musiquita del Vídeo Show¹ sabiendo que a esa hora todos debían de estar rebuscándose, descoyuntándose, echando los bofes. Estás cansado, realmente muy cansado de malvender todos tus aparatos electrónicos comprados con sacrificio para pagar las cuentas del teléfono bloqueado, y necesitas con urgencia cualquier cosa que puedas llamar empleo, esposa, familia, casa. Hoy quieres un simple techo, cumpleaños de niño feo, suegra malhumorada hasta las tripas como decía tu padre, y quieres librarte de cualquier cuestionamiento existencial al final del día y en las noches de navidad. Y aun cansado de escudriñar los clasificados del domingo, de participar en dinámicas de grupo sin sentido, de seguir las consabidas reglas para hacer el currículum perfecto, de oír a los supuestos especialistas en RH explicando cómo comportarse en una entrevista, no te das por vencido, quieres reingresar al juego. Entonces te pones un CV bajo el brazo y enfrentas estoicamente la cara antipática de las secretarías de las agencias de empleo y la mala sangre explícita de las recepcionistas que miran —cuando lo miran— el papel donde está tu vida profesional resumida, reducida, retorcida. Y cuando llega el Gran Día, el día en que todo va a empezar a cambiar, el día en que un dios finalmente va a querer, el día en que vas a volver a tener que tomarte dos, tres omnibuses de rally, inmundos, polvorientos, y vas a volver a tener recibo de sueldo, vale para el transporte, tarjeta que marcar, ticket para el almuerzo, taquicardia. El Gran Día tan esperado llegó realmente y haces todo a la perfección: te despiertas tempranito, te afeitas, te pones una de las últimas (únicas) prendas decentes, te pones el calzoncillo que siempre te da suerte, ensayas por el camino las respuestas que el supuesto especialista enseñó, y vas deseando no encontrar

¹Programa televisivo tradicional que transmite la Rede Globo a las dos de la tarde. Trata sobre variedades relacionadas con la programación de la emisora.

a nadie conocido por el camino que te dé mala suerte —una ex novia sería lo último—, y sabes que es una pavada, pero tu cuadro está mal en el campeonato y eso te influye dejándote medio cabizbajo, con una cara tristona de rueda pinchada, pero no te entregas. Y aun sabiendo lo que significa tener la mentada buena apariencia de los anuncios, llegas media hora antes de la entrevista y en la sala de espera todo el mundo está muy desconfiado, todos evaluándose, tratando de adivinar quién tiene más posibilidades de conseguir el puesto, el único puesto, por la ropa, por el aire inteligente, por los muslos generosos. Te dejan esperando durante una, dos, ocho horas en una angustia igual a la de un condenado a la solitaria y cuando te has olvidado de las respuestas que tenías que dar y de la cara que tenías que poner, te llaman para que entres en la sala y el gerente apenas te mira, te hace un montón de preguntas que el especialista no previó y atiende el celular a cada instante y encima sale de la sala dejándote más solo que hijo único jugando a los palitos chinos. Tú allí, firme, fingiendo una bondad servil, una naturalidad cómoda y presintiendo que hay algo fuera de lugar, que te están descartando otra vez, y sabes que lo único que resta por hacer de allí en más es recordar que la suela de tus únicos zapatos está desvencijada como también decía tu padre, y notar en los ojos del entrevistador que él tiene el poder divino de decidir si tu vida va a cambiar para menos mal o si va a seguir barranca abajo. Y pasas a rezar en silencio para no ver un pulgar apuntando hacia abajo ante ti ni oír nuevamente aquel que sería el santo y seña siniestro de un desastre anunciado. Pero de nada sirve. Tienes que oír resignado tu sentencia: “Tenemos su currículum. Si hay algo lo llamamos”. Pero tú sabes que no te van a llamar, porque tu nombre es figurita repetida en los servicios de informes sobre malos pagadores y eso hace ya tanto tiempo que no te acuerdas bien si estás desocupado porque estás moroso o si estás moroso porque estás desocupado. Y todo está perdido entonces para siempre hasta el próximo domingo, día de la sección de empleos. Tu equipo juega de visitante. Un partido difícil.

FACTOR RH – PARTE II

(Memorial dos mediocres (Memorial de los mediocres). Ed. Casa de Palavras, Salvador, 2002)

Una mañana entera analizando y destruyendo pilas de currículos, entrevistando manadas de gente y este último pobre diablo delante de mí. Yo debería haber hecho mi MBA con énfasis en otra área, ahora es tarde. Arla me dijo el otro día que yo debía conseguirme otra actividad, que me estaba empalagando con todo el poder que tenía sobre las personas, que el poder —cualquier tipo de poder— envicia, y que aún no habían inventado las clínicas de recuperación para poderosos solitario-paranoicos o algo parecido. Cuando Arla tiene esos

vislumbres, siempre me hace pensar un poco. Qué bueno. Tener una mujer que tiene vislumbres y que te induce a algún tipo de filosofía. Aunque sea sin querer. Aunque sea barata. Una convivencia de años con Arla y no me he acostumbrado a su nombre mutilado. Toda vez que lo pronuncio pienso que soy gangoso. Arla, Arla, Arla. Qué cosa extraña. Y encima debía empezar con hache. A su padre le impresionó lo que oyó decir sobre el Halley de 1910. Harla, femenino de Halley. Cuánta ignorancia. El desvalido sigue aquí, visiblemente nervioso. Tose, tartamudea. Parece que tiene el paladar atiborrado de harina láctea. Atropella las palabras, frases enteras, la gramática. Tengo la nítida impresión de que, en cualquier instante, me va a pedir perdón por haber nacido. Eso me impulsa a querer atropellarlo también a fin de abreviar toda esa vergüenza. Estoy tenso como él, pero yo puedo. Hay un silencio purulento que nos molesta, que nos ecualiza. Evalúo su currículum arrugado, mal tipeado. Descontando la antipatía que ambos me despiertan, es razonable. Está bastante afeitado. Tiene puestos, por lo que parece, los últimos vestigios de una vida menos indigente, del tiempo en que eructaba poderes porque tenía un empleo. Pero cambiaron los vientos y ahora está aquí, haciéndome difícil el final de la mañana,apestándome la sala con su servilismo melancólico. Siento en él una envidia encarnizada. Me mira el reloj, la marca de la camisa, el celular. La laptop y la corbata lo oprimen. Tengo que actuar rápido. Le disparo: "¿Cuáles son sus objetivos en nuestra organización?". Él recibe la pregunta como un profundo codazo en el ojo. Se tambalea. Parece mareado, busca las cuerdas. Respira hondo, razona con lentitud. Un download torpe. Miro el visor del celular. Casi las once y media y nada de Rossana. Llámame, mi amor. Llámame, cielito. Llámame, ricura. Llámame, mierda, llámame. ¿Será posible que: a) no llame después de una cena así? b) haya notado mi leve tic en la mano izquierda? c) sea realmente todo lo que parece? d) valga tanta inversión? Creo que sí. Al principio, siempre lo valen. El pelmazo responde algo inaprovechable. No era lo que yo quería oír. Se está complicando solo. Recuerdo que todavía no hice las reservas de las entradas que Arla me pidió. No la extraño como antes. No hay más aquello que me sofocaba alegremente: una intensa falta de Arla. Tengo que resolverlo también. Antes, tengo que barrer hacia afuera este equívoco biológico. Creo que voy a endilgárselo a doña Celeste. Que ella se las arregle. Ni sé para qué lo llamamos. El puesto ya tenía dueño. O más bien, dueña. Muy interesante, por cierto. Mejor no mirarla mucho. Malu es medio bruja. Lo capta todo incluso antes de que las cosas vuelen por el aire. Tantos currículos para analizar, tan poco tiempo para pensar en Rossana-Arla-Malu (hubo una época en que el orden era Arla-Malu-Rossana) y ahora encima este. No puedo perder el hilo. Concentración: "¿Cuánto le parece que merece ganar?" Es una trampa. Él presiente el peligro y se contradice. Está más mareado. Titubea. Hay un cóctel repulsivo en sus ojos: miedo, envidia, resentimiento y mentira acondicionados en despojos de hombre. Mi celular parece querer vibrar. Yo estoy queriendo vibrar junto a él para oír nuevamente aquella voz, dios mío, aquella voz. Rossana, tesoro, ¿vamos a salir hoy?

Vamos al peluquero, vamos a la Feria de la Mujer, vamos a hacer las compras del supermercado, vamos a la promoción de las Americanas², vamos a un hogar de ancianos, lo que quieras, mi vida. Rossana, Rossana. Un nombre así me excita hasta cuando me acuerdo del entierro de mi abuela. Un entierro colorido, frugal, regado por una lluvia purificadora. Un barro vivo de tonos alegres revuelto por sepultureros graves, de uniformes azules, que parecían estar muy conscientes de su oficio metafísico. Pero el celular no vibra. Mi paciente moribundo, todavía menos. Decaído, da otra respuesta equivocada. A esta altura, solo Yo puedo darle una sobrevida. Si al menos fuera mi pariente o hubiera sido indicado por una ex amante, un compañero de facultad, un edil de parda eminencia. Ahí quizás yo pudiera resucitarlo. Su situación se agrava. Septicemia a la vista. En la última jeringa de antibiótico intravenoso vislumbro una eutanasia: “¿Si estuviera usted en mi lugar, se contrataría?”. Y entonces, en una conmoción violenta, oigo lo que más quería. La más bonita de todas las avemarías. ¡El celular, al fin! Sonamos y vibramos juntos, como padre e hijo a la hora de un gol sufrido, ya en los descuentos. Ni pido permiso. ¿A quién? Es ella, es ella. Autocontrol, necesito enormemente tenerlo ahora. Atiendo, pero me quedo en silencio. Un breve delay de los reportajes en vivo:

“¿Hola, hola?”

“Hola, dime. Qué sorpresa. ¿Todo bien contigo?”

“Sí, sí. ¿Y bien, tu propuesta todavía está en pie?”

Pienso en decirle “no solo la propuesta”, pero respondo solamente:

“Lo está. ¿Podemos vernos hoy mismo?”

“No sé, creo que sí. Llámame más tarde. ¿Me llamas?”

“Claro, claro. No hay problema. Llamo, sí.”

“Te tomo la palabra, ¿eh? Un beso.”

“Hasta luego, entonces.”

¡Ay, Rossana, Rossana! Mira cómo me dejas, ¡mira! ¡Frótame aquí, mi amor, frótame! ¿Y el teatro con Arla? ¿Y la conversación seria con Malu? Realmente necesito más tiempo para organizarme. Vuelvo a mi asiento, pero ya no estoy aquí. Me extraña el monigote porfiado, aterido. Su miedo es repugnante, pero estoy tan feliz, feliz, feliz que me dan ganas de sonreírle, de llamarlo mi amigo, de contarle cosas de mi vida, de pedirle que repita Arla, Arla, Arla, de hablarle sobre el entierro de mi abuela. Contengo el breve delirio a tiempo. Rossana me llamó y nada más tiene sentido. Con grandes dificultades domino la euforia, la erección. El celular suena-vibra nuevamente. No vibro. No atiendo. Es Malu. Realmente tenemos que conversar pero no hoy. Estoy casi solo, pero todavía oigo un “sí” disonante, contundiendo el aire. “¿Sí qué, mi amigo?”, yo, hirsuto.

²Conocida tienda de departamentos.

“Lo que usted me preguntó antes de salir. Sí, yo me contrataría.” Ahora solo falta encargar la lápida. RIP. El hombre es todo él una gangrena, no se puede hacer nada. Después de la llamada de Rossana yo estaba pensando en indicarlo a otra empresa, quizás tuvieran un puesto. Pero aquello no fue una respuesta. Fue una confirmación de defunción. Utilizo el estándar para esos casos perdidos: “Muy bien. Tenemos su currículo. Si hay algo entramos en contacto. Buena suerte.” Mi “buena suerte” suena tan falso que casi me da vergüenza. El obstáculo agradece y sale, boyando. Uno menos. Tranco la puerta. Asepsia. Estoy tan feliz, feliz. Rossana va a salir conmigo. Arla me hizo pensar un poco. Solo Malu está medio pesadita, pero después lo resuelvo. Sé muy bien lo que quiere ella: cazzo. Todavía tengo un montón de currículum de pordiosero para terminar. Una plaga. Parecen gremlins reproduciéndose en progresión geométrica, volviéndome la vida un infierno. Sirven para usar para notas, aprovechar los sobres. Yo debería haber hecho mi MBA con énfasis en otra área. Arla, Arla, Arla.

REBOTE

(82, *uma copa, quinze histórias* (82, *un mundial, quince historias*). Antología, 2013. Ed. Casarão do Verbo)

1

A las diez y media de la mañana, el pito del juez nos dio una condicional, pero la definitiva todavía era un sueño que moría todos los días en las esquinas. Cuando se está perdido dentro de cuatro líneas, la noción de espacio se deforma, los relojes parecen eternos. Fuimos medio mareados al entretiem po, de tanto correr a lo bobo. Solo logramos mantener un breve dominio durante los pocos minutos en que atendían a uno de ellos, después de que se chocó contra nuestro defensor asustado. Terminar el primer tiempo cero a cero podía ser interpretado de varias maneras, menos como un milagro. En esa época, mi propia teoría de niño era que los tipos podían haber perdido la inspiración, pero que eso no iba a durar mucho tiempo. Se equivocaron en toques cortos. Marraron una serie de goles que se acercaba al exceso de autoconfianza. Dejaron que la pelota saliera por la banda, escapándoseles bajo los pies. Esas cosas deben haberle pasado alguna vez hasta a la gente del Honved, pero cuando volvieran, pobres de nosotros. Sin técnico o alguien que nos orientara, resolvimos usar un esquema que privilegiaba solo nuestra hombría: el cerrojo. Todo lo que queríamos era perder con decencia, sin perder la cabeza. Desde la etapa inicial del primero y único campeonato de fútbol callejero de la calle del Cielo, aquellos mocosos de camisetas rojas ya tenían algo de legendario. Simplemente destrozaron a todos los equipos que se les cruzaron por el camino: 8 a 0 al Báier; 7 a 1 al Expressinho; 12 a 2 al Charque Zero-Quatro. En la etapa siguiente, en un día sin brillo, reventaron suavemente a Peñarol con modestos 4 a 1. Beto, Léo, Jaiminho

y Osvaldo exhibían un repertorio de jugadas de futuros hombres respetados. Había en aquel toque algo de gracia y ligereza que nadie sabía explicar: cientos de personas se apiñaban sobre la acera para ser testigos de la maestría de un cuarteto onírico. Equipo de admirable composición que cambiaba de posiciones en rápidos pases, sin permitir nunca el maltrato de la pelota, fuera con tiros sin dirección o disputas grotescas, involucrando tibias y rótulas. Por separado, eran solo mocosos que no daban trabajo a los padres. Compraban pan, iban a la escuela, daban recados. Delgados y sonrientes, tenían en la mirada la mezcla de chispa ágil y curiosidad original de los inocentes; se resumían a mocosos pardos de canillas finas, ropas raídas y desaliñadas. Sin embargo, cuando se presentaban en conjunto, malicia, gambeta y destreza, eran todo lo que debían enfrentar las víctimas. Nuestro equipo era una improvisación. Jailton, Dão, Mariva y yo no teníamos la menor posibilidad. Solo llegamos tan lejos debido a una serie de combinaciones, reglamento contrahecho y un empate increíble después de que Los Zulus empezaron ganando 4 a 0. Eliminamos a dos equipos por penales, y ahora había llegado el momento del castigo. Tendríamos ante nosotros todo el segundo tiempo. El padre de Mariva le contó que, en el pasado, selecciones como Alemania y Uruguay derrotaron a equipos considerados imbatibles. Don Neylor era un buen hombre, pero a veces decía unas pavadas. Nosotros también tendríamos alguna posibilidad si ellos fueran solo imbatibles: el problema es que eran inmortales.

2

El torneo coincidió con el mundial de España y jamás se vería mayor entusiasmo en nuestro barrio todavía arbolado. Pintamos la tabla de partidos en el asfalto liso, dibujamos a Pacheco con su camiseta 12 a rayas y adornamos el mundo con baderines de colores. Verde y amarillo confundándose con otros colores de las fiestas juninas¹, olor a pólvora en la mano de los chicos que tiraban bombas y traques, y de las niñas, con sus luces de bengala iluminando la noche. Era una época en que aún había, en el barrio, artículos que hoy día son de anticuario: empedrado, silencio los domingos y dignidad al empeñar la palabra. Todo el mundo parecía tener dinero de sobra, hacían contribuciones generosas; los vecinos mayores, embriagados con cada victoria en Sevilla, hasta nos regalaron álbumes de cromos Ping-Pong, lo que generó un torneo paralelo de tapadita. Yo creía que mi triunfo era llenarlo. Me faltaba solamente el cromo de un jugador... La tabla preveía algunos eliminatorios el mismo día de los partidos de Brasil, motivo de más para que la calle siguiera animada y llena el día entero. La víspera de los dos partidos, fui a llevar las piezas que papá hacía en el taller, entregué el paquete y volví a casa en seguida, con miedo de perder el dinero, media docena de billetes arrugados. Estos nos llevarían al Gran

¹Fiestas populares dedicadas a los santos del mes de junio.

Bartolo Circo en un VW escarabajo amarillo de franja cuadriculada. Yo siempre pedía ir en el asiento delantero, me gustaba ver los números cambiando en el taxímetro. Cuando volvía por la Rua do Meio, pasé frente a la casa de donde siempre salía un olor fuerte a incienso. Yo ya conocía las historias sobre doña Sebá, pero jamás le había visto la cara. Unos decían que era descuartizadora de niños, gran suministradora de materia prima para jabón artesanal; otros juraban que predecía el futuro, pero yo creo que nada de eso tenía fundamento. No hablar con extraños todavía era una regla muy vaga, y cuando ella abrió la puerta saludando con simpatía, me vi súbitamente arrastrado puerta adentro. La mujer, corpulenta y blanca, era muy educada, tenía un acento de país lejano que me pareció sonoro, gracioso. Tenía puesto un vestido azul hermoso y me preguntó si no quería merendar, señalando una silla con asiento de paja y una almohada percutida. Fue a la cocina y trajo un vaso de Nescau y galletitas que ya parecían estar a la espera de algún desavisado. Mientras yo comía, ella circulaba por las piezas, pareciendo balbucear algún tipo de oración o rezo indisciffrable. Me dio miedo de que me sacara el dinero de papá, o mejor dicho del taxi y del circo, pero el dinero estaba bien escondido, atado con el cordón, en la parte interior de mi bermuda. Después de la merienda me dieron ganas de salir de allí en seguida, el olor del incienso estaba empezando a ahogarme. Me pidió todavía que me quedara un poquito más, que iba adentro a buscar un regalito para mí, y desapareció por el fondo de la casa. Me quedé indeciso sobre si esperaba o no, pero vi luces de vela a través de una cortina rala y terminé entrando en la salita iluminada. Un altar con varios niveles, repleto de imágenes de santos y crucifijos de metal. Tanta gente que todos los nombres de la historia del Vaticano parecían reunidos en una gradararía. Cuando escuché los pasos de la mujer acercándose, salí corriendo sin mirar hacia atrás.

3

Me desperté sin ganas de hacer nada, y el lunes prometía ser de mucha fiesta. Sería el cumpleaños de don Giulite, los barriles llenos de cervezas y refrescos, sepultados bajo aserrín y hielo, esperando a los invitados. Pasé una noche terrible, desvelado, pensando cómo jugaría yo. Beto humillaba con sus caños; Jaiminho tenía una zurda de cirujano, imposible pelarle la pelota. Osvaldo era firme y tranquilo atrás, con gran capacidad de recuperación, pocas veces cometía una falta; y Léo era como el Correcaminos, capaz de piques que nos hacían morder el polvo. No sé los otros, pero todo lo que yo quería era evitar un sombrero. Las burlas sin duda me afectarían. Todas las cosas que ocurrieron aquel día no tienen lógica en ningún manual de supervivencia para equipos más débiles y amedrentados. El segundo tiempo entero siguieron con la misma torpeza, sin producir nada. La forma en que corrían recordaba un poco a los jugadores al final de su carrera, fatigados por el peso insoportable

de la fama. La multitud alrededor parecía inquieta, parte de ella ya se había ido y el clima de insatisfacción no hacía más que aumentar. La cosa se arrastraba peligrosamente hacia un alargue, lo que nos pondría en un nivel respetable, hasta que el lance tuvo lugar. Recibí un pase cerca de la banda, y como no tenía nada que hacer fui avanzando sin mucha convicción. Miré hacia los lados y noté que mis compañeros se quedaron atrás, sin creer en mi arrojo y al punto de reprenderme con un "¡Vuelve, loco!". Pensé que tenían razón, de hecho, a veces quien quiere mucho en la vida termina reventándose contra la pared. Quien se satisface con un poquito todos los días llega lejos, pero yo ya había avanzado demasiado en mi locura, no tenía cómo retroceder, y el campo minado donde estaba me obligó a seguir adelante. Uno de ellos me cuerpeó, y otro ya se acercaba para naturalmente recuperar el balón, solo que yo terminé descubriendo, por reflejo, el mejor y más sólido de todos los compañeros de equipo. Hice pared con el cordón de la vereda dos veces seguidas y la retomé del otro lado, dejando a tres de ellos fuera de combate de una sola vez. Estaba libre para el gol que le cerraría la boca al universo, pero no sé si fue falta de aliento o cobardía para rematar, el hecho es que apunté, apunté, apunté; miré, miré la pelota y pateé fuerte, a colocar y rastrero. Todo lo que se oyó fue un golpe seco contra el palo de madera, denunciando que algo muy malo había acabado de ocurrir. En el contraataque, vi la triangulación fulminante que hicieron antes de que el grito del gol estallara en todas las calles del cielo del mundo.

4

Papá acababa de llegar del taller, ni siquiera se sacó el uniforme, y Brasil entró a la cancha. Yo estaba medio febril y evité comentar algo del partido en la placita, incluso porque nada más interesaba aparte de lo que se mostraba en nuestra vieja Telefunken. Los goles fueron saliendo, tristeza y euforia turnándose, transformándonos en hinchas bipolares. A todo instante él iba hasta la cocina, volvía fumándose un nuevo Continental y traía una taza de café recalentado (desde que mamá se fue, dejamos de tomar café fresquito). Terminamos el primer tiempo perdiendo. Nervioso y agitado, fue a comprarse otra cajilla. Me quedé hojeando mi álbum, recordando las imágenes del mundial hasta entonces. El estreno difícil contra los soviéticos, los dos remates desde fuera del área venciendo al gigante Dasayev; el gol de tiro en caída de Éder; el tiro libre de Zico en el ángulo escocés, el toque de Júnior entre las piernas de un superado Fillol. Aquel fue el primer mundial que me hizo prestar atención al sonido del nombre de los jugadores de otras selecciones. Jamás me olvidaría de los Tiganas, Pfaffs y Breitners. Yo todavía me sentía extraño, y no obstante fue allí, sentado ante la tele sin sonido, oyendo las voces de la vecindad a lo lejos, el estallido de fuegos, ladridos y botellas rotas, que empecé a entender el verdadero sentido de hacer algo grande en la vida: formar parte de la historia o incluso tranquilizar y dejar

feliz a un padre amabilísimo. El aire había desaparecido y el silencio súbito era igual al que traemos por dentro y nos inunda todos los órganos vitales, cuando un ente querido desaparece sin dejar pistas, abortando eternamente la posibilidad del reencuentro.

5

Cuando volvió con sus cigarrillos, encontró la sala vacía. El álbum estaba en el suelo, abierto en la página que acababa de recibir, al fin, el último cromó. La fluctuación entre festejos y lamentos siguió en el segundo tiempo, provocando taquicardias y crisis de hipertensión. En los suspiros finales, el sol, incrédulo, ya preparaba su puesta, pero aún había una falta a nuestro favor. Yo venía precalentándome hacía algún tiempo (un poco más y adiós al récord de Jorge Mendonça en el 78), y cuando don Telê me llamó, no me dio ninguna orientación táctica, pero la forma en que habló conmigo fue decisiva para que yo adquiriese confianza. "M'hijo, vaya allí y resuélvalo". El apelo, contenido y esperanzado, me dio ganas de volar al área grande aun antes de que Chulapa me diera el lugar. Éder estaba apurado y le dio un empujón al maledetto que impedía el tiro. Corrí haciendo señas de que la levantara al segundo palo, solo que Oscar me hizo un guiño y lo entendí todo. Nuestro falso puntero sacó con precisión, y nuestro defensor ganó en el aire, rematando de cabeza: Zoff llegó a atajar sobre la línea, casi como un Banks milagroso, pero no logró atraparla. Cuando jugábamos dos contra dos, la parte que más me gustaba era cuando el golero rechazaba la pelota. Fue así que aprendí a hacer paredes en espacios mínimos e irregulares, ya que el patio del Centro Social era de barro y tenía un poste en el medio. Con eso aprendí también a estar siempre atento para rematar rápidamente, adelantándome a los manotazos y a la recuperación de los guardametas. Eso fue bastante útil en el Sarriá (jamás habrá otro nombre de estadio tan bello y tan terrible), porque Zoff dio rebote y hubo una carrera desesperada. Bergomi, Jaiminho y Scirea partieron en dirección al arco; Beto, Cabrini y Osvaldo trataron de tocarla de cualquier forma a los empujones, hombres y niños hambrientos, manos extendidas en una cola de merienda desordenada y ruidosa. En la confusión, Léo llegó a acogotar a Gentile y por suerte nadie lo vio, ni el juez. No me acuerdo cómo logré llegar antes que todo el mundo, pero en el momento de marcar y salir corriendo sin camiseta por toda Barcelona, noté una cara familiar mirándome insistentemente detrás del alambrado. Casi me desconcentré. Doña Sebá, por el amor de Dios, ¿qué hace aquí? El azul de su vestido llegó a encandilarme, pero antes de que las cosas empezaran a desaparecer ante mis ojos, el recuerdo de las paredes con el cordón hizo mis movimientos aún más ágiles. La pelota encontró brechas para picar tres veces y le pegué de lleno con tanta sed para hacer el 3 a 3 que el sonido de la pelota llenando la red será la única partitura que me seguirá hasta el final, no importa en qué verde sea recibido mi epitafio.

La puntada en el muslo no me impidió llegar al banderín del corner, hacia donde todos mis amigos corrieron fulgurantes, con sus uniformes amarillos y empapados. Los abrazos se fueron deshaciendo, y Cerezo se agachó para ponerme sobre los hombros, yo saludaba a la hinchada haciendo girar mi camiseta en el aire. Algunos invadieron la cancha, y no sé cuánto tiempo duró todo aquel frenético festejo anticipado. Antes del ademán final señalando el medio de la cancha, vi a papá entre los vecinos que se abrazaban. Con el rostro iluminado, él mostraba la foto donde yo aparecía a la sombra de una gran lona de colores. Mamá, sonriente, nos tomaba las manos.

AUTORES

AUTOREN/INNEN

AUTHORS

AUTORES



Foto: Divulgação

ANTONIO BRASILEIRO

Poeta, ensaísta e artista plástico. Nascido nas Matas do Orobó, sertão baiano. Com 25 livros publicados, destacam-se entre eles: *Caronte* (1995, romance), *Antologia poética* (1996), *A estética da sinceridade* (2000, ensaios), *Da inutilidade da poesia* (2002, ensaio; 2ª. ed. 2012), *Poemas reunidos* (2005), *Dedal de areia* (2006, poesia), *Memórias miraculosas de Nestor Quatorzevoltas* (ficção). Como artista plástico, participou de uma centena de exposições (coletivas e individuais). Mora em Feira de Santana. (abrasileiro@live.com)

Dichter, Essayist und bildender Künstler. Geboren in Matas do Orobó im bahianischen Sertão. Von seinen 25 veröffentlichten Büchern sind hervorzuheben: *Caronte* (1995, Roman); *Antologia poética* (1996); *A estética da sinceridade* (2000, Essays); *Da inutilidade da poesia* (2002, Essay, 2. Auflage 2012); *Poemas reunidos* (2005); *Dedal de areia* (2006, Gedichte); *Memórias miraculosas de Nestor Quatorzevoltas* (Belletristik). Seine bildhauerischen Arbeiten waren auf über hundert Einzel - und Sammelaustellungen vertreten. Er lebt in Feira de Santana. (abrasileiro@live.com)

Poet, essayist and visual artist. Born in Matas do Orobó in the Bahian backlands. Among 25 published books, the following works can be highlighted: *Caronte* (1995, novel), *Antologia poética* (Poetic Anthology, 1996), *A estética da sinceridade* (The Esthetic of Sincerity, 2000, essays), *Da inutilidade da poesia* (On the Futility of Poetry, 2002, essay; 2nd edition, 2012), *Poemas reunidos* (Collected Poems, 2005), *Dedal de areia* (Thimble of Sand, 2006, poetry), *Memórias miraculosas de Nestor Quatorzevoltas* (Miraculous Memories of Nestor Four-Turns, fiction). He has taken part in hundreds of exhibitions (collective and individual) as a visual artist. He lives in Feira de Santana. (abrasileiro@live.com)

Poeta, ensayista y artista plástico. Nacido en Matas do Orobó, sertón bahiano. Ha publicado 25 libros, entre los que se destacan: *Caronte* (1995, novela), *Antologia poética* (1996), *A estética da sinceridade* [La estética de la sinceridad] (2000, ensayos), *Da inutilidade da poesia* [De la inutilidad de la poesía] (2002, ensayo; 2ª. ed. 2012), *Poemas reunidos* (2005), *Dedal de areia* [Dedal de arena] (2006, poesía), *Memórias miraculosas de Nestor Quatorzevoltas* [Memorias milagrosas de Nestor Quatorzevoltas] (ficción). Como artista plástico, participó en un centenar de exposiciones (colectivas e individuales). Vive en Feira de Santana. (abrasileiro@live.com)

CYRO DE MATTOS

Nasceu em Itabuna, sul da Bahia. Poeta, romancista, novelista, contista, cronista, organizador de antologia e coletânea, autor de livros para jovens e crianças. Já publicou 50 livros, entre eles, *Os Brabos*, contos, Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras, e *O Menino Camêlo*, poesia infantil, Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Artes. *Cancioneiro do Cacao* deu-lhe o Segundo Prêmio Internacional de Literatura Maestrale Marengo d'Oro, Gênova, Itália, para obra estrangeira, e Prêmio Nacional de Poesia Ribeiro Couto da União Brasileira de Escritores (Rio). Jornalista e advogado aposentado. Colaborador em revistas e suplementos literários da Bahia, Sergipe, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Tem livros pessoais publicados em Portugal (3), Itália (3), Alemanha (1) e França (1). Participou como convidado do III Encontro Internacional de Poetas da Universidade de Coimbra, em 1998, Feira do Livro de Frankfurt, em 2012, e Encontro de Poetas Iberoamericanos de Salamanca, Espanha, em 2013. É membro da Ordem do Mérito da Bahia, Academia de Letras da Bahia, Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, União Brasileira de Escritores (Rio e São Paulo), e Pen Clube do Brasil. (www.cyrodemattos.blogspot.com.br)

In Itabuna im Süden Bahias geboren. Dichter, Romancier, Novellist, Erzähler, Chronist, Herausgeber von Anthologien und Sammelbänden, Autor von Kinder- und Jugendbüchern. Er hat bereits 50 Bücher veröffentlicht, darunter *Os Brabos* (Kurzgeschichten, die mit dem Afonso-Arinos-Preis der Brasilianischen Akademie für Literatur ausgezeichnet wurden) und *O Menino Camêlo* (Kindergedichte, ausgezeichnet mit dem Preis des Verbandes der Kunstkritiker São Paulos). *Cancioneiro do Cacao* brachte ihm den zweiten in Genua/Italien für ausländische Literatur vergebenen Internationalen Literaturpreis Maestrale-Marengo d'Oro ein. Außerdem erhielt er den vom Brasilianischen Schriftstellerverband in Rio de Janeiro gestifteten Nationalen Ribeiro-Couto-Preis für Dichtung. Er ist Journalist und pensionierter Rechtsanwalt und schreibt Beiträge für Zeitschriften und Literaturbeilagen, die in den Bundesstaaten Bahia, Sergipe, Rio de Janeiro, São Paulo und Minas Gerais erscheinen. Über Portugal hinaus, wo drei seiner Bücher im Original erschienen, wurden Übersetzungen in Italien (3), Deutschland (1) und Frankreich (1) veröffentlicht. 1998 war er Gast des Dritten Internationalen Dichterkongresses der Universität von Coimbra, 2012 auf der Frankfurter Buchmesse und 2013 beim Treffen Ibero-Amerikanischer Dichter im spanischen Salamanca. Er ist Träger des Bahianischen Verdienstordens, Mitglied der Bahianischen Akademie für Literatur, des Historisch-Geografischen Institutes in Salvador und des Brasilianischen Schriftstellerverbandes in Rio de Janeiro und São Paulo, ferner des Pen-Clubs Brasilien. (www.cyrodemattos.blogspot.com.br)

Born in Itabuna, in the south of Bahia, Cyro de Mattos is a poet, novelist, writer of short stories, columnist, organizer of anthologies and collections and author of books for children and youths. He has 50 books published, including, *Os Brabos* (short stories), which received the Afonso Arinos Award from the Brazilian Academy of Letters and *O Menino Camêlo*, poetry for children, which received an Award from the São Paulo Association of Art Critics. *Cancioneiro do Cacao* won the Second Maestrale Marengo d'Oro International Literature Award, Genoa, Italy, for work by foreign writers and the Ribeiro Couto National Poetry Award from the Brazilian Union of Writers (Rio). Retired journalist and lawyer. Contributor for magazines and literary supplements in Bahia, Sergipe, Rio de Janeiro, São Paulo and Minas Gerais. He has books published in Portugal (3), Italy (3), Germany (1) and France (1). He was a guest participant at the 3rd International Meeting of Poets at the University of Coimbra in 1998, Frankfurt Book Fair in 2012 and Meeting of Latin American Poets in Salamanca, Spain in 2013. He is a member of the Order of Merit of Bahia, Academy of Letters of Bahia, Historical and Geographical Institute of Bahia, Brazilian Union of Writers (Rio and São Paulo), and Pen Club in Brazil. (www.cyrodemattos.blogspot.com.br)

Nació en Itabuna, sur de Bahia. Es poeta, novelista, autor de novelas cortas, cuentista, cronista, antólogo y recopilador, autor de libros para jóvenes y niños. Ha publicado 50 libros, entre ellos *Os brabos* [Los bravos], cuentos, Premio Afonso Arinos de la Academia Brasileña de Letras, y *O menino camêlo* [El niño ambulante], poesía infantil, Premio de la Asociación Paulista de Críticos de Artes. *Cancioneiro do cacao* [Cancionero del cacao] le valió el Segundo Premio Internacional de Literatura Maestrale Marengo d'Oro, Génova, Italia, para obra extranjera, y el Premio Nacional de Poesía Ribeiro Couto de la Unión Brasileña de Escritores (Rio de Janeiro) Es periodista y abogado retirado. Escribe para revistas y suplementos literarios de los estados de Bahia, Sergipe, Rio de Janeiro, São Paulo y Minas Gerais. Sus libros personales han sido publicados en Portugal (3), Italia (3), Alemania (1) y Francia (1). Participó, como invitado, en el III Encuentro Internacional de Poetas de la Universidad de Coimbra, en 1998, en la Feria del Libro de Frankfurt, en 2012, y en el Encuentro de Poetas Iberoamericanos de Salamanca, España, en 2013. Es miembro de la Orden del Mérito de Bahia, de la Academia de Letras de Bahia, del Instituto Histórico y Geográfico de Bahía, de la Unión Brasileña de Escritores (Rio de Janeiro y São Paulo) y del Pen Club de Brasil. (www.cyrodemattos.blogspot.com.br)

Foto: Pedro Augusto

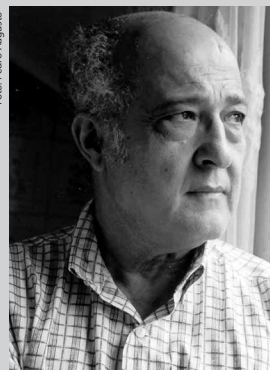




Foto: Estúdio Minilab

JOSÉ CARLOS LIMEIRA

Nasceu em Salvador, Bahia, Brasil, em 1951. Com formação em Engenharia Mecânica e Letras, publica contos, artigos, crônicas e poemas desde os anos setenta, contando com cinco livros *Lembranças* 1971, *Zumbidos* 1974, *O Arco Iris Negro* de 1978, *Atabaques* 1983 e *Black Intentions* de 2003, além de diversas antologias e outros trabalhos traduzidos em vários idiomas, publicados em livros, jornais e revistas nacionais e estrangeiros. Objeto de teses e dissertações no Brasil e no exterior, participou do Encontro de Escritores das Américas no Século XXI, em 2007. Fez parte do Comitê Científico da IICIAD - Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora, faz parte dos Conselhos da Your World e do Centro de Pesquisa das Populações Afro-Indígenas - UNEB. Esteve na direção de diversas entidades como o IPCN - Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, fundou o primeiro Bloco Afro Cultural do Rio de Janeiro o Afro Axé Terê Babá e o GENS (Grupo de Escritores Negros de Salvador). Pesquisador da literatura produzida por afrodescendentes. Foi tema de Seminários a exemplo do 1º Seminário de Literatura Negra da UFBA. É Ogan Tanudê do Rumpayme Ayono Runtologi, casa de Candomblé da Nação Jêje Mahin situada em Cachoeira - BA. (calimasa51@hotmail.com)

Geboren 1951 in Salvador im brasilianischen Bundesstaat Bahia. Nach einem Maschinenbau- und Literatur-Studium publiziert er seit den 70er Jahren Kurzgeschichten, Artikel, Chroniken und Gedichte, darunter die 5 Bücher *Lembranças* (1971), *Zumbidos* (1974), *O Arco Iris Negro* (1978), *Atabaques* (1983) und *Black Intentions* (2003), abgesehen von diversen Anthologien und anderen Schriften, die in mehrere Sprachen übersetzt und in Büchern, Zeitschriften und Zeitungen des In- und Auslandes veröffentlicht wurden. Gegenstand verschiedener wissenschaftlicher Arbeiten sowohl in Brasilien wie auch international, nahm er selbst 2007 am Kongress Amerikanischer Schriftsteller des XXI. Jahrhunderts teil. Er war Mitglied des wissenschaftlichen Beirats der Internationalen Konferenz Intellektueller Afrikas und der Diaspora. Er gehört den Beiräten von Your World und des Forschungszentrums für Afro-Indigene Bevölkerungen der UNEB) an und nahm leitende Positionen in verschiedenen Organisationen ein, wie dem IPCN - Institut zur Erforschung Kulturen afrikanischer Herkunft, und gründete den ersten afro-kulturellen Karnevalsverein Rio de Janeiro, den Afro Axé Terê Babá, und die Gruppe Schwarzer Schriftsteller Salvadors (GENS). Sein Spezialgebiet ist die Erforschung der von Schriftstellern mit afrikanischen Wurzeln geschriebene Literatur. -Sein Werk war Thema auf Seminaren, wie etwa dem 1. Seminar der Bundesuniversität von Bahia zu Afrobrasilianischer Literatur. Limeira bekleidet im afro-brasilianischen Candomblékult der Nação Jêje Mahin in Cachoeira den Rang eines Ogan (Tanudê do Rumpayme Ayono Runtologi). (calimasa51@hotmail.com)

Born in Salvador, Bahia, Brazil, in 1951. With a background in Mechanical Engineering and Letters, he has published short stories, articles, essays and poems since the seventies, as well as five books, *Lembranças* (1971), *Zumbidos* (1974), *O Arco Iris Negro* (1978), *Atabaques* (1983) and *Black Intentions* (2003), and several anthologies and other works translated into several languages. The subject of theses and dissertations in Brazil and abroad, he participated in the Meeting of Writers of the Americas in the 21st Century in 2007. He was a member of the Scientific Committee of the Conference of Intellectuals from Africa and the Diaspora (IICIAD), and currently sits on the Your World and UNEB Research Center of Afro-Indigenous Peoples councils. He has directed various agencies such as the Institute for Research on Black Culture (IPCN) as vice president for culture, and founded Rio de Janeiro's first African cultural Carnival troupe, Axé Terê Babá, and the GENS (Black Writers of Salvador) Group. A specialist on literature produced by authors of African descent. He has been the theme of seminars such as the 1st Federal University at Bahia (UFBA) Seminar on Black Literature. He holds the post of Ogan Tanudê at Rumpayme Ayono Runtologi, a Candomblé temple of the Jêje (Ewe/Fon) Mahin nation in Cachoeira, Bahia. (calimasa51@hotmail.com)

Nació en Salvador, Bahia, Brasil, en 1951. Con formación en Ingeniería Mecánica y Letras, publica cuentos, artículos, crónicas y poemas desde los años setenta, y cuenta con cinco libros: *Lembranças* [Recuerdos] (1971), *Zumbidos* (1974), *O arco iris negro* (1978), *Atabaques* (1983), y *Black Intentions* (2003), aparte de diversas antologías y otros trabajos traducidos a varios idiomas, publicados en libros y revistas nacionales y extranjeros. Objeto de tesis doctorales y de maestría en Brasil y en el exterior, participó en el Encuentro de Escritores de las Américas en el Siglo XXI, en 2007. Formó parte del Comité Científico de la II Conferencia de Intelectuales de África y de la Diáspora, II CIAD, forma parte de los Consejos de Your World y el Centro de Pesquisa das Populações Afro-Indígenas [Centro de Investigación de las Poblaciones Afroindígenas] de la UNEB. Perteneció a la dirección de diversas entidades, como el Instituto de Investigación de las Culturas Negras, IPCN por sus siglas en portugués, del cual fue vicepresidente cultural, fundó la primera Agrupación Afro Cultural de Rio de Janeiro, Afro Axé Terê Babá, y el Grupo de Escritores Negros de Salvador, GENS. Investigador de la literatura producida por afrodescendientes. Fue tema de seminarios como el 1º Seminario de Literatura Negra de la UFBA. Es Ogan Tanudê del Rumpayme Ayono Runtologi, casa de Candomblé de la Nación Jeje Mahin, ubicada en Cachoeira, Bahia. (calimasa51@hotmail.com)

JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO

Alagoano radicado na Bahia, é poeta, jornalista e produtor cultural. Publicou seis livros de poemas e duas antologias, dentre eles *Roseiral* (2010), *Pedra Só* (2012) e a antologia *O galope de Ulisses* (2014). Organizou as coletâneas *Concerto lírico a quinze vozes: Uma coletânea de novos poetas da Bahia* (2004) e *Sangue Novo: 21 poetas baianos do século XXI* (2011). Participa de várias antologias no Brasil e no exterior, dentre elas *Roteiro da poesia brasileira: Anos 2000* (São Paulo, 2009), *Impressioni d'Italia: Piccola antologia di poesia in portoghese con traduzione a fronte* (Napoli, 2011), *En la otra orilla del silencio: Antología de poetas brasileños contemporáneos* (Ciudad de México, 2012), *Traversée d'océans: Voix poétiques de Bretagne et de Bahia* (Paris, 2012). Coordenador e curador de vários eventos literários, como a Praça de Poesia e Cordel, na 9ª, 10ª e 11ª Bienal do Livro da Bahia (2009, 2011, 2013), em Salvador, e o Cabaré Literário, na I Feira Literária Ler Amado, em Ilhéus (2012). Foi coeditor da revista de arte, crítica e literatura *lararana*, de 2004 a 2008. (www.jivmcavaleirodefogo.blogspot.com.br)

Wurde in brasilianischen Bundesstaat Alagoas geboren, lebt heute in Bahia. Dichter, Journalist und Organisator kultureller Veranstaltungen, hat er sechs Gedichtbände und zwei Anthologien veröffentlicht, darunter *Roseiral* (2010), *Pedra Só* (2012) und die Anthologie *O galope de Ulisses* (2014). Er gab die Sammelbände *Concerto lírico a quinze vozes: Uma coletânea de novos poetas da Bahia* (2004) und *Sangue Novo: 21 poetas baianos do século XXI* (2011) heraus. Er ist in mehreren sowohl brasilianischen als auch ausländischen Anthologien vertreten, darunter *Roteiro da poesia brasileira: Anos 2000* (São Paulo, 2009), *Impressioni d'Italia: Piccola antologia di poesia in portoghese con traduzione a fronte* (Neapel, 2011), *En la otra orilla del silencio: Antología de poetas brasileños contemporáneos* (Mexiko Stadt, 2012) und *Traversée d'océans: Voix poétiques de Bretagne et de Bahia* (Paris, 2012). Er machte sich als Koordinator und Kurator verschiedener literarischer Veranstaltungen verdient, wie etwa dem Platz für Dichtung und volkstümliche Poesie („Cordel“) im Rahmen der 9., 10. und 11. Literatur-Biennale Bahias 2009, 2011 und 2013 in Salvador. Auf der I. Buchmesse „Amado lesen“ in Ilhéus organisierte er 2012 das Literarische Kabarett. Von 2004 bis 2008 war er Mitherausgeber der Zeitschrift für Kunst, Kritik und Literatur *lararana*. (www.jivmcavaleirodefogo.blogspot.com.br)

Born in the state of Alagoas and now based in Bahia, José Inácio Vieira de Melo is a poet, journalist and cultural producer. He has published six books of poetry and two anthologies, including *Roseiral* (2010), *Pedra Só* (2012) and the anthology *O galope de Ulisses* (2014). He organized the collections *Concerto lírico a quinze vozes: Uma coletânea de novos poetas da Bahia* (2004) and *Sangue Novo: 21 poetas baianos do século XXI* (2011). He has taken part in a number of anthologies in Brazil and abroad, including *Roteiro da poesia brasileira: Anos 2000* (São Paulo, 2009), *Impressioni d'Italia: Piccola antologia di poesia in portoghese con traduzione a fronte* (Napoli, 2011), *En la otra orilla del silencio: Antología de poetas brasileños contemporáneos* (Mexico City, 2012) and *Traversée d'océans: Voix poétiques de Bretagne et de Bahia* (Paris, 2012). Coordinator and curator of a number of literary events, such as the Poetry and Cordel Square at the 9th, 10th and 11th Book Biennial of Bahia (2009, 2011, 2013) in Salvador and a Literary Cabaré at the 1st Reading Amado Book Fair in Ilhéus (2012). He was co-editor of the art, criticism and literature journal *lararana* from 2004 to 2008. (www.jivmcavaleirodefogo.blogspot.com.br)

Nacido en Alagoas y radicado en Bahia, es poeta, periodista y productor cultural. Ha publicado seis libros de poemas y dos antologías, como *Roseiral* [Rosal] (2010), *Pedra Só* [Piedra sola] (2012) y la antología *O galope de Ulisses* [El galope de Ulises] (2014). Compiló las antologías *Concerto lírico a quinze vozes: uma coletânea de novos poetas da Bahia* [Concierto lírico a quinze voces: una antología de nuevos poetas de Bahia] (2004) y *Sangue novo: 21 poetas baianos do século XXI* [Sangre joven: 21 poetas bahianos del siglo XXI] (2011). Participa en varias antologías en Brasil y en el exterior, entre las cuales *Roteiro da poesia brasileira: anos 2000* [Derrotero de la poesía brasileña: años 2000] (São Paulo, 2009), *Impressioni d'Italia: Piccola antologia di poesia in portoghese con traduzione a fronte* (Nápoles, 2011), *En la otra orilla del silencio: Antología de poetas brasileños contemporáneos* (Ciudad de México, 2012), *Traversée d'océans: Voix poétiques de Bretagne et de Bahia* (París, 2012). Coordinador y curador de varios eventos literarios, como la Praça de Poesia e Cordel [Plaza de poesía y cordel], en la 9ª, 10ª y 11ª Bienal del Libro de Bahia (2009, 2011, 2013), en Salvador, y el Cabaret Literario, en la I Feria Literaria Leer Amado, en Ilhéus (2012). Fue coeditor de la revista de arte, crítica y literatura *lararana*, de 2004 a 2008. (www.jivmcavaleirodefogo.blogspot.com.br)

Foto: Ricardo Prado





Foto: Estúdio Minhab

LANDE ONAWALE

Lande M. Munzanzu Onawale (Reinaldo S. Sampaio) nasceu e reside em Salvador, Bahia. Desde 1996 tem publicado poemas e contos em antologias diversas no Brasil e Exterior. Lançou, em 2003, seu primeiro livro de poemas (*O Vento*), e o segundo, bilingue, em 2011 (*Kalunga – poemas de um mar sem fim/poems of an infinite sea*), ambos em edição do autor. Ainda em 2011, lançou seu primeiro livro de contos (*Sete – diásporas íntimas*), pela Mazza Edições, adotado pelo Ministério da Educação (PNBE) para uso no ensino médio. Entre as antologias, ele destaca *Cadernos Negros*, do grupo Quilombhoje, de São Paulo, uma das mais regulares e longevas publicações literárias das américas, e onde primeiro publicou em livro. Prepara um segundo livro de contos. (landeonawale.blogspot.com)

Lande M. Munzanzu Onawale (Reinaldo S. Sampaio) wurde in Salvador-Bahia geboren und lebt bis heute dort. Seit 1996 hat er in mehreren Anthologien sowohl in Brasilien als auch im Ausland Gedichte und Kurzgeschichten veröffentlicht. 2003 erschien sein erster Gedichtband *O Vento*. Der zweite kam 2011 heraus: *Kalunga – poemas de um mar sem fim/poems of an infinite sea*, beide im Selbstverlag. Im selben Jahr 2011 brachte der Verlag Mazza Edições einen ersten Band mit Kurzgeschichten heraus, *Sete – diásporas íntimas*. Dieses Buch wird vom Ministerium für Bildung für die Verwendung im Unterricht der weiterführenden Schule empfohlen. Aus den Anthologien hebt Lande Onawale vor allem die von der Gruppe Quilombhoje in São Paulo publizierten Hefte *Cadernos Negros* hervor, eine der langlebigsten regelmäßig erscheinenden literarischen Publikationen in ganz Amerika, wo er sein erstes Buch veröffentlichte. Ein zweites Buch mit Kurzgeschichten befindet sich in Vorbereitung. (landeonawale.blogspot.com)

Lande M. Munzanzu Onawale (Reinaldo S. Sampaio) was born in Salvador, Bahia. He has published poetry and short stories in a number of anthologies in Brazil and abroad since 1996. He released his first book of poetry in 2003 (*O Vento*), and the second, a bilingual version in 2011 (*Kalunga – poems of an infinite sea*), both published by the author. He also released his first book of short stories in 2011 (*Sete – diásporas íntimas*), published by Mazza Edições, and it has been adopted by the Ministry of Education (PNBE) for use in secondary education. Among the anthologies, *Cadernos Negros*, published by the group Quilombhoje from São Paulo, is one of the most regular and longstanding literary publications in the Americas and where he was first published. He is currently preparing his second book of short stories. (landeonawale.blogspot.com)

Lande M. Munzanzu Onawale (Reinaldo S. Sampaio) nació en Salvador, Bahia. Desde 1996 ha publicado poemas y cuentos en antologías diversas en Brasil y en el exterior. En 2003 lanzó su primer libro de poemas (*O vento* [El viento]), y el segundo, bilingüe, en 2011 (*Kalunga – poemas de um mar sem fim / poems of an infinite sea* [Kalunga: poemas de un mar sin fin]), ambos en edición propia. También en 2011 lanzó su primer libro de cuentos (*Sete – diásporas íntimas*), por Mazza Ediciones, libro que ha sido adoptado por el Ministerio de Educación (Programa Nacional Biblioteca da Escola, PNBE) para su uso en la enseñanza secundaria. Entre las antologías se destacan *Cadernos negros*, del grupo Quilombhoje, de São Paulo, una de las más regulares y longevas publicaciones literarias de las Américas, su primera publicación en libro. Prepara un segundo libro de cuentos. (landeonawale.blogspot.com)

LAURA CASTRO

Escritora de bloquinhos, Laura é movida pelo desejo de experimentar diferentes possibilidades materiais da escrita. É autora dos livros *Fio Condutor*, de 2013 e *Cabidela: bloco-de-máscaras*, de 2011. Em 2009, recebeu a Bolsa de Criação Literária da FUNARTE, com o projeto de transpor seu blog – Cabidela – para as páginas de um livro-objeto. Em 2013, com um grupo de artistas, transpôs sua novela *Fio condutor* para uma instalação literária, intitulada *Ilha de Ed*, que circulou por bibliotecas públicas em Salvador e outras capitais. Hoje, dedica-se aos experimentos literários postados em www.oarmarinho.blogspot.com e integra o coletivo Sociedade da Prensa/Edtóra com criações e concepções editoriais. É doutoranda do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal da Bahia, onde desenvolve pesquisa sobre experiências de performance em literatura. Graduada em Letras e mestre em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), foi professora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), durante dois anos. Atualmente é assistente de curadoria do Núcleo de Arquivo e Ficção, da 3ª Bienal da Bahia, organizada pelo Museu de Arte Moderna da Bahia. (www.oarmarinho.blogspot.com)

Als Verfasserin von Heftchen ist Laura von dem Wunsch motiviert, die verschiedensten materiellen Möglichkeiten des Schreibens zu erforschen. Sie ist Autorin der Bücher *Fio Condutor* (2013) und *Cabidela: bloco-de-máscaras* (2011). Im Jahr 2009 erhielt sie von der Stiftung FUNARTE das Stipendium für Literarisches Schreiben, mit dem Ziel, ihren Blog Cabidela für ein gedrucktes Buch zu adaptieren. Im Jahr 2013 übertrug sie zusammen mit einer Gruppe von Künstlern ihre Novelle *Fio condutor* in eine literarische Installation mit dem Titel *Ilha de Ed*, die in öffentlichen Bibliotheken Salvadors und anderer Hauptstädte von brasilianischen Bundesstaaten zu sehen war. Zur Zeit widmet sie sich literarischen Experimenten, die man unter www.oarmarinho.blogspot.com mitverfolgen kann, und ist Mitglied des Verlegerkollektivs Sociedade da Prensa/Edtóra. Laura Castro arbeitet an der Bundesuniversität von Bahia (UFBA) im Rahmen des Programms für Szenische Künste an ihrer Doktorarbeit über Erfahrungen mit Performance und Literatur. Sie hat einen Bachelor und Master in Literatur der Universität von Brasília (UnB) und war zwei Jahre lang Dozentin am Institut für Literatur der Bundesuniversität in Salvador (UFBA). Gegenwärtig arbeitet sie als Assistentin des Kuratoriums der Literaturabteilung für die 3° Biennale Bahias, die vom Museum für Moderne Kunst in Salvador organisiert wird. (www.oarmarinho.blogspot.com)

Interested in the concept of notebooks, Laura is driven by the desire to test out different physical writing possibilities. She is author of two books, *Fio Condutor* (2013) and *Cabidela: bloco-de-máscaras* (2011). She received a Creative Writing Fellowship from the National Art Foundation (FUNARTE) in 2009, for the project of transposing her blog (Cabidela) to the pages of a book-art object. In 2013, she worked with a group of artists to transform her novel *Fio condutor* into a literary installation entitled *Ilha de Ed*, which circulated around public libraries in Salvador and other major Brazilian cities. She currently devotes her time to literary experiments posted on www.oarmarinho.blogspot.com and is a member of the Sociedade da Prensa/Edtóra collective providing editorial creations and conceptions. She is currently studying for a PhD in Dramatic Arts at the Federal University of Bahia, where she studies performance experiences in literature. She has a BA in Languages and holds a Masters in Literature from the University of Brasília (UnB); she was a lecturer at the Institute of Letters at the Federal University at Bahia (UFBA) for two years. She is currently assistant curator at the Archive and Fiction Center for the 3rd Biennial of Bahia, organized by the Bahia Museum of Modern Art. (www.oarmarinho.blogspot.com)

Escritora de pequeños blocs, lo que mueve a Laura es el deseo de probar distintas posibilidades materiales de la escritura. Es la autora de los libros *Fio Condutor* [Hilo conductor], de 2013, y *Cabidela: bloco-de-máscaras* [Cabidela: curso de máscaras], de 2011. En 2009 recibió la Beca de Creación Literaria de la FUNARTE, con el proyecto de transponer su blog —Cabidela— a las páginas de un libro objeto. En 2013, con un grupo de artistas, transpuso su novela corta *Fio condutor* a una instalación literaria titulada *Ilha de Ed* [Isla de Ed], que circuló por bibliotecas públicas en Salvador y otras capitales. Hoy día se dedica a los experimentos literarios publicados en www.oarmarinho.blogspot.com e integra el colectivo Sociedade da Prensa/Edtóra con creaciones y concepciones editoriales. Cursa doctorado en el programa de postgrado en Artes Escénicas de la Universidad Federal de Bahia, en el marco del cual desarrolla una investigación sobre experiencias de performance en literatura. Licenciada en Letras y magister en Literatura por la Universidad de Brasília (UnB), fue profesora del Instituto de Letras de la Universidad Federal de Bahia (UFBA) durante dos años. Actualmente es asistente de curaduría del Núcleo de Archivo y Ficción de la 3ª Bienal de Bahia, organizada por el Museo de Arte Moderno de Bahia. (www.oarmarinho.blogspot.com)

Foto: Alfredo Macarenhas





Foto: Cláudio Santana

LUCIANY APARECIDA

Nasceu e foi criada na Bahia, no Vale do Jiquiriça entre a cidade de Santa Inês, O Charco, zona rural do município de Irajuba, e as memórias herdadas da cidade de Brejões. Atualmente vive em Salvador. Em 1992 deu início a construção da poeta fictícia Margô Laas que viveu até 2014. Sob o traço estilístico de Margô Laas, Luciany Aparecida escreveu os livros *Instante de um tempo* (2000), *O passar dos dias* (2003), *Multidão* (2010), *Trans(gêneros) sexo e poesia* (2011). Em 2012 cria a escritora de ficção Ruth Ducaso e escreve a novela (inédita) *Boca de Fogo: Acará de Dita Maldita* que ganha o prêmio Bolsa Biblioteca Nacional/Funarte de Criação Literária. Em 2013 escreve o livro (inédito) *Contos ordinários de melancolia* que ganha a Bolsa de Criação Literária SECULT/BA e Fundação de Cultura do Estado da Bahia, ainda com a assinatura de Ruth Ducaso, em 2013 escreve o livro (inédito) *Cartas de Bogotá*. (luciany.aparecida@hotmail.com)

Sie wurde in Bahia im Tal von Jiquiriça geboren und verbrachte ihre Kindheit zwischen den benachbarten Städten Santa Inês, Irajuba, und Brejões. Gegenwärtig lebt sie in Salvador. 1992 begann sie die Figur der fiktiven Dichterin namens Margô Laas zu entwickeln, die sie bis 2014 am Leben hielt. Luciany Aparecida schrieb im Stil dieser Margô Laas die Bücher *Instante de um tempo* (2000), *O passar dos dias* (2003), *Multidão* (2010) und *Trans(gêneros) sexo e poesia* (2011). Im Jahr 2012 erschuf sie die Figur der Schriftstellerin Ruth Ducaso, unter deren Namen sie die bisher unveröffentlichte Novelle *Boca de Fogo: Acará de Dita Maldita* schrieb, die mit dem Literaturpreis der Nationalbibliothek und der Stiftung FUNARTE ausgezeichnet worden ist. 2013 schrieb sie das unveröffentlichte Buch *Contos ordinários de melancolia*, für das ihr das Kulturministerium Bahias und die staatliche Kulturstiftung ein Stipendium für Literarisches Schreiben verliehen. Immer noch unter dem Pseudonym Ruth Ducaso schrieb sie 2013 das unveröffentlichte Buch *Cartas de Bogotá*. (luciany.aparecida@hotmail.com)

Luciany Aparecida was born and raised in the Jiquiriça Valley, Bahia, growing up in Santa Inês, and O Charco, in the rural area of Irajuba, with inherited memories from the town of Brejões. She currently lives in Salvador. In 1992, she began constructing the fictitious poet Margô Laas, who lived until 2014. Styling herself as Margô Laas, Luciany Aparecida wrote the books *Instante de um tempo* (Moment of a Time, 2000), *O passar dos dias* (The Passing of the Days, 2003), *Multidão* (Crowd, 2010), and *Trans(gêneros) sexo e poesia* (Trans[genders/genres] Sex and Poetry, 2011). In 2012 she created the novelist Ruth Ducaso and is writing the (unpublished) novel *Boca de Fogo: Acará de Dita Maldita* (Mouth of Fire: Acará of the Aforesaid Wretch), which won the National Library/Funarty Literary Creation Grant. In 2013, she wrote the (unpublished) book *Contos ordinários de melancolia* (Ordinary Tales of Melancholy), which won the SECULT/BA and Bahia State Culture Foundation Literary Creation Grant, still under the pen name Ruth Ducaso, and in 2013 she wrote the (unpublished) book *Cartas de Bogotá* (Letters from Bogotá). (luciany.aparecida@hotmail.com)

Nació y creció en Bahia, en el Valle del Jiquiriça, entre la ciudad de Santa Inês, O Charco, zona rural del municipio de Irajuba, y las memorias heredadas de la ciudad de Brejões. Actualmente vive en Salvador. En 1992 empezó a construir a la poeta ficticia Margô Laas, que vivió hasta 2014. Bajo el trazo estilístico de Margô Laas, Luciany Aparecida escribió los libros *Instante de um tempo* (2000), *O passar dos dias* [El paso de los días] (2003), *Multidão* [Multitud] (2010), *Trans(gêneros) sexo e poesia* (2011). En 2012 crea a la escritora de ficción Ruth Ducaso y escribe la novela corta (inédita) *Boca de fogo: Acará de Dita Maldita* [Boca de Fuego: Cíclido de Dita Maldita], que recibe el premio Beca Biblioteca Nacional/Funarte de Creación Literaria. En 2013 escribe el libro (inédito) *Contos ordinários de melancolia*, que recibe la Beca de Creación Literaria SECULT/BA y la Fundação de Cultura do Estado da Bahia, aún con la firma de Ruth Ducaso. En 2013 escribe el libro (inédito) *Cartas de Bogotá*. (luciany.aparecida@hotmail.com)

MARCUS VINÍCIUS RODRIGUES

Nasceu em Ilhéus-BA e mora em Salvador. Escreve ficção e poesia. É advogado e professor, graduado em Direito (UCSal, 1989), graduado em Letras com Francês (UFBA, 2000) e mestre em Literatura Francesa (UFBA, 2002). Publicou os livros *Pequeno inventário das ausências* (Poesia, 2001); *3 vestidos e meu corpo nu* (Contos, 2009), *Eros resoluto* (Contos, 2010), *Cada dia sobre a terra* (Contos, 2010) e *Se tua mão te ofende* (Novela, 2014). Seu conto *A omoplata* venceu um dos concursos literários mais concorridos do país, o Newton Sampaio, edição 2009, promovido pela Secretaria de Cultura do Estado do Paraná. Participou das antologias *Concerto lírico a quinze vozes: uma coletânea de novos poetas da Bahia* (2004) *Os outros poemas de que falei* (2004), *Tanta poesia* (2005) e *Outras moradas* (Contos, 2007), além de figurar no volume *Anos 2000 - Coleção Roteiro da Poesia Brasileira* (2009). Mantém o blog: cafemolotov.blogspot.com (marvin.mvr@gmail.com)

Wurde in Ilhéus, Bahia, geboren und lebt in Salvador. Er schreibt Prosa und Gedichte, hat den Abschluss der Rechtswissenschaftlichen Fakultät der Katholischen Universität Salvadors (1989), ist Anwalt und Hochschuldozent mit einem Bachelor und einem Master in Französischer Literaturwissenschaft (2000 und 2002). Er veröffentlichte die Bücher *Pequeno inventário das ausências* (Gedichte, 2001), *3 vestidos e meu corpo nu* (Kurzgeschichten, 2009); *Eros resoluto* (Kurzgeschichten, 2010); *Cada dia sobre a terra* (Kurzgeschichten, 2010) und *Se tua mão te ofende* (Novelle, 2014). Seine Kurzgeschichten *A omoplata* gewann 2009 einen der begehrtesten Literaturpreise Brasiliens, den vom Kultusministerium des Bundesstaates Paraná gestifteten Newton Sampaio-Preis. Der Autor ist in mehreren Anthologien vertreten, wie *Concerto lírico a quinze vozes: uma coletânea de novos poetas da Bahia* (2004), *Os outros poemas de que falei* (2004), *Tanta poesia* (2005) und *Outras moradas* (Kurzgeschichten, 2007), ferner in dem Band *Anos 2000 - Coleção Roteiro da Poesia Brasileira* (2009). Er unterhält den Blog: cafemolotov.blogspot.com (marvin.mvr@gmail.com)

Born in Ilhéus, Bahia, and now living in Salvador, Marcus Vinícius Rodrigues writes fiction and poetry. A lawyer and teacher, he holds undergraduate degrees in Law (UCSal, 1989) and Portuguese Literature with French (UFBA, 2000) and an MA in French Literature (UFBA, 2002). He has published the books *Pequeno inventário das ausências* (Small Inventory of Absences, Poetry, 2001); *3 vestidos e meu corpo nu* (3 Dresses and My Naked Body, Short Stories, 2009), *Eros resoluto* (Eros Resolute, Short Stories, 2010), *Cada dia sobre a terra* (Each Day on Earth, Short Stories, 2010) and *Se tua mão te ofende* (If Thy Hand Offends Thee, Novel, 2014). His short story *A omoplata* (The Shoulder Blade) won one of Brazil's most competitive literary prizes, the Newton Sampaio award, in 2009, organized by the State of Paraná Department of Culture. His work has appeared in the poetry anthologies *Concerto lírico a quinze vozes: uma coletânea de novos poetas da Bahia* (2004), *Os outros poemas de que falei* (2004) and *Tanta poesia* (2005) and *Outras moradas* (Short Stories, 2007), as well as *Anos 2000 - Coleção Roteiro da Poesia Brasileira* (2009). He also writes a blog: cafemolotov.blogspot.com (marvin.mvr@gmail.com)

Nació en Ilhéus, Bahia, y vive en Salvador. Escribe ficción y poesía. Es abogado y profesor, licenciado en Derecho (UCSal, 1989), licenciado en Letras con Francés (UFBA, 2000) y magister en Literatura Francesa (UFBA, 2002). Publicó los libros *Pequeno inventário das ausências* [Pequeño inventario de las ausencias] (poesía, 2001), *3 vestidos e meu corpo nu* [3 vestidos y mi cuerpo desnudo] (cuentos, 2009), *Eros resoluto* [Eros decidido] (cuentos, 2010), *Cada dia sobre a terra* (cuentos, 2010) y *Se tua mão te ofende* [Si tu mano te ofende] (novela corta, 2014). Su cuento *A omoplata* [El omóplato] venció la edición 2009 del certamen literario Newton Sampaio, uno de los más disputados del país, promovido por la Secretaría de Cultura del Estado de Paraná. Participó en las antologías *Concerto lírico a quinze vozes: uma coletânea de novos poetas da Bahia* [Concierto lírico a quince voces: una antología de nuevos poetas de Bahia] (2004) *Os outros poemas de que falei* [Los otros poemas de que te hablé] (2004), *Tanta poesia* (2005) y *Outras moradas* (cuentos, 2007), además de figurar en el volumen *Anos 2000 - Coleção Roteiro da Poesia Brasileira* [Años 2000: colección Derrotero de la Poesía Brasileña] (2009). Mantiene el blog: cafemolotov.blogspot.com (marvin.mvr@gmail.com)

Foto: Estúdio Minúbio





Foto: Divulgação

MARIA DA CONCEIÇÃO PARANHOS

Nascida em Salvador. Doutora em Literatura Comparada pela Universidade da Califórnia, Berkeley. Professora aposentada da Universidade Federal da Bahia. Possui vários livros publicados e muitos inéditos. Ficcionalista premiada nacionalmente, no gênero conto, dramaturga, tradutora, tem a maior parte de sua obra inédita em poesia, embora apresente significativo número de publicações em livros, antologias, revistas e periódicos de modo geral. Obteve os prêmios literários "Arthur Salles", do Governo do Estado da Bahia; Prêmio de Conto Universidade Paraná; Prêmio Copene de Literatura. (mcparanhos@yahoo.com.br)

Kam in Salvador-Bahia zur Welt. Machte an der Universität von Kalifornien in Berkeley ihren Doktor in Komparatistik und ist Dozentin im Ruhestand der Bundesuniversität Bahia. Mehrere ihrer Bücher sind publiziert worden, zahlreiche weitere noch nicht. Als Autorin von Erzählungen, Dramaturgin und Übersetzerin ist sie preisgekrönt. Die meisten ihrer unveröffentlichten Schriften finden sich im Bereich der Dichtkunst, obwohl eine beachtliche Zahl von Beiträgen in Anthologien, Zeitschriften und Tageszeitungen gedruckt worden ist. Von der Regierung des Bundesstaates Bahia wurde ihr der Arthur Salles-Literaturpreis verliehen, von der Universität des Bundesstaates Paraná erhielt sie den Preis für Kurzgeschichten und von der Bahianischen Akademie für Literatur den Copene-Preis für Literatur. (mcparanhos@yahoo.com.br)

Born in Salvador, Maria da Conceição Paranhos holds a PhD in Comparative Literature from the University of California, Berkeley, and was a professor at the Federal University at Bahia (now retired). She has published several books and produced numerous unpublished works. A nationally celebrated author of short fiction, playwright and translator, most of her unpublished works are poems, although a significant number have appeared in books, anthologies, journals and periodicals in general. She has received the following literary awards: the "Arthur Salles" prize from the State of Bahia, the Paraná University Short-Story Prize, and the Copene Prize for Literature. (mcparanhos@yahoo.com.br)

Nacida en Salvador. Doctora en Literatura Comparada por la Universidad de California, Berkeley. Profesora retirada de la Universidad Federal de Bahia. Tiene varios libros publicados y muchos otros inéditos. Autora de ficción premiada nacionalmente en el género cuento, dramaturga, traductora, cuenta con obra poética inédita en su mayor parte, aunque haya publicado en un significativo número de libros, antologías, revistas y periódicos en general. Recibió El Premio Literario Arthur Salles, del gobierno del estado de Bahia, el Premio de Cuentos Universidad de Paraná y el Premio Copene de Literatura. (mcparanhos@yahoo.com.br)

MARIANA PAIVA

É autora dos livros *Lavanda* (Kalango, 2014) e *Barroca* (P55 Edições, 2011), além da biografia de Damário Dacruz, a ser lançada este ano. Graduada em Jornalismo, tem mestrado em Cultura e Sociedade pelo Instituto de Artes, Humanidades e Ciências da Universidade Federal da Bahia. Tem passagens por grandes veículos de comunicação, como os jornais A Tarde, Correio* e Tribuna da Bahia, além das revistas Muito e Veja Salvador - O Melhor da Cidade. Tem no currículo entrevistas com artistas como Gilberto Gil, Toquinho, Ziraldo e Tom Zé, dentre outros, e assinou reportagens especiais de temas como os 70 anos de Caetano Veloso e o centenário de Vinicius de Moraes. (www.maripaiva.com.br)

Sie hat die Bücher *Lavanda* (Kalango, 2014) und *Barroca* (P55 Edições, 2011) veröffentlicht sowie die noch 2014 erscheinende Biografie des Dichters und Fotografen Damário da Cruz. Nach einem abgeschlossenen Studium des Journalismus hat sie am Institut für Kunst, Geistes- und Naturwissenschaften der Bundesuniversität in Salvador ihren Master in Kultur und Gesellschaft gemacht. Sie hat für einschlägige Tageszeitungen wie A Tarde, Correio und Tribuna da Bahia sowie für die Zeitschriften Muito und Veja Salvador – O Melhor da Cidade gearbeitet. Hat in ihrer beruflichen Laufbahn Künstler wie Gilberto Gil, Toquinho, Ziraldo und Tom Zé interviewt und Reportagen zu speziellen Anlässen wie etwa zum 70. Geburtstag Caetano Velosos oder dem 100. Todestag von Vinicius de Moraes geschrieben. (www.maripaiva.com.br)

Is the author of *Lavanda* (Lavender, Kalango, 2014) and *Barroca* (Baroque, P55 Edições, 2011), as well as the biography of Damário Dacruz that will be released this year. She has a degree in Journalism, and an MA in Culture and Society from the Federal University at Bahia Arts, Humanities and Science Institute. She has worked at major newspapers like A Tarde, Correio* and Tribuna da Bahia, as well as the magazines Muito and Veja Salvador - O Melhor da Cidade. She has interviewed famous Brazilian musicians and artists like Gilberto Gil, Toquinho, Ziraldo and Tom Zé, among others, and has written special reports on subjects like Caetano Veloso's 70th birthday and the centennial of Vinicius de Moraes. (www.maripaiva.com.br)

Es autora de los libros *Lavanda* (Kalango, 2014) y *Barroca* (P55 Edições, 2011), además de la biografía de Damário Dacruz, que será lanzada este año. Licenciada en Periodismo, tiene maestría en Cultura y Sociedad por el Instituto de Artes, Humanidades y Ciencias de la Universidad Federal de Bahia. Ha trabajado en grandes vehículos de comunicación, como los diarios A Tarde, Correio y Tribuna da Bahia, además de las revistas Muito y Veja Salvador - O melhor da Cidade. En su currículo cuenta con entrevistas a artistas como Gilberto Gil, Toquinho, Ziraldo y Tom Zé, entre otros, y firmó reportajes especiales sobre temas como los 70 años de Caetano Veloso y el centenario de Vinicius de Moraes. (www.maripaiva.com.br)

Foto: Estúdio Minibó





Foto: Estúdio Minilab

NARLAN MATOS

É um dos poetas jovens mais famosos do Brasil. De acordo com o International Writing Program, University of Iowa "Narlan Matos é, talvez, o poeta mais promissor de seu País". Aos 21, estreou com *Senhoras e senhores: o amanhecer!*, vencedor do Prêmio Copene de Literatura (atual Braskem) em 1997, e publicado pela Fundação Casa de Jorge Amado. Seu segundo livro, *No acampamento das sombras*, lhe rendeu o Prêmio XEROX de Literatura Brasileira, em 2000. Em 2002, foi escolhido pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos para representar o Brasil no International Writing Program, University of Iowa. Sua poesia chamou a atenção de poetas lendários como o russo Yevgeny Yevtushenko, os americanos Robert Creeley, Lawrence Ferlinghetti e Michael Palmer – este se torna seu tradutor nos USA – e do esloveno Tomaz Salamun. Seu terceiro livro *Elegia ao Novo Mundo* (editora 7 Letras) já foi indicado ao Prêmio Portugal Telecom. Participa de programas literários e festivais internacionais nos EUA e na Europa. Seus livros já foram traduzidos para o esloveno, lituano, japonês, inglês, espanhol, sueco e hindu. Fez mestrado na University of New Mexico e é doutor pela University of Illinois at Urbana Champaign. Atualmente é professor no Montgomery College, em Washington, D.C. (www.narlanmatos.com)

Geboren 1975 in Taquara, Bahia, ist er einer der bekanntesten jungen Dichter Brasiliens. Dem International Writing Program der Universität von Iowa zufolge ist "Narlan Matos womöglich der vielversprechendste Dichter seines Landes". Im Alter von 21 Jahren wurde sein erster Gedichtband von der Jorge Amado-Stiftung in Salvador veröffentlicht, *Senhoras e Senhores: o amanhecer!*, für den ihm 1997 der Copene-Literaturpreis verliehen wurde. Sein zweiter Gedichtband *No acampamento das sombras* brachte ihm 2000 den Xerox-Preis für Brasilianische Literatur ein. Im Jahr 2002 nahm er auf Einladung des US-State Departments als Vertreter Brasiliens am International Writing Program der Universität von Iowa teil. Seine Gedichte haben die Aufmerksamkeit internationaler Dichtergrößen gefunden, etwa des Russen Yevgeny Yevtushenko und der US-Amerikaner Robert Creeley, Lawrence Ferlinghetti und Michael Palmer – der sein Übersetzer ins Amerikanische werden sollte – sowie des Slowenen Tomaz Dalamun. Sein drittes Buch *Elegia ao Novo Mundo* (vom Verlag 7 Letras verlegt) ist für den portugiesischen Teleco-Literaturpreis nominiert. Er nimmt regelmäßig aktiv an verschiedenen literarischen Veranstaltungen und Festivals in den USA und in Europa teil. Seine Schriften sind bereits ins Slowenische, Litauische, Japanische, Englische, Spanische, Schwedische und Hindu übersetzt worden. Der Autor ist Inhaber eines Mastertitels der Universität von New Mexico und hat das PhD der Universität von Illinois. Gegenwärtig ist er außerordentlicher Dozent am Montgomery-College in Washington, D.C.. (www.narlanmatos.com)

One of Brazil's best known young poets. According to the International Writing Program - University of Iowa, "Narlan Matos is perhaps his country's most promising poet." At 21, he debuted with *Senhoras e senhores: o amanhecer!* (Ladies and Gentlemen, the Dawn!), the winner of the COPENE Prize for Literature (now Braskem) in 1997, and published by Casa Jorge Amado. His second book, *No acampamento das sombras* (In the Camp of Shadows) earned him his first national prize, the Xerox Brazilian Literature Award in 2000. In 2002, he was chosen by the US State Department to represent Brazil in the International Writing Program - University of Iowa. His work caught the attention of legendary poets, including the Russian, Yevgeny Yevtushenko and Americans Robert Creeley, Lawrence Ferlinghetti and Michael Palmer – who has become his translator in the USA – and the Slovenian, Tomaz Salamun. His third book of poetry, *Elegia ao Novo Mundo* (Elegy to the New World), published by 7 Letras, has been nominated for the Portugal Telecom Prize and translated into several languages. He participates in numerous literary programs and international festivals in the USA and Europe. His books have been translated into slovenian, lithuanian, japanese, english, spanish, swedish and hindi. He holds an MA from the University of New Mexico and a PhD from the University of Illinois at Urbana Champaign. He is currently a professor at Montgomery College in Washington, DC. (www.narlanmatos.com)

Es uno de los dos poetas jóvenes más famosos de Brasil. De acuerdo con el International Writing Program, University of Iowa, "Narlan Matos es, quizás, el poeta más prometedor de su país". A los 21 años, hizo su debut con *Senhoras e senhores: o amanhecer!* [Señoras y señores: ¡el amanecer!], vencedor del Premio Copene de Literatura (actualmente Braskem) en 1997, y publicado por la Fundação Casa de Jorge Amado. Su segundo libro, *No acampamento das sombras* [En el campamento de las sombras], le valió el Premio XEROX de Literatura Brasileña, en el 2000. En 2002, fue elegido por el Departamento de Estado de Estados Unidos para representar a Brasil en el International Writing Program, University of Iowa. Su poesía atrajo la atención de poetas legendarios, como el ruso Yevgeny Yevtushenko, los estadounidenses Robert Creeley, Lawrence Ferlinghetti y Michael Palmer –este se convierte en su traductor en los EE.UU.– y del esloveno Tomaz Salamun. Su tercer libro, *Elegia ao Novo Mundo* (editorial 7 Letras), ha sido indicado al Premio Portugal Telecom. Participa en programas literarios y festivales internacionales en EE.UU. y en Europa. Sus libros han sido traducidos al esloveno, lituano, japonés, inglés, español, sueco e hindú. Cursó maestría en la University of New Mexico y es doctor por la University of Illinois at Urbana Champaign. Actualmente es profesor en el Montgomery College, en Washington, D.C. (www.narlanmatos.com)

TOM CORREIA

Nasceu em Salvador-Bahia. Escritor e jornalista, atua em Comunicação Corporativa e presta serviços de assessoria para editoras e autores. Iniciou sua carreira em 2002, quando ganhou o Prêmio Braskem de Literatura. Foi colaborador da Revista Eletrônica Verbo21, curador do “Jorge +100: a Bahia de Jorge (Amado) nos dias de hoje” e, dentre os livros individuais lançados, estão: *Memorial dos mediócras* (2002) e *Sob um céu de gris profundo* (2011). Seu terceiro volume de contos, ainda inédito, *Ladeiras, vielas & farrapos*, foi contemplado por dois editais: Coedição de Livros de Autores Negros promovido pela Fundação Biblioteca Nacional e Criação Literária pela Funceb-SecultBA. Participou das coletâneas *As baianas* (2012) e *82, uma copa, quinze histórias* (2013). Foi um dos escritores brasileiros convidados para a coletânea *Wir sind bereit* (Estamos Prontos) publicada pela editora alemã Lettrétage. (www.tomcorreia.com.br)

Kam in Salvador-Bahia auf die Welt. Als Schriftsteller und Journalist arbeitet er auf dem Gebiet der Unternehmenskommunikation und berät Verlage und Schriftsteller. Seine Karriere begann 2002 mit der Verleihung des Braskem-Literaturpreises. Er war Mitarbeiter der Internet-Zeitschrift Verbo 21 und Kurator der Veranstaltung Jorge + 100: das heutige Bahia de Jorge Amado. Unter seinen eigenen Veröffentlichungen befinden sich *Memorial dos Mediocres* (2002) und *Sob um céu de gris profundo* (2011). Sein noch nicht veröffentlichter dritter Band mit Erzählungen, *Ladeiras, vielas & farrapos*, nahm erfolgreich an zwei öffentlichen Ausschreibungen teil: bzgl. der von der Stiftung Nationalbibliothek betreuten Herausgabe der Schriften dunkelhäutiger Autoren und der Förderung des literarischen Schreibens durch das Kulturministerium Bahias und dessen Kulturstiftung FUNCEB. Tom Correia ist in den Sammelbänden *As Baianas* (2012) und *82, uma copa, quinze histórias* (2013) mit Kurzgeschichten vertreten. Er ist einer der brasilianischen Autoren, die vom deutschen Verlag Lettrétage zur Teilnahme an dem Sammelband *Wir sind bereit* eingeladen wurden. (www.tomcorreia.com.br)

Born in Salvador, Bahia, Tom Correia is a writer and journalist. He works in Corporate Communication and consults for publishers and authors. He began his career in 2002 when he won the Braskem Prize for Literature. He has worked for Electronic Journal Verbo21 and curated “Jorge +100: the Bahia de Jorge (Amado/Beloved) Today,” and his published books include *Memorial dos mediócras* (Memorial of the Mediocre, 2002) and *Sob um céu de gris profundo* (Under a Deep Gray Sky, 2011). His third volume of short stories, still unpublished, is *Ladeiras, vielas & farrapos* (Slopes, Alleys & Tatters). It has been awarded two grants: Co-publishing Books by Black Authors, from the National Library Foundation, and the Literary Creation grant from the FUNCEB-Bahia Department of Culture (SecultBA). His work has appeared in the anthologies *As baianas* (2012) and *82, uma copa, quinze histórias* (2013). He was one of the Brazilian writers invited to take part in the anthology *Wir sind bereit* (We are Ready) published in Germany by Lettrétage. (www.tomcorreia.com.br)

Nació en Salvador, Bahia. Escritor y periodista, actúa en comunicación corporativa y presta servicios de asesoría a editoriales y autores. Comenzó su carrera en 2002, cuando ganó el Premio Braskem de Literatura. Ha escrito para la Revista Electrónica Verbo21, fue curador del libro “Jorge +100: a Bahia de Jorge (Amado) nos dias de hoje” [Jorge +100: la Bahia de Jorge (Amado) en los días actuales] y, entre los que ha lanzado de forma individual se cuentan: *Memorial dos mediócras* [Memorial de los mediocres] (2002) y *Sob um céu de gris profundo* [Bajo un cielo gris profundo] (2011). Su tercer volumen de cuentos, aún inédito, *Ladeiras, vielas & farrapos* [Cuestas, callejones y harapos], fue contemplado por dos llamados: Coedição de Livros de Autores Negros, promovido por la Fundación Biblioteca Nacional, y Creación Literaria, por la Funceb-SecultBA. Participó en las antologías *As baianas* (2012) y *82, una copa, quinze histórias* (2013). Fue uno de los escritores brasileños invitados a la antología *Wir sind bereit* [Estamos listos], publicada por la editorial alemana Lettrétage. (www.tomcorreia.com.br)

Foto: Estúdio Menilab



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
REGIERUNG DES BUNDESSTAATES BAHIA
BAHIA STATE GOVERNMENT
GOBIERNO DEL ESTADO DE BAHIA
Jaques Wagner

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DA BAHIA (SECULT/BA)
KULTUSMINISTERIUM DES BUNDESSTAATES BAHIA (SECULT/BA)
DEPARTMENT OF CULTURE OF THE STATE OF BAHIA (SECULT/BA)
SECRETARIA DE CULTURA DEL GOBIERNO DEL ESTADO DE BAHIA (SECULT/BA)
Antônio Albino Canelas Rubim

FUNDAÇÃO CULTURAL DO ESTADO DA BAHIA (FUNCEB)
KULTURSTIFTUNG DES BUNDESSTAATES BAHIA (FUNCEB)
CULTURAL FOUNDATION OF THE STATE OF BAHIA (FUNCEB)
FUNDACIÓN CULTURAL DEL ESTADO DE BAHIA (FUNCEB)
Nehle Franke

FUNDAÇÃO PEDRO CALMON (FPC)
PEDRO CALMON-STIFTUNG (FPC)
PEDRO CALMON FOUNDATION (FPC)
FUNDACIÓN PEDRO CALMON (FPC)
Fátima Fróes

ASSESSORIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA SECULT/BA
BERATERSTAB FÜR INTERNATIONALE BEZIEHUNGEN DES KULTUSMINISTERIUMS VON BAHIA
SECULT/BA INTERNATIONAL RELATIONS OFFICE
ASESORÍA DE RELACIONES INTERNACIONALES DE LA SECULT/BA
Monique Badaró

DIRETORIA DAS ARTES DA FUNCEB
ABTEILUNG KÜNSTE DER KULTURSTIFTUNG DES BUNDESSTAATES BAHIA (FUNCEB)
FUNCEB ART DIRECTORS
DIRECCIÓN DE ARTES DE LA FUNCEB
Maria Íris Silveira

COORDENAÇÃO DE LITERATURA DA FUNCEB
KOORDINATION DER ABTEILUNG LITERATUR DER KULTURSTIFTUNG DES BUNDESSTAATES BAHIA (FUNCEB)
FUNCEB LITERATURE DIRECTOR
COORDINACIÓN DE LITERATURA DE LA FUNCEB
Milena Britto

ASSESSOR DA COORDENAÇÃO DE LITERATURA DA FUNCEB
BERATER DER ABTEILUNG LITERATUR DER KULTURSTIFTUNG DES BUNDESSTAATES BAHIA (FUNCEB)
FUNCEB LITERATURE DEPARTMENT CONSULTANT
ASESOR DE LA COORDINACIÓN DE LITERATURA DE LA FUNCEB
Ramon Arend Paranhos

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
PRESSE- UND ÖFFENTLICHKEITSARBEIT
COMMUNICATION ADVISORY BOARD
COMUNICACIÓN
Adriana Jacob – Secult/BA / Paula Berbert – FUNCEB / Camilla França – FPC

COMISSÃO DE SELEÇÃO
AUSWAHLKOMMISSION
SELECTION COMMITTEE
COMISIÓN DE SELECCIÓN
Aleilton Fonseca / Florentina da Silva Souza / Jailma dos Santos Pedreira Moreira / João Vanderlei de Moraes Filho / José Castello / Kelvin dos Santos Falcão Klein / Milena Britto / Rachel Esteves Lima

TRADUÇÃO
ÜBERSETZUNG
TRANSLATION
TRADUCCIÓN
Manfred von Conta (alemão / deutsch / german / alemán)
Sabrina Gledhill (inglês / englisch / english / inglés)
Pablo Cardellino Soto (espanhol / spanisch / spanish / español)

REVISÃO
KORREKTUR
REVISION OF TRANSLATION
REVISIÓN
Wiebke Kannengiesser (alemão / deutsch / german / alemán)
Christine J. Eida (inglês / englisch / english / inglés)
Alejandro Reyes Arias (espanhol / spanisch / spanish / español)

PROJETO GRÁFICO, CAPA E EDITORAÇÃO
GRAPHISCHE GESTALTUNG, UMSCHLAG UND REDAKTION
GRAPHIC DESIGN, COVER AND PUBLISHING
PROYECTO GRÁFICO, PORTADA Y DIAGRAMACIÓN
P55 Edições / André Portugal e Marcelo Portugal



Este livro foi impresso em Salvador, Bahia, em novembro de 2014. Direitos desta edição reservados à P55 Edições e à Fundação Cultural do Estado da Bahia. Nenhuma parte pode ser duplicada ou reproduzida sem a prévia e expressa autorização. Este livro não possui fins comerciais, portanto, é proibida a venda e comercialização deste produto. / Dieses Buch wurde im November 2014 in Salvador/Bahia gedruckt. Alle Rechte vorbehalten, Copyright 2014 P55 und Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador/Bahia. Auch einzelne Teile dürfen nicht ohne vorherige und ausdrückliche Genehmigung kopiert oder vervielfältigt werden. Dieses Buch verfolgt keine kommerziellen Interessen und darf daher nicht verkauft oder gehandelt werden. / This book was printed in Salvador, Bahia, in november 2014. All rights to this edition reserved by P55 Edições and the Fundação Cultural do Estado da Bahia. No portion may be duplicated or reproduced without prior written consent. This book has been produced for non-profit purposes, and sale of the book in any form is strictly prohibited. / Este libro se imprimió en Salvador, Bahia, en noviembre de 2014. Los derechos de edición están reservados y pertenecen a P55 Edições y a la Fundação Cultural do Estado da Bahia. Ninguna parte puede ser duplicada o reproducida sin la previa y expresa autorización. Este libro no tiene fines comerciales y, por lo tanto, se prohíbe su venta y comercialización.

www.fundacaocultural.ba.gov.br

www.fpc.ba.gov.br

www.cultura.ba.gov.br

www.p55.com.br

PARCERIA:
PARTNERSCHAFT:
PARTNER:
PRODUCCIÓN CONJUNTA:



REALIZAÇÃO:
REALISIERUNG:
REALIZATION:
REALIZACIÓN:



SECRETARIA DE
CULTURA



AUTORES BAIANOS: UM PANORAMA

BAHIANISCHE AUTOREN:
EIN PANORAMA

BAHIAN AUTHORS: A PANORAMA

AUTORES BAHIANOS: UN PANORAMA

PARCERIA:



REALIZAÇÃO:



SECRETARIA DE
CULTURA



ANTONIO BRASILEIRO
CYRO DE MATOS
JOSÉ CARLOS LIMEIRA
JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO
LANDE ONAWALE
LAURA CASTRO
LUCIANY APARECIDA
MARCUS VINÍCIUS RODRIGUES
MARIA DA CONCEIÇÃO PARANHOS
MARIANA PAIVA
NARLAN MATOS
TOM CORREIA

ISBN 858325029-4

